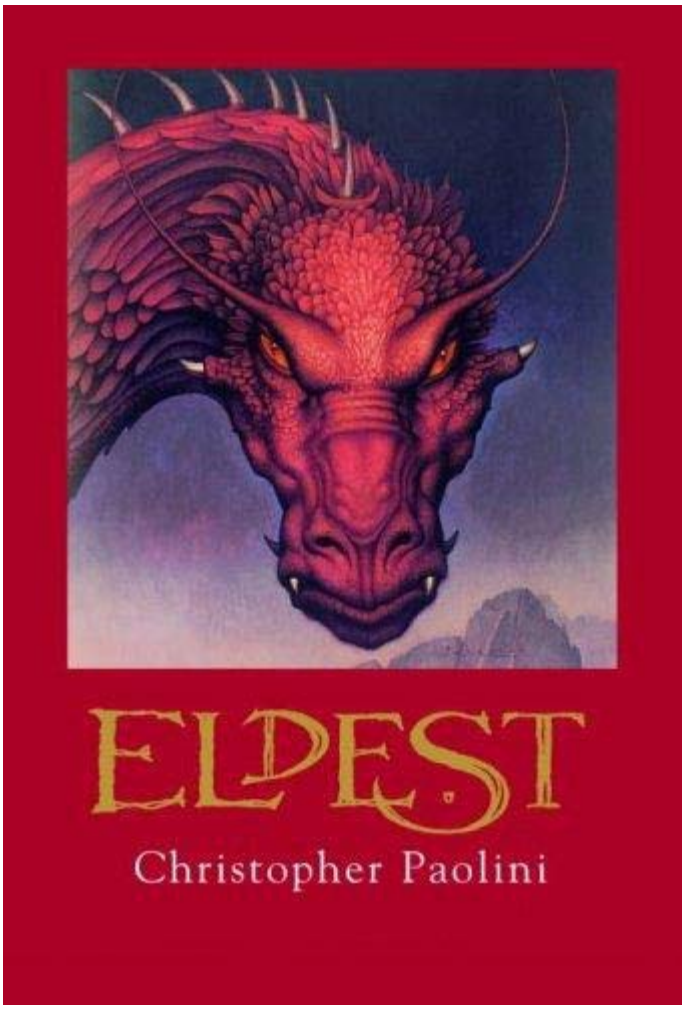
ELDEST

Christopher Paolini



Como sempre, este livro é para minha família.

E também para meus incríveis leitores:

vocês tornaram

possível esta aventura.

Sé onr sverdar sitja hvass!

AGRADECIMENTOS

Kvetha Fricáya.

Como tantos outros autores que empreenderam uma epopéia do tamanho da trilogia de “O Legado”, descobri que a criação de Eragon, e agora de Eldest, convertiam-se em meu empenho pessoal, uma empresa que me transformou na mesma medida em que transformou a Eragon a sua.

Quando concebi o princípio de Eragon, tinha quinze anos: já não era um menino, ainda não era um homem. Acabava de terminar a educação secundária, não estava seguro de que caminho tomar na vida e era um adepto da potente magia da literatura fantástica que enfeitava minhas

prateleiras. O processo de escrever Eragon promovê-lo por todo mundo e agora ao fim completar Eldest, acompanhou-me até a idade adulta. Tenho vinte e um anos e, para minha constante surpresa, já publiquei duas novelas. Estou seguro de que ocorreram coisas mais estranhas do que essa, mas não a mim.

A viagem de Eragon é igual a minha: o abandono de uma criação rural e protegida e a obrigação de percorrer a terra numa corrida desesperada contra o tempo, o passo por uma formação árdua e intensa, o lucro do sucesso contra todas as expectativas, a aceitação das conseqüências da fama, e, finalmente, o encontro de uma verdadeira medida de paz.

Assim como na ficção o decidido e bem intencionado protagonista - que, afinal de contas, também não é tão pronto - encontra no caminho a ajuda de vários personagens mais sábios do que ele, também eu fui guiado por uma série de pessoas de estupendo talento. São os seguintes:

Em casa: mamãe, por me escutar sempre que preciso falar de um problema com a história ou com as personagens, e por dar-me o valor por atirar doze páginas e reescrever a entrada de Eragon em Ellesméra (doloroso), papai, como sempre, por suas correções incisivas, e minha querida irmã Angela, por dignar-se a recuperar seu papel de bruxa e por suas contribuições nos diálogos de sua fantasmagórica clone. Em Writers House: meu agente, o grande e poderoso Maestro das Vírgulas, Simón Lipskar, que faz todo o possível (Mervyn Peake), e seu valente ajudante, Daniel Lazar, que impede que o Maestro das Vírgulas fique enterrado por uma pilha de manuscritos não solicitados, muitos dos quais, temo, são conseqüência de Eragon. Em Knopf: minha editora, Michelle Frey, que foi bem além das obrigações de sua profissão ao desenvolver seu trabalho e conseguir que Eldest ficasse muito melhor, Judith Haut, diretora de publicidade, que de novo demonstrou que nenhuma gestão promocional está além de seu alcance (escutem-na rugir), Isabel Warren-Lynch, desenhista sem igual que, com Eldest, superou seus sucessos anteriores, John Jude Palencar, por um desenho de capa que me agrada ainda mais do que o de Eragon, o chefe de redação, Artie Bennet, que fez um trabalho esplendoroso ao comprovar todas as palavras escuras desta trilogia e provavelmente sabe mais do que eu do idioma antigo, ainda que fraqueje um pouco com o dos urgal, Chip Gibson, grande maestro da divisão infantil de Random House, Nancy Hinkel, extraordinária diretora editorial, Joan De Maio, diretor comercial (muitos aplausos, vivas e reverências!) e sua equipe, Daisy Kline, que desenhou com sua equipe os maravilhosos e atrativos materiais de mercadotecnia, Linda Palladino, Rebeccca Price e Timothy Terhune, de produção, uma reverência de gratidão a Pam White e sua equipe, que estenderam Eragon pelos quatro cantos do mundo, Melissa Nelson, de desenho, Alison Kolani, de correção, Michele Burke, devota e trabalhadora ajudante de Michelle Frey, e todos os demais que me apoiaram em Knopf.

Em Listening Library: Gerard Doyle, que dá vida ao mundo de Alagaésia, Taro Meyer, por pilhar bem a pronunciação de meus idiomas, Jacob Bronstein, por amarrar todas as pontas, e Tim Ditlow, editor de Listening Library. Obrigado a todos.

Só falta um volume e teremos chegado ao final desta história. Outro manuscrito de enfarte, êxtase e perseverança... Outro código de sonhos. Fiquem comigo, se lhes agradar, e vejamos

onde nos leva o caminho errante, tanto neste mundo como no de Alagaésia.

Sé onr sverdar sitja hvass!

CHRISTOPHER PAOLINI

23 de agosto de 2005

Um Desastre Duplo

“O canto dos mortos é o lamento dos vivos.”

Pensou Eragon enquanto passava por cima do corpo retorcido e despedaçado de um Urgal. O rosto destroçado do monstro o olhava com receio enquanto Eragon escutava os lamentos das mulheres que retiravam seus entes queridos do chão de Farthen Dür, enlameado pelo sangue. Depois dele, Saphira cobriu com delicadeza o cadáver. A única cor que brilhava na penumbra da montanha oca procedia de suas escamas azuis.

Tinham se passado já três dias desde que os varden e os anões se enfrentaram com urgals pela posse de Tronjheim, a cidade da montanha, mas a matança seguia esparramada pelo campo de batalha. A quantidade de cadáveres tinha frustrado a intenção de enterrar os mortos. Ao longe, uma pira de fogo emitia um lúgubre brilho junto ao muro de Farthen Dür, onde se queimavam os urgals. Não haveria enterro nem lugar honroso de descanso para eles.

Ao despertar, Eragon tinha descoberto que Angela tinha curado suas feridas, e tinha tentado por três vezes colaborar nas tarefas de recuperação. Em cada ocasião o tinham atacado terríveis dores que pareciam estalar em sua coluna, e os curadores lhe tinham proporcionado diversas poções. Arya e Angela lhe disseram que estava perfeitamente são, mesmo assim, doía-lhe. Saphira tampouco podia ajudar, quase não conseguia compartilhar sua dor quando esta percorria o elo mental que os unia. Eragon passou uma mão pelo rosto e elevou o olhar às estrelas que apareciam pela cúpula de Farthen Dür, esfumadas pela fumaça suja de fuligem da pira. Três dias. Três dias desde que matara Durza, três dias desde que começassem a chamá-lo o Assassino da Sombra, três dias desde que os restos do bruxo arrasassem sua mente e o misterioso Togira Ikonoka o salvasse, *o Aleijado que está ileso.* Só tinha falado disso com a Saphira. Lutar contra Durza e os espíritos escuros que o controlavam tinha transformado a Eragon, mas ele ainda não sabia com certeza se para bem ou para mau. Sentia-se frágil, como se qualquer golpe repentino pudesse fazer seu corpo e sua consciência em pedacinhos, recém reconstruídos. Agora tinha ido ao lugar do combate, impulsionado por um mórbido desejo de ver as seqüelas. Ao chegar, não tinha encontrado mais que a incômoda presença da morte e a decomposição, nada da glória que tinha aprendido a esperar pelas canções heróicas.

Antes que os ra'zac assassinassem seu tio Garrow, a brutalidade que Eragon tinha presenciado entre humanos, anões e urgals o havia destroçado. Agora, aturdia-o. Tinha aprendido, com a ajuda da Saphira, que a única maneira de conservar a racionalidade enquanto persistisse a dor consistia em fazer algo. Além disso, entretanto, já não acreditava que a vida possuísse nenhum sentido inerente, não depois de ver os homens rasgados pelos kull, o solo transformado em um leito de corpos desmembrados e tanto sangue derramado que até empapava suas botas. Se havia alguma honra na guerra, concluiu, só consistia em lutar por evitar o dano alheio.

Agachou-se e arrancou do chão um molar. Enquanto a agitava na palma da mão, deu uma lenta volta com Saphira pelo plano pisoteado. Detiveram-se na borda quando viram que Jórmundur - o braço direito do Ajihad no comando dos varden - aproximava-se deles correndo desde o Tronjheim. Ao alcançá-los, fez uma reverência, Eragon estava consciente de que, apenas uns dias antes, não o teria feito.

- Me alegro em encontrá-lo a tempo, Eragon - disse. Levava em uma mão uma nota rabiscada em um pergaminho - Ajihad vai voltar e quer que esteja aqui quando chegar. Outros já o estão esperando junto à porta oeste de Tronjheim. Temos que nos apressar para chegar a tempo.

Eragon assentiu e se dirigiu para a porta oeste, com uma mão apoiada em Saphira. Ajihad tinha passado quase três dias fora, perseguindo os urgals que conseguiram escapar pelos túneis que anões perfuravam na pedra sob as montanhas Beor. Eragon só o tinha visto uma vez, entre duas dessas expedições, e Ajihad estava indignado porque acabava de descobrir que Nasuada tinha desobedecido a ordem de partir com as mulheres e as crianças antes da batalha. Em vez disso, tinha lutado escondida entre os arqueiros Varden.

Murtagh e os gêmeos também foram com Ajihad: os gêmeos, porque era uma tarefa perigosa e o líder dos varden necessitava de apoio, e Murtagh, porque estava ansioso por demonstrar que não desejava nenhum mal aos varden. Ao Eragon surpreendeu comprovar em que medida tinha trocado a atitude das pessoas sobre Murtagh, tendo em conta que este era filho do Morzan, o Cavaleiro que tinha traído e entregue os seus a Galbatorix. Por muito que Murtagh odiasse a seu pai e fosse leal a Eragon, os varden não confiaram nele à princípio. Agora, em troca, com tanto trabalho pela frente ninguém desejava esbanjar energias em um ódio tão mesquinho. Sentia falta de uma boa conversa com Murtagh e tinha vontade de comentar tudo o que tinha acontecido assim que retornasse.

Enquanto Eragon e Saphira rodeavam Tronjheim, um pequeno grupo se fez visível à luz de uma tocha junto à porta de troncos. Entre eles estava Orik - o anão, agitando-se impaciente sobre suas robustas pernas - e Arya. A bandagem branca que rodeava seu antebraço brilhava na escuridão e refletia a tênue luz contra a parte inferior de sua cabeleira. Eragon sentiu uma estranha emoção, como lhe ocorria cada vez que via a elfa. Ela lançou um rápido olhar a Eragon e Saphira, apenas um brilho de seus olhos verdes, e seguiu observando a chegada do Ajihad.

Ao quebrar Isidar Mithrim - a grande safira estrelada de dezoito metros de extensão, esculpido em forma de rosa -, Arya tinha permitido que Eragon matasse a Durza e ganhasse a batalha. Apesar disso, os anões estavam furiosos com ela por ter destroçado seu mais valioso tesouro. Negavam-se a recolher os restos da safira e os tinham empilhado em um grande círculo dentro da câmara central do Tronjheim. Eragon tinha caminhado entre os pedacinhos e tinha compartilhado a dor dos anões ante tanta beleza perdida.

Eragon e Saphira se detiveram junto a Orik e observaram a terra que rodeava Tronjheim e chegava até a base do Farthen Dür, oito quilômetros limpos em todas as direções.

- Por onde Ajihad virá? - perguntou Eragon.

Orik assinalou para um grupo de tochas cravadas em torno da ampla boca de um túnel, a uns três quilômetros de distância.

- Logo estará aqui.

Eragon esperou pacientemente com outros. Respondia quando alguém lhe dirigia um comentário, mas preferia falar com a Saphira na paz de sua mente. Ia bem o silêncio que tinha invadido Farthen Dür. Já tinha passado meia hora quando notaram algum movimento no túnel longínquo. Um grupo de dez homens emergiram subindo do subsolo e logo se deram a volta para ajudar a outros tantos anões. Um dos homens - Eragon percebeu que se tratava do Ajihad - elevou uma mão e os guerreiros se reuniram atrás dele em duas filas retas. Depois de um sinal, a formação partiu com orgulho para o Tronjheim.

Haviam percorrido cinco metros quando, atrás deles, estalou o barulho na boca do túnel ao aparecerem algumas figuras. Eragon cerrou os olhos, incapaz de enxergar tão longe.

- São urgals! -exclamou Saphira, esticando o corpo como a corda de um arco pronto para disparar.

Eragon não teve dúvida.

- Urgals! -gritou.

Montou de um salto em Saphira e se amaldiçoou por ter deixado a espada no acampamento. Ninguém esperava um ataque depois de pôr em fuga o exército dos urgals. Sentiu uma pontada na ferida quando Saphira elevou as asas azuis e as bateu enquanto saltava, ganhando velocidade e altura a cada segundo. Abaixo, Arya corria para o túnel quase tão rápido como Saphira voava. Orik a seguia com vários homens, enquanto Jórmundur retornava a toda pressa aos barracões.

Eragon não teve outro remédio senão contemplar, desesperado, como os urgals atacavam a retaguarda dos guerreiros do Ajihad, estava muito longe para usar a magia. Os monstros contavam com a vantagem da surpresa e rapidamente liquidaram quatro homens e obrigaram os outros guerreiros, tanto homens como anões, a agruparse em torno de Ajihad com a intenção de protegê-lo. As espadas e os machados se entrechocaram quando as duas forças entraram em contato. Um dos gêmeos emitiu um raio de luz e um urgal caiu, aferrando-se ao coto do braço seccionado. Durante um minuto, pareceu que os defensores conseguiriam resistir aos urgals, mas logo se produziu um redemoinho no ar, como se uma tênue névoa cinza envolvesse os combatentes. Quando se limpou, só haviam quatro guerreiros: Ajihad, os gêmeos e Murtagh. Os urgals se lançaram sobre eles e tamparam a vista do Eragon, que os contemplava com horror e medo crescentes.

“Não! Não! Não!”

Antes que Saphira pudesse juntar-se à luta, o grupo de urgals se esparramou para o túnel e desapareceu clandestinamente, deixando trás de si uma trilha de corpos caídos.

Assim que Saphira aterrissou, Eragon desceu de um salto e logo cambaleou, sobressaltado pela dor e a raiva. “Não posso fazê-lo.” Recordava-lhe muito o momento de sua volta à fazenda, quando se encontrou com um Garrow agonizante. Lutando a cada passo contra o medo, começou a procurar sobreviventes. O lugar tinha um ar fantasmagórico parecido com o campo de batalha que acabava de inspecionar, salvo que aqui o sangue era recente. No centro do massacre estava Ajihad, com o peito da armadura rasgado por numerosos talhos, rodeado pelos cinco urgals que tinha matado. Ainda emitia ofegos entrecortados. Eragon se ajoelhou a seu lado e agachou o rosto de modo que suas lágrimas não caíssem no peito ferido do líder. Ninguém podia curar aquelas feridas. Arya chegou correndo e se deteve, ao ver que não podia salvar Ajihad, a pena invadiu seu rosto.

- Eragon.

O nome deslizou entre os lábios de Ajihad, apenas como um murmúrio.

- Sim, aqui estou.

- Escute, Eragon... Tenho uma última ordem para você. - Eragon se aproximou mais para captar as palavras do moribundo -. Tem que me prometer uma coisa: prometa-me que não..., que não permitirá que os varden caiam no caos. São a única esperança para resistir contra o Império... Têm que manter-se fortes. Prometa-me isso.

- Prometo.

- Então, que a paz seja contigo, Eragon Assassino de Sombras. Com seu último fôlego, Ajihad fechou os olhos, o repouso apareceu em seu nobre rosto, e morreu.

Eragon abaixou a cabeça. Custava-lhe respirar, e o nó que sentia na garganta era tão forte que lhe doía. Arya benzeu ao Ajihad com um murmúrio na linguagem antiga e logo disse com sua voz musical:

- Por desgraça, haverá muitas lutas por isso. Tem razão, deve fazer o possível para impedir uma guerra pelo poder. Vou te ajudar no que for possível. Incapaz de falar, Eragon ficou olhando outros cadáveres. Daria qualquer coisa para estar em outro lugar. Saphira empurrou um cadáver com o focinho e disse: *Isto não deveria ter ocorrido. É obra do diabo e pior ainda, acontece quando deveríamos estar a salvo na vitória.* -Examinou outro corpo e logo inclinou a cabeça -. *Onde estão os gêmeos e Murtagh? Não estão entre os mortos.* Eragon inspecionou os corpos.

Tem razão! -encheu-se de júbilo enquanto se apressava para a boca do túnel. Ali, os rastros de sangue chegavam até um buraco, como se alguém tivesse arrastado por ele algum corpo-. *Os urgals os levaram! Para que? Nunca conservam prisioneiros nem reféns.* - Imediatamente, retornou o desânimo -. *Não importa. Não podemos segui- los sem reforços, e*

você nem sequer passaria pelo buraco. Podem estar vivos ainda. Vai abandoná-los?

E o que quer que faça? Os túneis dos anões são um labirinto infinito. Arya e eu nos perderíamos. E eu não posso alcançar os urgals a pé, embora talvez ela possa. Pois então peça-lhe!

Eragon hesitou, dividido entre o desejo de agir e a raiva de pôr Arya em perigo. De qualquer modo, se alguém entre os Varden podia levar aos urgals, esse alguém era ela. Com um gemido, explicou-lhe o que acabavam de descobrir. As sobrancelhas inclinadas da Arya quase se uniram ao franzir o cenho.

- Não faz sentido.

- Pode segui-los?

Ela o olhou fixamente durante um longo momento.

-*Wiol ono.* Por você.

Logo saltou para diante, e a espada refulgiu em sua mão enquanto penetrava no ventre da terra.

Ardendo de frustração, Eragon se sentou com as pernas cruzadas junto ao Ajihad, para vigiar seu corpo. O ataque o tinha deixado em estado de choque. Apenas tentava assimilar que Ajihad estivesse morto e Murtagh, desaparecido. Murtagh. Filho de um dos Apóstatas - os treze Cavaleiros que tinham ajudado ao Galbatorix a destruir a ordem e constituir-se em rei da Alagaésia - e amigo do Eragon. Em certos momentos, Eragon tinha desejado que Murtagh desaparecesse, mas agora que o tinham levado a força, a perda lhe deixava um vazio inesperado. Permaneceu sentado sem se mover enquanto Orik se aproximava com outros homens. Quando Orik viu o Ajihad, esperneou e amaldiçoou em seu idioma e cravou seu machado no corpo de um urgal. Os homens ficaram aturdidos. O anão pegou um pedaço de terra e a esfregou entre suas mãos calejadas, grunhindo.

- Ah, partiu-se uma colméia de abelhas, agora não haverá paz entre os Varden. *Barzüln,* isto complica tudo. Chegou a tempo para ouvir suas últimas palavras?

Eragon olhou para Saphira.

- Devo esperar que a pessoa indicada esteja presente para repeti-las.

- Já. E onde está Arya?

Eragon apontou.

Orik amaldiçoou de novo, logo meneou a cabeça e se sentou sobre os calcanhares.

Logo chegou Jórmundur com doze filas de guerreiros, cada uma composta por seis unidades.

Indicou-lhes por gestos que esperassem fora do raio de corpos estendidos enquanto ele se adiantava. Agachou-se e tocou um ombro do Ajihad.

- Como pode ser tão cruel o destino, meu amigo? Se eu tivesse chegado antes se não fosse pelo tamanho desta maldita montanha, e então teria te salvado. Entretanto, recebemos esta ferida no momento mais doce da vitória.

Eragon lhe explicou com suavidade sobre Arya e o desaparecimento dos gêmeos e Murtagh.

- Não sei se devia ter ido - disse Jórmundur, ao tempo que ficava em pé -, mas já não podemos fazer nada. Postaremos aqui um guarda, mas vamos demorar pelo menos uma hora para encontrar guias entre os anões para uma nova expedição pelos túneis.

- Quero dirigi-la - ofereceu-se Orik.

Jórmundur perdeu o olhar na distância, em direção ao Tronjheim.

- Não, agora Hrothgar necessita de você, outro terá que ir. Sinto muito, Eragon, mas todos que são importantes terão que ficar aqui até que se escolha o sucessor do Ajihad. Arya terá que se arrumar sozinha... De qualquer forma, seria pouco provável que a alcançássemos.

Eragon assentiu, aceitando o inevitável.

Jórmundur lançou um olhar em redor antes de falar em voz alta para que todos pudessem ouvi-lo:

- Ajihad morreu como um guerreiro! Olhem, matou cinco urgals, quando um homem de menos valia teria sucumbido ante um sozinho. Concederemos-lhe todas as honras e esperaremos que os deuses se agradem do seu espírito. Levem a ele e a seus companheiros em seus escudos até o Tronjheim..., e não se envergonhem que se vejam suas lágrimas, pois este é um dia de dor que todos recordarão. Oxalá tenhamos logo o privilégio de afundar nossas espadas nos monstros que assassinaram a nossa líder!

Todos juntos, os guerreiros se ajoelharam e tiraram o chapéu da cabeça para homenagear ao Ajihad. Depois se levantaram e com gestos reverentes o elevaram nos ombros sobre seus escudos. Logo muitos dos Varden romperam a chorar e, embora as lágrimas rolassem até suas barbas, não descuidaram do dever e não permitiram que Ajihad caísse. Com passos solenes, partiram de volta ao Tronjheim, com Saphira e Eragon no centro da procissão.

O Conselho de Anciões

Eragon despertou, rolou até a borda da cama e observou a habitação, invadida pelo tênue brilho de uma tocha que penetrava pelos portinhas. sentou-se e olhou para Saphira dormindo. Seus musculosos se expandiam e contraíam à medida que os enormes foles de seus pulmões forçavam a entrada e saída de ar por suas escamosas fossas nasais. Eragon pensou sobre sua capacidade de invocar a vontade um fogo do inferno e soltá-lo com um rugido pelas faces.

Assustava contemplar como as chamas, tão ardentes que podiam derreter o metal, passavam por sua língua e por seus dentes de marfim sem danificá-los. Desde que descobrira pela primeira vez sua capacidade de jogar fogo pela boca, durante a luta com a Durza - ao lançar-se para eles do alto do Tronjheim, - Saphira estava insuportavelmente orgulhosa de seu novo dom. Passava o tempo soltando pequenas chamas e não deixava passar uma só oportunidade de atear fogo a qualquer objeto.

Com Isidar Mithrim feito em pedacinhos, Eragon e Saphira já não podiam permanecer na sala de dragões das alturas. Os anões os tinham hospedado em um antigo quarto de guarda, no nível inferior do Tronjheim. Era uma habitação grande, mas tinha o teto baixo e as paredes escuras.

Eragon se angustiou ao recordar os fatos do dia anterior. Seus olhos marejaram e, quando as lágrimas caíram, apanhou uma com a mão. Não tinham sabido nada da Arya até a última hora daquela mesma tarde, quando saiu do túnel, fraca e com os pés doloridos. Apesar de seus esforços e de sua magia, os urgals tinham escapado.

- Encontrei isto - disse. Logo lhes mostrou uma das capas amassadas dos gêmeos, rasgada e ensangüentada, e a túnica e as luvas de pele de Murtagh. - Estavam atiradas na borda de um abismo negro, onde nenhum túnel chega ao fundo. Os urgals devem ter roubado as armaduras e as armas antes de jogar seus corpos na fossa. Tratei de invocar tanto Murtagh como aos gêmeos, mas não vi mais que sombras no abismo. - Seus olhos procuraram os do Eragon. - Sinto muito, desapareceram. Agora, nos limites de sua mente, Eragon lamentava o desaparecimento do Murtagh. Era uma sensação aterradora e arrepiante de perda e horror, agravada pelo fato de que nos últimos meses tinha começado a acostumar-se com ela. Enquanto olhava a lágrima que sustentava sua mão - uma cúpula pequena, brilhante -, decidiu que também invocaria os três homens. Sabia que era uma decisão desesperada, mas tinha que tentar para convencer-se de que Murtagh tinha desaparecido de verdade. Mesmo assim, não estava seguro de querer obter o que Arya não tinha conseguido, pois não acreditava que a visão do Murtagh destroçado próximo de um penhasco, abaixo do Farthen Dür, melhorasse seu estado de ânimo. Sussurrou: *Draumr kópa*. A escuridão envolveu o líquido e o converteu em um pequeno botão de noite na sua palma chapeada. Um movimento o cruzou como o bater de asas de um pássaro em frente da lua que aparece entre as nuvens... E logo depois nada.

Outra lágrima se juntou à primeira.

Eragon respirou fundo, recostou-se e esperou até recuperar a calma. Depois de recuperar-se da ferida da Durza, deu-se conta - por humilhante que fosse - de que só tinha vencido por pura sorte. “Se alguma vez voltar a enfrentar uma Sombra, ou os ra'zac, ou Galbatorix, tenho que ser mais forte se quiser vencer. Brom poderia ter me ensinado mais, bem sei. Mas sem ele não me sobra outra opção: somente os elfos.”

A respiração de Saphira se acelerou, e a dragona abriu os olhos e soltou um enorme bocejo.

Bom dia, pequenino.

Parece-lhe bom! -Eragon baixou o olhar e apoiou o peso nas mãos, afundando o colchão -. *É... terrível... Murtagh e Ajihad... por que nenhum sentinela dos túneis nos advertiu da chegada dos urgals? Não podiam ter seguido ao grupo do Ajihad sem que os víssemos... Arya estava certa: não faz sentido. Talvez nunca saibamos a verdade* -respondeu Saphira com suavidade. levantou-se, suas asas roçavam o teto. - *Você precisa comer, e logo temos que descobrir o que os varden planejam. Não há tempo a perder, podem escolher um novo líder nas próximas horas.*

Eragon assentiu, enquanto pensava em como tinham deixado os outros no dia anterior: Orik partia a toda pressa para levar as últimas notícias ao rei Hrothgar, Jórmundur levava o corpo do Ajihad a um lugar onde pudesse permanecer até o funeral, e Arya ficou sozinha, contemplando a agitação de outros.

Eragon se levantou, prendeu Czar'roc com uma correia a o arco e logo se agachou para levantar a sela de *Neve de Fogo.* Uma pontada de dor lhe percorreu o torso e o tombou no chão, onde se retorceu, enquanto a dor lhe pinçava as costas. Sentia como se o serrassem ao meio. Saphira grunhiu ao perceber aquela sensação lacerante. Tratou de acalmá-lo com a força de sua mente, mas não conseguia aliviar seu sofrimento. Elevou a cauda instintivamente, como se fosse lutar. Tiveram que passar vários minutos para que se acalmasse o ataque, depois da última pontada, Eragon ficou com a respiração entrecortada. O suor lhe empapava a cara, condensava-lhe o cabelo e lhe queimava os olhos. Levou uma mão à costas e tocou a cicatriz com cautela. Estava quente, inflamada e sensível ao toque. Saphira agachou o focinho e lhe tocou um braço.

Ai, pequeno...

Desta vez foi pior - disse ele, cambaleando-se para ficar em pé. Aproveitou o apoio que Saphira lhe dava enquanto secava o suor do rosto com um trapo e logo deu um passo vacilante para a porta.

Sente-se com forças para sair?

Temos que fazê-lo. Como dragão e Cavaleiro, somos obrigados a escolher em público o novo líder dos varden, talvez até, a influir na seleção. Não vou desprezar a força de nossa posição, sabemos que contamos com grande autoridade entre os Varden. Ao menos, os gêmeos não estão aqui para ficar com o cargo. É o único lado bom da situação.

Muito bem, mas Durza deveria sofrer mil anos de tortura pelo que te fez. Você fica a meu lado -grunhiu Eragon.

Abriram caminho pelo Tronjheim para a cozinha mais próxima. Nos corredores e vestíbulos, as gentes se detinham, faziam reverencia e murmuravam: "*Argetlam*", ou

"Assassino de Sombras". Até os anões repetiam esse gesto, embora não com a mesma freqüência. Eragon se surpreendeu com a expressão sombria e torturada dos humanos, assim como a roupa escura que levavam para demonstrar sua tristeza. Muitas mulheres vestiam-se

completamente de branco, e inclusive cobriam os rostos com véus. Na cozinha, Eragon levou uma bandeja de pedra cheia de comida até uma mesa baixa. Saphira o vigiava com atenção para o caso de lhe ocorrer outro ataque. Algumas pessoas trataram de aproximar-se dele, mas ela estirou um lábio e grunhiu e todos se afastaram correndo. Eragon bicou a comida e tratou de ignorar quem o incomodava. Por fim, para deixar de pensar no Murtagh, perguntou: *Quem você acredita que dispõe dos meios suficientes para controlar os varden agora que Ajihad e os gêmeos desapareceram?*

Ela hesitou.

Talvez você devesse fazê-lo, se interpretarmos as últimas palavras do Ajihad como uma bênção para que te assegurar a liderança. Quase ninguém se oporia a você. De qualquer forma, não parece que essa seja a opção mais sábia. Por esse lado, não vejo mais que problemas.

Estou de acordo. Além disso, Arya não aceitaria, e poderia ser uma inimizade perigosa. Os elfos não podem mentir em sua linguagem antiga, mas no nosso idioma não têm essa inibição, se lhe conviesse, ela poderia negar que Ajihad pronunciou essas últimas palavras. Não, eu não quero esse cargo... E Jórmundur?

Ajihad o considerava seu braço direito. Por desgraça, sabemos pouco dele e dos outros líderes dos Varden. Passou muito pouco tempo desde que chegamos aqui. Teremos que decidir a partir de nossas sensações e impressões, sem poder analisar a história.

Eragon empurrou o peixe em torno de um montão de tubérculos amassados. *Não se esqueça de Hrothgar e dos clãs de anões, não vão se calar. Além de Arya, os elfos não têm nada que dizer sobre a sucessão: quando estiver decidido, nem sequer terão de ser informados. Em compensação, ninguém pode ignorar os anões. Hrothgar apóia os varden, mas muitos clãs se opõem a ele, poderiam forçá-lo a dar seu apoio a alguém que não esteja preparado para comandar.*

E quem poderia ser?

Alguém fácil de manipular. -Eragon fechou os olhos e se recostou no assento.

- *Poderia ser qualquer um do Farthen Dür, absolutamente qualquer um.* Durante um longo momento, os dois refletiram sobre os assuntos que tinham pela frente. Logo Saphira disse:

Eragon, há alguém que veio para vê-lo. Não consigo assustá-lo para que se vá. É?

Eragon abriu os olhos de repente e os cerrou para acostumar-se à luz. Havia um jovem de aspecto pálido junto à mesa. O moço olhava para Saphira como se temesse que fosse comê-lo.

- O que há? - perguntou Eragon, não sem certa brutalidade.

O menino começou a falar, confundiu-se e finalmente fez uma reverência:

- Argetlam, convocaram-lhe para falar ante o Conselho de Anciões.

- Quem são?

A pergunta confundiu ainda mais ao moço.

- O... O conselho é... São... Pessoas que nós, ou seja, os varden, escolhemos para que falem com Ajihad em nossa representação. Eram seus conselheiros de confiança e agora querem vê-lo. É uma grande honra! - terminou com um rápido sorriso.

- Você vai me levar até eles?

- Sim.

Saphira lançou um olhar interrogativo a Eragon. Ele encolheu de ombros, deixou a comida intacta e fez gestos ao moço para que lhe indicasse o caminho. Enquanto caminhavam, o moço admirava a Czar'roc com os olhos bem abertos, e logo desviou timidamente a vista.

- Como se chama? - perguntou-lhe Eragon.

- Jarsha, senhor.

- É um bom nome. entregou sua mensagem corretamente, deveria estar orgulhoso.

Jarsha se iluminou e pôs-se a andar aos saltos.

Chegaram a uma porta convexa de pedra, e Jarsha a abriu com um empurrão. Dentro havia uma sala circular, com uma abóbada azul celeste decorada com constelações. No centro havia uma mesa redonda de mármore com a crista do Dürgrimst Ingeitum incrustada: um martelo em pé, rodeado por doze estrelas. Sentados em torno dela, estavam Jórmundur e outros dois homens, um alto e um muito gordo, uma mulher com os lábios escuros, os olhos muito juntos e as bochechas laboriosamente maquiadas, e outra mulher com um imenso montão de cabelo cinza que lhe caía sobre um rosto de expressão maternal que se contradizia com o punho da adaga que aparecia entre as vastas curvas de seu corpo.

- Pode se retirar - disse Jórmundur a Jarsha, que imediatamente fez uma reverência e se foi.

Consciente de que o olhavam, Eragon atravessou a sala e logo se sentou no meio de uma zona de cadeiras vazias, de tal modo que os membros do conselho se viram obrigados a virar suas cadeiras para poder olhar para ele. Saphira se agachou atrás dele, Eragon sentia seu bafo quente no pescoço.

Jórmundur se levantou pela metade para fazer uma leve reverência e voltou a sentar-se.

- Obrigado por vir, Eragon, apesar da perda que sofreu. Este é Umérth - o homem alto -, Falberd - o gordo - e Sabrae e Elessari - as duas mulheres. Eragon inclinou a cabeça e

perguntou:

- E os gêmeos? Formavam parte deste conselho?

Sabrae negou com a cabeça bruscamente e tamborilou com suas largas unhas sobre a mesa.

- Não tinham nada a ver conosco. Eram sujeira. Pior que sujeira, sanguessugas que só procuravam seu próprio benefício. Não tinham nenhuma intenção de servir os varden. Ou seja, não havia lugar para eles neste conselho. Seu perfume chegava até Eragon no outro lado da mesa. Era espesso e gorduroso, como o de uma flor podre. Dissimulou um sorriso.

- Basta. Não estamos aqui para falar dos gêmeos - disse Jórmundur. - Enfrentamos uma crise e devemos resolvê-la rápida e eficazmente. Se não escolhermos o sucessor do Ajihad, alguém o fará. Hrothgar já se pôs em contato conosco para nos fazer chegar suas condolências. Embora estivesse mais que cortês, asseguro que enquanto falamos, ele já estará preparando seus planos. Também teremos que ter em conta os Du Vrangr Gata, os que dominam a magia. A maioria são leais aos varden, mas é difícil predizer suas ações, inclusive nas melhores circunstâncias. Poderiam decidir se opor a nossa autoridade em busca de algum benefício próprio. Por isso necessitamos da sua ajuda, Eragon, para que quem quer que obtenha o lugar do Ajihad o faça com a maior legitimidade. Falberd se levantou, apoiando suas mãos carnudas em cima da mesa.

- Nós cinco já decidimos a quem apoiar. Entre nós não há a menor duvida de que se trata da pessoa adequada. Entretanto - elevou um dedo muito grosso -, antes que revelemos quem é, temos que saber sua opinião, tanto se estiver de acordo como se não, nada do que aqui dissermos sairá desta sala.

E por que querem isso? -perguntou Eragon a Saphira. *Não sei* -respondeu ela com um bufo. - *Talvez seja uma armadilha. Não me pediram que jure nada. Sempre posso contar a Arya o que disserem, se for necessário. Que tolos, esqueceram-se de que sou tão inteligente como qualquer humano.* Satisfeito com essa idéia, Eragon disse:

- Muito bem, têm minha palavra. Bom, quem querem que lidere os varden?

- Nasuada.

Surpreso, Eragon baixou o olhar e pensou depressa. Não tinha pensado em Nasuada para a sucessão, por sua juventude: era poucos anos mais velha que ele. É

obvio, não havia nenhuma outra razão que lhe impedisse de tomar o comando, mas por que o Conselho de Anciões queria que fosse ela? Que benefício obteriam? Recordou as palavras do Brom e tratou de examinar o assunto de todos os ângulos possíveis, sabedor de que tinha que decidir depressa.

Nasuada é feita de ferro -observou Saphira. - *Seria como seu pai. Talvez, mas por que razão eles a escolheram?*

Com a intenção de ganhar tempo, Eragon perguntou:

- Por que não você, Jórmundur? Ajihad o considerava seu braço direito. Isso não significa que deveria ocupar seu lugar agora que ele já não existe?

Uma corrente de desconforto percorreu ao conselho: Sabrae ficou ainda mais rígida, com as mãos entrelaçadas, Umérth e Falberd trocaram olhares, enquanto Elessari se limitou a sorrir, e o punho da adaga sacudiu em seu peito.

- É que - respondeu Jórmundur, escolhendo com cuidado as palavras - Ajihad o dizia única e exclusivamente em sentido militar. Além disso, sou membro deste Conselho, que só tem poder porque nos apoiamos mutuamente. Seria temerário e perigoso que um de nós se elevasse sobre os outros.

Quando terminou de falar, o Conselho inteiro relaxou, e Elessari deu uma palmada no antebraço de Jórmundur.

Sim! -exclamou Saphira -. *Provavelmente, teria tomado o poder se tivesse sido capaz de forçar o apoio de outros. Note como o olham. No meio deles, parece um lobo. Em todo caso, um lobo em uma matilha de chacais.*

- E Nasuada tem experiência suficiente? - inquiriu Eragon.

Elessari se apertou contra a borda da mesa ao inclinar-se para frente.

- Quando Ajihad se uniu aos varden, eu já vivia aqui há sete anos. Vi a mudança da Nasuada, da menina que era à mulher que é agora. Às vezes atua um pouco depressa demais, mas é uma boa pessoa para liderar os varden. As pessoas vão adorá-la. E tanto eu - aqui deu um golpe forte no peito - como meus amigos estaremos aqui para guiá-la através destes tempos tão complicados. Nunca lhe faltará alguém que lhe mostre o caminho. A falta de experiência não deve ser um obstáculo para que ocupe a posição que merece.

Eragon entendeu de repente. “Querem um fantoche!”

- Dentro de dois dias se celebrará o funeral do Ajihad - interveio Umérth. - Depois disso, planejamos designar Nasuada como nossa nova líder. Ainda temos que convidá-la, mas asseguro que ela aceitará. Queremos que esteja presente na nomeação e que jure lealdade aos varden, assim ninguém, nem sequer Hrothgar, poderá queixar-se. Isso devolverá às pessoas a confiança que perderam com a morte do Ajihad e evitará que ninguém tente dividir esta organização. *Lealdade!*

Saphira ficou imediatamente em contato com a mente do Eragon. *Note que não lhe pedem que jure lealdade a Nasuada, apenas aos varden. Sim, e querem ser eles a propor Nasuada, o que implicaria que o Conselho é*

mais poderoso *que ela. Podiam ter pedido a Arya que propusesse o nome dela, ou a nós,*

mas isso significaria reconhecer quem o fizesse como superior entre os varden. Dessa maneira, reafirmam sua superioridade sobre Nasuada, obtêm controle sobre nós por meio do juramento de lealdade e, além disso, obtêm o benefício de conseguir que um Cavaleiro apóie Nasuada em público.

- O que acontece - perguntou - se eu não aceitar sua proposta?

- Proposta? - respondeu Falberd, aparentemente surpreso -. Bom, nada, claro. Embora parecesse um terrível desprezo se não estivesse presente quando Nasuada fosse escolhida. Se o herói da batalha do Farthen Dür a ignora, o que as pessoas vão pensar, além de que o Cavaleiro a desprezou e não considerou que os varden mereçam seu serviço. Quem poderia suportar tal vergonha?

A mensagem não podia ser mais clara. Eragon apertou o punho de Czar'roc por debaixo da mesa, desejoso de gritar que não havia necessidade nenhuma de lhe forçar a dar seu apoio aos varden, que ele pensava fazer isso de qualquer modo. Agora, entretanto, desejava instintivamente rebelar-se, evitar os grilhões que tentavam lhe colocar.

- Como os Cavaleiros são tão respeitados, poderia decidir que seria melhor dedicar meus esforços a liderar eu mesmo aos varden.

O ambiente da sala ficou tenso.

- Isso não seria muito inteligente - afirmou Sabrae.

Eragon forçou a mente em busca de uma saída.

Na ausência do Ajihad -disse Saphira -, *talvez não seja possível manter a independência com respeito a todos os grupos, tal como ele desejava. Não podemos incomodar os varden e, se este conselho for controlá-los quando Nasuada ocupar o cargo, temos que agradá-los. Lembre-se que agem em defesa própria, igual a nós. Mas o que pedirão que façamos quando já estivermos em seu poder?*

Respeitarão o pacto dos varden com os elfos e nos enviarão a Ellesméra para o treinamento, ou ordenarão o contrário? Jórmundur me parece um homem honrado, mas o que acontece com o resto do Conselho? Não sei.

Saphira lhe roçou o pescoço com o queixo.

Aceite estar presente na cerimônia com Nasuada, acredito que devemos fazer isso. Quanto ao juramento de lealdade, trate de evitar um compromisso. Talvez antes que chegue esse momento ocorra algo que nos faça mudar de postura... Talvez Arya tenha a solução.

Sem prévio aviso, Eragon assentiu e disse:

- Como querem, estarei presente na nomeação da Nasuada.

Jórmundur parecia aliviado.

- Bem, bem. Então só há um assunto para debater antes que você se vá: a aceitação de Nasuada. Não há razão para atrasá-la, já que estamos todos aqui. Mandarei chamá-la imediatamente. Arya também: antes de tornar pública esta decisão, necessitamos da aprovação dos elfos. Não teria que ser difícil consegui-la: Arya não pode opor-se a todo o Conselho e a você, Eragon. Terá que estar de acordo com nossa opinião.

- Espere - ordenou Elessari, com um olhar de ferro. - O que acontece com sua palavra, Cavaleiro? Jurará lealdade a ela durante a cerimônia?

- Sim, terá que fazê-lo - insistiu Falberd -. Os varden cairiam em desgraça se não pudessem contar com sua proteção.

Encontraram uma maneira de dizê-lo!

Valeria a pena tentar -afirmou Saphira -. *Temo que agora já não há como escapar.*

Se me negasse, não se atreveriam a nos prejudicar.

Não, mas poderiam nos causar males sem fim. Não estou dizendo que aceite por mim, mas sim por você. Há muitos males de que não posso te proteger, Eragon. Com Galbatorix contra nós, precisa se rodear de aliados, não de inimigos. Não podemos nos permitir lutar ao mesmo tempo contra o Império e contra os varden.

- Darei minha palavra - concedeu por fim.

Em torno da mesa abundaram amostras de relaxamento, inclusive Umérth deixou escapar um mal dissimulado suspiro.

Eles nos temem!

É bom que seja assim -apostilou Saphira.

Jórmundur chamou Jarsha e, depois de umas poucas palavras, enviou-o correndo em busca de Nasuada e Arya. Em sua ausência, a conversa caiu em um incômodo silêncio. Eragon ignorou o Conselho e preferiu concentrar-se em procurar uma saída para seu dilema. Não lhe ocorreu nenhuma.

Quando a porta se abriu de novo, todos se voltaram com expectativa. Entrou primeiro Nasuada, com o queixo bem alto e o olhar firme. Trajava um vestido bordado do mais escuro negro, mais escuro inclusive que sua pele, quebrado por um bordado púrpura que ia do ombro ao quadril. Depois dela vinha Arya, com passos ágeis e ligeiros como uma gata, e um Jarsha claramente aflito.

Despediram-se do moço, e logo Jórmundur convidou Nasuada a se sentar. Eragon se apressou

a fazer o mesmo com Arya, mas ela ignorou a cadeira que lhe oferecia e se manteve a distância da mesa.

Saphira -disse Eragon. - *Conte-lhe tudo o que aconteceu. Tenho a sensação de que o Conselho não vai lhe informar que me obrigaram a jurar lealdade aos varden.*

- Arya - saudou Jórmundur com uma inclinação de cabeça. Logo se concentrou em Nasuada -. Nasuada, filha de Ajihad, o Conselho de Anciões deseja lhe transmitir seus mais sentidos pêsames por esta perda que você sofreu mais que ninguém... - Em voz mais baixa, acrescentou: - Conte também com nossa compreensão. Todos sabemos o que representa que o Império lhe mate um familiar.

- Obrigado - murmurou Nasuada, enquanto apertava seus olhos amendoados. Permaneceu sentada, tímida e recatada, e com um ar de vulnerabilidade que provocava em Eragon desejos de reconfortá-la. Seu comportamento era tragicamente distinto do da jovem enérgica que os tinha visitado, a ele e a Saphira, na dragonera antes da batalha.

- Você ainda está em um momento de dor, mas há um dilema que deve ser resolvido. Este Conselho não pode liderar os varden. E alguém deve substituir seu pai a partir do funeral. Pedimos-lhe que ocupe essa posição. Como sua herdeira, esse é seu direito, os varden esperam que aceite.

Nasuada inclinou a cabeça com os olhos brilhantes. Quando falou, a dor era evidente em sua voz:

- Nunca pensei que, sendo tão jovem, me veria chamada a ocupar o lugar de meu pai. Entretanto... se insistirem em que é meu dever... Aceitarei o cargo.

A verdade entre amigos

Os membros do Conselho de Anciões estavam exultantes por seu triunfo, contentes por terem conseguido que Nasuada fizesse o que eles queriam.

- Insistimos - disse Jórmundur - por seu próprio bem e pelo dos varden. Outros membros do Conselho reiteraram sua aprovação, que Nasuada acolheu com tristes sorrisos. Sabrae lançou um olhar iracundo a Eragon ao ver que este não se somava a eles.

Enquanto durava a conversa, Eragon olhou para Arya em busca de alguma reação com respeito às novidades ou ao anúncio do Conselho. Nenhuma daquelas revelações provocou mudança alguma em sua expressão inescrutável. Entretanto, Saphira lhe disse:

Quer falar conosco logo.

Antes que Eragon pudesse responder, Falberd se voltou para Arya:

- Os elfos a considerarão aceitável?

Ela ficou olhando fixamente para Falberd até que este cedeu ante seu olhar dilacerador e arqueou uma sobrancelha:

- Não posso falar em nome de minha rainha, mas não vejo nada que objetar. Nasuada conta com minha bênção.

“Como ia ser de outra forma, tendo em conta o que lhe contamos? - pensou Eragon com amargura -. Estamos todos entre a espada e a parede.”

Obviamente, o comentário de Arya agradou ao Conselho. Nasuada lhe agradeceu e perguntou a Jórmundur:

- Há algo mais do que devamos falar? É que me sinto fraca.

Jórmundur negou com a cabeça.

- Nós nos encarregaremos dos preparativos. Prometo que não será

incomodará antes do funeral.

- Obrigado de novo. Podem me deixar sozinha? Necessito de tempo para pensar na melhor maneira de honrar a meu pai e servir aos varden. Deram-me muito que pensar.

Nasuada abriu seus delicados dedos em cima do regaço, sobre o tecido negro. Umérth parecia a ponto de protestar que se despedisse daquele modo do Conselho, mas Falberd elevou uma mão e o fez se calar.

- É obvio, faremos o que quer se isso te der paz . Se necessitar de ajuda, estamos preparados e dispostos a servi-la.

Indicou a outros por gestos que o seguissem e passou junto à Arya em direção à porta.

- Eragon, pode ficar, por favor?

Surpreso, Eragon se deixou cair de novo na cadeira e ignorou os olhares atentos dos membros do Conselho. Falberd ficou junto à porta, resistente de repente a partir, e por fim saiu devagar. Arya foi a última a sair. Antes de fechar a porta, olhou para Eragon, e seus olhos mostraram um alarme e uma apreensão que antes tinham permanecido escondidas.

Nasuada se sentou meio de costas a Eragon e Saphira.

- Assim voltamos a nos encontrar, Cavaleiro. Não me saudou. Por acaso eu o ofendi?

- Não, Nasuada, não falei por receio de parecer rude, ou estúpido. As circunstâncias atuais não se permitem afirmações precipitadas. - A paranóia de que outros pudessem estar escutando às escondidas se apoderou dele. Atravessou a barreira de sua mente, afundou-se na

magia e entoou: - *Atra nosu waíse vardo fra eld hórnya...* - Bom, já podemos falar sem que nenhum homem, anão ou elfo nos ouça. Nasuada adoçou sua posição.

- Obrigado, Eragon, não sabe quão bom é esse dom.

Suas palavras soavam mais fortes e seguras que antes.

Atrás da cadeira de Eragon, Saphira se agitou e logo rodeou com cuidado a mesa para plantar-se diante da Nasuada. Baixou a cabeça até que um de seus olhos de safira se cravou nos olhos negros da Nasuada. A dragona a olhou fixamente durante um minuto inteiro antes de soprar brandamente e voltar-se para se levantar. *Diga-lhe* -pediu Saphira o Eragon - *que sinto dor por ela e por sua perda. Diga-lhe também que quando vestir a túnica do Ajihad, sua força tem que ser a dos varden. Necessitarão de um guia firme.*

Eragon repetiu suas palavras e acrescentou:

- Ajihad era um grande homem. Sempre se recordará seu nome... Há algo que devo dizer. Antes de morrer, Ajihad me encarregou, ordenou-me, que impedisse que os varden se perdessem no caos. Essas foram suas últimas palavras. Arya também as ouviu. Pensava manter em segredo sobre o que me disse por que tem certas implicações, mas você tem o direito de saber. Não estou seguro do que Ajihad queria dizer, nem do que desejava exatamente, mas disto sim estou seguro: sempre defenderei os varden até onde alcancem minhas forças. Queria que entendesse isso, assim como que não tenho nenhum desejo de usurpar a liderança dos varden. Nasuada riu com amargura.

- Mas essa liderança não será minha, verdade? - Abandonada toda reserva, só

ficavam a compostura e a determinação -. Sei por que estava aqui antes de mim e sei o que o Conselho pretende. Por acaso você acredita que durante os anos em que servi a meu pai, nunca previmos esta eventualidade? Esperava que o Conselho fizesse exatamente o que tem feito. E agora tudo está caminhando para que eu tome o comando dos varden.

- Não tem nenhuma intenção de permitir que lhe usem - disse Eragon, admirado.

- Não. Siga conservando as instruções do Ajihad em segredo. Seria pouco inteligente revelá-las, pois as pessoas poderiam interpretar que ele queria que você

fosse seu sucessor, e isso minaria minha autoridade e desestabilizaria os varden. Ele disse o que lhe pareceu necessário para proteger os varden. Eu teria feito o mesmo. Meu pai... - Por um momento, titubeou -. A obra de meu pai não ficará sem terminar, embora isso me custe a tumba. Isso é o que quero que você, como Cavaleiro, entenda. Todos os planos do Ajihad, todas as suas estratégias e seus objetivos, são meus agora. Não lhe falharei com minha debilidade. O Império será derrotado, Galbatorix perderá o trono e se estabelecerá o governo correspondente.

Quando terminou, uma lágrima rolava bochecha abaixo. Eragon a olhou fixamente, apreciou as

dificuldades de sua situação e descobriu uma fortaleza de caráter que não tinha reconhecido antes.

- E o que será de mim, Nasuada? O que farei eu entre os varden?

Ela o olhou diretamente aos olhos.

- Pode fazer o que quiser. Os membros do Conselho estão loucos se pensarem que vão controlá-lo. É um herói entre os varden; os anões, e até os elfos celebrarão sua vitória sobre a Durza quando souberem. Se você se opuser ao Conselho ou a mim, seremos obrigados a ceder porque o povo o brindará com seu apoio incondicional. Agora mesmo, é a pessoa mais poderosa entre os varden. Entretanto, se aceitar minha liderança, seguirei o caminho marcado pelo Ajihad, você irá com Arya em busca dos elfos, se instruirá com eles e logo voltará com aos varden. *Por que é tão sincera conosco? - perguntou-se Eragon -. Se estiver certa, talvez poderíamos ter rechaçado as exigências do Conselho.* Saphira levou um momento antes de responder:

Em qualquer caso, já é tarde. Você já aceitou suas condições. Acredito que Nasuada é sincera porque seu feitiço o permite, e também porque espera que seja leal a ela, e não aos Anciões.

A Eragon ocorreu de repente uma idéia, mas antes de compartilhá-la, perguntou:

Podemos confiar que não conte o que lhe dissermos? É muito importante. Sim - respondeu Saphira -. *falou com o coração.*

Então Eragon compartilhou sua proposta com Saphira. Como ela deu seu consentimento, Eragon tirou Czar'roc e caminhou para Nasuada. Viu nela um tremor de medo ao aproximar-se, lançou um rápido olhar à porta e levou a mão para uma dobra da roupa, onde agarrou algo. Eragon se deteve ante ela e se ajoelhou, sustentando a Czar'roc com ambas as mãos.

- Nasuada, Saphira e eu estamos há pouco tempo aqui. Entretanto, nesse tempo aprendemos a respeitar ao Ajihad, e agora a você. Lutou sob o Farthen Dür enquanto outros, entre eles as duas mulheres do Conselho, fugiam. Além disso, tratounos abertamente, sem enganos. Em conseqüência, ofereço-lhe minha arma... e minha lealdade como Cavaleiro.

Eragon verbalizou o juramento com a sensação de que era irrevogável, ciente de que antes da batalha não o teria dito. Ver que tantos homens caíam e morriam em torno dele tinha mudado sua perspectiva. Já não oferecia resistência ao Império por si mesmo, mas sim pelos varden e por toda as pessoas que seguiam apanhadas sob o comando do Galbatorix. Por muito tempo que custasse, estava comprometido nessa tarefa. No momento, o melhor que podia fazer era emprestar seus serviços. Mesmo assim, ele e Saphira corriam terríveis riscos ao dar sua palavra a Nasuada. O Conselho não poderia objetar, pois Eragon tinha prometido que juraria lealdade, mas não havia dito a quem. E pesando tudo, ele e Saphira não tinham nenhuma garantia de que Nasuada seria uma boa líder. “É melhor render serviço a uma idiota sincera que a um sábio mentiroso”, decidiu Eragon.

A surpresa cruzou o rosto de Nasuada. Tomou o punho de Czar'roc, a levantou, olhou seu fio carmesim e logo apoiou a ponta na cabeça do Eragon.

- Aceito com honra sua lealdade, Cavaleiro, assim como você aceita todas as responsabilidades que suporta. Levante-se como bom vassalo e tome sua espada. Eragon fez o que lhe ordenava. Logo falou:

- Agora que é minha senhora, posso dizer abertamente que o Conselho me obrigou a prometer que juraria lealdade aos varden assim que lhe nomeassem. Só

deste modo podíamos nos liberar deles Saphira e eu.

Nasuada riu com prazer genuíno.

- Ah, vejo que já aprendeu a jogar nosso jogo. Muito bem. Agora que é meu mais recente e único vassalo, aceitará me jurar lealdade de novo em público quando o Conselho pedir seu voto?

- É obvio.

- Bem, com isso nos liberamos do Conselho. E agora, até que chegue o momento, me deixe sozinha. Tenho muito que planejar e devo preparar o funeral. Lembre-se, Eragon, que o vínculo que acabamos de criar nos compromete por igual. Sou responsável por suas ações na mesma medida em que você está obrigado a me servir. Não me desonre.

- Nem você a mim.

Nasuada se deteve e logo o olhou nos olhos e, em um tom mais amável, acrescentou:

- Conte com minhas condolências, Eragon. Dou-me conta de que não sou a única pessoa que tem razões para sentir dor, eu perdi meu pai, mas você também perdeu um amigo. eu gostava muito de Murtagh, e me entristece que tenha desaparecido... Adeus, Eragon.

Eragon assentiu, com um sabor amargo na boca, e abandonou a sala com Saphira. Em toda a cinza amplitude do vestíbulo não se via ninguém. O Cavaleiro levou uma mão aos lábios, jogou a cabeça para trás e suspirou. O dia não tinha feito mais que começar e, entretanto, já estava exausto por todas as emoções que tinha experimentado.

Saphira lhe deu um empurrão com o focinho e disse:

Por aqui.

Sem mais explicação, adiantou-se pelo lado direito do túnel. Suas garras afiadas ressonavam sobre o chão duro.

Eragon franziu o cenho, mas a seguiu.

Aonde vamos? -Não obteve resposta -. *Saphira, por favor.* -Ela se limitava a menear a cauda. Resignado a esperar, Eragon seguiu falando -: *A verdade é que as coisas mudaram muito. Nunca se sabe o que esperar de um dia para outro, além de dor e sangue derramado.*

Não tudo está tão mal -ela ralhou com ele -. *obtivemos uma grande vitória. Devia celebrar, em vez de se lamentar.*

Ter que enfrentar estas tolices tampouco ajuda muito.

Ela soprou, zangada. Uma fina linha de fogo saiu por seus narizes e chamuscou o ombro de Eragon. Este deu um salto para trás e mordeu os lábios para não soltar uma série de insultos.

Uf! -grunhiu Saphira, agitando a cabeça para limpar a fumaça. *Uf? Quase me queima o flanco!*

Não esperava isso. Sempre me esqueço que se não tiver cuidado, jogo fogo. Imagine se cada vez que levantasse um braço, caísse um raio. Seria fácil movê-lo sem se dar conta e destruir algo sem querer.

Tem razão. Perdoe-me por ter resmungado.

A ossuda pálpebra da Saphira soou quando a dragona piscou os olhos. *Não importa. O que tentava te explicar é que nem sequer Nasuada pode te obrigar a fazer nada.*

Mas acabei de lhe dar minha palavra de Cavaleiro!

Talvez, mas se eu tiver que rompê-la para te manter a salvo, ou para que faça o que deva fazer, não duvidarei. É uma carga que posso agüentar facilmente. Como estou unida a você, minha honra é inerente a seu juramento, mas como indivíduo, não compromete em nada. Se me ver obrigada, eu d seqüestrarei. Nesse caso, se tivesse que desobedecer, não seria culpa sua.

Não deveríamos chegar a isso. Se tivermos que usar esse tipo de armadilhas para fazer o certo, será porque Nasuada e os varden perderam toda integridade. Saphira se deteve. Estavam diante do arco da biblioteca do Tronjheim. A sala vasta e silenciosa parecia vazia, embora as filas de estantes com colunas interpostas podiam esconder muita gente. As tochas derramavam uma suave luz por cima das paredes recobertas de pergaminhos e iluminavam os espaços de leitura que ficavam a seus pés.

Caminhando entre as estantes, Saphira o levou até um espaço no que Arya estava sentada. Eragon se deteve e a estudou. Parecia mais agitada que nunca, embora só se notasse isso na tensão de seus movimentos. Ao contrário de antes, levava a espada atravessada no cinto. Uma mão descansava no punho.

- O que esteve fazendo? - perguntou Arya com uma hostilidade inesperada.

- A que te refere?

Ela elevou o queixo.

- O que prometeu aos varden? O que tem feito?

A última frase chegou a Eragon mentalmente. Deu-se conta de que a elfa estava muito perto de perder o controle. Sentiu um pouco de medo.

- Não temos feito mais que o que devíamos. Ignoro os costumes dos elfos, de modo que se nossos atos lhe incomodaram, peço perdão. Não há razão para o aborrecimento.

- Estúpido! Não sabe nada de mim. Passei sete décadas representando a minha rainha aqui. Durante quinze desses anos carreguei o ovo da Saphira entre os varden e os elfos. Nesse tempo, lutei para me assegurar que os varden tivessem líderes sábios e fortes, capazes de enfrentar Galbatorix e de respeitar nossos desejos. Brom me ajudou a obter o acordo sobre o novo Cavaleiro, ou seja, sobre você. Ajihad manteve o compromisso de que você fosse independente para que não se perdesse o equilíbrio de poderes. E agora vejo que você se põe do lado do Conselho de Anciões, embora seja contra sua vontade, para que controlem Nasuada. Você estragou uma vida inteira de trabalho! Mas o que você fez!

Desanimado, Eragon abandonou toda pretensão. Com palavras breves e claras, explicou por que tinha aceitado às exigências dos membros do Conselho e como, com Saphira, tinha tentado lhes subtrair autoridade. Quando terminou, Arya disse:

- Vale.

“Vale.”

“Setenta anos.” Embora sabia que os elfos tinham vidas extraordinariamente longas, nunca tinha suspeitado que Arya tivesse tantos anos, ou inclusive mais, já que parecia uma mulher de pouco mais de vinte. O único traço de idade em seu rosto sem rugas eram seus olhos de esmeralda: profundos, sábios e freqüentemente solenes. Arya se inclinou para trás e o escrutinou.

- Não está como eu queria, mas é melhor do que eu esperava. Fui mal educada, Saphira... e você... entendem mais do que eu acreditava. Os elfos aceitarão que tenha transigido, mas não deve esquecer jamais que tem uma dívida conosco por causa da Saphira. Sem nossos esforços, não haveria Cavaleiros.

- Levo essa dívida gravada no sangue e na palma da mão - respondeu Eragon. No silêncio seguinte, procurou um novo assunto de que falar, desejoso de prolongar a conversa e talvez descobrir algo mais dela -. Você está fora há muito tempo, tem saudades de Ellesméra? Ou talvez vivia em outro lugar?

- Ellesméra era e será sempre minha casa - respondeu ela, com o olhar perdido além de Eragon -. Não vivi na casa de minha família desde que saí em busca dos varden, quando as primeiras flores da primavera envolviam os muros e as janelas. Quando pude voltar, foi sempre para estadias breves, fugazes farrapos da memória, segundo nosso sentido do tempo.

Eragon notou uma vez mais que ela cheirava a mato esmagado. Era um aroma leve e especial que penetrava em seus sentidos e lhe refrescava a mente.

- Deve ser duro viver entre todos estes anões e humanos, sem ninguém da sua raça.

Ela elevou a cabeça.

- Você fala dos humanos como se não fosse um deles.

- Talvez... - Eragon hesitou. - Talvez seja outra coisa, uma mescla de duas raças. Saphira vive dentro de mim como eu dentro dela. Compartilhamos sensações, sentimentos, idéias, a tal ponto que não somos duas mentes, somos uma. Saphira inclinou a cabeça para mostrar-se de acordo e esteve a ponto de tombar a mesa com o focinho.

- Assim é como deve ser - disse Arya. - Vocês estão unidos por um pacto mais antigo e poderoso do que pode imaginar. Não entenderá de verdade o que significa ser um Cavaleiro até que se complete seu treinamento. Mas isso deve esperar até depois do funeral. Enquanto isso, que as estrelas cuidem de você.

Dito isso, partiu e se perdeu nas sombrias profundezas da biblioteca. Eragon pestanejou.

Sou eu, ou todo mundo está muito nervoso hoje? Arya, por exemplo: primeiro está indignada e logo vai e me solta uma bênção.

Ninguém se sentirá bem até que tudo volte ao normal.

Defina "normal".

Roran

Roran subia penosamente a colina.

Deteve-se e cerrou os olhos para olhar para o sol por entre seu cabelo emaranhado.

"Cinco horas até o pôr-do-sol. Não poderei ficar muito." Com um suspiro seguiu caminhando junto à fila de olmos, cada um deles rodeado por uma parte de erva sem cortar.

Era sua primeira visita à fazenda desde que ele, Horst e outros seis homens do Carvahall levaram tudo o que se podia resgatar da casa destroçada e do celeiro queimado. Durante quase cinco meses, nem sequer tinha podido expor a possibilidade de voltar.

Ao chegar ao topo, parou e cruzou os braços. Tinha pela frente os restos da casa de sua infância. Uma esquina do edifício permanecia em pé - quase esmiuçada e chamuscada -, mas o resto caiu e estava coberta de plantas e ervas daninhas. Não se via o celeiro. Os poucos hectares que tinham conseguido cultivar a cada ano estavam agora cheios de dente de leão, mostarda silvestre e capim. Aqui e ali tinham sobrevivido beterrabas e nabos soltos, mas isso era tudo. Bem trás da fazenda, um espesso grupo de árvores obscurecia o rio Anora.

Roran apertou o punho e as mandíbulas com dor para resistir à mescla de raiva e pena. Ficou plantado no mesmo lugar durante vários minutos, tornando a tremer cada vez que uma lembrança agradável o invadia. Aquele lugar representava sua vida inteira e muito mais. Era seu passado... e seu futuro. Seu pai, Garrow, havia-lhe dito em uma ocasião: “A terra é algo especial. Cuide dela e ela cuidará de você. Não se pode dizer o mesmo de muitas coisas”. Roran tinha tentado fazer exatamente isso até o momento em que seu mundo foi esmigalhado por uma mensagem silenciosa do Baldor. Com um grunhido, deu a volta e pôs-se a andar pelo caminho. A impressão daquele momento seguia ressonando em seu interior. A experiência de que arrancassem todos seus entes queridos em um instante tinha mudado sua alma de tal modo que nunca poderia recuperar-se. Penetrou em todos os rincões de seu comportamento e de seu aspecto físico.

Também tinha obrigado Roran a pensar muito mais que antes. Era como se sempre tivesse tido sua mente amarrada fortemente com cintas e de repente essas cintas se soltassem, lhe permitindo expor idéias que antes teriam sido inimagináveis. Idéias como o fato de que talvez nunca poderia ser fazendeiro, ou que a justiça - o maior recurso das canções e as lendas - apenas se sustentava na realidade. Às vezes, esses pensamentos enchiam sua consciência de tal modo que com muita dificuldade era capaz de levantar-se pela manhã, pois seu peso o deixava sem ar. Tomou uma curva do caminho e se dirigiu para o norte, para o vale de Palancar, de volta a Carvahall. As montanhas recortadas de ambos os lados estavam carregadas de neve, cobrindo o verde primaveril que tinha crescido sobre a terra do vale durante as semanas anteriores. No alto, uma nuvem cinza flutuava pelo céu. Roran passou uma mão pelo queixo e sentiu o restolho de barba. “Eragon teve culpa de tudo isto (ele e sua maldita curiosidade) por trazer aquela pedra das Vertebradas.” Havia semanas que chegara a essa conclusão. Tinha ouvido todas as versões diferentes. Tinha pedido a Gertrude, a curandeira do povo, que lhe lesse várias vezes a carta que Brom tinha deixado para ele. E não havia outra explicação possível.

“Fora o que fosse essa pedra, atraiu esses estranhos.”

Embora só por isso, culpava Eragon pela morte de Garrow, embora não o fizesse com raiva. Sabia que Eragon não tinha desejado nenhum mal a ninguém. Não, o que provocava sua fúria era que Eragon tivesse fugido do vale de Palancar sem enterrar Garrow, abandonando todas as suas responsabilidades para largar-se ao galope com o velho contista em uma viagem desatinada. Como podia ser que Eragon se importassem tão pouco com os que ficavam para trás? Corria porque se sentia culpado? Por medo? Acaso Brom o enganou com seus loucos contos de aventuras? E

por que teria que escutar Eragon essas histórias nesta época? “Nem sequer sei se agora mesmo está vivo ou morto.”

Roran franziu o cenho e subiu e baixou os ombros, enquanto tratava de esclarecer-se. “A carta do Brom... Ora!” Nunca tinha ouvido uma coleção tão ridícula de insinuações e indiretas de tão mau agouro. Que unicamente deixava claro era que teria que evitar estranhos, o que, para começar, era um puro sentimento comum. “Esse velho estava louco”, decidiu.

Um movimento rápido obrigou Roran a dar a se virar e viu doze veados, entre os quais havia um jovem cervo com chifres de veludo, que trotavam para as árvores. Assegurou-se de recordar sua localização para poder encontrá-los no dia seguinte. Orgulhava-se de ser tão bom caçador que podia manter-se a si mesmo na casa de Horst, embora nunca tinha sido tão hábil como Eragon.

Enquanto caminhava, seguiu colocando ordem em seus pensamentos. Depois da morte de Garrow, Roran tinha abandonado seu trabalho no moinho do Dempton, no Therinsford, para voltar para Carvahall. Horst tinha aceitado alojá-lo e, durante os meses seguintes, tinha lhe dado trabalho na forja. A dor tinha atrasado as decisões de Roran sobre o futuro até dois dias antes, quando por fim tinha estabelecido um plano de ação.

Queria casar-se com Katrina, a filha do açougueiro. Sua primeira razão para acudir Therinsford tinha sido a de ganhar um pouco de dinheiro para assegurar um bom começo a sua vida de casal. Mas agora, sem fazenda, lar nem meios para mantê-la, a consciência do Roran não lhe permitia pedir a mão da Katrina. Seu orgulho não permitia. Além disso, Roran não acreditava que Sloan, o pai de Katrina, aceitasse um candidato com tão pobres perspectivas. Inclusive nas melhores circunstâncias, Roran tinha previsto que lhe custaria convencer Sloan de que renunciasse a Katrina, eles dois nunca se deram muito bem. E Roran não podia casar-se com a Katrina sem o consentimento de seu pai, salvo que decidissem dividir a família, zangar o povo por enfrentar à tradição e, muito provavelmente, acabar em um duelo sangrento com Sloan. Ao expor a situação, a Roran parecia que só sobrava a opção de reconstruir sua fazenda, embora para isso tivesse que levantar a casa e o celeiro com suas próprias mãos. Seria duro, teria que começar de zero, mas uma vez que tivesse reafirmado sua posição, poderia aproximar-se do Sloan com a cabeça erguida. “Como muito em breve, poderemos começar a falar na próxima primavera”, pensou Roran com uma careta de dor.

Sabia que Katrina ia esperar... Ao menos, até então.

Seguiu caminhando a bom passo até o anoitecer, quando o povoado apareceu ante sua vista. Entre o pequeno cacho de edifícios, via-se a roupa estendida em cordas que iam de janela a janela. Os homens retornavam às casas dos campos vizinhos, cheios de trigo invernal. Além do Carvahall, as cataratas da Igualda, de setecentos metros de altura, brilhavam no crepúsculo ao derramar-se pelas Vertebradas para o Anora. Aquela visão animou Roran pelo que tinha de comum. Nada o reconfortava tanto como ver que tudo permanecia em seu lugar.

Abandonou o caminho e subiu para a casa do Horst, de onde se dominava a vista das

Vertebradas. A porta já estava aberta. Roran entrou em tropicões e seguiu o som de uma conversa que vinha da cozinha.

Ali estava Horst, apoiado na áspera mesa que havia em um canto. A seu lado estava sua mulher, Elain, grávida de cinco meses e com um sorriso de alegria no rosto. Seus filhos varões, Albriech e Baldor, olhavam-nos.

Quando entrou Roran, Albriech estava dizendo:

- ... e eu ainda não tinha ido a forja. Thane jura que me viu, mas eu estava do outro lado do povoado.

- O que acontece? - perguntou Roran, enquanto soltava o fardo. Elaine e Horst se olharam.

- Espera, que te darei algo de comer. - Colocou diante dele um pouco de pão e uma terrina de guisado frio. Logo o olhou nos olhos, como se procurasse alguma expressão particular. - Que tal foi?

Roran encolheu os ombros.

- Toda a madeira está queimada ou podre. Não há nada que possa usar. O

poço está intacto, acho que deveria estar agradecido por isso. Se quero ter um teto quando chegar a temporada de plantio, terei que começar a cortar lenhos o quanto antes. Bom, me contem, o que aconteceu?

- Ah! - exclamou Horst. - Houve muita confusão por aqui. Desapareceu uma foice do Thane e ele acredita que Albriech a roubou.

- Provavelmente terá deixado entre a erva e não se lembra - soprou Albriech.

- Provavelmente - concedeu Horst, com um sorriso.

Roran deu uma dentada ao pão.

- Não tem sentido acusar você. Se precisasse de uma foice, forjaria você

mesmo.

- Eu sei - disse Albriech, enquanto se deixava cair em uma cadeira. - Mas em vez de procurá-la, pôs-se a grunhir que viu alguém sair de seus campos e que esse alguém se parecia um pouco comigo... E como não há ninguém que se pareça comigo, acha que lhe roubei a foice.

Era certo que ninguém se parecia com ele. Albriech tinha herdado a estatura de seu pai e a cabeleira loira do Elain, o que o convertia em uma raridade no Carvahall, onde preponderava o cabelo castanho. Em troca, Baldor era mais magro e tinha o cabelo escuro.

- Estou seguro de que aparecerá - disse Baldor em voz baixa. - Enquanto isso tente não se zangar muito.

- É fácil dizer.

Enquanto Roran terminava o pão e começava a comer o guisado, perguntou ao Horst:

- Precisa de mim para algo manhã?

- Não especialmente. Trabalharei no carro do Quimby. O maldito marco ainda não encaixa.

Roran assentiu, satisfeito.

- Bem. Então tomarei o dia livre e irei caçar. No vale há alguns veados que não parecem muito esquálidos. Ao menos não lhes apareciam as costelas. Baldor se animou de repente.

- Quer companhia?

- Claro. Podemos sair ao amanhecer.

Quando terminou de comer, Roran lavou o rosto e as mãos e logo saiu clarear um pouco a mente. Estirou os músculos ociosamente e passeou pelo centro do povoado.

A meio caminho, um ressonar de vozes animadas fora do Seven Sheaves lhe chamou a atenção. Virou-se, levado pela curiosidade, e pôs-se a andar para o botequim, onde enfrentou uma visão estranha. Havia um homem de média idade, envolto em um casaco de recortes de couro, sentado no alpendre. A seu lado havia um vulto adornado com as mandíbulas de prata próprias dos caçadores de peles. Uma dúzia de aldeãos escutava enquanto o homem gesticulava e dizia:

- Então, quando cheguei ao Therinsford, fui ver esse homem, Neil. Um homem bom e honesto. Na primavera e verão lhe ajudo com seus campos. Roran assentiu. Os caçadores passavam o inverno escondidos nas montanhas e voltavam na primavera para vender suas peles aos curtidores como Gedric e logo aceitavam trabalhos, em geral como camponeses. Como Carvahall era o povoado que ficava mais ao norte das Vertebradas, muitos caçadores de peles o cruzavam, era uma das razões pelas quais Carvahall tinha botequim, ferreiro e curtidor.

- Depois de umas poucas jarras de cerveja... Já sabem, para lubrificar a fala depois de meio ano sem pronunciar palavra, salvo por alguma blasfêmia contra o mundo e contra tudo cada vez que perco um cão de caça de ursos... Aproximei-me de Neil, com a geada ainda fresca em minha barba, e começamos a contar fofocas. À

medida que avançou a conversa, fui perguntando pelas questões sociais, que notícias havia do Império ou do rei, que assim apodreça com gangrena e chagas na boca. Algum nascimento, morte ou desterro que merecesse a pena conhecer? E então, sabem o que aconteceu? Neil se inclinou para frente, ficou tudo sério e disse que havia comentários, que chegavam rumores de

Dras-Leoa e de Gil'ead sobre estranhos sucessos ocorridos ali e que por toda Alagaésia. Os urgals quase desapareceram das terras civilizadas, assim se fossem com vento fresco, mas não há homem capaz de explicar por que, ou aonde foram. A metade dos negócios do Império desapareceu em conseqüência de incursões e ataques que, conforme ouvi, não podem ser obra de meros malfeitores, pois são muito abundantes e planejados. Ninguém rouba nada: só

queimam e danificam. Mas a coisa não acaba aí, ah, não, pelas barbas de minha avó. O caçador meneou a cabeça e bebeu um gole da bota de vinho antes de continuar:

- Murmura-se que uma Sombra espreita os territórios do norte. Viram-na nos limites do Du Weldenvarden e perto do Gil'ead. Dizem que tem os dentes afiados como pregos, os olhos vermelhos como o vinho e o cabelo tão encarnado como o sangue que bebe. Até pior, parece que algo tem feito nosso fino e louco monarca perder os estribos. Faz cinco dias, um malabarista do sul se deteve no Therinsford, em seu solitário caminho para o Ceunon, e contou que as tropas estavam se reunindo e se deslocavam para algum lugar, embora não lhe ocorria por que razão. - encolheu os ombros -. Tal como me ensinou meu pai quando era um bebê, pela fumaça se sabe onde está o fogo. Talvez sejam os varden. Deram muitos chutes no rabo do velho Ossos de Ferro nestes últimos anos. Ou possivelmente Galbatorix cansou finalmente de tolerar os Surda. Ao menos sabe onde está, não como os rebeldes. Esmagará Surda como um urso esmaga uma formiga, isso com certeza.

Roran pestanejou enquanto um matagal de perguntas acossavam o caçador. Mas bem se inclinava a pôr em dúvida as informações sobre uma Sombra - parecia-se muito com as histórias que inventam os lenhadores bêbados -, mas o resto soava tão mal que podia ser certo. Surda... A Carvahall chegava pouca informação sobre aquele país longínquo, mas ao menos Roran sabia que, embora Surda e o Império mantivessem uma paz aparente, os surdanos viviam com medo constante da invasão de seu vizinho do norte, mais poderoso. Por essa razão se dizia que Orin, seu rei, apoiava os varden.

Se o caçador tinha razão no que dizia de Galbatorix, isso podia implicar que o futuro lhes reservasse uma feia guerra, acompanhada de penúrias, aumento de impostos e partidas obrigatórias. “Preferiria viver em uma época carente de momentos transcendentais. A agitação faz que as nossas vidas, já por si difíceis, tornem-se quase impossíveis.”

-E ainda há mais, correm boatos sobre... - Aqui o caçador fez uma pausa e, com expressão de cumplicidade, levou-se um índice ao flanco do nariz -. Sobre um novo Cavaleiro em Alagaésia.

Logo soltou uma gargalhada forte e profunda e golpeou o próprio ventre enquanto se balançava no alpendre.

Roran também riu. A cada poucos anos apareciam novas histórias de Cavaleiros. As primeiras duas ou três vezes tinham despertado seu interesse, mas logo tinha aprendido a não confiar naqueles boatos, pois todos terminavam em nada. Os rumores não eram mais que a expressão das ilusões de quem desejava um futuro melhor.

Estava a ponto de partir quando percebeu que Katrina estava em um canto do botequim, embelezada com um comprido vestido encarnado, decorado com cintas verdes. Estava olhando para ele com a mesma intensidade com que ele a olhava. Aproximou-se, colocou-lhe uma mão no ombro e saíram juntos. Caminharam para o limite do Carvahall, onde ficaram olhando as estrelas. O

céu brilhava e tremia com milhares de fogos celestiais. Arqueada sobre suas cabeças, do norte ao sul, estendia-se o glorioso céu estrelado que ia de horizonte a horizonte, como um pó de diamantes solto por um lapidador.

Sem olhá-lo, Katrina apoiou a cabeça no ombro do Roran e perguntou:

- Que tal te foi o dia?

- Voltei para casa.

Notou que ela ficou rígida.

- Como estava?

- Ruim. - Falhou-lhe a voz. Guardou silêncio e a abraçou com força. O aroma de seu cabelo acobreado junto à bochecha era como um elixir de vinho, especiarias e perfume. Penetrava no mais profundo de seu ser, quente e reconfortante -. A casa, o celeiro, os campos, tudo está sendo coberto. Se não soubesse onde procurar, não a teria encontrado.

Por fim, ela se virou para olhar para ele, com o brilho das estrelas no olhar e a dor no rosto.

- Oh, Roran... - Deu-lhe um beijo, apenas de leve, roçando os seus lábios -. você agüentou tantas perdas e, entretanto, nunca lhe abandonaram as forças. Voltará

para sua fazenda?

- Sim. Só sei cultivar campos.

- E o que será de mim?

Roran não sabia. Desde que começara a cortejá-la, os dois tinham suposto que acabariam se casando. Não tinha sido necessário falar de suas intenções: estavam claras como a água. Por isso a pergunta o inquietou. Também lhe pareceu pouco oportuno expor a questão de uma maneira tão aberta, quando ele não estava em condições de lhe fazer uma proposta concreta. Era ele quem devia expor as coisas - primeiro a Sloan e depois a Katrina -, e não ela. Mesmo assim, como já tinha expressado sua preocupação, tinha que lhe dar alguma resposta.

- Katrina... Não posso falar com seu pai tal como tinha previsto. Ele riria de mim com todo o direito do mundo. Temos que esperar. Quando tiver um lugar onde possamos viver e já tiver colhido a primeira colheita, então ele me escutará. Ela olhou para o céu uma vez mais e

sussurrou algo tão fracamente que ele não chegou a entender.

- O que?

- Acho que você tem medo.

- Claro que não!

- Então tem que conseguir a permissão dele amanhã mesmo e preparar o compromisso. Faça-o entender que, embora agora não tenha nada, me dará um bom lar e será um genro de que possa mostrar-se orgulhoso. Tendo em conta nossos sentimentos, não há razão alguma para que desperdicemos anos vivendo separados.

- Não posso fazer isso - respondeu Roran com um tom de desânimo, ansioso porque ela o entendesse -. Não posso te manter, não posso...

- Você não entende? - Ela se separou dele, e sua voz se aguçou com a urgência -. Eu te amo, Roran, e quero estar contigo, mas meu pai tem outros planos para mim. Há homens com mais chances que você de serem escolhidos, e quanto mais você demora, mais ele me pressiona para que aceite o parceiro que escolheu para mim. Teme que me torne uma velha solteirona, e eu também temo. Não me sobra tanto tempo, nem há no Carvahall tantos homens para escolher. Se for obrigada a escolher outro, farei isso.

As lágrimas brilhavam em seus olhos enquanto o escrutinava com o olhar, esperando sua resposta. Logo recolheu as barras do vestido e saiu correndo para casa. Roran ficou ali, paralisado pela impressão. Sua ausência lhe provocava uma dor tão aguda como a perda da fazenda: o mundo se tornava de repente frio e inóspito. Era como se lhe tivessem arrancado uma parte de si mesmo.

Passaram-se horas antes que pudesse voltar para casa de Horst e meter-se na cama.

Os caçadores caçados

O pó rangia sob as botas de Roran enquanto descia para o vale, frio e escuro nas horas iniciais da manhã nublada. Baldor o seguia de perto, e os dois levavam arcos esticados. Nenhum dos dois falou enquanto estudavam a trilha em busca de rastros dos veados.

- Aí - disse Baldor em voz baixa, enquanto assinalava uma série de rastros que se encaminhavam a um sarçal na borda do Anora.

Roran assentiu e pôs-se a andar seguindo o rastro. Como parecia do dia anterior, arriscou-se a falar:

- Posso te pedir um conselho, Baldor? Parece que você entende bem as pessoas.

- É obvio. Do que se trata?

Durante um longo momento, não soou mais nenhum ruído além dos seus passos.

- Sloan quer casar Katrina, e não precisamente comigo. Cada dia que passa, aumenta a possibilidade de que arrume um matrimônio segundo seus interesses.

- E o que diz Katrina?

Roran encolheu os ombros.

- É seu pai. Não pode seguir desafiando sua vontade enquanto o homem a quem quer não dê um passo a frente e a peça.

- Ou seja, você.

- Isso.

- E por isso você se levantou tão cedo.

Não era uma pergunta.

De fato, Roran estava tão preocupado que não tinha podido dormir. Passou toda a noite pensando em Katrina, procurando encontrar uma solução para seu problema.

- Não suportaria perdê-la. Mas não acredito que Sloan nos dê sua bênção, tendo em conta a situação em que me encontro.

- Não, acredito que não aceite isso - concedeu Baldor. Olhou para Roran com o canto do olho -. De qualquer modo, que conselho queria me pedir?

Roran deixou escapar um suspiro.

- Como posso convencer Sloan do contrário? Como posso resolver este problema sem provocar um duelo de sangue? - Ergueu as mãos -. O que devo fazer?

- Tem alguma idéia?

- Sim, mas nenhuma me agrada. Me ocorreu que Katrina e eu podíamos nos limitar a anunciar que estamos comprometidos, embora ainda não estejamos, e enfrentar as conseqüências. Isso obrigaria Sloan a aceitar nosso compromisso. Baldor franziu as sobrancelhas. Logo disse com cuidado:

- Talvez, mas isso também provocaria vários sentimentos negativos em todo Carvahall. Poucos aprovariam sua atitude. E tampouco seria muito sábio de sua parte obrigar Katrina a escolher entre você e sua família, poderia lhe jogar isso na cara com o passar dos anos.

- Eu sei, mas que alternativa tenho?

- Antes de dar um passo tão drástico, recomendo que tente ganhar Sloan como aliado. Afinal, tem alguma chance de triunfar se ele entender que ninguém mais vai querer se casar com Katrina se ela se zangar. Sobretudo se você estiver disponível para lhe pôr os chifres no marido. - Roran fez uma careta e manteve o olhar fixo no chão. Baldor riu - Se fracassar... Bom, então pode agir com confiança, sabendo que fez tudo o que estava em suas mãos. E será menos provável que as pessoas te condenem por quebrar a tradição. Ao contrário, considerarão que Sloan o terá ganhado por ser teimoso.

- Nenhum dos dois caminhos é fácil.

- Isso você já sabia antes de começar. - Baldor voltou a adotar uma expressão sombria. - Sem dúvida, haverá algo mais que palavras se desafiar Sloan, mas no final a coisa se acalmará. Talvez não chegue a ser bom, mas sim suportável. Além de Sloan, só ofenderá a dissimulados como Quimby, embora para mim é um mistério que Quimby seja capaz de destilar uma bebida tão forte e ao mesmo tempo ser tão triste e tão amargo.

Roran assentiu. No Carvahall, as rixas podiam ferver em fogo lento durante muitos anos.

- Me alegro de que tenhamos falado. Foi...

Titubeou, pensando nas conversas que estava acostumado a ter com Eragon. Tinha sido reconfortante saber que existia alguém disposto a escutá-lo, em qualquer momento e circunstância. E saber que essa pessoa o ajudaria sempre, custasse o que custasse.

A falta desse tipo de vínculo fazia que se sentisse vazio.

Baldor não o pressionou para que terminasse a frase e se deteve para beber da bota de água. Roran continuou alguns metros mais e parou ao notar um aroma que penetrava entre seus pensamentos.

Era um aroma espesso de carne queimada e ramos de pinheiro chamuscados.

“Quem pode estar aqui, além de nós?” Respirou fundo e deu uma volta para determinar de onde vinha o fogo. Uma leve rajada lhe chegou do outro lado do caminho, carregada de fumaça quente. O aroma de comida era tão intenso que lhe encheu a boca de água. Chamou Baldor com um gesto, que se apressou a chegar a seu lado.

- Está sentindo esse cheiro?

Baldor assentiu. Retornaram juntos ao caminho e o seguiram para sul. Umas dezenas de metros mais à frente, o atalho contornava um bosque de álamos e desaparecia da vista. Ao se aproximarem da curva, chegaram-lhes umas vozes oscilantes, abafadas pela espessa capa de bruma matinal que cobria o vale. Ao chegar a borda do bosque, Roran se deteve. Surpreender um grupo que também podia ter saído para caçar era uma estupidez. Mesmo assim, algo lhe preocupava. Talvez fosse o número de vozes, o grupo parecia mais numeroso que qualquer família do vale. Sem pensar, saiu do caminho e se meteu entre a vegetação que bordejava o

bosque.

- O que está fazendo? - perguntou Baldor.

Roran levou um dedo aos lábios e logo avançou abaixado, em paralelo ao caminho, procurando que seus pés fizessem o menor ruído possível. Ao dobrar a curva, ficou paralisado.

Na erva, junto ao caminho, havia um acampamento de soldados. Trinta elmos brilhavam sob os raios de luz matinal enquanto seus donos devoravam alguma ave e um guisado que se cozinhava em mais de um fogo. Embora os homens estivessem salpicados de barro e manchados pela viagem, o signo do Galbatorix permanecia visível em suas túnicas vermelhas. Levavam bandoleiras de pele carregadas de pedaços de ferro debruados, malhas e armas. Quase todos os soldados levavam um sabre, embora houvesse meia dúzia de arqueiros e outros tantos conduzissem alabardas de aspecto sinistro.

Deitados entre eles se encontravam dois corpos negros retorcidos que Roran reconheceu pelas numerosas descrições que lhe tinham dado os aldeãos ao voltar do Therinsford: quando estranhos tinham destruído sua fazenda. Isso lhe gelou o sangue.

“São servos do Império!” Começou a caminhar, e seus dedos já alcançavam o arco quando Baldor lhe agarrou o espartilho e o atirou ao chão.

- Não faça isso. Fará que matem a nós dois.

Roran o fulminou com o olhar e logo soltou um grunhido:

- São... São esses bodes. - calou-se ao se dar conta de que suas mãos tremiam -. retornaram!

- Roran - murmurou Baldor atentamente -, você não pode fazer nada. Olhe, trabalham para o rei. Inclusive se conseguisse escapar, se tornaria um fugitivo em qualquer lugar que fosse, e provocaria um desastre no Carvahall.

- O que querem? O que podem querer?

“O rei. Por que permitiu Galbatorix que torturassem meu pai?”

- Se não obtiveram o que queriam de Garrow e Eragon escapou com o Brom, então pode ser que busquem você. - Baldor guardou silêncio para permitir que suas palavras surtissem efeito -. Temos que voltar e avisar todo mundo. E você tem que se esconder. Só esses seres estranhos têm cavalos. Se corrermos, podemos chegar antes deles.

Roran olhou através da vegetação, em direção aos soldados, alheios a sua presença. O coração pulsava com uma força selvagem em busca de vingança, desejava atacar e lutar, queria ver aqueles dois causadores de sua desgraça atravessados pelas flechas e submetidos a suas próprias leis. Não importava que ele morresse, em troca de lavar sua dor e sua pena em

um momento. Só tinha que abandonar sua posição. O resto aconteceria naturalmente.

Só um pequeno passo.

Conteve um soluço, apertou o punho e baixou o olhar. “Não posso abandonar a Katrina.” Permaneceu rígido, apertou as pálpebras com força e logo, com uma lentidão dolorosa, começou a arrastar-se para trás.

- Então, vamos para casa.

Sem esperar que Baldor reagisse, depois de sair ao caminho aberto, Roran diminuiu o passo e manteve um cômodo trote até que seu amigo esteve a seu lado. Logo disse:

- Não conte nada a ninguém. Falarei com o Horst.

Baldor assentiu, e puseram-se a correr.

Ao fim de três quilômetros, detiveram-se para beber e descansar um pouco. Depois de recuperar o fôlego, seguiram pelas colinas baixas que levavam ao Carvahall. Embora a terra arada dificultava grandemente seu avanço, logo tiveram o povoado à

vista.

Roran se dirigiu imediatamente à forja e deixou que Baldor fosse ao centro do povoado. Enquanto corria entre as casas, Roran arquitetava planos malucos para fugir dos estranhos ou para matá-los sem provocar a ira do Império. Entrou de repente na forja e surpreendeu Horst cravando um prego na lateral do carro de Quimby e cantando:

... OH, OH!

Com um tin e com um tom,

como ressona o velho metal.

Com um golpe e um batimento do coração nos ossos da terra,

dobrei o velho metal!

Horst deteve o martelo no ar ao ver Roran.

- O que aconteceu, moço? Baldor está ferido?

Roran negou com a cabeça e se inclinou para frente, arquejando para recuperar o fôlego. Quase em golpes, conseguiu explicar o que tinha visto e suas possíveis implicações, sobre tudo que agora ficava claro, que os estranhos eram agentes do Império.

Horst manuseou a barba.

- Você tem que sair do Carvahall. Pegue um pouco de comida em casa e leve minha égua. Ivor levou-a para arrancar tocos. Vá para os contrafortes. Quando soubermos o que os soldados querem, enviarei Albriech ou Baldor como mensageiro.

- O que dirá se perguntarem por mim?

- Que saiu para caçar e não sabemos quando voltará. Não deixa de ser verdade, e duvido que se arrisquem a meter-se no bosque por medo de perdê-lo. Isso, caso que procurem por você.

Roran assentiu, deu a volta e foi correndo para a casa de Horst. Uma vez dentro, agarrou os ferramentas agrícolas e os alforjes da égua, fez rapidamente uma marmita com nabos, beterrabas, um pouco de carne-seca e uma barra de pão que guardou em uma manta, agarrou um pote e saiu voando. Apenas se deteve para expor a situação a Elain.

Enquanto corria para o este, desde o Carvahall para a fazenda de Ivor, sentia os mantimentos como um estranho vulto em seus braços. Ivor estava trás da fazenda e atiçava à égua com uma vara de salgueiro enquanto o animal se esforçava para arrancar as peludas raízes de um olmo.

- Venha! - gritava o fazendeiro -. Empurre com o lombo!

A égua tremia pelo esforço e soltava espuma pela boca. Ao fim, com um último puxão o toco tombou de lado e as raízes ficaram de barriga para cima, como dedos de uma mão retorcida. Ivor deu um puxão nas rédeas para que parasse e lhe acariciou o lombo com bom humor.

- Muito bem... Acabou.

Roran o saudou de longe e, quando chegou a seu lado, assinalou à égua.

-Tenho que levá-la.

Explicou as razões. Ivor amaldiçoou e começou a soltar à égua, entre grunhidos.

- Sempre sou interrompido quando começo a trabalhar. Nunca antes. Cruzou-se de braços e franziu o cenho enquanto Roran, concentrado em seu trabalho, rodeava a cadeira. Quando estava preparado, montou de um salto, com o arco na mão.

- Lamento atrapalhar, mas não posso evitar.

- Bem, não se preocupe. Se assegure que não te peguem.

- Farei isso.

Enquanto cravava os calcanhares nos flancos da égua, Roran ouviu que Ivor gritava:

- E não te esconda no meu regato!

Sorriu, meneou a cabeça e se inclinou sobre o pescoço segurando os arreios. Logo alcançou

os contrafortes das Vertebradas e galopou para as montanhas que formavam o limite norte do vale do Palancar. Uma vez ali, escalou até um ponto da ladeira de onde podia observar Carvahall sem ser visto. Logo amarrou o cavalo e se acomodou para esperar.

Roran estremecia enquanto olhava para os picos escuros. Não gostava de estar tão perto das Vertebradas. Quase ninguém do Carvahall se atrevia a pisar na cadeia montanhosa, e era comum que quem assim o fazia não conseguia retornar. Não passou muito tempo antes que Roran visse os soldados partindo pelo caminho em fila dupla, com duas figuras de mau augúrio encabeçando as filas. Ao chegar ao limite do Carvahall, deteve-os um grupo andrajoso de homens, alguns armados com lanças. Ambos os grupos falaram e logo ficaram frente a frente, como cães rosnando que só esperassem saber quem atacaria antes. No final de um longo momento, os homens do Carvahall se colocaram de lado e deixaram os intrusos passarem.

“E agora o que?”, perguntou-se Roran, balançando-se abaixado. Ao entardecer, os soldados instalaram seu acampamento em um terreno junto ao povoado. Suas tendas formavam um bloco baixo e cinza que emitia estranhas sombras enquanto as sentinelas patrulhavam ao redor. No centro do bloco, uma grande fogueira enviava colunas de fumaça para o céu.

Roran também tinha acampado e agora se limitou a contemplar e a pensar. Sempre tinha dado por certo que, depois de destruir sua casa, os estranhos tinham encontrado o que procuravam, ou seja, a pedra que Eragon havia trazido das Vertebradas. “Será que não a encontraram – decidiu. - Ou melhor, Eragon conseguiu fugir com a pedra... Talvez pensasse que devia protegê-la.” Franziu o cenho. Com isso começava a explicar a fuga de Eragon, mas a Roran ainda parecendo muito exagerado.

“Seja pelo que for a pedra tem que ser um magnífico tesouro para que o rei envie tantos homens para procurá-la. Não entendo por que é tão valiosa. Talvez seja mágica.”

Respirou fundo aquele ar frio e prestou atenção no ulular de um burro. Percebeu um movimento. Olhou montanha abaixo e viu que um homem se aproximava pelo bosque. Roran se escondeu atrás de uma rocha, com o arco preparado. Esperou até estar seguro de que se tratava do Albriech e logo assobiou brandamente. Albriech chegou em seguida à rocha. Levava às costas um fardo carregado e, ao deixá-lo no chão, soltou um grunhido.

- Pensei que não te encontraria.

- Surpreende-me que o tenha feito.

- Não posso dizer que tenha desfrutado do passeio pelo bosque depois do pôrdo-sol. Em todo momento temia me encontrar com um urso, ou com algo pior. As Vertebradas não são um bom lugar para um homem, essa é minha opinião. Roran voltou a olhar para o Carvahall.

- Bom, por que eles vieram?

- Querem tomar você sob sua custódia. Estão dispostos a esperar tanto quanto necessário até

que você volte de “caçar”.

Roran se sentou de repente e sentiu nas tripas o aperto da antecipação.

- Deram alguma razão? Mencionaram a pedra?

Albriech negou com a cabeça.

- A única coisa que disseram é que é um assunto do rei. Levaram o dia todo fazendo perguntas a respeito de Eragon e de você, não lhes interessa mais nada. - Hesitou por um momento. - Ficaria com você, mas se amanhã notarem que não estou, vão perceber. Eu trouxe muita comida e mantas, além de alguns bálsamos de Gertrude se por acaso você se machucar. Você não ficará tão mau.

Roran invocou suas energias para sorrir.

- Obrigado pela ajuda.

- Qualquer um faria isso - respondeu Albriech com um envergonhado encolhimento de ombros. Já começava a ir quando, olhando por cima do ombro, acrescentou: - Por certo, esses dois estranhos... Chamam-nos ra'zac. **A promessa da Saphira**

À manhã seguinte de seu encontro com o Conselho de Anciões, Eragon limpava e engraxava a sela da Saphira - com cuidado para não se extenuar - quando Orik apareceu para visitá-lo. O anão esperou que Eragon terminasse uma correia e logo perguntou:

- Você está melhor hoje?

- Um pouco.

- Bem, todos precisam recuperar as forças. Vim em parte para saber como estava e em parte porque Hrothgar quer falar com você, se estiver disponível. Eragon dirigiu um sorriso irônico para o anão.

- Para ele sempre estou disponível. Acho que já sabe.

Orik riu.

- Ah, mas é mais educado pedir amavelmente. - Enquanto Eragon deixava a sela, Saphira saiu de seu canto acolchoado e saudou Orik com um grunhido amistoso. - Bom dia também para você - disse com uma reverência.

Orik os levou por um dos quatro corredores principais do Tronjheim para a câmara central e as duas escadas as gêmeas que desciam em curvas para o salão do trono do rei dos anões, no subsolo. Antes de chegar à câmara, entretanto, o anão tomou outra escada menor que descia. Eragon demorou um pouco para perceber que Orik tinha tomado um caminho lateral para não

ter que ver os restos destroçados do Isidar Mithrim.

Detiveram-se ante umas portas de granito com uma coroa de sete pontas gravada. A cada lado da entrada havia sete anões trajando armaduras, que golpearam simultaneamente o chão com os cabos de suas lanças. Enquanto ressonava o eco do golpe da madeira contra a pedra, as porta se abriram para dentro. Eragon se despediu de Orik com um gesto e logo entrou na escura sala com Saphira. Avançaram para o trono distante, passando ante as rígidas estátuas, de antigos reis anões. Próximo do pesado trono negro, Eragon fez uma reverência. O rei devolveu o gesto inclinando a cabeça, coberta com sua cabeleira chapeada, e os rubis incrustados em seu elmo de ouro brilharam brandamente sob a luz como faíscas de ferro incandescente. Volund, o martelo de guerra, descansava sobre suas pernas fortes. Hrothgar falou:

- Assassino de Sombras, seja bem vindo a meu salão. Fez muitas coisas desde que nos vimos pela última vez. E, conforme parece, demonstrou-se que me equivoquei com Czar'roc. A espada do Morzan será bem vinda no Tronjheim sempre que for você quem a leve.

- Obrigado - respondeu Eragon, ao mesmo tempo em que se levantava.

- Além disso - trovejou o anão -, queremos que conserve a armadura que usou na batalha de Farthen Dür. Agora mesmo nossos mais hábeis ferreiros já a estão reparando. O mesmo ocorre com a armadura da dragona, e quando estiver restaurada, Saphira poderá usá-la sempre que quiser, ou ao menos até que fique pequena. É o mínimo que podemos fazer para lhes demonstrar nossa gratidão. Se não fosse pela guerra com Galbatorix, haveria banquetes e celebrações em seu nome... Mas isso terá

que esperar até um momento mais oportuno.

Eragon colocou seus sentimentos e de Saphira em palavras:

- Sua generosidade supera nossas maiores expectativas. Apreciamos seus nobres presentes.

Aparentemente o rei parecia claramente satisfeito, Hrothgar apertou bem juntas as sobrancelhas e grunhiu:

- De qualquer modo, não podemos perder tempo com gentilezas. Os clãs me acossam com a exigência de que tome alguma decisão com respeito à sucessão do Ajihad. Ontem, quando o Conselho de Anciões proclamou que daria seu apoio a Nasuada, provocou um alvoroço como não se via desde que eu subi ao trono. Os chefes tinham que decidir se aceitavam Nasuada ou procuravam outro candidato. A maioria chegou à conclusão de que Nasuada deveria liderar os varden, mas eu quero conhecer sua opinião sobre este assunto, Eragon, antes de apoiar com minha palavra a uns ou outros. O pior que um rei pode fazer é parecer estúpido. *Até onde podemos lhe contar?* -perguntou Eragon a Saphira, enquanto pensava depressa.

Sempre nos tratou com nobreza, mas não sabemos o que terá prometido a outros. Será melhor que tomemos cuidado até que Nasuada tenha tomado o poder. Muito bem.

- Saphira e eu aceitamos ajudá-la. Não nos oporemos a sua ascensão. E... - Eragon se perguntou se estaria indo muito longe - rogo-lhe que faça o mesmo, os varden não podem se permitir uma briga entre eles. Necessitam de unidade.

-*Oeí - disse* Hrothgar, recostando-se no trono -, você fala com uma autoridade nova. É uma boa sugestão, mas vai lhe custar uma pergunta: acredita que Nasuada saberá nos liderar com sabedoria, ou há outras razões para escolhê-la?

É uma prova -advertiu Saphira. - *Quer saber por que a apoiamos.* Eragon notou que seu lábio se estirava em um meio sorriso.

- Acredito que é mais sábia e ardilosa do que a sua idade supõe. Será boa para os varden.

- E por isso a apóia?

- Sim.

Hrothgar assentiu e coçou sua larga e nívea barba.

- Isso me alivia. Ultimamente ninguém se ocupou muito do bem e do mal, e sim em busca do poder individual. É difícil contemplar tanta idiotice e não se zangar. Um incômodo silêncio se instalou entre eles, afogando a ampla sala do trono. Para rompê-lo, Eragon perguntou:

- O que acontecerá a dragonera? Construirão um chão novo?

Pela primeira vez, os olhos do rei mostraram seu dilema, e as rugas que os rodeavam voltaram mais profundas, estendidas como raios de uma roda de carreta. Eragon nunca tinha visto um anão tão perto do pranto.

- Terá que falar muito antes que se possa tomar essa medida. O que fizeram Saphira e Arya foi terrível. Talvez necessário, mas terrível. Ah, talvez tivesse sido melhor se os urgals tivessem nos derrotado, que aceitar que Isidar Mithrim se quebrasse. O coração do Tronjheim feito em pedacinhos, e o nosso, também. Hrothgar levou um punho ao peito e logo abriu lentamente a mão e a abaixou para agarrar o punho do Volund, coberta de couro.

Saphira entrou em contato com a mente de Eragon. Este percebeu diversas emoções, mas o que mais lhe surpreendeu foi notar seu remorso e seu sentimento de culpa. Lamentava verdadeiramente a perda da Rosa Estrelada, por mais necessária que tivesse sido.

Pequenino -disse a dragona, - *me ajude. Preciso falar com Hrothgar. Pergunte a ele: os anões têm a capacidade de reconstruir Isidar Mithrim a partir dos fragmentos?*

Quando Eragon repetiu suas palavras, Hrothgar murmurou algo em seu próprio idioma e logo disse:

- Sim temos essa capacidade, mas de que serviria? Essa tarefa levaria meses, ou anos, e o

resultado final seria uma imitação grosseira da beleza que antigamente brilhou no Tronjheim. É uma humilhação que não passarei.

Saphira ficou olhando para o rei sem pestanejar.

Agora lhe diga isto: Se conseguirem reunir de novo os fragmentos do Isidar Mithrim sem que falte uma só peça, acredito que eu poderia recuperá-la t. Eragon a olhou boquiaberto e, em sua surpresa, se esqueceu de Hrothgar. *Saphira! Isso requereria muita energia! Você mesma me disse que não pode usar a magia a vontade. O que te faz pensar que seria capaz de obtê-lo?*

Posso fazê-lo se for suficientemente necessário. Será meu presente aos

anões. Lembre-se da tumba de Brom, isso deveria bastar para anular suas dúvidas. E

feche a boca: é muito feio, e o rei te está olhando.

Quando Eragon traduziu a proposta da Saphira, Hrothgar ficou ereto e exclamou:

- É possível? Nem sequer os elfos poderiam tentar semelhante proeza.

- Ela confia em suas habilidades.

- Então reconstruiremos Isidar Mithrim, embora nos custe cem anos. Montaremos um marco para a jóia e poremos cada peça em seu lugar original. Não esqueceremos nenhuma só lasca. Inclusive se tivermos que quebrar as peças maiores para poder transportá-las, faremos isso com toda nossa sabedoria sobre o trabalho com gemas, para que não se perca nenhum pedaço pequeno, nem sequer o pó. Logo vocês virão, quando tivermos terminado, e curarão a Rosa Estrelada.

-Viremos - confirmou Eragon, com uma reverência. Hrothgar sorriu e foi como se um muro de granito se rachasse.

- Você me deu muita alegria, Saphira. De novo volto a sentir uma razão para viver e para mandar. Se fizer isso, os anões de todo o mundo honrarão seu nome durante gerações incontáveis. Partam agora com minha bênção, enquanto eu faço a notícia correr entre os clãs. E não se sintam obrigados a esperar que seja eu quem o anuncie, pois esta notícia não deve ser negada a nenhum anão: digam a quem quer que encontrem. Que ressonem os salões com o júbilo de nossa raça. Depois de uma última reverência, Eragon e Saphira se foram e deixaram o rei anão sorrindo em seu trono. Ao abandonar a sala, Eragon contou a Orik o que tinha ocorrido. O anão se inclinou imediatamente e beijou o chão em frente a Saphira. Levantou-se com um sorriso e afagou Eragon no braço, ao mesmo tempo em que lhe dizia:

- Uma maravilha, sem dúvida. Deu-nos exatamente a esperança que necessitávamos para enfrentar aos últimos fracassos. Esta noite correrá muita bebida.

- E amanhã será o funeral.

Orik se conteve por um momento.

- Amanhã, sim. Mas até então não permitiremos que nos incomode nenhum pensamento ruim. Venham!

O anão tomou Eragon pela mão e o levou pelas vísceras do Tronjheim até um grande salão de banquetes onde havia muitos anões sentados em frente a mesas de pedra. Orik saltou sobre uma delas, derramando pratos pelo chão, e com voz ensurdecedora proclamou as notícias sobre Isidar Mithrim. Os gritos e os vivas quase ensurdeceram Eragon. Um por um, os anões insistiram em aproximar-se da Saphira e beijar o chão em frente a ela, tal como Orik tinha feito. Logo abandonaram a comida e encheram suas jarras de pedra com cerveja e hidromel.

Eragon se surpreendeu com a alegria com que ele mesmo se juntava aos festejos. Ajudava-lhe a se liberar da melancolia que alagava seu coração. Entretanto, tentou resistir à dissipação total, estava consciente das tarefas que lhe esperavam no dia seguinte e queria ter a cabeça limpa.

Inclusive Saphira tomou um gole de hidromel, e como gostou, os anões trouxeram rolando um tonel para ela. Baixando suas poderosas mandíbulas para o lado aberto do tonel, esvaziou-o em três largos goles, depois elevou a cabeça para o teto e arrotou uma gigantesca língua de fogo. O que custou a Eragon vários minutos para convencer os anões de que podiam aproximar-se dela de novo sem temor, mas a seguir lhe trouxeram outro tonel - fazendo ouvidos surdos aos protestos do cozinheiro - e contemplaram com assombro como também o esvaziava.

À medida que Saphira ia se embebedando, suas emoções e pensamentos percorriam a mente de Eragon cada vez com mais força. Isso tornava difícil contar com a informação de seus próprios sentidos: a visão de dragona começou a impor-se sobre a sua, os movimentos eram imprecisos e as cores mudavam. Inclusive os aromas que percebia estavam trocados e voltavam mais agudos e mordazes. Os anões ficaram cantando juntos. Cambaleando, Saphira os acompanhava com um cantarolando e rematava cada verso com um rugido. Eragon abriu a boca para se juntar a eles, mas se surpreendeu que, em vez de palavras, brotasse dela o grunhido áspero da voz do dragão. “Isto - pensou, meneando a cabeça - está indo muito longe... Ou será que estou bêbado?” Decidiu que não importava e ficou cantando buliciosamente, agora com sua voz ou com a voz do dragão.

Foram chegando mais e mais anões ao salão à medida que se as notícias sobre Isidar Mithrim corriam. Logo havia centenas deles em torno das mesas e formaram uma grande roda de pessoas em torno de Eragon e Saphira. Orik chamou os músicos, que se instalaram em um lugar e tiraram seus instrumentos das capas de veludo verde. Logo, douradas melodias de harpas, alaúdes e flautas chapeadas flutuavam sobre a multidão.

Passaram muitas horas antes que o ruído e a excitação começassem a diminuir. Quando isso

ocorreu, Orik subiu de novo à mesa. Ficou ali plantado, com os pés bem separados para manter o equilíbrio, sua jarra na mão, a boina de forro metálico inclinada, e exclamou:

- Escutem! Escutem! Por fim celebramos algo como se deve. Os urgals se foram, a Sombra morreu e vencemos! - Todos os anões golpearam as mesas em sinal de aprovação. Era um bom discurso: curto e no ponto. Mas Orik não tinha terminado -: Por Eragon e Saphira! - rugiu, elevando a jarra.

Isso também foi bem recebido.

Eragon se levantou e fez uma reverência, gesto que provocou mais exclamações. A seu lado, Saphira deu um passo atrás e cruzou um antebraço pelo peito, com a intenção de replicar seu movimento. Cambaleou, e os anões, conscientes do perigo que corriam, dispersaram-se brincando de correr. Afastaram-se bem a tempo. Com um sonoro bufo, Saphira caiu para trás e ficou tombada em uma das mesas. Eragon sentiu uma grande dor nas costas e caiu sem sentido junto à cauda do dragão.

Réquiem

- Acorde, Knurlheim! Agora não pode mais dormir. Necessitam de nós na porta. Não podem começar sem nós.

Eragon se obrigou a abrir os olhos, consciente de que lhe doía a cabeça e tinha o corpo machucado. Estava curvado em uma fria mesa de pedra.

- O que?

Fez uma careta de desgosto assim que notou o sabor de mar na boca. Orik penteava a barba escura.

- A procissão de Ajihad. Temos que estar presentes!

- Não, como você me chamou?

Estavam ainda na sala de banquetes, mas não havia ninguém mais além dele, Orik e Saphira, que continuava deitada a seu lado, entre duas mesas. O dragão se agitou, elevou a cabeça e lançou um olhar com cara de sonho.

- Cabeça de pedra! Chamei você de cabeça de pedra porque faz quase uma hora que estou tentando te acordar.

Eragon conseguiu erguer-se e se desceu da mesa. Alguns relâmpagos de lembranças da noite anterior abriram caminho em sua mente.

Saphira, como está? -perguntou, enquanto se aproximava dela aos tropicões. Ela girou a cabeça de um lado a outro e passou a língua pelos dentes, como um gato que tivesse comido

algo desagradável.

Acredito que... inteira. Tenho uma sensação estranha na asa esquerda, acredito que caí sobre ela. E sinto a cabeça cheia de mil flechas.

- Feriu alguém ao cair? - perguntou Eragon.

Do peito largo do anão brotou uma gargalhada.

- Só os que caíram das cadeiras de tanto rir. Uma dragona bêbada fazendo reverências! Estou seguro de que cantarão baladas sobre isto durante décadas. - Saphira moveu as asas e, afetada, desviou o olhar. - Como não podíamos te mover, achamos que era melhor te deixar aqui. O cozinheiro chefe se zangou muito. Tinha medo de que continuasse bebendo o melhor de sua adega, além dos quatro tonéis que bebeu.

E isso por que uma vez brigou comigo por beber! Se eu chegar a tomar quatro tonéis, mataria-me.

Por isso você não é um dragão.

Orik colocou um pacote de roupa entre os braços do Eragon.

- Venha, ponha isto. É mais apropriado para um funeral que o que está hora. Mas ande depressa, temos pouco tempo.

Eragon vestiu as roupas com dificuldade: uma camisa branca muito larga, com laços nos punhos, um colete vermelho decorado com tranças e encaixes dourados, calças escuras, botas negras reluzentes que ressoavam ao pisar no chão, e uma capa que se prendia ao pescoço com um broche. Em lugar da cinta de couro que estava acostumado a usar, para prender Czar'roc utilizou um cinturão ornamentado. Eragon jogou água no rosto e tentou arrumar um pouco o cabelo. Logo Orik insistiu para que abandonassem o salão e dirigiu-se para a porta sul do Tronjheim.

- Temos que sair por ali - explicou, ao mesmo tempo em que se deslocava com uma velocidade surpreendente para suas pernas curtas e troncudas, - porque é

onde se deteve há três dias a procissão com o corpo de Ajihad. Sua viagem para a tumba não pode se interromper, ou seu espírito não encontrará descanso. *Um velho costume* -assinalou Saphira.

Eragon se mostrou de acordo e logo notou que a dragona caminhava com certo desequilíbrio. No Carvahall estava acostumado a enterrar às pessoas em suas fazendas ou, se viviam na aldeia, em pequenos cemitérios. Como únicos rituais para acompanhar o processo, recitavam-se alguns versos de certas baladas e depois se organizava um banquete entre os parentes e amigos do falecido. *Poderá agüentar todo o funeral?* -perguntou ao ver que Saphira cambaleava de novo.

Ela fez uma breve careta.

Agüentarei isso e a nomeação da Nasuada, mas logo me fará falta dormir. Que um raio parta o hidromel!

Eragon reatou a conversação com Orik e lhe perguntou:

- Onde vão enterrar Ajihad?

Orik diminuiu o passo e olhou para Eragon com precaução:

- Isso foi motivo de enfrentamento entre os clãs. Quando morre um anão, acreditam que deve ficar encerrado em pedra, porque caso contrário não poderia se reunir com seus ancestrais. É algo complexo e não posso explicar mais detalhes a um estranho..., mas somos capazes de algumas coisas para nos assegurarmos de que se cumpra o enterro. A vergonha cai sobre qualquer família ou clã que permite que um dos seus descanse em um elemento menor.

“Por baixo do Farthen Dür há uma câmara que se converteu em lar de todos os knurlan que viviam aqui, todos anões. Levarão o Ajihad para lá. Não podem enterrálo conosco porque é humano, mas se preparou um quarto à parte consagrado para ele. Ali os varden poderão visitá-lo sem entrar em nossas grutas sagradas, e Ajihad receberá o respeito que merece”.

- Seu rei tem feito muito pelos varden - comentou Eragon.

- Alguns acham que muito.

Ante a grossa porta - elevada sobre janelas ocultas para deixar entrar a luz tênue do dia que penetrava no Farthen Dür - encontraram-se com uma fila cuidadosamente disposta. À frente descansava Ajihad, frio e pálido, sobre um féretro de mármore branco sustentado por seis homens embelezados com armaduras negras. Levava na cabeça um elmo coberto de pedras preciosas. Tinha as mãos entrelaçadas sobre o peito, apoiadas no punho de marfim de sua espada nua, que se estendia sob o escudo que lhe tampava o peito e as pernas. A malha de prata, que lançava brilhos de luz da lua, descansava em suas extremidades e se esparramava sobre o féretro. Nasuada estava muito perto do cadáver: grave, com uma capa da Marta, mantinha uma atitude forte, embora as lágrimas adornassem seu semblante. A um lado ia Hrothgar com roupa escura, logo depois, Arya, o Conselho de Anciões, todos eles com oportunas expressões de dor, finalmente, uma fila de enlutados formava uma fila que discorria pelo Tronjheim até além de um quilômetro e meio. Todas as portas e arcadas do vestíbulo de quatro pisos de altura que levava a câmara central do Tronjheim, a quase um quilômetro, estavam totalmente abertas e cheias de homens e anões. Entre os grupos de rostos cinzentos, as grandes tapeçarias se ondularam pela força das centenas de suspiros e sussurros que provocou a aparição da Saphira e Eragon.

Jórmundur lhes indicou por gestos que se aproximassem dele. Esforçando-se por não romper a formação, Eragon e Saphira avançaram pela fila até ocupar o espaço que havia a seu lado, ganhando um olhar de reprovação de Sabrae. Orik foi se postar atrás do Hrothgar.

Esperaram todos juntos, embora Eragon não sabia o que esperavam. Todas as tochas estavam tampadas pela metade, de tal modo que o ar ficava envolto em um frio crepúsculo que contribuía para uma sensação etérea no evento. Ninguém parecia mover-se, nem respirar sequer, por um breve instante, a Eragon pareceu que todos eram estátuas congeladas até a eternidade. Uma só fumaça de incenso se elevava do féretro, curvando-se para o teto à medida que estendia seu aroma de cedro e zimbro. Era o único movimento da sala: um látego que arqueava no ar, de lado a lado.

No mais fundo do Tronjheim, soou um tambor. Bum. A nota grave e sonora ressonou em seus ossos, fez vibrar a cidade-montanha e levantou nela um eco, como se tivesse soado um grande sino de pedra.

Deram um passo adiante.

Bum. Na segunda nota, outro tambor, mais grave, somou-se ao primeiro, cada pulsação rodava inexoravelmente pela sala. A força daquele som os impulsionava a avançar com passo majestoso. No tremor que os rodeava, não havia lugar para nenhum pensamento, a não ser tão somente para uma transbordante emoção que os tambores manipulavam com perícia para invocar as lágrimas e, ao mesmo tempo, uma agridoce alegria.

Bum.

Ao chegar ao final do túnel, os que carregavam o Ajihad se detiveram entre os pilares de ônix que levavam a câmara central. Ali, Eragon viu que os anões ficavam ainda mais solenes ao recordar Isidar Mithrim.

Bum.

Passaram por um cemitério de cristal. No centro da grande câmara havia um círculo de fragmentos empilhados que rodeavam o martelo e as estrelas de cinco pontas. Algumas partes eram maiores que Saphira. Os raios da safira estrelada seguiam brilhando em cada peça, e em algumas se viam ainda as pétalas da rosa gravada.

Bum.

Os que levavam o féretro seguiram avançando entre os incontáveis fios, agudos como navalhas. Logo a procissão virou a um lado e desceu os amplos degraus, que levavam aos túneis inferiores. Desfilaram por muitas cavernas e passaram por choças de pedra onde os meninos anões se aferravam a suas mães e olhavam com os olhos bem abertos.

Bum.

Com aquele crescendo final, detiveram-se debaixo de estriadas estalactites que pendiam sobre uma grande catacumba rodeada de nichos. Em cada um destes havia uma lápide com um nome e um emblema de algum clã gravados. Ali havia milhares, centenas de milhares de corpos enterrados. A única luz, tênue entre as sombras, vinha de umas poucas tochas vermelhas

espaçadas.

Ao cabo de um momento, os que levavam o féretro entraram em uma pequena sala anexa à câmara principal. No centro, sobre uma plataforma elevada, havia uma grande cripta aberta tendo a escuridão como espectador. Em cima, gravado sobre a pedra, podia-se ler:

Que todos, knurlan, humanos e elfos,

Recordem

Este homem.

Era nobre, forte e sábio.

Güntera Arüna

Quando os membros da procissão puderam reunir-se em torno da tumba, baixaram o corpo do Ajihad dentro da cripta, e quem o tinha conhecido pessoalmente teve permissão para aproximar-se. Eragon e Saphira eram os quintos da fila, atrás de Arya. Enquanto subia os degraus de mármore que lhe permitiriam ver o corpo, Eragon se viu sobressaltado por uma entristecedora sensação de dor, e sua angústia aumentou pelo fato de que para ele aquilo representava tanto o funeral do Ajihad como de Murtagh.

Quieto junto à tumba, Eragon baixou o olhar para o Ajihad. Parecia mais calmo e tranqüilo que em vida, como se a morte tivesse reconhecido sua grandeza e tivesse lhe honrado retirando qualquer sinal de suas preocupações mundanas. Eragon só tinha se relacionado com o Ajihad durante um breve período, mas tinha chegado a sentir respeito não só por sua pessoa, mas também pelo que representava: a liberação da tirania. Além disso, tinha sido o primeiro a lhe oferecer um refúgio seguro desde que ele e Saphira saíram do vale de Palancar.

Afetado, Eragon tentou pensar no melhor louvor que pudesse dizer. Ao final, um sussurro passou através do nó que prendia sua garganta:

- Será lembrado, Ajihad. Juro. Descanse em paz , pois deve saber que Nasuada continuará sua obra e o Império será derrotado graças a seus esforços. Percebeu que Saphira lhe tocava um braço e abandonou com ela a plataforma para permitir que Jórmundur ocupasse seu lugar.

Depois que todos tinham mostrado seus respeitos, Nasuada se inclinou sobre o Ajihad, tocou a mão de seu pai e a sustentou com amável urgência. Soltou um gemido e começou a cantar com um estranho e triste tom que levou seus lamentos por toda a caverna.

Então chegaram doze anões e deslizaram uma laje de mármore sobre o rosto do Ajihad. E este passou desta para a melhor.

Lealdade

Eragon bocejou e tampou a boca entre as pessoas que entravam no anfiteatro subterrâneo. Na espaçosa sala ricocheteava o eco de um tumulto de vozes que comentavam o funeral recém terminado.

Sentou-se na fileira mais baixa, no mesmo nível que o estrado. A seu lado estavam Orik, Hrothgar, Nasuada e o Conselho de Anciões. Saphira ficou no piso de onde partiam o degrau. Orik se inclinou para frente e disse:

- Desde Korgan, aqui se escolheram todos os nossos reis. É correto que os varden façam o mesmo.

“Ainda vamos ver - pensou Eragon - se a transmissão de poder acontecerá de modo pacífico.” esfregou um olho para retirar as lágrimas recentes, a cerimônia do funeral tinha lhe afetado.

Aos restos de sua dor se sobrepunha agora uma ansiedade que lhe retorcia as tripas. Preocupava-lhe seu próprio papel nos acontecimentos iminentes. Inclusive se tudo corresse bem, ele e Saphira ganharia inimigos poderosos. A mão descendeu para Czar'roc e se esticou em torno do punho.

O anfiteatro demorou alguns minutos em se encher. Logo Jórmundur subiu ao estrado.

- Povo dos varden, estivemos aqui na última vez há quinze anos, quando Deynor morreu. Seu sucessor, Ajihad, fez mais por opor-se ao Império e à Galbatorix que todos os seus antecessores. Ganhou incontáveis batalhas contra forças superiores. Esteve a ponto de matar a Durza e chegou a marcar um entalhe no fio da espada da Sombra. E por cima de tudo, acolheu no Tronjheim o Cavaleiro Eragon e a Saphira. Infelizmente, temos que escolher um novo líder, alguém que nos brinde uma glória até

maior.

No alto, alguém gritou:

- O Assassino de Sombras!

Eragon se esforçou por não reagir. Agradou-lhe comprovar que Jórmundur nem sequer pestanejava.

-Talvez no futuro, mas agora ele tem outros deveres e responsabilidades - disse -. Não, o Conselho de Anciões pensou muito: precisamos de alguém que entenda nossas necessidades e desejos, alguém que tenha sofrido a nosso lado. Alguém que se negou a fugir, inclusive quando a batalha era iminente.

Nesse momento, Eragon percebeu que os que escutavam começavam a entender. O nome brotou como um suspiro de mil gargantas e terminou por pronunciá-lo o próprio Jórmundur: Nasuada. Jórmundur fez uma reverência e deu um passo de lado. A seguinte era Arya. Contemplou a espectadora audiência e disse:

- Esta noite, os elfos honram o Ajihad. E em nome da rainha Islanzadí, reconheço a ascensão da Nasuada e lhe ofereço o mesmo apoio e a mesma amizade que outorgamos a seu pai. Que as estrelas a protejam.

Hrothgar subiu ao estrado e contemplou às pessoas com aspereza.

- Eu também eu apóio Nasuada, e todos os clãs.

Afastou-se. Era a vez de Eragon. Plantado ante a multidão, com todos os olhares fixos nele e em Saphira, disse:

- Nós também apoiamos Nasuada.

Saphira confirmou a afirmação com um grunhido.

Uma vez estabelecidos os compromissos, o Conselho de Anciões se alinhou em ambos os lados do estrado, com Jórmundur à frente. Com compostura orgulhosa, Nasuada se aproximou e se ajoelhou ante ele, com o vestido inflado de dobras negras. Jórmundur elevou a voz para dizer:

- Por direito de herança e sucessão, escolhemos Nasuada. Pelo mérito das vitórias obtidas por seu pai, e com a bênção de seus pares, escolhemos Nasuada. Agora, pergunto-lhes: escolhemos bem?

O rugido foi entristecedor:

- Sim!

Jórmundur assentiu.

- Então, pelo poder concedido a este Conselho, passamos os privilégios e as responsabilidades concedidos ao Ajihad a sua única descendente, Nasuada. - Colocou gentilmente um aro de prata na frente de Nasuada. Tomou uma mão, elevou-a no ar e exclamou -: Eis aqui sua nova líder.

Durante dez minutos, os varden e os anões aclamaram, e sua aprovação soou como um trovão até que toda a sala vibrou com aquele clamor. Quando ao fim os gritos diminuíram, Sabrae se aproximou de Eragon e murmurou:

- Chegou o momento de cumprir a sua promessa.

Nesse momento, Eragon deixou de ouvir qualquer ruído. Também desapareceram seus nervos, levados pela maré do momento. Respirou fundo para armar-se de valor, e logo ele e Saphira se aproximaram do Jórmundur e Nasuada. Cada passo parecia durar uma eternidade. Enquanto caminhavam, Eragon olhou fixamente para Sabrae, Elessari, Umérth e Falberd, e notou seus meios sorrisos, sua petulância e, no caso do Sabrae, seu claro desprezo. Arya permanecia

atrás dos membros do Conselho. Moveu a cabeça em demonstração de apoio.

Estamos aqui para mudar a história -disse Saphira.

Estamos nos atirando em um abismo, sem saber se a água que há abaixo é

funda o bastante.

Ah, mas que luta gloriosa.

Depois de um breve olhar no rosto sereno da Nasuada, Eragon fez uma reverência e se ajoelhou. Desembainhou Czar'roc, a sustentou sobre as palmas e a elevou, como se fosse oferecê-la a Jórmundur. Por um instante, a espada flutuou entre este e Nasuada, como se cambaleasse no fiel da balança entre dois destinos diferentes. Eragon notou que lhe faltava o ar: o equilíbrio de sua vida dependia de uma simples eleição. Algo mais que sua vida: uma dragona, um rei, um Império!

Então o ar voltou de repente e levou de novo o tempo a seus pulmões no momento em que encarou Nasuada:

- Com o mais profundo respeito, e consciente das dificuldades que enfrenta, eu, Eragon, primeiro Cavaleiro dos varden, Assassino de Sombras e Argetlam, entregolhe minha espada e minha lealdade, Nasuada. Os varden e os anões olhavam-no fixamente, estupefatos. No mesmo instante, os membros do Conselho de Anciões passaram do desfrute da vitória à raivosa impotência. Seus olhares ardiam com a força e o veneno próprios de quem foi traído. Inclusive Elessari permitiu que em sua amável conduta transparecesse sua indignação. Só Jórmundur, depois de um breve golpe de surpresa, pareceu aceitar o anúncio com equanimidade.

Nasuada sorriu, tomou a espada e apoiou a ponta na cabeça de Eragon, tal como tinha feito na ocasião anterior.

- Honra-me que escolha me servir, Cavaleiro Eragon. Aceito, igualmente a você, as responsabilidades que se derivam deste ato. Levante-se, vassalo, e tome sua espada.

Eragon o fez e logo se retirou com Saphira. Entre gritos de aprovação, a multidão ficou em pé: os anões golpeavam ritmicamente o chão com suas botas tachonadas, logo atrás dos humanos que batiam as espadas nos escudos. Nasuada encarou o suporte de livro, agarrou-se a ele com uma mão em cada lado e olhou os presentes no anfiteatro. Dedicou-lhes um sorriso resplandecente, com o brilho da pura alegria na face:

- Povo dos varden!

Silêncio.

- Tal como fez meu pai antes de mim, darei minha vida por vós e pela vossa causa. Não

cessarei de lutar até que tenhamos vencido os urgals, Galbatorix esteja morto e Alagaésia recupere sua liberdade.

Mais vivas e aplausos.

- Portanto, digo-lhes que chegou a hora de nos prepararmos. Aqui, no Farthen Dür, depois de infinitas escaramuças, ganhamos nossa maior batalha. Chegou a hora de devolver os golpes. Galbatorix está debilitado porque perdeu muitas forças e nunca teremos outra oportunidade como esta. Por isso, de novo lhes digo que chegou a hora de nos prepararmos para que saiamos, uma vez mais, vitoriosos. Depois de alguns discursos mais comuns de diversos personagens - incluído um Falberd que ainda mantinha o cenho franzido -, o anfiteatro começou a esvaziar-se. Quando Eragon se levantou para sair, Orik o agarrou por um braço e o deteve. O anão o olhava boquiaberto:

- Eragon, tinha planejado tudo isto de antemão?

Eragon pensou por um instante se era inteligente lhe dizer a verdade e logo assentiu:

- Sim.

Orik exalou e meneou a cabeça.

- Foi uma jogada atrevida, definitivamente. De entrada, concedeu a Nasuada uma posição forte. Entretanto, a julgar pelas reações do Conselho, era perigoso. Contava com a aprovação da Arya?

- Concordou que era necessário.

O anão o estudou com atenção.

- Estou certo de que era. Acaba de alterar o equilíbrio de poder, Eragon. Ninguém voltará a subestimá-lo por isso... tome cuidado com as almas podres. Hoje você ganhou alguns inimigos poderosos.

Deu-lhe uma palmada no flanco e pôs-se a andar.

Saphira o viu sair e logo disse:

Deveríamos nos preparar para abandonar Farthen Dür. O Conselho estará

sedento de vingança. Quanto antes estivermos longe de seu alcance, melhor.

Uma bruxa, uma serpente e um pergaminho

Nessa mesma tarde, quando Eragon retornava a seu quarto depois de tomar um banho, surpreendeu-se ao encontrar a uma mulher alta que o esperava no vestíbulo. Tinha o cabelo

escuro, assombrosos olhos Azuis e uma expressão irônica na boca. Em torno do pulso levava um bracelete de ouro em forma de serpente sibilante. Eragon desejou que não tivesse ido em busca de conselho, como faziam tantos dos varden.

- Argetlam - saudou-o com elegância.

Ele devolveu a saudação inclinando a cabeça.

- Posso te ajudar em algo?

- Espero que sim. Sou Trianna, a bruxa do Du Vrangr Gata.

- De verdade? Uma bruxa? - perguntou, intrigado.

- E maga da guerra e espiã e qualquer outra coisa que os varden considerem necessária. Como não há suficientes conhecedores da magia, terminamos todos com meia dúzia de tarefas distintas. - Ao sorrir, mostrou dentes brancos e retos -. Por isso vim. Seria uma honra que se ocupasse de nosso grupo. É o único que pode substituir aos gêmeos.

Quase sem se dar conta, Eragon lhe devolveu o sorriso. Era tão amistosa e encantadora, que lhe custava dizer que não.

- Temo que não posso. Saphira e eu partiremos logo do Tronjheim. Além disso, em qualquer caso teria que consultar antes a Nasuada.

“E não quero me envolver em mais questões políticas... E menos ainda no terreno que antes dominavam os gêmeos.”

Trianna mordeu os lábios.

- Lamento ouvir isso. - aproximou-se um passo mais. - Talvez possamos passar juntos um momento antes que eu vá. Poderia te ensinar como invocar espíritos e controlá-los. Seria uma boa “aprendizagem” para os dois.

Eragon notou que um sufoco lhe esquentava a cara.

- Agradeço a oferta, mas a verdade é que neste momento estou muito ocupado.

Uma centelha de raiva brilhou nos olhos da Trianna e logo se desvaneceu tão rápido que Eragon se perguntou se tinha chegado a vê-la de verdade. Ela suspirou com delicadeza:

- Entendo.

Parecia tão decepcionada - e tinha um aspecto tão triste - que Eragon se sentiu culpado por havê-la rechaçado. “Tampouco vai atrapalhar falar com ela alguns minutos”, disse-se.

- Por curiosidade, como aprendeu magia?

Trianna se animou.

- Minha mãe era uma curandeira da Surda. Tinha algum poder e conseguiu me instruir nos costumes antigos. É obvio, não sou tão poderosa como um Cavaleiro. Ninguém do Du Vrangr Gata poderia ter vencido a Durza sem ajuda, como fez você. Isso foi um heroísmo.

Envergonhado, Eragon arrastou as botas pelo chão.

- Se não fosse por Arya, não teria sobrevivido.

- Você é modesto demais, Argentlam – ela o admoestou. - Foi você que deu o golpe final. Deveria estar orgulhoso de seu feito. É uma glória digna mesmo de Vrael. - Se aproximou dele. O coração de Eragon se acelerou ao sentir seu perfume, que era intenso e almiscarado, com um toque de especiarias exóticas. - Ouviu as canções que compuseram sobre você? Os varden as cantam toda noite em torno das fogueiras. Dizem que você veio para arrebatar o trono de Galbatorix!

- Não - respondeu Eragon, rápido e abrupto. Não pensava tolerar esse rumor. - Eles podem dizer o que quiserem, mas eu não. Seja qual for meu destino, não aspiro a reinar.

- E é muito sábio de sua parte. Afinal, o que é um rei, a não ser um homem aprisionado por seus deveres. Isso, sem dúvida, seria uma pobre recompensa para o último Cavaleiro livre e seu dragão. Não, corresponde a você a habilidade de fazer o que desejar e, por extensão, dar forma ao futuro da Alagaésia. - Fez uma pausa. - Tem alguma família no Império?

“O que?”

- Só um primo.

- Então, e você não está prometido.

A pergunta o pegou desprevenido. Nunca tinham lhe perguntado até então.

- Não, não estou prometido.

- Mas tenho certeza que há alguém que lhe importe.

Aproximou-se um passo mais, e as cintas de sua manga roçaram o braço de Eragon.

- Não tinha nenhuma relação de compromisso no Carvahall – titubeou, - e agora não tenho feito mais que viajar.

Trianna deu um passo atrás e logo elevou o pulso para que a serpente ficasse à altura de seus olhos.

- Você gosta? - perguntou. Eragon pestanejou e assentiu, embora na realidade estivesse um

pouco desconcertado. - Chamo-a de Lorga . É minha familiar e minha protetora. - Inclinou-se para frente, soprou para o bracelete e murmurou: - *Sei orúm thornessa hávr sharjalví lífs.*

Com um estalo seco, a serpente se agitou e recobrou a vida. Eragon a olhou fascinado, enquanto a criatura se retorcia em torno do pálido braço da Trianna e logo se elevava para cravar nele seus olhos mareantes, enquanto colocava e tirava a língua bipartida. Os olhos pareciam expandir-se até alcançar cada um o tamanho de um punho do Eragon. Este se sentia como se fosse cair em suas fogosas profundidades, por mais que tentasse, não conseguia desviar o olhar.

Logo, depois de uma breve ordem, a serpente voltou a ficar rígida e recuperou sua posição anterior. Com um suspiro de cansaço, Trianna se apoiou na parede.

- Nem todo mundo entende o que os magos fazem. Mas queria que soubesse que há outros como você e que estamos dispostos a ajudá-lo se precisar. Respondendo a um impulso, Eragon apoiou uma mão na de Trianna. Nunca tinha tentado aproximar-se desse modo de uma mulher, mas o instinto o impulsionava e lhe fazia arriscar-se. Provocava-lhe temor e excitação.

- Se quiser, podemos ir comer. Não muito longe daqui há uma cozinha. Ela apoiou sua outra mão em cima da sua, com dedos suaves e frios, muito diferente dos contatos rudes aos que estava acostumado.

- Eu adoraria. Vamos...?

Trianna deu um tropicão para frente ao abrir a porta. A bruxa se virou e não pôde mais que soltar um grito ao encontrar-se cara a cara com Saphira. Esta permaneceu imóvel, salvo por um lábio que se elevou lentamente para mostrar uma linha de dentes serrados. Então, rugiu. Foi um rugido assombroso, intensamente carregado de brincadeira e ameaças, que oscilou acima e abaixo na sala durante mais de um minuto. Ouvi-lo era como suportar uma virulenta bronca carregada de ira. Eragon não deixou de fulminá-la com o olhar.

Quando terminou, Trianna se agarrava ao vestido com os dois punhos, retorcendo o tecido. Tinha a cara branca e assustada. Saudou Saphira com uma rápida inclinação de cabeça e logo, com um movimento logo controlado, deu a volta e saiu correndo. Atuando como se nada tivesse ocorrido, Saphira levantou uma perna e lambeu a garra.

Era quase impossível abrir a porta -soltou.

Eragon não pôde se conter mais.

Por que fez isso? Não tinha nenhuma razão para se intrometer!

Você necessitava minha ajuda -respondeu ela, imperturbável. *Se necessitasse da sua ajuda, teria chamado.*

Não grite comigo -respondeu bruscamente a dragona, entrechocando as mandíbulas. Eragon notou que suas emoções estavam submetidas ao mesmo bulício que as suas -. *Não permitirei que se aproxime de uma qualquer como essa, mais interessada no Eragon Cavaleiro que em você como pessoa. Não era uma qualquer* -rugiu Eragon. Levado pela frustração, golpeou a parede. - *Agora sou um homem, Saphira, não um eremita. Não pode pretender que ignore... Que ignore uma mulher só por ser quem sou. E todo caso, não é você quem deve tomar essa decisão. Pelo menos, podia ter desfrutado de uma boa conversa com ela, em vez de todas as tragédias que vivemos ultimamente. Conhece o suficiente minha mente para entender como me sinto. Por que não podia me deixar em paz ? O*

que ela fazia de errado?

Você não entende.

Saphira evitou olhá-lo aos olhos.

O que eu não entendo? Vai impedir eu que tenha uma esposa e filhos? E o que acontece com a família?

Eragon. -Ao fim olhou-o com um de seus grandes olhos. - *Estamos unidos de uma maneira muito íntima.*

Evidentemente!

E se mantiver uma relação, com minha bênção ou sem ela, e se... comprometer... com alguém, meus sentimentos também ficarão comprometidos. Deveria saber disso. Portanto (vou avisar só uma vez), tenha muito cuidado com quem escolhe, porque sua decisão envolverá a nós dois.

Eragon repassou suas palavras brevemente.

O laço funciona nos dois sentidos. De qualquer maneira. Se você odiar alguém, me influenciará do mesmo modo. Entendo que se preocupe. Então, não era é só por ciúmes?

Ela voltou a lamber a garra.

Talvez um pouco.

Agora era Eragon que rugia. Passou voando junto ao dragão, agarrou a Czar'roc e se foi, indignado, enquanto a embainhava.

Passou horas perambulando pelo Tronjheim e evitando o contato com as pessoas. O que tinha ocorrido lhe doía, embora não podia negar a veracidade das palavras da Saphira. De todos os assuntos que compartilhavam, aquele era o mais delicado e o que mais os punha em desacordo. Aquela noite - pela primeira vez desde que o capturaram no Gil'ead - dormiu longe da Saphira, em um dos barracos dos anões. Na manhã seguinte, Eragon voltou para seus aposentos. Por um acordo tácito, ele e Saphira evitaram falar do que tinha ocorrido, não tinha sentido discutir quando nenhuma das duas partes estava disposta a ceder. Além disso, os dois estavam tão aliviados pelo reencontro que não queriam pôr em perigo de novo sua amizade. Estavam comendo - Saphira rasgava uma perna ensangüentada - quando apareceu Jarsha ao trote. Igual à vez anterior, ficou olhando para Saphira com os olhos arregalados e seguindo seus movimentos enquanto ela mordiscava um extremo do osso da perna.

- Sim? - perguntou Eragon.

Limpou o queixo e se perguntou se o Conselho de Anciões o enviara à sua procura. Não havia tido notícias deles desde o funeral.

Jarsha conseguiu desviar o olhar de Saphira tempo suficiente para dizer:

- Nasuada quer vê-lo, senhor. Ela o espera no estúdio do seu pai. Senhor! Eragon quase se pôs a rir. Apenas um momento antes, era ele quem dava esse trato a outros. Olhou para Saphira.

Terminou, ou temos que esperar alguns minutos mais?

Saphira virou os olhos, jogou o que restava de carne na boca e quebrou o osso com um forte rangido.

Já terminei.

- Obrigado - disse Eragon, enquanto ficava de pé. - Pode ir, Jarsha. Conhecemos o caminho.

Custou-lhes quase meia hora chegar ao estúdio, dado o tamanho da cidademontanha. Ocorria a mesma coisa durante o mandato do Ajihad, havia um guarda ante cada porta, mas agora não se tratava de dois homens, mas sim de um batalhão inteiro de guerreiros curtidos em muitas

batalhas e atentos ao menor sinal de perigo. Parecia evidente que estavam dispostos a sacrificar-se para proteger a sua nova líder de qualquer ataque ou emboscada. Embora aqueles homens não pudessem deixar de reconhecer a Eragon e Saphira, fechavam o caminho enquanto alguém avisava Nasuada da chegada dos visitantes. Só então lhes permitiu entrar. Eragon notou imediatamente uma mudança: um vaso de flores no estúdio. Os pequenos casulos violeta eram discretos, mas enchiam o ar de uma cálida fragrância que provocou em Eragon a evocação de amoras recém colhidas no verão e campos segados que se bronzeavam ao sol. Inspirou e apreciou a habilidade com que Nasuada tinha reafirmado sua personalidade sem anular a lembrança de Ajihad. Ela estava sentada depois do amplo escritório, ainda coberta com a capa negra de luto. Quando Eragon se sentou, com a Saphira a seu lado, Nasuada disse:

- Eragon. - Era um simples cumprimento, carente de carinho ou de hostilidade. Voltou-se um momento e logo se concentrou nele com um olhar frio e intenso -. Passei os últimos dias revisando o estado atual dos assuntos dos varden. Foi uma atividade lúgubre. Somos pobres, estamos muito espalhados, temos poucas provisões e são poucos os recrutas do Império que se juntam a nós. Quero mudar isso.

“Os anões não podem continuar nos apoiando por muito tempo porque foi um péssimo ano para o campo e sofreram perdas. Tendo isso em conta, decidi levar os varden a Surda. É uma proposta difícil, mas considero necessário para manter a segurança. Quando estivermos em Surda, nos encontraremos perto de nos enfrentar diretamente ao Império.”

Até a Saphira se agitou pela surpresa.

Quanto trabalho daria isso! -disse Eragon -. *Poderia custar meses levar todas as propriedades para Surda, para não mencionar as pessoas. E provavelmente seriamos atacados no caminho.*

- Acreditava que o rei Orrin não se atreveria a enfrentar abertamente Galbatorix - protestou.

Nasuada lhe dedicou um amargo sorriso.

- Sua postura mudou desde que derrotamos aos urgals. Ele nos dará refúgio e alimento e lutará a nosso lado. Já há muitos varden em Surda, sobretudo mulheres e meninos que não sabem lutar, nem querem. Também nos darão apoio, senão, lhes retirarei o nome.

- Como - perguntou Eragon - conseguiu se comunicar tão rápido com o rei Orrin?

- Os anões têm um sistema de espelhos e tochas que lhes permite enviar mensagens pelos túneis. Podem enviar uma mensagem daqui até o limite leste das montanhas Beor em menos de um dia. Depois os mensageiros o levam até Aberon, capital de Surda. Por rápido que pareça, esse método é muito lento se levarmos em conta que Galbatorix pode nos surpreender com um exército de urgals e que demoraríamos mais de um dia para sabê-lo. Quero preparar algo que funcione mais rápido entre os magos do Du Vrangr Gata e os do Hrothgar antes de ir. Nasuada abriu uma gaveta do escritório e tirou um grosso pergaminho.

- Os varden abandonarão Farthen Dür este mês. Hrothgar está de acordo em nos proporcionar um caminho seguro através dos túneis. Além disso, enviou uma tropa a Orthíad para afastar aos últimos vestígios de urgals e selar os túneis, de maneira que ninguém possa voltar a invadir aos anões por esse caminho. Como isso poderia não bastar para garantir a sobrevivência dos varden, tenho que te pedir um favor. Eragon assentiu. Esperava uma petição ou uma ordem. Só podia havê-lo convocado por essa razão.

- Estamos à suas ordens.

- Possivelmente. - Desviou o olhar para Saphira durante um segundo -. Em qualquer caso, isto não é uma ordem, e quero que o pense atentamente antes de responder. Para aumentar o apoio aos varden, queria fazer correr a notícia por todo o Império de que um novo Cavaleiro, chamado Eragon Assassino de Sombras, uniu-se a nossa causa com seu dragão, Saphira. Não obstante, queria contar com sua permissão. *É muito perigoso* -objetou Saphira.

De qualquer modo, nossa presença aqui chegará para ouvidos do Império assinalou Eragon. - *Os varden vão querer se vangloriar de sua vitória e da morte de Durza. Como vai ocorrer com ou sem nossa aprovação, deveríamos aceitá-lo.* A dragona soprou levemente.

Galbatorix me preocupa. Até agora não tínhamos feito públicas nossas simpatias.

Nossos atos foram eloqüentes.

Sim, mas inclusive quando Durza lutava com você no Tronjheim, não tentava matá-lo. Se fizermos pública nossa oposição ao Império, Galbatorix não voltará a ser tão indulgente. Ou seja, que forças ou tramas terá reservado enquanto pretendia ganhar nosso apoio. Enquanto formos ambíguos, não saberá o que fazer. O tempo para ambigüidade já passou - afirmou Eragon -. *lutamos contra os urgals, matamos Durza, e eu jurei lealdade à líder dos varden. Não há nenhuma ambigüidade. Não, com sua permissão, vou aceitar sua proposta.* Saphira guardou silêncio por um longo momento e logo baixou a cabeça. *Como quiser.*

Eragon lhe apoiou uma mão no flanco antes de voltar a concentrar-se em Nasuada e dizer:

- Faça o que achar melhor. Se dessa forma pudermos ajudar os varden, que assim seja.

- Obrigado. Sei que é pedir muito. Agora, como já falamos antes do funeral, espero que viaje a Ellesméra e complete sua formação.

- Com a Arya?

- É obvio. Os elfos rechaçaram o contato com humanos e anões desde que ela foi capturada. Arya é o único ser que pode convencê-los a abandonarem seu isolamento.

- Não pode usar magia para lhes comunicar que foi resgatada?

- Não, por desgraça. Quando os elfos se retiraram para Du Weldenvarden depois da queda

dos Cavaleiros, deixaram guardas ao redor do bosque para impedir que qualquer pensamento, objeto ou ente entrasse ali por meios ocultos, embora não fechassem o caminho de saída, se tiver entendido bem a explicação da Arya. Assim, Arya deve visitar fisicamente Du Weldenvarden para que a rainha Islanzadí saiba que está viva, que Saphira e você existem, e para que se inteire dos muitos sucessos que aconteceram aos varden nestes últimos meses. - Nasuada lhe estendeu o pergaminho. Tinha estampado um selo de cera -. Isto é uma carta para a rainha Islanzadí, em que o descrevo a situação dos varden e meus planos a respeito. Guarde-a com sua vida, poderia causar muitos males se cair em mãos erradas. Espero que depois de tudo o que ocorreu, Islanzadí sinta suficiente bondade por nós para reatar os laços diplomáticos. Sua ajuda poderia marcar a diferença entre a vitória e a derrota. Arya sabe e concordou em interceder a nosso favor, mas queria que você também conhecesse a situação para que possa aproveitar qualquer oportunidade que se apresente.

Eragon encaixou o pergaminho no espartilho.

- Quando saímos?

- Amanhã pela manhã... A não ser que tenha algum outro plano.

- Não.

- Bem. - Deu uma palmada -. Tem que saber que outra pessoa viajará com vocês. - Eragon a olhou surpreso -. O rei Hrothgar insistiu que, em nome da justiça, deveria haver um representante dos anões em sua formação, já que também afeta aos seus. Enviará Orik com você.

A primeira reação de Eragon foi irritar-se. Saphira poderia carregar a ele e Arya voando até Du Weldenvarden, eliminando assim semanas inteiras de viagem desnecessária. Agora, não havia modo de caberem três passageiros nas costas do dragão. A presença do Orik os obrigaria a ir por terra.

Depois de um pouco de reflexão, Eragon admitiu que a proposta de Hrothgar era sábia. Era importante que ele e Saphira mantiveram uma aparência de equanimidade ao dirigir os interesses das diferentes raças. Sorriu.

- Ah, bom, isso nos atrasará um pouco, mas suponho que devo satisfazer Hrothgar. Para falar a verdade, eu fico satisfeito que Orik venha. Cruzar Alagaésia sem outra companhia que Arya era uma perspectiva desalentadora. É... Nasuada sorriu também.

- É diferente.

- Sim. - ficou sério de novo. - Realmente pensa em atacar o Império? Você

mesma disse que os varden estão fracos. Não parece a decisão mais sábia. Se esperarmos...

- Se esperarmos - disse ela com solenidade, - Galbatorix será cada vez mais forte. Desde que

assassinaram Morzan, é a primeira vez que temos uma chance mínima de surpreendê-lo. Não tinha nenhuma razão para suspeitar que pudéssemos derrotar os urgals, o que conseguimos graças a você, de modo que o Império não terá

se preparado para defender-se de uma invasão.

Invasão! - exclamou Saphira-. *E como pensa matar Galbatorix quando sair voando para arrasar o exército com sua magia?*

Nasuada meneou a cabeça em resposta depois de que Eragon lhe transmitiu a pergunta.

- Por isso sabemos dele, não lutará até que considere que Urú'baen está

ameaçada. Galbatorix não se importa que destruamos a metade do Império enquanto estivermos nos aproximando**,** em vez de nos afastar. Além disso, por que teria que se preocupar? Se conseguirmos chegar até ele, nossas tropas serão acossadas e dizimadas, de maneira que lhe resultará mais fácil.

- Ainda não respondeu à pergunta da Saphira.

- Porque ainda não posso fazê-lo. Será uma campanha larga. Quando terminar, talvez você tenha a força suficiente para derrotar Galbatorix, ou possivelmente os elfos tenham se unido a nós..., e seus feiticeiros são os mais fortes da Alagaésia. Aconteça o que acontecer, não podemos nos permitir esperar. Chegou o momento de apostar e nos atrever a fazer o que ninguém acredita que somos capazes de obter. Os varden levaram muito tempo vivendo nas sombras: temos que desafiar Galbatorix ou nos render e desaparecer.

O alcance do que sugeria Nasuada inquietou Eragon. Implicava tantos riscos, tantos perigos desconhecidos, que quase parecia absurdo expor-se a semelhante empenho. De qualquer maneira, não correspondia a ele decidir, e aceitou. Tampouco pensava em discuti-lo mais a frente.

Agora temos que confiar em seu julgamento.

- Mas o que será de você, Nasuada? Estará a salvo em minha ausência? Devo pensar em meu juramento. Agora, minha responsabilidade é me assegurar de que não tenha logo seu próprio funeral.

Nasuada apertou o queixo e apontou para a porta e para os soldados que permaneciam atrás dela.

- Não tema, estou suficientemente protegida. - Baixou o olhar -. Tenho que admitir que... uma razão para ir a Surda é que Orrin me conhece há muito tempo e me oferecerá seu amparo. Não posso me arriscar aqui se você e Arya não estão e o Conselho de Anciões mantém seu poder. Não me aceitarão como líder enquanto não demonstre, além de qualquer dúvida, que sou eu quem controla os varden, e não eles. Logo pareceu recorrer a alguma energia interior e elevou

os ombros e o queixo de tal modo que parecia distante e isolada.

- Agora vá, Eragon. Prepara seu cavalo, reúna provisões e se apresente na porta norte ao amanhecer.

Ele fez uma profunda reverência, respeitando aquele retorno à formalidade, e logo se foi com a Saphira.

Depois de jantar, Eragon e Saphira saíram juntos voando. Elevaram-se sobre o Tronjheim, entre os pedaços de gelo que pendiam das ladeiras do Farthen Dür, formando uma grande cinta branca em torno deles. Embora faltassem ainda algumas horas para o anoitecer, dentro da montanha já estava escuro. Eragon jogou a cabeça para trás e saboreou o ar que lhe roçava a face. Sentia falta do vento, aquele vento que podia correr entre a erva e agitar as nuvens até que tudo ficava fresco e alvoroçado. O vento que trazia chuva e tormentas e empurrava às árvores até que se inclinassem.

Também sinto falta das árvores -pensou -. *Farthen Dür é um lugar incrível, mas tem menos planta e animais que a tumba do Ajihad.*

Saphira estava de acordo.

Parece que os anões acreditam que as pedras preciosas ocupam o lugar das flores. - Guardou silêncio enquanto a luz ia se atenuando. Quando escureceu tanto que Eragon já não podia ver com clareza, a dragona disse -: *É tarde. Deveríamos retornar. De acordo.*

Desceu para até o solo fazendo amplas e indolentes espirais para aproximarse do Tronjheim, que brilhava como uma fogueira no centro do Farthen Dür. Ainda estavam longe da cidade-montanha quando Saphira inclinou a cabeça e disse: *Olhe isso.*

Eragon seguiu seu olhar, mas não chegou a ver mais que a cinza e anódina planície que tinham abaixo.

O que?

Em vez de responder, inclinou as asas e deslizou para a esquerda para descer para uma das quatro estradas radiais que saíam do Tronjheim seguindo os quatro pontos cardeais. Ao aterrissar, Eragon se fixou em uma mancha branca que se via em uma colina próxima. A mancha se agitou estranhamente na penumbra, como uma vela flutuante, e logo se converteu em Angela, vestida com uma túnica clara de lã. A bruxa levava uma cesta de vime de mais de um metro de largura com um assombroso sortido de cogumelos, a maioria irreconhecíveis para Eragon. Enquanto ela se aproximava, ele os apontou e disse:

- Esteve recolhendo cogumelos?

- Olá - saudou Angela, rendeu-se, enquanto soltava sua carga -. Ah, não, cogumelos é um termo muito general. - Apontou-os com uma mão -. Este é de arbusto de sulfureto, este é um

tinteiro, este um ombliguillo, um escudo de anão, um pata roxa, anel de sangue, e esse outro é um engano com pintas. Maravilhoso, não é?

Ia assinalando um a um, e terminou em um cogumelo em cujo chapéu havia manchas rosa, lavanda e amarelo.

- E esse? - perguntou Eragon, assinalando um que tinha o pé azul relâmpago, as laminas de um laranja líquido e o chapéu de um negro lustroso. Ela o olhou com carinho.

- Fricai Andlát, como diriam os elfos. O pedúnculo provoca a morte imediata, enquanto o chapéu pode curar a maioria dos envenenamentos. Daí sai o néctar do Tunivor. Fricai Andlát só cresce nas covas de Du Weldenvarden e Farthen Dür, aqui morreria se os anões jogassem em outro lugar seu esterco.

Eragon voltou a olhar a colina e se deu conta de que era exatamente isso: uma montanha de esterco.

- Olá, Saphira - disse Angela, passando junto a Eragon para lhe tocar o nariz da dragona. Saphira pestanejou e se mostrou satisfeita, agitando a cauda. Ao mesmo tempo, Solembum apareceu à vista com um rato firmemente preso na boca. Sem mover sequer o bigode, o gato se instalou no chão e começou a mordiscar o roedor, ignorando os três -. Bom - prosseguiu, ao mesmo tempo em que retirava um cacho de sua enorme cabeleira -, vão a Ellesméra? - Eragon assentiu. Não se incomodou em lhe perguntar como tinha sabido, ao que parecia, sempre sabia de tudo o que acontecia. Como Eragon guardava silêncio, ela o provocou -: Bom, não fique tão taciturno. Tampouco vão executá-lo!

- Eu sei.

- Então sorria. Se não vão te executar, tem que ficar feliz. Está mais flácido que o rato de Solembum. “Flácido.” Que maravilhosa palavra, não é?

Isso lhe arrancou um sorriso, e Saphira soltou uma gargalhada das profundidades de sua garganta.

- Não estou seguro de que seja tão maravilhosa como você acredita, mas sim, entendo o que quer dizer.

- Eu adoro que o entenda. É bom entender. - Com as sobrancelhas arqueadas, passou uma unha sob um cogumelo, deu-lhe a volta e, enquanto estudava seus laminillas, disse: - Que casualidade que nos tenhamos encontrado esta noite, porque você está a ponto de ir e eu... Eu acompanharei os varden a Surda. Já te disse em alguma ocasião que eu gosto de estar onde ocorrem as coisas, e esta vez será ali. Eragon sorriu mais ainda.

- Bom, então isso significa que vamos ter uma boa viagem. Se não, estaria conosco.

Angela encolheu os ombros e logo falou com seriedade.

- Tome cuidado no Du Weldenvarden. O fato de que os elfos não mostrem suas emoções não significa que não estejam sujeitos a iras e paixões como o resto dos mortais. O que os torna mais perigosos, de todas as formas, é essa capacidade que têm para escondê-los, às vezes durante anos inteiros.

- Você já esteve ali?

- Faz muito tempo.

Depois de uma pausa, Eragon perguntou:

- O que acha dos planos de Nasuada?

- Mmm... Está condenada! Você está condenado! Estão todos condenados! - pôs-se a rir, dobrando-se pela metade**,** e logo se estirou de repente -. Note que não especifiquei que tipo de condenação, assim, aconteça o que acontecer, poderei dizer que predisse. Que esperta eu sou. - Levantou de novo a cesta e a apoiou em um quadril

-. Suponho que não vou te ver durante um tempo, assim adeus, que tenha melhor sorte, evite a couve podre, não coma a cera das orelhas e seja sempre otimista. E se afastou depois de uma alegre piscada, deixando um Eragon pestanejando e perplexo.

Depois de uma pausa apropriada, Solembum recolheu seu jantar e a seguiu, sempre muito digno.

O presente do Hrothgar

Faltava meia hora para o amanhecer quando Eragon e Saphira chegaram à

porta norte do Tronjheim. A porta estava elevada até a altura necessária para que Saphira pudesse passar , de modo que se apressaram a cruzá-la e logo esperaram na zona posterior, onde se elevavam as colunas de jade e as bestas esculpidas grunhiam entre os pilares ensangüentados. Mais à frente, no mesmo limite do Tronjheim, havia dois grifos sentados, de dez metros de altura. Pares idênticos àquele que guardava todas as portas da cidade-montanha. Não havia ninguém à vista. Eragon sujeitou as rédeas de *Neve de Fogo.* Tinham-no escovado, ferrado e selado, e seus alforjes foram cheias de provisões. Seus cascos rasgavam o chão com impaciência, fazia mais de uma semana que Eragon não montava nele. Dali a pouco apareceu Orik, que levava um grande saco às costas e um fardo entre os braços.

- Sem cavalo? - perguntou Eragon, mas bem surpreso.

“ Supõe-se que vamos chegar a Du Weldenvarden caminhando?”

Orik grunhiu.

- Pararemos no Tarnag, não muito longe daqui em direção norte. Dali usaremos balsas para

descer pelo Az Ragni até Hedarth, um destacamento destinado ao comércio com os elfos. Não necessitaremos corcéis até Hedarth, de modo que, até

então, irei a pé.

Soltou o fardo com um ressonar metálico e logo o desfez para mostrar a armadura de Eragon. O escudo estava repintado de tal modo que o carvalho se via claramente no centro, e tinham desaparecido todos os amassados e arranhões. Debaixo havia uma larga malha, polida e tão engordurada que o metal reluzia. Não se via nenhum sinal do talho que Durza tinha causado ao cortar as costas de Eragon. A touca, as luvas, os protetores para os braços, as perneiras e o elmo estavam igualmente reparados.

- Nossos melhores ferreiros estiveram trabalhando nela - disse Orik -. E com a sua também, Saphira. De qualquer forma, como não podemos levar conosco uma armadura de dragão, os varden a guardarão até nossa volta.

Agradeça-lhe em meu nome, por favor -pediu Saphira. Eragon o fez, logo colocou os protetores para os braços e as perneiras e guardou os outros elementos nos alforjes. Por último quis agarrar o elmo, mas se encontrou Orik que o sustentava. O anão fez rodar a peça entre suas mãos e logo disse:

- Não queira pôr isso tão rápido, Eragon. Antes tem que fazer uma promessa.

- Que promessa?

Orik elevou o elmo e descobriu a polida parte dianteira, que, conforme Eragon pôde ver, tinha sido alterada: tinham gravado o martelo e as estrelas do clã do Hrothgar e Orik, o Ingeitum. Orik franziu o cenho, com aspecto de satisfeito e preocupado, e anunciou com voz formal:

- Meu rei, Hrothgar, deseja que lhe dê de presente este elmo como símbolo da amizade que sente. E com ele Hrothgar apresenta a oferta de adotá-lo como membro do Dúrgrimst Ingeitum, como um membro de sua família.

Eragon olhou fixamente o elmo, surpreso pelo gesto do Hrothgar. *Isso quer dizer que estaria sujeito a seu comando?... Se sigo acumulando lealdades e tributos a este ritmo, dentro de pouco ficarei incapacitado: não poderei fazer nada sem descumprir algum juramento.*

Não tem por que aceitar isso -assinalou Saphira . *E me arriscar a insultar Hrothgar? Uma vez mais, estamos encurralados. Entretanto, talvez a intenção seja meramente te fazer um presente, um sinal de distinção, não uma armadilha. Eu diria que está agradecendo a minha proposta de consertar Isidar Mithrim.*

Eragon não tinha pensado nisso porque estava muito ocupado em pensar que tipo de vantagem o rei dos anões podia obter sobre eles.

Certo. Mas eu acredito que também deseje corrigir o desequilíbrio de poder que se criou

quando jurei lealdade a Nasuada. Duvido que aos anões gostem disso. Voltou a olhar para Orik, que esperava com ansiedade:

- Isto se faz freqüentemente?

- Para um humano? Nunca. Hrothgar discutiu com as famílias do clã Ingeitum durante um dia e uma noite inteiros até que aceitaram. Se consentir em levar nosso emblema, terá todos os direitos de um membro do clã. Poderá participar de nossos conselhos e terá voz em todos os assuntos. E - ficou muito sombrio - se assim o desejar, terá direito a ser enterrado como um dos nossos. Pela primeira vez, Eragon se deu conta da enormidade do gesto de Hrothgar. Os anões não podiam oferecer uma honra maior. Com um rápido movimento, arrebatou o elmo de Orik e o colocou na cabeça.

- Me unir ao Dürgrimst Ingeitum é um privilégio.

Orik moveu a cabeça para demonstrar sua aprovação e disse:

- Então, tome este Knurlnien, este Coração de Pedra, e o mantenha entre suas mãos. Sim, assim. Agora deve reunir toda a sua coragem e cortar uma veia para umedecer a pedra. Bastarão algumas gotas... Para terminar, repita comigo: *Vos IL dom qiránü carn dür thargen, zeitmen, oen grimst vor formv edaris rak skilfz. Narho is belgond...*

Era uma larga declamação que se fez ainda mais larga porque Orik se detinha com freqüência para traduzir as frases que ia dizendo. Logo, Eragon curou seu braço com um rápido feitiço.

- Digam o que digam os clãs a respeito deste assunto - observou Orik -, você

se comportou com integridade e respeito. Isso não podem ignorar. – Sorriu -. Agora somos do mesmo clã, né? É meu irmão adotivo! Em circunstâncias mais normais, Hrothgar teria lhe dado o elmo pessoalmente e teríamos celebrado uma longa cerimônia para comemorar sua entrada no Dürgrimst Ingeitum, mas tudo ocorre tão rápido que não podemos nos distrair. Não tome como desprezo, entretanto. Sua adoção se celebrará com os devidos rituais quando Saphira e você voltarem para Farthen Dür. Comerá e dançará e terá que assinar muitos papéis para formalizar sua nova situação.

- Ardo em desejos de que esse dia chegue logo.

Ainda lhe preocupava pensar nas numerosas ramificações que podia implicar sua adoção pelo Dürgrimst Ingeitum.

Sentado com as costas apoiada em um pilar, Orik sacudiu o saco que levava às costas, tirou seu machado e ficou girando-a entre as mãos. Depois de alguns minutos, inclinou-se para frente e lançou um olhar para trás, para o Tronjheim.

- Barzül knurlar! Onde estão? Arya disse que viria aqui. Ah! A única noção do tempo que têm os elfos é a de chegar tarde, ou mais tarde ainda.

- Teve muitos entendimentos com eles? - perguntou Eragon, enquanto se agachava.

Saphira os olhava com interesse.

O anão soltou uma gargalhada repentina.

- Não. Só com Arya, e até com ela apenas esporadicamente, porque ela viajava freqüentemente. Em sete décadas, só tenho descobri uma coisa dela: não há

maneira de se apressar um elfo. É como dar marteladas em ferro frio, talvez quebre, mas nunca vai se curvar.

- Por acaso não são iguais os anões?

- Ah, mas as pedras mudam, se lhes conceder tempo suficiente. - Orik suspirou e meneou a cabeça -. De todas as raças, os elfos são os que menos mudam, por isso gosta tão pouco esta viagem.

- Mas se formos conhecer a rainha Islanzadí, e veremos Ellesméra e sei lá o que mais... Quando convidaram pela última vez um anão para ir a Du Weldenvarden?

Orik o olhou com o cenho franzido.

- As paisagens não significam nada. No Tronjheim e em outras cidades ficam tarefas urgentes, mas devo vagar pela Alagaésia para trocar cortesias e ficar sentado e engordar enquanto o ensinam. Poderia custar anos!

“Anos! Apesar de tudo, se for necessário para vencer as Sombras e os ra'zac, eu o farei.”

- Finalmente! - exclamou Orik, ao mesmo tempo em que se levantava. Aproximavam-se Nasuada - cujas sapatilhas apareciam por baixo do vestido, como ratos que escapassem a toda velocidade de um buraco -, Jórmundur e Arya, que levava um saco como o de Orik. Ia vestida com a mesma roupa de couro negro com que Eragon a tinha visto pela primeira vez, assim como a espada. Nesse momento, lhe ocorreu que talvez a Arya e Nasuada não concordassem que ele se unisse aos Ingeitum. A culpa e o temor o invadiram ao dar-se conta de que tinha que ter consultado Nasuada antes. E a Arya! encolheu-se ao recordar o aborrecimento da elfa depois de seu primeiro encontro com o Conselho dos Anciões. Por isso, quando Nasuada se deteve ante ele, Eragon desviou o olhar, envergonhado. Mas ela se limitou a dizer:

- Você aceitou.

Sua voz soava amável e controlada.

Eragon assentiu sem levantar a vista.

- Tinha minhas dúvidas. Agora, de novo as três raças têm algum poder sobre você. Os anões

podem exigir sua lealdade como membro do Dürgrimst Ingeitum, os elfos vão lhe formar e treinar. Talvez sua influência seja a mais forte, pois Saphira e você estão unidos por uma magia que lhes pertence. Ao mesmo tempo, jurou lealdade a mim, uma humana... Talvez seja melhor que todos compartilhemos sua lealdade. Reagiu à sua surpresa com um estranho sorriso, logo lhe pôs na mão uma bolsa pequena cheia de moedas e se afastou.

Jórmundur estendeu uma mão e Eragon a estreitou, um pouco aturdido.

- Que tenha boa viagem, Eragon. Cuide-se muito.

- Vamos - disse Arya, deslizando-se ante eles para a escuridão do Farthen Dür.

- É hora de ir. Aiedail já se pôs e temos um longo caminho pela frente.

- Vamos - assentiu Orik.

Tirou uma tocha vermelha de um lado de sua bolsa.

Nasuada os repassou com o olhar uma vez mais.

- Muito bem. Eragon e Saphira, têm a bênção dos varden, assim como a minha. Oxalá tenham uma viagem segura. Lembrem-se que levam todas as nossas esperanças, todas as nossas expectativas, assim as realizem honradamente.

- Faremos tudo que pudermos - prometeu Eragon.

Tomou com firmeza as rédeas de *Neve de Fogo* e arrancou atrás de Arya, que já se adiantava alguns metros. Orik o seguia, e atrás, Saphira. Quando esta passou em frente de Nasuada, Eragon viu que se detinha e lhe dava uma suave lambida na bochecha. Logo alargou o passo e ficou a sua altura.

Enquanto avançavam para o norte pelo caminho, o oco da porta que deixavam atrás foi se tornando cada vez menor até ficar reduzido a uma faixa de luz no que se recortavam as silhuetas da Nasuada e Jórmundur, que se tinham ficado esperando. Quando chegaram por fim à base do Farthen Dür, encontraram um par de portas gigantes, de dez metros de altura, que os esperavam abertas. Três guardas anões fizeram uma reverência e se separaram da abertura. As portas levavam a um túnel de proporções similares, cujos primeiros quinze metros estavam flanqueados por colunas e tochas. O resto estava vazio e silencioso como um mausoléu. Era exatamente igual à entrada oeste do Farthen Dür, mas Eragon sabia que aquele túnel era diferente. Em vez de afundar-se como uma toca através da base, de mais de quilômetro e meio de espessura, para chegar ao exterior, este seguia por baixo da montanha sem emergir até a cidade anã do Tarnag.

- Este é nosso caminho - afirmou Orik, ao mesmo tempo em que elevava sua tocha.

Ele e Arya transpassaram a soleira, mas Eragon se deteve, repentinamente inseguro. Não temia

a escuridão, mas tampouco o agradava saber-se rodeado por uma noite eterna até que chegassem a Tarnag. E entrar naquele árido túnel significava lançar-se uma vez mais ao desconhecido, abandonar aquelas poucas coisas à que tinha podido acostumar-se entre os varden em troca de um destino incerto. *O que aconteceu?* -perguntou Saphira.

Nada.

Respirou fundo e pôs-se a caminhar, permitindo que a montanha o absorvesse em suas profundidades.

Martelo e tenazes

Três dias depois da chegada dos ra'zac, Roran caminhava nervoso de um lado para outro sem controle algum, até a beirada de seu acampamento nas Vertebradas. Não tinha recebido nenhuma noticia da visita de Albriech, e era impossível obter informação mediante a mera observação do Carvahall. Lançou um olhar iracundo às longínquas tendas em que se alojavam os soldados e seguiu caminhando para cima e para baixo.

Ao meio-dia, provou um pouco de comida sem beber água. Limpou a boca com o dorso da mão e se perguntou: “Quanto tempo os ra'zac estarão dispostos a esperar?”. Se era uma prova de paciência, estava decidido a ganhar. Para passar o tempo, praticou com o arco disparando contra um tronco podre, e só parou quando uma flecha se partiu ao acertar uma pedra incustrada na madeira. Logo não tinha nada que fazer, além de caminhar de um lado a outro pelo atalho descascado que arrancava na rocha que usava para dormir.

Assim seguia quando ouviu alguns passos mais abaixo, no bosque. Agarrou o arco, escondeu-se e esperou. Sentiu um grande alívio ao ver que Baldor aparecia. Roran gesticulou para que o visse.

Enquanto se sentavam, Roran perguntou:

- Por que não veio ninguém?

- Não podíamos - respondeu Baldor, ao mesmo tempo em que secava o suor da fronte. - Os soldados nos vigiaram muito de perto. Só agora pude escapar pela primeira vez. E tampouco posso ficar muito tempo. - Virou o rosto para o pico que se elevava sobre eles e estremeceu -. Para ficar aqui, tem que ser mais valente que eu. Teve algum problema com lobos, ursos ou gatos monteses?

- Não, não, estou bem. Os soldados disseram algo novo?

- Ontem à noite um deles se gabou ante o Morn de que tinham escolhido a sua brigada especialmente para esta missão. - Roran franziu o cenho -. Não pararam quietos. Cada noite dois ou três se embebedam. No primeiro dia, um grupo destroçou a sala comum do Morn.

- Pagaram os danos?

- É obvio que não.

Roran trocou de postura e olhou para a aldeia.

- Ainda me custa acreditar que o Império tenha tanto trabalho para me prender. O que poderia lhes dar? O que acreditam que posso lhes dar?

Baldor seguiu seu olhar.

- Os ra'zac interrogaram a Katrina hoje. Alguém mencionou que vocês têm uma relação muito estreita, e os ra'zac sentiram curiosidade por saber se ela conhecia seu paradeiro.

Roran voltou a olhar o rosto franco do Baldor.

- Ela está bem?

- É necessário mais que esses dois para assustá-la - tranqüilizou-o. Sua frase seguinte foi cautelosa e exploratória: - Possivelmente deveria pensar na possibilidade de se entregar.

- Antes me penduraria e me jogaria daqui! - Impaciente se levantou e ficou percorrendo de novo sua rota habitual, sem deixar de golpear sua perna -. Como pode dizer isso, sabendo que torturaram meu pai?

Baldor o agarrou por um braço e lhe disse:

- O que acontece se você continua escondido e os soldados não vão embora?

Desconfiarão que temos mentido para te ajudar a fugir. O Império não perdoa os traidores.

Roran escapou de Baldor. Deu a volta, golpeou-se na perna e logo se sentou bruscamente. “Se eu não aparecer, os ra'zac culparão a quem tenham pela frente. Se quero afastar aos ra'zac...” Roran não conhecia o bosque tão bem para livrar-se de trinta homens mais os ra'zac. “Eragon poderia fazê-lo, mas eu não.” Entretanto, se a situação não mudasse, podia ser sua única opção. Olhou para Baldor.

- Não quero que ninguém sofra por minha causa. Esperarei um pouco mais, e se os ra'zac se impacientarem e ameaçarem alguém... Bom, então pensarei em que fazer.

- É uma situação desagradável para todos - comentou Baldor.

- E tenho a intenção de sobreviver a ela.

Baldor foi embora pouco depois e deixou Roran a sós com seus pensamentos, percorrendo aquele caminho interminável. Percorria quilômetro atrás de quilômetro, cavando um sulco sob o peso de suas reflexões. Quando chegou o gélido crepúsculo, tirou as botas por medo de gastá-las e seguiu caminhando descalço. Justo quando se elevou a pálida lua e banhou as

sombras da noite com raios de luz marmórea, Roran percebeu algum alvoroço no Carvahall. Grupos de tochas percorriam a aldeia escura e pareciam apagar e acender ao entrar e sair das casas. As manchas amarelas se concentraram no centro do Carvahall como uma nuvem de vagalumes e logo se dirigiram desordenadamente para a borda do povoado, onde se encontraram com uma linha mais grossa de tochas dos soldados acampados. Durante duas horas, Roran viu como se opunham os dois grupos: as agitadas tochas pululavam sem remédio ante as tendas estúpidas. Por fim, as luzes cada vez mais tênues de ambos os grupos se dispersaram e retornaram às casas e às lojas. Vendo que não ocorria nada mais de interesse, Roran desatou seu saco de dormir e se meteu sob os lençóis.

Durante todo o dia seguinte, houve uma agitação incomum no Carvahall. Algumas figuras caminhavam de uma casa a outra e inclusive, para surpresa de Roran, saíram a cavalo para diversas fazendas do vale do Palancar. Ao meio-dia viu que dois homens entravam no acampamento dos soldados e desapareciam, durante ao menos uma hora, na tenda dos ra'zac.

Seguia com tal atenção aqueles acontecimentos que não se moveu em todo o dia. Estava comendo quando, tal como esperava, Baldor voltou a aparecer.

- Está com fome? - perguntou Roran, por gestos.

Baldor meneou a cabeça e se sentou com ar extenuado. As olheiras faziam que sua pele parecesse fina e machucada.

- Quimby morreu.

A terrina do Roran ressoou ao cair ao chão. Amaldiçoou, limpou o guisado frio que lhe tinha caído em uma perna e perguntou:

- Como?

- Ontem à noite um par de soldados começaram a incomodar Tara. - Tara era a esposa de Morn. - Não é que lhe importasse, mas os dois homens começaram a brigar para decidir quem ela devia servir antes. Quimby estava ali, reparando um barril e, segundo Morn, cansado-se, tentou separá-los. - Roran assentiu. Quimby era assim, sempre intervinha para assegurar-se de que os outros se comportavam corretamente. - O que aconteceu é que um soldado atirou uma jarra e lhe golpeou na fronte. Matou-o imediatamente.

Roran ficou olhando o chão com as mãos nos quadris, esforçando-se por recuperar o controle de sua agitada respiração. Era como se Baldor lhe tivesse deixado sem ar de repente. “Parece impossível... Quimby, morto?” O fazendeiro, e destilador em horas livres, formava parte daquela paisagem na mesma medida que as montanhas que rodeavam o Carvahall, uma presença indubitável que dava forma à textura da aldeia.

- Vão castigar esses homens?

Baldor elevou uma mão.

- Logo depois de matar Quimby, os ra'zac roubaram seu corpo do botequim e o arrastaram até as tendas. Tentamos recuperá-lo ontem à noite, mas se negaram a falar conosco.

- Eu vi.

Baldor grunhiu e esfregou o rosto.

- Papai e Loring se reuniram hoje com os ra'zac e conseguiram convencê-los a devolverem o corpo. De qualquer modo, os soldados não enfrentarão as conseqüências.

- Fez uma pausa -. Eu estava a ponto de vir quando devolveram o Quimby. Sabe o que deram a sua mulher? Ossos.

- Ossos!

- Cortados a dentadas, inclusive se notavam as marcas dos dentes. E tinham quebrado alguns para tirar o tutano.

O asco se apoderou do Roran, assim como um profundo terror pelo destino de Quimby. Era sabido por todos que uma pessoa não podia achar descanso se não se enterrava devidamente seu corpo. Amotinado pela profanação, perguntou:

- Então, quem, ou o que, o comeu?

- Os soldados também estavam horrorizados, ou seja, terão sido os ra'zac.

- Por quê? Para que serve?

- Acredito - explicou Baldor - que os ra'zac não são humanos. Você não os viu de perto, mas têm um fôlego péssimo e sempre tampam a cara com cachecóis negros. Têm as costas encurvadas e retorcidas e falam entre si com rangidos. Até seus homens parecem temê-los.

- Se não são humano, que tipo de criaturas são? - perguntou Roran -. Não são urgals.

- Quem sabe.

O medo se somou à repulsa de Roran, tratava-se de medo do sobrenatural. Viu-o refletido no rosto do Baldor quando este cruzou as mãos. Apesar de todas as histórias sobre as maldades de Galbatorix, parecia-lhe que a maldade do rei estava alojada entre suas casas. Roran sentiu o peso da história ao dar-se conta de que se relacionava com forças cuja existência só tinha sabido até então por meio de canções e relatos populares.

-Terá que fazer algo - murmurou.

O ar se tornou mais quente aquela noite, e ao meio dia seguinte o vale do Palancar resplandecia, sufocado por um inesperado calor primaveril. Carvahall parecia em paz sob o

claro céu Azul, embora Roran percebesse o amargo ressentimento que se aferrava a seus habitantes com uma intensidade maliciosa. A calma era como um lençol estendido, esticado pelo vento.

Devido à espera, o dia foi completamente aborrecido, Roran passou quase todo o tempo escovando a égua de Horst. Ao fim se deitou e olhou para além dos elevados pinheiros, para a bruma de estrelas que adornavam o céu noturno. Pareciam tão próximas que se sentiu como se voasse entre elas a toda velocidade, caindo para o mais negro vazio.

A lua estava se pondo quando Roran despertou, com a garganta irritada pela fumaça. Tossiu e virou para levantar-se, com os olhos ardentes e umedecidos ao tempo. Aquela fumaça tão nociva lhe impedia de respirar.

Roran agarrou suas mantas, selou à assustada égua e logo a esporeou montanha acima, com a esperança de encontrar um pouco de ar puro. Logo se deu conta de que a fumaça também ascendia e decidiu dar a volta e contornar um lado do bosque.

Depois de manobrar uns quantos minutos na escuridão, por fim se abriu um espaço limpo pela brisa. Roran limpou seus pulmões com inspirações fundas e escrutinou o vale em busca do fogo. Descobriu-o imediatamente. O celeiro do Carvahall ardia entre um ciclone de chamas que transformavam seu conteúdo em uma fonte de centelhas ambarinas. Roran estremeceu ao contemplar a destruição dos mantimentos do povoado. Queria gritar e correr pelo bosque para ajudar a quem pretendia apagá-lo, mas não pôde obrigar-se a renunciar a sua segurança.

Então uma centelha aterrissou em casa de Delwin. Em poucos segundos, o teto de palha explodiu em uma onda de fogo.

Roran amaldiçoou e se começou a arrancar ;os cabelos, ao mesmo tempo em que lhe corriam lágrimas pela face. Por isso brincar com fogo era um delito maior no Carvahall. Tratava-se de um acidente? Tinham sido os soldados? Será que os ra'zac castigavam aos aldeãos por o terem protegido? Ele tinha alguma responsabilidade por isso?

Continuando, a casa do Fisk se somou à conflagração. Apavorado, Roran só

pôde desviar o olhar e odiar-se por sua covardia.

Ao amanhecer tinham conseguido apagar todos os fogos, ou tinham se extinguido sozinhos. Só a mera fortuna e a falta de vento tinham salvado ao resto do Carvahall do incêndio. Roran esperou até que estivesse seguro de que tudo tinha terminado e logo se retirou para seu antigo acampamento e se deitou para descansar. Da manhã até o anoitecer, permaneceu alheio ao mundo, ao que só viu através da lente de seus sonhos atormentados.

Quando despertou de novo, limitou-se a esperar uma visita que estava seguro que aconteceria. Desta vez foi Albriech quem veio. Chegou em pleno crepúsculo, com uma expressão amarga e extenuada.

- Venha comigo - disse-lhe.

Roran ficou tenso.

- Por quê?

“Decidiram me entregar?”

Se a causa do fogo era ele, podia entender que os aldeãos quisessem seu desaparecimento. Inclusive podia entender que fora necessária. Não era razoável esperar que ninguém do Carvahall se sacrificasse por ele. Entretanto, isso não significava que ele pudesse permitir que o entregassem aos ra'zac. Depois do que aqueles monstros tinham feito a Quimby, Roran estava disposto a lutar até a morte contra converter-se em seu prisioneiro.

- Porque - explicou Albriech, esticando os músculos do queixo - os soldados começaram o fogo. Morn os proibiu de entrar no Seven Sheaves, mas se embebedaram com seu cerveja. Um deles atirou uma tocha no celeiro quando foram se deitar.

- Algum ferido? - perguntou Roran.

- Alguns queimados. Gertrude pôde ocupar-se deles. Tentamos negociar com os ra'zac. Para ouvir nossas reclamações de que o Império custeie as perdas e os culpados enfrentem à justiça, limitaram-se a cuspir. Inclusive se negaram a confinar aos soldados em suas tendas.

- Então, por que tenho que voltar?

Albriech soltou uma gargalhada vazia.

- Pelo martelo e as tenazes. Necessitamos de sua ajuda para... Desfazer-nos dos ra'zac.

- Farão isso por mim?

- Não nos arriscamos só pelo seu bem. Isto já afeta a toda a aldeia. Ao menos venha falar com papai e outros e escute o que dizem... Parece-me que você adorará

abandonar estas montanhas malditas.

Roran pensou na proposta de Albriech larga e intensamente antes de se decidir a acompanhá-lo. “Se não terei que fugir, e para fugir sempre há tempo.” Foi procurar a égua, prendeu suas bolsas à sela e seguiu Albriech para o fundo do vale. O avanço foi diminuindo à medida que se aproximavam do Carvahall, pois se escondiam atrás das árvores e do mato. Albriech deslizou por trás de um reservatório de chuva, comprovou que a rua estivesse limpa e logo se comunicou por gestos com o Roran. Ambos foram arrastando-se de sombra em sombra, sempre atentos a possível presença dos servos do Império. Ao chegar à forja de Horst, Albriech abriu uma das duas folhas da porta, apenas o suficiente para que Roran e a égua entrassem sem fazer ruído.

Dentro, a oficina estava iluminada apenas por uma vela, que emitia um halo tremeluzente sobre os rostos reunidos em torno dela e rodeados pela escuridão. Horst, cuja espessa barba se destacava sob a luz, estava rodeado pelos duros rostos de Delwin, Gedric e Loring. O resto do grupo era composto por homens mais jovens: Baldor, os três filhos do Loring, Parr e o filho de Quimby, Nolfavrell, que tinha treze anos. Todos se viraram para olhar quando Roran entrou na reunião. Horst disse:

- Ah, você conseguiu. Evitou as desgraças enquanto estava nas Vertebradas?

- Tive sorte.

- Então, prossigamos.

- Com o que, exatamente?

Roran amarrou a égua a uma bigorna enquanto falava.

Lorin respondeu. O rosto amarelado do sapateiro era uma massa de feridas e rugas retorcidas.

- Tentamos recorrer à razão com esses ra'zac... Esses invasores. - deteve-se. Um desagradável zumbido metálico sacudia seu corpo do mais fundo do peito. - rechaçaram a razão. Puseram-nos em perigo sem o menor sinal de remorso ou contrição. - Pigarreou e logo anunciou com uma pronunciada deliberação -: Eles... Têm que... desaparecer. Essas criaturas...

- Não - disse Roran -. Criaturas, não. Profanadores.

Todos fecharam o rosto e moveram a cabeça em sinal de consentimento. Delwin retomou o fio da conversação:

- O assunto é que todas as nossas vidas correm perigo. Se esse fogo chegasse a se estender mais, dúzias de pessoas teriam morrido e os que se livrassem teriam perdido tudo o que tinham. Em conseqüência, decidimos afastar os ra'zac do Carvahall. Você se unirá a nós?

Roran hesitou.

- E se retornarem ou enviarem reforços? Não podemos derrotar todo o Império.

- Não - respondeu Horst, grave e solene -, mas tampouco podemos permanecer calados e permitir que os soldados nos matem e destruam nossas propriedades. O que um homem pode agüentar sem devolver o golpe tem um certo limite.

Lorin riu e jogou a cabeça para trás de tal modo que a chama iluminou seus dentes quebrados.

- Primeiro nos fortificaremos - sussurrou com regozijo - e logo lutaremos. Faremos que se arrependam de ter posto seus olhos podres no Carvahall!

Represálias

Quando Roran se mostrou de acordo com seu plano, Horst começou a repartir pás, forcas e malhos, algo que pudesse servir para golpear os soldados e os ra'zac. Roran sopesou uma lança e a deixou de um lado. Embora as histórias de Brom nunca lhe tivessem interessado, havia uma, a “Canção de Gerand”, que ressonava em seu interior cada vez que a ouvia. Falava de Gerand, o maior guerreiro de sua época, que trocou sua espada por uma esposa e uma fazenda. Entretanto, não encontrou a paz porque um senhor ciumento iniciou uma luta de sangue contra sua família, o que obrigou Gerand a voltar a matar. Mas não lutou com sua espada, utilizou apenas um simples martelo.

Roran se aproximou da parede e agarrou um martelo de tamanho médio que tinha o cabo comprido e um lado da cabeça redondo. O passou de uma mão a outra, aproximou-se do Horst e lhe perguntou:

- Posso ficar com isto?

Horst contemplou a ferramenta e logo olhou para Roran:

- Use-o com sabedoria. - Depois se dirigiu ao resto do grupo -. Escutem. Não queremos matá-los, e sim assustá-los. Quebrem quantos ossos quiserem, mas não se deixem levar. E aconteça o que acontecer, não fiquem brigando. Por muito valentes e heróicos que sejamos, lembrem-se que eles são soldados bem treinados. Uma vez que todos estavam bem equipados, abandonaram a forja e caminharam pelo Carvahall para o limite do acampamento dos ra'zac. Os soldados já

estavam deitados, salvo quatro sentinelas que patrulhavam o perímetro de tendas cinzentas. Os dois cavalos dos ra'zac estavam amarrados junto às brasas de uma fogueira.

Horst deu ordens em voz baixa: enviou Albriech e Delwin para emboscar a dois sentinelas, e Parr e Roran para acertar os outros dois. Roran conteve o fôlego enquanto espreitava o soldado distraído. Seu coração começou a estremecer, e a energia lhe aguilhoou as extremidades. Escondeu-se depois da esquina de uma casa, tremendo, e esperou o sinal do Horst.

“Espere. Espere.”

Com um rugido, Horst abandonou seu esconderijo e dirigiu a carga para as lojas. Roran se lançou adiante e agitou o martelo, que alcançou o sentinela no ombro com um rangido horripilante.

O homem uivou e soltou sua alabarda. cambaleou ao receber novos golpes de Roran, nas costelas e nas costas. Roran elevou de novo o martelo, e o homem se retirou, pedindo ajuda aos gritos.

Roran correu atrás dele, gritando incoerências. Lançou um golpe à lateral de uma tenda de lã,

pisoteou ;quem houvesse dentro e logo esmagou um elmo que viu aparecer de outra tenda. O metal soou como um sino. Roran apenas se deu conta de que Loring passava dançando a seu lado, o ancião cacarejava e chiava na noite enquanto ferroava os soldados com uma forca. Havia confusão e corpos enroscados na luta por toda parte.

Roran girou sobre si mesmo e viu que um soldado tentava armar o arco. Lançou-se rapidamente e golpeou o arco com seu martelo, partindo em duas a madeira. O soldado fugiu.

Os ra'zac saíram de rastros de sua tenda com uivos terríveis e armados com suas espadas. Sem lhes dar tempo para atacar, Baldor desatou os cavalos e os forçou a galopar para aqueles dois espantalhos. Os ra'zac se separaram e voltaram a reagrupar-se, mas se viram arrastados quando os soldados, perdida a moral, puseramse em fuga. Então terminou.

Roran arquejava em silêncio, com a mão com cãibras em torno do cabo do martelo. Ao fim de um momento, Horst caminhou entre os montões de mantas e tendas derrubadas. Sob a barba, o ferreiro sorria.

- Fazia anos que não tinha uma briga tão boa.

Atrás deles, Carvahall recobrava a vida à medida que as pessoas tentavam averiguar a origem daquela comoção. Roran viu que se acendiam os abajures atrás das janelas fechadas e logo se virou para ouvir um suave soluço. O moço, Nolfavrell, estava ajoelhado junto ao corpo de um soldado, apunhalando-o metodicamente enquanto as lágrimas lhe corriam até o queixo. Gedric e Albriech se aproximaram correndo e afastaram a Nolfavrell do cadáver.

- Não devia ter vindo - disse Roran.

Horst encolheu os ombros.

- Ele tinha todo o direito.

“De qualquer forma, ter matado um homem dos ra'zac ainda nos complicará

mais a tarefa de nos libertar dos profanadores.”

- Deveríamos pôr barricadas no caminho e entre as casas para que não nos peguem de surpresa.

Repassou os homens para verificar se algum estava ferido e viu que Delwin tinha um comprido talho no antebraço. O fazendeiro o enfaixou com uma tira que arrancou de sua camisa destroçada.

Com alguns poucos gritos, Horst organizou o grupo. Encarregou Albriech e Baldor que tirassem o carro de Quimby da forja e enviou aos filhos de Loring e a Parr para rebuscar pelo Carvahall qualquer objeto que pudesse servir para proteger a aldeia. Enquanto ele falava, as pessoas foram se congregando na borda do campo e contemplavam os restos do acampamento

dos ra'zac e o soldado morto.

- O que aconteceu? - gritou Fisk.

Loring se adiantou e olhou o carpinteiro aos olhos:

- Que aconteceu? Eu contarei o que aconteceu. Derrotamos esses canalhas, nós os pilhamos descalços e os fizemos fugir como cães.

- Eu adorei. - Aquela voz forte era de Birgit, uma mulher de cabelo castanho que tinha Nolfavrell abraçado junto a seu peito, ignorando o sangue que lhe manchava o rosto -. Merecem morrer como covardes pela morte de meu marido. Os aldeãos soltaram murmúrios de consentimento, mas logo Thane falou:

- Você ficou louco, Horst? Inclusive se tiverem assustado os ra'zac e os soldados, Galbatorix enviará mais homens. O Império não cederá até que prendam Roran.

- Deveríamos entregá-lo - grunhiu Sloan.

Horst levantou as mãos.

- Estou de acordo: ninguém vale por si mesmo mais que todo o Carvahall. Mas se entregarmos Roran, acreditam de verdade que Galbatorix permitirá que não nos castiguem por nossa resistência? Para ele não valemos mais que os varden.

- Então, por que os atacou? - quis saber Thane -. Quem lhe concedeu a autoridade para tomar esta decisão? Condenou a todos nós!

Desta vez Birgit respondeu:

- Permitiria que matassem a sua esposa? - Virou o rosto de seu filho com as mãos e logo mostrou as palmas ensangüentadas para Thane, como uma acusação -. Permitiria que nos queimassem? Onde está sua dignidade, oleiro?

O homem baixou o olhar, incapaz de enfrentar a sua expressão severa.

- Queimaram minha fazenda - disse Roran -, comeram Quimby e estiveram a ponto de destruir o Carvahall. Não são crimes que possam ficar impunes. Devemos nos acovardar e aceitar nosso destino como coelhos assustados? Não! Temos direito a nos defender. - Calou-se ao ver que Albriech e Baldor subiam a rua com dificuldade, arrastando o carro -. Discutiremos isso mais tarde. Agora temos que nos preparar. Quem nos ajuda?

Quarenta homens, ou mais, ofereceram-se como voluntários. Todos se ocuparam da difícil tarefa de converter o Carvahall em um lugar impenetrável. Roran trabalhou sem cessar, cravando estacas entre as casas, amontoando barris cheios de pedras para formar falsas paredes e arrastando lenhos pelo caminho principal, que ficou bloqueado com dois carros

tombados.

Quando ia de uma tarefa a seguinte, Katrina o abordou em um beco. Abraçouo e disse:

- Me alegro de que tenha retornado e de que esteja bem.

Roran lhe deu um beijo suave.

- Katrina, tenho que falar contigo assim que terminarmos. - Ela sorriu insegura, mas com uma faísca de esperança -. Tinha razão: esperar é uma estupidez da minha parte. Cada momento que passamos juntos é muito valioso, e não tenho nenhuma intenção de esbanjar esse tempo agora que qualquer capricho do destino poderia nos separar.

Roran jogava água no teto de palha da casa do Kiselt para que não se incendiasse quando Parr gritou:

- Os ra'zac!

Roran soltou o balde e correu para os carros, onde tinha deixado seu martelo. Enquanto recolhia a arma, viu um dos ra'zac montado em seu cavalo ao fundo do caminho, quase a tiro de arco. Uma tocha sustentada na mão esquerda iluminava à

criatura, enquanto a direita estava arremessada para trás, como se fosse lançar algo. Roran riu:

- Vai atirar uma pedra? Está muito longe para acertar...

Teve que se calar porque o ra'zac soltou o braço como um látego e uma ampola de cristal percorreu em um arco a distância que os separava e se chocou contra o carro da direita. Um instante depois, uma bola de fogo elevou o carro pelos ares e um punho de ar ardente lançou Roran contra uma parede.

Aturdido, caiu de quatro patas e arquejou para recuperar a respiração. Entre rugidos, seus ouvidos distinguiram o som de cavalos lançados em galope. obrigou-se a levantar e encarar o som, mas teve que lançar-se de lado ao ver que os ra'zac entravam a toda velocidade no Carvahall pelo buraco que havia entre os dois carros. Os ra'zac soltaram as rédeas, e as espadas brilharam enquanto davam cutiladas contra as pessoas que se dispersavam em torno deles. Roran viu três homens morrerem, logo Horst e Loring se aproximaram dos ra'zac e os obrigaram a retroceder com suas forcas. Antes que os aldeãos pudessem se agrupar, os soldados penetraram pela abertura e começaram a matar indiscriminadamente na escuridão. Roran sabia que teria que detê-los se queria evitar a conquista do Carvahall. Saltou para um soldado, agarrou-o e o golpeou na cara com o martelo. O soldado desabou sem o menor ruído. Ao ver que seus companheiros lhe caiam em cima, Roran arrancou o escudo do braço inerte do morto. Conseguiu liberá-lo bem a tempo para aparar o primeiro golpe.

Caminhando para trás em direção aos ra'zac, Roran desviou uma facada e logo golpeou com o

martelo no queixo do homem e o derrubou.

- A mim! - gritou Roran -. Defendam suas casas! - Deu um passo lateral para se desviar de um murro, ao mesmo tempo em que cinco homens se aproximaram com a intenção de rodeá-lo -. A mim!

Baldor foi o primeiro a responder sua chamada, e logo, Albriech. Poucos segundos depois, somaram-se os filhos do Loring, seguidos por outros homens. Desde as ruas laterais, as mulheres e os meninos atiravam pedras nos soldados.

- Permaneçam juntos - ordenou Roran, defendendo seu terreno -. Somos mais que eles.

Os soldados se detiveram ao ver que a fila de aldeãos que tinham pela frente e que seguia aumentando. Com mais de cem homens a suas costas, Roran avançou.

- Ataquem, estúpidos - gritaram os ra'zac, ao mesmo tempo em que se esquivavam da forca de Loring.

Uma flecha solta assobiou em direção à Roran. Deteve-a com seu escudo e riu. Os ra'zac estavam agora no mesmo nível que os soldados e vaiavam de pura frustração. Fulminavam os aldeãos sob seus capuzes escuros. De repente, Roran sentiu uma espécie de letargia e que não podia se mover, inclusive lhe custava pensar. A fadiga parecia prender seus braços e suas pernas.

Então ouviu um grito do Birgit desde o Carvahall. Um segundo depois, uma pedra voou por cima de sua cabeça e acertou o ra'zac que ia à frente. Este se retorceu com uma velocidade sobrenatural para evitar o míssil. Aquela distração, embora fugaz, liberou a mente do Roran da influência soporífera. “Isso era magia?”, pensou. Soltou o escudo, agarrou o martelo com as duas mãos e o elevou por cima da cabeça, tal como fazia Horst para aplanar o metal. Roran se adiantou nas pontas dos pés, com todo o corpo curvado para trás, e lançou os braços com uma exclamação. O

martelo voou rodando pelo ar e ricocheteou no escudo do ra'zac, onde deixou um formidável amassado.

Os dois ataques bastaram para perturbar o que restava do estranho poder dos ra'zac. Quando os aldeãos se equilibraram rugindo, os ra'zac se comunicaram com rápidos estalos e logo, com um puxão das rédeas, deram a volta.

- Retirada! - grunhiam ao cavalgar entre os soldados.

De repente, os soldados de capas encarnadas se afastaram do Carvahall, esfaqueando qualquer um que se aproximasse muito. Só quando estavam a boa distância dos carros em chamas se atreveram a dar a volta.

Roran suspirou e recuperou seu martelo. Notava os machucados do flanco e das costas, onde

tinha batido ao se chocar contra a parede. Abaixou a cabeça ao ver que a explosão tinha matado Parr. Tinham morrido outros oito homens. Suas mães e esposas já rasgavam a noite com seus gemidos de dor.

Como isso podia ter acontecido ali?

- Venham todos! - exclamou Baldor.

Roran pestanejou e andou aos tropicões para a metade do caminho, onde estava Baldor. Um dos ra'zac estava sentado em seu cavalo, como um escaravelho, a pouco mais de vinte metros. A criatura apontou com um dedo retorcido para Roran e disse:

- Você... Cheira como seu primo. Nunca esquecemos um aroma.

- O que querem? - gritou ele -. Por que vieram?

O ra'zac soltou uma gargalhada horrível, como de inseto:

- Queremos... informação. - Jogou um olhar por cima do ombro, para o lugar por onde tinham desaparecido seus companheiros, e logo gritou -: Entreguem Roran, e os venderemos como escravos. Protejam-no, e comeremos a todos vocês. Obteremos sua resposta quando voltarmos. Assegurem-se que seja a resposta adequada.

Az Sweldn rak Anhüin

Quando as portas se abriram, a luz estalou no túnel. Eragon fechou os olhos, pois não estavam acostumados à luz depois de tantos dias no subsolo. A seu lado, Saphira vaiou e arqueou o pescoço para ver melhor o que a rodeava. Havia passado dois dias atravessando o túnel subterrâneo desde Farthen Dür, embora a Eragon parecia ter sido muito mais tempo pela interminável penumbra que os rodeava e o silêncio que se impôs no grupo. No máximo, recordava um punhado de palavras trocadas em todo o trajeto.

Eragon tinha alimentado a esperança de saber mais coisas sobre Arya enquanto viajavam juntos, mas a única informação que tinha obtido procedia simplesmente da observação. Não tinha jantado nunca antes com ela, e lhe surpreendeu ver que levava sua própria comida e que não provava a carne. Quando lhe perguntou por que, ela respondeu:

- Você tampouco provará carne de nenhum animal depois de sua formação, ou se o fizer, será só em ocasiões muito extraordinárias.

- E por que tenho que renunciar à carne? - quis saber.

- Não posso lhe explicar isso com palavras, mas você entenderá assim que cheguemos a Ellesméra.

Esqueceu-se de tudo isso enquanto acelerava para chegar à soleira, ansioso por ver seu lugar

de destino. Encontrou-se em pé sobre um saliente de granito, a mais de trinta metros de altitude sobre um lago coberto por uma bruma púrpura que brilhava sob o sol do este. Igual a Kósthamérna, a água ia de uma montanha a outra, enchendo todo o vale. Do outro lado do lago, o Az Ragni fluía para o norte, curvando-se entre os picos até que - ao longe - equilibrava-se sobre as planícies do este. A sua direita as montanhas pareciam anódinas, salvo por poucos atalhos, enquanto que à esquerda... À esquerda estava a cidade anã do Tarnag. Ali os anões tinham trabalhado a terra das Beor, aparentemente imutáveis, para criar uma série de terraços. A inferior estava ocupada sobre tudo por fazendas - viam-se escuros traçados de terra à espera de plantações -, salpicadas por edifícios baixos que, até onde ele podia imaginar, pareciam de pedra. Sobre esses níveis vazios se elevavam fileiras e fileiras de edifícios entrelaçados até culminar em uma gigantesca cúpula dourada e branca. Era como se os edifícios de toda a cidade não fossem mais que escadas para subir até a cúpula. Brilhava como pedra lunar polida, um miçanga leitosa que flutuasse sobre uma pirâmide de pedra cinza.

Orik se adiantou à pergunta de Eragon:

- Isso é Celbedeil, o maior templo do mundo dos anões, lar do Dürgrimst Quan, o clã dos Quan, serventes e mensageiros dos deuses.

Eles mandam no Tarnag? -perguntou Saphira.

Eragon repetiu a pergunta.

- Não - respondeu Arya, ao mesmo tempo em que dava um passo adiante -. Embora os Quan sejam fortes, e apesar de seu respeito sobre a vida do próximo e do ouro, são muito poucos. Quem controla Tarnag são os Ragni Hefthyn, os Guardiões do Rio. Enquanto estivermos aqui, nos instalaremos na casa do chefe do clã, Ündin. Enquanto seguiam a elfa para abandonar o saliente e meter-se no retorcido bosque que cobria como um manto a montanha, Orik disse ao ouvido de Eragon:

- Não se assuste. Há muitos anos vêem discutindo com os Quan. Cada vez que visita Tarnag e fala com um sacerdote, provoca brigas tão selvagens que assustariam a um kull.

- Arya?

Orik assentiu com gravidade.

- Não sei muito disso, mas me contaram que está em profundo desacordo com muitas práticas dos Quan. Parece que os elfos não aceitam muito bem a idéia de “pedir ajuda ao ar”.

Eragon contemplou as costas da Arya enquanto baixavam, perguntando-se se seriam certas as palavras de Orik e, nesse caso, quais seriam as crenças da elfa. Respirou fundo e afastou o assunto de sua mente. Era maravilhoso estar de novo ao ar livre, onde podia cheirar o musgo, e as árvores do bosque, onde o sol lhe esquentava a face e as abelhas e outros insetos revoavam agradavelmente em enxames. O caminho descia pelo limite do lago antes de elevar-se de novo para o Tarnag e suas portas abertas.

- Como conseguiu esconder Tarnag de Galbatorix? - perguntou Eragon -. Farthen Dür eu entendo, mas isto... Não tinha visto nada igual. Orik riu brandamente.

- Escondê-la? Seria impossível. Não, quando caíram os Cavaleiros nos vimos obrigados a abandonar todas nossas cidades na superfície e nos retirar aos túneis para fugir de Galbatorix e os Apóstatas. Freqüentemente percorriam as Beor voando e matavam a quem encontravam.

- Acreditava que os anões sempre tinham vivido clandestinamente. Orik franziu tanto o cenho que as sobrancelhas se juntaram.

- E por que íamos fazer isso? Temos certas afinidades com a pedra, mas nós gostamos do ar livre tanto como os humanos e os elfos. Em qualquer caso, logo que faz um decênio e meio, da morte do Morzan, que nos atrevemos a retornar ao Tarnag e a outras residências antigas. Galbatorix pode ter um poder sobrenatural, mas nunca atacaria uma cidade sozinho. É obvio, ele e seu dragão poderiam nos causar problemas infinitos se quisessem, mas ultimamente não saem de Urü'baen, nem sequer para viagens curtas. E Galbatorix tampouco poderia trazer um exército até aqui sem conquistar antes Buragh ou Farthen Dür.

O que esteve a ponto de fazer -comentou Saphira.

Ao alcançar um montículo, Eragon deu um salto de surpresa quando um animal saltou do mato e se plantou no caminho. A mirrada criatura parecia uma cabra montanhesa das Vertebradas, mas era maior e tinha uma gigantesca barbicha estriada que se espalhava em torno das bochechas, em comparação, os dos urgals eram pequenos como ninhos de andorinhas. Ainda mais estranhos pareciam a cela amarrada no lombo da cabra e o anão que ia sentado nela com firmeza e lhes apontava com um arco médio elevado ao ar.

- *Hert dürgrimst? Fild rastn*? - exclamou o estranho anão.

- *Orik Thrifkz menthiv oen Hrethcarach Eragon rak Dürgrimst Ingeitum* - respondeu Orik -. *Wharn, Az vanyali-carha-rúg Arya. Né oc Ündinz grimstbelardn.* A cabra olhava com receio para Saphira. Eragon percebeu o brilho e a inteligência de seus olhos, embora a cara fosse bem engraçada com sua barba cristalizada e aquela expressão tão sombria. Lembrou de Hrothgar, e esteve a ponto de rir ao dar-se conta de que o animal se parecia com os anões.

- *Azt jok jordn rast* - chegou a resposta.

Sem aparente intervenção do anão, a cabra saltou para frente e percorreu uma distância tão extraordinária que por um instante pareceu que levantaria vôo. Cavaleiro e corcel desapareceram entre as árvores.

- O que era isso? - perguntou Eragon, assombrado.

Orik pôs-se a andar de novo.

- Um Feldünost, uma das cinco espécies de animais que só vivem nestas montanhas. Cada uma

delas dá nome a um clã. De qualquer maneira, o Dürgrimst Feldünost talvez seja o clã mais valente e venerado.

- Por quê?

- Dependemos deles para conseguir leite, lã e carne. Sem sua ajuda, não poderíamos viver nas Beor. Quando Galbatorix e seus Cavaleiros traidores nos aterrorizavam, os Dürgrimst Feldünost eram os que se arriscavam a manter os rebanhos e os campos, e continuam fazendo isso. Assim, todos estamos em dívida com eles.

- Todos os anões montam no Feldünost?

Eragon se atrapalhou um pouco ao pronunciar aquela palavra estranha.

- Só nas montanhas. Os Feldünost são resistentes e têm o passo firme, mas se adaptam melhor às montanhas que às planícies.

Saphira empurrou Eragon com o focinho, obrigando a *Neve de Fogo* a afastarse. *Isso sim que seria boa caça, melhor que qualquer que tenha provado desde que saímos das Vertebradas. Se me sobrar um pouco de tempo no Tarnag... Não* -respondeu Eragon -. *Não podemos ofender os anões.* Saphira soprou, irritada.

Posso lhes pedir permissão.

O caminho que os tinha mantido por muito tempo sob a escuridão dos ramos entrou em uma grande clareira que rodeava Tarnag. Tinham começado a se reunir grupos de observadores nos campos quando sete Feldünost com armaduras saíram da cidade dando botes. Seus cavaleiros levavam lanças com bandeirolas que ondulavam como chicotes ao vento. Atirando as rédeas do seu estranho arreio, o anão que os liderava disse:

- Sejam bem-vindos à cidade do Tarnag. Pelo otho de Ündin e Gannel, eu, Thorv, filho do Brokk, ofereço-lhes a paz e o refúgio de nossos aposentos. Tinha um acento miserável e áspero, com um ronronar rude, muito distinto do de Orik.

- E pelo otho do Hrothgar, os Ingeitum aceitam sua hospitalidade.

- O mesmo digo eu, em nome do Islanzadí - acrescentou Arya. Aparentemente satisfeito, Thorv fez um gesto a seus companheiros, que esporearam seus Feldünost para que formassem em torno deles. Com um movimento ostentoso, os anões colocaram suas montarias a andar e os guiaram para Tarnag e através das portas da cidade.

A muralha exterior media doze metros de espessura e criava um túnel de sombras para as primeiras das muitas fazendas que rodeavam Tarnag. Outros cinco níveis - cada um deles defendido por uma porta fortificada - levaram-nos além dos campos até o princípio da cidade propriamente dita.

Em contraste com as grosas muralhas do Tarnag, os edifícios que se albergavam em seu interior, apesar de serem de pedra, estavam construídos com tal astúcia que transmitiam uma sensação de leveza e ligeireza. Umas talhas grossas e vistosas, geralmente de animais, adornavam as casas e as lojas. Mas ainda era mais surpreendente a própria pedra: as cores vibrantes, que iam de um escarlate brilhante ao verde mais sutil, cristalizavam a rocha em capas translúcidas. Penduradas por toda a cidade se viam as tochas sem chama dos anões, as faíscas multicoloridos que se antecipavam ao crepúsculo das Beor e a sua larga noite. Ao contrário que Tronjheim, Tarnag estava construída segundo a proporção dos anões, sem nenhuma concessão aos visitantes humanos, elfos ou dragões. Como máximo, as soleiras alcançavam um metro e meio de altura e freqüentemente não ultrapassavam o metro vinte. Eragon era de estatura média, mas agora se sentia como um gigante transportado a um teatro de marionetes.

As ruas eram amplas e estavam cheias de gente. Anões de diversos clãs trabalhavam em excesso em suas tarefas ou regateavam às portas das lojas. Muitos levavam roupas estranhas e exóticas, como um grupo de anões de aspecto feroz, com cabeleiras negras, que levavam chapéus de prata esculpidos com forma de cabeças de lobo.

Eragon olhava sobre tudo para as anãs, pois nunca tinha podido olhar para uma no Tronjheim. Eram mais gordas que os homens e tinham rostos duros, embora seus olhos brilhassem, tinham o cabelo bem lustroso e as mãos que pousavam em seus diminutos filhos pareciam tenras. Evitavam as ninharias, salvo por uns pequenos e intrincados broches de ferro e pedra.

Para ouvir os ressonantes passos dos Feldünost, os anões se viravam para olhar aos recém chegados. Não aclamavam como Eragon tinha esperado, mas faziam reverências e murmuravam “Assassino de Sombras”. Quando viam o martelo e as estrelas gravadas no elmo do Eragon, a admiração dava passo à surpresa e, em muitos casos, à indignação. Uma certa quantidade de anões indignados se reuniram em torno dos Feldünost, fulminaram Eragon com o olhar, entre os corpos dos animais, e gritaram alguns impropérios.

Os pelos da nuca de Eragon se arrepiaram.

Parece que me adotar não era a decisão mais popular que Hrothgar podia tomar.

Sim -concedeu Saphira -. *Talvez tenha obtido mais controle sobre você, mas ao custo de indignar a muitos anões. Será melhor que desapareçamos de sua vista antes que haja sangue derramado.*

Thorv e os outros guardas seguiram avançando como se aquela multidão não existisse, abrindo espaço por outros sete níveis até que apenas uma porta os separou da mole do Celbedeil. Então Thorv virou à direita, para uma grande praça próxima a saída da montanha e protegida do exterior por uma muralha rematada por duas torres. Ao se aproximar da praça, um grupo de anões armados saiu de entre as casas e formou uma grosa fileira que bloqueava a rua. Levavam os rostos e os ombros cobertos por compridos véus de cor púrpura, como toucas de malha. Imediatamente os guardas soltaram as rédeas de seus Feldünost e fizeram caras sérias.

- O que está acontecendo? - perguntou Eragon ao Orik.

O anão se limitou a menear a cabeça e caminhou para frente, com uma mão no machado.

- *Etzil nithgech!* - exclamou um anão velado, com um punho elevado -. *Formv Hrethcarach... formvjurgencarmeitder nos eta goroth bahst Tarnag, dür encesti rak kythn!*

Jok is warrev AZ barzülegür dür dürgrimst, AZ Sweldn rak Anhüin, mógh tor rak Jurgenvren? Né üdim etal vos rast knurlag. Knurlag Ana... Seguiu destrambelhando durante um longo momento, com crescente mau humor.

- *Vrron*! - ladrou Thorv para lhe cortar.

Os dois anões ficaram discutindo. Face à brutalidade do intercâmbio, Eragon viu que Thorv parecia respeitar o outro.

Eragon se virou para um lado para conseguir uma visão melhor por trás do Feldünost de Thorv. O anão com véu guardou silêncio de repente e apontou o elmo de Eragon com expressão de horror.

- *Knurlag qana quiránü Dürgrimst Ingeitum*! – exclamou -. *Qarzül Ana Hrothgar oen volfild...*

- *Jok is frekk dürgrimstvren?* - interrompeu-o Orik em voz baixa, ao mesmo tempo em que brandia o machado.

Eragon olhou para Arya, mas ela estava muito concentrada na discussão para dar-se conta. Dissimuladamente, deslizou a mão para baixo e rodeou o punho metálico de Czar'roc.

O estranho anão olhou para Orik com dureza e logo tirou do bolso um anel de ferro, arrancou três cabelos da barba, enroscou-os em torno do anel, atirou-o ao chão com um seco ressonar e cuspiu. Sem acrescentar palavra, os anões dos véus púrpura partiram.

Thorv, Orik e outros guerreiros soltaram um coice quando o anel ricocheteou sobre o pavimento de granito. Inclusive Arya parecia afetada. Dois dos anões mais jovens empalideceram e se prepararam para desembainhar as espadas, mas as soltaram quando Thorv gritou:

- *Eta*!

Suas reações inquietaram Eragon muito mais que a rouca conversação. Quando Orik se adiantou e depositou o anel em uma bolsa, Eragon lhe perguntou:

- O que significa isso?

- Significa - respondeu Thorv - que você tem inimigos.

Apressaram-se a cruzar a muralha e chegaram a um amplo pátio ocupado por três mesas dispostas para um banquete, decoradas com tochas e bandeirolas. diante das mesas havia um grupo de anões, e ante eles havia um anão de barba cinza envolto em pele de lobo. Este abriu os braços e disse:

- Bem-vindos a Tarnag, lar do Dürgrimst Ragni Hefthyn. Ouvimos falar muito de você, Eragon Assassino de Sombras. Eu sou Ündin, filho do Deründ e chefe do clã. Outro anão deu um passo adiante. Tinha os ombros e o peito de um soldado, e seus olhos negros não abandonaram em nenhum momento o rosto do Eragon.

- E eu sou Gannel, filho do Orm Tocha de Sangue, chefe de Dürgrimst Quan.

- É uma honra ser seu convidado - respondeu Eragon, inclinando a cabeça. Percebeu que Saphira se impacientava porque a tinham ignorado. *Paciência* -murmurou-lhe, forçando um sorriso.

Ela soprou.

Os chefes dos clãs saudaram por turnos a Arya e Orik, mas com este último se tratava de uma hospitalidade esbanjada, pois se limitou a estender a mão que sustentava o anel de ferro.

Ündin abriu muito os olhos e elevou com cautela o anel, sustentando-o entre o polegar e o indicador como se fosse uma serpente venenosa.

- Quem te deu isto?

- Foi Az Sweldn rak Anhüin. E não me deu isso, deu a Eragon. Ao ver que o alarme se apoderava de seus rostos, Eragon recuperou a apreensão de antes. Tinha visto anões enfrentarem sozinhos os kull sem fugir. O anel devia simbolizar algo verdadeiramente terrível se era capaz de debilitar sua coragem. Ündin franziu o cenho enquanto escutava os murmúrios de seus conselheiros. Logo disse:

- Temos que esclarecer este assunto. Assassino de Sombras, preparamos um banquete em sua honra. Se permitir que meus serventes o acompanhem a seus aposentos, poderá se refrescar, e talvez logo possamos começar.

- É obvio.

Eragon passou as rédeas de *Neve de Fogo par* a um anão que esperava e seguiu um guia para a praça. Ao passar sob uma soleira, olhou para atrás e viu Arya e Orik em plena discussão com os chefes dos clãs, com as cabeças bem juntas. *Não demorarei muito* -prometeu a Saphira.

Depois de percorrer agachado os corredores de tamanho anão, viu com alívio que a habitação que lhe tinham atribuído era suficientemente espaçosa para permanecer nela de pé. O servente fez uma reverência e disse:

- Voltarei quando Grimstborith Ündin estiver preparado.

Quando o anão se foi, Eragon ficou quieto, respirou fundo e agradeceu o silêncio. O encontro com os anões dos véus continuava em sua mente e não conseguia relaxar. “Ao menos não vamos ficar muito no Tarnag. Isso evitará que nos criem problemas.”

Tirou as luvas e se aproximou de uma bacia de mármore que havia no chão, junto à cama. Colocou as mãos na água e as tirou com um puxão, com um grito involuntário. A água estava quase fervendo. “Deve ser um costume dos anões”, concluiu. Esperou que se esfriasse um pouco e logo molhou o rosto e o pescoço e os esfregou para lavá-los, lhe arrancando vapor da pele.

Recuperado, tirou as bombachas e a túnica e ficou com a roupa que tinha usado no funeral do Ajihad. Agarrou a Czar'roc, mas decidiu que se a levasse ao banquete, seria uma ofensa para Ündin, substituiu-a pela faca de caça. Logo tirou da bolsa o pergaminho que Nasuada lhe tinha dado para que entregasse a Islanzadí e o sustentou na mão, perguntando-se onde escondê-lo. A carta era muito importante para deixá-la à vista, onde qualquer um poderia lê-la ou roubá-la. Como não lhe ocorria um lugar melhor, o colocou dentro da manga. “Aqui estará a salvo, a menos que me meta em alguma briga, nesse caso terei problemas mais importantes com que me preocupar.”

Quando o anão, afinal voltou em busca de Eragon, se passava mais de uma hora do meio-dia, mas o sol já tinha se posto atrás das altas montanhas, deixando Tarnag no crepúsculo. Ao sair à praça, Eragon se surpreendeu pela transformação da cidade. Com a chegada prematura da noite, as tochas dos anões revelavam sua verdadeira potência e derramavam pelas ruas uma luz pura e firme que fazia brilhar todo o vale.

Undin e os outros anões estavam reunidos no pátio com Saphira, que tinha se instalado na cabeceira da mesa. Ninguém parecia interessado em lhe disputar o posto. *Aconteceu algo?* - perguntou Eragon, apressando-se para chegar a seu lado. *Undin chamou mais soldados e mandou fechar as portas.*

Espera que nos ataquem?

Pelo menos lhe preocupa essa possibilidade.

- Por favor, Eragon, venha comigo - disse Ündin, assinalando uma cadeira que ficava a sua direita.

O chefe do clã se sentou ao mesmo tempo em que Eragon, e outros comensais os imitaram depressa.

Eragon se alegrou ao ver que Orik ficara a seu lado e Arya, em frente, embora os dois parecessem sombrios. Sem lhe dar tempo para perguntar pelo anel, Ündin golpeou a mesa e rugiu:

- *Ignh Az voth*!

Os serventes saíram do vestíbulo carregados com bandejas de ouro cheias de carne, bolos e frutas. dividiram-se em três colunas, uma para cada mesa, e deixaram os pratos com um movimento ostentoso.

Ante eles havia sopas e guisados cheios de diversos tubérculos, veados assados, largas barras quentes de pão de massa fermentada e fileiras de bolos de mel empapados em geléia de salsinha, a um lado, as enguias curtidas olhavam lúgubres um recipiente de queijo, como se tivessem a esperança de escapar dali para voltar para rio. Em cada mesa havia um cisne rodeado de bandos de perdizes, gansos e patos cheios. Havia cogumelos por toda parte: assadas com saborosos molhos, colocadas na cabeça de um ave ou recortadas com forma de castelo entre montões de molhos. via-se uma incrível variedade, desde cogumelos brancos inflados e do tamanho do punho de Eragon até alguns que podiam confundir-se com partes de casca retorcida, passando por alguns cogumelos limpamente partidos pela metade para exibir a cor Azul de sua carne.

Mostraram a peça principal do banquete: um gigantesco porco assado, reluzente de molho. Ao menos a Eragon pareceu que era um porco, embora o esqueleto fosse tão grande como *Neve de Fogo* e para transportá-lo precisaram de seis anões. As presas eram mais compridos que os antebraços do Eragon, e o focinho, tão largo como sua cabeça. E o aroma se impusesse a todos em ondas tão pungentes que a Eragon lhe aguaram os olhos.

- Nagra - murmurou Orik -. Porco gigante. Esta noite Ündin te faz uma verdadeira comemoração, Eragon. Só os anões mais valentes se atrevem a caçar um Nagran, e só se serve a quem tem autêntico valor. Além disso, acredito que o gesto significa que te apoiará contra o clã dos Nagra.

Eragon se inclinou para ele para que não pudesse lhe ouvir ninguém mais:

- Então, este é outro dos animais das Beor? Como são outros?

- Lobos de montanha tão grandes que atacam os Nagra e tão hábeis que caçam os Feldünost. Ursos das covas, que nós chamamos Urzhadn e os elfos Beorn, e que a sua vez deram nome a estes picos, embora nos referimos a eles de outro modo. O nome das montanhas é um segredo que não compartilhamos com nenhuma raça. Y...

- *Smer voth* - ordenou Undin, sorrindo a seus convidados. Os serventes tiraram imediatamente umas facas curvas e cortaram porções do Nagra que foram depositando em todos os pratos menos no de Arya, incluída uma pesada ração para Saphira. Undin voltou a sorrir, tirou uma adaga e cortou um pedaço de sua carne.

Eragon ia agarrar sua faca, mas Orik lhe agarrou a mão:

- Espere.

Undin mastigou devagar, virou os olhos e meneou exageradamente a cabeça, logo tragou e proclamou:

- *Ilf gauhnith*!

- Agora - disse Orik, e se concentrou na comida, ao mesmo tempo em que as conversas começavam em todas as mesas.

Eragon nunca tinha provado nada como aquele porco. Era suculento, suave e estranhamente especial, como se tivessem macerado a carne em mel e cidra, um sabor aumentado pela hortelã que tinham usado para amadurecer o porco. *Pergunto-me como as terão arrumado para cozinhar algo tão grande. Muito lentamente* -comentou Saphira, mordiscando seu Nagra. Entre bocados, Orik explicou:

- Devido ao tempos em que entre os clãs, era habitual o envenenamento, é

costume que o anfitrião prove primeiro a comida e a declare apta para os convidados. Durante o banquete, Eragon dividiu seu tempo entre provar a multidão de pratos distintos e conversar com o Orik, Arya e anões do outro lado da mesa. Desse modo, as horas passaram depressa, porque o banquete durou muito, e se tornou muito tarde antes que servissem o último prato, os comensais dessem o último bocado e se terminasse o último cálice. Quando os serventes começaram a recolher as mesas, Ündin se voltou para Eragon e lhe disse:

- Gostou da comida, não?

- Estava deliciosa.

Undin assentiu.

- Me alegro de que te tenha gostado. Fiz tirar as mesas ontem para que a dragona pudesse jantar conosco.

Mantinha o olhar fixo em Eragon o tempo todo.

Eragon sentiu frio por dentro. Com ou sem intenção, Undin acabava de tratar a Saphira como uma mera besta. Eragon tinha se proposto lhe perguntar em particular pelos anões dos véus, mas agora - por puro desejo de incomodar a Undin - disse:

- Saphira e eu lhe agradecemos - e logo acrescentou -: Senhor, por que nos atiraram esse anel?

Um doloroso silêncio percorreu o pátio. Com a extremidade do olho, Eragon viu que Orik fazia uma careta de dor. Arya, em troca, sorria como se entendesse o que estava ocorrendo.

Undin soltou sua adaga e franziu o cenho.

- Os knurlagn que você encontrou são de um clã trágico. Antes da queda dos Cavaleiros,

contavam-se entre as famílias mais antigas e ricas de nosso reino. Seu destino ficou condenado, entretanto, por dois enganos: viviam no lado oeste das Beor, e seus melhores guerreiros se ofereceram como voluntários para ajudar Vrael. - A raiva penetrava em sua voz com rangidos agudos -. Galbatorix e suas malditos Apóstatas os arrasaram em sua cidade de Urü'baen. Logo se voltaram sobre nós e mataram muitos. Daquele clã só sobreviveram a Grimstcarvlorss Anhüin e seus guardas. A pobre Anhüin logo morreu de pena, e seus homens adotaram o nome do Az Sweldn rak Anhüin (as Lágrimas do Anhüin) e cobriram os rostos para recordar sua perda e seus desejos de vingança.

Em Eragon doíam as bochechas pelo esforço de manter um rosto inexpressivo.

- Então - disse Ündin, sem deixar de contemplar um bolo - refizeram o clã com o passar das décadas, esperaram e se dedicaram a caçar em troca de recompensas. E

agora você chega com a marca do Hrothgar. Para eles é o insulto definitivo, apesar de seus serviços no Farthen Dür. Por isso o anel, o desafio definitivo. Significa que o Dürgrimst Az Sweldn rak Anhüin se oporá a você com todos os seus recursos em qualquer assunto, por grande ou pequeno que seja. puseram-se totalmente contra você, agora são seus inimigos de sangue.

- Pretendem me matar? - perguntou Eragon, tenso.

O olhar de Ündin vacilou um momento enquanto se fixava no Gannel. Logo meneou a cabeça e soltou uma gargalhada brusca que soou com mais força do requerido pela ocasião.

- Não, Assassino de Sombras. Nem sequer eles se atreveriam a ferir um convidado. É proibido. Só querem que você se vá para sempre, sempre, sempre. - Eragon ainda tinha dúvidas. Então Ündin disse -: Por favor, não falemos mais destes assuntos desagradáveis. Gannel e eu lhe oferecemos nossa comida e nosso hidromel em sinal de amizade. Acaso não é isso o que importa?

O sacerdote murmurou para assinalar que estava de acordo.

- E eu o valorizo - disse finalmente Eragon.

Saphira o olhou com olhar solene e disse:

Estão assustados, Eragon. Assustados e ressentidos porque se viram obrigados a aceitar a ajuda de um Cavaleiro.

Eu sei. Talvez lutem conosco, mas não lutam por nós.

Celbedeil

O amanhecer sem alvorada encontrou Eragon na sala principal de Ündin, escutando a conversa do chefe do clã com o Orik no idioma dos anões. Ündin se apartou ao aproximar-se Eragon e

disse:

- Ah, Assassino de Sombras. Dormiu bem?

- Sim.

- Bem. - Fez um gesto a Orik -. Pensamos na possibilidade de que vá. Eu tinha a esperança de que passasse um tempo conosco. Mas dadas as circunstâncias, parece melhor que siga sua viagem amanhã pela manhã há primeira hora, quando menos pessoas serão capazes de te incomodar pela rua. Agora mesmo, enquanto falamos, estão preparando provisões e meios de transporte. Hrothgar ordenou que nossos guardas lhe acompanhassem até Ceris. Aumentei a quantidade, de três para sete.

- E enquanto isso?

Ündin encolheu os ombros, revestidos de pele.

- Tinha a intenção de lhe mostrar as maravilhas do Tarnag, mas agora seria estúpido que perambulasse pela minha cidade. De qualquer maneira, Grimstborith Gannel o convidou a passar o dia no Celbedeil. Se lhe agradar, aceite. Com ele estará a salvo.

O chefe do clã parecia esquecer sua afirmação anterior, segundo a qual Az Sweldn rak Anhüin não ia fazer mal a um convidado.

- Obrigado, eu aceito. - Ao sair do vestíbulo, Eragon fez um à parte com o Orik e lhe perguntou -: Me diga a verdade, quão sério é esse desafio? Preciso saber. Orik respondeu com uma reticência evidente:

- No passado não era estranho que os duelos de sangue durassem várias gerações. Famílias inteiras se extinguiam por eles. É imprudente por parte do Az Sweldn rak Anhüin invocar os costumes de antigamente, não se tem feito algo assim desde a última guerra de clãs... Enquanto não retirem seu juramento, deve tomar cuidado com suas traições, seja durante um ano ou um século. Lamento que sua amizade com Hrothgar o conduza a estas conseqüências, Eragon. Mas não está

sozinho. O Dürgrimst Ingeitum está contigo nisto.

Depois de sair, Eragon se aproximou correndo para ver Saphira, que tinha passado a noite enroscada no pátio.

Importa-se que eu vá visitar Celbedeil?

Vá se tiver que fazê-lo. Mas leve a Czar'rói.

Eragon seguiu seu conselho, e também encaixou o pergaminho da Nasuada sob a túnica.

Quando Eragon se aproximou das portas do cerco que rodeava a praça, cinco anões afastaram os troncos e o rodearam com as mãos em seus machados e espadas enquanto inspecionavam a rua. Os guardas permaneceram a seu lado enquanto Eragon percorria o caminho do dia anterior para chegar à entrada do último nível do Tarnag. Eragon estremeceu. A cidade parecia sobrenaturalmente vazia. As portas estavam fechadas, os portinhas das janelas também, e os poucos pedestres que se viam viravam o rosto e tomavam becos laterais para não vê-lo. “Dá-lhes medo que os vejam comigo - deu-se conta -. Talvez porque sabem que Az Sweldn rak Anhüim tomará represálias contra qualquer que me ajude.” Ansioso por sair a terreno aberto, Eragon elevou a mão para bater na porta mas, sem lhe dar tempo para fazê-lo, uma das folhas se abriu para fora e um anão vestido de negro o chamou por gestos de dentro. Eragon apertou o cinto da espada e entrou, deixando fora seus guardas. A primeira impressão foi a cor. Uma grama de um verde ardente se estendia em torno da muralha do Celbedeil, rodeada de colunas, como um manto tendido sobre a colina simétrica que sustentava o templo. A hera estrangulava os antigos muros do edifício, estendendo palmo a palmo suas peludas cordas, e com o rocio brilhante ainda nas pontas de suas folhas. Curvada sobre toda a superfície, salvo a da montanha, elevava-se a grande cúpula branca percorrida por cintas de ouro esculpido. A impressão seguinte foi o aroma. As flores e o incenso mesclavam seus perfumes em um aroma tão etéreo que Eragon sentiu que podia alimentar-se só dele. O último foi o som, pois apesar dos grupos de sacerdotes que percorriam os caminhos com chão de mosaico, o único ruído que distinguiu Eragon foi o bater de asas de uma gralha que voava no alto.

O anão gesticulou de novo e pôs-se a andar para a avenida principal, em direção ao Celbedeil. Ao passar sob seus beirais, Eragon não pôde a não ser maravilhar-se pela riqueza e o artesanato que via ao seu redor. Incrustadas nos muros havia gemas de todas as cores e talhas possíveis, embora todas impecáveis, e nos veios que se entrelaçavam ao percorrer os tetos, muros e chãos de pedra, tinham encaixado a marteladas cintas de ouro vermelho. Às vezes passavam junto a biombos esculpidos em jade.

No templo não havia nenhum tecido decorativo. Em seu lugar, os anões tinham esculpido uma multidão de estátuas, muitas das quais representavam monstros e deuses enlaçados em batalhas épicas.

Depois de ascender vários pisos, passaram por uma porta de cobre amarelado pelo verdín e estampada com várias formas intricadas, para entrar em uma habitação vazia com chão de madeira. Havia muitas armaduras penduradas das paredes, junto a fileiras de espadas idênticas a que tinha usado Angela para lutar no Farthen Dür. Gannel estava ali, treinando com três anões mais jovens. O chefe do clã havia prendido a capa sobre as coxas para mover-se com liberdade, tinha um aparência feroz na cara e girava entre as mãos uma vara de madeira, cujos extremos sem fio revoavam como vespões irritados.

Dois anões se lançaram para Gannel, mas saíram frustrados em um repico de madeira e metal, pois penetrou entre eles, golpeou-lhes nos joelhos e na cabeça e os lançou ao chão. Eragon sorriu enquanto via como Gannel desarmava o último oponente com uma brilhante onda de golpes.

Ao fim, o chefe do clã percebeu a presença de Eragon e se despediu dos outros anões. Enquanto Gannel embainhava sua arma, Eragon disse:

- Todos os Quan são tão eficazes com as armas? Parece um ofício estranho para sacerdotes.

Gannel encarou-o.

- Temos que saber nos defender, não? Muitos inimigos espreitam estas terras. Eragon assentiu.

- Essas espadas são únicas. Nunca tinha visto uma igual, salvo pela que usava uma herbanária na batalha do Farthen Dür.

O anão deu um coice e logo soltou o ar em um chiado entre os dentes.

- Angela. - Adotou uma expressão amarga -. Ganhou a espada de um sacerdote em um concurso de adivinhações. Foi um truque feio, porque só nos permite usar o hüthvírn. Ela e Arya... - encolheu-se de ombros e se aproximou de uma mesa pequena, sobre a que encheu duas jarras de cerveja. Passou uma para Eragon e seguiu falando: - Convidei-o a pedido de Hrothgar. Disse-me que se aceitasse sua proposta de se tornar um dos Ingeitum, eu deveria informá-lo sobre as nossas tradições. Eragon bebeu um gole de cerveja, guardou silêncio e observou como a grossa frente de Gannel captava a luz, ao tempo em que suas ossudas maçãs do rosto sumiam na sombra.

O chefe do clã seguiu falando.

- Nunca se ensinou a ninguém de fora nossas crenças secretas, e você não poderá falar delas com nenhum humano, nem elfo. Entretanto, sem esses conhecimentos não poderia respeitar o que significa ser um knurla. Agora é um Ingeitum: nosso sangue, nossa carne, nossa honra. Entende?

- Sim.

- Venha.

Sem soltar sua cerveja, Gannel tirou Eragon da sala de treinamentos e o dirigiu por cinco grandes corredores até deter-se em um arco que levava para uma câmara em penumbra, nebulosa pelo incenso. Frente a eles, o perfil de uma estátua se elevava pesadamente até o teto, e uma tênue luz iluminava sua cara pensativa de anão, esculpida no granito marrom com uma estranha crueldade.

- Quem é? - perguntou Eragon, intimidado.

- Güntera, o rei dos deuses. É um guerreiro e um sábio, mas tem um humor volúvel, de modo que queimamos oferendas para nos assegurar de seu afeto nos solstícios, antes do plantio e quando há mortes ou nascimentos. - Gannel retorceu a mão em um estranho gesto e dedicou uma reverência à estátua -. Rezamos-lhe antes das batalhas, pois ele moldou esta terra a partir

dos ossos de um gigante e é ele quem traz ordem ao mundo. Todos os reinos pertencem a Güntera.

Logo Gannel ensinou a Eragon a maneira apropriada de venerar àquele deus e lhe explicou os signos e as palavras que se usavam para homenageá-lo. Esclareceulhe o significado do incenso - que simbolizava a vida e a felicidade - e dedicou largos minutos a lhe contar lendas sobre a Güntera: que o deus tinha nascido com forma de loba, que tinha lutado contra monstros e gigantes para obter um lugar para os seus na Alagaésia e que tinha tomado por companheira a Kílf, a deusa dos rios e do mar. Logo passaram à estátua do Kílf, esculpida com deliciosa delicadeza em uma pedra de cor Azul clara. Seu cabelo voava em ondas líquidas, derramava-se pelo pescoço e flanqueava seus alegres olhos de ametista. Sustentava entre as mãos um nenúfar e um fragmento de pedra vermelha e porosa que Eragon não reconheceu.

- O que é isso? - perguntou, assinalando-a.

- Coral das profundidades do mar que margeia as Beor.

- Coral?

Gannel tomou um sorvo de cerveja e disse:

- Nossos mergulhadores o encontraram quando procuravam pérolas. Parece que, com o sal do mar, algumas pedras crescem como novelo.

Eragon o olhou assombrado. Nunca tinha pensado nos calhaus e pedras brutas como matéria viva, entretanto, aí estava a prova de que só necessitavam de água e sal para florescer. Assim se explicava afinal por que as rochas continuassem aparecendo nos campos do vale do Palancar, inclusive quando cada primavera aravam o chão. Cresciam!

Avançaram até Urür, amo do ar e dos céus, e seu irmão Morgothal, deus do fogo. Ante a encarnada estátua do Morgothal, o sacerdote lhe contou que os dois irmãos se queriam tanto que não podiam existir independentemente. Isso explicava o palácio ardente do Morgothal durante o dia no céu, e as faíscas de sua forja que apareciam de noite no alto. E também assim se entendia que Urür alimentasse permanentemente a seu irmão para que não morresse.

Depois disso só sobraram dois deuses: Sindri, mãe da terra, e Helzvog. A estátua do Helzvog era distinta. O deus nu estava dobrado sobre um vulto de sílex cinza de estatura anã e o acariciava uma gema do dedo indicador. Os músculos das costas se contraíam e atavam pelo esforço desumano, mas sua expressão era incrivelmente tenra, como se o que tinha à frente fosse um recémnascido. Gannel baixou a voz até adotar um tom grave e bem mais áspero:

- Güntera pode ser o rei dos deuses, mas é a Helzvog quem levamos em nossos corações. Foi ele que pensou que teria de povoar a terra quando os gigantes foram vencidos. Os outros deuses não concordaram, mas Helzvog os ignorou e, em segredo, deu forma ao primeiro anão com as raízes de uma montanha. Quando descobriram sua obra, o ciúmes invadiram os deuses e Gúntera criou aos elfos para que controlassem Alagaésia. Logo Sindri formou os humanos

com um pouco de terra, e Urúr e Morgothal combinaram seus conhecimentos e enviaram à terra aos dragões. Só

Kílf se conteve. Assim chegaram ao mundo as primeiras raças. Eragon absorveu as palavras do Gannel e aceitou a sinceridade do chefe do clã, embora não conseguisse sossegar uma simples pergunta: “Como sabe?”. Entretanto, deu-se conta de que seria uma pergunta inconveniente e se limitou a assentir enquanto escutava.

- Isto - disse Gannel, enquanto terminava a cerveja - leva-nos a nosso rito mais importante, e já sei que Orik comentou contigo. Todos os anões têm que ser enterrados em pedra, pois de outro modo nossos espíritos nunca se uniriam na sala do Helzvog. Não somos de terra, ar ou fogo, mas sim de pedra. E como Ingeitum, tem a responsabilidade de garantir um lugar de repouso apropriado para qualquer anão que mora em sua companhia. Se não conseguir, na ausência de feridas ou inimigos, Hrothgar te desterrará e nenhum anão reconhecerá sua presença até depois da morte. - Estirou os ombros e olhou Eragon com dureza -. Tem muito mais que aprender, mas se mantiver os costumes que te expliquei hoje, não se dará mal.

- Não esquecerei - disse Eragon.

Satisfeito, Gannel o separou das estátuas e o dirigiu para uma escada. Enquanto subiam, o chefe do clã afundou uma mão em sua capa e tirou um colar singelo, uma cadeia com um pingente de um martelo minúsculo de prata. Deu-o a Eragon.

- É outro favor que me pediu Hrothgar - explicou Gannel -. Preocupa-lhe que Galbatorix possa ter obtido sua imagem da mente da Durza, dos ra'zac ou de qualquer dos muitos soldados que lhe viram por todo o Império.

- Por que deveria temer isso?

- Porque nesse caso Galbatorix poderia enfeitiçá-lo. Talvez já o tenha feito. Um estremecimento de apreensão se alojou no flanco do Eragon, como uma gélida serpente. “Deveria ter pensado nisso”, reprovou-se.

- O colar evitará que ninguém possa enfeitiçar a você ou a seu dragão, sempre que o tenha posto. Eu mesmo o encantei, de modo que deverá agüentar, inclusive frente à mente mais poderosa. Mas te aviso de antemão que, quando se ativar, o colar absorverá sua energia até que o tire, ou até que tenha passado o perigo.

- E se eu estiver dormido? Poderia consumir toda minha energia sem que eu perceba?

- Não. Você despertará.

Eragon rodou o martelo entre os dedos. Era difícil evitar os feitiços alheios, e mais ainda os de Galbatorix. “Se Gannel tiver tanta capacidade, que outros encantamentos pode ocultar este presente?” Deu-se conta de que no cabo do martelo havia uma frase gravada com runas. Lia-se “*Astim Hefthyn*”. Ao chegar ao alto da escada, perguntou:

- Por que os anões escrevem com as mesmas runas que os homens?

Pela primeira vez desde que se encontraram, Gannel se pôs a rir e sua voz se elevou pelo templo, ao mesmo tempo em que se agitavam seus ombros:

- É o contrário. Os humanos escrevem com nossas runas. Quando seus antepassados aterrorizaram a Alagaésia, eram mais analfabetos que os coelhos. Entretanto, logo adotaram nosso alfabeto e o adaptaram a sua linguagem. Inclusive algumas de suas palavras vêm das nossas, como “pai”, cuja origem está em “farthen”.

- Então, Farthen Dür significa...

Eragon passou o colar pela cabeça e o escondeu debaixo da túnica.

- Nosso pai.

Gannel se deteve ante a porta e assinalou a Eragon o caminho por uma galeria curva que ficava debaixo da cúpula. O passadiço bordejava Celbedeil e, através dos arcos abertos nas montanhas, oferecia uma vista além do Tarnag, assim como das terraços da cidade, que ficavam muito abaixo.

Eragon logo contemplou a paisagem, porque o muro interior da galeria estava pintado de um extremo a outro, uma gigantesca ilustração narrativa que descrevia a criação dos anões pela mão do Helzbog. As figuras e os objetos se sobressaíam da superfície em relevo e davam ao panorama uma sensação de hiperrealismo com suas cores saturadas e brilhantes e a precisão de seus detalhes. Cativado, Eragon perguntou:

- Como fizeram?

- Cada cena está esculpida sobre uma pequena placa de mármore, que é

queimada com esmalte e se unem em uma só peça.

- Não seria mais fácil usar pintura normal?

- Seria - concedeu Gannel -, mas não se quiser que dure séculos, ou milênios, sem ser retocada. O esmalte nunca se descora nem perde o brilho, ao contrário da pintura a óleo. Esta primeira seção foi esculpida só uma década depois do descobrimento do Farthen Dür, muito antes que os elfos pusessem seus pés em Alagaésia.

O sacerdote tomou o Eragon do braço e o guiou pelo caminho. Cada passo os levava ante incontáveis anos de história.

Eragon viu que os anões tinham sido em outro tempo nômades em uma planície aparentemente interminável, até que a terra se tornou tão quente e desolada que se viram obrigados a emigrar para o sul, para as montanhas Beor. “Foi assim que se formou o deserto do Hadarac”,

compreendeu, assombrado.

A seguir percorrendo o mural, em direção à parte traseira do Celbedeil, Eragon presenciou todas as etapas, da domesticação dos Feldünost até o momento em que esculpiram Isidar Mithrim, o primeiro encontro entre dragões e elfos e a coroação de cada um dos reis anões. Apareciam com freqüência dragões que jogavam fogo e causavam grandes matanças. Eragon custou evitar os comentários nessas seções. Seus passos se voltaram mais lentos quando a pintura passou ao sucesso que esperava encontrar: a guerra entre elfos e dragões. Ali os anões tinham dedicado um vasto espaço à destruição que as duas raças tinham provocado na Alagaésia. Eragon estremeceu de horror ante a visão de elfos e dragões exterminando-se mutuamente. A batalha durava metros e metros, cada imagem mais sangrenta que a anterior, até que se retirava a escuridão e aparecia um elfo ajoelhado na bordo de um escarpado, com um ovo de dragão nas mãos.

- É...? -sussurrou Eragon.

- Sim, é Eragon, o Primeiro Cavaleiro. Além disso, é um retrato fiel, porque ele aceitou posar para nossos artesãos.

Fascinado, Eragon estudou o rosto de seu homônimo. Sempre o tinha imaginado maior. O elfo tinha olhos angulosos que, junto a seu nariz farpado e um queixo estreito, davam-lhe um aspecto selvagem. Era um rosto estranho, completamente distinto do dele... E entretanto, a postura de seus ombros, altos e tensos, recordou-lhe como se sentou ao encontrar o ovo da Saphira. “Você e eu não somos tão distintos - pensou enquanto tocava o frio esmalte -. E quando minhas orelhas se parecerem com as suas, seremos autênticos irmãos através do tempo... Entretanto, pergunto-me: aprovaria meus atos?” Sabia que ao menos em uma ocasião tinham escolhido o mesmo: os dois ficaram com o ovo.

Ouviu que a porta se abria e voltava a fechar-se e, ao dar volta, viu que Arya se aproximava do outro extremo da galeria. A elfa examinou o muro com a mesma falta de expressão que Eragon lhe tinha visto adotar para enfrentar o Conselho de Anciões. Fossem quais fossem suas emoções concretas, Eragon entendeu que a situação lhe resultava desagradável.

Arya inclinou a cabeça.

- Grimstborith.

- Arya.

- Ensinou sua mitologia para Eragon?

Gannel sorriu levemente.

- Sempre convém entender a fé da sociedade a que se pertence.

- Mas compreender não implica acreditar. - Assinalou o pilar de uma arcada -. Nem implica

que quem subministra essas crenças o façam por algo mais que... benefícios materiais.

- Nega os sacrifícios que faz meu clã para trazer consolo a nossos irmãos?

- Não nego nada, só me pergunto o que se obteria se sua riqueza se pulverizasse entre os necessitados, os que passam fome, os que não têm lar, ou talvez se usasse para comprar provisões para os varden. Em vez disso, a acumularam em um monumento a sua própria bondade ingênua.

- Basta! - O anão esticou um punho, com o rosto avermelhado -. Sem nós, os cultivos murchariam na seca. Os rios e os lagos transbordariam. Nosso gado pariria bestas de um só olho. Os mesmos céus se rachariam sob a ira dos deuses. - Arya sorriu -. Só nossas rezas e nosso serviço impedem que isso ocorra. Se não fosse por Helzvog, onde...

Eragon se perdeu logo na discussão. Não entendia as vagas críticas da Arya ao Dürgrimst Quan, mas pelas respostas do Gannel entendeu que, de um modo indireto, a elfa tinha insinuado que os deuses dos anões não existiam, tinha questionado a capacidade mental de qualquer anão que entrasse em um templo e tinha famoso o que lhe pareciam defeitos de raciocínio. Todo isso, em uma voz amável e educada. Ao cabo de uns minutos, Arya elevou uma mão para deter Gannel e disse:

- Isso é o que nos diferencia, Grimstborith. Você se dedica a aquilo que crê

verdadeiro, mas não pode demonstrar. Nisso, estaremos de acordo em que não estamos de acordo. - voltou-se para o Eragon -. Az Sweldn rak Anhüin pôs os cidadãos do Tarnag contra você. Ündin crê, e eu também, que seria melhor que permanecesse atrás de suas paredes até irmos embora.

Eragon hesitou. Queria ver mais coisas do Celbedeil, mas se haviam problemas, seu lugar era junto à Saphira. Dedicou uma reverência a Gannel e lhe pediu que o desculpasse.

- Não tem que pedir perdão, Assassino de Sombras - disse o chefe do clã. Fulminou a Arya com o olhar -. Faça o que deve, e que a bênção da Güntera o acompanhe.

Eragon e Arya abandonaram o templo e, rodeados de uma dúzia de guerreiros, brincaram de correr pela cidade. Enquanto o faziam, Eragon ouviu gritos de uma multidão irada no nível inferior. Uma pedra ricocheteou em um telhado próximo. A seguir o movimento com o olhar, descobriu um escuro farrapo de fumaça que se elevava no limite da cidade.

Ao chegar à praça, Eragon se apressou para sua habitação. Ali ficara a malha metálica, colocou as perneiras e os protetores dos antebraços, e encaixou o gorro de couro, a touca e o elmo na cabeça. Logo agarrou seu escudo. Agarrou seu saco e os alforjes, voltou correndo ao pátio e se sentou na pata dianteira direita da Saphira. *Tarnag parece um formigueiro revolto* - observou a dragona. *Esperemos que não nos remoam.*

Arya demorou pouco juntar-se a eles, junto com um grupo de cinqüenta anões bem armados

que se instalaram no meio do pátio. Os anões esperavam impacientem e falavam com grunhidos graves enquanto olhavam a porta fortificada e a montanha que se elevava atrás deles.

- Têm medo - disse Arya, enquanto se sentava junto a Eragon - de que a multidão nos impeça de chegar aos rápidos.

- Shapira sempre pode nos tirar daqui voando.

-E *Neve de Fogo* também? E os guardas de Ündin? Não, se nos detiverem, teremos que esperar que a ira dos anões se acalme. - Estudou o céu, que se obscurecia -. É uma lástima que tenha conseguido ofender a tantos anões, mas possivelmente fora inevitável. Os clãs sempre foram briguentos: o que um gosta enfurece aos outros.

Eragon tocou a borda de sua malha.

- Agora vejo que não devia ter aceitado a oferta de Hrothgar.

- Ah, sim. Igual a Nasuada, acredito que tomou o único caminho viável. Não tem nenhuma culpa. O engano, se é que o houve, corresponde a Hrothgar por te fazer a proposta, em primeiro lugar. Consciente das repercussões.

Impôs-se o silêncio durante alguns minutos. Meia dúzia de anões andavam em torno da praça, estirando as pernas. Por fim, Eragon perguntou:

- Você tem familiares no Du Weldenvarden?

Arya demorou muito para responder.

- Nenhum de quem me sinta próxima.

- Mas como... por quê?

Arya voltou a duvidar.

- Não gostaram que escolhesse ser a enviada e embaixatriz da rainha, pareceu-lhes inapropriado. Quando ignorei suas objeções e insisti em que me tatuassem o yawé no ombro, o qual significa que me ia dedicar à causa do bem de nossa raça, igual ao anel que você recebeu do Brom, minha família se negou a voltar a e ver.

- Mas isso faz mais de setenta anos - protestou Eragon.

Arya desviou o olhar e escondeu o rosto debaixo do véu de sua cabeleira. Eragon tentou imaginar como devia ter se sentido: desterrada da família e enviada para viver entre duas raças totalmente distintas da sua. “Não é de estranhar que seja tão reservada”, concluiu.

- Há mais elfos que vivam fora do Du Weldenvarden?

Sem descobrir o rosto, Arya disse:

- Fomos três os enviados da Ellesméra. Fáolin e Glenwing viajavam sempre comigo quando transportávamos o ovo de Saphira do Du Weldenvarden ao Tronjheim. Só eu sobrevivi à emboscada da Durza.

- Como eram?

- Guerreiros orgulhosos. Glenwing adorava falar com os pássaros mentalmente. Plantava-se no bosque rodeado de um bando de pássaros cantores e passava horas escutando sua música. Logo, cantava-nos as melodias mais belas.

- E Fáolin?

Desta vez Arya não quis responder, mas suas mãos se aferraram ao arco. Impassível, Eragon procurou outro tema de conversa.

- Por que Gannel te incomoda tanto?

Ela o olhou de repente e lhe tocou a face com seus suaves dedos. Surpreso, Eragon saltou.

- Falaremos disso - disse Arya - em outro momento.

Logo se levantou e buscou com calma outro lugar no pátio.

Confuso, Eragon ficou olhando suas costas.

Não entendo -disse enquanto se apoiava no ventre de Saphira. Esta soprou, divertida, e logo o rodeou com o pescoço e a cauda e logo adormeceu.

Quando o vale escureceu, Eragon lutou por permanecer atento. Tirou o colar de Gannel e o examinou várias vezes com os recursos da magia, mas só descobriu o feitiço protetor do sacerdote. Abandonou a tarefa, colocou o colar debaixo da túnica, cobriu-se com o escudo e se acomodou para passar a noite.

À primeira insinuação de luz no alto - lembrando que o vale seguia mergulhado nas sombras e permaneceria assim quase até o meio-dia -, Eragon despertou Saphira. Os anões já estavam em pé, ocupados em envolver com tecidos suas armas para sair do Tarnag com a máxima discrição. Inclusive Undin pediu a Eragon que amarrasse trapos em torno das garras da Saphira e dos cascos de *Neve de Fogo.* Quando estava tudo preparado, Undin e seus guerreiros se reuniram em um grande grupo em torno de Eragon, Saphira e Arya. abriram com cautela as portas - lubrificadas as dobradiças não emitiram o menor ruído - e puseram-se a andar para o lago.

Tarnag parecia deserta, com suas ruas vazias flanqueadas por casas cujos habitantes dormiam alheios a tudo. Os poucos anões que se encontraram os olhavam em silêncio, logo se foram como fantasmas no crepúsculo.

Nas portas de cada nível, um guarda lhes abria o portão sem fazer comentários. Logo abandonaram os edifícios e se encontraram nos campos ermos que se estendiam na base do Tarnag. Depois deles, alcançaram a muralha de pedra que bordejava a água quieta e cinza.

Junto aos muros duas grandes balsas os esperavam. Havia três anões sentados na primeira e quatro na segunda. Ao ver Undin chegar, levantaram-se. Eragon ajudou os anões a dirigirem *Neve de Fogo* e lhe pôr as rédeas, e logo convenceram o cavalo reticente a embarcar na segunda balsa, onde o obrigaram a dobrar as patas e o amarraram. Enquanto isso, Saphira se meteu no lago e se separou do mure. Só sua cabeça permanecia acima da superfície enquanto chapinhava na água. Undin tocou no braço de Eragon.

- Aqui devemos nos separar. Leve com você meus melhores homens. Eles o protegerão até que chegue a Du Weldenvarden. - Eragon quis lhe agradecer, mas Ürdin negou com a cabeça -. Não, não é nada que deva agradecer. É minha obrigação. Minha única infelicidade é que sua estadia entre nós se visse obscurecida pelo ódio do Az Sweldn rak Anhüin.

Eragon fez uma reverência e logo embarcou na primeira balsa com Orik e Arya. Soltaram as amarras, e os anões afastaram as balsas empurrando com suas largas varas. Enquanto o amanhecer se aproximava, as duas balsas deslizaram para a boca do Az Ragni, Saphira nadava entre elas.

Diamantes na noite

“O Império violou meu lar.”

Roran pensava nisso enquanto escutava os angustiados gemidos dos homens feridos na batalha da noite anterior contra os ra'zac e os soldados. Roran estremeceu de medo e raiva até que todo seu corpo ficou consumido por calafrios febris que lhe incendiavam as bochechas e o deixavam sem fôlego. E estava triste, tão triste... Como se as maldades dos ra'zac tivessem destruído a inocência do lar de sua infância. Deixou que Gertrude, a curadora, atendesse os feridos e se dirigiu a casa de Horst. Não pôde evitar de olhar para as barricadas improvisadas que enchiam os vãos entre os edifícios: tablados, barris, montões de pedras, estilhaços de madeira dos dois carros destroçados pelos explosivos dos ra'zac. Tudo parecia infelizmente frágil. As poucas pessoas que se moviam pelo Carvahall tinham o olhar vidrado de impressão, dor e extenuação. Roran também estava cansado, mais do que recordava jamais ter estado. Estava duas noites sem dormir, e lhe doíam os braços e as costas por causa da luta.

Entrou em casa de Horst e viu Elain de pé junto à porta que levava a cozinha, escutando o fluir regular de conversações que saíam de dentro. Elain lhe fez um gesto para que se aproximasse.

Depois de rechaçar o contra-ataque dos ra'zac, os membros mais proeminentes do Carvahall

se reuniram com a intenção de decidir o que o povoado devia fazer e se teriam que castigar Horst e seus aliados por terem iniciado as hostilidades. O grupo levava quase toda a manhã deliberando. Roran jogou olhou para a sala. Sentados em torno de uma mesa grande estavam Birgit, Loring, Sloan, Gedric, Delwin, Fisk, Morn e outros mais. Horst presidia a reunião na cabeceira da mesa.

-... e eu digo que foi estúpido e temerário! - exclamava Kiselt apoiado em seus ossudos cotovelos -. Não tinha nenhuma razão para pôr em perigo... Morn agitou uma mão no ar.

- Disso já falamos. Não tem sentido discutir se deveria ter feito o que já fez. Eu estou de acordo. Quimby era tão meu amigo como de qualquer outro, e estremeço só

de pensar no que fariam esses monstros a Roran. Mas... o que quero saber é como podemos sair deste apuro.

- Fácil. Matamos os soldados - ladrou Sloan.

- E logo, o que? Virão mais homens, e terminaremos nadando em muito sangue. Nem sequer entregar Roran serviria de nada, já ouviram o ra'zac. Se entregarmos Roran, vão nos transformar em escravos, e se não, vão nos matar. Talvez não pensem o mesmo que eu, mas por minha parte, prefiro morrer que passar o resto de minha vida como escravo. - Morn meneou a cabeça, com os lábios escuros em uma fina linha de amargura -. Não podemos sobreviver.

Fisk se inclinou para diante.

- Poderíamos ir.

- Não temos para onde ir - respondeu Kiselt -. Estamos abandonados contra as Vertebradas, os soldados cortaram o caminho e atrás deles está todo o Império.

- Tudo por sua culpa - gritou Thane, agitando um dedo em direção a Horst -. Incendiarão nossas casas e matarão a nossos meninos por sua culpa. Por sua culpa!

Horst se levantou tão depressa que a cadeira caiu para trás.

- O que foi feito de sua honra, homem? Vai deixar que nos comam sem lutar?

- Sim, se o contrário implica em suicídio.

Thane fulminou os pressente com o olhar e logo saiu como uma centelha, passando junto a Roran. O puro e autêntico medo convulsionava seu rosto. Gedric viu Roran e o convidou a entrar por gestos.

-Venha, venha, estávamos lhe esperando.

Roran entrelaçou as mãos em torno da nuca e enfrentou a todos aqueles olhares duros.

- No que posso ajudar?

- Acredito - disse Gedric - que estamos todos de acordo em que, a esta altura, não serviria de nada entregá-lo ao Império. Tampouco tem sentido discutir se o faríamos em caso contrário. A única coisa que podemos fazer é nos preparar para outro ataque. Horst forjará pontas de lança e, se lhe der tempo, outras armas, e Fisk está de acordo em preparar escudos. Por sorte, sua carpintaria não ardeu. E alguém tem que vigiar nossas defesas. Nós gostaríamos que fosse você. Terá muita ajuda. Roran assentiu.

- Farei o melhor que puder.

Ao lado de Morn, Tara se levantou, imponente junto a seu marido. Era uma mulher alta, com o cabelo negro salpicado de cinza e mãos fortes tão capazes de retorcer o pescoço de um frango como de separar dois homens em plena briga.

- Espero que assim seja, Roran – disse. - Porque se não, haverá mais funerais.

- Logo se virou para Horst. - Antes de continuar, temos que enterrar os homens. E

teríamos que enviar os meninos a algum lugar seguro, possivelmente à fazenda do Cawley, no rio Nost. Elain, você também deveria ir.

- Não pretendo abandonar o Horst - respondeu Elain com calma. Tara se indignou:

- Este não é lugar para uma grávida de cinco meses. Brincando de correr assim de um lugar a outro, perderá a seu filho.

- Me prejudicaria mais me preocupar sem saber o que aconteceu que ficar aqui. Já tive filhos, ficarei, e sei que você e todas as outras mulheres do Carvahall também o farão.

Horst rodeou a mesa e, com expressão de ternura, tomou a mão do Elain.

- Tampouco eu aceitaria que não estivesse a meu lado. Em troca, os meninos têm que ir. Cawley cuidará bem deles, mas devemos nos assegurar de que o caminho até sua fazenda esteja livre.

- Não só isso - interveio Loring com voz grave -. Nenhum de nós, nem um maldito homem, pode ter nada que ver com as famílias no vale, além de Cawley, é

obvio. Não podem nos ajudar, e não queremos que esses profanadores lhes criem problemas.

Todos concordaram que tinha razão, logo terminou a reunião e os participantes se dispersaram pelo Carvahall. Aos poucos, entretanto, voltaram a congregar-se - junto com quase todo o resto do povoado - no pequeno cemitério que ficava atrás da casa de Gertrude. Havia dez

corpos com mortalhas brancas dispostos junto às tumbas, com um ramo de cicuta sobre cada um dos peitos frios e um amuleto de prata em cada pescoço.

Gertrude deu um passo adiante e recitou seus nomes:

- Parr, Wyglif, Ged, Bardrick, Farold, Vai, Garner, Kelby, Melkolf e Albem. Colocou-lhes calhaus negros nos olhos e logo levantou os braços, elevou o rosto ao céu e começou a entoar uma litania. As lágrimas brotavam de seus olhos fechados enquanto sua voz oscilava com as frases imemoriais, suspirava e gemia com a dor da aldeia. Cantou a respeito da terra e a noite, e sobre a eterna dor da humanidade, de quem ninguém pode livrar-se.

Quando o silêncio absorveu a última nota, os familiares elogiaram os feitos e a personalidade de seus seres queridos. Logo enterraram os corpos. Enquanto escutava, Roran desviou o olhar para o túmulo anônimo onde tinham enterrado os três soldados. “Nolfavrell matou um, eu, a outros dois.” Ainda sentia a impressão visceral que lhe tinham provocado seus músculos e ossos ao ceder, ao ranger, ao abrandar-se sob seu martelo. Agitou-lhe a bílis, e teve que se esforçar para não vomitar ante os olhos de todo o povoado. “Fui eu quem os destruiu.” Roran nunca tinha imaginado que mataria alguém, nem o tinha desejado, entretanto, tinha terminado com mais vistas que ninguém do Carvahall. Sentia-se como se levasse uma marca de sangue na fronte.

Foi embora assim que pôde, sem se deter sequer para falar com Katrina, e subiu até um ponto de onde podia fiscalizar todo Carvahall e pensar em como protegêla melhor. Por desgraça, as casas ficavam muito separadas para formar um perímetro defensivo e se limitavam a fortificar os espaços entre os edifícios. A Roran tampouco parecia boa idéia que os soldados lutassem junto aos muros das casas e pisoteassem seus jardins. “O rio Anora fecha o flanco oeste - pensou -, mas no resto do Carvahall nem sequer poderíamos evitar que entrasse um pirralho. Podemos construir em umas poucas horas algo tão sólido que sirva de barricada?”

Correu para o centro do povoado e gritou:

- Necessito que todos os que não tenham nada que fazer me ajudem a derrubar árvores. - Aos poucos, alguns homens começaram a sair de suas casas e se aproximaram pelas ruas -. Vamos! Mais gente! Precisamos da ajuda de todos!

Roran esperou ao ver que o grupo que o rodeava crescia.

Um dos filhos do Loring, Darmmen, ficou a seu lado.

- Qual seu plano?

Roran elevou a voz para que todos o ouvissem.

- Necessitamos de um muro em torno do Carvahall, quanto mais grosso, melhor. Suponho que se conseguirmos algumas árvores grandes, nós as tombamos e lhes afiamos os ramos, os ra'zac terão muita dificuldade para passar por cima.

- Quantas árvores precisaremos? - perguntou Orval.

Roran calculou enquanto tratava de medir a olho o perímetro do Carvahall.

- Ao menos cinqüenta. Talvez sessenta para fazê-lo bem. - Os homens amaldiçoaram e começaram a discutir -. Esperem! - Roran contou os presentes na multidão. Chegou a quarenta e oito -. Se cada um de nós derrubar uma árvore na próxima hora, quase teremos acabado. Podem fazê-lo?

- Quem acha que somos? - respondeu Orval -. A última vez que levei uma hora para derrubar uma árvore eu tinha dez anos!

Darmmen elevou a voz:

- E as sarças? Poderíamos rodear as árvores com elas. Não conheço ninguém capaz de escalar um sarçal de parras espinhosas.

Roran sorriu.

- É uma boa idéia. Além disso, os que tenham filhos, lhes digam que ponham o arnês nos cavalos para que possamos arrastar os troncos até aqui. - Os homens assentiram e se saíram por todo Carvahall para recolher os machados e serras necessárias para a tarefa. Roran parou Darmmen e lhe disse -: Assegure-se que as árvores tenham ramos por todo o tronco, porque se não, não servirão.

- Onde você estará? - perguntou Darmmen.

- Preparando outra defesa.

Roran o abandonou e correu para a casa de Quimby, onde encontrou Birgit ocupada em reforçar as janelas com pranchas.

- Sim? - perguntou a mulher, olhando-o.

Explicou-lhe depressa seu plano com as árvores.

- Quero cavar uma trincheira por dentro do anel de árvores, para reter qualquer um que os cruzar. Inclusive poderíamos pôr estacas no fundo e...

- O que você quer de mim, Roran?

- Eu gostaria que organizasse todas as mulheres e os meninos, e todos os que puder, para cavar. Tenho que me encarregar de muitas coisas, e não sobra muito tempo. - Roran olhou-a diretamente nos olhos -. Por favor.

Birgit franziu o cenho:

- Por que me pede isso?

- Porque odeia os ra'zac tanto quanto eu, e sei o que fará todo o possível para detê-los.

- Sim - sussurrou Birgit. Logo entrelaçou as mãos com rudeza -. Muito bem, como quiser. Mas nunca esquecerei, Roran Garrowsson, que foi você e sua família que provocaram a condenação de meu marido.

Saiu a grandes pernadas antes que Roran pudesse responder.

Aceitou com equanimidade sua condenação, era de esperar, se fosse levada em conta a sua perda. Ainda tinha sorte de que não tivesse iniciado um duelo de sangue. Logo correu para o ponto em que o caminho principal entrava no Carvahall. Era o ponto mais fraco da aldeia e requeria uma atenção dobrada. “Não se podemos permitir que os ra'zac se limitem a abrir caminho com uma explosão.”

Roran recrutou Baldor e juntos escavaram uma fossa perpendicular ao caminho.

- Tenho que ir logo - avisou-lhe Baldor entre dois golpes de lança -. Papai precisa de mim na forja.

Roran grunhiu sem elevar o olhar. Enquanto trabalhava, sua mente se encheu de novo da lembrança dos soldados: o aspecto que tinham quando os golpeou e a sensação, a horrível sensação de esmagar um corpo como se fora uma cepa podre. Enjoado, parou de trabalhar e se fixou na comoção que percorria o Carvahall enquanto as pessoas se preparavam para o assalto seguinte.

Quando Baldor se foi, Roran terminou a fossa sozinho, chegava à altura das coxas, e logo foi à oficina de Fisk. Com permissão do carpinteiro, fez que arrastassem com cavalos cinco lenhos do montão de lenha posta para secar. Uma vez ali os instalou com a ponta para cima dentro da fossa de tal modo que formassem uma barreira impenetrável à entrada do Carvahall.

Quando estava calcando a terra em torno dos troncos, Darmmen apareceu trotando.

- Já temos as árvores. Estão começando a colocá-los no seu lugar. Roran o acompanhou para o extremo norte do Carvahall, onde doze homens se esforçavam para alinhar quatro pinheiros verdes lustrosos enquanto uma parelha de cavalos comandados pelo látego de um moço retornavam das colinas.

- A maioria de nós ajudamos a recolher as árvores. Os outros se animaram, quando fui te chamar, pareciam dispostos a destruir o resto do bosque.

- Bem, não faz que sobre lenha.

Darmmen assinalou alguns sarçais densos amontoados nas bordas dos campos do Kiselt.

- Cortei-os da borda do Vale. Use-os como quiser. Vou procurar mais. Roran lhe deu uma palmada no braço e se voltou para o lado leste do Carvahall, onde havia uma larga e curva fileira de mulheres, meninos e homens cavando a terra. Aproximou-se deles e viu que Birgit dava ordens como um general e repartia água entre os cavadores. A trincheira já tinha metro e meio de largura e meio metro de profundidade. Quando Birgit se deteve para respirar fundo, Roran lhe disse:

- Estou impressionado.

Ela retirou uma mecha da cara sem olhá-lo.

- Primeiro aramos a terra. Depois foi mais fácil.

-Tem uma pá para mim?

Birgit assinalou uma pilha de ferramentas do outro lado da trincheira. Enquanto caminhava para ela, Roran divisou o brilho acobreado da cabeleira de Katrina entre as costas inclinadas. A seu lado, Sloan cravava a pá na terra suave com uma energia furiosa e obsessiva, como se pretendesse esfolar a terra, lhe arrancar sua pele de argila e mostrar a musculatura que se escondia atrás dela. Tinha os olhos enlouquecidos e mostrava os dentes em uma careta retorcida.

Roran estremeceu ao perceber a expressão de Sloan e passou depressa, olhando para outro lado para não encontrar-se com seus olhos injetados de sangue. Agarrou uma pá e a cravou imediatamente no chão, esforçando-se por esquecer suas preocupações frente ao calor da extenuação física.

O dia avançou em contínua agitação, sem pausas para comer ou descansar. A trincheira se tornou maior e mais profunda, rodeou duas terceiras partes do povoado e alcançou a borda do rio Anora. Toda a terra solta ficou empilhada pelo lado interior da trincheira para tentar evitar que alguém pudesse saltá-la... e para bloquear quem pretendesse sair dela escalando.

O muro de árvores ficou pronto a primeira hora da tarde. Roran deixou de cavar e foi ajudar aos que afiavam os incontáveis ramos - superpostas e entrelaçadas na medida do possível - e quem colocava os sarçais. De vez em quando tinham que tirar uma árvore para que os fazendeiros como Ivor pudessem colocar seu gado no território agora seguro do Carvahall.

Para o entardecer, as fortificações eram mais seguras e extensas do que Roran se atreveu a esperar, embora ainda requeriam algumas horas de trabalho para completá-las de maneira satisfatória.

Sentou-se no chão, deu um mordida em um pedaço de pão de massa fermentada e contemplou as estrelas entre a bruma da extenuação. Alguém apoiou uma mão em seu ombro, ao elevar o olhar, viu que se tratava do Albriech.

- Tome.

Albriech lhe deu um rude escudo, feito de pranchas serradas e encaixadas, e uma lança de dois metros. Roran os aceitou agradecido. Albriech avançou, distribuindo lanças e escudos a quem cruzasse com ele.

Roran ficou em pé, foi pegar seu martelo na casa de Horst e, assim armado, foi à entrada do caminho principal, onde Baldor e outros dois mantinham guarda.

- Me acordem quando precisarem descansar - disse Roran.

Logo se deitou na erva suave, sob o beiral de uma casa próxima. Deixou suas armas preparadas de modo que pudesse encontrá-las na escuridão e fechou os olhos com uma ansiosa antecipação.

- Roran.

O sussurro soou em seu ouvido direito.

- Katrina? - esforçou-se para se sentar, pestanejando enquanto ela acendia uma tocha. Um raio de luz lhe iluminou a coxa. - O que faz aqui?

- Queria te ver.

As sombras da noite escureciam seus olhos, grandes e misteriosos naquela cara pálida. Puxou-o pelo braço e o levou até um alpendre vazio, longe dos ouvidos de Baldor e dos outros guardas. Logo tomou seu rosto entre as mãos e o beijou brandamente, mas ele estava muito cansado para corresponder a suas demonstrações de afeto. Katrina se afastou e o escrutinou:

- O que está acontecendo, Roran?

De Roran escapou um latido de risada mal-humorada.

- O que está acontecendo? O que está acontecendo ao mundo, está torcido como um prego de um quadro depois de receber um golpe de lado. - deu-se um golpe na barriga. - Comigo também está acontecendo algo. Cada vez que me permito descansar, vejo os soldados sangrando sob meu martelo. Eu matei esses homens, Katrina. E seus olhos... Seus olhos! Sabiam que iam morrer e que não podiam fazer nada para impedi-lo. - Pôs-se a tremer na escuridão. - Eles sabiam... Eu também... E

entretanto, tinha que fazê-lo. Não podia...

Falharam-lhe as palavras, e as lágrimas puseram-se a rodar por suas bochechas.

Katrina embalou sua cabeça enquanto Roran chorava, levado pela impressão dos últimos dias. Chorava por Garrow e Eragon, chorava por Parr, Quimby e outros mortos, chorava por si mesmo e chorava pelo destino do Carvahall. Soluçou até que suas emoções se acalmaram e o deixaram tão seco e vazio como uma velha quebrada de cevada.

Roran se obrigou a respirar fundo, olhou para Katrina e notou que também estava chorando. Com o polegar, retirou suas lágrimas, parecidas com diamantes na noite.

- Katrina... Meu amor. - Repetiu, saboreando as palavras. - Meu amor. Não tenho nada para te dar, além de meu amor. Mesmo assim... devo perguntar isso, quer se casar comigo?

Sob a tênue luz da tocha, viu que a pura alegria e o assombro saltavam ao seu rosto. Logo Katrina titubeou e apareceram as dúvidas da preocupação. Não era certo que o pedisse, nem que ela aceitasse, sem permissão de Sloan. Mas a Roran já não importava, tinha que saber naquele momento se Katrina e ele iriam passar o resto de suas vidas juntos.

Então, brandamente:

- Sim, Roran, sim quero.

Sob o escuro céu

Aquela noite choveu.

Nuvens carregadas cobriram com seu manto o vale do Palancar, aferraram-se às montanhas com seus braços tenazes e encheram o ar com uma névoa fria e pesada. De dentro, Roran contemplava enquanto os cordões de chuva cinza curvavam as árvores e enchiam de espuma suas folhas, enlameavam a trincheira que rodeava o Carvahall e tamborilavam com dedos as coberturas de palha e nos telhados à medida que as nuvens se desprendiam de sua carga.

No meio da amanhã a tormenta tinha amainado, embora uma garoa contínua seguia perfurando a névoa. Logo empapou o cabelo e a roupa de Roran quando este ocupou a guarda na barricada do caminho principal. Abaixou-se junto aos troncos verticais, sacudiu a capa e logo encaixou o capuz em torno do rosto e tratou de ignorar o frio.

Apesar do tempo, Roran estava excitado e exultante pela alegria que lhe dava a aceitação de Katrina. Estavam comprometidos! Em sua mente, era como se a peça que lhe faltava no mundo tivesse se encaixado em seu lugar, como se lhe garantisse a confiança de um guerreiro invulnerável. O que importavam os soldados, ou os ra'zac, ou o Império, ante um amor como o seu. Ninharias no mar.

Entretanto, apesar daquela nova sorte, sua mente estava concentrada por completo no que se converteu na adivinhação mais importante de sua existência: como assegurar-se de que Katrina sobrevivesse à ira de Galbatorix. Desde que despertou, não tinha pensado em outra coisa. “O melhor seria se ela fosse para a fazenda de Cawley - decidiu, com o olhar fixo no brumoso caminho -, mas não aceitará ir... Salvo se Sloan mandar”. Talvez consiga convencê-lo, estou seguro de que deseja tanto como eu liberá-la do perigo.

Enquanto pensava em maneiras de abordar o açougueiro, as nuvens se espessaram de novo e a chuva redobrou seu assalto à aldeia, arqueando-se em ondas agudas. Ao redor de Roran os atoleiros criavam vida quando as poças de água tamborilavam em sua superfície e ricocheteavam para cima como gafanhotos assustados.

Quando sentiu fome, Roran passou a guarda a Larne, o filho menor do Loring, e foi comer algo, procurando refugio sob os beirais. Ao dobrar uma esquina, surpreendeu-se ao ver Albriech no alpendre de sua casa, discutindo violentamente com um grupo de homens.

Ridley gritava:

-... está cego. Se seguirmos os álamos, não nos verão. escolheu o caminho errado.

- Pois prove-o, se quiser.

- Claro que provarei!

- Então poderá me contar se gostar do contato das flechas.

- Talvez - disse Thane - não sejamos tão torpes como vocês. Albriech se virou para ele com um grunhido.

- Suas palavras são tão torpes como seus miolos. Não sou tão estúpido para pôr em perigo minha família sob a única proteção de umas folhas de árvore que nem sequer vi alguma vez. - Os olhos de Thane saíram das órbitas, e seu rosto adquiriu um tom manchado de profundo escarlate. - O que é? - mofou-se Albriech. - Perdeu a língua?

Thane rugiu e golpeou Albriech na bochecha com o punho. Albriech riu.

- Seu braço é fraco como o de uma mulher.

Logo agarrou o Thane por um ombro e o lançou na lama, fora do alpendre, onde ficou curvado e aturdido.

Roran agarrou a lança como se fosse um pau e se plantou junto a Albriech de um salto, para evitar que Ridley e outros se jogassem a ele.

- Já basta - rugiu Roran, furioso. - Temos outros inimigos. Convocaremos uma assembléia, e os árbitros decidirão se devem compensar Albriech ou ao Thane. Mas até

então, não podemos brigar entre nós.

- É muito fácil dizer - cuspiu Ridley. - Você não tem mulher nem filhos. Logo ajudou Thane a se levantar e se foi com o resto do grupo. Roran olhou com dureza para Albriech e se deteve no machucado arroxeado que começava a estender-se o sob o olho direito.

- Como começou? - perguntou.

- Eu... - Albriech se deteve com uma careta e apalpou a mandíbula. - Saí em inspeção com Darmmen. Os ra'-zac postaram soldados em várias colinas. Podem nos ver do outro lado do Anora e por todo o vale. Um de nós poderia, arrastar-se por trás deles sem que o vissem, mas não poderíamos levar aos meninos até Cawley sem matar os soldados, e nesse caso seria como anunciar aos ra'zac aonde vamos. O medo se apoderou do Roran e fluiu por seu coração e suas veias como um veneno. “O que posso fazer?” Enjoado pela sensação de condenação, rodeou os ombros do Albriech com um braço:

- Venha, será melhor que Gertrude uma olhada em você.

- Não - respondeu Albriech, desfazendo-se de seu abraço. - Tem casos mais urgentes que eu.

Respirou fundo, como se fosse atirar-se de cabeça em um lago, e avançou pesadamente sob o chuvarada, em direção à forja.

Roran o viu partir, meneou a cabeça e entrou. Encontrou Elain sentada no chão com uma fileira de meninos, afiando um montão de pontas de lança com limas e pedras de afiar.

Roran chamou a atenção de Elain com um gesto. Quando estiveram em outra habitação, contou-lhe o que acabara de acontecer.

Elain amaldiçoou com crueldade, o que lhe surpreendeu porque nunca a tinha visto usar palavras semelhantes, e logo perguntou:

- Thane tem motivos para expor um duelo?

- Provavelmente - admitiu Roran. - Ofenderam-se mutuamente, mas os insultos do Albriech eram mais graves... De qualquer maneira, o primeiro golpe foi de Thane. Você também poderia declarar um duelo.

- Tolices - afirmou Elain, envolvendo ombros com um xale. - Os árbitros resolverão essa disputa. Se tivermos que pagar uma multa, dá no mesmo, desde que se evite o derramamento de sangue.

Saiu para a porta dianteira, com uma lança na mão.

Preocupado, Roran encontrou pão e carne na cozinha e logo ajudou aos meninos a afiar as pontas de lança. Quando chegou Felda, uma das mães, Roran deixou os meninos a seu cargo e cruzou o Carvahall com esforço para chegar ao caminho principal.

Quando se agachou sobre a lama, um raio de luz do sol estalou sob as nuvens e iluminou as dobras da chuva de tal modo que cada gota brilhou com um fogo cristalino. Roran o olhou fixamente, aniquilado, ignorando a água que lhe corria pela cara. O oco entre as nuvens se alargou até que um bloco de nuvens ficou pendendo sobre o lado oeste do vale do Palancar, enfrentando uma cinta de céu Azul espaçoso. Entre o teto de nuvens e o ângulo de incidência do sol, a terra empapada de chuva se saturava de luz brilhante por um lado e ficava grafite de ricas sombras pelo outro, o qual tingia os campos, os Montes, as árvores, o rio e as montanhas das mais extraordinárias cores. Era como se todo mundo se transformasse em uma escultura de metal polido. Justo nesse momento, um movimento captou a atenção do Roran, que baixou o olhar para ver um soldado que permanecia de pé no caminho, com a malha brilhante como se fosse de gelo. O homem contemplou boquiaberto de assombro as novas fortificações do Carvahall e logo deu a volta e desapareceu entre a bruma dourada.

- Soldados! - gritou Roran, ficando em pé de um salto.

Desejou ter à mão seu arco, mas o tinha deixado dentro para protegê-lo dos elementos. Seu único consolo era que os soldados teriam ainda mais trabalho para manter suas armas secas.

Homens e mulheres saíram das casas, reuniram-se junto à trincheira e olharam entre os pinheiros amontoados que formavam o muro. Os ramos largos choravam gotas de umidade, gemas translúcidas que refletiam montões de olhos ansiosos.

Roran se encontrou ao lado do Sloan. O açougueiro levava um dos escudos improvisados por Fisk na mão esquerda, e na direita uma das facas do açougue, curvada como uma meia lua. Levava um cinto carregado com pelo menos meia dúzia de facas, compridas e afiadas como navalhas. Ele e Roran trocaram uma enérgica saudação com a cabeça e logo concentraram o olhar no lugar por onde tinha desaparecido o soldado.

Menos de um minuto depois, a voz de um ra'zac deslizou por entre a névoa:

- Como seguem defendendo o Carvahall, proclamaram sua vontade e selaram a sua condenação! Vão morrer!

Loring respondeu:

- Mostrem suas caras de vermes se tiverem coragem, bicharracos com fígado de lírio, pernas retorcidas e olhos de serpente! Abriremos os seus crânios e cevaremos nossos cães com seu sangue!

Uma forma escura flutuou para eles, seguida pelo zumbido surdo de uma lança que se cravava em uma porta, a escassos centímetros do braço do Gedric.

- Covardes! - gritou Horst, no meio da linha de gente.

Roran se ajoelhou atrás de seu escudo e olhou por uma abertura mínima que ficava entre duas pranchas. Bem a tempo, pois meia dúzia de lanças passaram sobre o muro de árvores e se cravaram entre os assustados aldeãos.

Um grito agônico se elevou em meio da névoa.

O coração do Roran dava saltos de um tremor doloroso. Apesar disso não se moveu, arquejava para respirar e tinha as mãos escorregadias pelo suor. Ouviu o leve som de cristais destroçados no lado norte do Carvahall e logo o bramido de uma explosão e de lenhos partidos.

Ele e Sloan deram a volta e correram para o Carvahall, onde encontraram a um grupo de seis soldados que retiravam os restos estilhaçados de várias árvores. Depois deles, pálidos e espectrais sob as brilhantes gotas de chuva, os ra'zac montavam seus cavalos. Sem parar, Roran saltou em cima do primeiro homem e o açulou com a lança. O homem desviou as duas primeiras estocadas elevando um braço, mas Roran lhe acertou a terceira no quadril e, quando caía, atravessou-lhe a garganta. Sloan gritou como uma besta encolerizada, lançou sua faca e partiu o elmo de outro dos homens, lhe esmagando o crânio. Dois soldados carregaram com as espadas desembainhadas. Sloan deu um passo para o lado, pôs-se a rir e bloqueou seus ataques com o escudo. Um dos soldados soltou um golpe tão forte que o fio ficou preso na borda do escudo. Sloan o aproximou com um puxão e o atravessou perto do olho com uma das facas de trinchar que levava no cinto. Tirou outra e rodeou a um novo oponente com um sorriso de maníaco:

- Quer que te despedace e te corte os tendões? - perguntou-lhe, quase fazendo cambalhotas, com uma gargalhada terrível e sangrenta. Roran perdeu a lança ao enfrentar o homem seguinte. Conseguiu tirar o martelo a tempo de evitar que uma espada lhe cortasse a perna. O soldado que lhe tinha arrancado a lança a brandia agora contra ele e apontava-lhe para o peito. Roran soltou o martelo, agarrou a lança em pleno vôo - o que surpreendeu tanto a ele tanto como aos soldados -, girou-a no ar e atravessou com ela a armadura e as costelas do homem que a tinha

atirado. Como tinha ficado sem armas, viu-se obrigado a retirar-se frente ao último soldado. Tropeçou em um cadáver e ao cair fez um corte na panturrilha com uma espada, e teve que rodar para se esquivar do golpe que lhe lançava o soldado com as duas mãos. Gesticulou freneticamente entre o lodo que chegava aos tornozelos em busca de algo, algo que lhe servisse de arma. Golpeou os dedos com um punho e arrancou a adaga do lodo para lançar um talho na mão que sustentava a espada do soldado, a quem feriu no polegar.

O homem ficou olhando fixamente o coto brilhante e disse:

- Isso é o que acontece por não me cobrir com um escudo.

- Isso - concedeu Roran. E o decapitou.

O último soldado cedeu ao pânico e saiu voando para os espectros impassíveis dos ra'zac, enquanto Sloan o bombardeava com uma corrente de insultos e ofensas. Quando o soldado rasgou a brilhante cortina de chuva, Roran contemplou com um estremecimento de horror como as duas figuras negras se inclinavam desde seus corcéis de ambos os lados do homem e o agarravam pela nuca com suas mãos retorcidas. Os cruéis dedos apertaram, e o homem uivou desesperado, em plena convulsão, e logo ficou inerte. Os ra'zac deixaram seu cadáver sobre uma das selas, deram a volta em suas montarias e partiram.

Roran estremeceu e olhou para Sloan, que limpava suas facas.

- Você lutou bem.

Nunca tinha suspeitado que o carpinteiro tivesse tal ferocidade. Sloan respondeu em voz baixa:

- Nunca apanharão Katrina. Nunca, nem que tenha que esfolá-los ou enfrentar mil urgals, e até o rei. Antes que sofra um só arranhão, seria capaz de derrubar o próprio céu e permitir que o Império se afogasse em seu próprio sangue. Só então fechou a boca, encaixou a última faca no cinto e ficou arrastando os três pinheiros quebrados para sua posição original.

Enquanto isso, Roran puxou os corpos dos soldados mortos sobre o barro pisoteado para afastá-los das fortificações. “Já matei cinco.” Depois de completar sua tarefa, estirou o corpo e olhou a seu redor, surpreso, pois não se ouvia mais que o silêncio e o assobio da chuva. “Por que ninguém veio nos ajudar?”

Perguntando-se que mais tinha ocorrido, retornou com Sloan ao cenário do primeiro ataque. Dois soldados pendiam sem vida dos afiados ramos do muro de árvores, mas não foi isso o que chamou sua atenção. Horst e outros aldeãos estavam ajoelhados em círculo em torno de um corpo pequeno. Roran conteve a respiração. Era Elmund, filho de Delwin. O moço, que tinha dez anos, havia recebido um golpe de lança no flanco. Seus pais estavam sentados no lodo, a seu lado, com os rostos duros como a pedra.

“Temos que fazer algo”, pensou Roran, ao mesmo tempo em que se ajoelhava, apoiando-se na

lança. Poucos meninos viviam além dos cinco ou seis anos. Mas perder ao primogênito nessa idade, quando tudo indicava que ia crescer alto e forte para ocupar o lugar de seu pai no Carvahall... Isso podia destroçar a qualquer pessoa.

“Katrina... Os meninos... Terá que proteger a todos. Mas onde? Onde? Onde? Onde?”

Lago abaixo com a corrente

No dia em que saíram do Tarnag, Eragon fez o esforço de aprender o nome de todos os guardas de Undin. Chamavam-se Ama, Trihga, Hedin, Ekksvar, Shrrgnien - que para Eragon parecia impronunciável, embora lhe contassem que significava Coração de Lobo, - Dúthmér e Thorv.

Cada balsa tinha uma pequena cabine no centro. Eragon preferia passar o tempo sentado na borda dos troncos, vendo passar as Beor. As gralhas e algum Martín pescador revoavam com o passar do claro rio, enquanto que as garças Azuladas ficavam quietas sobre suas pernas de pau nas bordas pantanosas, tachonadas pelas lanças de luz que penetravam entre os bosques de aveleiras e salgueiros. De vez em quando, uma rã touro coaxava de um broto qualquer.

Quando Orik se sentou a seu lado, Eragon disse:

- Que bonito.

- É mesmo.

O anão acendeu tranqüilamente seu cachimbo, logo se recostou e soltou uma baforada.

Eragon escutou os rangidos da madeira e das cordas enquanto Trihga dirigia a balsa com o comprido remo de popa.

- Orik, pode me contar por que Brom se uniu aos varden? Sei tão poucas coisas dele... Durante a maior parte de minha vida, foi só uma história do povo.

- Nunca se uniu aos varden, só ajudou a fundá-los. - Orik se deteve para atirar um pouco de cinza ao rio -. Quando Galbatorix se converteu em rei, Brom era o único Cavaleiro que estava vivo, além dos Apóstatas.

- Mas não era mais um Cavaleiro. Tinham matado o seu dragão na batalha do Doru Araeba.

- Bom, tinha a formação de um Cavaleiro. Brom foi o primeiro que organizou os amigos e aliados dos Cavaleiros, que tinham sido obrigados a exilar-se. Foi ele quem convenceu a Hrothgar para que permitisse aos varden viver no Farthen Dür, e quem obteve a ajuda dos elfos.

Guardaram silêncio um momento.

- Por que Brom renunciou à liderança? - perguntou Eragon.

Orik sorriu com ironia.

- Talvez nunca a quis. Isso foi antes que Hrothgar me adotasse, assim eu não sei muito da vida de Brom no Tronjheim. Sempre estava em algum outro lugar, lutando com os Apóstatas ou enfiado em alguma conspiração.

- Seus pais estão mortos?

- Sim. A varíola os levou quando eu era jovem, Hrothgar teve a bondade de me acolher em seu salão e, como não tem filhos, nomeou-me seu herdeiro. Eragon pensou em seu elmo, marcado com o símbolo do Ingeitum. “Comigo também foi bom.”

Quando chegou o crepúsculo, os anões penduraram uma tocha em cada canto das balsas. Recordaram a Eragon que as tochas eram vermelhas porque permitiam ver de noite. Ficou junto à Arya e estudou as profundidades puras e imóveis das tochas.

- Sabe como eles as fazem? - perguntou.

- Com um feitiço que demos de presente aos anões faz muito tempo. Usam-no com muita habilidade.

Eragon elevou uma mão, arranhou-se no queixo e nas bochechas e notou o restolho de barba que tinha começado a lhe crescer.

- Poderia me ensinar mais magia enquanto viajamos?

Ela o olhou, mantendo um perfeito equilíbrio sobre os troncos oscilantes.

- Essa tarefa não me corresponde. Há um professor te esperando.

- Ao menos me diga uma coisa – insistiu. - O que significa o nome de minha espada?

A voz de Arya soou suave:

- Sua espada se chama “Suplício”. É o que foi até que você a brandir. Eragon olhou para Czar'roc com aversão. Quanto mais sabia de sua arma, mais malvada lhe parecia, como se seu fio pudesse causar desgraças por sua própria vontade. “Não é só por que Morzan matasse com ela os Cavaleiros, é que até seu próprio nome é malvado.” Se Brom não a tivesse dado, e se não fosse porque Czar'roc nunca perdia o fio e nada pudesse quebrá-la, Eragon a teria atirado ao rio naquele mesmo momento.

Antes que escurecesse mais, Eragon se aproximou nadando de Saphira. Voaram juntos pela primeira vez desde a saída do Tronjheim e se elevaram sobre o Az Ragni, onde o ar era fino e a água, lá embaixo, logo parecia uma linha fina. Sem a sela, Eragon se agarrava com força a

Saphira com os joelhos e notou que suas duras escamas lhe roçavam as cicatrizes do primeiro vôo.

Quando Saphira se inclinou à esquerda para elevar-se com uma corrente de ar, Eragon viu três manchas marrons que saltavam da saída da montanha e ascendiam com rapidez. A princípio acreditou que eram falcões, mas à medida que se aproximaram se deu conta de que mediam quase dois metros de comprimento e tinham caudas curtas e asas ásperas. De fato, pareciam dragões, mas seus corpos eram menores, mais fracos e mais serpentinos que o de Saphira. E suas escamas não brilhavam, mas sim estavam salpicadas de verde e marrom.

Agitado, Eragon as assinalou a Saphira.

Podem ser dragões? -perguntou.

Não sei.

Saphira ficou flutuando e inspecionou aos recém chegados, que subiam para eles riscando espirais. As criaturas pareciam assombradas de ver Saphira. lançaram-se contra ela, mas no último momento ficaram gritando e descenderam em picado. Eragon sorriu e quis projetar sua mente para entrar em contato com seus pensamentos. Quando o fez, os três animais retrocederam e uivaram, abrindo as faces como serpentes famintas. Seu uivo dilacerador era mental, além de físico. Atravessou Eragon com uma força selvagem, com a intenção de incapacitá-lo. Saphira também o sentiu. Sem cortar o convulso uivo, as criaturas atacaram com suas afiadas garras. *Espere* -advertiu Saphira. Pregou a asa esquerda e deu meia volta no ar para esquivar de dois dos animais, e logo bateu as asas depressa para elevar-se sobre o terceiro. Ao mesmo tempo, Eragon se esforçou com fúria para bloquear o uivo. Assim que notou sua mente limpa, quis recorrer à magia.

- *Não os mate* Saphira. *Quero viver esta experiência.* Embora as criaturas fossem mais ágeis que Saphira, ela lhes sobrepujava em tamanho e força. Uma das criaturas se lançou contra ela. Saphira se virou para trás de repente para voar de barriga para baixo e deu uma patada no peito do animal. A intensidade do uivo foi diminuindo enquanto o inimigo se retirava. Saphira agitou as asas e um girou à direita para receber de frente os outros dois animais, que lhe caiam em cima de uma vez. Arqueou o pescoço. Eragon ouviu um profundo tronido entre suas costelas, e logo uma língua de fogo saiu rugindo de seus faces. Um halo de Azul líquido envolveu a cabeça da Saphira e brilhou entre suas escamas como gemas, até que soltou umas gloriosas centelhas e pareceu elevar-se por dentro.

As duas bestas uivaram de desânimo e se desviaram para os lados. O assalto mental cessou quando se afastaram depressa, descendendo para a ladeira da montanha.

Quase me derrubou -disse Eragon, soltando os braços, doloridos de cãibras, com que a agarrava pelo pescoço.

Ela o olhou com ar de suficiência.

Quase, mas não.

Tem razão -riu Eragon.

Iluminados pela emoção da vitória, voltaram para as balsas. Quando aterrissaram entre dois alerones de água, Orik gritou:

- Eles o feriram?

- Não - respondeu Eragon. A água gelada formava redemoinhos em torno de suas pernas enquanto Saphira se aproximava nadando da balsa. - Era outra raça exclusiva das Beor?

Orik lhe ajudou a subir à balsa.

- Nós os chamamos Fanghur. Não são tão inteligentes como os dragões e não são capazes de jogar fogo, mas não deixam de ser formidáveis inimigos.

- Já percebemos. - Eragon se massageou nas têmporas com a intenção de aliviar a dor de cabeça que lhe tinha provocado o ataque dos Fanghur. - De qualquer maneira, Saphira é demais para eles.

É obvio -disse a dragona.

- Eles caçam assim - explicou Orik. - Usam suas mentes para imobilizar à

presa enquanto a matam.

Saphira moveu a cauda para salpicar Eragon.

É uma boa idéia. Possivelmente o prove da próxima vez que vá caçar. Eragon assentiu.

Em uma luta tampouco seria mau.

Arya se aproximou da borda da balsa.

- Me alegro de que não os tenham matado. Os Fanghur são tão escassos que a perda desses três teria sido tremenda.

- Apesar disso, conseguem comer boa parte de nossos rebanhos - grunhiu Thorv de dentro da cabine. O anão se aproximou de Eragon, resmungando irritado entre os nós retorcidos de sua barba. - Não volte a voar enquanto estivermos nas Beor, Assassino de Sombras. É bastante difícil conservá-lo intacto sem que se ponha a lutar com sua dragona contra víboras aladas.

- Permaneceremos na superfície até que cheguemos aos planos - prometeu Eragon.

- Muito bem.

Quando se detiveram para passar a noite, os anões amarraram as balsas a uns álamos na desembocadura de um regato. Ama acendeu um fogo enquanto Eragon ajudava Ekksvar a baixar *Neve de Fogo par* a terra. Amarraram-na ao bagas de sementes em uma zona de erva.

Thorv fiscalizou a instalação de seis tendas grandes. Hedin recolheu lenha suficiente para agüentar até o amanhecer, e Düthmér tirou as provisões da segunda balsa e começou a preparar o jantar. Arya ficou de guarda na borda do acampamento, onde logo se uniram Ekksvar, Ama e Trihga, uma vez finalizadas suas tarefas. Quando Eragon se deu conta de que não tinha nada que fazer, se agachou junto ao fogo com Orik e Shrrgnien. Quando este tirou as luvas e manteve as mãos cheias de cicatrizes sobre as chamas, Eragon se fixou em umas pontas de ferro - de apenas meio centímetro - que sobressaíam em todos os nódulos do anão, salvo nos polegares.

- O que é isso? - perguntou.

Shrrgnien olhou para Orik e riu.

- São meus Ascüdgamln... Meus “punhos de ferro”. - Sem levantar-se, deu meia volta e golpeou o tronco de um álamo e deixou quatro buracos simétricos na casca. Shrrgnien se voltou rindo. - São muito bons para golpear coisas, né?

A curiosidade e a inveja de Eragon aumentaram.

- Como se fazem? Ou seja, como se prendem as pontas às suas mãos?

Shrrgnien titubeou, em busca das palavras adequadas.

- Um curador te coloca em um sonho profundo para que não sinta nenhuma dor. Logo lhe... furam, sim? Furam-lhe um buraco nas articulações... Deteve-se e começou a falar depressa com Orik na linguagem dos anões.

- Em cada buraco encaixam um cilindro de metal - explicou Orik -. Usa-se a magia para fixá-lo em seu lugar, e quando o guerreiro se recupera totalmente, podem fixar pontas de diversos tamanhos nos cilindros.

- Sim, olhe - disse Shrrgnien, sorrindo.

Agarrou a ponta que ficava sobre o indicador da mão esquerda, tirou-a cuidadosamente do nódulo e a passou a Eragon.

Eragon sorriu enquanto rodava o afiado coto sobre a palma da mão.

- Não me importaria de ter meus próprios “punhos de ferro”. Devolveu a ponta ao Shrrgnien.

-É uma operação perigosa - advertiu Orik -. Poucos knurlan têm Ascüdgamln porque é fácil perder a capacidade de usar as mãos se a furadeira afundar demais. - Elevou um punho e o

mostrou a Eragon -. Nossos ossos são mais grossos que os seus. Não sei se funcionaria em um humano.

- Vou me lembrar disso.

Entretanto, Eragon não podia evitar imaginar como seria lutar com o Ascüdgamln, ser capaz de golpear o que quisesse impunemente, inclusive um urgal com armadura. Adorava a idéia.

Depois de jantar, Eragon se retirou para sua tenda. A luz que brilhava o fogo lhe permitia ver a silhueta da Saphira deitada junto a sua tenda, como uma figura recortada em papel e enganchada em um tecido.

Eragon se sentou com as mantas por cima das pernas e se olhou o regaço, aturdido, mas sem vontade de dormir. Livre, sua mente ficou pensando no lar. Perguntou-se como iria Roran, Horst e a todos do Carvahall, e se faria calor suficiente no vale de Palancar para que os fazendeiros pudessem começar a plantar seus cultivos. A saudade e a tristeza se apoderaram dele de repente. Tirou uma terrina de madeira de sua bolsa, agarrou a bota de água e a encheu até a borda. Logo se concentrou em uma imagem de Roran e sussurrou: - Draumr kópa.

Como sempre, a água se obscureceu antes de reluzir para revelar o objeto invocado. Eragon viu Roran sentado a sós em um dormitório iluminado por uma vela e reconheceu que era a casa de Horst. “Deve ter abandonado seu trabalho no Therinsford”, pensou. Seu primo estava recostado nos joelhos e tinha as mãos entrelaçadas enquanto olhava fixamente a parede com uma expressão que Eragon soube interpretar como sinal de que enfrentava algum problema difícil. Mesmo assim, parecia em bom estado, embora um pouco desanimado, o que reconfortou a Eragon. Ao cabo de um minuto liberou a magia, pôs fim ao feitiço e a superfície da água clareou. Tranqüilo, Eragon esvaziou a terrina, deitou-se e elevou as mantas até o queixo. Fechou os olhos e sumiu na cálida penumbra que separa a consciência do sonho, em que a realidade se curva e arqueia o ar do pensamento, e a criatividade floresce, liberada das limitações, e tudo é possível.

O sonho se apoderou dele. Logo que nada aconteceu enquanto descansava, mas justo antes de despertar, os habituais fantasmas da noite foram substituídos por uma visão tão clara e vibrante como qualquer que pudesse experimentar acordado. *Viu um céu torturado, negro e cheio de fumaça. Corvos e águias voavam em círculos por cima das flechas que rasgavam o ar de um lado a outro em plena batalha. Havia um homem escancarado no barro revolto, com o elmo partido e a malha ensangüentada... Seu rosto se escondia trás de um braço. Uma mão com luva de ferro entrou na visão do Eragon. A luva estava tão perto que rabiscava de ferro polido a visão do meio mundo. Como uma máquina inexorável, o polegar e os últimos três dedos se fechavam em um punho, deixando o dedo indicador, como um tronco, para assinalar ao homem do chão com a autoridade do destino.* A visão seguia ocupando a mente de Eragon quando saiu a rastros da tenda. Encontrou Saphira um pouco afastada do acampamento, mordiscando uma pele. Quando lhe contou o que tinha visto, deteve-se no meio da mordida. Logo, com um golpe de pescoço, tragou um pedaço de carne.

A última vez que ocorreu -disse a dragona -, *era uma predição verdadeira de coisas que ocorriam em outro lugar. Crê que há alguma batalha na Alagaésia?*

Eragon deu uma patada em um ramo solto.

Não estou seguro... Brom disse que só podia se invocar gente, rostos, e coisas que já tivesse visto antes. Entretanto, nunca vi esse lugar. Tampouco tinha visto Arya na primeira vez que sonhei com ela no Teirm.

Talvez Togira Ikonoka possa nos explicar isso.

Enquanto se preparavam para partir, os anões pareciam muito mais relaxados agora que se afastaram do Tarnag. Quando começaram a descender pelo Az Ragni com suas varas, Ekksvar - que capitaneava a balsa em que ia *Neve de Fogo* - ficou cantando com voz muito grave:

Abaixo com a rápida corrente

Do sangue acumulado do Kílf,

Deslizamos nossos troncos retorcidos

Para o lar, para o clã, para a honra.

Sob o solene tanque do céu,

Entre os terrenos baixos de lobos de gelo nos bosques,

Arrastamos a madeira estripada

Para o ferro, para o ouro e o diamante.

Que rodeie minha mão as ferramentas para descascar

E cuidem minha pedra as folhas da batalha

Enquanto abandono o lar de meus pais

Em busca das terras vazias mais à frente.

Outros anões se uniram a Ekksvar e passaram a sua própria língua para entoar os versos seguintes. O lento palpitar de suas vozes acompanhou Eragon enquanto se deslocava com cautela para a outra ponta da balsa, onde Arya permanecia sentada com as pernas cruzadas.

- Tive... uma visão enquanto dormia - disse-lhe. Arya o olhou com interesse, e lhe contou as imagens que tinha visto. - Se for uma invocação...

- Não é - respondeu Arya. Falava com deliberada lentidão, como se quisesse evitar qualquer

mal-entendido. - Pensei muito em como me viu presa no Gil'ead, e acredito que enquanto eu estava inconsciente, meu espírito procurava auxílio onde pudesse encontrá-lo.

- E por que eu?

Arya assentiu olhando para onde Saphira flutuava na água.

- Acostumei-me à presença de Saphira durante os quinze anos que passei cuidando do ovo. Quando entrei em contato com seus sonhos, ia em busca de algo que fosse familiar.

- Realmente, você é tão forte para contatar alguém que está no Teirm desde o Gil'ead?

O fantasma de um sorriso passou pelos lábios da Arya.

- Poderia ficar cair ante as portas do Vroengard, e mesmo assim me ouviria com tanta clareza como agora. - Fez uma pausa -. Se você não me invocou no Teirm, tampouco pode ter invocado este novo sonho. Deve ser uma premonição. Sabe-se que ocorreram entre as raças sensíveis, mas, sobretudo entre os conhecedores da magia. A balsa deu uma inclinada brusca, e Eragon se agarrou à rede que rodeava um montão de mantimentos.

- Se o que vi é algo que vai ocorrer, como podemos evitar que ocorra? Tem alguma importância nossa vontade? O que aconteceria se me atirasse da balsa agora mesmo e me afogasse?

- É que não vai fazer isso. - Arya tocou a superfície do rio com seu comprido indicador esquerdo e olhou a única gota que ficou presa em sua pele, como uma lente tremente. - Uma vez, faz muitos anos, o elfo Maerzadí teve a premonição de que mataria acidentalmente a seu filho em uma batalha. Em vez de viver para vê-lo, preferiu suicidar-se para salvar seu filho, e demonstrar que o futuro não está determinado. Além de se matar, em qualquer caso, há pouco que possa fazer para mudar seu destino, pois não sabe que opções lhe levarão a porção particular de tempo que viu. - Agitou a mão e a gota salpicou o tronco que os separava. - Sabemos que é possível obter informação do futuro, pois os adivinhos predizem freqüentemente os caminhos distintos que poderia tomar a vida de uma pessoa. Mas não fomos capazes de refinar o processo até o extremo de que possa escolher o que quer ver, onde e quando quer vê-lo. Para Eragon, o conceito de extrair conhecimento do tempo lhe parecia profundamente inquietante. Expor muitas dúvidas sobre a natureza da realidade.

“Inclusive se o destino e a ventura existem, a única coisa que posso fazer é desfrutar o presente e viver com a maior honradez possível.” Mesmo assim, não pôde evitar a pergunta:

- Em qualquer caso, o que pode me impedir de invocar uma lembrança? Tudo o que contêm o que vi... Ou seja, que deveria ser capaz de vê-los por meio da magia. O olhar da Arya se cravou no dele.

- Se conceder algum valor a sua vida, nunca tente. Faz muitos anos, alguns de nossos feiticeiros se dedicaram a desafiar os enigmas do tempo. Quando tentaram invocar seu

passado, só conseguiram criar uma imagem imprecisa em seus espelhos antes que o feitiço consumisse sua energia e os matasse. Não fizemos mais experimentos a respeito. Há quem diga que o feitiço funcionaria se participassem dele mais magos, mas ninguém está disposto a aceitar o risco e essa teoria ficou sem ser comprovada. Inclusive se se fosse possível invocar o passado, serviria para pouco. E

para invocar o futuro, teria que saber exatamente o que vai acontecer, onde e quando, e nesse caso já não teria sentido. Por isso, é um mistério que as pessoas tenham premonições enquanto dormem, que possam fazer de modo inconsciente algo ante o que se renderam nossos maiores sábios. As premonições poderiam estar ligadas a muito mesmo natureza e textura da magia... Ou talvez funcionem iguais às lembranças ancestrais dos dragões. Não sabemos. Muitos caminhos da magia ainda estão por explorar. - Ficou em pé com um só movimento fluido. - Procure não se perder por eles.

Deslizar

O vale foi se alargando ao longo da manhã à medida que as balsas avançavam para um luminoso vão entre duas montanhas. Chegaram à abertura ao meio-dia e se encontraram olhando das sombras para uma ensolarada pradaria que se estendia para o norte.

Logo a corrente os empurrou além dos penhascos e os muros do mundo se retiraram para revelar um céu gigantesco e um horizonte liso. Quase imediatamente o ar esquentou. O Az Ragni se curvou para este, recortando as ladeiras da cadeia montanhosa por um lado e as planícies pelo outro.

Aquela quantidade de espaço aberto parecia inquietar aos anões. Começaram a murmurar entre si, e olhavam com saudade a fissura cavernosa que deixavam para trás.

A Eragon a luz do sol pareceu lhe revigorar. Era difícil sentir-se verdadeiramente desperto quando três quartas partes do dia transcorriam sob o crepúsculo. atrás de sua balsa, Saphira abandonou a água e pôs-se a voar pela pradaria até que sua figura minguou e se converteu em uma mancha agitada na abóbada celeste.

O que vê? -perguntou-lhe Eragon.

Vejo grandes rebanhos de gazelas ao norte e a este. A oeste, o deserto do Hadarac. Isso é tudo.

Nada mais? Nem urgals, nem escravistas, nem nômades?

Estamos sozinhos.

Aquela tarde, Thorv escolheu uma pequena enseada para acampar. Enquanto Düthmér preparava o jantar, Eragon limpou um espaço junto a sua tenda, desembainhou a Czar'roc e adotou a postura de preparação que lhe tinha ensinado Brom a primeira vez que treinaram juntos. Eragon sabia que tinha muita desvantagem com respeito aos elfos e não tinha intenção

de chegar a Ellesméra destreinado. Com uma lentidão exasperante, elevou a Czar'roc por cima da cabeça e a baixou com as duas mãos, como se quisesse partir o elmo de um inimigo. Manteve a postura um segundo. Mantendo um controle absoluto sobre o movimento, virou para a direita - mostrando a ponta da espada para bloquear um golpe imaginário - e logo ficou imóvel, com os braços rígidos.

Com a extremidade do olho viu que Orik, Arya e Thorv o olhavam. Ignorou-os e se concentrou só no fio de rubi que sustentavam suas mãos, agüentou-o como se fosse uma serpente que pudesse retorcer-se para livrar-se de seu pulso e lhe morder o braço.

Deu-se a volta de novo e iniciou uma série de figuras, fluindo de uma a outra com uma disciplinada facilidade à medida que aumentava gradualmente a velocidade. Em sua mente, nada havia na sombria enseada, a não ser estar rodeado de um grupo de urgals e kulls ferozes. Esquivava e talhava, desviava, contra-atacava, saltava de um lado e cravava em um redemoinho de atividade. Lutava com energia mecanizada, como tinha feito no Farthen Dür, sem pensar na segurança de sua própria carne, acossando e partindo para seus inimigos imaginários.

Girou a Czar'roc no ar - com a intenção de passar o punho de uma mão a outra - e teve que soltá-la porque uma linha dentada de dor lhe percorreu as costas. cambaleou e caiu. Por cima de sua cabeça ouviu o falatório de Arya e os anões, mas só

pôde ver uma constelação de centelhas avermelhadas e brumosas, como se alguém houvesse coberto o mundo com um véu ensangüentado. Não existia mais sensação além da dor. Apagava qualquer outro pensamento, qualquer raciocínio, para deixar só

um animal feroz que uivava para que o soltassem.

Quando Eragon se recuperou o suficiente para saber onde estava, entendeu que o tinham metido em sua tenda e o envolto com mantas bem escuras. Arya estava sentada a seu lado, e a cabeça da Saphira aparecia pela entrada. *Estive inconsciente muito tempo?* -perguntou.

Um pouco. Ao final dormiu um momento. Tentei tirá-lo do seu corpo para te colocar no meu e te refugiar da dor, mas não havia muito que fazer com seu subconsciente.

Eragon assentiu e fechou os olhos. Todo seu corpo palpitava. Respirou fundo, olhou para Arya e perguntou em voz baixa:

- Como posso treinar? Como posso lutar, ou usar a magia? Sou um vaso quebrado.

Ao falar, a idade lhe escurecia a face.

Arya respondeu com a mesma suavidade:

- Pode se sentar e olhar. Pode escutar. Pode ler. E pode aprender. Apesar de suas palavras, Eragon notou um pingo de incerteza, ou inclusive de medo, em sua voz. Ficou de lado para não

olhá-la nos olhos. Dava-lhe vergonha que o visse tão impotente.

- Como a Sombra me fez isto?

- Não tenho respostas, Eragon. Não sou a elfa mais sábia, nem a mais forte. Todos fazemos o que podemos, e ninguém pode culpá-lo por isso. Talvez o tempo cure sua ferida. - Arya lhe tocou a fronte com seus dedos e murmurou: - *Sei mor'ranr onofinna.*

Logo abandonou a tenda.

Eragon se sentou e fez uma careta ao estirar os músculos das costas. Olhou para as mãos, mas não as via.

Pergunto-me se a Murtagh doía tanto a cicatriz como a mim. Não sei -respondeu Saphira.

Seguiu um silêncio mortal. Logo:

Tenho medo.

Por quê?

Por que... -Hesitou. - *Porque não posso fazer nada para evitar outro ataque. Não sei quando nem onde ocorrerá, mas sei que é inevitável. Assim espero e em todo momento temo que se levantar algo muito pesado, ou se me estirar de má maneira, volte a dor. Meu próprio corpo se converteu em um inimigo.* Saphira soltou um profundo murmúrio.

Eu tampouco tenho respostas. A vida é feita de dor e de prazer. Se este for o preço que tem que pagar pelas horas de desfrute, parece-te muito caro?

Sim -respondeu Eragon com brutalidade.

Retirou as mantas e saiu depressa, cambaleando até o centro do acampamento, onde Arya e os anões estavam sentados em torno de uma fogueira.

- Fizeram comida? - perguntou.

Düthmér encheu uma terrina e a passou sem dizer uma palavra. Com expressão diferente, Thorv lhe perguntou:

- Está melhor agora, Assassino de Sombras?

Ele e outros anões pareciam assombrados pelo que tinham visto.

- Estou bem.

- Você carrega uma carga muito pesada, Assassino de Sombras. Eragon franziu o cenho e pôs-se a caminhar abruptamente para o limite das tendas, onde se sentou na escuridão. Notava a

presença próxima da Saphira, mas o dragão o deixou em paz. Amaldiçoou em voz baixa e cravou a colher no guisado do Düthmér com uma raiva surda.

Justo quando dava uma dentada, Orik, que estava a seu lado, lhe disse:

- Não deveria tratá-los assim.

Eragon fulminou o rosto escurecido do Orik com o olhar.

- O que?

- Thorv e seus homens vieram para proteger a você e a Saphira. Morrerão por vocês se for necessário e confiam em que lhes proveja um enterro sagrado. Deve recordá-lo.

Eragon conteve uma resposta grosseira e cravou o olhar na negra superfície do rio - sempre em movimento, nunca detido -com a intenção de se acalmar.

- Tem razão. Deixei-me levar pelo meu temperamento.

Os dentes do Orik brilharam na escuridão quando sorriu:

- É uma lição que todo chefe deve aprender. Hrothgar me ensinou isso a golpes quando atirei uma bota em um anão que deixou a alabarda em um lugar onde qualquer podia um pisá-la.

-Acertou?

- Quebrei-lhe o nariz – Orik riu. Apesar de seu aborrecimento, Eragon riu também. - Recordarei que não devo fazê-lo.

Sustentava a terrina com as duas mãos para que não se esfriasse. Ouviu um tinido metálico porque Orik estava tirando algo de uma bolsa.

- Tome - disse o anão, ao mesmo tempo em que soltava na palma da mão de Eragon alguns anéis de ouro entrelaçados. - É um jogo que usamos para fazer provas de inteligência e habilidade. Há oito cintas. Se as dispuser do modo adequado, formam um só anel. Comigo é útil para me distrair quando estou preocupado.

- Obrigado - murmurou Eragon, já encantado pela complexidade daquela prova reluzente.

- Se conseguir montá-lo, pode ficar com isso.

Ao voltar para a loja, Eragon se deitou de barriga para baixo e estudou os anéis à escassa luz que penetrava pela entrada. Quatro cintas enroscadas a outras quatro. Todas eram suaves pela metade inferior e tinham uma massa assimétrica e retorcida na superior, por onde se encaixavam com as outras peças. Depois de provar algumas combinações, frustrou-se em seguida por uma simples razão: parecia impossível separar os dois grupos de cintas em

paralelo de tal modo que pudessem ficar todas planas.

Absorvido pela provocação, esqueceu o terror que acabava de suportar. Eragon despertou pouco antes do amanhecer. Esfregou os olhos para sacudir o sonho, saiu da tenda e estirou a musculatura. Sua respiração se tornava branca sob o fresco ar da manhã. Saudou com uma inclinação de cabeça a Shrrgnien, que mantinha o guarda junto ao fogo, e logo caminhou para a borda do rio e lavou o rosto, pestanejando sob a impressão da água fria.

Localizou Saphira com sua mente, embainhou a Czar'roc, colocou-a na cintura e se dirigiu para Saphira entre as plantas que flanqueavam o Az Ragni. Em pouco tempo as mãos e o rosto de Eragon estavam cobertos de arranhões causado por um emaranhado muro de espinhos que lhe obstruía o caminho. Com esforço, abriu caminho entre o nó de ramos e saiu na planície silenciosa. Uma colina redonda se elevava ante ele. Em sua crista estavam Saphira e Arya, como duas estátuas. Olhavam para este, onde um brilho líquido se elevava para o céu e tingia de âmbar a pradaria. Quando a claridade iluminou às duas figuras, Eragon se recordou que Saphira se pôs a olhar o nascimento do sol desde sua cama apenas quatro horas depois de nascer. Era como um falcão ou um gavião, com aqueles olhos duros e cintilantes sob a frente ossuda, o duro arco do pescoço e a fibrosa força gravada em todas as linhas de seu corpo. Era uma jaqueta e estava dotada de toda a selvagem beleza que isso implicava. Os rasgos angulosos da Arya e sua agilidade de pantera encaixavam-se à

perfeição ao lado do dragão. Não havia nenhuma discrepância em seus comportamentos, enquanto permaneciam sob os primeiros raios da alvorada. Uma comichão de assombro e alegria percorreu a coluna do Eragon. Como Cavaleiro, aquele era seu lugar. De todas as coisas que havia na Alagaésia, ele tinha tido a sorte de ver-se unido àquilo. O assombro levou lágrimas a seus olhos e lhe provocou um sorriso selvagem de puro júbilo que dissipou todas as dúvidas e os medos com a pujança de sua pura emoção.

Sem perder o sorriso, ascendeu à cúpula, ocupou seu lugar ao lado de Saphira e juntos contemplaram a chegada do novo dia.

Arya o olhou. Eragon lhe sustentou o olhar, e algo se sacudiu em seu interior. Ficou vermelho sem saber por que e sentiu uma repentina conexão com ela, uma sensação de que ela o entendia melhor que ninguém, além de Saphira. Sua reação o deixou confuso, pois ninguém o tinha afetado antes dessa maneira. Durante o resto do dia, Eragon só teve que voltar a pensar naquele momento para recuperar o sorriso e notar nas vísceras um redemoinho de estranhas sensações que não conseguia identificar. Passou a maior parte do tempo sentado, com as costas apoiada na cabine da balsa, trabalhando com o anel de Orik e vendo passar a paisagem cambiante.

Por volta do meio-dia passaram pela boca do vale, e outro rio se fundiu com o Az Ragni, que dobrou seu tamanho e sua velocidade de tal modo que as bordas já

ficaram separadas por mais de um quilômetro e meio. A única coisa que podiam fazer os anões era evitar que as balsas fossem arrastadas como peças de um naufrágio ante a

inexorável corrente, para não se chocar com os troncos que de vez em quando apareciam flutuando.

Quase dois quilômetros depois de que se unissem os dois rios, o Az Ragni virou para o norte e passou junto a uma cúpula solitária coroada pelas nuvens, que se elevava além do corpo central da cadeia das Beor, como uma gigantesca torre erguida para manter a vigilância sobre as planícies.

Os anões fizeram uma reverência ao pico, e Orik contou a Eragon:

- É Moldün o Orgulhoso. É a última montanha verdadeira que veremos durante a viagem.

Quando amarraram as balsas para passar a noite, Eragon viu que Orik desembrulhava uma larga caixa negra incrustada com madrepérolas, rubis e traços curvos de prata. Orik acionou um broche e logo elevou a tampa para descobrir um arco sem cordas, encaixado em veludo vermelho. Os braços do arco pareciam de ébano, e sobre esse fundo se gravaram complexas figuras de parras, flores, animais e runas, todas elas do mais fino ouro. Era uma arma tão luxuosa que Eragon se perguntou como podia alguém atrever-se a usá-la.

Orik colocou a corda no arco. Era quase tão alto como ele, embora para as medidas de Eragon correspondesse ao tamanho do arco de um menino. Deixou a um lado a caixa e disse:

- Vou procurar comida fresca. Estarei de volta dentro de uma hora. Dito isso, desapareceu entre a vegetação. Thorv emitiu um grunhido de desaprovação, mas não fez nada por detê-lo.

Cumprindo sua palavra, Orik retornou com uma braçada de gansos de pescoço comprido.

- Encontrei um bando descansando em uma árvore - disse, enquanto lançava as aves para a Düthmér.

Quando Orik tirou de novo a caixa trabalhada, Eragon lhe perguntou:

- De que madeira é feito o seu arco?

- Madeira? - Orik riu e negou com a cabeça. - Não se pode fazer um arco deste tamanho com madeira e lançar uma flecha a mais de vinte metros. Ele se romperia, ou cederia pela pressão da corda depois de poucos disparos. Não, este arco é de chifre de urgal.

Eragon o olhou com suspeita, convencido de que o anão pretendia lhe enganar.

- O chifre não é suficientemente flexível e elástico para fazer um arco.

- Ah - riu Orik. - Isso é porque terá que saber como tratá-lo. Primeiro aprendemos a fazê-lo com os chifres do Féldunost, mas não ficam tão bons como os dos urgals. Terá que cortar o chifre ao longo, e logo se vai recortando a casca exterior até que tenha a espessura apropriada. O resultado é uma cinta que se ferve para alisar e se lixa para lhe dar forma antes

de enganchá-la no interior de uma caverna com uma cola que se obtém mesclando escamas de peixes e pele do estomago de uma truta. Logo se cobre a parte traseira da caverna com múltiplas capas de tendões: assim se dá

flexibilidade ao arco. O último passo é a decoração. Todo o processo pode durar quase uma década.

- Nunca tinha ouvido falar de um arco feito desta maneira - disse Eragon. Fazia que sua própria arma parecesse pouco mais que um ramo grosseiramente recortado -. Que distância alcançam as flechas?

- Prove-você mesmo - disse Orik.

Deixou que Eragon agarrasse o arco, e este o sustentou com cautela por medo de danificar os acabamentos. Orik tirou uma flecha de sua aljava e a passou.

- De qualquer maneira, me deve uma flecha.

Eragon encaixou a flecha na corda, apontou por cima do Az Ragni e a esticou. O arco esticado media pouco mais do meio metro, mas lhe surpreendeu descobrir que pesava muito mais que o seu, logo que tinha usar toda a sua força para sustentar a corda.

Soltou a flecha, que desapareceu com um tangido e reapareceu, muito longe, por cima do rio. Eragon contemplou assombrado como caía em metade do curso do Az Ragni, salpicando água.

Imediatamente ultrapassou a barreira de sua mente para recorrer com ajuda da magia e disse:

-*Gath sem oro um larn iet.* -Ao cabo de uns segundos, a flecha voou para trás pelo ar para aterrissar em sua mão aberta -. E aqui tem – acrescentou - a flecha que te devo.

Orik se golpeou o peito com um punho e logo tomou a flecha e o arco com evidente prazer.

- Maravilhoso! Assim sigo tendo a dúzia completa. Se não, teria tido que esperar até chegar a Hedarth para recarregar a munição.

Desencordou com destreza o arco, guardou-o na caixa e logo envolveu esta com trapos suaves para protegê-la.

Eragon viu que Arya estava olhando. Perguntou-lhe:

- Os elfos também usam arcos de corno? É muito forte. Um arco de madeira feito para você teria que ser muito pesado e se romperia.

- Nós fazemos nossos arcos cantando para as árvores que não crescem respondeu Arya. E se afastou. Durante dias inteiros deslizaram entre campos de erva invernal enquanto as Beor desapareciam na brumosa muralha branca que foram deixando atrás. Freqüentemente nas

bordas apareciam grandes rebanhos de gazelas e de pequenos cervos vermelhos que os olhavam com seus olhos aquosos.

Agora que os Fanghur já não os ameaçavam, Eragon voava quase constantemente com Saphira. Desde antes do Gil'ead não tinham tido ocasião de passar tanto tempo no ar, e se aproveitaram disso. Além disso, Eragon agradecia a oportunidade de escapar da lotada cobertura da balsa, onde se sentia incomodado pela proximidade de Arya.

Arya Svit-kona

Eragon e seus acompanhantes seguiram o Az Ragni até que se uniu ao rio Edda, que a partir daí deslizava para este desconhecido. Na confluência dos dois rios visitaram o posto avançado dos anões para o comércio, Hedarth, e trocaram suas balsas por asnos. Os anões nunca usavam cavalos por sua estatura. Arya rechaçou a mula que lhe ofereciam:

- Não retornarei à terra de meus ancestrais montada em um burro. Thorv franziu o cenho.

- E como vai seguir nosso passo?

- Correrei.

E como corria, tanto que se adiantava a *Neve de Fogo* e aos burros e logo tinha que se sentar e esperá-los na colina seguinte, ou em algum bosque. Apesar dos seus esforços, não dava a menor amostra de cansaço quando se detinham passar a noite, nem parecia sentir maior inclinação por pronunciar mais que umas poucas palavras entre o café da manhã e o jantar. A cada passo parecia mais tensa. Desde o Hedarth avançaram para o norte e remontaram o Edda para seu nascimento, no lago Eldor.

Ao cabo de três dias tiveram a primeira visão do Du Weldenvarden. Primeiro apareceu o bosque como se fosse uma brumosa protuberância no horizonte e logo foi se estendendo até conformar um mar esmeralda de velhos carvalhos. Do lombo de Saphira, Eragon viu que os bosques se estendiam sem parar até o horizonte, tanto a norte como a oeste, e soube que chegavam até muito mais à frente, que percorriam toda a extensão de Alagaésia.

As sombras que se formavam abaixo dos arqueados ramos das árvores lhe pareciam misteriosas e fascinantes, ao mesmo tempo em que perigosas, pois ali viviam os elfos. Escondida em algum lugar do vetado coração do Du Weldenvarden estava Ellesméra - onde ia completar sua formação - e também Osilon e outras onze cidades élficas que poucos tinham visitado antes da queda dos Cavaleiros. O bosque era um lugar perigoso para os mortais, pensou Eragon, sem dúvida habitado por uma magia estranha e criaturas mais estranhas ainda.

É como se fosse outro mundo -observou.

Um par de mariposas se elevaram do escuro interior do bosque, riscando espirais ao se perseguirem.

Espero -disse Saphira - *caber entre as árvores no caminho que usem os elfos. Não posso voar o tempo todo.*

Estou seguro de que, na época dos Cavaleiros, encontraram uma maneira de acomodar aos dragões.

Mmm.

Essa noite, quando Eragon se dispunha a procurar suas mantas, Arya apareceu a seu lado, como um espírito que se materializasse no ar. Deu-lhe um susto com seu sigilo, nunca poderia entender como se movia tão silenciosamente. Sem lhe dar tempo para perguntar o que queria, a mente da elfa entrou em contato com a sua e lhe disse:

Siga-me com o maior silêncio possível.

O contato lhe surpreendeu tanto como o pedido. Tinham compartilhado algum pensamento durante o vôo ao Farthen Dúr -pois só assim Eragon podia falar com ela enquanto durasse o sono auto-induzido, - mas desde que Arya se recuperasse, não havia tornado a tentar entrar em contato com sua mente. Era uma experiência profundamente pessoal. Quando Eragon entrava em contato com a consciência de outra pessoa, era como se uma faceta de sua alma nua se esfregasse com a sua. Iniciar algo tão privado sem convite prévio lhe teria parecido inculto e rude, além de uma traição da confiança da Arya, por si escassa. Ademais, Eragon temia que um laço dessa natureza revelasse seus novos e confusos sentimentos para com ela, e não sentia o menor desejo de ser ridicularizado por eles.

Acompanhou-a e abandonaram juntos o círculo de tendas, evitando com cuidado Trihga, que se ocupava da primeira guarda, para chegar a um lugar onde os anões não pudessem lhes ouvir. Dentro dele, Saphira mantinha uma atenta vigilância, pronta para plantar-se de um salto em sua ajuda se necessário. Arya se agachou em um tronco coberto de musgo e rodeou os joelhos com os braços, sem olhar para ele.

- Há coisas que deve saber antes que cheguemos a Ceris e Ellesméra, para que nem você nem eu devamos nos envergonhar de sua ignorância.

- Por exemplo?

Eragon se agachou junto a ela, curioso.

Arya respondeu.

- Durante os anos que passei como embaixatriz do Islanzadí, observei que os anões e os humanos se parecem muito. Compartilham muitas crenças e paixões. Mais de um humano viveu comodamente entre os anões porque podia entender sua cultura, assim como eles entendem a sua. Os dois amam, desejam, odeiam, brigam e criam quase da minha maneira. Sua amizade com o Orik e sua aceitação do Dürgrimst Ingeitum são boa amostra disso. - Eragon assentiu, embora lhe parecia que as diferenças eram maiores. - Os elfos, em troca, não são

como as outras raças.

- Fala como se você não fosse uma deles - disse, recordando suas palavras no Farthen Dür.

- Vivi os anos suficientes com os varden para me acostumar a suas tradições - replicou Arya com fragilidade.

- Ah... Então, quer dizer que os elfos não têm as mesmas emoções que os anões e os humanos? Custa-me acreditar. Todos os seres vivos têm as mesmas necessidades e desejos básicos.

- Não queria dizer isso. - Eragon se virou, franziu o cenho e a estudou. Era incomum que se mostrasse tão brusca. Arya fechou os olhos, levou os dedos às têmporas e respirou fundo. - Como os elfos vivem tantos anos, consideramos que a cortesia é a máxima virtude social. Não se pode permitir ofender a ninguém quando a ofensa pode se manter durante décadas ou séculos. A cortesia é a única maneira de evitar que se acumule hostilidade. Nem sempre se consegue, mas nos apegamos com rigor a nossos rituais porque nos protegem dos extremos. Além disso, as elfas não são fecundas, de modo que é vital que evitemos os conflitos. Se tivéssemos os mesmos índices de criminalidade que vocês, ou que os anões, logo nos extinguiríamos.

“Há uma maneira adequada de saudar os sentinelas do Ceris, certos hábitos e fórmulas que deve respeitar quando se apresenta ante a rainha Islanzadí, e cem maneiras distintas de tratar a quem o rodeia, isso quando não é melhor que se limite a se calar”.

- Com tantos costumes - arriscou-se a dizer Eragon, - parece fácil ofender às pessoas.

Um sorriso cruzou os lábios da Arya.

- Talvez. Sabe tão bem como eu que te julgarão com maior exigência. Se cometer um engano, os elfos acreditarão que o fez de propósito. E se descobrirem que foi por pura ignorância, será ainda pior. É melhor que lhe considerem rude e capaz , que rude e inútil, pois do contrário se arrisca a que lhe manipulem como à serpente em uma competição de runas. Nossa política segue ciclos que são ao mesmo tempo largos e sutis. O que ver ou ouvir um dia de um elfo pode ser pouco mais que um sutil movimento em uma estratégia de milênios de duração, e não indica nada a respeito de como esse elfo se comportará no dia seguinte. É uma partida que todos jogamos, mas poucos controlam, uma partida em que você está a ponto de entrar. Talvez agora entenda por que digo que os elfos não são como as outras raças. Os anões também vivem muito tempo, mas são muito mais prolíficos que nós e não compartilham nossa contenção, nem nosso amor pela intriga. E os humanos...

Sua voz se perdeu em um amável silêncio.

- Os humanos - disse Eragon - fazemos o que podemos com o que nos dá.

- Mesmo assim...

- Por que não conta tudo isto também para Orik? Ele vai ficar na Ellesméra como eu.

A voz da Arya se esticou.

- Ele tem certa familiaridade com nosso protocolo. Em qualquer caso, como Cavaleiro, faria bem em se mostrar mais educado que ele.

Eragon aceitou sua resposta sem protestar.

- O que devo aprender?

Assim começou Arya a lhe ensinar - e através dele, também a Saphira - as sutilezas da sociedade dos elfos. Primeiro lhe explicou que quando um elfo se encontra com outro, eles se detêm e levam dois dedos aos lábios para assinalar que "não distorceremos a verdade durante nossa conversa". A seguir se pronuncia a frase: *Atra esterní ono thel-duin,* a que se responde: *Atra du evarínya ono varda.*

- E - disse Arya - se for uma situação especialmente formal, há uma terceira resposta: *Um atra mor'ranr Ufa unin hjarta onr,* que significa "Que a paz viva em seu coração". Estas frases se adotaram de uma bênção pronunciada por um dragão quando terminou nosso pacto com eles. Diz assim:

Atra esterní ono thelduin,

Mor'ranr Ufa unin hjarta onr,

Um du evarínya ono varda.

- Ou seja: "Que a boa sorte te acompanhe, a paz viva em seu coração e as estrelas cuidem de você".

- Como se sabe quem tem que falar primeiro?

- Sempre que se dirigir a alguém de maior status que você, ou se quer honrar a um subordinado, fala você primeiro. Se falar com alguém com menos status que você, fala depois. Mas se não estiver seguro de sua posição, dá uma oportunidade ao outro e, só se guardar silêncio, fala você. Essa é a norma.

Isso também funciona para mim? -perguntou Saphira.

Arya recolheu do chão uma folha seca e a esmiuçou entre os dedos. Atrás dela, o acampamento sumiu nas sombras porque os anões apagaram o fogo, cobrindo as chamas com uma capa de terra para que as brasas e o carvão sobrevivessem até a manhã seguinte.

- Como dragão, em nossa cultura ninguém tem uma posição mais elevada que a sua. Nem sequer a rainha reclamaria autoridade sobre você. Pode fazer e dizer o que quiser. Não

esperamos que nossas leis comprometam os dragões. Logo ensinou Eragon a torcer a mão direita e apoiá-la no esterno, compondo assim um curioso gesto.

- Isto - disse-lhe – você usará quando conhecer Islanzadí. Assim indica que lhe está oferecendo sua lealdade e obediência.

- Implica um compromisso, como meu juramento de lealdade a Nasuada?

- Não, é só uma cortesia, e bem pequena.

Eragon se esforçou por recordar os abundantes modos de se relacionar que Arya lhes ensinava. As saudações variavam conforme se interagisse entre homem e mulher, adultos e meninos, meninos e garotas, assim como em função da posição e o prestígio de cada um. Era uma lista desalentadora, mas Eragon sabia que tinha que memorizá-la à perfeição.

Quando teve absorvido tanto como lhe era possível, Arya se levantou e esfregou as mãos para eliminar o pó:

- Se não esquecer, não irá mal.

Deu a volta para ir embora.

- Espere - disse Eragon.

Estendeu um braço para detê-la, mas o retirou de repente antes que ela percebesse. Arya olhou para trás com uma pergunta em seus escuros olhos, e o estômago de Eragon se contorceu - enquanto tentava encontrar um modo de pôr em palavras os seus pensamentos. Apesar de todo seu esforço, ao fim só soube dizer:

- Você está bem, Arya? Desde que saímos do Hedarth, parece angustiada, como se não se encontrasse muito bem.

Ao ver que o rosto de Arya se endurecia e se convertia em uma máscara rígida, Eragon se encolheu por dentro e entendeu que tinha escolhido uma maneira errônea de aproximar-se dela, embora não lhe ocorria por que podia ofendê-la com essa pergunta.

- Quando estivermos no Du Weldenvarden - informou-lhe, - confio em que não me falará com essa familiaridade, salvo se pretender me afrontar. Saiu a grandes pernadas.

Corra atrás dela! -exclamou Saphira.

O que?

Não podemos nos permitir que se zangue contigo. Vá lhe pedir perdão. Seu orgulho se rebelou.

Não! Não é minha culpa, a não ser dela.

Vá pedir perdão, Eragon, ou te encherei a tenda de carniça. A ameaça não era pequena.

Saphira pensou um segundo e lhe disse o que devia fazer. Sem discutir, Eragon ficou em pé e se plantou diante da Arya, obrigando-a a deter o passo. Ela o olhou com expressão altiva.

Eragon levou dois dedos aos lábios e disse:

- Arya Svitkona. - Era o título honorífico destinado às mulheres de grande sabedoria, conforme acabava de aprender. – Me expressei mal e te peço perdão. Saphira e eu estávamos preocupados com seu bem-estar. Com tudo o que tem feito por nós, parecia-nos que o mínimo que podíamos fazer era oferecer nossa ajuda, caso a necessite.

Por fim, Arya relaxou e disse:

- Aprecio sua preocupação. E também eu fui rude**.** -Baixou o olhar. Na escuridão, a silhueta de suas extremidades e de seu torso parecia dolorosamente rígida.

- Perguntou-me o que me preocupa, Eragon? Quer saber realmente? Então, lhe direi. - Sua voz era suave como as sementes de cardo que flutuam ao vento. - Tenho medo. Atônito, Eragon ficou sem resposta. Arya deu um passo adiante e o deixou sozinho na noite.

Ceris

À manhã do quarto dia, Eragon cavalgava junto a Shrrgnien, e o anão lhe disse:

- Bom, me conte, é certo que os humanos têm dez dedos nos pés, como dizem por aí? A verdade é que nunca saí de nossas fronteiras.

- Claro que temos dez dedos! - respondeu Eragon. Inclinou-se sobre a sela de *Neve de Fogo,* levantou o pé direito, tirou a bota e os meias e meneou os dedos ante a assombrado olhar do Shrrgnien. - Vocês não?

Shrrgnien negou com a cabeça.

- Não, nós temos sete em cada pé. Cinco são poucos e seis é mau número..., mas sete é perfeito.

Olhou de novo o pé de Eragon e logo esporeou o asno e ficou falando animadamente com Ama e Hedin, que terminou por lhe dar umas quantas moedas de prata.

Acredito -disse Eragon - *que acabo de ser motivo de uma aposta.* Por alguma razão, a Saphira pareceu imensamente divertido.

À medida que o crepúsculo avançava e ascendia a lua cheia, o rio Edda foi se aproximando da

borda do Du Weldenvarden. Cavalgavam por um estreito atalho entre roseiras florescidas, que enchiam o ar do entardecer com o quente aroma de suas flores.

Um presságio de ansiedade invadiu Eragon ao olhar para o interior do bosque escuro e saber que já tinham entrado no domínio dos elfos e estavam perto do Ceris. Inclinou-se na sela de *Neve de Fogo* e sustentou as rédeas com força. Saphira estava tão excitada como ele, voava pelas alturas, agitando a cauda com impaciência. Eragon se sentiu como se tivessem entrado em um sonho.

Não parece real -disse.

Sim. Aqui as antigas lendas seguem assentadas na terra. Ao fim chegaram a um pequeno prado aberto entre o rio e o bosque.

- Paremos aqui - disse Arya em voz baixa. Adiantou-se e ficou sozinha em meio a lustrosa erva, e logo gritou no idioma antigo: - Saiam, irmãos! Não têm nada que temer. Sou Arya, da Ellesméra. Meus companheiros são amigos e aliados, não pretendem lhes fazer nenhum mau.

Acrescentou também outras palavras que Eragon não conhecia. Durante alguns minutos, só se ouviu o rio que corria atrás deles, até que entre as folhas saiu uma voz élfica, tão rápida e breve que a Eragon lhe escapou o significado. Arya respondeu:

- Sim.

Com um sussurro, dois elfos se plantaram na borda do bosque e outros dois correram com ligeireza pelos ramos de um carvalho retorcido. Os que foram por terra levavam largas lanças de fios brancos, enquanto que os outros foram armados com arcos. Todos levavam túnicas da cor do musgo e de casca, sob capas volantes atadas nos ombros com broches de marfim. Tinham o cabelo tão negro como Arya. Os outros três, cabeleiras de luz estrelada.

Os elfos saltaram das árvores e abraçaram Arya, rindo com vozes claras e puras. Estreitaram-se as mãos e dançaram em círculo como meninos, cantando felizes enquanto rodavam pela erva.

Eragon os olhava assombrado. Arya nunca lhe tinha dado razões para suspeitar que os elfos gostasse de rir, nem sequer que pudessem fazê-lo. Era um som formidável, como de flautas e harpas vibrando para agradar com sua própria música. Desejou não deixar de ouvi-lo nunca.

Então Saphira desceu para o rio e se instalou junto a Eragon. Ao ver que se aproximava, os elfos gritaram assustados e apontaram suas armas. Arya falou depressa em tom tranqüilizador, assinalando primeiro Saphira e logo a seguir para Eragon. Quando se deteve para tomar alento, Eragon tirou a luva que levava na mão direita, agitou a mão para que a luz da lua iluminasse o gedwéy ignasia e, tal como tinha feito com Arya tanto tempo atrás, disse:

- Eka fricai um Shur'tugal. - Sou um Cavaleiro e um amigo. - Recordou a lição do dia anterior e tocou os lábios antes de acrescentar: - *Atra esterní ono thelduin.* Os elfos baixaram as

armas e a alegria irradiou seus rostos angulosos. Levaram os indicadores aos lábios e fizeram uma reverência dedicada a Eragon e Saphira, ao mesmo tempo em que murmuravam sua resposta na linguagem antiga. Logo se levantaram, assinalaram os anões e riram como se alguém tivesse feito uma brincadeira. Voltaram a meter-se no bosque e dali os chamaram por gestos:

- Venham! Venham!

Eragon seguiu Arya com Saphira e os anões, que grunhiam entre eles. Ao passar entre as árvores, o dossel de seus ramos os ocultou em uma escuridão aveludada, salvo por leves fragmentos de luz de lua que refulgiam por ocos que deixavam as folhas ao sobrepor-se. Eragon ouvia os sussurros e as risadas dos elfos por toda parte, embora não pudesse vê-los. De vez em quando, davam alguma direção quando ele ou os anões se desviavam.

Mais adiante, um fogo brilhou entre as árvores, criando sombras que brincavam de correr como espíritos sobre a folhagem do chão. Ao entrar no raio de luz, Eragon viu três pequenas cabanas apinhadas em torno da base de um grande carvalho. No alto da árvore havia uma plataforma coberta, da qual um vigilante podia observar o rio e o bosque. Havia uma vara entre duas cabanas, dela pendiam novelos de lã que se secavam.

Os quatro elfos desapareceram dentro das cabanas, voltaram a sair com os braços carregados de frutas e verduras - e nada de carne - e começaram a preparar comida para seus convidados. Cantarolavam enquanto trabalhavam e passavam de uma toada a seguinte conforme lhes vinha a vontade. Quando Orik lhes perguntou como se chamavam, o elfo de cabelo escuro apontou a si mesmo e disse:

- Eu sou Lifaen, da casa do Rílvenar. E meus companheiros, Edurna, Celdin e Narí.

Eragon se sentou ao lado de Saphira, contente de poder descansar e olhar os elfos. Embora eram todos machos, seus rostos se pareciam com o de Arya, com lábios delicados, narizes finos e olhos largos e rasgados que brilhavam sob as sobrancelhas. O resto de seus corpos também era parecido, com as costas estreitas e os braços e as pernas esbeltos. Eram todos mais finos e nobres que qualquer humano que Eragon tivesse visto, embora de um modo exótico e estranho.

“A quem teria ocorrido que eu acabaria visitando o lar dos elfos?”, perguntouse Eragon. Sorriu e se apoiou na esquina de uma cabana, enjoado pelo calor da fogueira. Por cima dele, os bailarinos olhos Azuis da Saphira seguiam os elfos com firme concentração.

Esta raça tem mais magia - disse por fim - *que os humanos ou os anões. Não se sentem como se procedessem da terra ou da pedra, mas sim de outro reino, só*

metade presente na terra, como reflexos vistos através da água. Certamente, são elegantes - disse Eragon.

Os elfos se moviam como bailarinos, todos seus gestos eram suaves e ágeis. Brom tinha

contado a Eragon que era mal educado falar mentalmente com o dragão de um Cavaleiro sem sua permissão, os elfos, seguindo esse costume, dirigiram seus comentários a Saphira em voz alta, e ela lhes respondia do mesmo modo. Saphira estava acostumada evitar o contato com os pensamentos de humanos e anões e usava Eragon para transmitir suas palavras, pois eram poucos os membros dessas raças que tinham a formação suficiente para preservar suas mentes se desejavam intimidade. Também parecia uma imposição usar um contato tão íntimo para intercâmbios casuais. Os elfos, em troca, não tinham essa aula de inibições: abriam suas mentes a Saphira e desfrutavam de sua presença.

Por fim a comida ficou pronta e servida em pratos que pareciam de ossos densos, embora as flores e os sarmentos que decoravam a borda tinham textura de madeira. A Eragon deram também uma jarra de vinho de groselha - feita do mesmo material estranho - com um dragão esculpido em torno do pé. Enquanto comiam, Lifaen tirou um jogo de flautas de cano e ficou tocando uma melodia fluída, passando os dedos pelos diversos buracos. Aos poucos, o elfo mais alto entre os que tinham o cabelo prateado, Narí, elevou a voz para cantar: OH!

Termina o dia, brilham as estrelas,

As folhas estão quietas, a lua está branca.

Ri da aflição e do inimigo,

A vergôntea da Menoa está a salvo esta noite.

Perdemos na luta um menino do bosque:

A filha nemorosa, presa pela vida!

Livre do medo e da chama,

Arrancou a um Cavaleiro das sombras.

De novo abrem suas asas os dragões,

E nós veremos seu sofrimento.

Tão forte a espada como o braço,

Chegou a hora de que matemos o rei!

OH!

O vento é suave, o rio é profundo,

Altos som as árvores, dormem os pássaros.

Ri da aflição e do inimigo.

Chegou a hora de que estale a alegria!

Quando Narí terminou, Eragon soltou o ar estagnado nos pulmões. Nunca tinha ouvido uma voz assim: parecia que o elfo tinha revelado sua essência, sua própria alma.

- Que bonito, Narí-vodhr.

- Uma composição improvisada, Argetlam - objetou Narí. - Obrigado, de qualquer maneira.

Thorv grunhiu.

- Muito bonito, professor elfo. De qualquer maneira, temos que tratar de alguns assuntos mais sérios que estes versos. Vamos seguir acompanhando o Eragon?

- Não! - disse Arya em seguida, chamando a atenção dos outros elfos. - Podem voltar para casa amanhã. Vamos nos assegurar que Eragon chegue a Ellesméra.

Thorv inclinou a cabeça.

- Então, nossa tarefa terminou.

Curvado no leito que os elfos lhe tinham preparado, Eragon aguçou o ouvido para captar o discurso de Arya, que procedia de uma das cabanas. Embora usasse muitas palavras estranhas da linguagem antiga, Eragon deduziu que estava explicando aos anfitriões como tinha perdido o ovo de Saphira e tudo o que aconteceu depois. Quando terminou de falar, seguiu-se um longo silêncio, e logo um elfo disse:

- Que bom que tenha retornado, Arya Dróttningu. Islanzadí ficou amargamente ferida quando lhe capturaram e roubaram o ovo... nada menos que os urgals! Seu coração ficou, e segue, marcado.

- Cale-se, Edurna... Cale-se - falou outro. - Os Dvergar são pequenos, mas têm ouvidos agudos e estou seguro que informarão ao Hrothgar. Logo baixaram a voz e Eragon já não conseguiu distinguir nada entre seu murmúrio de vozes mescladas com o sussurro das folhas e foi abandonando a vigília com um sonho em que se repetia interminavelmente a canção do elfo. O aroma das flores era denso quando Eragon despertou e contemplou o Du Weldenvarden invadido pelo sol. Por cima dele se arqueava uma panoplia de folhas agitadas, sustentadas por grossos troncos que se enterravam no chão, seco e nu. Só o musgo, os líquenes e uns poucos arbustos sobreviviam naquela sombra verde que tudo invadia. A escassez de vegetação permitia a visão em grandes distancia entre os pilares nodosos, assim como caminhar livremente sob o teto pintalgado. Virou-se para ficar em pé e se encontrou com Thorv e seus guardas, já

preparados para partir. O asno do Orik estava pronto depois do mulo do Ekksvar. Eragon se aproximou de Thorv e lhe disse:

- Obrigado, a todos vocês por proteger a mim e a Saphira. Por favor, transmitam nosso agradecimento ao Undin.

Thorv se levou um punho ao coração:

- Transmitirei suas palavras. - Titubeou e jogou um olhar às cabanas-- Os elfos são uma raça estranha, cheia de luzes e sombras. Pela manhã, bebem com você, de noite, apunhalam-lhe. Mantenha as costas voltadas para a parede, Assassino de Sombras. São muito caprichosos.

- Vou me lembrar do conselho.

- Mmm. - Thorv gesticulou, assinalando o rio. - Pensam subir pelo lago Eldor com botes. O que vai fazer com seu cavalo? Nós poderíamos levá-lo ao Tarnag, e logo dali ao Tronjheim.

- Botes! - exclamou Eragon decepcionado. Sempre tinha planejado entrar na Ellesméra com *Neve de Fogo.* Era prático ter um cavalo se Saphira se afastava, ou para lugares muito estreitos para o tamanho do dragão. Passou um dedo pelas ninharias soltas de sua mandíbula. - É uma proposta amável. Você se assegurará que cuidem bem de *Neve de Fogo?* Não suportaria que lhe acontecesse nada.

- Por minha honra - prometeu Thorv - quando voltar, o encontrará gordo e lustroso.

Eragon foi a *Neve de Fogo* e pôs as sementes, sua sela e seus utensílios de limpeza nas mãos de Thorv. Despediu-se de todos os guerreiros, e logo ele, Saphira e Orik viram os anões cavalgarem, de volta pelo mesmo atalho que os tinha levado até ali. Eragon e o resto da partida retornaram às cabanas e seguiram os elfos até um matagal à beira do Edda. Ali, amarradas a ambos os lados de uma rocha, havia duas canoas brancas com parras esculpidas nos flancos.

Eragon montou na mais próxima e deixou sua bolsa junto a seus pés. Assombrava-lhe a ligeireza da nave, poderia havê-la levantado com uma só mão. Ainda mais surpreendente, parecia que os cascos fossem feitos de painéis de casca de abedul unidos sem nenhum tipo de fissura. Impelido pela curiosidade, tocou um flanco da canoa. A casca era dura e rígida, como um pergaminho esticado, e fria pelo contato com a água. Golpeou com os nódulos. A casca fibrosa emitiu uma surda reverberação de tambor.

- Fazem assim todos seus botes? - perguntou.

- Todos, menos os mais largos - respondeu Narí, enquanto se sentava na proa da embarcação de Eragon. - Para esses, damos forma com nossos cantos aos melhores cedros e carvalhos.

Antes que Eragon pudesse lhe perguntar o que queria dizer, Orik montou em sua canoa, enquanto Arya e Lifaen tomavam a segunda. Arya se voltou para Edurna e Celdin, que tinham ficado na borda, e lhes disse:

- Mantenham a guarda para que ninguém possa nos seguir e não falem com ninguém de nossa

presença. A rainha tem que ser a primeira em conhecê-la. Enviarei reforços assim que cheguemos a Sílthrim.

- Arya Dróttningu.

- Que as estrelas cuidem de vós - respondeu.

Narí e Lifaen se inclinaram para frente, tiraram umas varas de três metros do fundo dos botes e começaram a impulsionar as canoas contra a corrente. Saphira se meteu na água atrás delas e abriu caminho com as garras junto à borda até que chegou a sua altura. Quando Eragon a olhou, Saphira lhe piscou os olhos com indolência e logo se afundou, deixando que o rio cobrisse com uma onda o alto do seu lombo. Os elfos puseram-se a rir e pronunciaram muitos elogios sobre sua envergadura e sua força. Ao cabo de uma hora chegaram ao lago Eldor, agitado por pequenas ondas. Os pássaros e as moscas revoavam em enxames junto ao muro de árvores que contornava a borda ocidental, enquanto que a ocidental se estendia para as planícies. Por esse lado vagavam centenas de cervos.

Quando tinham superado a corrente do rio, Narí e Lifaen guardaram as varas e repartiram remos cujas pás tinham forma de folha. Orik e Arya já sabiam dirigir uma canoa, mas Narí teve que explicar o processo a Eragon:

- Giramos para o lado em que você reme - disse-lhe o elfo. - Assim se eu remar à direita e Orik à esquerda, você tem que remar primeiro para um lado e logo para o outro, pois do contrário perderíamos o rumo.

À luz do sol, o cabelo do Narí brilhava como se fosse feito de fino arame e cada mecha riscasse uma linha de fogo.

Eragon dominou logo a prática, e à medida que o movimento se tornou mecânico, sua mente ficou livre para trabalhar. Assim, avançou flutuando no lago frio, perdido nos mundos fantásticos que se escondiam atrás de seus olhos. Quando parou para descansar os braços, tirou uma vez mais do cinto o jogo do anel de Orik e tratou de colocar as obstinadas cintas de ouro do modo correto.

Narí viu o que estava fazendo.

- Posso ver esse anel?

Eragon o passou ao elfo, que logo se virou. Durante um breve momento, Eragon e Orik manobraram a canoa enquanto Narí tocava as cintas entrelaçadas. Logo, com uma exclamação de felicidade, Narí elevou uma mão e o anel bem armado brilhou em seu dedo do meio.

- Um joguinho delicioso - disse Narí.

Tirou-o e o agitou de tal modo que, ao devolver-lhe, tinha recuperado sua forma original.

- Como o resolveu? - perguntou Eragon, desanimado pela inveja de que Narí o tivesse dominado tão facilmente. - Espere... Não me diga. Quero descobrir sozinho.

- Claro, claro - disse Narí, com um sorriso.

Feridas do passado

Durante três dias e meio, os habitantes do Carvahall falaram do último ataque, da tragédia da morte do jovem Elmund e do que podiam fazer para sair daquela situação, triplamente maldita. O debate se reproduziu com amarga raiva em todas as habitações e em todas as casas. Por uma mera palavra os amigos se enfrentavam entre si, os maridos com suas esposas, os meninos com seus pais, tudo para reconciliar-se momentos mais tarde em seu frenético intento de encontrar uma maneira de sobreviver.

Alguns diziam que, como Carvahall estava condenada De qualquer maneira, bem podiam matar os ra'zac e a quantos soldados sobrassem para, ao menos, tomar sua vingança. Outros opinavam que, se de verdade o Carvahall estava condenado, a única saída lógica era render-se e confiar na piedade do rei, inclusive se isso implicava a tortura e a morte para Roran e a escravidão de todos outros. E até haviam outros que, em vez de secundar qualquer dessas opiniões, sumiam em uma amarga fúria negra dirigida contra quem houvesse provocado aquela calamidade. Muitos faziam todo o possível por esconder seu pânico nas profundezas de uma jarra de cerveja. Ao que parecia, os ra'zac tinham se convencido de que, depois da morte de onze soldados, não tinham suficientes força para atacar o Carvahall, e tinham se retirado mais à frente do caminho, onde se contentavam a plantar sentinelas no vale do Palancar e esperar.

- Se quiserem minha opinião - disse Loring em uma reunião, - estão esperando que cheguem as pulgosas tropas de Ceunon ou de Gil'ead.

Roran escutou isso e muitas coisas mais, evitou as discussões e analisou em silêncio todos os planos. Todos pareciam perigosos. Ainda não havia dito a Sloan que havia se comprometido com Katrina. Sabia que era estúpido esperar, mas temia a reação do açougueiro quando se inteirasse de que ele e Katrina desprezaram a tradição, minando de passagem sua autoridade. Além disso, o excesso de trabalho distraía sua atenção, convenceu-se de que o reforço das fortificações do Carvahall era, nesse momento, sua tarefa principal.

Conseguir que as pessoas ajudassem foi mais fácil do que tinha imaginado. Depois da última batalha, os aldeãos estavam mais predispostos a escutá-lo e obedecêlo, ao menos, aqueles que não o culpavam pela situação em que se achavam. Estava fascinado por sua nova autoridade, até que se deu conta de que procedia do assombro, respeito e talvez inclusive medo que tinha gerado sua capacidade de matar. Chamavam-no Marteladas. Roran Marteladas.

Gostava do nome.

Quando a noite envolveu o vale, Roran se apoiou em uma esquina do restaurante de Horst com os olhos fechados. A conversa fluía entre os homens e mulheres sentados à mesa, à luz de uma

vela. Kiselt estava explicando o estado das provisões do Carvahall.

- Não morreremos de fome - concluiu, - mas se não pudermos atender logo nossos campos e rebanhos, quando chegar o próximo inverno faríamos bem em cortar o pescoço. Seria um destino mais agradável.

- Comilão! - exclamou Horst.

- Talvez seja - concluiu Gertrude, - mas duvido que possamos averiguá-lo. Quando chegaram os soldados, fomos dez por cada um deles. Perderam onze homens, nós, doze, mais outros nove feridos que tenho a meu cuidado. O que acontecerá, Horst, quando houver dez deles por cada um de nós?

- Daremos aos bardos uma razão para recordar nossos nomes - respondeu o ferreiro.

Gertrude meneou a cabeça com tristeza. Loring deu um murro na mesa.

- Pois eu digo que devemos atacar, antes que nos superem em número. Só

necessitamos de alguns homens, escudos e lanças para nos liberar dessa peste. Poderíamos fazê-lo esta mesma noite!

Inquieto, Roran trocou de posição. Tinha ouvido tudo isso antes, e como em cada ocasião, a proposta do Loring provocou uma discussão que deixou o grupo exausto. Ao cabo de uma hora, não havia sinal de que se fora resolver o debate, nem tinha se apresentado alguma idéia nova, salvo pela sugestão de Thane de que Gedric fosse fritar aspargos, que esteve a ponto de provocar uma briga a murros. Ao fim, quando amainou a conversação, Roran se aproximou coxeando da mesa, tão depressa como lhe permitia sua coxa ferida.

-Tenho algo a dizer.

Para ele era como pisar em um comprido espinheiro e logo arrancá-lo sem parar para pensar na dor, terei que fazê-lo, e quanto antes melhor. Todas os olhares - duros, suaves, amáveis, indiferentes ou curiosos - recaíram nele. Roran respirou fundo.

- A indecisão nos matará tão facilmente como uma espada ou uma flecha. - Orval virou os olhos, mas outros seguiram escutando. - Não sei se tivermos que atacar ou fugir...

- Aonde? - soprou Kiselt.

-... mas sim sei uma coisa: terá que proteger do perigo as nossas crianças, mães e feridos. Os ra'zac cortaram o caminho até Cawley e as demais fazendas do vale. Que mais temos? Conhecemos estas terras melhor que ninguém da Alagaésia, e há um lugar... Há um lugar onde nossos seres queridos estarão a salvo: as Vertebradas. Roran se encolheu sob o assalto de uma inundação de vozes iradas. A mais sonora era a de Sloan, que gritava:

- Antes de pôr um pé nessas malditas montanhas, deixarei que me pendurem!

- Roran - disse Horst, impondo-se à comoção. - Deveria saber melhor que ninguém que as Vertebradas são muito perigosas. Ali Eragon encontrou a pedra que nos trouxe para os ra'zac! Faz frio nessas montanhas, e estão cheias de lobos, ursos e outros monstros. Como te ocorreu mencioná-las?

“Para manter Katrina a salvo!”, queria gritar Roran. Em vez disso, disse:

- Porque, por muitos soldados que convoquem os ra'zac, nunca se atreveriam a entrar ali. Sobretudo desde que Galbatorix perdeu ali meio exército.

- Faz muito tempo isso - disse Morn, dúbio.

Roran se apressou a aproveitar o comentário:

- E as histórias se tornaram ainda mais aterradoras de tanto contá-las! Há um caminho esboçado até as cataratas de Igualda. A única coisa que temos que fazer é

mandar para os meninos e os outros. Quanto mais adentro estiverem nas montanhas, mais a salvo estarão. Se tomarem o Carvahall, podem esperar até que os soldados vão embora e logo refugiar-se no Therinsford.

- É muito perigoso - grunhiu Sloan. O açougueiro se agarrava a borda da mesa com tanta força que as pontas dos dedos estavam brancas. - O frio, as bestas. Nenhum homem em seu são julgamento enviaria para lá a sua família.

- Mas... - Roran titubeou, desequilibrado pela resposta do Sloan. Embora sabia que o açougueiro odiava as Vertebradas mais que a maioria (porque sua mulher tinha morrido ao despencar de um escarpado perto das cataratas da Igualda), tinha contado com que seu raivoso desejo de proteger Katrina tivesse a força suficiente para impor-se a sua aversão. Nesse momento, Roran entendeu que devia convencê-lo, como à todos os outros. Adotou um tom aplacador e seguiu falando: - Não é tão grave. A neve já está

derretendo nos picos. Nas Vertebradas não faz mais frio que aqui mesmo faz uns poucos meses. E duvido que os lobos e os ursos se atrevam a atacar um grupo tão numeroso.

Sloan fez uma careta de dor, apertando os lábios sobre os dentes, e negou com a cabeça.

- A única coisa que vai encontrar nas Vertebradas é a morte. Outros pareciam estar de acordo, o que só serviu para reforçar a determinação de Roran, pois estava convencido de que Katrina morreria se não os convencesse. Estudou os amplos rostos ovalados em busca de uma só expressão amigável.

- Delwin, sei que é cruel de minha parte lhe dizer isso mas se Elmund não tivesse estado no Carvahall, estaria vivo. Estou seguro de que estará de acordo em que é o melhor que podemos

fazer. Tem a chance de evitar que outros pais sofram como você.

Ninguém respondeu.

- E você, Birgit. - Roran se arrastou para chegar a seu lado, agarrando-se aos respaldos das cadeiras para não cair. - Quer que Nolfavrell tenha o mesmo destino que seu pai? Tem que ir. Não entende? Não vê que é a única maneira de que esteja a salvo...? - Embora fazia tudo o que podia para contê-las, notou que as lágrimas banhavam seus olhos. - É pelas crianças! - gritou zangado.

A sala permaneceu em silêncio enquanto Roran ficou com o olhar fixo na madeira que tinha sob as mãos, lutando por controlar-se. Delwin foi o primeiro a reagir.

- Não abandonarei o Carvahall enquanto os assassinos de meu filho estejam aqui. Entretanto - fez uma pausa e logo continuou com dolorosa lentidão, - não posso negar a verdade do que diz, temos que proteger as crianças.

- Como eu disse desde o começo - declarou Tara.

Então falou Baldor:

- Roran tem razão. Não podemos permitir que nos cegue o medo. A maioria de nós subiu até as cataratas alguma vez. É bastante seguro.

- Eu também - acrescentou Birgit por fim - tenho que estar de acordo. Horst assentiu:

-Preferiria não fazê-lo, mas tendo em conta as circunstâncias... Acredito que não fica outra opção.

Ao cabo de um momento, aqueles homens e mulheres começaram a aceitar a proposta com reticência.

- Tolices! - estalou Sloan. Ficou em pé e dirigiu um dedo acusador para Roran.

- De onde tirarão a comida para esperar durante semanas e semanas? Não podem carregá-la. Como vão se aquecer? Se acenderem fogo, serão vistos. Como? Como?

Como? Se não morrerem de fome, congelarão. Se não congelarem, serão comidos. Se não os comerem... Quem sabe. Poderiam cair!

Roran abriu os braços.

- Se todos ajudarmos, terão comida abundante. O fogo não será um problema se estiverem no bosque, coisa que por outro lado têm que fazer porque junto às cataratas não há espaço suficiente para acampar.

- Desculpas! Justificações!

- O que quer que façamos, Sloan? - perguntou Morn, olhando-o com curiosidade.

Sloan soltou uma risada amarga.

- Isto não.

- E então?

- Não importa. Esta é a única opção equivocada.

- Ninguém o obriga a participar - assinalou Horst.

- E não o farei - respondeu o açougueiro. - Adiante, se quiserem, mas nem eu nem os meus entraremos nas Vertebradas enquanto fique tutano nos nossos ossos. Agarrou sua boina e foi fulminar Roran com o olhar, quem lhe devolveu o gesto com a mesma intensidade.

Tal como o via Roran, Sloan estava pondo em perigo a Katrina com sua teimosia. “Se não consigo convencê-lo para que aceite as Vertebradas como refúgio - decidiu, - se converterá em meu inimigo e terei que me ocupar eu mesmo do assunto.”

Horst se inclinou para frente, apoiando os cotovelos, e entrelaçou os grossos dedos.

- Bom... Se formos seguir o plano de Roran, o que falta preparar?

O grupo trocou olhares extenuados, e logo começaram a discutir o assunto. Roran esperou até ficar convencido de que tinha obtido seu objetivo antes de abandonar o comilão. Avançando pela escura aldeia, procurou Sloan no perímetro interior do muro de árvores. Por fim localizou o açougueiro agachado sob uma tocha, com o escudo obstinado nos joelhos. Roran deu a volta sobre um pé, pôs-se a correr até o açougue e foi direto à cozinha, na parte traseira.

Katrina, que estava pondo a mesa, ficou parada e o olhou com assombro.

- Roran! A que veio fazer aqui! O disse a meu pai?

- Não. - Aproximou-se, tomou um braço e desfrutou do contato. Bastava-lhe estar na mesma habitação que ela para que a alegria o invadisse. - Tenho que te pedir um grande favor. Decidiu-se enviar as crianças, e a outros, às cataratas da Igualda, nas Vertebradas. - Katrina deu um salto. - Quero que você vá com eles. Impressionada, Katrina se desfez de seu contato e se virou para a chaminé, onde cruzou os braços e ficou olhando fixamente o leito de brasas. Não disse nada durante um longo momento. Logo:

- Meu pai me proibiu de me aproximar das cataratas quando minha mãe morreu. Nos últimos dez anos, o mais perto que estive das Vertebradas foi a fazenda do Albem. - estremeceu, e sua voz soou acusadora. - Como pode sugerir que lhes abandone a meu pai e a você? Este é meu

lar, tanto como o seu. Por que tenho que ir se Elain, Tara e Birgit ficam?

- Katrina, por favor. - Pôs uma mão em seu ombro. - Os ra'zac vieram por mim, e não quero que sofra nenhum dano por isso. Enquanto você corra perigo, não poderei me concentrar no que terei que fazer: defender o Carvahall.

- E quem vai me respeitar por fugir como uma covarde? - Elevou o queixo. - Daria-me vergonha me plantar ante as mulheres do Carvahall e dizer que sou sua esposa.

- Covarde? Não há nenhuma covardia em vigiar e proteger as crianças nas Vertebradas. Em todo caso, requer mais valor entrar nas montanhas que ficar aqui.

- Que horror é este? - Sussurrou Katrina. Retorceu-se entre seus braços, com os olhos brilhantes e a boca firme. - O homem que ia ser meu marido já não me quer a seu lado.

Ele negou com a cabeça.

- Não é verdade. Eu...

- É verdade! E se lhe matarem enquanto eu não estou?

- Não diga...

- Não! Há muito poucas esperanças de que o Carvahall sobreviva, e se tivermos que morrer, prefiro que morramos juntos e não escondida nas Vertebradas sem vida e sem coração. Que as crianças se cuidem sozinhas. O mesmo farei eu. Uma lágrima rodou por sua bochecha.

A gratidão e o assombro invadiram Roran ao comprovar a força de sua devoção. Olhou-a nos olhos.

- Se quiser que vá, é por amor. Sei como se sente. Sei que é o maior sacrifício que qualquer dos dois pode fazer, e lhe estou pedindo isso. Katrina estremeceu, com todo o corpo rígido, as mãos brancas apertadas em torno do faixa de gaze que tinha posto.

- Se fizer isto - disse com voz tremente, - tem que me prometer, aqui e agora, que nunca voltará a me pedir algo assim. Tem que prometer que inclusive se enfrentarmos mesmo a Galbatorix e só um de nós possa escapar, não me pedirá que vá. Roran a olhou desesperado.

- Não posso.

- Então, como espera que eu faça o que você não quer fazer? - exclamou Katrina. - Esse é meu preço, e nem o ouro nem as jóias nem as palavras bonitas podem substituir seu juramento. Se não se importar tanto para se sacrificar, Roran Marteladas, pode ir agora mesmo e nunca mais quero ver sua cara!

“Não posso perdê-la.” Embora quase lhe doía mais do que era capaz de suportar, inclinou a

cabeça e disse:

- Tem minha palavra.

Katrina assentiu, deixou-se cair em uma cadeira - com as costas rígidas - e secou as lágrimas com a manga. Em voz baixa, disse:

- Meu pai me odiará por ir.

- Como o vai dizer isso a ele?

- Não direi - respondeu, desafiante. - Nunca me deixaria entrar nas Vertebradas, mas tem que entender que a decisão é minha. Além disso, não se atreverá a me perseguir pela montanha, tem mais medo dela da própria morte.

- Pode ser que ainda tema mais te perder.

- Já veremos. Se chegar... Quando chegar o momento de voltar, espero que tenha falado com ele sobre nosso compromisso. Assim terá tempo de resignar-se a esse fato.

Roran assentiu para indicar que estava de acordo, sem deixar de pensar que teriam que ter muita sorte para que o assunto acabasse assim.

Feridas do presente

Quando chegou o amanhecer, Roran despertou e ficou curvado, olhando o céu caiado enquanto escutava o zumbido lento de sua própria respiração. Ao fim de um minuto, saiu rodando da cama, vestiu-se e se dirigiu à cozinha, onde conseguiu um pedaço de pão, lubrificou-o de queijo brando e saiu para o alpendre dianteiro para comer e admirar a saída do sol.

Sua tranqüilidade ficou logo interrompida quando um grupo de moços travessos atravessou correndo o jardim de uma casa próxima, uivando de prazer enquanto eram perseguidos, por uns quantos adultos, concentrados em suas diversas responsabilidades. Roran ficou olhando até que o sonoro desfile desapareceu por uma esquina, logo colocou na boca a última parte de pão e voltou para a cozinha, onde estavam todos os outros. Klain o saudou.

- Bom dia, Roran. - Abriu os portinhas das janelas e contemplou o céu. - Parece que pode voltar a chover.

- Quanto mais, melhor - afirmou Horst. - Nos ajudará a permanecer escondidos enquanto subimos a montanha Narnmor.

- Subirmos? - perguntou Roran.

Sentou-se à mesa junto a Albriech, que esfregava os olhos de sonho. Horst assentiu:

- Sloan tinha razão quanto as provisões. Temos que lhes ajudar a subir até as cataratas, porque se não, ficarão sem comida. Ficará gente para defender Carvahall?

- É obvio, é obvio.

Quando todos tinham tomado o café da manhã, Roran ajudou Baldor e Albriech a envolver comida, mantas e provisões em três grandes fardos que logo lançaram às costas e carregaram até o extremo norte do povoado. Roran sentia dores na panturrilha, mas tampouco era insuportável. Pelo caminho, encontraram os três irmãos, Darmmen, Larne e Hamund, que foram igualmente carregados. Dentro da trincheira que rodeava as casas, Roran e seus companheiros encontraram o grande grupo de crianças, pais e avós, todos ocupados em organizar a expedição. Diversas famílias tinham devotado seus asnos para carregar as provisões e as crianças menores. Os animais estavam amarrados em uma fila inquieta, e seus zurros aumentavam a confusão geral.

Roran deixou seu fardo no chão e estudou o grupo. Viu Savart - tio de Ivor e, já próximo aos sessenta, o homem mais ancião do Carvahall - sentado em uma pilha de roupa, fazendo rir a um menino com sua larga barba branca; a Nolfavrell, vigiado por Birgit; a Felda, Nolla, Calitha e outras mães com gestos de preocupação, e a muita gente reticente, tanto homens como mulheres. Roran também viu Katrina entre a multidão. Ela abandonou um nó que tratava de atar, elevou o olhar, sorriu-lhe e retomou a tarefa.

Como ninguém parecia dirigir os preparativos, Roran fez o que pôde para evitar o caos, fiscalizando a quem dispunha e empacotava as provisões. Descobriu que necessitavam de mais botas de água, mas quando pediu que trouxessem mais, acabaram lhe sobrando treze. Com esse tipo de atrasos passaram as primeiras horas da manhã.

Em plena discussão com Loring a respeito de se faltavam mais sapatos ou não, Roran se deteve ao ver Sloan na entrada de um beco.

O açougueiro estudava a atividade que tinha pela frente. O desprezo marcava as rugas que rodeavam sua boca. A careta se converteu em raivosa incredulidade quando viu Katrina, que tinha jogado um fardo ao ombro, descartando assim a possibilidade de que estivesse ali só para ajudar. Uma veia pulsou na metade da fronte de Sloan.

Roran correu para a Katrina, mas Sloan chegou antes. O pai agarrou a parte superior do fardo e a agitou com violência enquanto gritava:

- Quem te obrigou a fazer isto?

Katrina disse algo sobre as crianças e tratou de se soltar, mas Sloan atirou o fardo - retorcendo os braços de sua filha ao soltar as correias que o sujeitavam aos ombros - e o atirou ao chão de tal maneira que seu conteúdo se esparramou. Sem deixar de gritar, Sloan agarrou Katrina por um braço e começou a empurrá-la. A filha cravou os pés e brigou, com a cabeleira acobreada emoldurando-lhe o rosto como uma tormenta de areia.

Furioso, Roran se lançou sobre Sloan e o separou de Katrina com um empurrão no peito que enviou o açougueiro vários metros para trás, cambaleando.

- Basta! Sou eu quem quer que ela vá.

Sloan fulminou o Roran com o olhar e grunhiu:

- Não tem nenhum direito!

- Tenho-os todos. - Roran olhou à roda de espectadores que se reuniram em torno deles e declarou em voz alta para que todos o ouvissem: - Katrina e eu estamos comprometidos em matrimônio, e não vou permitir que trate assim a minha futura esposa.

Pela primeira vez em todo o dia, os aldeãos guardaram silêncio completo, até

os asnos se calaram.

A surpresa e uma dor profunda e incontrolável brotaram no rosto do Sloan, junto ao brilho das lágrimas. Por um instante, Roran sentiu compaixão por ele, e logo uma série de contorções, cada uma mais forte que a anterior, distorceram o rosto de Sloan até que ficou vermelho como uma beterraba. Amaldiçoou e gritou:

- Covarde de duas caras! Como podia me olhar nos olhos e me falar como um homem honesto enquanto, ao mesmo tempo, cortejava a minha filha sem minha permissão? Tratei-o de boa fé e agora descubro que saqueava minha casa quando me virava.

- Gostaria de fazer isto de boas maneiras - disse Roran -, mas as circunstâncias conspiraram contra mim. Nunca tive a intenção de te causar a menor dor. Embora isto não saiu como nenhum dos dois queria, ainda desejo sua bênção, se estiver disposto a dá-la.

- Antes de aceitá-lo como filho, ficaria com um porco cheio de vermes. Não tem fazenda. Não tem família. E não terá nada que ver com minha filha! - O açougueiro amaldiçoou de novo. - E ela não terá nada que ver com as Vertebradas!

Sloan se dirigiu a Katrina, mas Roran lhe obstruiu o caminho, com a mesma dureza no rosto que nos punhos fechados. Separados apenas por um palmo, olharamse nos olhos, tremendo pela força de suas emoções. Os olhos avermelhados do Sloan brilhavam com intensidade maníaca.

- Katrina, venha aqui - ordenou.

Roran se afastou - de tal modo que os três ficaram formando um triângulo - e olhou para Katrina. As lágrimas lhe corriam pelas faces enquanto seu olhar ia de Roran a seu pai. Deu um passo adiante, hesitou e logo, com um comprido e ansioso grito, atirou-se aos cabelos em um ataque de indecisão.

- Katrina! - exclamou Sloan, em um arrebatamento de medo.

- Katrina - murmurou Roran.

Ao ouvir sua voz, as lágrimas da Katrina cessaram e ficou rígida com uma expressão calma. Disse:

- Sinto muito, pai, mas decidi me casar com Roran.

E deu um passo para ele.

Sloan ficou branco como um osso. Mordeu um lábio com tanta força que apareceu uma gota de sangue rubi.

- Não pode me abandonar! É minha filha!

Lançou-se para ela com as mãos retorcidas. Nesse instante, Roran soltou um rugido, golpeou com todas suas forças o açougueiro e o deixou escancarado entre o pó

diante de toda a aldeia.

Sloan se levantou devagar com a cara e o pescoço vermelhos de humilhação. Quando voltou a ver Katrina, o açougueiro pareceu enrugar-se por dentro, como se perdesse altura e envergadura, até tal ponto que a Roran parecia ver um espectro do homem original. Com um sussurro, disse:

- Sempre é assim, são os mais próximos quem causam maior dor. Não obterá

nenhum dote de mim, serpente, nem sequer a herança de sua mãe. Chorando amargamente, Sloan se virou e se foi para a sua loja. Katrina se apoiou em Roran, e ele a rodeou com um braço. Permaneceram abraçados enquanto todos os rodeavam e lhes ofereciam condolências, conselhos, felicitações e amostras de reprovação. Apesar da comoção, Roran só pensava na mulher que tinha entre seus braços e que lhe devolvia o abraço. Justo então, Elain se aproximou tão depressa como permitia seu embaraço.

- Ai, pobrezinha! - exclamou enquanto abraçava Katrina, soltando-a dos braços de Roran -. É verdade que se comprometeu? - Katrina assentiu e sorriu, mas logo apoiou a cabeça, no ombro do Elain e se abandonou a um pranto histérico. - Já passa, já passa... - ia dizendo brandamente Elain, enquanto a acariciava e tratava de acalmá-la, embora não conseguisse. Cada vez que Roran acreditava que Katrina estava a ponto de recuperar-se, ela rompia a chorar com renovada intensidade. Ao fim, Elain olhou por cima do tremente ombro de Katrina e disse: - Vou levá-la para casa.

- Vou com você.

- Não, você não - respondeu Elain. - Necessita tempo para se acalmar, e você

tem coisas que fazer. Quer um conselho? - Roran assentiu. - Mantenha-se afastado até

o anoitecer. Garanto que então ela estará como uma rosa. Pode unir-se amanhã aos outros.

Sem esperar sua resposta, Elain escoltou a soluçante Katrina e a afastou do muro de troncos afiados.

Roran ficou com os braços pendurando de ambos os lados, aturdido e desesperado. “O que fizemos?” Lamentava não ter revelado antes seu compromisso a Sloan. Lamentava não poder trabalhar com o açougueiro para proteger Katrina do Império. E lamentava que Katrina se visse obrigada a renunciar a sua família por ele. Agora era duplamente responsável por seu bem-estar. Não tinham mais opção que casar-se. ”Grande confusão armei com isto.” Suspirou, apertou os punhos e fez uma careta de dor ao estirar seus machucados.

- Como você está? - perguntou-lhe Baldor, que tinha colocado a seu lado. Roran forçou um sorriso.

- Não saiu exatamente como esperava. Quando se trata das Vertebradas, Sloan perde a razão.

- E Katrina.

- Também.

Roran guardou silêncio ao ver que Loring se detinha diante deles.

- Maldita tolice acaba de fazer! - grunhiu o sapateiro, enrugando o nariz. Logo adiantou o queixo, sorriu e mostrou sua boca desdentada. - De qualquer forma, espero que essa garota e você tenham muita sorte. - Meneou a cabeça. - Né, Marteladas, você

vai necessitar!

- Todos nós necessitaremos -disse bruscamente Thane enquanto passava a seu lado.

Loring gesticulou:

-Ora, é um amargurado. Ouça, Roran: levo muitos, muitos anos vivendo no Carvahall, e segundo minha experiência, o melhor é que isto tenha acontecido agora, e não quando estávamos todos bem e confortáveis.

Baldor assentiu, mas Roran perguntou:

- Por quê?

- Não é evidente? Normalmente, Katrina e você teriam sido motivo de fofoca durante os próximos nove meses. - Loring levou um dedo ao flanco do nariz. - Ah, mas assim, logo se esquecerão de vocês, assim como de tudo o que aconteceu, e até

poderia ser que tivessem certa paz .

Roran franziu o cenho:

- Prefiro que falem de mim, que ter esses profanadores acampados no caminho.

- E nós também. Entretanto, é algo para agradecer. E todos necessitamos de algo para agradecer... Sobretudo os casados! - Loring soltou uma gargalhada e apontou para Roran. – Te amassou a cara rapaz!

Roran grunhiu e ficou recolhendo do chão as coisas de Katrina. Enquanto o fazia, interrompiam-no os comentários de todos os que estavam perto, nenhum dos quais contribuiu para acalmar seus nervos.

- Sapo podre - resmungou em voz baixa depois de ouvir um comentário particularmente odioso.

Embora a expedição às Vertebradas se atrasasse pela cena incomum que os aldeãos acabavam de presenciar, a caravana de gente e asnos começou pouco depois do meio-dia a ascensão pelo atalho escavado na montanha Narnmor que levava às cataratas da Igualda. Era uma costa pronunciada e tinham que subi-la devagar, sobretudo pelas crianças e pelo tamanho das cargas que todos levavam. Roran passou quase todo o tempo apanhado trás de Caía - a mulher de Thane

- e seus cinco filhos. Não se importou, pois isso lhe concedia a oportunidade de cuidar da sua panturrilha ferida e aproveitou para reconsiderar com calma os sucessos recentes. Inquietava-lhe seu enfrentamento com Sloan. “Ao menos - consolou-se - Katrina não ficará muito tempo no Carvahall.” E, no mais profundo de seu coração, Roran estava convencido de que o povo não tardaria a ser derrotado. Tomar consciência disso era instrutivo, mas inevitável.

Deteve-se para descansar quando levavam três quartas partes do caminho percorrido e se apoiou em uma árvore enquanto admirava a vista elevada do vale do Palancar. Tentou descobrir o acampamento dos ra'zac - pois sabia que ficava à

esquerda do rio *Tem Saudades* e do caminho que levava ao sul, - mas não conseguiu distinguir nenhuma coluna de fumaça.

Roran ouviu o rugido das cataratas da Igualda muito antes que aparecessem à

vista. A queda de água parecia como uma grande cabeleira nívea que se inflava e caía da escarpada cabeça do Narnmor para o fundo do vale, quase um quilômetro abaixo. Passaram junto ao suporte de piçarra onde o *Tem Saudades* iniciava seu salto ao ar, baixaram uma garganta cheia de amoras e finalmente chegaram a uma clareira grande, resguardado por um lado graças a um montão de rochas. Roran viu que os que encabeçavam a expedição já tinham começado a instalar o acampamento. Os gritos e as exclamações das crianças ressonavam no bosque.

Roran soltou seu fardo, desatou a tocha que levava na parte superior e, acompanhado por outros homens, começou a limpar o mato. Quando terminaram, derrubaram árvores suficientes para rodear o acampamento. O aroma dos pimpolhos de pinheiro invadiu o ar. Roran trabalhava depressa, e as lascas de madeira foram saltando ao som de seus golpes rítmicos.

Quando terminou a fortificação, o acampamento já estava instalado: dezessete tendas de lã, quatro fogueiras pequenas para cozinhar e expressão sombria por igual em todos os rostos, tanto de humanos como de asnos. Ninguém queria ir e ninguém queria ficar.

Roran fiscalizou o grupo de moços e anciões agarrados a suas lanças e pensou: “Muita experiência por um lado e muito pouca por outro. Os avós sabem como enfrentar um urso e coisas assim, mas terão os netos a força suficiente para fazê-lo?”. Então notou a dureza no olhar das mulheres e se deu conta de que, por muito que estivessem sustentando a um bebê ou ocupadas na cura de um arranhão em um braço, sempre tinham ao alcance da mão seus escudos e lanças. Roran sorriu.

“Possivelmente... Possivelmente terei que conservar a esperança.”

Viu Nolfavrell, sentado sozinho em um tronco e olhando para o vale do Palancar. Uniu-se ao moço, e este o olhou com seriedade.

- Vai logo? - perguntou Nolfavrell. Roran assentiu, impressionado por seu aprumo e determinação-. Fará o que puder para matar aos ra'zac e vingar meu pai? Eu mesmo faria, mas minha mãe diz que tenho que cuidar de meus irmãos e irmãs.

- Se puder, trarei suas cabeças - prometeu Roran.

Um tremor sacudiu o queixo do moço.

- Que bom!

- Nolfavrell... - Roran se deteve enquanto procurava as palavras certas. - Além de mim, é o único dos presentes que matou um homem. Isso não significa que seja melhor nem pior que qualquer outro, mas sim significa que posso confiar em que lutará

bem se lhes atacarem. Quando Katrina vier amanhã, você se assegurará que esteja bem protegida?

O peito do Nolfavrell se inchou de orgulho.

- Eu a protegerei em qualquer lugar que vá. - Logo pareceu se arrepender. - Ou seja, se não tiver que cuidar de...

Roran o entendeu.

- Bom, sua família em primeiro lugar. Mas é melhor se Katrina puder ficar na mesma tenda

que seus irmãos e irmãs.

- Sim - respondeu lentamente Nolfavrell. - Sim, acredito que isso pode funcionar. Pode confiar em mim.

- Obrigado.

Roran lhe deu uma palmada no ombro. Podia ter pedido a homens maiores e mais capazes, mas os adultos estavam muito ocupados com suas próprias responsabilidades para defender Katrina tal como ele esperava. Nolfavrell, em troca, teria a oportunidade e o desejo de se assegurar que ela permaneceria a salvo. “Pode ocupar meu lugar enquanto estivermos separados.” Roran se levantou ao ver que Birgit se aproximava.

Esta o olhou com expressão grave e disse:

- Vamos, já é hora.

Logo abraçou seu filho e pôs-se a caminhar para as cataratas com Roran e outros da aldeia que retornavam ao Carvahall. A suas costas, todos os que ficavam no pequeno acampamento se apinharam entre as árvores destruídas e os seguiram com olhadas lúgubres entre seus barrotes de madeira.

O rosto de seu inimigo

Durante o resto do dia, enquanto Roran seguia ocupado em seu trabalho, sentiu em seu interior o vazio do Carvahall. Era como se lhe tivessem arrancado uma parte de si mesmo para esconde-la nas Vertebradas. E na ausência das crianças, a aldeia parecia agora um acampamento armado. A mudança parecia torná-los todo sérios e solenes.

Quando os dentes ansiosos das Vertebradas tragaram por fim o sol, Roran ascendeu a costa que levava a casa de Horst.

Deteve-se ante a porta e apoiou uma mão no atirador, mas ficou quieto, incapaz de entrar. “Por que isto me assusta tanto quanto lutar?”

Ao fim, abandonou a porta dianteira e foi para a lateral da casa, por onde penetrou na cozinha e, para seu desânimo, viu Elain tecendo junto à mesa e falando com Katrina, que ficava em frente a ela. As duas se voltaram para olhá-lo, e Roran soltou:

- Estão...? Estão bem?

Katrina se aproximou de seu lado.

- Estou bem. - Sorriu amavelmente. - O que aconteceu é que sofri uma terrível impressão quando meu pai... Quando... - Abaixou a cabeça um momento. - Elain se virou maravilhosamente bem comigo. Aceitou me deixar passar a noite na casa de Baldor.

- Me alegro de que esteja melhor - disse Roran.

Abraçou-a, com a intenção de lhe transmitir todo seu amor e adoração com aquele simples contato.

Elain recolheu sua costura.

- Venha. O sol se pôs e já é hora de se deitar, Katrina.

Roran a soltou com reticência, e lhe deu um beijo na bochecha e disse:

- Eu a verei pela manhã.

Ele começou a segui-la, mas se deteve quando Elain disse com tom mordaz:

- Roran.

- Sim?

Elain esperou até que soou o rangido de degraus que indicava que Katrina já

não podia lhes ouvir.

- Espero que todas as promessas que fez a essa garota sejam sérias, porque caso contrário convocarei uma assembléia e farei que lhe expulsem em uma semana. Roran estava aturdido.

- É obvio que foram sérias. Eu a amo.

- Katrina acaba de renunciar a tudo o que possuía por você, a tudo o que lhe importava. - Elain o olhava fixamente com olhos firmes -. Vi alguns homens dirigirem seu afeto às donzelas jovens como se jogassem grãos aos frangos. As donzelas suspiram e choram e se acreditam especiais, mas para o homem só é um divertimento sem importância. Você sempre foi honrado, Roran, mas o desejo pode converter inclusive à pessoa mais sensata em um diabo brincalhão ou em uma ardilosa e malvada raposa. Porque Katrina não necessita de um estúpido nem de um trapaceiro, nem sequer necessita de amor. O que mais precisa é de um homem que cuide dela. Se a abandonar, você a transformará na pessoa mais desgraçada do Carvahall, obrigada a viver de seus amigos, nossa primeira e única mendiga. Pelo sangue de minhas veias, não permitirei que isso ocorra.

- Nem eu - protestou Roran. - Para fazer isso, teria que ser um desalmado, ou algo pior.

Elain elevou o queixo.

- Exatamente. Não esqueça que pretende se casar com uma mulher que perdeu seu dote e a herança de sua mãe. Entende o que significa para Katrina perder sua herança? Não tem prata, nem lençóis, nem encaixe, nenhuma das coisas que fazem falta para que uma casa funcione

bem. Esses objetos são nossos únicos pertences, passada de mãe para filha desde que chegamos a Alagaésia pela primeira vez. Delas depende nosso valor. Uma mulher sem herança é como... É como...

- É como um homem sem fazenda nem ofício - disse Roran.

- Exato. Sloan foi cruel ao negar a herança a Katrina, mas isso não podemos evitar. Nem você nem ela têm dinheiro nem recursos. A vida é muito difícil sem essas penúrias. Começará sem nada e desde um nada. Assusta-te a perspectiva, ou te parece insuportável? Pergunto-lhe isso uma vez mais, e não minta porque os dois o lamentariam durante o resto de suas vidas: cuidará dela sem queixa nem ressentimento algum?

- Sim.

Elain suspirou e encheu de cidra duas taças de barro de uma Jarra que pendia das vigas. Passou uma a Roran e se sentou de novo à mesa.

- Então, sugiro que se dedique a substituir a casa e a herança de Katrina para que ela e qualquer filha que tenham possa falar sem vergonha com as viúvas do Carvahall.

Roran bebeu a fria cidra.

- Isso se vivermos tanto.

- Sim. - Elain retirou uma mecha de sua cabeleira loira e meneio a cabeça. - escolheu um caminho duro, Roran.

- Tinha que me assegurar de que Katrina abandonaria o Carvahall. Elain arqueou uma sobrancelha.

- De modo que foi por isso. Bom, não vou discutir, mas por que diabos não havia dito nada de seu compromisso a Sloan até esta manhã? Quando Horst pediu a meu pai, deu de presente a minha família doze ovelhas, um arado e oito pares de candelabros de ferro forjado, antes inclusive que meus pais aceitassem sua petição. É

assim como deve se fazer. Sem dúvida poderia ter pensado em uma estratégia melhor que pegar seu futuro sogro.

De Roran escapou uma risada de dor.

- Poderia, mas com estes ataques nunca me pareceu o momento adequado.

- Os ra'zac ficaram seis dias sem atacar.

Roran franziu o cenho.

- Não, mas... É que era... Ah, eu o que sei!

Frustrado, deu um murro na mesa.

Elain soltou sua taça e lhe envolveu o punho com seus mãos.

- Se conseguir arrumar sua briga com o Sloan agora mesmo, antes que se acumulem anos de ressentimento, sua vida com a Katrina será muito, muito mais fácil. Amanhã pela manhã deveria ir a sua casa e suplicar seu perdão.

- Não penso suplicar! E menos a ele.

- Roran, me escute. Obter a paz para sua família bem vale um mês inteiro de súplicas. Sei por experiência, brigar só serve para que se sinta mais desgraçado.

- Sloan sente um profundo ódio pelas Vertebradas. Não quererá saber nada de mim.

- Mas você tem que tentar - disse Elain com seriedade. - Inclusive se rechaçar suas súplicas, ao menos não poderão te culpar de não ter feito o esforço. Se você ama Katrina, engula o orgulho e encare o que deve por ela. Não deixe que sofra por seu erro. Terminou a cidra, apagou as velas com um dedal de latão e deixou o Roran sentado na escuridão.

Passaram vários minutos antes que Roran conseguisse se mover. Estirou um braço e percorreu com ele o bordo da barra da cozinha até que encontrou a porta, logo subiu as escadas sem deixar de tocar com as pontas dos dedos nas paredes esculpidas para não perder o equilíbrio. Já na habitação, despiu-se e tombou ao longo da cama. Roran rodeou com seus braços o travesseiro cheio de lã e escutou os débeis sons noturnos que flutuavam na casa: a correria de um camundongo no desvão e seus chiados, o rangido das vigas de madeira ao esfriarem-se na noite, o sussurro e a carícia do vento na sua janela, e... e o arrastar de umas sapatilhas no vestíbulo que dava a seu quarto.

Viu que o passador se desencaixava, e logo a porta se abriu lentamente com um gemido de protesto. Parou. Uma figura escura deslizou para o interior da habitação, a porta se fechou, e Roran sentiu que uma cortina de cabelo roçava seu rosto, junto com lábios parecidos com pétalas de rosa. Suspirou.

Katrina.

Um trovão arrancou Roran do sonho.

A luz flamejou em seu rosto enquanto se esforçava por recuperar a consciência, como um mergulhador desesperado por alcançar a superfície. Abriu os olhos e viu um buraco recortado por uma explosão na porta. Entraram a toda pressa seis soldados pela fenda, seguidos por dois ra'zac, que pareciam encher a habitação com sua horrenda presença. Alguém lhe apoiou a ponta de uma espada no pescoço. A seu lado, Katrina gritou e atirou as mantas para tampar-se.

- Vamos - ordenaram os ra'zac. Roran se levantou com cautela. Sentia o coração a ponto de explorar no peito.-Amarrem-lhe as mãos e tragam-no. Quando se aproximou um soldado com uma corda, Katrina voltou a gritar, saltou para os assaltantes, mordeu-lhes e lhes lançou luxuosos tapas. Suas afiadas unhas lhes rasgavam a cara e, cegados pelo sangue, os soldados não deixavam de amaldiçoar.

Roran apoiou um joelho no chão, agarrou seu martelo, ficou em pé de novo e o brandiu por cima da cabeça, rugindo como um urso. Os soldados se lançaram para ele, com a intenção de abatê-lo por mera superioridade numérica, mas não conseguiram: Katrina corria perigo, e ele era invencível. Os escudos desmoronavam sob seus golpes, as malhas e bandoleiras se

partiam sob sua desumana arma, e os elmos se afundavam. Dois homens ficaram feridos, e outros três caíram para não levantar mais.

Os golpes e o clamor tinham despertado toda a casa, Roran ouviu vagamente que Horst e seus filhos gritavam no vestíbulo. Os ra'zac trocaram vaias, logo se estenderam para frente e agarraram Katrina com uma força desumana, elevando-a enquanto abandonavam a habitação.

- Roran! - uivou.

Roran invocou as energias que lhe sobravam e ultrapassou a toda velocidade aos dois homens que ficavam. Chegou a tropicões até o vestíbulo e viu que os *ra'zac* saíam por uma janela. Roran se lançou atrás deles e golpeou ao que ia atrás, justo quando estava a ponto de descer do batente. O ra'zac se estirou, agarrou o braço do Roran no ar e chiou de puro prazer, lhe jogando um fétido fôlego à cara:

- Sim! Nós o queremos!

Roran tratou de escapar, mas o ra'zac não cedeu. Com a mão livre, Roran golpeou a cabeça e os ombros da criatura, duros como o ferro. Desesperado e raivoso, agarrou a ponta do capuz do ra'zac e a retirou para desmascarar seus rasgos. O rosto horrível e torturado lhe gritou. A pele era negra e brilhante, como a carapaça de um escaravelho. A cabeça, calva. Os olhos, sem pálpebras, eram do tamanho de seu punho e brilhavam como uma bola de hematita polida, não havia íris, nem pupila. Em vez de nariz, boca e queixo, um pico curvado e bicudo estalava sobre a língua espinhosa.

Roran gritou e apertou os talões contra os laterais do marco da janela, esforçando-se por se livrar daquela monstruosidade, mas o ra'zac o tirou da casa inexoravelmente. Viu Katrina no chão, ainda lutando e brigando. Justo quando seus joelhos cediam, apareceu Horst a seu lado e lhe rodeou o peito com um nodoso braço para mantê-lo em pé.

- Que alguém traga uma lança! - gritou o ferreiro. As veias do pescoço estavam inchadas e ele grunhia pelo esforço de sustentar Roran. - Para nos superar, fará falta algo mais que este ovo diabólico.

O ra'zac deu um último puxão e, ao ver que não conseguia arrastar Roran, elevou a cabeça e disse:

- É nosso.

Lançou-se para frente com uma velocidade inacreditável, e Roran uivou ao notar que o bico do ra'zac se fechava em seu ombro direito e aparecia pela parte dianteira, atravessando a musculatura. Ao mesmo tempo, o braço se partiu. Com um cacarejo malicioso, o ra'zac o soltou e desapareceu na noite. Horst e Roran ficaram escancarados no saguão.

- Eles têm Katrina - grunhiu Roran.

Quando se apoiou no braço esquerdo para levantar-se, pois o direito pendia inerte, tremeu-lhe a visão e lhe tingiu de negro pelas laterais. Albriech e Baldor saíram de sua habitação, salpicados de sangue. Atrás deles só ficavam cadáveres. “Já matei oito.” Roran recuperou seu martelo e saiu aos tropicões pelo vestíbulo, mas Elain, com sua camisola branca, tampou-lhe a saída.

Olhou-o com os olhos bem abertos e logo o obrigou a sentar-se em um baú de madeira que havia contra a parede.

- Tem que ver o Gertrude.

- Mas...

- Se não determos a hemorragia, você morrerá.

Roran se olhou o flanco direito, estava empapado de escarlate.

- Temos que resgatar Katrina antes... - apertou os dentes ao sentir uma quebra de onda de dor - antes que possam lhe fazer mal.

-Tem razão, não podemos esperar - disse Horst, inclinando-se sobre eles. - Enfaixe-o o melhor que possa, e vamos.

Elain apertou os lábios e foi correndo ao armário dos lençóis. Voltou com vários trapos e os apertou com firmeza em torno do ombro do Roran e seu braço fraturado. Enquanto isso, Albriech e Baldor se apropriaram das armaduras e das espadas de dois soldados. Horst se contentou com uma lança. Elain apoiou as mãos no peito do Horst e lhe disse:

- Tome cuidado. - Logo olhou a seus filhos. – Todos vocês.

- Tudo irá bem, mãe - prometeu Albriech.

Ela forçou um sorriso e lhe deu um beijo na bochecha.

Abandonaram a casa e correram até o limite do Carvahall, onde descobriram que o muro de árvores estava forçada e o guarda, Byrd, apunhalado. Baldor se ajoelhou, examinou o corpo e logo, com voz afogada, disse:

- Apunhalaram-no pelas costas.

Roran apenas o ouviu, porque o sangue se amontoava em seus ouvidos. Enjoado, apoiou-se em uma casa e arquejou para respirar.

- Quem vai?

Desde seus postos com o passar do perímetro do Carvahall, outros guardas se congregaram

em torno de seu companheiro assassinado, formando um carriola de tochas a meia luz. Em um tom apagado, Horst explicou o ataque e a situação de Katrina.

- Quem nos ajuda? -perguntou.

Depois de uma rápida discussão, cinco homens aceitaram acompanhá-los, o resto ficava de guarda para voltar a fechar o muro e despertar a todos os aldeãos. Roran se separou da casa com um empurrão e trotou até a cabeça do grupo, que já recorria os campos e enfiava o vale para o acampamento dos ra'zac. Cada passo era uma agonia, mas não importava: nada importava, salvo Katrina. Uma vez tropeçou, e Horst o sustentou sem dizer uma palavra.

A pouco menos de um quilômetro do Carvahall, Ivor detectou um sentinela em um montículo, o qual lhes obrigou a dar um amplo rodeio. Umas centenas de metros mais à frente, o avermelhado brilho das tochas se fez visível. Roran elevou o braço bom para frear a marcha e logo, ao avançar pela emaranhada erva, assustou a uma lebre. Outros homens o seguiram enquanto se aproximava do limite de um prado, onde se deteve e apartou uma cortina de caules para observar os treze soldados que ficaram.

“Onde está ela?”

Em contraste com sua primeira aparição, os soldados pareciam agora amargurados e gastos, com suas armas trincadas e suas armaduras picadas. A maioria levava bandagens com manchas de sangue seca. Estavam todos juntos, encarados aos dois ra'zac, que agora, ao outro lado do fogo, levavam os capuzes impregnados. Um dos homens gritava:

-... mais da metade, mortos por uma banda de populares com menos cérebro que um marisco, ratos de bosque que não distinguem uma lança de um machado de guerra, incapazes de encontrar a ponta de uma espada embora a tenham cravada nas tripas. E tudo porque vocês têm menos sentido comum que meu filho pequeno. Me dá

no mesmo que Galbatorix em pessoa lhes limpe as botas, não pensamos fazer nada até

que tenhamos um novo comandante. - Outros homens assentiram. - E que seja humano.

- De verdade? - perguntaram os ra'zac com suavidade.

- Estamos fartos de receber ordens de monstros como vocês, com esse cacarejo e esses sibilos, que parecem um bule. Nos dá asco! E não sei o que têm feito a Sardson, mas se ficam uma noite mais, vamos enche-los de ferro e descobriremos se sangrarem como nós. De qualquer maneira, podem deixar à garota. Nos... O homem não teve chance de continuar, pois o mais alto dos ra'zac saltou por cima do fogo e aterrissou em seus ombros, como um corvo gigante. Gritando, o soldado caiu sob seu peso. Tentou desembainhar a espada, mas o ra'zac afundou duas vezes em seu pescoço o bico oculto pelo capuz e o deixou rígido.

- É contra isso temos que lutar? - murmurou Ivor atrás de Roran. Os soldados ficaram imóveis da impressão, enquanto os dois ra'zac lambiam o pescoço do cadáver. Quando as negras

criaturas se elevaram de novo, esfregaram as mãos nodosas como se estivessem se lavando e disseram.

- Sim, vamos. Fiquem, se quiserem. Em poucos dias chegarão reforços. Os ra'zac jogaram as cabeças para trás e ficaram uivando para o céu, o uivo foi se tornando cada vez mais agudo, até que se fez inaudível. Roran elevou também a vista. Ao princípio não viu nada, mas logo o invadiu um terror inominável ao ver que duas sombras recortadas apareciam no alto das Vertebradas, eclipsando as estrelas. Avançavam depressa e pareciam cada vez maiores, até que sua horrível presença obscureceu a metade do céu. Um vento fétido percorreu a terra, trazendo consigo um miasma sulfuroso que provocou tosses e náuseas em Roran.

Os soldados também se viram afetados, suas maldições ressonavam enquanto tampavam o nariz com mangas e lenços.

No alto, as sombras se detiveram e começaram a descer, encerrando o acampamento em uma cúpula de escuridão ameaçadora. As trementes tochas oscilaram e pareceram a ponto de apagar-se, mas davam ainda a luz suficiente para deixar ver as duas bestas que descendiam entre as tendas.

Seus corpos, nus e cortados como ratos recém-nascidos, tinham a pele cinza e curtida, muito esticada na zona de seus musculosos peitos e ventres. Por sua forma pareciam cães famintos, mas as pernas traseiras tinham uma musculatura tão poderosa que pareciam capazes de destroçar uma rocha. Uma pequena crista se estendia pela parte traseira de suas cabeças pequenas, em direção oposta ao bico comprido e reto, da cor do ébano, adequado para atravessar a suas presas, e olhos frios que pareciam bulbos, idênticos aos dos ra'zac. Nas costas brotavam asas cujo peso fazia o ar gemer. Os soldados se lançaram ao chão, acovardados, e esconderam os rostos ante a presença dos monstros. Daquelas criaturas emanava uma inteligência terrível e estranha que falava de uma raça mais antiga e muito mais poderosa que os humanos. Roran temeu de repente que sua missão pudesse fracassar. Depois dele, Horst sussurrou aos homens e lhes urgiu a permanecer quietos e escondidos se não queriam perecer.

Os ra'zac saudaram as bestas com uma reverência. Logo, meteram-se em uma das tendas e voltaram a sair com a Katrina - amarrada com cordas - e com Sloan atrás. O açougueiro caminhava solto.

Roran o olhou fixamente, incapaz de compreender como tinham capturado Sloan. “Sua casa fica muito longe da de Horst.” Então o entendeu. “Ele nos traiu”, pensou Roran, assombrado. Fechou o punho lentamente sobre o martelo ao mesmo tempo em que o verdadeiro horror da situação lhe estalava por dentro. “matou Byrd e traiu a todos!”

- Roran - murmurou Horst, agachado junto a ele. - Não podemos atacar agora, seríamos massacrados. Roran..., está me ouvindo?

Só ouvia um murmúrio longínquo enquanto via como o ra'zac menor montava nos ombros de

uma das bestas e logo agarrava Katrina, sustentada no braços do outro ra'zac. Sloan agora parecia zangado e assustado. Começou a discutir com os ra'zac, meneando a cabeça e assinalando o chão. Ao final, um ra'zac lhe golpeou na boca e o deixou inconsciente. Enquanto montava na segunda besta, com o açougueiro desacordado sobre suas costas, o ra'zac mais alto declarou:

- Voltaremos quando for mais seguro. Matem o menino, e lhes perdoaremos a vida.

Logo os corcéis flexionaram suas poderosas coxas e elevaram o vôo de um salto, convertendo-se de novo em sombras contra o campo de estrelas. A Roran não ficaram palavras nem emoções. Estava totalmente destroçado. Só sobrava matar aos soldados. Levantou-se e elevou o martelo, preparado para atacar, mas ao dar um passo a frente, sua cabeça palpitou ao mesmo tempo em que o ombro ferido, a terra se desvaneceu em um estalo de luz, e ele caiu no esquecimento.

Uma flecha no coração

Desde que abandonaram o posto avançado do Ceris, todos os dias foram uma bruma de sonho com tardes calorosas, dedicadas a remar para remontar o lago Eldor e logo o rio Gaena. Em torno deles, a água gorgolejava pelo túnel de pinheiros verdes que se afundava no mais fundo do Du Weldenvarden.

A Eragon parecia delicioso viajar com os elfos. Narí e Lifaen sorriam, riam e cantavam em todas as horas, sobretudo quando Saphira estava perto. Em sua presença, logo olhavam para outro lado ou falavam de outra coisa. De qualquer maneira, os elfos não eram humanos, por muito que seu aspecto fora semelhante. Moviam-se muito depressa, com muita fluidez para criaturas de carne e osso. E quando falavam, estavam acostumados a fazê-lo com compridos rodeios e aforismos que deixavam Eragon mais confuso que antes de começar. Entre um estalo de contente e o seguinte, Lifaen e Narí permaneciam horas em silêncio, observando os arredores com um brilho pacífico em seus rostos. Se Eragon ou Orik tentavam falar com eles enquanto durava a contemplação, logo recebiam uma ou duas palavras de resposta.

Assim Eragon se deu conta de que, em comparação, Arya era franca e direta. De fato, parecia incomodada ante Lifaen e Narí, como se já não estivesse muito segura de como devia comportar-se entre os seus.

Da proa, Lifaen olhou para trás e disse:

- Conte-me, Eragon-finiarel... O que canta sua gente nestes dias escuros?

Lembrança das epopéias e quão baladas ouvi na Ilirea, sagas de seus orgulhosos reis e nobres, mas isso faz muito, muito tempo e minhas lembranças são como flores murchas na mente. Que novas palavras criou sua gente? - Eragon franziu o cenho enquanto tratava de recordar os nomes das histórias que Brom lhe recitava. Quando Lifaen os ouviu, meneou a cabeça com gesto de pena e respondeu - : Quantas coisas se perderam. Já não existem cortesãs e, para

falar a verdade, tampouco sobra muito de sua história e sua arte, salvo pelos escassos relatos imaginários cuja sobrevivência Galbatorix permitiu.

- Uma vez Brom nos contou sobre a queda dos Cavaleiros - disse Eragon, na defensiva.

A imagem de um cervo que saltava entre troncos podres chegou a sua mente através de Saphira, que tinha ido caçar.

- Ah, um homem valente. - Durante um momento, Lifaen remou em silêncio -. Nós também cantamos sobre a Queda, mas não muito freqüentemente. A maioria de nós estava vivo quando Vrael entrou no vazio, e ainda nos doem as cidades queimadas: os lírios vermelhos de Éwayéna, os cristais da Luthivíra. E também nossas famílias assassinadas. O tempo não afoga a dor dessas feridas, por muito que passem milhões de anos e até o sol demora para deixar ao mundo flutuando em uma noite eterna. Orik grunhiu da proa.

- O mesmo ocorre com os anões. Lembre, elfo, que Galbatorix acabou com um clã inteiro.

- E nós perdemos a nosso rei, Evandar.

- Eu nunca tinha ouvido isso - disse Eragon, surpreso.

Lifaen assentiu enquanto os guiava para rodear uma rocha inundada.

- Pouca gente sabe. Brom poderia ter lhe contado isso, estava ali quando deram o golpe fatal. Antes de Vrael morrer, os elfos enfrentaram Galbatorix nos planos da Ilirea, em um último intento de derrotá-lo. Logo Evandar...

- Onde está Ilirea? -perguntou Eragon.

- É Üru'baen, moço - disse Orik. - Antes era uma cidade de elfos. Sem se incomodar pela interrupção, Lifaen continuou falando:

- Tal como diz, Ilirea era uma de nossas cidades. Nós abandonamos durante nossa guerra com os dragões, e logo, séculos depois, os humanos a adotaram como capital quando o rei Palancar se exilou.

- O rei Palancar? - disse Eragon. - Quem era? Por isso se chama assim o vale?

Desta vez o elfo se virou e o olhou, divertido.

- Tem mais pergunta que folhas há em uma árvore, Argetlam.

- Brom achava o mesmo.

Lifaen sorriu e logo fez uma pausa, como se ordenasse seus pensamentos.

- Quando seus antepassados chegaram a Alagaésia, há oitocentos anos, perambulavam por

estas terras, procurando um lugar para viver. Ao final se instalaram no vale do Palancar, embora então não se chamasse assim. Era um dos poucos lugares defensáveis que nós não tínhamos reclamado, nem os anões. Ali seu rei, Palancar, começou a construir um estado poderoso.

“Declarou-nos a guerra com intenção de expandir suas fronteiras, embora não houvesse provocação alguma de nossa parte. Atacou três vezes, e vencemos as três. Nossa força assustou os nobres do Palancar, que suplicaram a paz a seu suserano. Ele ignorou seus conselhos. Então os nobres se aproximaram de nós com um tratado que os elfos assinam sem que o rei soubesse.”

“Com nossa ajuda, Palancar perdeu o trono e foi banido, mas ele, sua família e seus vassalos se negaram a abandonar o vale. Como não tínhamos nenhuma intenção de matá-los, construímos a torre do Ristvak'baen para que os Cavaleiros vigiassem Palancar e se assegurassem de que nunca voltasse a tomar o poder nem a atacar a ninguém mais na Alagaésia.”

“Em pouco tempo Palancar foi assassinado por um filho que não queria esperar a que a natureza seguisse seu curso. Após, a política familiar consistiu em assassinar, trair e outras depravações que reduziram a casa de Palancar a uma sombra de sua antiga grandeza. Entretanto, seus descendentes nunca se foram, e o sangue do rei segue vivo no Therinsford e Carvahall”.

- Já vejo - disse Eragon.

Lifaen arqueou uma sobrancelha escura.

- Sim? Significa mais do que você acredita. Foi esse sucesso o que convenceu Anurin, o predecessor do Vrael como líder dos Cavaleiros, de que devia permitir aos humanos converterem-se em Cavaleiros e assim mediar esse tipo de disputas. Orik soltou um latido de risada.

- Seguro que isso se discutiu muito.

- Foi uma decisão impopular - admitiu Lifaen. - Ainda agora alguns questionam sua sabedoria. Provocou um desacordo tão grave entre Anurin e a rainha Dellanir, que aquele se afastou de nosso governo e estabeleceu os Cavaleiros no Vroengard como entidade independente.

- Mas se supunha que os Cavaleiros deviam manter a paz e estavam separados de seu governo, como podiam fazê-lo?

- Não podiam - concedeu Lifaen. - Não puderam até que a rainha Dellanir entendeu que era sábio liberar os Cavaleiros de qualquer rei ou senhor, e lhes concedeu de novo acesso ao Du Weldenvarden. Mesmo assim, nunca gostou que outros tivessem mais autoridade que ela.

Eragon franziu o cenho.

- Entretanto, tratava-se precisamente disso, não?

- Sim... e não. Supunha-se que os Cavaleiros deviam vigiar os enganos dos diferentes governos das raças, mas quem vigiava aos vigilantes? Esse foi o problema que causou a Queda. Ninguém podia divisar os enganos do sistema dos Cavaleiros porque estavam acima de qualquer supervisão, desse modo, deterioraram-se. Eragon acariciou a água - primeiro a um lado, logo ao outro - enquanto pensava nas palavras do Lifaen. O remo tremeu em suas mãos ao cortar a corrente em diagonal.

- Que aconteceu ao Dellanir no trono?

- Evandar. Ocupou o trono nodoso faz quinhentos anos, quando Dellanir abdicou para dedicar-se a estudar os mistérios da magia, e o conservou até a morte. Agora nos governa sua companheira, Islanzadí.

- Isso... - Eragon se deteve com a boca aberta. ia dizer "impossível", mas se deu conta de que essa afirmação soaria ridícula. Em troca, perguntou -: Os elfos são imortais?

Com voz suave, Lifaen respondeu:

- Em outro tempo fomos como vós: brilhantes, fugazes e efêmeros como o roçar da manhã. Agora nossas vidas se alargam sem fim pelo pó dos anos. Sim, somos imortais, embora não deixamos de ser vulneráveis às feridas da carne.

- Então, converteram-lhes em imortais? Como? - O elfo se negou a explicá-lo, embora Eragon o pressionava para que desse detalhes. Ao fim, Eragon perguntou -: Quantos anos tem Arya?

Lifaen cravou nele seus olhos reluzentes, pinçando no olhar de Eragon com uma acuidade desconcertante.

- Arya? Por que se interessa?

- Eu...

Eragon titubeou, inseguro de repente em relação a suas próprias intenções. A atração que sentia pela Arya se via complicada pelo fato de que ela era uma elfa e de que sua idade, fora esta qual fosse, superava com muito a sua. "Deve-me ver como a um pirralho."

- Não sei - disse com sinceridade. - Mas nos salvou a vida a Saphira e a mim, e tenho curiosidade por saber mais dela.

- Envergonho-me - disse Lifaen, escolhendo com cuidado suas palavras - de haver perguntado isso. Entre nós é de má educação meter-se nos assuntos alheios... Mas devo dizer, e acredito que Orik está de acordo comigo, que fará bem em vigiar seu coração, Argetlam. Não é o melhor momento para perdê-lo, nem, neste caso, seria um bom lugar onde perdê-lo.

- Sim - grunhiu Orik.

O calor invadiu Eragon ao subir o sangue ao seu rosto, como se o percorresse por dentro um sebo derretido. Antes que pudesse responder, Saphira penetrou em sua mente e lhe disse:

E agora é um bom momento para vigiar sua língua. Têm boa intenção. Não os insulte.

Respirou fundo e tratou de esperar a que lhe acontecesse o abafado. *Concorda com eles?*

Acredito, Eragon, que está cheio de amor e busca a alguém que te devolva todo esse afeto. Não tem que se envergonhar por isso.

Eragon se esforçou por digerir suas palavras e ao final lhe disse: *Você vai voltar logo?*

Já estou voltando.

Eragon prestou de novo atenção a quanto o rodeava e descobriu que tanto o elfo como o anão o olhavam.

- Entendo sua preocupação. Mesmo assim, eu gostaria que respondesse a minha pergunta.

Lifaen hesitou um instante.

- Arya é bastante jovem. Nasceu um ano antes da destruição dos Cavaleiros. Cem anos! Embora esperava uma cifra similar, Eragon ficou impressionado. Dissimulou-o com rosto inexpressivo e pensou: “Poderia ter bisnetos maiores que eu!”

Ruminou o assunto por um longo momento e logo, por distrair-se, disse:

- Você mencionou que os humanos descobriram Alagaésia faz oitocentos anos. Entretanto, Brom dizia que chegaram três séculos depois da formação dos Cavaleiros, e disso faz milhares de anos.

- Segundo nossos cálculos, dois mil setecentos e quatro anos - declarou Orik. - Brom tinha razão se cifra a chegada dos humanos a Alagaésia por um só navio com vinte guerreiros. Aterrorizaram o sul, onde está agora Surda. Encontramo-nos quando eles estavam explorando e trocamos presentes, mas logo se foram e não voltamos a ver outro humano durante quase mil anos, ou até que chegou o rei Palancar, seguido de toda sua frota. Então os humanos tinham esquecido isso por completo, salvo por vagas histórias sobre homens peludos das montanhas que espreitavam aos meninos de noite. Ora!

- Sabem de onde veio Palancar? - perguntou Eragon.

Orik franziu o cenho, mordiscou as pontas do bigode e meneou a cabeça.

- Nossas histórias só dizem que seu lar ficava ao sul, muito longe, além das Beor, e que seu

êxodo era conseqüência de uma guerra e da fome. Excitado por uma idéia, Eragon espetou:

- Ou seja, que poderia haver países em algum lugar dispostos a nos ajudar contra Galbatorix.

- Talvez - respondeu Orik. - Mas seria difícil encontrá-los, inclusive no lombo de um dragão, e duvido que falem nosso idioma. Além disso, quem vai querer nos ajudar? Os varden tem pouco que oferecer a qualquer outro país, e custa bastante levar um exército do Farthen Dür ao Urü'baen, muito mais difícil seria transladar tropas desde centenas, ou milhares, de quilômetros.

- E mesmo assim necessitaríamos de você - disse Lifaen ao Eragon.

- De qualquer forma...

Eragon se calou ao ver que Saphira voava por cima do rio, seguida por um furioso bando de pardais e melros empenhados em afastá-la de seus ninhos. Ao mesmo tempo, um coro de falatórios e chiados brotou do exército de esquilos escondidos entre os ramos.

Lifaen sorriu e exclamou:

- Não lhes parece gloriosa? Olhem como suas escamas refletem a luz!

Nenhum tesouro do mundo pode igualar-se a esta visão.

Do outro lado do rio chegaram as exclamações similares do Narí.

- Pois me parece insuportável - murmurou Orik sob a barba.

Eragon dissimulou um sorriso, embora estivesse de acordo com o anão. Os elfos nunca se cansavam de elogiar Saphira.

Não custa nada receber alguns cumprimentos -disse Saphira. Aterrissou com um chapinho gigantesco e molhou a cabeça para se esquivar a um pardal que se lançava em bicadas.

Claro que não -respondeu Eragon.

Saphira o olhou de debaixo da água.

Isso era uma ironia?

Eragon estalou a língua e o deixou estar. Lançou um olhar à outra canoa e viu como Arya remava, com as costas perfeitamente retas e o rosto inescrutável enquanto flutuava entre uma tela de luz junto às árvores talhadas de musgo.

- Lifaen - perguntou em voz baixa para que Orik não o ouvisse, - por que Arya é tão... triste? Você é...

Os ombros do Lifaen se tencionaram sob a túnica avermelhada e respondeu em um sussurro tão baixo que apenas Eragon o ouvia:

-Temos a honra de servir a Arya Dróttningu. Sofreu mais do que é imaginável por defender nosso povo. Celebramos com alegria o que conseguiu com Saphira e em nossos sonhos choramos por seu sacrifício... e sua perda. Entretanto, suas penas são só delas, e não posso revelá-las sem sua permissão.

Sentado junto à fogueira do acampamento noturno, enquanto acariciava um fragmento de musgo que parecia ao tato como a pele de um coelho, Eragon ouviu uma comoção no interior do bosque. Trocou um olhar com a Saphira e Orik e avançou de rastros para o som, com Czar'roc desembainhada.

Eragon se deteve na borda de uma pequena ravina e olhou ao outro lado, onde um falcão com uma asa quebrada se agitava em um leito de folhas de sarça. O

raptor ficou quieto ao ver Eragon e logo abriu o bico e soltou um uivo dilacerador. *Que terrível destino não poder voar* -disse Saphira. Quando Arya chegou, olhou para o falcão e logo armou o arco e, com certeira pontaria, cravou-lhe uma flecha no peito. Ao princípio Eragon acreditou que o tinha feito para obter comida, mas logo viu que não fazia nada para cobrar a peça nem por recuperar a flecha.

- Por quê? - perguntou-lhe.

Com dura expressão, Arya desarmou o arco.

- A ferida era tão grave que não podia ser curada e teria morrido esta mesma noite ou amanhã. Assim é a natureza das coisas. Economizei-lhe horas de sofrimento. Saphira agachou a cabeça e tocou o ombro da Arya com o focinho. Logo retornou ao acampamento, arrancando a casca das árvores com sua cauda. Quando Eragon pôs-se a andar atrás dela, notou que Orik lhe dava um puxão da manga e se agachou para ouvir o que dizia o anão em voz baixa:

- Se alguma vez pedir ajuda a um elfo? Poderia decidir que mais te vale estar morto.

A invocação do Dagshelgr

Embora estivesse cansado pelo exercício do dia anterior, Eragon se obrigou a levantar antes do amanhecer com a intenção de ver algum dos elfos dormindo. Para ele se converteu em um jogo descobrir quando se levantavam os elfos, caso que dormissem em algum momento, pois nunca tinha conseguido ver um com os olhos fechados. Aquele dia tampouco foi exceção.

- Bom dia - disseram Narí e Lifaen do alto. Eragon elevou a cabeça e viu que cada um estava na copa de um pinheiro, a quase cinco metros de altura. Saltando de ramo em ramo com elegância felina, os elfos desceram a terra e ficaram a seu lado.

- Estávamos fazendo guarda - explicou Lifaen.

- Por que?

Arya saiu detrás de uma árvore e disse:

- Por meus medos. Du Weldenvarden tem muitos mistérios e perigos, sobretudo para um Cavaleiro. Levamos milhares de anos vivendo aqui, e em alguns lugares ficam velhos feitiços ainda ativos, a magia impregna o ar, a água e a terra. Em alguns lugares afetou aos animais. Às vezes aparecem criaturas estranhas perambulando pelo bosque, e nem todas são amistosas.

- Estão...? Eragon se deteve ao notar que o gedwéy ignasia tremia. O colar com um martelo de prata que lhe tinha dado Gannel se aqueceu em seu peito, e começou a notar que o feitiço do amuleto absorvia suas energias. Alguém estava tentando invocá-lo.

“Será Galbatorix?”, perguntou-se. Agarrou o colar e o pôs para fora da túnica, disposto a arrancá-lo ;de um puxão se se sentisse muito fraco. Do outro lado do acampamento, Saphira acudiu correndo a seu lado e colaborou com suas reservas de energia.

Ao cabo de um momento, o calor abandonou o martelo e o deixou frio ao contato com a pele de Eragon. Este o sustentou sobre a palma da mão e logo voltou a colocá-lo sob a roupa. Nesse momento Saphira disse:

Nossos inimigos estão nos procurando.

Inimigos? Não poderia ser alguém do Du Vrangr Gata?

Acredito que Hrothgar avisou Nasuada de que tinha ordenado a Gannel que te preparasse este colar enfeitiçado... Inclusive é provável que ocorresse a ela mesma. Arya franziu o cenho quando Eragon lhe explicou o que tinha ocorrido.

- Agora ainda me parece mais importante que cheguemos logo a Ellesméra para que possa retomar sua formação. Na Alagaésia as coisas passam mais devagar, e temo que não tenha tempo suficiente para seus estudos.

Eragon queria seguir falando disso, mas com a pressas por desarmar o acampamento perdeu a ocasião. Assim que estiveram carregadas as canoas e apagado o fogo, seguiram deslocando-se para cima pelo Gaena.

Logo que levavam uma hora na água Eragon notou que o rio se alargava e se tornava mais profundo. Uns minutos depois chegaram à cascata que pulverizava pelo Du Weldenvarden seu característico murmúrio vibrante. A catarata teria uns trinta metros de altura e se despencava sobre um escarpado de pedra rematado por um penhasco no alto, impossível de escalar.

- Como passamos para o outro lado?

Já sentia a fria salpicadura no rosto.

Lifaen assinalou para a borda esquerda, a certa distância da cascata, onde se via um atalho que subia pela costa.

-Temos que levar nas costas as canoas e as provisões durante meia légua, até que se esclareça o rio.

Os cinco desataram os fardos que descansavam entre os assentos das canoas e dividiram as provisões em montões para meter-lhe nas bolsas.

- Uf! - grunhiu Eragon ao sopesar sua carga. Era quase o dobro do que estava acostumado a levar quando viajava a pé.

Poderia remontar o rio voando... e levar toda a carga -propôs Saphira, ao tempo em que se arrastava até a borda enlameada e se sacudia para se secar. Quando Eragon repetiu sua proposta, Lifaen respondeu horrorizado:

- Nem nos ocorreria usar um dragão como besta de carga. Seria uma desonra para você, Saphira, também para Eragon como Shur'tugal. E poria em dúvida nossa hospitalidade.

Saphira soprou, e de seu nariz brotou um penacho de chamas que esquentou a superfície do rio e criou uma nuvem de vapor.

Que tolice. -Alargou uma perna escamosa para Eragon, passou os talões pelas correias das bolsas e saltou para as alturas. - *Me peguem se puderem!*

Um repique de risada clara rompeu o silêncio, como o gorjeio de um rouxinol. Surpreso, Eragon se voltou e olhou para Arya. Era a primeira vez que a ouvia rir, adorava esse som. A elfa sorriu para Lifaen:

- Se acredita que pode dizer a um dragão o que deve e não deve fazer, tem muito que aprender.

- Mas a desonra...

- Se Saphira o fizer por sua própria vontade, não há desonra alguma - afirmou Arya. - Bom, vamos, sem perder mais tempo.

Com a esperança de que o esforço não despertasse sua dor nas costas, Eragon elevou a canoa com Lifaen e a jogou aos ombros. Tinha que confiar na guia do elfo durante todo o caminho, pois só conseguia ver a terra sob seus pés. Uma hora mais tarde tinham chegado ao alto da costa e seguiram andando além das perigosas águas brancas para o lugar onde o Gaena parecia de novo tranqüilo e cristalino. Ali os esperava Saphira, ocupada em pescar nas águas pouco profundas, afundando sua cabeça triangular na água como uma garça.

Arya a chamou e se dirigiu a ela e a Eragon:

- Atrás da próxima curva está o lago Ardwen e, em sua borda oeste, Sílthrim, uma de nossas

maiores cidades. Dali, uma vasta extensão de bosques nos separa do Ellesméra. Perto do Sílthrim nos encontraremos com muitos elfos. Entretanto, não quero que lhes vejam até que tenhamos falado com a rainha Islanzadí. *Por que?* -perguntou Saphira, fazendo eco dos pensamentos de Eragon. Com seu acento musical, Arya respondeu:

- Sua presença representa uma mudança grande e terrível para nosso reino, e essas mudanças são perigosas se não acontecerem com cuidado. A rainha tem que ser primeira a lhes ver. Só ela tem autoridade e sabedoria para fiscalizar a transição.

- Fala dela com respeito - comentou Eragon.

Para lhe ouvir, Narí e Lifaen ficaram quietos e vigiaram Arya com olhar atento. Seu rosto empalideceu e logo adotou uma pose orgulhosa.

- Liderou-nos bem... Eragon, já sei que leva uma capa com capuz do Tronjheim. Até que nos liberemos de possíveis observadores, importa-se em pôr isso e manter a cabeça coberta para que ninguém possa ver suas orelhas redondas e saber que é um humano? - Eragon assentiu. - E você, Saphira, tem que se esconder durante o dia e se deslocar atrás de nós de noite. Ajihad me contou que fez isso no Império. *E odiei cada momento* -grunhiu a dragona.

- Será só hoje e amanhã. Logo estaremos longe do Sílthrim e não teremos que nos preocupar com nenhum encontro importante - prometeu Arya. Saphira cravou seus olhos celestes em Eragon.

Quando fugimos do Império, jurei que sempre estaria perto de você para protegê-lo. Cada vez que vou, acontece algo ruim: Yazuac, Daret, Dras-Leoa, os escravistas.

No Teirm não aconteceu nada.

Já sabe a que me refiro! Incomoda-me especialmente te deixar porque não pode se defender sozinho com as costas machucadas.

Confio em que Arya e outros me manterão a salvo. Você não?

Saphira hesitou.

Confio em Arya. -inclinou-se, caminhou pela borda do rio, ficou um momento sentada e logo voltou. - *Muito bem* -anunciou sua aceitação a Arya e acrescentou-: *Mas só esperarei até manhã de noite, por muito que nesse momento estejam no meio do Sílthrim.*

- Entendo - disse Arya. - Mesmo assim, deverá tomar cuidado ao voar de noite, pois os elfos vêem com claridade, salvo na escuridão total. Se lhe virem por acaso, poderiam te atacar com magia.

Fantástico -comentou Saphira.

Enquanto Orik e os elfos voltavam a carregar as canoas, Eragon e Saphira exploraram o bosque em penumbra em busca de um esconderijo aceitável. Escolheram um fossa seca rodeada de rochas e coberta por um leito de folhas que parecia suave ao tato dos pés. Saphira se enroscou no fundo e assentiu.

Já podem ir. Estarei bem aqui.

Eragon *abraçou* seu pescoço, com cuidado de não se cravar em suas pontas agudas, e logo partiu com reticência, sem deixar de olhar atrás. Ao chegar ao rio, cobriu-se com a capa antes de recomeçar a viagem.

O ar estava quieto quando apareceu ante sua vista o lago Ardwen e, em conseqüência, o vasto manto de água estava lisa e plana, um espelho perfeito para as árvores e as nuvens. A ilusão era tão imaculada que Eragon se sentiu como se olhasse por uma janela e visse outro mundo, com a sensação de que se seguissem adiante, as canoas cairiam sem fim pelo céu refletido. Estremeceu ao pensar nisso. Na brumosa distância, abundantes botes de casca de abedul se deslocavam ao longo de ambas as bordas, como zangões de água, impulsionados a uma velocidade incrível pela força dos elfos. Eragon abaixou a cabeça e puxou a borda do capuz para estar seguro de que lhe tampava o rosto.

Seu laço com Saphira foi se tornando cada vez mais tênue à medida que foram se separando, até que apenas os conectava uma fibra de pensamento. Ao anoitecer já não notava sua presença, por muito que esforçasse ao limite a mente. De repente, Du Weldenvarden lhe pareceu mais solitário e desolado. Quando se fechou a noite, um cacho de luzes brancas - instaladas a qualquer altura concebível entre as árvores - brotou um quilômetro e meio mais à frente. Fantasmagóricas e misteriosas na noite, as faíscas brilhavam com o fulgor branco da lua.

- Aí está Sílthrim - disse Lifaen.

Com um fraco chapinho passou um navio junto a eles em direção contrária, e o elfo que o dirigia murmurou:

- Kvetha Fricai.

- Passaremos aqui a noite.

Acamparam um pouco afastados do lago, onde a terra estava suficientemente seca para poder dormir nela. As hordas ferozes de mosquitos obrigaram Arya a pronunciar um feitiço protetor para que pudessem jantar com relativa comodidade. Logo os cinco se sentaram em torno do fogo e ficaram olhando as chamas douradas. Eragon apoiou a cabeça em uma árvore e contemplou um meteorito que cruzava o céu, estava a ponto de fechar as pálpebras quando lhe chegou uma voz feminina dos bosques do Sílthrim, um leve sussurro que acariciava o ar em seus ouvidos, como um penugem de pluma. Franziu o cenho e estirou o corpo com a intenção de ouvir melhor o tênue murmúrio.

Como um fio de fumaça que se espessa quando o fogo recém aceso cobra vida, a voz se fez mais forte, até que o bosque inteiro começou a sussurrar uma melodia fascinante e retorcida que oscilava acima e abaixo com uma selvagem sensação de abandono. Mais vozes se uniram naquela canção sobrenatural, adornando o tema original com centenas de variações. O mesmo ar parecia tremer com a textura daquela música tempestuosa.

A medula de Eragon se estremeceu com um sobressalto de euforia e medo provocado por aquela cadência fantasiosa, nublou seus sentidos e o arrastou para o veludo da noite. Seduzido pelas notas fascinantes, ficou em pé de um salto, disposto a pôr-se a correr pelo bosque até que encontrasse a fonte daquelas vozes, preparado para dançar entre as árvores e o musgo, capaz de algo com tal de poder se unir ao deleite dos elfos. Entretanto, antes que pudesse mover-se, Arya o agarrou por um braço e de um puxão o encarou.

- Eragon! Limpe a mente! - Ele lutou em um inútil intento de soltar-se. - *Eyddr eyreya onr!* Esvazie seus ouvidos!

Tudo ficou em silêncio, como se houvesse se tornado surdo. Deixou de resistir e olhou a seu redor, perguntando-se o que tinha ocorrido. Ao outro lado do fogo, Lifaen e Narí lutavam em silencio com o Orik.

- Me deixem em paz - grunhiu Orik.

Lifaen e Narí elevaram as mãos e deram um passo atrás.

- Perdão, Orik-vodhr - disse Lifaen.

Arya olhou para o Sílthrim.

- Contei mal os dias. Não queria estar perto da cidade durante o Dagshelgr. Nossas festas saturnais, nossas celebrações, são perigosas para os mortais. Cantamos no idioma antigo, e as letras riscam feitiços de paixão e saudade que são difíceis de resistir inclusive para nós mesmos.

Narí se agitou, inquieto.

- Deveríamos estar em algum mangue.

- Certo - acessou Arya. - Mas cumpriremos com nossa obrigação e esperaremos.

Tremendo, Eragon se sentou mais perto do fogo e desejou que Saphira estivesse perto. Estava seguro de que ela teria protegido sua mente da influência da música.

- Para que serve o Dagshelgr? - perguntou.

Arya se sentou no chão junto a ele, com suas largas pernas cruzadas.

- Serve para manter o bosque são e fértil. Cada primavera cantamos às árvores, às plantas e aos animais. Sem nós, Du Weldenvarden teria a metade do tamanho. - Como quisessem reforçar o que acabava de dizer, pássaros, cervos, esquilos vermelhos e cinzas, texugos raiados, raposas, coelhos, lobos, rãs, sapos, tartarugas e todos os outros animais próximos abandonaram seus esconderijos e puseram-se a correr amalucados entre uma cacofonia de chiados e uivos. - Procuram um par - explicou Arya. - Por todo Du Weldenvarden, em todas nossas cidades, os elfos cantam esta canção. Quantos mais participam, mais forte é o feitiço e mais aumentará o Du Weldenvarden esse ano.

Eragon jogou as mãos para trás ao ver que um trio de ouriços passavam lentamente junto a sua coxa. Todo o bosque vibrava com o ruído. “Entrei na terra dos contos de fadas”, pensou enquanto se rodeava com os braços. Orik se aproximou do fogo e elevou a voz por cima do clamor.

- Por minha barba e meu machado, não permitirei que a magia me controle contra minha vontade. Se voltar a ocorrer, Arya, juro pela bandagem de pedra do Helzvog que retornarei ao Farthen Dür e terá que enfrentar à ira do Dürgrimst Ingeitum.

- Não era minha intenção que experimentasse o Dagshelgr - disse Arya. - Peço perdão por meu engano. De qualquer maneira, embora eu esteja lhes protegendo do feitiço, não podem evitar a magia no Du Weldenvarden. Ela impregna tudo.

- Desde que não me enlouqueça a mente...

Orik meneou a cabeça e tocou o cabo de seu machado enquanto olhava às bestas sombrias que lotavam a escuridão, além da luz da fogueira. Essa noite ninguém dormiu. Eragon e Orik permaneceram acordados pelo estrondo aterrador e pela quantidade de animais que passavam a todo momento junto a suas tendas, os elfos, porque seguiam escutando a canção. Lifaen e Narí caminhavam riscando círculos intermináveis, enquanto Arya ficou olhando fixamente em direção ao Sílthrim com expressão de ânsia, a pele parda das maçãs do rosto tensa. Quando levavam quatro horas de ruído e movimento, Saphira desceu em picado do céu, com um estranho brilho nos olhos.

O bosque está vivo -disse. - *E eu estou viva. Meu sangue arde como nunca. Arde como o seu quando pensa em Arya. Agora... eu o entendo!*

Eragon lhe apoiou uma mão em um ombro e notou os tremores que percorriam seu corpo, os flancos vibravam enquanto cantarolava a música. Saphira se aferrou à

terra com suas garras de marfim, os músculos encolhidos e tensos em um supremo esforço para permanecer quieta. A ponta da cauda se agitava como se estivesse a ponto de saltar.

Arya se levantou e se uniu a Eragon, do outro lado de Saphira. A elfa apoiou também uma mão no ombro do dragão, e os três enfrentaram à escuridão, unidos por uma cadeia viva.

Quando rompeu a alvorada, o primeiro que observou Eragon foi que todas as árvores tinham

brotos de agulhas verdes na ponta dos ramos. Inclinou-se e examinou os sarçais que havia a seus pés e descobriu que todas as plantas, fossem grandes ou pequenas, tinham crescido durante a noite. O bosque vibrava pela plenitude de suas cores, tudo estava lustroso, fresco e limpo. Cheirava como se acabasse de chover. Saphira se sacudiu junto a Eragon e disse:

A febre passou, voltei a ser eu mesma. Senti umas coisas... Era como se o mundo nascesse de novo e eu ajudasse a criá-lo com o fogo de minhas extremidades. Como está? Por dentro, quero dizer.

Necessitarei de um pouco de tempo para entender o que senti. Como tinha cessado a música, Arya retirou o feitiço que protegia Eragon e Orik. Logo disse:

- Lifaen. Narí. Vão a Sílthrim e consigam cavalos para nós. Não podemos ir andando daqui até Ellesméra. De passagem, avisem a capitã Damitha que Ceris necessita de reforços.

Narí fez uma reverência.

- E o que lhe dizemos quando perguntarem por que abandonamos nosso posto de vigilância?

- Digam-lhes que ocorreu o que em outro tempo se esperou e temeu, que o wyrm mordeu a própria cauda. Eles entenderão.

Os dois elfos partiram para Sílthrim depois de tirar as provisões dos botes. Três horas depois, Eragon ouviu o rangido de um ramo e, ao elevar o olhar, viu que retornavam pelo bosque montados em orgulhosos corcéis brancos e levavam outros quatro cavalos idênticos atrás. As magníficas bestas se moviam entre as árvores com estranho silêncio e suas pelagens brilhavam na penumbra esmeralda. Nenhum deles levava sela ou arnês.

- Blóthr, blóthr - murmurou Lifaen.

Seu corcel se deteve e pinçou a terra com seus cascos escuros.

- Todos seus cavalos são tão nobres como estes? - perguntou Eragon. Aproximou-se de um com cautela, assombrado por sua beleza. Os animais eram apenas poucos palmos mais altos que um pônei, de modo que lhes era fácil abrir caminho entre os troncos próximos. Não parecia que Saphira lhes desse medo.

- Nem todos - riu Narí, meneando sua cabeleira chapeada, - mas sim a maioria. Faz muitos séculos que os criamos.

- Como acham que tenho que montá-lo?

- Os cavalos dos elfos - explicou Arya-respondem instantaneamente às ordens pronunciadas na linguagem antiga, lhe diga aonde quer ir e ele te levará. Mas não o maltrate com golpes ou palavras, porque não são nossos escravos, a são amigos e sócios. Eles o carregam só enquanto quiserem, montar em um deles é um grande privilégio. Eu só pude salvar o ovo de Saphira da

Durza porque nossos cavalos entenderam que acontecia algo estranho e se detiveram para não cair em sua emboscada... Não lhe deixarão a não ser que você mesmo se atire deliberadamente, e têm muita habilidade para escolher o caminho mais rápido e seguro em terras traiçoeiras. Os Feldünost dos anões são iguais.

- Tem razão - grunhiu Orik. - Um Feldünost é capaz de subir e te baixar por um escarpado sem um só arranhão. Mas como vamos levar a comida e todo o resto sem alforjes? Não vou montar carregado com uma mochila.

Lifaen soltou um montão de bolsas de couro aos pés de Orik e assinalou o sexto cavalo.

- Não se preocupe.

Custou-lhes uma hora preparar as provisões nas bolsas e carregá-las em uma grande pilha sobre a garupa do cavalo. Logo, Narí explicou a Eragon e Orik as palavras que podiam usar para dirigir aos cavalos:

-"Ganga fram" para ir adiante, "blóthr" para parar, "hlaupa" se precisa correr e

"ganga aptr" para ir para trás. Poderão dar instruções mais precisas se aprenderem mais da antiga linguagem. - Acompanhou Eragon até um cavalo e lhe disse -: Este é

Folkvír. Estenda uma mão.

Eragon o fez, e o cavalo soprou com as fossas nasais bem abertas. *Folkvír* cheirou a palma da mão do Eragon, logo a tocou com o focinho e lhe permitiu lhe acariciar o grosso pescoço.

- Bem - disse Narí.

Logo repetiu a mesma operação com Orik e o cavalo seguinte. Quando Eragon montou em Folkvír, Saphira se aproximou. Eragon a olhou e notou que seguia inquieta pelo que tinha ocorrido durante a noite. *Um dia mais* - disse-lhe.

Eragon... -A dragona fez uma pausa. - *Enquanto estava sob o feitiço dos elfos, me ocorreu algo, algo que sempre me tinha parecido pouco importante, mas agora me cresce por dentro como uma montanha de terror negro: toda criatura, não importa quão pura ou monstruosa seja, tem um par de sua mesma espécie. Entretanto, eu não o tenho.* -estremeceu e fechou os olhos. - *Nesse sentido, estou sozinha.* Aquela afirmação recordou a Eragon que ela tinha oito meses de vida. Normalmente, não lhe notava a idade pela influência dos instintos e lembranças herdadas, mas naquela questão tinha ainda menos experiência que ele, com suas leves aproximações ao romance no Carvahall e Tronjheim. A pena invadiu Eragon, mas a reprimiu antes que pudesse penetrar em sua conexão mental. Saphira teria desprezado essa emoção: não servia para resolver seu problema, nem a faria sentir-se melhor. Por isso disse:

Galbatorix ainda tem dois ovos de dragão. Em nossa primeira audiência com Hrothgar disse que queria resgatá-los. Se pudermos...

Saphira soprou com amargura.

Poderia custar anos, e embora conseguíssemos recuperar os ovos, não tenho nenhuma garantia de que vão sair do casca de ovo, nem que sejam machos, nem de que algum seja meu par. O destino levou minha raça à extinção. Soltou uma chicotada frustrada com a cauda e partiu em dois um galho. Parecia perigosamente a ponto de começar a chorar.

O que posso dizer? -perguntou Eragon, inquieto por seu desânimo. - *Não deve perder a esperança. Fica uma oportunidade de que encontre um par, mas tem que ter paciência. Inclusive se o os ovos de Galbatorix não funcionarem, em algum outro lugar do mundo deve haver dragões, igual a humanos, elfos e urgals. Assim que nos liberemos de nossas obrigações, eu a ajudarei a buscá-los. De acordo?*

De acordo -soprou ela. Jogou a cabeça para trás e soltou uma baforada de fumaça branca que se dispersou entre os ramos. - *Já sei que não deveria deixar que as emoções se apoderassem de mim.*

Tolice. Para não se sentir assim, teria que ser de pedra. É perfeitamente normal... Mas prometa-me que não pensará nisso enquanto estiver sozinha. Ela fixou nele um gigantesco olho de safira.

Não o farei.

Eragon sentiu a calidez em suas vísceras ao perceber que Saphira lhe agradecia a tranqüilidade e o companheirismo. Inclinando-se da garupa de Folkvír, apoiou-lhe uma mão na áspera bochecha e a deixou ali um momento. *Vá, pequenino* -murmurou ela. - Eu o v *erei logo.* Eragon odiava deixá-la nesse estado. Com certa reticência, entrou no bosque com o Orik e os elfos em direção ao oeste, ao coração do Du Weldenvarden. depois de lhe dar voltas durante uma hora ao dilema de Saphira, o mencionou a Arya. Pequenas rugas percorreram o cenho franzido da Arya.

- É um dos piores crimes de Galbatorix. Não sei se haverá alguma solução, mas podemos ter esperança. Temos que tê-la.

A cidade de pinheiro

Eragon estava a tanto tempo no Du Weldenvarden que já começava a desejar a presença de claros, campos, e inclusive montanhas, em vez daqueles infinitos troncos de árvores e a vegetação escassa. Seus vôos com Saphira não ofereciam alívio, pois só revelavam Montes de um verde espinhoso que se estendiam sem pausa na distância. Freqüentemente, os ramos eram tão espessos e estavam tão altos que era impossível determinar por onde saía e ficava o sol. Isso, combinado com a paisagem repetitiva, dava a Eragon a sensação de estar irremediavelmente perdido, por muito que Arya e Lifaen se esforçassem em mostrar-lhe os pontos cardeais. Sabia que, a não ser pelos elfos, podia perambular pelo Du Weldenvarden o resto de sua vida sem encontrar jamais o caminho.

Quando chovia, as nuvens e o dossel do bosque os ocultavam em uma profunda escuridão, como se estivessem sepultados no fundo subsolo. A água se recolhia nas negras agulhas dos pinheiros e logo gotejava e se derramava desde trinta metros ou mais sobre suas cabeças, como milhares de pequenas cascatas. Nesses momentos, Arya invocava uma brilhante esfera de magia verde que flutuava sobre sua mão e se tornava a única luz no bosque cavernoso. Detinham-se e se apinhavam sob uma árvore até que passava a tormenta, mas inclusive então a água apanhada na miríade de ramos lhes caía em cima como uma ducha, a menor provocação, durante as horas seguintes.

À medida que entravam com seus cavalos no coração do Du Weldenvarden, as árvores eram mais grossas e altas, e também pareciam mais separadas para dar capacidade ao maior tamanho de seus ramos. Os troncos nus de cor marrom que se elevavam para o teto entrecruzado, difuso e escurecido pelas sombras mediam mais de sessenta metros, mais que qualquer árvore das Vertebradas ou das Beor. Eragon caminhou em torno da circunferência de um deles e calculou que mediria mais de vinte metros de largura.

Comentou com Arya, e esta assentiu e disse:

- Significa que estamos perto de Ellesméra. - Alargou uma mão e a apoiou com leveza em uma raiz retorcida que tinha a seu lado, como se acariciasse com total delicadeza o ombro de um amigo ou amante. - Estas árvores estão entre as mais antigas criaturas viventes da Alagaésia. Nós, os elfos, as amamos desde que as vimos pela primeira vez em Du Weldenvarden, e temos feito todo o possível para contribuir para seu crescimento. - Uma tênue cinta de luz rasgou os poeirentos ramos de cor esmeralda no alto e banhou seu braço e seu rosto de ouro líquido, ofuscantemente brilhante contra o fundo opaco. - Chegamos longe juntos, Eragon, mas agora você está

a ponto de entrar em meu mundo. Mova-se com suavidade, pois a terra e o ar estão carregados de lembranças e nada é o que parece. Não voe hoje com Saphira, já que despertamos certos alarmes que protegem Ellesméra. Não seria muito inteligente se afastar do caminho.

Eragon inclinou a cabeça e se retirou ao lado de Saphira, que estava tombada em um leito de musgo e se divertia soltando fios de fumaça pelo nariz e contemplando como desapareciam riscando espirais. Sem maior preâmbulo, a dragona disse: *Agora há muito espaço para mim na terra. Não terei nenhuma dificuldade. Bem.*

Eragon montou em Folkvíry seguiu Orik e os elfos, que entravam ainda mais no bosque vazio e silencioso. Saphira o seguiu de rastros. Tanto ela como os cavalos brancos refulgiam na sombria penumbra.

Eragon se deteve, sobressaltado pela beleza do local. Tudo transmitia a sensação de uma era invernal, como se nada tivesse mudado sob as agulhas do teto durante mil anos, nem seria alterada no futuro, o tempo mesmo parecia haver se rendido a um sonho de que nunca despertaria.

A última hora da tarde, dissipou-se a penumbra e apareceu ante eles um elfo envolto em um brilhante raio de luz que descia do céu. Levava roupas folgadas e tinha uma circunferência chapeada na frente. O rosto era velho, nobre e sereno.

- Eragon - murmurou Arya. - Lhe mostre a palma da mão e o anel. Eragon tirou a luva da mão direita e elevou esta de tal modo que se pudesse ver o anel de Brom e logo o gedwéy ignasia. O elfo sorriu, fechou os olhos e abriu os braços em sinal de boas-vindas. Manteve a postura.

- O caminho fica aberto - disse Arya.

Depois de uma suave ordem, seu corcel avançou. Rodearam o elfo como se rodeia a água na base de uma rocha, e quando todos já tinham parado, este estirou o corpo, deu uma palmada e desapareceu assim que deixou de existir a luz que o tinha iluminado até então.

Quem é ele? -perguntou Saphira.

Arya respondeu:

- É Gilderien o Sábio, príncipe da Casa Miolandra, depositário da Chama Branca do Vándil e guardião da Ellesméra dos tempos do Du Fyrn Skulblaka, nossa guerra com os dragões. Ninguém pode entrar na cidade sem sua permissão. Quase meio quilômetro mais à frente, o bosque clareou um pouco e começaram a abrir-se vazios em sua cobertura, permitindo que algumas escoras de luz salpicada riscassem barras sobre o caminho. Logo passaram por baixo duas árvores fornidas que juntavam suas copas e se detiveram na borda de uma clareira vazia. O solo estava repleto de densos grupos de flores. O tesouro fugaz da primavera se amontoava em rosas, jacintos e lírios, como se fossem pilhas de rubis, safiras e opalas.

Seus aromas intoxicantes atraíam hordas de besouros. À direita, um regato borbulhava depois de uma fileira de roseiras, enquanto um par de esquilos se perseguiam em torno de uma rocha.

A princípio pareceu a Eragon como um lugar onde os cervos pudessem deitar para passar a noite. Mas a seguir olhando-o, começou a descobrir atalhos escondidos entre a vegetação e as árvores, uma luz suave e cálida onde normalmente deveria haver sombras castanhas, um estranho padrão na forma dos ramos, ramos grandes e flores, tão sutil que era quase impossível de detectar: indícios de que o que estava vendo não era de todo natural. Pestanejou e a visão mudou de repente, como se lhe tivessem colocado ante os olhos uma lente e todas as formas se tornassem reconhecíveis. Eram caminhos, sim. E flores também. Mas o que havia tomado por bosques de árvores grumosas e retorcidas eram em realidade grandes edifícios que cresciam diretamente nos pinheiros.

Uma árvore tinha a base tão larga que, antes de afundar suas raízes no chão, conformava uma casa de dois pisos. Os dois pisos eram hexagonais, embora o superior tivesse a metade de largura que o primeiro, o qual dava à casa um aspecto escalonado. Os tetos e as paredes eram feitos de lâminas de madeira envoltas em torno de seis grossos cavaletes. O musgo e o líquen amarelo balizavam os beirais e pendiam emoldurando janelas que davam em ambos os lados. A porta dianteira era uma misteriosa silhueta negra sob um arco cheio de símbolos cinzelados

na madeira. Havia outra casa aninhada entre três pinheiros, pegos a ela por meio de uma série de ramos curvados. Reforçada por aqueles contrafortes volantes, a casa tinha cinco pisos de altura, ligeiros e graciosos. Junto a ela havia um enramado feito de salgueiro e cornejos, de que pendiam tochas apagadas que pareciam chagas da madeira.

Cada um daqueles edifícios únicos realçava e complementava seu contorno, fundindo-se sem fissuras com o resto do bosque de tal modo que parecia impossível detectar onde terminava o artifício e onde prosseguia a natureza. Ambas se equilibravam à perfeição. Em vez de submeter o meio, os elfos tinham escolhido aceitar o mundo como era e adaptar-se a ele.

Os habitantes da Ellesméra se revelaram finalmente em um redemoinho de movimentos à vista do Eragon, como agulhas de pinheiro que revoassem pela brisa. Logo captou o movimento de alguma mão, um pálido rosto, um pé calçado com sandálias, um braço elevado. De um em um, alguns elfos apareceram à vista, com seus olhos amendoados fixos em Saphira, Arya e Eragon.

As mulheres tinham o cabelo solto. Caía-lhes pelas costas em cascatas de prata e azeviche, trançado com flores frescas, como a fonte de um jardim. Todas possuíam uma beleza delicada e etérea que ocultava sua força inquebrantável, a Eragon pareceram imaculadas. Os homens eram igualmente surpreendentes com suas maçãs do rosto altas, seus narizes finamente esculpidos e suas grossas pálpebras. Ambos os sexos se embelezavam com túnicas rústicas verdes e marrons e franjas de escuros tons alaranjados, avermelhados e dourados.

“Sem dúvida, é um povo nobre”, pensou Eragon. Tocou os lábios para saudálos. Simultaneamente, os elfos dobraram a cintura em uma reverência. Logo sorriram e riram com felicidade desatada. Entre eles, uma mulher cantou: *Ornamento Ou Wyrda brunhvitr, Abr Berundal vandr-fódhr, Burthro laufsbládar ekar undir, Eom kona dauthleikr...*

Eragon tampou os ouvidos com ambas as mãos, temendo que a melodia fosse um feitiço como o que tinha ouvido no Sílthrim, mas Arya meneou a cabeça e elevou as mãos.

- Não é magia. - Logo se dirigiu ao cavalo - Ganga. - O animal soltou um suave relincho e pôs-se a trotar. - Soltem seus corcéis. Já não necessitamos deles e merecem descansar em nossos estábulos.

A canção soou com mais força enquanto Arya avançava por um atalho feito de adornos de turmalina verde que serpenteava entre as rosas, as casas e as árvores antes de cruzar finalmente um arroio. Os elfos dançavam em torno do grupo enquanto eles caminhavam revoando de um lado a outro segundo seu capricho, rindo e saltando de vez em quando a um ramo para lhes passar por cima. Elogiavam Saphira com nomes como “Zarpazos”, “Filha do Ar e do Fogo” e “Forte”.

Eragon sorriu, agradado e encantado. “Poderia viver aqui”, pensou com sensação de paz. Encerrado no Du Weldenvarden, ao mesmo tempo escondido e ao ar livre, a salvo do resto do mundo... Sim, sem dúvida gostava de muito Ellesméra, mais que qualquer cidade dos anões. Assinalou uma moradia situada em um pinheiro e perguntou a Arya:

- Como fazem isso?

- Cantamos ao bosque na linguagem antiga e lhe damos nossa força para que cresça com a forma que desejamos. Todos os nossos edifícios e utensílios são feitos assim.

O atalho terminava entre uma rede de raízes que formavam degraus, como atoleiros limpos de terra. Subiam até uma porta incrustada em um muro de ramos. O

coração de Eragon se acelerou quando uma porta se abriu, aparentemente por sua própria vontade, e revelou uma praça mastreada. Centenas de ramos se fundiam para formar um teto. Debaixo havia doze cadeiras alinhadas ao longo das paredes laterais. Nelas repousavam vinte e quatro cavalheiros e damas.

Eram sábios e formosos, com semblantes suaves sem marcas de idade e olhos entusiastas que brilhavam de excitação. Inclinaram-se para frente, agarrados aos braços das cadeiras, e miraram fixamente o grupo de Eragon com assombro e esperança. Ao contrário que outros elfos, levavam no cinto espadas em cujos punhos reluziam as granadas e berilos, e as frentes adornadas com diademas. À cabeça da assembléia havia um pavilhão branco que dava sombra a um trono de raízes nodosas. Nele estava sentada rainha Islanzadí. Era bela como um ocaso de outono, orgulhosa e imperial, com duas sobrancelhas escuras rasgadas como asas elevadas ao vento, os lábios brilhantes e vermelhos como sarças e uma cabeleira de meia-noite recolhida sob uma diadema de diamantes. A túnica era carmesim. Rodeava seus quadris uma bandagem de ouro trancado. E a capa de veludo que se fechava em torno do pescoço caía até o chão em lânguidas dobras. Apesar da sua aparência imponente, a rainha parecia frágil, como se escondesse uma grande dor. Junto a sua mão havia um cilindro curvado com uma cruzeta gravada. Um corvo branco se hospedava nela e mudava a garra de apoio uma e outra vez com impaciência. O pássaro elevou a cabeça e repassou a Eragon uma inteligência assombrosa, logo soltou um comprido e grave grasnido e uivou:

- Wyrda!

Eragon estremeceu pela força daquela única palavra grasnada. A porta se fechou atrás deles quando entraram no vestíbulo e se aproximaram da rainha. Arya se ajoelhou no chão coberto de musgo e foi primeira em fazer uma reverência, seguiramna Eragon, Orik, Lifaen e Narí. Inclusive Saphira, que nunca tinha feito uma reverência a ninguém, nem sequer ao Ajihad ou ao Hrothgar, abaixou a cabeça. Islanzadí se levantou e desceu do trono, arrastando a capa atrás dela. detevese diante da Arya, apoiou suas mãos tremulas em seus ombros e disse com um potente vibrato:

- Levante-se.

Arya se levantou, e a rainha estudou seu rosto com crescente intensidade, até

tal ponto que pareceu que tentasse decifrar um texto escuro. Ao fim, Islanzadí soltou uma exclamação, abraçou a Arya e lhe disse:

- Ah, minha filha, que males te causei.

Rainha Islanzadí

Eragon se ajoelhou ante a rainha dos elfos e seus conselheiros naquela fantástica sala feita de troncos de árvores vivas, em uma terra quase mítica, e só uma impressão enchia sua cabeça: "Arya é uma princesa!". De alguma forma tudo se encaixava, pois sempre tinha tido um ar altivo, mas provocou em Eragon uma certa amargura porque isso estabelecia outra barreira mais entre eles quando já estava a ponto das superar todas. A revelação lhe enchia a boca de gosto de cinzas. Recordou a profecia da Angela, segundo a qual amaria a alguém de berço nobre..., e o aviso de que não podia saber se terminaria bem ou mau.

Notou que Saphira também se surpreendia, e logo o encontrava divertida. *Parece que viajamos acompanhados pela realeza sem saber* -disse-lhe. *Por que não nos terá isso dito? Talvez implicasse correr mais perigos.*

- Islanzadí Dróttning - disse Arya, com formalidade. A rainha se afastou como se a tivessem cravado e logo repetiu na linguagem antiga:

- Ah, minha filha, que males te causei. – Tampou o rosto. - Desde que desapareceu, só pude dormir e comer. Perseguia-me seu destino, e temia não voltar a vê-la. Afastá-la de minha presença foi o engano maior que jamais cometi... Poderá me perdoar?

Os elfos reunidos se agitaram assombrados.

A resposta da Arya demorou para chegar, mas ao fim disse:

- Durante setenta anos vivi e amei, lutando e matando sem falar jamais contigo, mãe. Nossas vidas são longas, mas mesmo assim, não é um período curto. Islanzadí ficou rígida e elevou o queixo. Um tremor a percorreu.

- Não posso desfazer o passado, Arya, por mais que o deseje.

- Nem eu posso esquecer o que suportei.

- Não deveria. - Islanzadí tomou as mãos de sua filha. - Arya, eu a quero. Você

é minha única família. Veja se deve fazê-lo, mas salvo se quiser renunciar a mim, queria que nos reconciliássemos.

Durante um terrível momento pareceu que Arya não ia responder, ou ainda pior, que rechaçaria a oferta. Eragon viu que duvidava e lançava uma rápida olhada à

audiência. Logo agachou a cabeça e disse:

- Não, mãe. Não poderia ir.

Islanzadí sorriu insegura e abraçou de novo a sua filha. Desta vez Arya lhe devolveu o gesto, e apareceram sorrisos entre os elfos reunidos. O corvo branco saltou em sua cruzeta, gorjeando:

- E na porta gravaram para sempre o que após foi o lema familiar: “a partir de agora vamos nos adorar”.

- Cale-se, Blagden - disse Islanzadí ao corvo. - Guarde os comentários para si.

– A rainha se desprendeu do abraço e voltou-se para Eragon e Saphira. - Devem me perdoar por ser descortês e lhes ignorar, pois são nossos mais importantes convidados. Eragon levou uma mão aos lábios e logo dobrou a mão direita sobre o esterno, tal como lhe tinha ensinado Arya:

- *Islanzadí Dróttning. Atra constipei ono thelduin.*

Não lhe coube a menor duvida de que devia falar primeiro.

Islanzadí abriu de par em par seus olhos negros.

- *Atra du evarínya ono varda.*

- *Um atra mor'ranr lífa unin hjarta onr* - replicou Eragon, completando assim o ritual.

Notou que os elfos se surpreendiam do conhecimento que mostrava de seus costumes. Em sua mente, escutou Saphira repetir sua saudação à rainha. Quando a dragona terminou, Islanzadí perguntou:

- Como se chama, dragona?

Saphira.

Um brilho de reconhecimento apareceu no rosto da rainha, mas não fez nenhum comentário.

- Bem-vinda a Ellesméra, Saphira. E você, Cavaleiro?

- Eragon Assassino de Sombras, majestade.

Desta vez, uma agitação audível percorreu os elfos sentados atrás deles, inclusive Islanzadí parecia assustada.

- Tem um nome poderoso - disse com suavidade. - Não estamos acostumados a dá-lo o a nossos filhos... Bem-vindo a Ellesméra, Eragon Assassino de Sombras. Faz muito que lhe esperamos. - Avançou para Orik, saudou-o, retornou a seu trono e virou sobre um braço a capa de veludo. - Dou por feito, por sua presença entre nós, Eragon, tão pouco tempo depois da captura do ovo da Saphira, assim como pelo anel que leva na mão e a espada que há em seu cinto, que Brom morreu e que sua formação com ele não chegou a se completar. Quero ouvir

toda a história, incluída a queda do Brom e como conheceu minha filha, ou como ela conheceu você, conforme for. Logo escutarei que missão o traz aqui e o relato de suas aventuras, Arya, da emboscada no Du Weldenvarden.

Eragon tinha relatado suas experiências anteriormente, de modo que não teve problema para repeti-las à rainha. Nas poucas ocasiões em que sua memória falhava, Saphira pôde lhe contribuir a descrição exata dos acontecimentos. Em diversos momentos permitiu que fosse ela quem contasse. Quando terminaram, Eragon tirou de sua bolsa o pergaminho de Nasuada e o entregou a Islanzadí. A rainha tomou o pergaminho enrolado, rompeu o selo vermelho de cera e, ao terminar de ler a carta, suspirou e fechou brevemente os olhos.

- Agora vejo a profundidade de minha estupidez. Minha dor teria terminado muito antes se não tivesse retirado meus soldados e ignorado os mensageiros de Ajihad quando soube que tinham emboscado Arya. Nunca teria que ter culpado os varden por sua morte. Apesar da minha idade avançada, ainda sou muito estúpida... Seguiu-se um longo silêncio, pois ninguém se atreveu a mostrar-se de acordo ou contra. Invocando sua coragem, Eragon disse:

- Como Arya retornou viva, aceitará ajudar os varden como antes? Caso contrário, Nasuada não pode triunfar. E eu jurei apoiar sua causa.

- Minha contenda com os varden já é pó no vento - disse Islanzadí. - Não tema, nós a ajudaremos como fizemos antigamente e mais ainda graças a você e a sua vitória sobre os urgals. - inclinou-se para frente apoiada em um braço. – Me dá o anel de Brom, Eragon? - Sem hesitar, ele tirou o anel e o ofereceu à rainha, que o tirou da palma de sua mão com seus dedos magros. - Não deveria havê-lo levado, Eragon, pois não foi feito para você. Entretanto, pela ajuda que prestou aos varden e a minha família, nomeio-te Amigo dos Elfos e te confiro este anel, Arem, de modo que todos os elfos, em qualquer lugar que vá, saberão que merece sua confiança e sua ajuda. Eragon agradeceu e voltou a ficar com o anel, muito consciente do olhar fixo da rainha, que seguia estalado nele com uma inquietante acuidade para estudá-lo e analisá-lo. Sentia-se como se ela soubesse algo que fosse fazer ou dizer.

- Faz muitos anos que não recebemos notícias como as suas no Du Weldenvarden. Estamos acostumados a um estilo de vida mais lento que no resto da Alagaésia, e me inquieta que possam ocorrer tantas coisas tão rapidamente sem chegar a meus ouvidos.

- E minha formação?

Eragon lançou um olhar furtivo aos elfos sentados, perguntando-se qual deles seria Togira Ikonoka, o ser que tinha entrado em contato com sua mente e tinha lhe liberado da terrível influência da Durza depois da batalha do Farthen Dür, o mesmo que lhe tinha animado a viajar até a Ellesméra.

- Começará em seu devido momento. Entretanto, temo que instruí-lo seja inútil enquanto persista sua enfermidade. Salvo que consiga superar a magia da Sombra, ficará reduzido à condição de boneco. Talvez ainda seja útil, mas só como sombra da esperança que temos

cultivado durante mais de um século. - Islanzadí falava sem recriminações, mas suas palavras golpearam a Eragon como uma martelada. Sabia que tinha razão. - Não é culpado de sua situação, e me dói dizer estas coisas, mas deve entender a gravidade de sua incapacidade... Sinto muito.

Logo, Islanzadí se dirigiu a Orik:

- Muito passou desde que o último dos seus entrou em nossos salões, anão. Eragon-finiarel explicou sua presença, mas tem algo que acrescentar?

- Só uma saudação de meu rei, Hrothgar, e o pedido, já desnecessário, de que reate o contato com os varden. Além disso, estou aqui para me assegurar que se honre o pacto que Brom forçou entre vocês e os humanos.

- Nós cumprimos nossas promessas, tanto se as pronunciamos nesta linguagem como na antiga. Aceito as saudações do Hrothgar e os devolvo do mesmo modo. - Finalmente, tal como Eragon estava seguro de que desejava fazer desde que chegaram, Islanzadí olhou para Arya e perguntou: - Bom, filha, o que aconteceu com você?

Arya começou a contar, em um tom contínuo, primeiro sua captura e logo seu longo cativeiro e tortura no Gil'ead. Saphira e Eragon tinham oculto deliberadamente os detalhes de seus abusos, mas Arya não parecia encontrar dificuldade em recontar aquilo ao que se viu submetida. Suas descrições, carentes de emoção, provocaram em Eragon a mesma raiva que a primeira visão de suas feridas provocaram. Os elfos permaneceram em completo silêncio durante todo o relato de Arya, embora agarrassem as espadas e seus rostos se endurecessem com finas rugas de raiva fria. Uma só

lágrima rodou pela bochecha do Islanzadí.

Logo, um ágil cavalheiro dos elfos caminhou sobre a musgosa grama que ficava entre as cadeiras.

- Sei que falo por todos nós, Arya Dróttningu, ao dizer que meu coração arde de pena por seus sofrimentos. É um crime sem perdão, mitigação ou reparação possível, e Galbatorix deve ser castigado por ele. Além disso, estamos em dívida contigo por manter a localização de nossas cidades oculta à Sombra. Poucos de nós teríamos resistido tanto tempo.

- Obrigado, Dáthedr-vor.

Logo Islanzadí falou, e sua voz ressoou como um sino entre as árvores.

- Basta. Nossos convidados esperam de pé e estão cansados, e levamos muito tempo falando de coisas ruins. Não permitirei que se estrague a ocasião por nos apegarmos às feridas do passado. - Um glorioso sorriso iluminou seu rosto. - Minha filha retornou, apareceram uma dragona e seu Cavaleiro, e quero que celebremos isso de modo adequado.

Levantou-se, alta e magnífica com sua túnica carmesim, e deu uma palmada. Depois desse som, cobriram as cadeiras e o pavilhão centenas de lírios e rosas que caíam de seis metros mais acima como coloridos flocos de neve e encheram o ar de sua densa fragrância.

Não usou a linguagem antiga -observou Eragon.

Deu-se conta de que, enquanto todo mundo estava ocupado com as flores, Islanzadí tocava gentilmente Arya em um ombro e murmurava em um tom quase inaudível:

- Não teria sofrido tanto se tivesse seguido meu conselho. Tinha razão quando me opus a sua decisão de aceitar o yawé.

- Era minha decisão.

A rainha se deteve e logo assentiu e estendeu um braço.

- Blagden.

Com um bater as asas, o corvo voou desde seu cabide e aterrissou em seu ombro esquerdo. Todos os membros da assembléia fizeram uma reverência enquanto Islanzadí avançava para o fundo do salão e abria a porta para que entrassem as centenas de elfos que estavam fora, depois do qual pronunciou uma breve declaração na linguagem antiga que Eragon não entendeu. Os elfos soltaram vivas e puseram-se a correr em todas direções.

- O que foi dito? - sussurrou Eragon ao Narí.

Este sorriu.

- Que abram nossos melhores tonéis e acendam as fogueiras para cozinhar, porque esta será uma noite de festas e canções. Venha!

Tomou Eragon pela mão e atirou-se atrás da rainha, que se abria caminho entre os emaranhados de pinheiros e os brotos de frios musgos. Enquanto eles tinham estado encerrados, o sol tinha descido no céu, empapando o bosque com uma luz âmbar que se aferrava às árvores e às plantas como uma capa de graxa brilhante. *Suponho que você tenha percebido* -disse Saphira - *que Evandar, o rei mencionado por Lifaen, deve ser o pai da Arya.*

Eragon esteve a ponto de tropeçar.

Tem razão... Isso significa que Galbatorix o matou , ou talvez os Apóstatas. Círculos encerrados em círculos.

Detiveram-se na crista de uma pequena colina, onde um grupo de elfos tinha instalado uma larga mesa sobre cavaletes, rodeada de cadeiras. Em torno deles, o bosque vibrava de atividade. À medida que se aproximava o anoitecer, o alegre brilho das fogueiras parecia

pulverizar-se por toda Ellesméra, começando por uma fogueira acesa perto da mesa.

Alguém passou para Eragon uma taça feita da mesma madeira estranha que tinha descoberto no Ceris. Bebeu seu licor claro e logo arquejou ao notar que lhe ardia a garganta.

Tinha sabor de cidra mesclada com hidromel. A poção lhe provocou um comichão nas pontas dos dedos e nas orelhas, assim como uma maravilhosa sensação de claridade.

- O que é isto? - perguntou a Narí.

Este se pos a rir.

- O faelnirv? Nós o destilamos a partir de bagos de uvas e fiapos de raios de lua. Se for necessário, um homem forte pode manter-se viajando por três dias sem consumir outra coisa.

Saphira, você precisa prová-lo.

Ela cheirou a taça, abriu a boca e permitiu que Eragon lhe jogasse o resto do faelnirv. Abriu muito os olhos e agitou a cauda.

Que satisfação! Tem mais?

Antes que Eragon pudesse responder, Orik se plantou ante eles com passos fortes.

- A filha da rainha... - resmungou, meneando a cabeça. - Oxalá pudesse contar ao Hrothgar e a Nasuada. Adorariam saber.

Islanzadí se sentou em uma cadeira de respaldo alto e deu outra palmada. Do interior da cidade saiu um quarteto de elfos com instrumentos musicais. Os primeiros levavam duas harpas de madeira de cerejeira, o terceiro, um jogo de flautas de cano, e a quarta, tão somente sua voz, que aplicou imediatamente a uma canção brincalhona que logo dançou em seus ouvidos.

Eragon entendia uma de cada três palavras, mas o que entendeu lhe provocou um sorriso. Era a história de um cervo que não podia beber em um lago porque um passarinho não deixava de lhe incomodar.

Enquanto escutava, Eragon olhou ao redor e descobriu uma menina que rondava atrás da rainha. Quando voltou a olhá-la, viu que sua cabeleira avultada não era prateada, como a de muitos elfos, a não ser branqueada pela idade, e tinha o rosto murcho e repleto de rugas como uma maçã seca. Não era uma elfa, nem uma anã, nem sequer - conforme pareceu a Eragon - humana. Sorriu-lhe, e Eragon acreditou ter visto uma fila de dentes afiados.

Quando a cantora se calou as flautas e alaúdes encheram o silêncio, Eragon viu que se aproximavam dele montões de elfos que queriam conhecê-lo e, conforme observou, mais ainda a Saphira. Os elfos se apresentavam com leves reverências e tocavam os lábios com os dedos

indicadores e o coração, ao que Eragon respondia com o mesmo gesto, entre infinitas repetições das fórmulas para a saudação na linguagem antiga. Interrogavam Eragon com educadas perguntas a respeito de seus gestos, mas reservavam o grosso da conversação para Saphira. A princípio, Eragon gostou de deixar que Saphira falasse, pois era o primeiro lugar em que alguém se interessava por conversar com ela. Mas logo se aborreceu de que o ignorassem, acostumou-se a que as pessoas lhe escutassem. Sorriu compungido, desanimado ao comprovar em que medida tinha chegado a dar por certa a atenção de outros desde que se unisse aos varden, e se obrigou a relaxar e desfrutar da celebração.

Pouco demorou o aroma da comida em impregnar aquele claro, e apareceram os elfos carregados com bandejas cheias de delicadezas. Além das fogaças de pão quente e pilhas de pequenos bolos redondos de mel, todos os outros pratos eram de fruta, verduras e bagos. Sobretudo preponderavam os bagos em todas as suas formas: de uma sopa de arándanos até o molho de framboesa, passando por uma geléia de amoras. Havia uma terrina de maçãs cortadas, empapadas em xarope e adornadas com morangos selvagens junto a um bolo de cogumelos cheio de espinafres, tomilho e groselhas.

Não havia nada de carne, pescado ou aves, o qual surpreendia Eragon. No Carvahall e em qualquer outro lugar do Império, a carne era um símbolo de status e de luxo. Quanto mais ouro tivesse, mais freqüentemente podia se permitir comer vitela e outras carnes. Inclusive a nobreza menor consumia carne em todas as ocasiões. O

contrário era sinal de déficit em seus cofres. E entretanto, os elfos não adotavam essa filosofia, apesar da sua óbvia riqueza e à facilidade de caçar por meio da magia. Os elfos se aproximaram da mesa com um entusiasmo que surpreendeu Eragon. Logo estiveram todos sentados: Islanzadí à cabeça com Blagden, o corvo, Dáthedr a sua esquerda, Arya e Eragon a sua direita, Orik em frente a eles, e logo todos os outros, incluídos Narí e Lifaen. No outro extremo da mesa não havia nenhuma cadeira, só um enorme prato esculpido para Saphira.

À medida que o jantar avançava, tudo se dissolveu em torno de Eragon em uma bruma de bate-papo e alvoroço. Estava tão apanhado pela festa que perdeu a consciência do tempo e só ouvia as risadas e as palavras daquele idioma alheio que revoavam sobre sua cabeça, assim como o quente brilho que o faelnirv deixava em seu estômago. A escorregadia música de suas harpas que sussurrava nas bordas de sua capacidade auditiva e lhe provocava estremecimentos de excitação no flanco. De vez em quando se distraía com o preguiçoso olhar rasgado da mulher-menina, que parecia concentrar-se nele com uma obcecada intensidade, inclusive enquanto comia. Aproveitando uma pausa na conversação, Eragon se voltou para Arya, que logo que tinha pronunciado uma dúzia de palavras. Não disse nada, limitou-se a olhá-la e a perguntar-se quem era realmente.

Arya se agitou.

- Nem sequer Ajihad sabia.

- O que?

- Fora do Du Weldenvarden, não confessei minha identidade a ninguém. Brom a conhecia porque me conheceu aqui, mas a manteve em segredo a meu pedido. Eragon se perguntou se estava contando por cumprir com um dever ou porque se sentia culpada por haver enganado a ele e a Saphira.

- Brom disse uma vez que o que os elfos calavam era mais importante que o que diziam.

- Ele nos entendia bem.

- Mas por que? Aconteceria algo se alguém soubesse?

Desta vez foi Arya quem hesitou.

- Quando saí da Ellesméra, não queria que me recordassem minha posição. Tampouco parecia relevante para minha tarefa com os varden e os anões. Não tinha nada que ver com a pessoa em que me tinha convertido... Com quem sou agora. Olhou à rainha.

- Você poderia ter dito a Saphira e a mim.

Arya pareceu torcer o gesto ao perceber uma recriminação em sua voz.

- Não tinha nenhuma razão para suspeitar que minha relação com o Islanzadí

tinha melhorado, e lhes dizer isso não teria mudado nada. Meus pensamentos são só

meus, Eragon.

Este se ruborizou pela alusão: por que tinha que confiar ela, diplomática, princesa, elfa e maior que ele, seu pai e seu avô juntos, quaisquer pessoas que estes fossem, que era um humano de dezessete anos?

- Ao menos - murmurou - se acertou com sua mãe.

Ela mostrou um estranho sorriso.

- Acaso tinha outra opção?

Nesse momento, Blagden saltou do ombro do Islanzadí e brincou de correr pela mesa, agachando a cabeça a ambos os lados em um arremedo de reverência. deteve-se ante Saphira, soltou uma tosse áspera e grasnou:

Os dragões têm garras

Para atacar a degola.

Os dragões têm pescoço

Igual às jarras.

Use-as para beber o corvo,

Enquanto o dragão se come um cervo!

Os elfos ficaram quietos com expressão mortificada enquanto esperavam a reação da Saphira. Depois de um longo silencio, a dragona elevou a vista de seu bolo de marmelo e soltou uma nuvem de fumaça que envolveu Blagden. *Também como passarinhos* -disse projetando seu pensamento de modo que todos ouvissem.

Ao fim os elfos puseram-se a rir, enquanto Blagden cambaleava para trás, grasnando indignado e batendo as asas para limpar o ar.

- Devo pedir perdão pelos versos malvados de Blagden - disse Islanzadí. - Sempre teve a língua luxuriosa, apesar de nossos esforços por domá-la. *Desculpas aceitas* -disse Saphira com calma, e retornou a seu bolo.

- De onde ele veio? - perguntou Eragon, desejoso de encontrar um tema de conversação mais cordial com Arya, mas levado também pela curiosidade.

- Blagden - explicou Arya - salvou, em uma ocasião, a vida de meu pai. Evandar lutava com um urgal quando tropeçou e perdeu a espada. Antes que o urgal pudesse atacar, um corvo voou para ele e lhe bicou os olhos. Ninguém sabe por que o fez, mas a distração permitiu a Evandar recuperar o equilíbrio e ganhar a batalha. Como meu pai sempre foi generoso, deu as graças ao corvo com a bênção de um feitiço que lhe concedia inteligência e uma larga vida. Entretanto, a magia teve dois efeitos que não tinha previsto: Blagden perdeu toda a cor de suas plumas e ganhou a habilidade de predizer certos sucessos.

- É capaz de ver o futuro? - perguntou Eragon, assombrado.

- Vê-lo? Não. Mas talvez possa sentir o que vai ocorrer. Em qualquer caso, também fala com resíduos, a maioria dos quais só são um montão de tolices. Lembrese que se Blagden se aproximar e disser algo que não seja uma piada ou um trocadilho, fará bem em não levá-lo em conta.

Quando o jantar terminou, Islanzadí se levantou - provocando um revôo de atividade porque todos se apressaram a imitá-la - e disse:

-É tarde, estou cansada e quero retornar a meus ramos. Me acompanhem, Saphira e Eragon, e lhes mostrarei onde podem dormir esta noite. A rainha assinalou a Arya com uma mão e abandonou a mesa. Arya a seguiu. Enquanto rodeava a mesa com Saphira, Eragon se deteve ante a mulhermenina, apanhado por seus olhos selvagens. Todos os elementos de sua aparência física, desde seus olhos até a emaranhada cabeleira, passando pelas presas brancas, despertaram a memória do Eragon.

- É uma mulher gata, verdade? - Ela pestanejou uma vez e mostrou os dentes em um sorriso perigoso. - Conheci um dos seus, Solembum, no Teirm e Farthen Dür. O

sorriso se tornou mais aberto.

- Sim. Um bom elemento. Me aborrecem os humanos, mas a ele parece divertido viajar com a Angela, a bruxa.

Logo desviou o olhar para Saphira e soltou um profundo murmúrio de avaliação, metade grunhido, metade ronrono.

Como te chama? -perguntou Saphira.

- Os nomes são poderosos no coração do Du Weldenvarden, dragona, sim que o são. De qualquer maneira..., entre os elfos me conhecem como a Vigilante, Garra Rápida e a Bailarina de Sonhos, mas para você posso ser Maud. - Meneou sua cabeleira de rígidas mechas brancas. - Será melhor que sigam à rainha, jovenzinhos, não se toma à ligeira aos parvos e aos lentos.

- Foi um prazer conhecê-la, Maud - disse Eragon. Fez uma reverência e Saphira abaixou a cabeça. Eragon olhou para Orik, perguntando-se aonde o levariam, e logo seguiu Islanzadí.

Alcançaram a rainha justo quando esta se detinha junto à base de uma árvore. No tronco havia uma delicada escada incrustada que subia em espiral até uma série de habitações globulares suspensas na coroa da árvore por ramos abertos em leque. Islanzadí elevou uma mão com elegância e assinalou a construção elevada.

- Você tem que subir voando, Saphira. Quando cresceram as escadas, ninguém pensava em dragões. - Logo se dirigiu ao Eragon. - Aí é onde dormia o líder dos Cavaleiros de Dragões quando estava na Ellesméra. Cedo-lhe isso agora, pois é o único herdeiro de dito título... É sua herança.

Antes que Eragon pudesse agradecer-lhe a rainha avançou deslizando-se e se foi com a Arya, que sustentou o olhar de Eragon um longo momento antes de desaparecer nas profundezas da cidade.

Vamos ver que tipo de emprego nos prepararam ? -perguntou Saphira. Elevou-se de um salto e rodeou a árvore em um círculo fechado, equilibrandose com a ponta de uma asa, perpendicular ao chão. Quando Eragon deu o primeiro passo, viu que Islanzadí havia dito a verdade, as escadas e a árvore eram uma só. Sob seus pés, a casca estava suave e lisa pelos muitos elfos que a tinham pisado, mas seguia formando parte do tronco, igual ao balaústre de persiana retorcida que ficava a seu lado e o corrimão curvado que deslizava sob sua mão direita.

Como as escadas estavam desenhadas baseadas na força dos elfos, Eragon não estava acostumado a uma ascensão tão pronunciada e logo começaram a lhe arder as coxas e as panturrilhas. Ao chegar acima - depois de penetrar por uma rampa do chão de uma das

habitações, - respirava com tal força que teve que descansar as mãos nos joelhos e dobrar a cintura para respirar. Uma vez recuperado, estirou o corpo e examinou em torno.

Estava em um vestíbulo circular com um pedestal no centro, do qual saía uma escultura que representava dois antebraços, com suas respectivas mãos, que ascendiam rodeando-se em espiral sem chegar a tocar-se. Três portas de telas saíam do vestíbulo: alguém dava a uma cozinha austera onde caberiam pelo menos dez pessoas, outra, a um armário com um buraco no chão que Eragon não soube discernir utilidade alguma, a última, a um dormitório que se abria sobre a vasta extensão do Du Weldenvarden.

Eragon agarrou uma lanterna encaixada no teto e, ao entrar no dormitório, fez com que uma grande quantidade de sombras saltassem e revoassem como bailarinos amalucados. Na parede exterior havia um buraco com forma de lágrima e de tamanho suficiente para que entrasse por ele um dragão. Na habitação havia uma cama, situada de tal modo que dela, curvado de barriga para cima, poderia contemplar o céu e a lua, uma chaminé de uma madeira cinza que ao tato parecia dura e fria como o aço, como se o lenho estivesse comprimido até alcançar uma densidade nunca vista, e um soalho enorme, de bordos baixos, instalada no chão e cheia de suaves mantas, para que Saphira dormisse.

Enquanto Eragon olhava tudo, Saphira riscou um círculo para baixo e aterrissou na borda da parte aberta, com as escamas reluzentes como uma constelação de estrelas azuis. Depois dela, os últimos raios de sol se esparramavam pelo bosque e pintavam os montes e colinas com uma bruma ambarina que fazia brilhar a vegetação como se fosse de ferro incandescente e perseguia as sombras para expulsá-las para o horizonte violeta. Daquela altura, a cidade parecia uma série de buracos na volumosa cobertura do bosque, ilhas de calma em um oceano inquieto. O verdadeiro tamanho da Ellesméra ficava agora revelado, estendia-se vários quilômetros a oeste e a norte. *Se Vrael vivia assim normalmente, respeito ainda mais os Cavaleiros* -disse Eragon. - *É muito mais sensível do que esperava.*

Toda a estrutura balançou ligeiramente em resposta a um sopro do vento. Saphira cheirou as mantas.

Ainda temos que ver Vroengard - advertiu-lhe, embora Eragon notasse que estava de acordo com ele.

Enquanto fechava a porta de tecido do dormitório, viu com a extremidade do olho algo que lhe tinha escapado na primeira inspeção: uma escada espiral que se enroscava para subir em torno de uma chaminé de madeira escura. Subiu cautelosamente, com a tocha a frente, passo a passo.

Depois de uns seis metros, saiu em um estúdio mobiliado com um escritório - cheio de plumas, tinta e papel, embora sem pergaminhos - e outro recanto para o descanso de um dragão. Também na parede do fundo havia uma abertura para que entrasse um dragão.

Saphira, venha ver isto.

Como?

Por fora.

Eragon se encolheu ao ver que uma capa de casca se estilhaçava e sob as garras da Saphira quando esta abandonou de rastros seu leito para subir ao estúdio. *Satisfeita?* - perguntou-lhe quando chegou.

Saphira o olhou com seus olhos de safira e logo se dedicou a estudar as paredes e os móveis.

Pergunto-me –disse - *como fazem para conservar o calor com estas paredes abertas.*

Não sei.

Eragon examinou as paredes ao outro lado da abertura, passando as mãos sobre as formas abstratas arrancadas da árvore por meio das canções dos elfos. deteve-se ao notar um saliente vertical incrustado na casca. Puxou-o e saiu uma membrana diáfana da parede, como se tivesse sido tirada de um carretel. Passou-a sob o portal e encontrou uma segunda fenda em que encaixar o bordo do tecido. Assim que esteve encaixada, o ar se espessou e se esquentou notavelmente. *Aí tem sua resposta* -disse.

Soltou o tecido, que se recolheu soltando leves chicotadas de um lado a outro. Quando retornaram ao dormitório, Eragon desfez sua bolsa enquanto Saphira se enroscava em seu assoalho. Dispôs com cuidado seu escudo, os protetores de antebraços e pernas, a touca e o elmo, e logo tirou a túnica e a camisa de malha, com a parte traseira de pele. Sentou-se na cama com o peito nu e estudou os elos engordurados, surpreso pela semelhança com as escamas da Saphira. *Conseguimos* -disse desconcertado.

Foi uma longa viagem... mas sim, conseguimos. Tivemos sorte de que não nos golpeasse a desgraça pelo caminho.

Eragon assentiu.

Agora saberemos se valia a pena. Às vezes me pergunto se não teríamos aproveitado melhor o tempo ajudando os varden.

Eragon! Sabe que necessitamos de mais instrução. Brom teria querido assim. Além disso, merecia a pena vir até aqui só pela Ellesméra e Islanzadí. Talvez -ao fim, perguntou -: *O que acha de tudo isto?*

Saphira abriu um pouco as faces para mostrar os dentes.

Não sei. Os elfos têm ainda mais segredos que Brom e são capazes de fazer com a magia coisas que eu não acreditava possíveis. Não tenho idéia de que métodos usam para que suas árvores adotem estas formas, nem como fez Islanzadí para que aparecessem essas flores. Parece-me totalmente incompreensível. Para Eragon era um alívio comprovar que não era o único que se sentia aflito. *E Arya?*

O que acontece ela?

Bom, agora sabe quem é.

Ela não mudou, só sua percepção de quem é.

Saphira cacarejou na profundidade de sua garganta, com um som como de pedras entrechocadas, e logo apoiou a cabeça nas patas dianteiras. Já brilhavam as estrelas no céu, e o suave ulular dos burros flutuava pela Ellesméra. Todo mundo estava em calma e silêncio, como se desaparecesse no sonho de uma noite líquida.

Eragon se arrastou sob os sedosos lençóis e estendeu uma mão para apagar a tocha, mas se deteve escassos centímetros. Ali estava: na capital dos elfos, a mais de trinta metros de altura, deitado na cama que em outro tempo ocupará Vrael. Pensar nisso era muito.

Rodou para levantar-se, agarrou a tocha com uma mão e a Czar'roc com a outra e surpreendeu Saphira ao aproximando-se de rastros no seu assoalho e deitar-se em seu flanco quente. Ela ronronou e o tampou com uma asa de veludo enquanto ele apagava a tocha e fechava os olhos.

Juntos na Ellesméra dormiram larga e profundamente.

Do passado

Eragon despertou ao amanhecer, bem descansado. Apoiou uma mão nas costelas da Saphira, e ela elevou a asa. Passou-se as mãos pelo cabelo, caminhou para o precipício que circundava a habitação e se apoiou em uma parede lateral, notando a rugosa casca no ombro. Abaixo, o bosque refulgia como se fosse um campo de diamantes porque cada árvore refletia a luz da manhã com milhões de gotas de orvalho.

Deu um salto de surpresa ao notar que Saphira passava junto a ele, retorcendo-se como uma broca para subir para a coberta do bosque até que conseguiu elevar-se e riscar círculos no céu, rugindo de alegria.

Bom dia, pequenino.

Eragon sorriu, feliz de que ela estivesse contente.

Abriu a porta da habitação e encontrou duas bandejas de comida-fruta, que alguém tinha deixado junto ao dintel durante a noite. Ao lado das bandejas havia um fardo de roupa com uma nota escrita em um papel. Eragon custou para decifrar a fluida escritura, pois levava mais de um mês sem ler e tinha esquecido algumas letras, mas ao fim entendeu o que dizia:

Saudações, Saphira Bjartskular e Eragon Assassino de Sombras. Eu, Bellaen, da Casa Miolandra, com toda a humildade peço perdão, Saphira, por esta comida insatisfatória. Os elfos não caçam, e não há maneira de obter carne na Ellesméra, nem em nenhuma de nossas outras cidades. Se desejar, pode fazer como os dragões estavam acostumados antigamente e

caçar o que te quiser no Du Weldenvarden. Só lhe pedimos que abandone suas partes no bosque para que nosso ar e nossa água permaneçam limpos de sangue.

Eragon, a roupa é para você. Niduen, da casa do Islanzadí, a teceu e lhe dá

de presente.

Que a boa fortuna governe seus dias,

A paz se aninhe em seu coração

E as estrelas vigiem seu caminho.

Bellaen du Hljódhr

Quando Eragon leu a mensagem a Saphira, esta respondeu:

Não importa, depois do jantar de ontem, posso ficar um tempo sem comer nada. -Entretanto, tinha tragado alguns quantos bolos de sementes-. *Só para não parecer mal educada* -explicou.

Quando terminaram de tomar o café da manhã, Eragon levou o fardo de roupa até sua cama, o desfez com cuidado e encontrou duas túnicas largas e avermelhadas, bordadas com verde de amoras, um jogo de meias-calças para esquentar as panturrilhas e três pares de meias tão suaves que lhe pareceram líquidos ao tato quando os percorreu com as mãos. A qualidade do tecido teria envergonhado os bichotesouras do Carvahall, assim como a quem tinha tecido a roupa de anão que vestia até

então.

Eragon agradeceu as novas vestimentas. Sua própria túnica e suas bombachas estavam por desgraça desgastados pela viagem, depois de semanas de exposição à chuva e ao sol desde que saíram do Farthen Dür. Despiu-se, cobriu-se com uma das luxuosas túnicas e desfrutou de sua textura sedosa. Acabava de amarrar as botas quando alguém bateu na porta da habitação.

- Entre - disse, enquanto agarrava a Czar'roc.

Orik apareceu e logo entrou com cuidado, comprovando que chão resistisse sob seus passos. Olhou o teto:

- Sempre preferirei uma cova, em vez de um destes ninhos de pássaro. Que tal foi a noite, Eragon? E você, Saphira?

- Bastante bem. E você? - perguntou Eragon.

- Dormi como uma rocha. - O anão soltou uma risada pela piada que acabava de fazer e logo afundou o queixo na barba e tocou a cabeça de seu machado. - Como vejo que já comeu, vou

pedir que me acompanhe. Arya, a rainha e um montão de elfos lhe esperam na base da árvore. - Cravou os olhos em Eragon com um olhar de mau gênio. - Está acontecendo algo que não nos contaram. Não estou seguro do que querem de você, mas é importante. Islanzadí está tensa como um lobo esquecido... Pareceu-me que devia te avisar de antemão.

Eragon lhe agradeceu e logo os dois desceram pelas escadas enquanto Saphira deslizava até o chão pelo ar. Ao chegar ao chão, foram recebidos por Islanzadí, embelezada com um manto de alvoroçadas plumas de cisne que pareciam neve de inverno empilhada no peito de um cardeal. Saudou-os e acrescentou:

- Sigam-me.

O caminho os levou a bordo da Ellesméra, onde havia poucos edifícios e os caminhos, de pouco usados, apenas se viam. Na base de um montículo arborizado, Islanzadí se deteve e anunciou com voz terrível:

- Antes de prosseguir, os três devem jurar no idioma antigo que nunca falarão com estranhos do que vão ver, ao menos não sem minha permissão, ou de minha filha ou o de quem nos suceda no trono.

- E por que devo me amordaçar eu mesmo? - perguntou Orik.

Por que isso?-disse Saphira. - *Não confiam em nós?*

-Não é questão de confiança, mas sim de segurança. Temos que proteger este conhecimento a qualquer custo, pois é nossa maior vantagem sobre Galbatorix, e se estiverem comprometidos pelo idioma antigo, nunca revelarão o segredo voluntariamente. Orik-vodhr, você veio fiscalizar a formação do Eragon. Se não me der sua palavra, pode voltar para Farthen Dür.

Ao fim, Orik respondeu:

- Acredito que não desejam nenhum mal aos anões nem aos varden, senão, em nenhum caso aceitaria prometer. E entendo pela honra de sua família e de seu clã

que isto não é uma trama para nos enganar. Me explique o que tenho que dizer. Enquanto a rainha ensinava a Orik a correta pronúncia da frase desejada, Eragon perguntou a Saphira:

Devo fazê-lo?

Temos outra opção?

Eragon recordou que Arya tinha lhe perguntado o mesmo no dia anterior e começou a pressentir o que queria dizer: a rainha não deixava espaço para manobrar. Quando terminou Orik, Islanzadí olhou para Eragon. Este hesitou, mas ao fim pronunciou o juramento, assim como Saphira.

- Obrigado - disse Islanzadí. - Agora podemos continuar.

No alto do montículo, as árvores cediam seu lugar a um leito de trevos vermelhos que se estendiam uns quantos metros até a borda de um precipício de pedra. O precipício se alargava cinco quilômetros em cada direção e caía uns trezentos metros para o bosque, que logo se estendia até fundir-se com o céu. Parecia estivam no limite do mundo e contemplavam uma infinita vastidão de bosques.

“Conheço este lugar”, deu-se conta Eragon, recordando sua visão da Togira Ikonoka.

Zum. O ar tremeu pela força da sacudida.

Zum. Outro golpe seco e os dentes de Eragon tocaram castanholas. Zum. Tampou os ouvidos com os dedos para protegê-los da pressão daquelas lanças. Os elfos permaneciam imóveis.

Zum. Os trevos se arquearam sob uma repentina rajada de vento. Zum. Da parte baixa do precipício ascendeu um enorme dragão dourado com um Cavaleiro às suas costas.

Condenação

Roran fulminou Horst com o olhar. Estavam na habitação de Baldor. Roran estava sentado na cama, escutando o ferreiro, que dizia:

- O que esperava que fizesse? Quando você desmaiou, não pudemos atacar. Além disso, os homens não estavam em condições de lutar. Não pode lhes culpar. Eu mesmo estive a ponto de morder a língua quando vi esses monstros. - Horst agitou no ar sua desordenada cabeleira. - Arrastaram um desses contos antigos, Roran, e isso eu não gosto nada. - Roran permanecia com expressão pétrea. - Olhe, pode matar os soldados se quiser, mas antes tem que recuperar as forças. Terá muitos voluntários, as pessoas confiam em você para lutar, sobretudo desde que ontem derrotou aqui os soldados.

Ao ver que Roran continuava calado, Horst suspirou, deu-lhe uma palmada no ombro bom e abandonou a habitação, fechando a porta detrás de si. Roran nem sequer pestanejou. Em sua vida, até então, só lhe tinham importado três coisas: sua família, seu lar no vale do Palancar e Katrina. No ano anterior tinham aniquilado a sua família. A fazenda estava ruída e queimada, embora ainda restasse a terra, que era o mais importante.

Mas Katrina já não estava ali.

Um soluço afogado superou o nó de ferro que tinha na garganta. enfrentava um dilema que lhe rasgava as vísceras: a única maneira de resgatar Katrina era perseguir de algum modo os ra'zac e deixar para trás o vale de Palancar, mas não podia sair do Carvahall e abandonar os soldados. Nem podia esquecer Katrina.

“Meu coração ou meu lar”, pensou com amargura. Nenhuma das duas coisas tinha o menor valor sem a outra. Se matasse os soldados, só evitaria a volta dos ra'zac, acaso com Katrina.

Além disso, a matança não teria nenhum sentido se estavam a ponto de chegar reforços, pois sua aparição marcaria sem dúvida a derrota do Carvahall. Roran apertou os dentes porque do ombro enfaixado surgia uma nova onda de dor. Fechou os olhos. “Oxalá comam Sloan como comeram Quimby.” Nenhum destino lhe parecia muito terrível para o traidor. Roran o amaldiçoou com os mais escuros juramentos.

“Inclusive se pudesse abandonar o Carvahall, como ia encontrar os ra'zac?

Quem sabe onde vivem? Quem se atreveria a delatar os servos do Galbatorix?”

Enquanto se debatia com o problema, afligiu-o o desânimo. Imaginou-se em uma daquelas grandes cidades do Império, explorando sem rumo entre edifícios sujos e hordas de desconhecidos, em busca de uma pista, um espião, um pingo de seu amor. Não tinha sentido.

Um rio de lágrimas fluiu, e Roran dobrou a cintura, grunhindo pela força da agonia e do medo. Balançava-se, sem ver outra coisa que a desolação do mundo. Teve que passar um tempo infinito para que os soluços de Roran se convertessem em débeis gemidos de protesto. Secou os olhos e se obrigou a tomar uma profunda e tremente baforada de ar.

“Tenho que pensar”, disse para si mesmo.

Apoiou-se na parede e, impelido pela pura força de sua vontade, começou a dominar paulatinamente as emoções desobedientes, lutando com elas para submetêlas a única coisa que podia salvá-lo da loucura: a razão. O pescoço e os ombros tremiam pela violência de seus esforços.

Uma vez recuperado o controle, Roran ordenou cuidadosamente seus pensamentos, como um artesão que organizasse em fileiras todos os seus utensílios.

“Tem que haver uma solução escondida entre meus pensamentos, mas tenho que ser criativo.”

Não podia seguir os ra'zac pelo ar. Isso estava claro. Alguém teria que lhe dizer onde encontrá-los, entre todos aqueles a quem podia perguntar, talvez fossem os varden quem mais soubesse. Em qualquer caso, lhe custaria tanto encontrá-los como aos profanadores, e não podia perder tanto tempo na busca. Entretanto... Uma vozinha escondida em sua mente lhe recordou os rumores que tinha ouvido caçadores de peles e comerciantes, segundo os quais Surda apoiava em segredo os varden. Surda. O país ficava no fundo do Império, ou isso tinha ouvido Roran, pois nunca tinha visto um mapa da Alagaésia. Em condições ideais, chegar a cavalo custaria várias semanas, ou mais ainda se tinha que se esconder dos soldados. É obvio, o meio de transporte mais rápido seria um navio de vela que percorresse a costa, mas isso implicava deslocar-se até o rio Toark e logo até Teirm para encontrar um navio. Muito comprido. E seguia sem livrar-se dos soldados.

“Se pudesse, se fosse capaz , se conseguisse...”, murmurava, apertando uma e outra vez o punho esquerdo. O único porto ao norte do Teirm era Narda, mas para chegar a ele tinha que cruzar de ponta a ponta as Vertebradas, uma gesta que nem sequer os caçadores de peles

tinham superado.

Amaldiçoou em voz baixa. Era uma conjectura inútil. “Em vez de abandonar o Carvahall, deveria pensar na maneira de salvá-la.” Mas já tinha decidido que a aldeia e quem permanecesse nela estavam condenados. As lágrimas apareceram de novo em seus olhos. “Todos os que ficarem...”

“E...? E se todos os habitantes do Carvahall o acompanhassem a Narda e logo a Surda?” Assim cumpriria seus dois desejos de uma vez.

A audácia da idéia o deixou aturdido.

Era uma heresia, uma blasfêmia, acreditar que convenceria os fazendeiros a abandonarem seus campos, e os comerciantes suas lojas, e entretanto... E entretanto, que alternativa restava, além da escravidão ou da morte? Só os varden estariam dispostos a dar refúgio a fugitivos do Império, e Roran estava seguro de que os rebeldes adorariam dispor de todo um povo como novos recrutas, sobretudo aqueles que já se estrearam na batalha. Além disso, se levasse os aldeãos, obteria a confiança suficiente dos varden, que estariam dispostos a lhe revelar a localização dos ra'zac.

“Talvez isso explique por que Galbatorix esteja tão desesperado por capturar-me.”

Para que funcionasse o plano, entretanto, teria que pô-lo em marcha antes que as novas tropas chegassem ao Carvahall. Só sobravam uns poucos dias, para preparar a marcha de trezentas pessoas. Dava medo pensar na logística. Roran sabia que a razão não bastaria para persuadi-los, faria falta um ardor messiânico para agitar as emoções das pessoas, para obter que sentissem no mais profundo de seus corações a necessidade de renunciar a tudo quanto rodeava suas vidas e suas identidades. Tampouco bastaria limitar-se a instigar seu medo, pois sabia perfeitamente que o medo freqüentemente empurrava a lutar com mais determinação. Em lugar disso, tinha que lhes imbuir de um sentido, de um destino, para obter que os aldeãos acreditassem, como ele, que unir-se aos varden e oferecer resistência à tirania do Galbatorix era a ação mais nobre do mundo.

Fazia falta uma paixão capaz de não se ver intimidada pelas penúrias, dissuadida pelo sofrimento ou sufocada pela morte.

Roran viu mentalmente Katrina plantada ante ele, pálida e fantasmagórica, com seus solenes olhos ambarinos. Recordou o calor de sua pele, o aroma de seu cabelo e a sensação que lhe provocava estar com ela sob o manto da escuridão. Logo, em uma larga fila atrás dela apareceu a família de Roran, os amigos, todos seus conhecidos do Carvahall, vivos ou mortos. “Se não fosse por Eragon, e por mim, os ra'zac não teriam vindo jamais. Devo resgatar à aldeia do Império, assim como devo resgatar Katrina das mãos desses profanadores.”

Essa visão lhe deu energia para levantar-se da cama, embora lhe ardesse e ferroasse o ombro ferido. Cambaleou e se apoiou na parede. “Alguma vez poderei voltar a usar o braço direito?” Esperou que a dor cedesse. Ao ver que não cedia, cerrou os dentes, levantou-se de um

empurrão e saiu da habitação.

Elain estava pregando toalhas no vestíbulo. Surpresa, exclamou:

- Roran! O que está fazendo...?

- Venha - grunhiu ele ao passar ao seu lado, cambaleando.

Com um marcado gesto de preocupação, Baldor apareceu pela soleira.

- Roran, não deveria caminhar. perdeu muita sangue. Me deixe ajudá-lo a...

- Venham.

Roran ouviu que o seguiam enquanto descia pela escada de caracol para a entrada da casa, onde Horst e Albriech estavam falando. Olharam-no assombrados.

- Venham.

Ignorou a catarata de perguntas, abriu a porta dianteira e saiu sob a débil luz do anoitecer. No alto havia uma imponente massa de nuvens com encaixes de ouro e púrpura.

À cabeça do pequeno grupo, Roran avançou até o limite do Carvahall, repetindo sua mensagem de duas sílabas a qualquer homem ou mulher que cruzasse seu caminho. Arrancou da lama um tocha montada em uma vara, girou sobre si mesmo e percorreu o caminho até o centro do povoado. Ali plantou a tocha entre seus dois pés, elevou o braço esquerdo e rugiu:

- Venham!

A voz ressonou em todo o povoado. Seguiu chamando-os enquanto as pessoas saiam das casas e dos becos sombrios e começavam a reunir-se em torno dele. Muitos tinham curiosidade, outros, pena, alguns, assombro, e outros, aborrecimento. Uma e outra vez, o canto de Roran chegou até o vale. Apareceu Loring, com seus filhos em fila atrás dele. Pelo lado contrário chegaram Birgit, Delwin e Fisk com sua mulher, Isold. Morn e Tara saíram juntos do botequim e se uniram ao grupo de espectadores.

Quando já tinha quase todo o Carvahall diante dele, Roran guardou silêncio e esticou o punho esquerdo de tal modo que lhe cravaram as unhas na palma. Katrina. Elevou a mão, abriu-a e mostrou a todo mundo as lágrimas encarnadas que gotejavam por seu braço.

- Isto - disse-lhes - é minha dor. Olhem bem, porque será nossa não derrotarmos a maldição que nos enviou o caprichoso destino. Prenderão seus amigos e parentes com correntes e os destinarão à escravidão em terras estrangeiras, ou os matarão ante seus olhos, pelos fios desumanos das armas dos soldados. Galbatorix semeará nossa terra com sal para que fique estéril para sempre. Eu vi acontecer. Caminhava de um lado a outro como um lobo enjaulado, com o cenho franzido, e meneava a cabeça. Tinha captado seu interesse. Agora precisava

avivá-los em um arrebatamento similar ao dele.

- Esses profanadores mataram meu pai. Meu primo se foi. Arrasaram minha fazenda. E minha prometida foi seqüestrada por seu próprio pai, que matou Byrd e traiu a todos. Comeram-se Quimby, incendiaram o celeiro e as casas de Fisk e Delwin. Parr, Wyglif, Ged, Bardrick, Farold, Vai, Garner, Kelby, Melkolf, Albem e Elmund: todos assassinados. Muitos estão feridos como eu e já não podem manter a suas famílias. Não tínhamos sofrimento suficiente a cada dia de nossa vida para arrancar o sustento da terra, submetidos aos caprichos da natureza? Não tínhamos suficiente obrigação de pagar impostos de ferro a Galbatorix, que nos faz agüentar estas torturas sem sentido?

Roran riu como um maníaco, uivou ao céu e escutou a loucura de sua própria voz. Na multidão ninguém se movia.

- Eu conheço a verdadeira natureza do Império e de Galbatorix: eles são o mal. Galbatorix é uma praga perversa para o mundo. Destruiu os Cavaleiros e terminou com a maior paz e prosperidade que jamais tínhamos desfrutado. Seus servos são demônios pestilentos que viram a luz em algum velho poço. Acaso Galbatorix se contenta em nos esmagar sob sua bota? Não! Quer envenenar toda Alagaésia para nos sufocar com sua capa de misérias. Nossos filhos e todos seus descendentes viverão à

sombra de sua escuridão até o fim dos tempos, convertidos em escravos, vermes, animais de cuja tortura obterá prazer. Salvo que... - Roran olhou com os olhos bem abertos para os aldeãos, consciente do controle que tinha obtido sobre eles. Ninguém se tinha atrevido jamais a dizer o que ele estava a ponto de dizer. Deixou que sua voz soasse grave na garganta. - Salvo que tenhamos a coragem de enfrentar ao mal. Lutamos contra os soldados e os ra'zac, mas isso não significa nada se morrermos sozinhos e nos esquecerem, ou se nos tirarem daqui em carretas como se fôssemos móveis. Não podemos ficar, e eu não vou permitir que Galbatorix destrua todo aquilo pelo que vale a pena viver. Antes de vê-lo triunfar, preferiria que me tirassem os olhos e me cortassem as mãos. Escolhi lutar! Escolhi me afastar da tumba e deixar que se enterrem nela meus inimigos!

“Escolhi abandonar o Carvahall. Cruzarei as Vertebradas e tomarei um navio em Nardá para chegar a Surda, onde me unirei aos varden, que levam décadas lutando para nos livrar desta opressão. - Os aldeãos pareciam impressionados pela idéia. - Mas não quero ir sozinho. Venham comigo. Venham comigo e aproveitem esta oportunidade de procurar uma vida melhor. Soltem os grilhões que lhes prendem a este lugar. - Roran assinalou a quem o escutava, passando o dedo de um a outro. - dentro de cem anos, o que nomes cantarão os lábios dos bardos? Horst... Birgit... Kiselt... Thane, recitarão nossas sagas. Cantarão a *Epopéia do Carvahall,* porque seremos o único povo com o valor suficiente para desafiar o Império.”

Lágrimas de orgulho brotavam dos olhos do Roran.

- Há algo mais nobre que apagar a mancha de Galbatorix da Alagaésia? Já

não viveríamos com medo de que nos destrocem as fazendas, ou de que nos matem e nos comam. O grão que colhemos seria para nós, salvo pelos restantes que enviaríamos como presente a algum rei justo. O ouro correria por nossos rios e arroios. Estaríamos a salvo, felizes e gordos! É nosso destino.

Roran elevou uma mão ante o rosto e fechou lentamente os dedos sobre as feridas ensangüentadas. Ficou curvado pelo braço ferido - e crucificado pelos olhares - e esperou alguma resposta a seu discurso. Ninguém se aproximou. Ao fim se deu conta de que queriam que seguisse, queriam saber mais da causa e o futuro que lhes havia descrito.

Katrina.

Então, enquanto a escuridão se apinhava mais à frente do raio de luz de sua tocha, Roran ficou rígido e começou a falar de novo. Não escondeu nada, só se esforçou para que entendessem o que pensava e sentia para que também eles pudessem compartilhar a sensação de responder a um propósito.

- Nossa era termina. Temos que dar um passo adiante e unir nosso destino ao dos varden se queremos viver em liberdade com nossos filhos. Falava com ira, mas ao mesmo tempo com doçura e sempre com aquela fervente convicção que mantinha em transe a sua audiência. Quando lhe terminaram as imagens, Roran olhou de frente seus amigos e vizinhos e disse:

- Partirei dentro de dois dias. Me acompanhem se quiserem, mas eu vou de qualquer forma.

Abaixou a cabeça e se afastou da luz.

No alto, a lua minguante brilhava depois da lente das nuvens. Uma leve brisa percorreu o Carvahall. Uma veleta de ferro rangeu em um telhado para seguir a direção do vento.

Birgit abandonou a multidão e caminhou até a tocha, elevando a barra de seu vestido para não tropeçar. Com expressão apagada, ajustou o xale.

- Hoje vimos... - deteve-se, meneou a cabeça e pôs-se a rir com um pouco de vergonha. - É difícil falar depois de Roran. Eu não gosto do seu plano, mas acredito que é necessário, embora por uma razão distinta: quero perseguir os ra'zac e vingar a morte de meu marido. Irei com ele. E me levarei meus filhos.

Também ela se afastou da luz.

Transcorreu um minuto em silêncio, e logo Delwin e sua mulher, Lenna, avançaram abraçados. Lenna olhou para Birgit e disse:

- Entendo sua necessidade, irmã. Nós também queremos vingança, mas queremos ainda mais que nossos filhos estejam a salvo. Por essa razão iremos também com ele.

Diversas mulheres cujos maridos tinham sido assassinados deram um passo a frente e se

mostraram de acordo.

Os aldeãos murmuravam entre eles, mas logo ficaram quietos e calados. Ninguém parecia se atrever a falar do assunto: era muito repentino. Roran entendeu. Ele mesmo necessitava de tempo para digerir as implicações. Ao fim, Horst se adiantou para a tocha e olhou a chama com rosto concentrado.

- Já não serve de nada ficar falando... Necessitamos de tempo para pensar. Cada homem deve decidir por si mesmo. Amanhã... Amanhã será outro dia. Possivelmente então tudo esteja mais claro.

Depois de menear a cabeça, levantou a tocha, virou-a e a cravou no chão para apagá-la, deixando a todos com a luz da lua como única guia para encontrar o caminho de volta para casa.

Roran se uniu a Albriech e Baldor, que caminhavam a uma discreta distância atrás de seus pais para que pudessem falar em particular. Nenhum dos irmãos olhou para Roran. Inquieto por sua falta de resposta, Roran lhes perguntou:

- Acham que alguém mais virá? Eu fiz bem?

Albriech soltou um latido de risada:

- Bem?

- Roran - disse Baldor, com uma voz estranha, - esta noite você teria convencido um urgal a se converter em fazendeiro.

- Não!

- Quando terminou, estava a ponto de agarrar minha lança e sair correndo para as Vertebradas atrás de você. E não teria sido o único. A pergunta não é quem irá, e sim quem vai ficar. O que você disse... Nunca tinha ouvido nada igual. Roran franziu o cenho. Sua intenção tinha sido que as pessoas aceitassem seu plano, não que o seguissem. “Se tiver que ser assim...”, concluiu, encolhendo os ombros. De qualquer maneira, a perspectiva lhe agarrava. Em outro tempo lhe teria inquietado, mas agora se limitava a agradecer algo que contribuíra para resgatar Katrina e salvar aos aldeãos.

Baldor se inclinou para seu irmão:

- Papai perderá quase todas as suas ferramentas.

Albriech assentiu com solenidade.

Roran sabia que os ferreiros preparavam qualquer utensílio que necessitassem, e que logo essas ferramentas feitas à mão formavam um legado que passava de pai para filho, ou de

professor para aprendiz. Uma forma de medir a riqueza e a habilidade de um ferreiro consistia em saber quantas ferramentas tinha. Para Horst, renunciar às suas não seria... “Não seria mais difícil que o que deverão fazer outros”, pensou Roran. Só lamentava que isso implicasse deixar Albriech e Baldor sem sua herança.

Quando chegaram em casa, Roran se retirou para a habitação de Baldor e se deitou. Através dos muros, chegava-lhe o leve som das vozes de Horst e Elain. Ficou dormido imaginando que a mesma conversa estaria se repetindo em todo o Carvahall para decidir seu destino. O seu e o de outros.

Repercussões

À manhã seguinte de seu discurso, Roran olhou pela janela e viu doze homens que abandonavam o Carvahall em direção às cataratas da Igualda. Bocejou e desceu à

cozinha pelas escadas.

Horst estava sozinho, sentado à mesa com uma jarra de cerveja entre as mãos nervosas.

- Bom dia - disse-lhe.

Roran grunhiu, arrancou um pedaço de pão da barra que havia sobre o mostrador e se sentou do outro lado da mesa. Enquanto comia, notou que Horst tinha os olhos injetados em sangue e a barba por fazer. Roran supôs que o ferreiro tinha passado toda a noite acordado.

- Sabe por que um grupo está subindo...?

- Tem que falar com suas famílias - disse Horst, abruptamente. - Desde a alvorada estão todos correndo para as Vertebradas. - Soltou a jarra. - Roran, não tem nem idéia do que fez ao nos pedir para irmos embora. Todo o povo está agitado. Nos empurrou contra um canto que só permite uma saída: a que você queria. Alguns o odeiam por isso. Claro que muitos já lhe odiavam antes por nos haver trazido esta desgraça.

Na boca do Roran o pão ficava com sabor de serragem à medida que aumentava seu ressentimento.

Foi Eragon quem trouxe a pedra, não eu.

- E os outros?

Horst bebeu um gole de cerveja e fez uma careta.

- Os outros o adoram. Nunca pensei que veria chegar o dia em que o filho de Garrow me removesse o coração com suas palavras, mas você o fez, moço, você o fez.

- Passou uma mão nodosa pela cabeça. - Vê tudo isto? Construí para Elain e meus filhos.

Custou-me sete anos para terminá-lo! Vê essa viga aí, em cima da parede?

Quebrei três dedos dos pés para colocá-la no lugar. E sabe o que mais? Vou renunciar a isso só pelo que disse ontem à noite.

Roran guardou silêncio, era o que queria. Abandonar o Carvahall era a decisão adequada e, como tinha se comprometido com essa saída, não via razão alguma para se atormentar com culpas e lamentos. “A decisão está tomada. Aceitarei o resultado sem me queixar, por mais funesto que seja, pois é nossa única fuga do Império.”

- Mas - disse Horst, enquanto se apoiava em um cotovelo e seus olhos negros ardiam sob as sobrancelhas - lembre-se que se a realidade não se aproximar dos sonhos que você conjurou, haverá dívidas que pagar. Deu esperanças às pessoas e logo se não as quitar elas o destroçarão.

Roran não preocupava com essa perspectiva. “Se chegarmos a Surda, os rebeldes nos receberão como heróis. Senão, nossa morte pagará todas as dívidas.”

Quando pareceu claro que o ferreiro tinha terminado, Roran perguntou:

- Onde está Elain?

Horst franziu o cenho pela mudança de tema:

- Nos fundos. - Levantou-se e alisou a túnica sobre os ombros largos.-Tenho que recolher a oficina e decidir que ferramentas vou levar. As outras esconderei, ou destruirei. O Império não vai se beneficiar de meu trabalho.

- Eu te ajudo.

Roran empurrou a cadeira para trás.

- Não - Horst respondeu bruscamente. - Só posso fazer isso com Albriech e Baldor. A forja foi toda minha vida, e a sua... Além disso, com esse braço tampouco ajudaria muito. Fique aqui. Elain necessitará da sua ajuda. Quando o ferreiro se foi, Roran abriu a porta dos fundos e viu Elain falando com Gertrude junto ao grande montão de lenha que Horst conservava todo o ano. A curadora se aproximou de Roran e lhe pôs uma mão na fronte:

- Ah, temia que tivesse febre depois da excitação de ontem. Os seus familiares sempre se curaram com uma rapidez extraordinária. Quando Eragon pôs-se a andar depois de esfolar as pernas e passar dois dias em cama, não podia acreditar. - Roran ficou tenso para ouvir a menção ao seu primo, mas ela não pareceu perceber. - Vamos ver como está o ombro, não?

Roran abaixou a cabeça para que Gertrude pudesse passar uma mão e desatar o nó da tipóia de lã. Quando teve o ombro solto, Roran baixou com cuidado o braço direito, entalado, até que ficou estirado. Gertrude passou os dedos sob o cataplasma que cobria a ferida e a

descobriu.

- Ui, vamos... - disse.

Um aroma rançoso e espesso encheu o ar. Roran apertou os dentes para reter uma náusea e logo baixou o olhar. A pele, sob o cataplasma, tornou-se branca e esponjosa, como um lugar gigantesco de carne infestada de vermes. Tinham-lhe costurado a mordida enquanto estava inconsciente, de modo que só viu uma linha irregular e rosada, manchada de sangue, na parte dianteira do ombro. Por culpa do inchaço e da inflamação, os fios de tripa de gato lhe tinham aparecido na carne e umas pérolas de líquido claro apareciam pela ferida.

Gertrude estalou a língua enquanto o inspecionava e logo atou de novo as bandagens e olhou Roran aos olhos:

- Vai bastante bem, mas a ferida poderia infectar-se. Ainda não posso saber. Se infectar, teremos que te cauterizar o ombro.

Roran assentiu:

- Poderei mover o ombro quando estiver curado?

- Se o músculo se soldar bem, sim. Também depende do que queira fazer com ele. Poderá...

- Poderei lutar?

- Se quer lutar - disse Gertrude lentamente. - Sugiro que aprenda a usar a mão esquerda.

Deu-lhe uma palmada na bochecha e foi correndo a sua cabana.

“Meu braço.” Roran ficou olhando o braço enfaixado como se já não lhe pertencesse. Até então não tinha se dado conta de quanto sua identidade estava ligada à condição de seu corpo. Uma ferida em sua carne era uma ferida em sua psique, e vice-versa. Roran estava orgulhoso de seu corpo, e vê-lo mutilado lhe provocou um sobressalto de pânico, sobretudo porque o dano era permanente. Inclusive se recuperasse o uso do braço, levaria sempre uma grande cicatriz como lembrança da ferida.

Elain o pegou pela mão e o levou ao interior da casa, onde partiu folhas de hortelã em uma chaleira e a pôs para ferver na estufa.

- Você a quer de verdade, não?

- O que?

Roran a olhou, surpreso. Elain levou uma mão ao ventre.

- Katrina. – Sorriu. - Não sou cega. Sei o que tem feito por ela e estou orgulhoso de você.

Poucos homens teriam chegado a tanto.

- Se conseguir libertá-la, não importará.

A chaleira começou a assobiar com estridência.

- Você conseguirá, estou segura. De algum jeito... - Elain serviu a infusão. - Será melhor que comecemos a nos preparar para a viagem. Vou repassar a primeira cozinha. Enquanto isso, pode subir e me trazer toda a roupa, os lençóis e tudo que lhe pareça útil.

- Onde deixo? - perguntou Roran.

- Na cozinha estará bem.

Como as montanhas eram muito íngremes para os carros e o bosque muito denso. - Roran se deu conta de que teriam que limitar as provisões ao que pudessem carregar, além do que pudessem empilhar nos dois cavalos de Horst, embora um deles deveria ficar suficientemente aliviado para poder levar Elain quando o caminho fosse muito duro para suas pernas.

O problema se agravava porque algumas famílias do Carvahall não tinham montarias suficientes para carregar as provisões e com os anciões, crianças e doentes incapazes de seguir o caminho a pé. Todos teriam que compartilhar recursos. Entretanto, a questão era com quem? Ainda não sabiam quem mais iria, além de Birgit e Delwin.

Assim, quando Elain terminou de empacotar os objetos que lhe pareceram essenciais - sobretudo comida e roupas, - enviou Roran para averiguar se alguém necessitava de mais espaço para guardar suas coisas ou se, ao contrário, alguém podia lhe emprestar esse espaço, pois havia muitos objetos não essenciais que teria preferido levar, mas estava disposta a abandonar.

Face às pessoas que se ocupavam pelas ruas, no Carvahall se notava o peso de uma quietude forçada, uma calma artificial que contradizia a atividade febril que se escondia nas casas. Quase todo mundo guardava silêncio e caminhava com a cabeça baixa, encerrados em seus próprios pensamentos.

Quando Roran chegou a casa de Orval teve que golpear a aldabra durante quase um minuto até que o fazendeiro foi à porta.

- Ah, é você, Marteladas. - Orval saiu para o alpendre. - Perdão pela espera, mas estava ocupado. No que posso ajudar?

Golpeou a pipa, larga e negra, contra a palma da mão e logo ficou a rodá-la entre os dedos, nervoso. Dentro da casa, Roran ouviu que alguém arrastava cadeiras pelo chão, assim como o entrechocar de panelas e frigideiras. Roran explicou em seguida o pedido e o oferecimento de Elain. Orval olhou para o céu com os olhos franzidos.

- Acredito que tenho espaço suficiente para minhas coisas. Pergunta por aí e, se necessitar espaço, tenho um par de bois que ainda podem suportar algo mais de carga.

- Então... você vêm?

Orval se balançou, incômodo.

- Bom, eu não diria isso. Só estamos... nos preparando para o caso de voltarem a atacar.

- Ah.

Perplexo, Roran caminhou com dificuldade até a casa do Kiselt. Logo descobriu que ninguém estava disposto a revelar se tinham decidido ir, por muito que as provas de seus preparativos estivessem à vista.

E todos tratavam Roran com uma deferência que lhe era inquietante. manifestava-se em pequenos gestos: oferecimentos de condolências por sua desgraça, silêncio respeitoso sempre que falava e murmúrios de assentimento quando afirmava algo. Era como se suas obras tivessem gigantesco sua estatura e intimidassem a aqueles que o conheciam da infância, distanciando-os.

“Estou marcado”, pensou Roran, enquanto coxeava na lama. Deteve-se junto a um atoleiro e se agachou para ver seu reflexo, curioso por descobrir o que o fazia tão distinto.

Viu um homem vestido com roupas estragadas e empapadas de sangue, com as costas encurvadas e um braço retorcido e preso sobre o peito. Uma barba incipiente obscurecia o pescoço e as bochechas, e o cabelo se emaranhava em cordas que se retorciam para criar um halo em torno de sua cabeça. O mais aterrador de tudo, entretanto, eram seus olhos, que, muito fundos nas órbitas, davam-lhe aspecto de enfeitiçado. De dentro daquelas duas cavernas, seu olhar fervia como ferro fundido, cheia de perda, raiva e uma ansiedade obsessiva.

Um sorriso inclinado cruzou o rosto de Roran e sua cara adotou um aspecto ainda mais surpreendente. Gostava daquela aparência. Encaixava-se com seus sentimentos. Agora entendia como tinha conseguido influenciar os aldeãos. Mostrou os dentes. “Posso usar esta imagem. Posso usá-la para destruir os ra'zac.”

Elevou a cabeça e caminhou arrastando os pés rua acima, contente. Thane se aproximou e lhe agarrou o antebraço esquerdo com um apertão sentido.

- Marteladas! Não sabe quanto me alegro em vê-lo.

- Alegra-se?

Roran se perguntou se o mundo inteiro havia virado do avesso durante a noite. Thane assentiu com vigor.

- Desde que atacaram os soldados, tudo me pareceu inútil. Dói admiti-lo, mas assim era. Dava-me saltos o coração em todas as horas, como se estivesse a ponto de cair em um poço, minhas mãos tremiam e me sentia terrivelmente doente. Acreditava que haviam me envenenado! Era pior que a morte. Mas o que disse ontem me curou imediatamente e me permitiu ver de novo um propósito e um sentido no mundo... Não posso nem começar a explicar o horror de que me salvou. Estou em dívida contigo. Se necessitar ou quiser algo, não tem mais que me pedir e te ajudarei. Comovido, Roran devolveu ao fazendeiro o apertão no antebraço e disse:

- Obrigado, Thane. Obrigado.

Thane abaixou a cabeça com lágrimas nos olhos e logo soltou Roran e o deixou sozinho no meio da rua.

“O que terei feito?”

Êxodo

Um muro de ar espesso e carregado de fumaça envolveu Roran quando entrou em Seven Sheaves, o botequim de Morn. Deteve-se sob os chifres de urgal pendurados sobre a porta e esperou que seus olhos se adaptassem à penumbra do interior.

- Olá? - chamou.

A porta das habitações traseiras se abriu de repente e apareceu Tara, seguida pelo Morn. Os dois fulminaram Roran com um olhar áspero. Tara plantou os grossos punhos nos quadris e perguntou: - O que você quer?

Roran fixou nela o olhar enquanto tentava determinar a origem de sua raiva.

- Decidiram se vão nos acompanhar às Vertebradas?

- Não é de sua conta - respondeu Tara com brutalidade.

“Claro que o é”, pensou Roran, mas se conteve e disse:

- Seja qual for sua intenção, se decidirem vir, Elain queria saber se há espaço nas bolsas para algumas coisas ou se, ao contrário, necessitam também de mais espaço. Tem...

- Temos espaço de sobra! - estalou Morn. Assinalou a parede traseira da barra, tampada por tonéis de carvalho. - Tenho, empacotados em palha, doze barris da mais clara cerveja de inverno que se conservaram à temperatura perfeita durante os últimos cinco meses. São os últimos que Quimby preparou! O que acha que devo fazer com eles? E com minhas próprias cubas de cerveja clara e negra? Se os soldados a tragarão em uma semana ou furarão os barris e a derramarão pelo chão, onde as únicas criaturas que poderão desfrutá-la serão as larvas e os vermes. Oh! - Morn se sentou e retorceu as mãos ao mesmo tempo em que meneava a cabeça. - Doze anos de trabalho! Desde que meu pai morreu, levei o botequim igual a ele, dia sim e dia também. E então Eragon e você tiveram que criar este problema. É... Deteve-se, respirando com dificuldade, e secou a cara amassada com a manga.

- Bom, bom, venha - disse Tara. Passou um braço por cima de Morn e apontou a Roran um dedo acusatório. - Quem te deu permissão para agitar o Carvahall com suas palavras caprichosas? Se formos, como meu marido vai ganhar a vida? Não pode levar consigo seu negócio, como Horst ou Gedric. Não pode instalar-se em uma fazenda vazia e seus campos abandonados, como você. Impossível! Todos irão embora e morreremos de fome. E se formos, também morreremos de fome. Você nos arruinou!

Roran passou o olhar do rosto avermelhado e furioso da Tara o do Morn, consternado, e logo se virou e abriu a porta. Deteve-se na soleira e disse em voz baixa:

- Sempre os contei entre meus amigos. Não posso permitir que o Império os mate.

Saiu, esticou bem o colete e se afastou do botequim sem deixar de ruminar. Deteve-se para beber no poço de Fisk, e Birgit se uniu a ele. Viu como se esforçava por dar voltas à manivela com uma só mão, ocupou-se dela, subiu o balde de água e o passou sem beber. Roran bebeu um gole do fresco líquido e disse:

- Me alegro de que venha.

Devolveu-lhe o balde. Birgit o olhou.

- Reconheço a força que o empurra, Roran, porque é a mesma que me move: nós dois queremos encontrar os ra'zac. Entretanto, quando por fim os encontrarmos, você me compensará pela morte do Quimby. Não se esqueça.

Soltou o balde cheio dentro do poço e o deixou cair, enquanto a manivela girava enlouquecida. Um segundo depois, o eco de um mergulho ressonou no poço. Roran sorriu enquanto a via se afastar. Mais que lhe incomodar, aquela declaração lhe agradava: sabia que, inclusive se todos os outros habitantes do Carvahall abandonavam a causa ou morriam, Birgit seguiria lhe ajudando a perseguir os ra'zac. Entretanto, mais adiante - se é que ainda ficava um mais adiante - teria que pagar sua dívida com ela ou matá-la. Era a única maneira de resolver esse tipo de assunto.

Ao entardecer, Horst e seus filhos tinham voltado para a casa com dois pequenos fardos envoltos em oleado.

-Isso é tudo? - perguntou Elain.

Horst assentiu de maneira cortante, soltou os fardos sobre a mesa da cozinha e os desfez para expor quatro martelos, três tenazes, um torno, um fole de tamanho médio e uma bigorna de quase dois quilogramas.

Quando se sentaram para jantar, Albriech e Baldor falaram das pessoas que tinham visto fazer preparativos de maneira encoberta. Roran escutou atentamente com a intenção de seguir a pista de quem tinha emprestado seus asnos a quem, quem não dava mostras de estar a ponto de partir e quem podia necessitar de ajuda para a partida.

- O maior problema - disse Baldor - é a comida. Só podemos carregar uma certa quantidade, e nas Vertebradas será difícil caçar para alimentar duzentas ou trezentas pessoas.

- Mmm. - Horst meneou um dedo, com a boca cheia de feijões, e depois engoliu. - Não, caçar não servirá. Temos que levar os rebanhos. Entre eles, temos cordeiros e cabras para alimentar as pessoas durante um mês, ou mais. Roran elevou a faca.

- Lobos.

- Me preocupa mais evitar que os animais se metam no bosque - replicou Horst. - Pastoreá-los dará muito trabalho.

Roran passou o dia seguinte ajudando a quantos pôde, falou pouco e deixou que as pessoas o vissem trabalhando pelo bem do povo. A última hora da noite desabou na cama, exausto, mas esperançoso.

A chegada do amanhecer rasgou seus sonhos e o despertou com uma sensação de espera excepcional. Levantou-se, desceu as escadas nas pontas dos pés, saiu da casa e ficou olhando as montanhas entre a bruma, absorvidas pelo silêncio da manhã. Seu fôlego gerava uma nuvem branca no ar, mas se sentia quente porque seu coração pulsava com força, empurrado pelo medo e a ansiedade. Depois de um ligeiro café da manhã, Horst levou os cavalos à parte dianteira da casa, onde Roran ajudou Albriech e Baldor a carregá-los com os alforjes e alguns fardos cheios de provisões. Logo tomou sua própria bolsa e pigarreou com força quando a correia de pele se cravou em sua ferida.

Horst fechou a porta da casa. Ficou um momento quieto com os dedos no trinco de ferro e logo tomou a mão de Elain e disse:

- Vamos.

Enquanto percorriam o Carvahall, Roran viu famílias sombrias reunidas em torno de suas casas com suas posses amontoadas e seus queixosos ganhos. Viu cordeiros e cães com bolsas atadas aos lombos, pirralhos chorosos montados em asnos e trenós improvisados atados aos cavalos com gaiolas cheias de frangos agitados a ambos os lados. Viu os frutos de seu êxito e não soube se ria ou chorava. Detiveram-se no extremo norte do Carvahall e esperaram para ver quem se unia a eles. Ao cabo de um minuto se aproximou de um lado Birgit, acompanhada por Nolfavrell e os gêmeos, mais jovens. Birgit saudou Horst e Elain e ficou a seu lado. Ridley e sua família chegaram do outro lado da muralha de árvores, da zona leste do vale do Palancar, seguidos por mais de uma centena de cordeiros.

- Pareceu-me que era melhor mantê-los fora do Carvahall - gritou Ridley por cima dos animais.

- Bem pensado! -respondeu Horst.

Logo chegaram Delwin, Lenna e seus cinco filhos, Orval e sua família, Loring com seus filhos, Calitha e Thane, que dirigiu a Roran um grande sorriso, e logo o clã de Kiselt. As mulheres que acabavam de enviuvar, como Nolla, apinharam-se em torno de Birgit. Antes que o sol iluminasse os picos das montanhas, quase todo o povo se reuniu junto ao muro. Mas não todos.

Morn, Tara e outros ainda tinham que aparecer, e quando chegou Ivor, o fez sem nenhuma provisão.

- Vão ficar - observou Roran.

Rodeou um grupo de cabras mal-humoradas que Gertrude tratava de refrear.

- Sim - respondeu Ivor, arrastando a palavra em um débil assentimento. Estremeceu, cruzou os

ossudos braços para esquentar-se, encarou o sol saliente e elevou a cabeça como se quisesse apanhar os raios transparentes. - Svart se negou a ir. Ah! Para começar, tentar convencê-lo a que entrasse nas Vertebradas era como lutar contra mim mesmo. Alguém tem que cuidar dele, e como eu não tenho filhos... encolheu os ombros. - De qualquer forma, não seria capaz de renunciar a minha fazenda.

- O que farão quando os soldados chegarem?

- Vamos lhes oferecer uma batalha que não se esquecerão jamais. Roran riu com a voz quebrada e deu uma palmada no braço de Ivor, esforçando-se para ignorar o silencioso destino que ambos sabiam esperava a quem ficasse. Ethlbert, um homem magro de média idade, aproximou-se do bordo da congregação e gritou:

- São todos idiotas! - Com um murmúrio de mau presságio as pessoas se viraram para olhar o acusador. - Guardei silêncio em meio a esta loucura, mas não penso seguir a um louco enganador. Se não lhes tivessem cegado suas palavras, veriam que os leva a destruição. Bom, pois eu não vou. Vou me arriscar a penetrar entre os soldados e encontrar refúgio no Therinsford. Ao menos são dos nossos, não como os bárbaros que lhes esperam na Surda.

Cuspiu no chão, deu a volta e se afastou a grandes pernadas. Temeroso de que Ethlbert pudesse convencer outros para que o abandonassem, Roran estudou à multidão e se tranqüilizou ao não ver mais que um murmúrio inquieto. Mesmo assim, não queria entreter-se e lhes dar a oportunidade de trocar de opinião. Em voz baixa, perguntou ao Horst:

- Quanto temos que esperar?

- Albriech, você e Baldor vão correndo tão rápido quanto puderem e comprovem se vem alguém mais. Senão, vamos embora.

Os dois irmãos saíram disparados em direções contrárias.

Meia hora depois Baldor retornou com Fisk, Isold e seu cavalo emprestado. Isold se separou de seu marido e se aproximou correndo de Horst, espantando com as mãos qualquer um que se interpusesse em seu caminho e sem perceber que quase todo o cabelo escapou do coque e aparecia em estranhos penachos. Deteve-se e resfolegou em busca de ar:

- Lamento que cheguemos tão tarde, mas Fisk deu trabalho para fechar a loja. Não podia escolher que escovas ou panelas trazer. - Riu em um tom agudo, quase histérico. - Era como ver um gato rodeado de ratos e tratando de decidir a qual ia dar caça. Primeiro este, logo o outro...

Um sorriso irônico abriu os lábios de Horst.

- Entendo-o perfeitamente.

Roran ficou nas pontas dos pés para espionar Albriech, mas não conseguiu. Apertou os dentes.

- Onde estará?

Horst lhe tocou o ombro.

- Por aí, acredito.

Albriech avançava entre as casas com três tonéis de cerveja atados às costas, e seu rosto ofendido parecia tão cômico que Baldor e outros puseram-se a rir. De ambos os lados de Albriech caminhavam Morn e Tara, cambaleando sob o peso de seus enormes embornais, igual ao asno e as duas cabras que arrastavam atrás deles. Para assombro do Roran, os animais carregavam mais tonéis.

- Não durarão nem um quilômetro - disse Roran, incomodado pela estupidez do casal. - E não trazem nada de comida. Esperam que os alimentemos...?

Horst o cortou com uma risada.

- Eu não me preocuparia com a comida. A cerveja do Morn irá bem para os ânimos, e isso vale mais que qualquer comida. Você verá.

Assim que Albriech se liberou dos tonéis, Roran perguntou a ele e a seu irmão:

- Todos estão aqui? - Ante sua resposta afirmativa, Roran amaldiçoou e golpeou a coxa com um punho fechado. Além de Ivor, outras três famílias estavam decididas a ficar no vale do Palancar: a de Ethlbert, a de Parr e a de Knute. “Não posso obrigá-los a vir.” Suspirou. Muito bem. Não tem sentido ficar esperando. A excitação percorreu os aldeãos, afinal tinha chegado o momento. Horst e outros cinco homens abriram um buraco no muro de árvores e tombaram algumas pranchas sobre a trincheira para que todos pudessem caminhar atravessar. Horst fez um gesto:

- Acredito que você deve ser o primeiro, Roran.

- Esperem! - Fisk se adiantou correndo e, com evidente orgulho, entregou a Roran uma vara enegrecida de espinheiro de dois metros que tinha em um extremo um nó de raízes polidas, e uma ponteira de ferro azulado que se estreitava para formar uma ponta de lança na base. – eu a fiz ontem à noite - disse o carpinteiro. - Pareceu-me que ao melhor faria falta.

Roran passou a mão esquerda pela madeira, maravilhado por sua suavidade.

- Não podia ter pedido nada melhor. Tem a destreza de um professor... Obrigado.

Fisk sorriu e se afastou.

Consciente de que toda a multidão o contemplava, Roran ficou frente das montanhas e das cataratas da Igualda. O ombro palpitava sob a cinta de couro. Depois dele ficavam os ossos de seu pai e tudo o que tinha conhecido na vida. Ante ele, os picos recortados se elevavam

contra o pálido céu e se interpunham em seu caminho e sua vontade. Mas não poderiam com ele. E não pretendia olhar para trás.

“Katrina.”

Roran elevou o queixo e pôs-se a andar. A vara golpeou as duras pranchas enquanto cruzava a trincheira e saía do Carvahall, levando os aldeãos para a natureza selvagem.

Nos penhascos do Tel'naeír

Zum.

Brilhante como um sol em chamas, o dragão ficou suspenso ante Eragon e a todos que estavam reunidos nos penhascos do Tel'naeír, esbofeteando-os com as rajadas que provocavam suas poderosas asas. O corpo do dragão parecia incendiar-se porque o brilhante amanhecer iluminava suas escamas douradas e esparramava na terra e nas árvores lascas de luz ofuscante. Era muito maior que Saphira, tanto que podia ter várias centenas de anos e, em proporção, o pescoço, as patas e a cauda pareciam ainda mais grossos. Na sua garupa ia montado um Cavaleiro, com uma roupa de um branco ofuscante entre o brilho das escamas.

Eragon caiu de joelhos, com o rosto elevado. “Não estou sozinho...” O

assombro e o alívio o percorreram. Já não teria que carregar sozinho a responsabilidade dos varden e de Galbatorix. Aí estava um dos guardiões de antigamente, ressuscitado de entre as profundezas do tempo para lhe guiar, um símbolo vivente, um testamento das lendas que lhe tinham contado ao crescer. Aí

estava seu professor. Era uma lenda!

Quando o dragão se aproximou da terra, Eragon deu um salto: a pata esquerda dianteira da criatura tinha recebido um terrível talho e um coto branco ocupava o lugar do que antigamente fora uma poderosa extremidade. O Cavaleiro descendeu com cuidado de seu corcel pela perna direita, intacta, e se aproximou de Eragon com as mãos entrelaçadas. Era um elfo de cabelo prateado, ancião de incontáveis anos, embora a única pista de sua idade era a expressão de grande compaixão e tristeza que mostrava seu rosto.

- Osthato Chetowá - disse Eragon-. O Sábio Enfermo... vim como me pediu. –

Sobressaltado, recordou as boas maneiras e levou dois dedos aos lábios. - *Atra esterní*

ono thelduin.

O Cavaleiro sorriu. Tomou Eragon pelos ombros, levantou-o e o olhou com tal bondade que Eragon não podia ver outra coisa: consumiam-no as infinitas profundidades do olhar do elfo.

- Meu verdadeiro nome é Oromis, Eragon Assassino de Sombras.

- Sabia - murmurou Islanzadí com uma expressão ferida que logo se transformou em uma tormenta de raiva. - Sabia da existência de Eragon e não me disse isso? Por que me traiu, Shur'tugal?

- Guardei silêncio porque não estava seguro de que Eragon e Arya vivessem o suficiente para chegar até aqui, não tinha intenção de proporcionar uma frágil esperança que em qualquer momento podia truncar-se.

Islanzadí se virou com brutalidade. Sua capa de plumas de cisne se inflava como se tivesse asas.

- Não tinha direito de me ocultar essa informação! Podia ter enviado guerreiros para proteger Arya, Eragon e Saphira no Farthen Dür e para escoltá-los a salvo até aqui. Oromis sorriu com tristeza.

- Não escondi nada, Islanzadí, salvo o que você mesma escolheu não ver. Se tivesse escrutinado a terra, como é sua obrigação, teria detectado a causa do caos que percorria Alagaésia e teria descoberto a verdade sobre a Arya e Eragon. Que em sua dor esquecesse os varden e os anões é compreensível, mas de Brom? De Vinr Álfakyn?

Do último amigo dos elfos? Permaneceu cega ao mundo, Islanzadí, e se relaxou no trono. Não podia me arriscar a te afastar ainda mais submetendo-a a outra perda. A fúria do Islanzadí amainou e rainha ficou com o rosto branco e os ombros cansados.

- Já não sou nada - sussurrou.

Uma nuvem de ar quente e úmido rodeou Eragon quando o dragão dourado se agachou para examiná-lo com uns olhos que brilhavam e emitiam faíscas. *Celebro te conhecer, Eragon Assassino de Sombras. Eu sou Glaedr.* - Sua voz, inconfundivelmente masculina, percorreu a mente de Eragon e a agitou como se fosse o rugido de uma avalanche na montanha.

Eragon não pôde fazer mais que tocar os lábios e dizer:

- É uma honra.

Logo Glaedr centrou sua atenção na Saphira. Ela ficou quieta por completo, com o pescoço rigidamente arqueado enquanto Glaedr farejava a bochecha e a borda de uma asa. Eragon viu que os tensos músculos das patas da Saphira se agitavam em um tremor involuntário.

Cheira a humanos -disse Glaedr - *e só sabe de sua raça o que te ensinou o instinto, mas tem coração de autêntico dragão.*

Durante esse silencioso intercâmbio, Orik se apresentou a Oromis.

- Certamente, isto vai além do que teria me atrevido a esperar ou desejar. É

uma agradável surpresa nestes tempos escuros, Cavaleiro. - Levou um punho ao coração. - Se não for muito presunçoso, quero pedir um grande favor em nome de meu rei e meu clã, tal como é costume entre os nossos.

Oromis assentiu.

- E eu lhe concedo isso se estiver em meu poder.

- Então, me diga: por que permaneceu escondido tantos anos?

Necessitávamos muito de você, Argetlam.

- Ah - disse Oromis. - Há muitas penúrias no mundo, e uma das maiores é não ser capaz de ajudar aos que sofrem. Não podia me arriscar a abandonar este santuário, pois se tivesse morrido antes que conseguisse recuperar algum dos ovos de Galbatorix, não haveria ficado ninguém que pudesse passar nossos segredos ao novo Cavaleiro e ainda teria sido mais difícil derrotar Galbatorix.

- Essa foi sua razão? - espetou Orik. - Essas são as palavras de um covarde!

Os ovos poderiam não ser recuperados nunca.

Todo mundo guardou um silêncio absoluto, salvo por um leve grunhido que brotou entre os dentes do Glaedr.

- Se não fosse meu hóspede - disse Islanzadí, - eu mesma o golpearia por este insulto.

Oromis abriu os braços.

- Não, não me ofende. É uma reação válida. Entenda, Orik, que Glaedr e eu não podemos lutar. Glaedr está incapacitado, e eu - tocou um lado da cabeça - também estou mutilado. Os Apóstatas me quebraram algo por dentro quando era seu cativo e, embora ainda possa ensinar e aprender, já não controlo a magia, salvo alguns feitiços menores. O poder me escapa, por mais que me esforce. Em uma batalha seria algo pior que um inútil, alguém fácil de capturar, e logo poderiam me usar contra vocês. Por isso me afastei da influência de Galbatorix, pelo bem da maioria, apesar de ansiar enfrentálo abertamente.

- O Aleijado que está Ileso - murmurou Eragon.

- Perdoe-me - disse Orik. Parecia golpeado.

- Não tem nenhuma importância. - Oromis apoiou uma mão no ombro do Eragon. - Islanzadí Dróttning, com sua permissão...

- Vão - disse ela, cansada. - Vá e me deixem sozinha.

Glaedr se agachou até o chão e Oromis subiu com agilidade pela perna até a sela da garupa.

- Venham, Eragon e Saphira. Temos muito que falar.

O dragão dourado abandonou o penhasco de um salto e riscou um círculo no alto, levado por uma corrente de ar.

Eragon e Orik entrechocaram os braços com solenidade:

- Honre seu clã - disse o anão.

Enquanto montava em Saphira, Eragon se sentia como se estivesse a ponto de embarcar em uma longa viagem e devesse se despedir de quem deixava para trás. Entretanto, limitou-se a olhar para Arya e sorrir, permitindo que se notassem seu assombro e sua alegria. Ela franziu o cenho pela metade, como se estivesse preocupada, mas então ele se foi, elevado para o céu pelo entusiasmo do vôo de Saphira.

Os dois dragões cruzaram juntos o branco escarpado do norte durante vários quilômetros, acompanhados tão somente pelo som de seu bater de asas. Saphira flutuava ao lado de Glaedr. Seu entusiasmo penetrava na mente de Eragon e acrescentava suas próprias emoções.

Aterrissaram em outra clareira na borda do escarpado, antes que o muro de pedra desabasse na terra. Um atalho descascado ia do precipício à soleira de uma baixa cabana entre os troncos de quatro árvores, um dos quais ficava escarranchado sobre um regato que saía das lúgubres profundezas do bosque. Glaedr não cabia, a cabana media tranqüilamente menos que seu costado.

- Bem-vindos a minha casa - disse Oromis, enquanto saltava ao chão com incomum facilidade. - Vivo aqui, na borda dos penhascos do Tel'naeír, porque me dá a oportunidade de pensar e estudar em paz. Minha mente funciona melhor longe da Ellesméra e das distrações das pessoas.

Desapareceu dentro da cabana e retornou com dois tamboretes e uma jarra de água clara para ele e Eragon. Este bebeu de um sorvo e admirou a vista espaçosa do Du Weldenvarden, com a intenção de dissimular seu assombro e seu nervosismo enquanto esperava que o elfo falasse. “Estou na presença de outro Cavaleiro!” A seu lado, Saphira se agachou com o olhar fixo em Glaedr, amassando lentamente a areia que ficava entre as garras.

A pausa na conversa foi se alargando mais e mais. Passaram dez minutos..., meia hora..., uma hora inteira. Chegou um ponto em que Eragon começou a medir o tempo transcorrido segundo o progresso do sol. o princípio as perguntas e os pensamentos reanimavam em sua mente, mas terminaram por ceder lugar a uma tranqüila aceitação. Limitava-se a observar o dia e desfrutar. Só então Oromis falou:

- Você aprendeu e a apreciar o valor da paciência. Isso é bom. Eragon custou para encontrar a voz para responder.

- Se tiver pressa, não pode espreitar a um cervo.

Oromis baixou a jarra.

- Muito certo. Deixe-me ver suas mãos. Parece-me que dizem muito da pessoa.

- Eragon tirou as luvas e permitiu que o elfo lhe agarrasse pelks braços com seus dedos finos e secos. Examinou os calos de Eragon e disse - Me corrija se me equivocar. Você

utilizou a enxada e o arado mais freqüentemente que a espada, embora está

acostumado a usar o arco.

- Sim.

- E tem escrito e desenhado muito pouco, talvez nada.

- Brom me ensinou as letras no Teirm.

- Mmm. Além de seu uso das ferramentas, parece óbvio que tende a ser imprudente e a esquecer sua própria segurança.

- O que o faz pensar isso, Oromis-elda? - perguntou Eragon, usando o título honorífico mais respeitoso e formal que lhe ocorria.

- Elda, não - corrigiu-o Oromis. - Pode me chamar de professor neste idioma e ebrithil no idioma antigo, nada mais. Usará a mesma fórmula de cortesia para Glaedr. Somos seus professores, vocês são nossos alunos e devem atuar com a deferência e o respeito devidos.

Oromis falava com amabilidade, mas também com a autoridade de quem espera obediência absoluta.

- Sim, professor Oromis.

- E você também, Saphira.

Eragon percebeu o muito que custava a Saphira superar o orgulho para dizer: *Sim, Professor*.

Oromis assentiu.

-Bom. Para ter essa coleção de cicatrizes, deve ter tido muito má sorte, ter lutado como um louco ou ter açoitado o perigo deliberadamente. Lutas como um louco?

- Não.

- Tampouco parece que tenha má sorte, mas bem ao contrário. Só fica uma explicação. Salvo que você opine de outro modo.

Eragon repassou mentalmente suas experiências no povoado e com o passar do tempo com a intenção de qualificar seu comportamento.

- Eu diria que, uma vez que me coloco em um caminho ou projeto, me empenho a alcançá-lo a qualquer preço... Sobretudo se alguém a quem amo correr perigo.

Desviou o olhar para Saphira.

- E se mete em projetos que pareçam uma provocação para você?

- Eu gosto das provocações.

- Assim precisa enfrentar à adversidade para comprovar suas habilidades.

- Eu gosto de superar dificuldades, mas enfrentei a suficientes penúrias para saber que é uma estupidez fazer as coisas mais difíceis do que já são por si só. É o máximo que posso fazer para sobreviver, tal como tudo está.

- E entretanto, escolheu perseguir os ra'zac quando teria sido mais fácil permanecer no vale do Palancar. E veio até aqui.

-Era o que tinha que fazer..., Professor.

Ninguém falou durante alguns minutos. Eragon tratou de adivinhar o que pensava o elfo, mas não conseguiu surrupiar nenhuma informação de seu rosto, inexpressivo como uma máscara. Ao fim, Oromis se removeu:

- Deram-lhe, talvez, uma jóia no Tarnag, Eragon? Uma jóia, uma peça de armadura, ou possivelmente uma moeda?

- Sim. - Eragon rebuscou por debaixo da túnica e tirou o colar com o minúsculo martelo de prata. - Gannel me fez isto cumprindo ordens do Hrothgar, para evitar que alguém pudesse invocar Saphira ou a mim. Temiam que Galbatorix pudesse ter descoberto meu aspecto físico... Como soube?

- Porque - explicou Oromis - não podia te encontrar.

- Alguém tentou me invocar perto do Sílthrim a semana passada. Foi você?

Oromis negou com a cabeça.

- Depois de invocar a Arya e a você, já não precisei recorrer a esses métodos tão crus para te encontrar. Minha mente se aproximava da tua e entrava em contato, como fiz quando você estava ferido no Farthen Dür. - Elevou o amuleto, murmurou várias frases no idioma antigo e o soltou. - Não detecto que tenha nenhum outro feitiço. Leve-o sempre contigo, é um presente valioso. - Apertou as gemas dos dedos, com unhas redondas e brilhantes como escamas de

pescado, e olhou para o branco horizonte entre os arcos formados por seus dedos.

- Por que você veio, Eragon?

- Para completar minha formação.

- E o que acha que implica esse processo?

Eragon se moveu, incomodado.

- Aprender mais sobre magia e luta. Brom não pôde terminar de me ensinar tudo o que sabia.

- A magia, a arte da espada e as outras habilidades não servem para nada salvo que se não souber como e quando aplicá-las. Isso é o que vou te ensinar. Entretanto, tal como Galbatorix tem demonstrado, o poder sem direção moral é a força mais perigosa do mundo. Por isso, minha principal tarefa é lhes ensinar, a você e a Saphira, a entender os princípios que lhes guiam para que não tomem as opções apropriadas pelas razões erradas. Têm que aprender mais de si mesmo, quais são e o que são capazes de fazer. Por isso estão aqui.

Quando começamos? -perguntou Saphira.

Oromis começou a responder, mas ficou rígido e soltou a jarra**.** Seu rosto se turvou e os dedos se converteram em garras que rasgavam suas vestimentas como espinhos de um sarçal. Eragon mal teve tempo de dar um salto e o elfo relaxou, embora todo seu corpo delatava agora seu cansaço.

Preocupado, Eragon se atreveu a perguntar:

- Está bem?

Uma faísca de diversão atirou da comissura dos lábios do Oromis.

- Menos do que gostaria. Nós elfos nos temos por imortais, mas nem sequer nós podemos evitar certas enfermidades da carne, sua cura fica além de nosso Conhecimento da magia, e só podemos atrasá-las. Não, não se preocupe... Não é

contagioso, mas não posso me liberar. - Suspirou. - Levo décadas me protegendo com centenas de pequenos e débeis feitiços que, superpostos como capas, imitam o efeito de encantos que agora me resultam inalcançáveis. Protejo-me com a intenção de viver o suficiente para presenciar o nascimento dos últimos dragões e alimentar a ressurreição dos Cavaleiros da ruína de nossos enganos.

- Quanto falta para...?

Oromis elevou uma fina sobrancelha.

- Quanto falta para minha morte? Há tempo suficiente, mas para você e para mim é muito escasso, sobretudo se os varden decidirem solicitar sua ajuda. Em conseqüência, para responder sua pergunta, Saphira, começaremos sua instrução imediatamente e treinará mais depressa que jamais o tenha feito ou o vá fazer nenhum outro Cavaleiro, pois devo condensar quatro decênios de conhecimento em meses, ou semanas.

- Sabe... - disse Eragon, lutando contra a vergonha que ardia em suas bochechas - sobre mi... enfermidade? - Quase enterrou a última palavra porque odiava seu som. - Estou tão aleijado como você.

A compaixão moderou o olhar de Oromis, embora sua voz soou firme.

- Eragon, você só está aleijado se você mesmo se considerar assim. Entendo como se sente, mas tem que ser otimista, pois o olhar negativo incapacita mais que uma ferida física. Falo por minha experiência pessoal. A autocompaixão não serve de nada, nem a você nem a Saphira. Eu e outros feiticeiros estudaremos sua enfermidade para ver se podemos encontrar um modo de aliviá-la, mas enquanto isso, sua formação prosseguirá como se tudo estivesse em boas condições.

Eragon sentiu as tripas retorcerem saboreou a bílis ao pensar no que isso implicava. “Espero que Oromis não quererá me fazer passar outra vez por essa tortura.”

- A dor é insuportável - disse com grande agitação. - Mataria-me. Eu...

- Não, Eragon. Não o matará. Isso é o que sei de sua maldição. Em todo caso, nós dois temos deveres: você com os varden, e eu com você. Não podemos fugir deles por uma mera dor. Há muito em risco, e não podemos nos permitir falhar. - Eragon não pôde mais que negar com a cabeça enquanto o pânico ameaçava superá-lo. Tentou negar as palavras do Oromis, mas era evidente que diziam a verdade. - Eragon, tem que aceitar livremente esta carga. Não há nada nem ninguém por cuja causa esteja disposto a se sacrificar?

Primeiro pensou em Saphira, mas não o fazia por ela. Nem por Nasuada. Nem sequer por Arya. O que o impulsionava, então? Ao jurar sua lealdade a Nasuada, tinha feito pelo bem de Roran e de outros que tinham ficado apanhados no Império. Mas significavam tanto para passar por semelhante angustia? Sim, decidiu. “Sim, significam tanto porque sou o único que tem chance de lhes ajudar e porque não me liberarei da sombra de Galbatorix se não se livrarem também. E porque é meu único propósito na vida. O que outra coisa posso fazer?” estremeceu-se ao pronunciar a espantosa frase:

- Aceito pelo bem daqueles por quem luto: a gente da Alagaésia, de todas as raças, que sofreu a brutalidade de Galbatorix. Apesar da dor, juro que estudarei mais que qualquer aluno que tenha tido até agora.

Oromis assentiu com gravidade.

- Não peço menos. - Olhou para Glaedr por um momento e logo disse - Levante-se e tire a

túnica. Deixe-me ver como se parece.

Espere -disse Saphira. - *Brom sabia de sua existência aqui, Professor?*

Eragon se deteve, surpreso por essa possibilidade.

- Claro - respondeu Oromis. - Quando menino foi meu aluno na Ilirea. Alegrome de que o tenham enterrado como deve ser, pois teve uma vida dura e recebeu poucas amostras de amabilidade. Espero que tenha encontrado a paz antes de entrar no vazio.

Eragon franziu o cenho lentamente.

- Também conhecia Morzan?

- Foi meu aprendiz antes de Brom.

-E Galbatorix?

-Eu fui um dos Anciões que lhe negamos outro dragão quando morreu o primeiro, mas não, nunca tive a desgraça de lhe ensinar. Assegurou-se de perseguir pessoalmente e matar todos seus mentores.

Eragon queria seguir perguntando, mas sabia que era melhor esperar, de modo que se levantou e desenredou a parte de cima de sua túnica. *Parece - disse a Saphira - que nunca descobriremos todos os segredos de Brom.*

Sentiu um calafrio ao tirar a túnica sob o frio ar e logo jogou os ombros atrás e tirou peito.

Oromis rodeou Eragon e se deteve com uma exclamação de assombro ao ver a cicatriz que cruzava suas costas.

- Arya não te ofereceu, nem nenhum dos curadores varden, de te tirar este vergão?

- Arya me ofereceu isso, mas... - Eragon se deteve, incapaz de pôr palavras a seus sentimentos. Por fim, limitou-se a dizer - Agora faz parte de mim, assim como a cicatriz de Murtagh faz parte dele.

- A cicatriz de Murtagh?

- Ele tinha uma marca similar. A infligiram quando seu pai, Morzan, lançou a Czar'roc, quando só era um menino.

Oromis o olhou com seriedade um longo momento antes de assentir e prosseguir.

-Tem uma boa musculatura e não está torcido, como a maioria dos espadachins. É ambidestro?

- Na realidade, não, mas tive que aprender a lutar com a esquerda quando quebrei o braço no

Teirm.

- Bem. Assim economizamos tempo. Junte as mãos atrás das costas e as levante tudo o que puder. - Eragon fez o que lhe pedia, mas aquela postura lhe provocava dor nos ombros logo que conseguiu juntar as mãos. - Agora dobre-se para frente, mas mantenha os joelhos retos. Tente tocar o chão. - A Eragon custou ainda mais, terminou curvado, com os braços pendurados inutilmente junto à cabeça e com os esporões retorcidos e ardentes. - Ao menos pode se estirar sem que sinta dor. Não esperava tanto. Deve fazer uma série de exercícios para ganhar flexibilidade sem se extenuar. Sim.

Logo Oromis se dirigiu a Saphira:

- Deveria conhecer também suas habilidades, dragona.

Encarregou-lhe de uma série de posturas complexas que a levaram a contorcer cada palmo de seu sinuoso corpo de maneiras fantásticas, culminando com uma série de acrobacias aéreas que Eragon não tinha visto jamais. Só umas poucas coisas superavam sua capacidade, como riscar um mortal para trás enquanto voava em saca-rolhas.

Quando aterrissou, foi Glaedr quem falou:

Temo-me que mimávamos muito os Cavaleiros. Se nossas criaturas se vissem obrigadas a cuidar de si mesmos na natureza (como você e como nossos antepassados), talvez teriam a mesma habilidade que nós.

- Não - disse Oromis. - Saphira seria uma voadora extraordinária inclusive se tivesse sido criada em Vroengard com os métodos estabelecidos. Poucas vezes vi um dragão tão adaptado ao céu de maneira natural. - Saphira pestanejou, logo agitou as asas e se ocupou de limpar uma garra de tal maneira que sua cabeça ficasse escondida.

- Tem que melhorar, como todos nós, mas pouca coisa, pouca coisa. O elfo voltou a sentar-se com as costas perfeitamente retas. Durante as cinco horas seguintes, segundo o cálculo do Eragon, Oromis se inundou em todos os aspectos de seu conhecimento, assim como de Saphira, da botânica à talha de madeira, passando pela metalurgia e a medicina, embora se concentrasse, sobretudo em seu domínio da história e do idioma antigo. O interrogatório reconfortou Eragon e lhe recordou os tempos em que Brom o assaltava de perguntas durante suas largas excursões ao Teirm e Dras Leoa.

Quando pararam para comer, Oromis convidou Eragon a sua casa e deixaram sozinhos os dois dragões. Os aposentos do elfo eram austeros salvo pelo necessário para alimentar-se, manter a higiene e procurar uma vida intelectual. Havia duas paredes inteiras semeadas de ocos nos quais guardava centenas de pergaminhos. Junto à mesa havia uma capa dourada - da mesma cor que as escamas de Glaedr - e uma espada, cuja folha tinha a cor do bronze iridescente.

Na face interior da porta, encaixado no coração da madeira, havia um painel liso de um palmo de altura por dois de largura. Representava uma formosa cidade elevada, construída contra um

monte escarpado e apanhada na luz avermelhada de uma lua cheia de outono. A face da lua estava quebrada em duas pelo horizonte e parecia descansar sobre a terra como uma cúpula manchada, grande como uma montanha. A imagem era tão clara e cheia de detalhes que Eragon a tomou princípio por uma janela mágica, só ao comprovar que era estática pôde apreciá-la como obra de arte.

- Onde está isso? - perguntou.

Os olhos enviesados do Oromis se esticaram por um instante.

- Fará bem em memorizar essa paisagem, Eragon, pois aí está o coração de sua desgraça. Está vendo o que em outro tempo foi nossa cidade da Ilirea. Foi queimada e abandonada durante o Du Fyrn Skulblaka, converteu-se em capital do reino do Broddring e agora é a cidade negra de Urú'baen. Fiz este fairth na noite em que, com outros Cavaleiros, nos vimos obrigados a fugir de nosso lar antes que Galbatorix chegasse.

- Você pintou este... fairth?

- Não, não pintei nada. Um fairth é uma imagem fixada por meio da magia em um quadro de madeira polida que se prepara antes com capas de pigmentos. A paisagem da porta é exatamente como vi Ilirea no momento em que pronunciei o encanto.

- E... - disse Eragon, incapaz de deter o fluir de perguntas - o que era o reino de Broddring?

Oromis abriu os olhos, desanimado.

- Não sabe? - Eragon negou com a cabeça. - Como pode ser que não saiba?

Tendo em conta as circunstâncias e o medo que Galbatorix gera entre sua gente, posso entender que te criasse na escuridão e ignorasse seu legado. Mas não posso acreditar que Brom foi tão depravado em sua instrução para esquecer assuntos que conhece até

o anão mais jovem. Os meninos de seus varden poderiam me dizer mais coisas que você sobre o passado.

- Brom se preocupava mais em me conservar vivo que em me ensinar coisas de pessoas que já morreram - respondeu Eragon.

Isso provocou o silêncio de Oromis. Ao fim, disse:

- Me perdoe. Não pretendia pôr em dúvida o julgamento de Brom, mas é que a impaciência me cega a razão, temos muito pouco tempo, e cada nova coisa que deve aprender reduz a quantidade das que pode dominar durante sua estadia aqui. - Abriu uma série de armários escondidos no interior da parede curva, tirou pães-doces e terrinas de fruta e os levou a mesa. deteve-se um momento em cima da comida com os olhos fechados antes de começar a comer. - O reino do Broddring era o país dos humanos antes que os Cavaleiros caíssem. Depois de

matar Vrael, Galbatorix foi a Ilirea com os Apóstatas, destronou o rei Angrenost e ficou com seu trono e seu títulos. O reino de Broddring formou então o núcleo central das conquistas de Galbatorix. Logo acrescentou Vroengard e outras terras que ficavam ao este e ao sul de seus territórios para criar o império que você conhece. Tecnicamente, o reino de Broddring ainda existe, embora, a estas alturas, duvido que seja muito mais que um nome em algum decreto real.

Por temor a incomodar o elfo com mais perguntas, Eragon se concentrou na comida. Entretanto, seu rosto o traiu porque Oromis disse:

- Você lembra o Brom quando o escolhi como aprendiz. Era mais jovem que você, só tinha dez anos, mas sua curiosidade era igual a sua. Acredito que durante um ano inteiro não ouvi dele mais que como, o que, quando e, sobretudo, por que. Não se envergonhe de perguntar qualquer dúvida que leve em seu coração.

- É que preciso saber tantas coisas... - murmurou Eragon. - Quem é? De onde é? De onde era Brom? Como era Morzan? Como, o que, quando e por que. E quero saber tudo de Vroengard e dos Cavaleiros. Talvez então veja o caminho com mais clareza.

O silêncio se interpôs entre eles enquanto Oromis descascava meticulosamente uma framboesa, tirando as bolinhas uma a uma. Quando o último corpúsculo desapareceu entre seus lábios avermelhados, esfregou-se as mãos - as poliu, como estava acostumado a dizer Garrow - e disse:

- Então, tem que saber isto de mim: nasci faz uns séculos em nossa cidade da Luthivira, que se achava nos bosques próximos ao lago Tüdosten. Aos vinte, como a todos os elfos jovens, apresentaram-me aos ovos que os dragões tinham dado aos Cavaleiros e Glaedr prendeu-se a mim. Treinamos como Cavaleiros e, durante quase um século, viajamos por todo mundo cumprindo a vontade de Vrael. Ao final, chegou o dia em que se considerou necessário que nos retirássemos e passássemos nossa experiência a geração seguinte, de modo que nos instalamos na Ilirea e ensinamos os novos Cavaleiros, de um em um, ou dois por vez, até que Galbatorix nos destruiu.

- E o Brom?

- Brom era de uma família de iluminadores da Kuasta. Sua mãe se chamava Nelda, e seu pai, Holcomb. Kuasta fica tão isolado do resto da Alagaésia pelas Vertebradas que se converteu em um lugar peculiar, cheio de antigos costumes e superstições. Quando acabava de chegar a Ilirea, Brom golpeava três vezes o marco de uma porta antes de entrar ou sair de uma habitação. Os estudantes humanos zombavam dele por isso até que abandonou essa prática e alguns outros hábitos.

“Morzan foi meu maior fracasso. Brom o idolatrava. Nunca se afastava dele, sempre o discutia e nunca acreditou que pudesse superá-lo em nenhuma empresa. Morzan, embora me envergonhe admiti-lo, pois eu podia tê-lo evitado, dava-se conta disso e se aproveitou da

devoção de Brom de cem maneiras distintas. Mas, sem que eu pudesse impedi-lo, Morzan ajudou a Galbatorix a roubar um dragão, Shruikan, para repor o que este tinha perdido, e nesse processo mataram o Cavaleiro original daquele novo dragão. Logo Morzan e Galbatorix fugiram juntos e selaram nossa condenação."

"Não pode nem começar a imaginar o efeito que a traição de Morzan sobre Brom até que tenha entendido a profundidade do afeto que sentia por ele. E quando Galbatorix ao fim se mostrou e os Apóstatas mataram o dragão de Brom, este concentrou toda sua raiva e sua dor naquele a quem considerava responsável pela destruição de seu mundo: Morzan."

Oromis fez uma pausa, com rosto grave:

- Sabe por que quando morre o dragão ou o Cavaleiro, o sobrevivente costuma morrer também?

- Posso imaginar - disse Eragon. A mera idéia lhe dava pavor.

- A dor já é o bastante, embora não sempre intervenha como fator. Mas o que realmente faz mal é sentir que uma parte de sua mente, uma parte de sua identidade, morreu. Quando aconteceu com o Brom, temi que ficasse louco durante um tempo. Quando me capturaram e consegui escapar, trouxe Brom a Ellesméra para que estivesse a salvo, mas se negou a ficar e saiu com nosso exército às planícies da Ilirea, onde tinham matado a rei Evandar.

"A confusão que se produziu então era indescritível. Galbatorix estava ocupado em consolidar seu poder, os anões se retiravam, o sudoeste era uma massa de guerras porque os humanos se rebelaram para criar Surda, e nós acabávamos de perder a nosso rei. Levado pelo desejo de vingança, Brom quis obter vantagem daquela confusão. Reuniu a muitos dos que se exilaram, libertou alguns detentos e formou com eles o grupo dos varden. Liderou-os durante alguns anos e logo cedeu sua posição a outro e ficou livre para perseguir sua autêntica paixão, que era a derrota de Morzan. Brom matou pessoalmente a três dos Apóstatas, incluindo Morzan, e foi responsável pela morte de outros cinco. Em toda sua vida poucas vezes foi feliz, mas era um bom Cavaleiro e um bom homem e para mim é uma honra tê-lo conhecido".

- Nunca ouvi que se relacionasse seu nome com a morte dos Apóstatas - objetou Eragon.

- Galbatorix não queria que se fizesse público o fato de que ainda existia alguém capaz de derrotar a seus servos. Grande parte de seu poder reside na aparência de invulnerabilidade.

Uma vez mais, Eragon se viu obrigado a revisar seu conceito de Brom, desde aquele contador de histórias do povo por quem o tinha tomado a princípio, até o guerreiro e mago com quem tinha viajado, passando pelo Cavaleiro que era e como ao final se mostrou, agora, líder ativista e revolucionário, e assassino. Custava reconciliar todos aqueles papéis. "Sinto-me Como se apenas o conhecesse. Oxalá tivesse tido chance de falar com ele de tudo isto ao menos uma vez."

- Era um bom homem - concedeu Eragon.

Olhou por uma das janelas redondas que revelavam o escarpado e permitiam que a calidez da tarde invadisse a habitação. Olhou para Saphira e se fixou em como se comportava com Glaedr, tímida e coquete de uma vez. Tão logo se virava para examinar algo no claro como movia as asas e dedicava pequenos avanços ao dragão grande, movendo a cabeça de lado a lado e agitando a cauda como se estivesse a ponto de lançar-se sobre um cervo. Eragon recordou uma gata que tentasse seduzir um velho gato de rua para que acasalasse com ela, embora Glaedr assistia impassível a suas maquinações.

Saphira -disse-lhe. Ela respondeu com um distraído tremor de seus pensamentos, como se quase não fosse consciente de sua presença. - *Saphira, me responda.*

Já sei que está emocionada, mas não faça tolices.

Você tem feito tolices um montão de vezes -respondeu a dragona bruscamente.

Era uma resposta tão inesperada que o deixou aturdido. Era a classe de comentário cruel e improvisado que se esperam fazer os humanos, mas jamais lhe tinha ocorrido que o ouviria ela. Ao fim conseguiu lhe dizer:

Isso não arruma nada.

Ela grunhiu e lhe fechou a mente, embora Eragon seguia notando o fio de emoções que os conectava.

Eragon retornou a Oromis e encontrou seus olhos cinza concentrados nele. O

olhar do elfo era tão perceptivo que Eragon estava seguro que Oromis tinha entendido o que acabava de acontecer. Forçou um sorriso e assinalou a Saphira:

- Embora estejamos unidos, não consigo predizer o que vai fazer. Quanto mais sei dela, mais me dou conta de quão diferentes somos.

Então Oromis fez a primeira afirmação que a Eragon pareceu verdadeiramente sábia:

- Freqüentemente amamos a quem nos é mais diferente. - O elfo se deteve. - Ela é muito jovem, como você. Glaedr e eu levamos decênios para nos entender mutuamente. O vínculo de um Cavaleiro com seu dragão não se parece com nenhuma outra relação: é uma obra em permanente criação. Confia nela?

- Com minha vida.

- E ela confia em você?

- Sim.

- Pois siga a corrente. Criou-se como órfão. Ela cresceu convencida de que era o único

indivíduo de toda a sua raça. E agora viu que se equivocava. Não estranharia se tiverem que passar alguns meses até que deixe de acossar Glaedr e volte a concentrar sua atenção em você.

Eragon rodou um arándano entre o polegar e o indicador, tinha perdido o apetite.

- Por que os elfos não comem carne?

- Por que teríamos que comê-la? - Oromis sustentou uma framboesa e a rodou de tal modo que a luz ricocheteava em sua pele salpicada e iluminava as ninharias que brotavam do fruto. - Podemos obter cantando tudo que quisermos das árvores e das plantas, incluída nossa comida. Seria uma barbaridade fazer sofrer aos animais para ter mais pratos na mesa... dentro de pouco lhe fará mais sentido a nossa opção. Eragon franziu o cenho. Sempre tinha comido carne e não gostava da perspectiva de viver só de fruta e verduras enquanto estivesse em Ellesméra.

- Não sentem falta do sabor?

- Não se pode sentir falta do que não se provou.

- Mas o que acontece com Glaedr? Não pode viver da ervas.

- Não, mas tampouco causa algum sofrimento desnecessário. Os dois fazemos o melhor que podemos com o que temos. Não pode evitar ser quem é por nascimento.

- E Islanzadí? Sua capa era de plumas de cisne.

- Plumas soltas recolhidas ao longo de muitos anos. Não se matou nenhum ave para preparar sua vestimenta.

Terminaram de comer e Eragon ajudou Oromis a limpar os pratos com areia. Enquanto os guardava no armário, o elfo perguntou:

- Banhou-se esta manhã? - A pergunta surpreendeu Eragon, mas respondeu que não, que não o tinha feito. - Por favor, faça isso amanhã, e em todos os outros dias.

- Todos os dias! A água está muito fria. Pegarei uma febre. Oromis lhe lançou um olhar estranho.

- Pois esquente-a.

Agora tocava a Eragon virar-se para olhá-lo com estranheza.

- Não tenho tanta força para esquentar todo um regato com magia - protestou. O eco da risada de Oromis ressonou na casa. Lá fora, Glaedr moveu a cabeça para a janela, jogou uma olhada ao elfo e voltou para sua posição anterior.

- Sei que ontem à noite explorou seus aposentos e viu uma pequena habitação com um oco no chão.

- Acreditei que seria para lavar roupa ou os lençóis.

- É para que você se lave. Há dois vasos escondidos em um lado da parede, junto ao oco. Abra-os e poderá se banhar com a água à temperatura que quiser. Além disso - assinalou o queixo de Eragon, - enquanto for meu aluno, espero que se mantenha bem barbeado até que possa se deixar crescer uma barba de verdade, se é

que decida fazê-lo, e não com essa aparência de árvore desfolhada. Os elfos não se barbeiam, mas farei que lhe enviem uma navalha e um espelho. Com uma careta de dor pelo golpe dado em seu orgulho, Eragon aceitou. Saíram para o exterior, onde Oromis olhou para Glaedr e o dragão disse: *Já decidimos o programa para Saphira e para você.*

O elfo disse:

- Começará...

... Amanhã, uma hora depois do pôr-do-sol, na hora dos Lírios Vermelhos. Nessa hora devem estar aqui.

- E traga a sela que Brom fez para você, Saphira - seguiu Oromis. - Até então, façam o que quiserem, há muitas maravilhas na Ellesméra para alguém de fora, se quiserem vê-las.

- Pensarei nisso - disse Eragon, enquanto abaixava a cabeça. - antes de ir, Professor, quero lhe agradecer por me ajudar no Tronjheim depois que matei a Durza. Duvido que tivesse sobrevivido sem sua ajuda. Estou em dívida com você. *Nós dois estamos em dívida* - acrescentou Saphira.

Oromis sorriu levemente e inclinou a cabeça.

A vida secreta das formigas

Assim que Oromis e Glaedr ficaram fora de sua vista, Saphira disse: *Pode acreditar nisso?*

Eragon lhe deu uma palmada no ombro.

É maravilhoso.

Do alto do Du Weldenvarden, o único sinal de que o bosque estava habitado era alguma coluna fantasmagórica de fumaça que se elevava da copa de uma árvore e logo se desvanecia no ar claro.

Nunca esperei me encontrar com outro dragão além de Shruikan. Talvez sim resgatasse os ovos de Galbatorix, mas até aí chegavam minhas esperanças. E agora...

- estremeceu de alegria sob o corpo de Eragon. - *Glaedr é incrível, não é verdade? É*

tão maior e tão forte, e suas escamas brilham tanto... Deve ser dois, não, três vezes maior que eu. Viu suas garras ? São...

Seguiu assim durante vários minutos, desfazendo-se em elogios sobre os atributos de Glaedr. Mas ainda mais fortes que suas palavras eram as emoções que Eragon percebia em seu interior: os desejos e o entusiasmo misturados de tal maneira que podiam identificar-se como uma adoração ofegante.

Eragon tratou de contar a Saphira o que tinha aprendido com Oromis, pois sabia que ela não tinha prestado atenção, mas lhe foi impossível trocar o tema de conversa. Ficou sentado em silencio em sua garupa, enquanto o mundo se estendia por baixo como um oceano esmeralda, e se sentiu como o homem mais solo da existência. De volta a seus aposentos, Eragon decidiu não sair para dar uma volta, estava muito cansado por todos os sucessos do dia e pelas semanas que tinham levado viajando. E Saphira esteve mais que contente de sentar-se em seu leito e conversar sobre Glaedr enquanto ele examinava os mistérios da banheira dos elfos. Chegou a manhã, e com ela apareceu um pacote envolto em papel de cebola que continha a navalha e o espelho que tinha prometido Oromis. A lâmina da folha era típica dos elfos, assim não fazia falta afiá-la nem lubrificá-la. Com caretas de dor, Eragon tomou primeiro um banho em água tão quente que jogava fumaça e logo sustentou o espelho e enfrentou a seu rosto.

“Pareço maior. Maior e cansado.” Não só isso, mas também seus olhos se tornaram muito mais angulosos e lhe davam um aspecto ascético, como de falcão. Não era nenhum elfo, mas tampouco alguém o teria tomado por um humano púbere depois de uma inspeção próxima. Prendeu atrás o cabelo para destampar as orelhas, que se enrolavam para mostrar uma leve ponta, uma amostra mais de como estava mudando por seu laço com Saphira. Tocou uma orelha e deixou que os dedos passeassem por aquela forma estranha.

Custava-lhe aceitar a transformação de sua carne. Embora tinha sabido de antemão que isso ia ocorrer - e em algum momento tinha ficado satisfeito com essa perspectiva, pois confirmava definitivamente que ele era um Cavaleiro, a realidade o enchia de confusão. Lamentava não poder opinar sobre como ia se alterando seu corpo, embora ao mesmo tempo sentia curiosidade por saber aonde o levaria esse processo. Além disso, dava-se conta de que, como humano, estava em plena adolescência, com sua carga correspondente de mistérios e dificuldades.

“Quando saberei por fim quem e o que sou?” Apoiou o fio da navalha na bochecha, como tinha visto Garrow fazer, e a arrastou sobre a pele. Cortou alguns cabelos, mas ficavam compridos e desordenados. Alterou o ângulo do fio e o provou de novo com algo mais de êxito.

Entretanto, quando chegou ao queixo, lhe escorregou a navalha e se fez um corte da curva da boca até abaixo do queixo. Chiou, soltou a navalha e tampou com uma mão o corte, cujo sangue corria pescoço abaixo. Resmungando as palavras entre dentes apertados, disse: *Watse hall.* A dor cedeu em seguida, assim que a magia recoseu sua carne, embora o coração ainda

pulsasse impressionado. *Eragon!* -gritou Saphira.

Apareceu a cabeça e os ombros pelo vestíbulo, abriu com um golpe de focinho a porta do banheiro e cheirou o aroma de sangue.

Sobreviverei -assegurou Eragon.

Saphira olhou para a água ensangüentada.

Tenha mais cuidado. Prefiro vê-lo desalinhado como um cervo em época de muda, que decapitado por tentar um barbear profundo.

Eu também. Veja, estou bem.

Saphira grunhiu e se retirou com reticência.

Eragon ficou sentado, olhando fixamente a navalha. Ao final, resmungou:

- Ao diabo com isto.

Recompôs-se, repassou a lista de palavras do idioma antigo, escolheu as que necessitava e logo permitiu que sua língua emitisse o feitiço recém inventado. Um leve rastro de pó negro caiu de seu rosto quando o restolho de barba se pulverizou, deixando suas bochechas perfeitamente lisas.

Satisfeito, Eragon saiu e selou Saphira, que elevou vôo imediatamente, em direção aos penhascos do Tel'naeir. Aterrissaram junto à cabana, onde os esperavam Oromis e Glaedr.

Oromis examinou a sela de Saphira. Repassou todas as correias com os dedos, detendo-se nas fivelas e costuras, e logo declarou que a feitura era passável, tendo em conta como e quando a tinham criado.

- Brom sempre foi hábil com as mãos. Use esta sela quando precisar viajar a grande velocidade. Mas quando puder se permitir um pouco de comodidade... - entrou um momento em sua cabana e reapareceu carregado com uma sela larga e moldada, decorada com figuras douradas na parte do assento e nos estribos, - use esta. Fizeramna em Vroengard e contêm tantos feitiços que nunca te falhará em um momento de necessidade.

Eragon cambaleou sob o peso da sela quando Oromis a passou. Tinha a mesma forma que a de Brom, com uma série de fivelas que se penduravam de ambos os lados, pensadas para imobilizar suas pernas. O assento, fundo, estava esculpido na pele de tal modo que poderia voar durante horas com comodidade, tanto se fosse sentado como se estivesse recostado junto ao pescoço de Saphira. Além disso, as correias que rodeavam o peito de Saphira tinham uma série de fendas e nós para poder se acomodar ao crescimento do dragão à medida que passassem os anos. Umas quantas cintas largas de ambos os lados da cabeça da cadeira chamaram a atenção de Eragon. Perguntou para que serviam.

Glaedr murmurou:

Para fixar as mãos e os braços de tal modo que não morra de medo como um rato quando Saphira fizer uma manobra complexa.

Oromis ajudou Eragon a tirar a sela antiga de Saphira.

- Saphira, hoje você irá com Glaedr e eu trabalharei aqui com Eragon. *Como quiser* - respondeu ela, e gritou de excitação.

Glaedr elevou sua massa dourada e rumou para o norte. Saphira o seguiu de perto.

Oromis não concedeu a Eragon tempo para pensar na marcha de Saphira: o elfo o levou a um quadro de terra bem imprensada que ficava sob um salgueiro, do outro lado da clareira. Plantado frente a ele no quadro, Oromis disse:

- O que vou mostrar agora se chama Rimgar, ou Dança da Serpente e da Grou. É uma série de posturas que desenvolvemos com o objetivo de preparar os guerreiros para o combate, embora todos os elfos a usem para manter a saúde e a forma física. O

Rimgar tem quatro níveis, cada um mais difícil que o anterior. Começaremos pelo primeiro.

A prevenção ante o sofrimento que se esperava enjoou Eragon a tal ponto que logo que não podia se mover. Apertou os punhos e baixou os ombros, sentindo o puxão da cicatriz na pele das costas enquanto olhava fixamente o espaço entre seus pés.

- Relaxe - aconselhou Oromis.

Eragon abriu as mãos de um puxão e as deixou mortas ao colocá-las ao lado de seus braços rígidos.

- Pedi para você relaxar, Eragon. Não pode fazer o Rimgar se estiver rígido como uma tira de couro.

- Sim, Professor.

Eragon fez uma careta e, com certa reticência, soltou os músculos e as articulações, embora em seu ventre conservasse um nó de tensão enroscada.

- Junte os pés e deixe os braços paralelos ao corpo. Olhe para frente. Agora, respire fundo e erga os braços acima da cabeça para juntar as palmas... Sim, isso. Expire e dobre-se até onde puder, apóie as palmas no chão, respire de novo... e salte para trás. Bem. Respire e dobre-se para trás, olhando para o céu..., e expire, elevando os quadris até que forme um triângulo. Respire do fundo da garganta... e solte o ar. Dentro... e fora. Dentro...

Para alívio de Eragon, as posturas eram suaves e podia mantê-las sem que despertasse a dor

nas costas, embora lhe exigissem esforço: o suor lhe molhava a fronte e arquejava para respirar. Sorriu de pura alegria, como se lhe tivessem concedido um indulto. Seus receios se evaporaram e passou com fluidez de uma postura a outra - apesar de que a maioria exigiam mais flexibilidade da que tinha, - com uma energia e confiança que não havia tornado a ter desde antes da batalha do Farthen Dür. “Ao melhor curei!”

Oromis praticou o Rimgar com ele e demonstrou um nível de força e flexibilidade que assombrou Eragon, sobretudo em alguém de sua idade. O elfo podia tocar os dedos dos pés com a fronte. Durante todo o exercício, manteve uma postura impecável, como se estivesse passeando por um jardim. Suas instruções eram mais tranqüilas e pacientes que as de Brom, mas absolutamente implacáveis. Não se permitia o menor desvio do caminho correto.

- Vamos lavar o suor dos braços e pernas - disse Oromis quando terminaram. Foram ao regato contíguo à casa e se despiram depressa. Eragon olhava dissimuladamente para o elfo, curioso de ver que aspecto tinha sem roupa. Oromis era muito magro, mas seus músculos estavam perfeitamente definidos, gravados sob a pele com as duras arestas de uma talha de madeira. Não tinha pêlo no peito nem nas pernas, nem sequer no púbis. A Eragon pareceu um corpo quase extravagante, comparado com os dos homens que estava acostumado a ver no Carvahall, embora tinha algo de refinada elegância, como o de um gato Montes.

Depois de se lavar, Oromis levou Eragon ao interior do Du Weldenvarden, até

um corredor em que as árvores escuras se inclinavam para frente e obscureciam o céu que ficava depois dos ramos e os véus de líquen emaranhado. Os pés afundavam até

os tornozelos no musgo. Em torno deles tudo estava silencioso. Oromis assinalou um toco branco com a superfície Lisa e polida, a uns três metros, no centro do corredor, e disse:

- Sente-se aí. - Eragon fez o que lhe pedia. - Cruze as pernas e feche os olhos.

- O mundo se obscureceu. Da direita, chegou-lhe um sussurro de Oromis. - Abra sua mente, Eragon. Abra sua mente e escute o mundo que te rodeia, os pensamentos de todos os seres desta clareira, das formigas das árvores até os vermes do chão. Escute até que possa ouvir todos e entender seu propósito e sua natureza. Escute e, quando não ouvir nada, venha me contar o que tiver aprendido.

E logo o bosque ficou em silêncio.

Como não estava seguro se Oromis tinha ido, Eragon retirou cautelosamente as barreiras de sua mente e predispôs sua consciência, como estava acostumado a fazer quando tentava entrar em contato com Saphira a grandes distancia. A princípio só

o rodeou o vazio, mas logo começaram a aparecer aguilhões de luz e calor na escuridão e foram criando força até que se encontrou sentado em meio a galáxia de constelações giratórias em que cada ponto brilhante representava uma vida. Sempre que tinha contatado com outros seres por meio de sua mente, já fizera *Cadoc, Neve de Fogo* ou Solembum, o foco se

concentrou naquele com quem queria se comunicar. Mas isto... Isto era como se tivesse estado surdo em meio de uma multidão e agora pudesse ouvir enchentes de conversação revoando em torno dele.

De repente se sentiu vulnerável, estava totalmente exposto ao mundo. Qualquer, ou algo, que desejasse penetrar em sua mente e controlá-lo poderia fazê-lo. Esticou-se inconscientemente, encolheu-se em seu interior e sua consciência da clareira se desvaneceu. Recordando uma das lições de Oromis, Eragon respirou mais devagar e visualizou o movimento de seus pulmões até que se encontrou suficientemente preparado para abrir de novo a mente.

De todas as luzes que notava, a maioria eram insetos. Aturdiu-lhe a mente. Dezenas de milhares habitavam em um palmo quadrado de musgo, milhões, no resto da pequena clareira, e uma massa incontável, mais à frente. De fato, aquela abundância assustou Eragon. Sempre tinha sabido que os humanos eram poucos e afligidos na Alagaésia, mas nunca tinha imaginado que inclusive os escaravelhos os superassem numericamente daquele modo.

Como eram um dos poucos insetos que Eragon conhecia, e Oromis havia as mencionado, concentrou sua atenção nas colunas de formigas vermelhas que desfilavam pelo chão e subiam pelos caules de uma roseira silvestre. O que pôde lhes surrupiar não foram pensamentos, pois seu cérebro era muito primitivo, apenas urgências: a de encontrar comida e evitar danos, a de defender o próprio território, a de esconder-se. Examinando os instintos das formigas, pôde começar a compreender seu comportamento.

Fascinou-lhe descobrir que, salvo por uns poucos indivíduos que exploravam as fronteiras exteriores de sua província, as formigas sabiam perfeitamente aonde iam. Não foi capaz de determinar que mecanismo as guiava, mas seguiam caminhos claramente definidos desde seu formigueiro até a comida, para logo retornar. A fonte de seu alimento representou outra surpresa. Tal como tinha esperado, as formigas matavam e levavam nas costas a outros insetos, mas quase todos seus os esforços se concentravam no cultivo de... de *algo* que salpicava a roseira. Fosse qual fosse, aquela forma de vida era muito fraca para que ele pudesse senti-la. Concentrou todas suas forças no intento de identificá-la para satisfazer sua curiosidade. A resposta era tão singela que, quando a compreendeu, pôs-se a rir em voz alta: pulgões. As formigas atuavam como pastoras de pulgões, dirigiam-nos e protegiam, ao mesmo tempo em que obtinham sustento deles massageando seus ventres com a ponta das antenas. Eragon custou a acreditar, mas quanto mais olhava, mais se convencia de estar no certo.

Seguiu o rastro das formigas clandestinamente em sua complexa matriz de labirintos e estudou como cuidavam de certos membros da espécie que eram várias vezes maiores que uma formiga normal. Entretanto, foi incapaz de determinar o propósito daqueles insetos, só via quantos serventes os rodeavam, davam-lhes voltas e retiravam umas manchas de matéria que produziam a intervalos regulares. Ao cabo de um momento, Eragon decidiu que já tinha obtido toda a informação possível das formigas, salvo que estivesse disposto a permanecer todo o dia ali sentado, e já se dispunha a retornar a seu corpo quando um esquilo entrou de um salto na clareira. Apareceu como um estalo de luz, porque estava adaptado aos insetos. Aturdido, sentiu que o afligia um fluir de sensações e sentimentos do animal. Cheirou o bosque com o

nariz do esquilo, sentiu como cedia a casca sob suas garras bicudas e notou como circulava o ar em torno do penacho da cauda levantada. Comparada com uma formiga, o esquilo ardia de energia e possuía uma indubitável inteligência. Logo saltou para outro ramo e se desvaneceu de sua consciência. O bosque parecia muito mais escuro e silencioso que antes quando Eragon abriu os olhos. Respirou fundo e olhou ao redor, apreciando pela primeira vez quanta vida existia no mundo. Estirou as pernas com cãibras e pôs-se a andar para a roseira. Agachou-se e examinou os caules e os ramos. Efetivamente, presos nelas estavam os pulgões e seus guardiões encarnadas. E perto da base da planta havia um montão de vegetação que assinalava a entrada do formigueiro. Era estranho vê-lo com seus próprios olhos, nada do que via contradizia as numerosas e sutis interações que agora conhecia bem.

Perdido em seus pensamentos, retornou a clareira, perguntando-se o que poderiam esmagar seus pés a cada passo. Quando abandonou o refúgio das árvores, surpreendeu-lhe ver que o sol tinha descendido muito. “Devo ter passado ao menos três horas aí sentado.”

Encontrou Oromis em sua cabana, escrevendo com uma pluma de ganso. O

elfo terminou uma frase, limpou a ponta da pluma, tampou a tinta e perguntou:

-O você que ouviu, Eragon?

Eragon tinha vontades de compartilhar. Enquanto descrevia sua experiência, notou que sua voz se elevava com entusiasmo pelos detalhes da sociedade das formigas. Contou tudo o que era capaz de recordar, até a mínima e inconseqüente observação, orgulhoso de toda a informação que tinha obtido. Quando já tinha terminado, Oromis arqueou uma sobrancelha.

- Isso é tudo?

- Eu... - O desânimo se apoderou de Eragon ao entender que, por alguma razão, lhe tinha escapado o sentido do exercício. - Sim, Ebrithil.

- E o que acontece com os outros organismos do ar e da terra? Pode me contar o que faziam enquanto suas formigas cuidavam de seus rebanhos?

- Não, Ebrithil.

- Aí está seu engano. Tem que tomar consciência de todas as coisas por igual e não se pegar em detalhes que te levem a se concentrar em um sujeito em particular. É uma lição essencial e, até que a domine, passará cada dia uma hora meditando no toco.

- Como saberei quando a tiver dominado?

- Poderá olhar uma só coisa e ver todas.

Oromis o convidou por gestos a unir-se a ele ante a mesa e lhe pôs diante uma folha de papel em branco, junto a uma pluma e um tinteiro.

- Até agora você funcionou com um conhecimento incompleto do idioma antigo. Não há ninguém entre nós que conheça todas as palavras da linguagem, mas você tem que se familiarizar com sua gramática e sua estrutura para que não se mate por colocar um verbo em um lugar inadequado, ou por cometer algum engano parecido. Não espero que fale como os elfos, pois isso levaria uma vida inteira, mas sim que consiga uma fluidez inconsciente. Ou seja, tem que ser capaz de falá-lo sem pensar.

"Além disso, tem que aprender a ler e escrever no idioma antigo. Não só te servirá para memorizar as palavras, mas também é uma habilidade essencial se precisa compor um feitiço especialmente largo e não confia em sua memória, ou se o feitiço está registrado por escrito e quer usá-lo. Cada raça desenvolveu seu próprio sistema para escrever o idioma antigo. Os anões usam o alfabeto de runas, igual aos humanos. Entretanto, são pouco mais que técnicas improvisadas, incapazes de expressar as autênticas sutilezas da linguagem como nossa Liduen Kvaedhí, a Escritura Poética. A Liduen Kvaedhí foi criada para obter a maior elegância, beleza e precisão possíveis. Compõe-se de quarenta e duas formas distintas que representam diversos sons". Essas formas podem se combinar em uma série de glifos quase infinita que representam de uma vez palavras individuais e frases completas. O símbolo de seu anel é um desses glifos. O de Czar'roc é outro... vamos começar: quais são as vocais básicas do idioma antigo?

- O que?

Sua ignorância dos mistérios do idioma antigo se fez evidente em seguida. Enquanto viajava com o Brom, o velho contador de histórias se concentrou em lhe fazer memorizar listas de palavras que pudesse necessitar para sobreviver, assim como em aperfeiçoar sua pronúncia. Nessas duas áreas se sobressaía, mas nem sequer podia explicar a diferença entre um artigo definido ou indefinido. Se as lacunas de sua educação frustravam Oromis, nenhuma palavra ou ação do elfo traiu essa sensação, e em troca se dedicou a corrigi-los com persistência.

Em um certo ponto da lição, Eragon comentou:

- Nunca necessitei de muitas palavras para meus feitiços, Brom dizia que sabê-lo fazer usando só "brisingr" era um dom. Acredito que o mais comprido que disse no idioma antigo foi quando falei com a mente de Arya e quando benzi uma órfã no Farthen Dür.

- Benzeu a uma menina no idioma antigo? - perguntou Oromis, alarmado de repente. - Recorda com que palavras formulou a bênção?

- Sim.

- Recite-me isso. - Eragon o fez, e uma expressão de puro horror tragou Oromis. Exclamou: - Usou *skóliri!* Tem certeza? Não era *skóliró?*

Eragon franziu o cenho.

- Não, *skólir.* por que não podia usá-la? Significa "protegido". "... e que te veja protegido ante

a desgraça.” Era um bom amparo.

- Não era um amparo, a não ser uma maldição. - Eragon nunca tinha visto Oromis tão agitado. - O sufixo “ou” forma o tempo passado nos verbos que termina com

“r” e com “i”. *Skóliro* significa “protegido”, mas *skólir* significa “protetor”. O que disse foi:

“Que a sorte e a felicidade lhe sigam e que te converta em protetor da desgraça.” Em vez de proteger à menina dos caprichos do destino, condenou-a a sacrificar-se por outros, a absorver suas misérias e sofrimentos para que possam viver em paz .

“Não, não! Não pode ser!” Eragon se encolheu ao pensar nessa possibilidade.

- O efeito que tem um feitiço não se determina só pelas palavras, mas também pela intenção, e minha intenção não era...

- Não se pode contradizer a natureza inerente a uma palavra. pode-se forçar, sim. Guiar, também. Mas não transgredir sua definição para que signifique exatamente o contrário. - Oromis juntou os dedos e ficou olhando a mesa, com os lábios tão apertados que formavam uma fina linha branca. - Confio em que não tinha má intenção, pois do contrário me negaria a seguir te ensinando. Se foi sincero e seu coração era puro, essa bênção fará menos dano do que temo, embora não deixará de ser o núcleo de mais dor do que você e eu desejamos.

Um violento tremor sobressaltou Eragon quando se deu conta do que tinha feito com a vida daquela menina.

- Talvez não possa desfazer meu engano – disse, - mas possivelmente, sim posso aliviá-lo. Saphira marcou a fronte da menina, igual a tinha marcado minha palma com o gedwéy ignasia.

Pela primeira vez em sua vida, Eragon viu um elfo aturdido. Oromis abriu muito os olhos, ficou boquiaberto e se agarrou aos braços do assento até que a madeira emitiu um gemido.

- Alguém que carrega o sinal dos Cavaleiros e, entretanto, não o é–murmurou.

- Em todos os meus anos de vida, ainda não tinha conhecido a ninguém como vocês dois. Parece que todas as suas decisões têm maior impacto do que ninguém se atreveria a prognosticar. Torcem o mundo a seu desejo.

- Isso é bom, ou mau?

- Nenhuma coisa nem outra. Simplesmente é. Onde está agora essa menina?

Eragon custou um momento recompor seus pensamentos.

- Com os varden, no Fathen Dür ou em Surda. Acha que a marca da Saphira lhe ajudará?

- Não sei - respondeu Oromis. - Não existe nenhum precedente de que possamos obter lição alguma.

- Tem que haver maneiras de retirar a maldição e negar o feitiço. Era quase uma súplica.

- Há. Mas para que sejam efetivas, você tem que aplicá-las, e não podemos nos permitir que se ausente daqui. Inclusive nas melhores circunstâncias, algum resto de sua magia perseguirá a esta garota para sempre. Esse é o poder da antiga linguagem. - Fez uma pausa. - Já vejo que entende a gravidade da situação, assim só

te direi isto uma vez: carregue toda a responsabilidade da condenação dessa menina e, pelo mal que lhe causou, deve ajudá-la se alguma vez se apresentar a ocasião. Segundo a lei dos Cavaleiros, carregará essa vergonha como se fosse sua filha ilegítima, uma desgraça entre os humanos, se o recordar bem.

- Sim - murmurou Eragon. - Entendo.

“Entendo que obriguei uma menina indefesa a seguir certo destino sem lhe dar sequer a opção de escolher. pode-se ser verdadeiramente bom se não tiver a oportunidade de ser mau? Converti-a em pulseira.” Também sabia que se ele mesmo se visse preso desse modo sem consentimento, odiaria a seu carcereiro com todos as forças do seu ser.

- Então, não se fale mais disto.

- Sim, Ebrithil.

Eragon seguia desanimado, e inclusive deprimido, ao terminar o dia. Logo que elevou a vista quando saíram ao encontro da Saphira e Glaedr. As árvores se agitaram pela fúria da ventania que os dois dragões provocavam com suas asas. Saphira parecia orgulhosa, arqueou o pescoço e se aproximou de Eragon dando saltos, com as faces abertas em um sorriso lupino.

Uma pedra rangeu sob o peso do Glaedr quando o velho dragão cravou em Eragon seu olho gigantesco - grande como um prato plano - e perguntou: *Qual é a terceira regra para detectar uma corrente descendente e a quinta para evitá-la?*

Eragon saiu de seu torpor e logo que pôde pestanejar com cara de tolo.

- Não sei.

Então, Oromis encarou Saphira e perguntou:

- Que criaturas pastoreiam as formigas e como obtêm alimento delas?

Não tenho nem idéia -confessou Saphira. Parecia ofendida. Um brilho de raiva apareceu no olhar de Oromis enquanto cruzava os braços, embora sua expressão permanecesse tranqüila.

- Depois de tudo o que têm feito juntos, acreditava que tinham aprendido a lição básica do Shurt'ugal: compartilhar tudo com o sócio. Cortaria seu braço direito? E

você voaria só com uma asa alguma vez? Então, por que ignoram o vínculo que lhes une? Desse modo, desprezam o maior dom e a grande vantagem que têm sobre qualquer oponente individual. Não deveriam se limitar a falar entre vós por meio da mente, mas sim deveriam mesclar suas consciências até que pensem e atuem como um só corpo. Espero que os dois saibam o que cada um aprende.

- E nossa intimidade? - perguntou Eragon.

Intimidade? -disse Glaedr. - *Quando forem embora, protejam seus pensamentos se quiserem, mas enquanto estivermos lhes ensinando, não há intimidade que valha.*

Eragon olhou para Saphira e se sentiu ainda pior que antes. Ela esquivou o olhar, mas logo deu um pisão e o olhou diretamente.

Têm razão. Fomos descuidados.

Não é minha culpa.

Não disse que foi. Entretanto,

Saphira tinha adivinhado sua intenção. Eragon lamentava a atenção que tinha emprestado a Glaedr e que isso os tivesse afastado.

Melhoraremos, não?

É obvio! - respondeu ela bruscamente.

Entretanto, Saphira se negou a oferecer suas desculpas a Oromis e Glaedr, deixando essa tarefa para Eragon.

- Não voltaremos a lhes decepcionar.

- Assegure-se de que assim seja. Amanhã lhes examinaremos para comprovar se cada um sabe o que aprendeu o outro. - Oromis mostrou um relógio de madeira na palma de sua mão. - Enquanto se lembrarem de lhe dar corda com regularidade, este aparelho os despertará cada manhã na hora adequada. Voltem aqui assim que estejam lavados e tomados o café da manhã.

Quando Eragon agarrou o relógio, surpreendeu-se que pesasse tanto. Tinha o tamanho de uma avelã e profundas espirais esculpidas em torno de um nó trabalhado para representar um casulo de rosa de musgo. Experimentou girar o nó e ouviu três cliques e o avanço de um mecanismo oculto.

- Obrigado - disse.

Sob a árvore Menoa

Depois de se despedir, Eragon e Saphira retornaram voando a sua casa na árvore, com a sela nova de Saphira pendurada entre as garras. Sem sequer dar-se conta, ambos abriram suas mentes de maneira gradual e permitiram que a conexão se tornasse mais ampla e profunda, embora nenhum dos dois procurasse conscientemente ao outro. As tumultuosas sensações de Eragon, em qualquer caso, deviam ser tão fortes que Saphira as percebeu De qualquer maneira, porque lhe perguntou: *Bom, o que aconteceu?*

Uma dor latente foi crescendo depois dos olhos de Eragon enquanto explicava o terrível delito que tinha cometido no Farthen Dür. Saphira ficou tão aflita como ele. Eragon disse:

Seu presente talvez ajude à menina, mas o que lhe fiz é indesculpável e não servirá mais que para lhe fazer desgraças.

A culpa não é toda sua. Compartilho contigo o conhecimento do idioma antigo e, igual a você, não detectei o engano. -Como Eragon guardava silêncio, a dragona acrescentou: - *Ao menos hoje as suas costas não te causaram problemas. Agradeça por isso.*

Eragon grunhiu, sem vontades de abandonar seu ânimo escuro. *E o que você aprendeu neste dia?*

A identificar e evitar os modelos climáticos perigosos. Fez uma pausa, aparentemente disposta a compartilhar suas lembranças com ele, mas Eragon estava muito preocupado por sua bênção para seguir perguntando. Tampouco suportava nesse momento aquele nível de intimidade. Ao ver que não mostrava maior interesse pelo assunto, Saphira se retirou em um silêncio taciturno. Ao chegar de volta à habitação, Eragon encontrou uma bandeja de comida junto à porta, igual à noite anterior. Levou a bandeja para a cama - que alguém tinha feito com lençóis limpos - e se dispôs a comer, amaldiçoando a falta de carne. Cansado pelo Rimgar, recostou-se nos travesseiros e se dispunha a dar a primeira dentada quando soou uma batida suave na entrada de sua câmara.

- Entre - grunhiu.

Bebeu um sorvo de água. Esteve a ponto de engasgar-se ao ver que Arya transpassava a soleira. Tinha abandonado a roupa de couro que estava acostumado a vestir, substituída por uma túnica de suave cor verde atada à cintura com uma cinta adornada com pedras lunares. Também tinha tirado a habitual cinta do cabelo, que agora se derramava em torno de seu rosto e sobre seus ombros. A maior mudança, entretanto, não se notava tanto na roupa como em sua postura: a tensão que impregnava todo seu comportamento desde que Eragon a vira pela primeira vez tinha desaparecido. Ao fim parecia relaxada.

Apressou-se a ficar em pé e se deu conta de que ela estava descalça.

- Arya! O que faz aqui?

Ela levou dois dedos aos lábios e disse:

- Pensa em passar outra noite sem sair?

- Eu...

- Está há três dias na Ellesméra e não viu nada da cidade. Sei que sempre quis explorá-la. Esqueça o cansaço por uma vez e me acompanhe. Deslizou para ele, Agarrou a Czar'roc, que descansava a seu lado, e o convidou com um gesto.

Eragon se levantou da cama e a seguiu até o vestíbulo, de onde descenderam pela rampa e logo pela muito inclinada escada que rodeava o áspero tronco da árvore. No alto, as nuvens resplandeciam com os últimos raios do sol antes que este se extinguisse depois do limite do mundo.

Em Eragon caiu um fragmento de casca na cabeça e, ao elevar o olhar, viu que Saphira aparecia da habitação, arrancando madeira com as garras. Sem abrir as asas, saltou ao ar e desceu os trinta metros que a separavam do chão, aterrissando em uma nuvem de pó.

Eu também vou.

- É obvio - disse Arya, como se não esperasse outra coisa.

Eragon franziu o cenho, queria ir a sós com ela, mas sabia que não devia se queixar.

Caminharam sob as árvores, onde o crepúsculo estendia seus brincos até o interior dos troncos ocos, as gretas escuras das árvores e a cara inferior das folhas nodosas. Aqui e ali, alguma tocha brilhava como uma gema no interior de alguma árvore ou na ponta de um ramo e desprendia suaves manchas de luz a ambos os lados do caminho.

Os elfos trabalhavam em diversos projetos no raio das tochas e em torno delas, a sós geralmente, salvo por uns poucos casais. Havia vários elfos sentados no alto de algumas árvores, tocando melífluas toadas em suas flautas de cano, enquanto outros olhavam ao céu com expressão pacífica, entre dormidos e acordados. Havia um sentado com as pernas cruzadas ante uma mesa de oleiro que rodava e rodava com ritmo regular enquanto uma delicada urna ia tomando forma sob suas mãos. A mulher gata, Maud, estava agachada a seu lado, entre as sombras, contemplando seus progressos. Havia um brilho prateado em seus olhos quando olhou Eragon e Saphira. O

elfo seguiu seu olhar e os saudou sem deixar de trabalhar.

Entre as árvores, Eragon espiou um elfo - não soube se homem ou mulher - agachado em uma pedra no meio de um regato e murmurando um feitiço para um globo de cristal que sustentava nas mãos. Eragon abaixou o pescoço com a intenção de vê-lo melhor, mas o espetáculo se desvaneceu na escuridão.

- A que se dedicam os elfos? - perguntou Eragon em voz muito baixa para não incomodar ninguém. - Que profissões têm?

Arya respondeu no mesmo tom:

- Nossa habilidade com a magia nos permite desfrutar de tanto ócio como desejamos. Não caçamos nem cultivamos a terra e, em conseqüência, passamos os dias trabalhando para dominar aquilo que nos interessa, seja o que for. Há muito poucas coisas que nos exijam esforço.

Através de um túnel talhado por trepadeiras, entraram no átrio fechado de uma casa que tinha crescido entre um corredor de árvores. Uma cabana aberta ocupava o centro do átrio, que acolhia uma forja e um sortido de utensílios, Eragon pensou que até

Horst os teria invejado.

Uma elfa sustentava umas tenazes pequenas entre brasas ardentes e acionava um fole com a mão direita. Com uma rapidez assombrosa, tirou as tenazes do fogo - mostrando assim um anel de ferro incandescente apanhado entre seus extremos,

- passou o anel pela borda de uma armadura incompleta pendurada em cima da bigorna, agarrou um martelo e fechou os extremos do anel a golpes, entre um estalo de faíscas. Só então Arya se aproximou.

- *Atra esterní ono thelduin*.

A elfa os olhou, com o pescoço e as bochechas iluminadas de abaixo pela luz sanguinolenta das brasas. Percorria sua cara um delicado risco de rugas, como tensos cabos encaixados sob a pele, Eragon nunca tinha visto em um elfo semelhantes rastros da idade. A elfa não respondeu a Arya e Eragon sabia que isso era ofensivo e descortês, sobretudo porque a filha da rainha a tinha honrado ao falar em primeiro lugar.

- Rhunón-elda, trouxe o novo Cavaleiro, Eragon Assassino de Sombras.

- Ouvi que tinha morrido - disse Rhunón a Arya.

Sua voz, ao contrário da maioria dos elfos, era profunda e áspera. Eragon recordou os anciões do Carvahall que se sentavam nos alpendres de suas casas fumando um cachimbo e contando histórias.

Arya sorriu.

- Quando saiu de casa pela última vez, Rhunón?

- Deveria saber. Foi para aquela festa do solstício do verão que me obrigou a ir.

- Faz três anos isso.

- Ah, sim? - Rhunón franziu o cenho enquanto reunia as brasas e as cobria com uma tampa. - Bom, sabe o que é? A companhia me impacienta. Um falatório insignificante que... - Fulminou a Arya com o olhar. - Por que estamos falando nesta absurda linguagem? Suponho que quer que lhe forje uma espada. Já sabe que jurei não voltar a criar nenhum instrumento mortal depois da traição daquele Cavaleiro e a destruição que provocou com minha espada.

- Eragon já tem uma espada - disse Arya.

Elevou um braço e mostrou Czar'roc a ferreira. Rhunón tomou-a com um olhar de assombro. Acariciou a capa, da cor do vinho, deteve-se no símbolo negro que tinha lavrado, tirou um pouco de pó do punho e logo a envolveu com seus dedos e tirou a espada com toda a autoridade de um guerreiro. Olhou os dois fios de Czar'roc e flexionou tanto a folha entre suas mãos que Eragon temeu que se rompesse. Logo, em um só movimento, Rhunón girou a Czar'roc por cima da cabeça e a baixou de repente sobre as tenazes que descansavam na bigorna, cortando-as pela metade com um ressonante tinido.

- Czar'roc - disse Rhunón-. Lembro-me de você. - Embalou a arma como faria uma mãe com seu primogênito. - Tão perfeita como no dia em que foi terminada. - Ficou de costas e elevou a vista aos nodosos ramos enquanto seguia as curvas do pomo. - Passei toda a minha vida tirando estas espadas do ferro a marteladas. Logo ele veio e as destruiu. Séculos de esforço aniquilados em um instante. Que eu saiba, só sobraram quatro exemplos de minha arte: sua espada, a de Oromis e outras duas conservadas pelas famílias que conseguiram resgatá-las dos Wyrdfell.

Wyrdfell? -Eragon se atreveu a perguntar a Arya mentalmente. *É outro nome para os Apóstatas.*

Rhunón se voltou para Eragon.

- Agora Czar'roc voltou para mim. De todas as minhas criações, esta é a que menos esperava recuperar, além da sua . Como a espada do Morzan caiu em seu poder?

- Brom me deu.

- Brom? - Sopesou Czar'roc. - Brom... Lembro-me de Brom. Suplicou-me que repusesse a espada que tinha perdido. Na verdade, queria ajudá-lo, mas já tinha feito meu juramento. Minha negativa lhe fez perder a razão de pura raiva. Oromis teve que deixá-lo inconsciente com um golpe para poder tirá-lo daqui. Eragon recolheu aquela informação com interesse.

- Sua criação me serviu bem, Rhunón-elda. Se não fosse por Czar'roc há

muito que estaria morto. Matei à Sombra Durza com ela.

- Ah, sim? Então tem feito algum bem. - Rhunón embainhou Czar'roc e a devolveu, não sem

certa reticência, e logo olhou para Saphira. - Ah, bem-vinda, Skulblaka.

Bienhallada, Rhunón-elda.

Sem se preocupar em pedir permissão, Rhunón se aproximou do ombro de Saphira, tocou-lhe uma escama com suas duras unhas e a girou no pescoço de um lado a outro com a intenção de olhar o translúcido elemento.

- Boa cor. Não como esses dragões marrons, enlameados e escuros. Falando com propriedade, a espada de um Cavaleiro deveria combinar com o halo de seu dragão, e com este azul se poderia ter feito um fio maravilhoso... A idéia parecia esgotá-la. Retornou à bigorna e ficou olhando a tenaz destroçada, como se já não tivesse vontades de repará-la.

A Eragon parecia que não estava bem terminar a conversa com uma nota tão deprimente, mas não lhe ocorria uma maneira de trocar de tema com tato. A armadura brilhante captou sua atenção e, ao estudá-la com atenção, assombrou-lhe ver que todos os aros estavam fechados como se estivessem soldados à perfeição. Como os elos minúsculos se esfriavam tão rápido, normalmente teria que soldá-los antes de encaixálos na malha, o que implicava que as malhas mais finas - como a cota de Eragon - estavam compostas de elos soldados e arrebitados, alternadamente. Salvo que, ao parece, se o ferreiro possuísse a velocidade e a precisão dos elfos. Eragon disse:

- Nunca vi uma malha igual à sua, nem sequer as dos anões. Como tem paciência para soldar todos os elos? Por que não usa a magia e economiza todo esse trabalho?

Em nenhum caso esperava o estalo de paixão que animou Rhunón. Agitou sua curta cabeleira e disse:

- E perder todo o prazer da tarefa? Ah, sim, todos os elfos e eu mesma poderíamos usar a magia para satisfazer nossos desejos, e alguns o fazem, mas então... Que significado teria a vida? Como ocuparia você o tempo? Me diga.

- Não sei - confessou.

- Perseguindo aquilo que mais ama. Quando te basta pronunciar umas poucas palavras para obter o que quer, não importa o objetivo, a não ser o caminho que te leva a ele. Algum dia enfrentará ao mesmo dilema, se viver o suficiente... E agora... vão!

Cansei-me dessa conversa.

Depois de dizer isso, Rhunón tirou o ralo da forja, tirou umas tenazes novas e colocou um anel entre as brasas enquanto acionava o fole com intensidade redobrada.

- Rhunón-elda - disse Arya. - Recorda que voltei para colocá-la na vigília de Agaetí Blódhren.

Só obteve um grunhido por resposta.

- Ela fez todas as espadas dos Cavaleiros? - perguntou Eragon. - Até a última?

- E muitas mais. É a melhor ferreira que jamais viveu. Pareceu-me que devia conhecê-la, por seu bem e pelo de Saphira.

- Obrigado.

Sempre é tão brusca? - perguntou Saphira. Arya riu.

- Sempre. Para ela só importa seu artesanato, e é famosa a sua impaciência com qualquer pessoa ou objeto que interfira. Suas excentricidades são toleradas, entretanto, por sua habilidade incrível e seus feitos.

Enquanto Arya falava, Eragon tentou interpretar o significado do "Agaetí

Blódhren." Estava quase seguro de que *blódh* significava "sangue" e, portanto, *blódhren* devia ser "juramento de sangue", mas nunca tinha ouvido falar de "agaetí."

- "Celebração" - explicou Arya quando perguntou-. Organizamos a Celebração do Juramento de Sangue uma vez a cada século para honrar nosso pacto com os dragões. É uma sorte para vocês que estejam aqui agora, porque já está muito perto... - Franziu tanto o cenho que suas sobrancelhas se juntaram. - Certamente, o destino preparou uma coincidência muito promissora.

Surpreendeu Eragon ao guiá-los ainda mais para dentro do Du Weldenvarden por atalhos entrecruzados por urtigas e groselheiras, até que as luzes se desvaneceram a seu redor e entraram no bosque mais selvagem. Na escuridão, Eragon teve que confiar na aguda visão noturna da Saphira para não perder-se. Corredores de árvores se alargavam e estavam cada vez mais próximos entre si, até que ameaçavam criar uma barreira impenetrável. Justo quando parecia que já não podiam avançar, o bosque terminou e entraram em uma clareira banhada pela luz de uma brilhante foice de lua desce no céu pelo este.

Um pinheiro solitário se elevava no meio da clareira. Não era mais alto que outros de sua espécie, mas sim mais largo que uma centena de árvores normais somadas, em comparação, outros pareciam tão esqueléticos como pimpolhos açoitados pelo vento. Um manto de raízes irradiava do tronco gigantesco e cobria a terra com umas veias embainhadas em corrente e causavam a impressão de que todo o bosque fluía daquela árvore, como se fosse mesmo coração do Du Weldenvarden. O pinheiro presidia o bosque como uma matriarca benevolente e protegia a seus habitantes sob o refúgio de seus ramos.

- Aqui está a árvore Menoa - sussurrou Arya. - Celebramos o Agaetí Blódhren a sua sombra.

Um calafrio percorreu o flanco de Eragon ao reconhecer o nome. Depois de que Angela lhe adivinhou o futuro no Teirm, Solembum tinha se aproximado e lhe havia dito:

Quando chegar o momento em que necessitar de uma arma, olhe debaixo das raízes da árvore Menoa. Logo, quando tudo parecer perdido e seu poder não seja suficiente, vá à rocha do Kuthian e pronuncie seu nome para abrir a cripta das Almas. Eragon não podia imaginar que tipo de alma podia estar enterrada sob a árvore, nem como podia encontrá-la.

Vê algo? -perguntou a Saphira.

Não, mas duvido de que as palavras do Solembum façam sentido até que esteja claro que o necessitamos.

Eragon contou a Arya as duas partes do conselho do homem gato, embora -tal como havia feito com o Ajihad e Islanzadí - manteve em segredo a profecia de Angela por sua natureza pessoal e porque lhe deu medo que permitisse a Arya adivinhar a atração que sentia por ela.

Quando terminou, Arya lhe disse:

- É pouco freqüente que os homens gato ofereçam conselho, e se o fazem, não convém ignorá-lo. Que eu saiba, não há nenhuma arma escondida aqui, nem sequer segundo as velhas canções e lendas. Quanto à rocha do Kuthian... Esse nome me soa como se viesse da voz de um sonho esquecido, familiar mas estranho. Ouvi-o alguma vez, mas não consigo recordar onde.

Quando se aproximaram da árvore Menoa, a multidão de formigas que se arrastavam por cima das raízes chamou a atenção do Eragon. Se esforçava para ver as leves mancha brancas dos insetos, mas o exercício do Oromis o tinha sensibilizado às correntes de vida do entorno e conseguiu sentir em sua mente as consciências primitivas das formigas. Retirou as defesas e permitiu que sua consciência fluísse para fora, tocando levemente Arya e Saphira e expandindo-se logo mais à frente para ver que mais vivia na clareira.

Com uma brutalidade inesperada descobriu uma entidade imensa, um ser consciente de uma natureza tão colossal que não alcançava a perceber os limites de sua psique. Até o intelecto de Oromis, com o que Eragon tinha feito contato no Farthen Dür, era anão comparado com aquela presença. Até o ar parecia vibrar com a energia e a força que emanava da... da árvore?

A fonte era inconfundível.

Deliberados e inexoráveis, os pensamentos da árvore se moviam a passos medidos, lentos como o avanço do gelo sobre o granito. Não emprestava atenção ao Eragon nem, seguro, a nenhum outro indivíduo. Estava preocupado por inteiro com os assuntos de todo aquilo que cresce e floresce sob o brilho do sol, com o cânhamo e os lírios, as prímulas de entardecer e a sedosa dedaleira e a mostarda amarela que crescia junto à macieira silvestre com suas flores púrpuras.

- Está acordada! - exclamou Eragon, levado pela surpresa. - Ou seja... É

inteligente.

Sabia que Saphira também o estava sentindo, a dragona inclinou a cabeça para a árvore Menoa, como se escutasse, e logo voou para um dos ramos, que eram tão largas como a estrada do Carvahall ao Therinsford. Ali se plantou e deixou cair a cauda, agitando-a de um lado a outro com a elegância de sempre. Era uma visão tão estranha, uma dragona em uma árvore, que Eragon quase pôs-se a rir.

- Claro que está acordada - disse Arya. Sua voz soou baixa e suave no ar da noite. - Quer que te conte a história da árvore Menoa?

- Eu adoraria.

Um resplendor branco cruzou o céu, como um espectro açoitado, e se desfez diante da Saphira e Eragon para adotar a forma do Blagden. Os estreitos ombros do corvo e seu pescoço curvado lhe davam o aspecto de um avaro que se regozijasse ante o brilho de um montão de ouro. O corvo elevou sua pálida cabeça e soltou um chiado que não pressagiava nada bom:

- Wyrda!

- Isto é o que aconteceu. Em outro tempo vivia aqui uma mulher, Linnéa, na época das especiarias e o vinho, antes de nossa guerra com os dragões e antes que nos tornássemos imortais, na medida em que podem sê-lo todos os entes compostos de carne vulnerável. Linnéa tinha envelhecido sem o consolo de um companheiro ou filhos, nem tampouco sentia necessidade de tê-los, pois preferia se ocupar da arte de cantar às plantas, arte que dominava com maestria. Ou seja, dominou-o até que apareceu à sua porta um jovem e a encantou com suas palavras de amor. Suas bajulações despertaram uma parte de Linnéa que ela nem sequer tinha suspeitado existir, um desejo de experimentar coisas que tinha sacrificado sem dar-se conta. O

oferecimento de uma segunda oportunidade era uma ocasião muito grande para deixála passar. Abandonou seu trabalho e se dedicou ao jovem, e foram felizes durante um tempo.

“Mas o rapaz era jovem e começou a desejar uma companheira de sua idade. Conheceu outra moça e a cortejou e obteve seu favor. E durante um tempo foram felizes também”.

“Quando Linnéa descobriu que tinha sido desdenhada, traída e abandonada, enlouqueceu de dor. O jovem tinha feito uma das piores maldades: tinha-lhe dado a provar a plenitude da vida para logo arrancar-lhe sem mais olhares que o do galo que revoa entre uma galinha e a seguinte. Ela o descobriu com a outra mulher e, em um ataque de fúria, matou-o a punhaladas”.

“Linnéa sabia que o que tinha feito era errado. Também sabia que, inclusive se lhe perdoava o crime, não poderia retornar a sua existência prévia. A vida tinha perdido toda a sua alegria. Assim foi à árvore mais antiga do Du Weldenvarden, apertou-se contra seu tronco e se fundiu com ele cantando, enquanto abandonava todos os atributos de sua raça. Cantou durante três dias e três noites e, ao terminar, unificou-se com suas amadas plantas. E durante todo o milênio que passou a partir de então não deixou de vigiar o bosque. Assim se criou a árvore Menoa”.

Depois de terminar o relato, Arya e Eragon se sentaram juntos no montículo de uma raiz enorme, a algo mais de um metro do chão. Eragon ricocheteou os talões na árvore e se perguntou se Arya lhe teria contado aquela historia como advertência ou se era apenas um conto inocente.

Sua dúvida se endureceu, convertida em certeza, quando ela perguntou:

- Acha que o jovem teve a culpa da tragédia?

- Acho - respondeu, sabendo que uma resposta torpe podia pôr Arya contra ele - que o que fez foi cruel... E que a reação da Linnéa foi excessiva. Os dois têm sua parte de culpa.

Arya o olhou até que Eragon se viu obrigado a apartar o olhar.

- Não mereciam um ao outro.

Eragon começou a negar, mas se deteve. Arya tinha razão. E o tinha manipulado de tal maneira que agora tinha que dizê-lo em voz alta, e tinha que dizer-lhe nada menos que a ela.

- Talvez - admitiu.

O silêncio se acumulou entre eles como areia amontoada até formar uma parede que nenhum dos dois queria quebrar. O agudo cantarolo das cigarras ressonou da borda da clareira. Ao fim, Eragon disse:

- Parece que você se sente bem em estar em casa.

- Sim.

Com uma facilidade inconsciente, Arya se inclinou para frente, recolheu um ramo da árvore Menoa e começou a tecer as agulhas de vegetação para formar um cesto pequeno.

O sangue quente subiu ao rosto de Eragon enquanto a olhava. Esperou que a lua não brilhasse tanto como para revelar que suas bochechas tinham adquirido um vermelho pintalgado.

- Onde...? Onde você vive? Islanzadí e você têm um palácio ou um castelo...?

- Vivemos na sala Tialdarí, um dos edifícios ancestrais de nossa família, na parte oeste da Ellesméra. Eu adoraria lhe mostrar nossa casa.

- Ah. - Uma questão prática se introduziu de repente nos confusos pensamentos de Eragon, sussurrando abafado. - Arya, você tem irmãos? - Ela negou com a cabeça. - Então, é a única herdeira do trono dos elfos?

- É obvio. Por que o pergunta? - Sua curiosidade parecia lhe assombrar.

- Não consigo entender porque aceitou se converter em embaixatriz ante os varden e os anões, assim como portadora do ovo da Saphira daqui até o Tronjheim. É

uma tarefa muito perigosa para uma princesa, e muito mais para uma futura rainha.

- Você quer dizer que seria muito perigoso para uma mulher humana. Já te disse outras vezes que não sou uma dessas mulheres sem recursos. Não percebe que nós vemos nossos monarcas de maneira distinta dos humanos e anões. Para nós, a maior responsabilidade de um rei ou uma rainha é servir a seu povo onde for preciso e como for possível. Se isso implica arriscar nossa vida no processo, agradecemos a oportunidade de demonstrar nossa devoção ao lar, ao salão e à honra, como diriam os anões. Se tivesse morrido no cumprimento de meu dever, teria se escolhido um sucessor entre nossas casas nobres. Inclusive agora, ninguém poderia me obrigar a me converter em rainha se me parecesse uma perspectiva desagradável. Não escolhemos líderes que não estejam dispostos a dedicar-se plenamente às suas obrigações. - Titubeou, e logo recolheu os joelhos sobre o peito e apoiou nelas o queixo. - Tive muitos anos para aperfeiçoar esses argumentos com minha mãe. – Durante um momento, o cri-cri das cigarras soou no claro sem interrupção. - Como vão seus estudos com Oromis?

Eragon grunhiu e recuperou o mau humor, empurrado por uma onda de lembranças desagradáveis que arruinavam o prazer de estar com a Arya. Só queria meter-se na cama, dormir e esquecer aquele dia.

- Oromis-elda - disse, ruminando as palavras em sua boca antes de soltá-las - é bastante duro.

Fez uma careta quando ela lhe agarrou pelo antebraço com uma força dolorosa. - O que saiu errado?

Tentou escapar de sua mão.

- Nada.

- Viajei contigo o suficiente para saber quando está contente, zangado... ou machucado. Aconteceu algo entre o Oromis e você? Se for assim, tem que me dizer para que se possa retificar o mais rápido possível. Ou foram suas costas? Poderíamos...

- Não é por minha formação! – Apesar do ressentimento, Eragon se deu conta de que a preocupação de Arya parecia autêntica, e gostou. - Pergunte a Saphira. Que ela lhe conte.

- Quero ouvir isso de você - disse Arya em voz baixa. Os músculos do queixo de Eragon se contraíram de tanto apertar os dentes. Em voz baixa, apenas em um sussurro, primeiro descreveu como tinha fracassado na meditação na clareira, e logo o incidente que envenenava seu coração como se tivesse uma víbora enroscada no peito: a bênção.

Arya lhe soltou o braço e se agarrou à raiz da árvore Menoa, como se procurasse um ponto de equilíbrio.

- *Barzül*. - Aquele palavrão próprio de anões alarmou Eragon. Nunca tinha ouvido a elfa pronunciar nada parecido, e aquela era particularmente apropriada, pois significava “má sorte”. - Soube de sua ação no Farthen Dür, claro, mas nunca pensei... Nunca suspeitei que pudesse ocorrer algo assim. Suplico que me perdoe, Eragon, por obrigá-lo a sair de seus aposentos esta noite. Não entendia seu mau humor. Quer ficar sozinho.

- Não – respondeu. - Não, agradeço a companhia e as coisas que me ensinou.

- Eragon sorriu para Arya, e depois de alguns segundos ela lhe devolveu o sorriso. ficaram juntos, sentados e quietos na base da velha árvore, e contemplaram como a lua riscava um arco sobre o bosque em paz antes de esconder-se entre as nuvens. - Só

queria saber o que será dessa menina.

No alto, Blagden agitou suas asas brancas como um osso e uivou:

- Wyrda!

Um labirinto de oposição

Nasuada cruzou os braços sem se preocupar em dissimular sua impaciência enquanto examinava aos dois homens que tinha diante.

O da direita tinha um pescoço tão grosso que a cabeça se via obrigada a permanecer adiantada, quase em ângulo reto com os ombros, o qual lhe dava um aspecto de homem teimoso e de pouca inteligência. A fronte e os dois penhascos de cabelo condensado - tão comprido que quase chegava a lhe tampar os olhos - intensificavam essa sensação, assim como seus lábios grossos, que adotavam a forma de um cogumelo rosado, inclusive enquanto falava. Entretanto, ela sabia que não devia levar em conta seu aspecto repulsivo. Embora se alojasse em um tom áspero, a língua daquele homem era hábil como a de um bufão.

O único traço identificador do segundo homem era a palidez de sua pele, que nem sequer se obscurecia sob o sol da Surda, apesar dos varden estarem já há

algumas quantas semanas no Aberon, a capital. Por aquela cor de pele Nasuada intuiu que o homem era originário dos limites nortistas do Império. Sustentava em suas mãos uma boina de lã e, de tanto retorcê-la, quase a tinha convertido em uma corda.

- Você - disse-lhe, enquanto o assinalava-. Quantos frangos diz que te matou?

- Treze, senhora.

Nasuada fixou de novo sua atenção no homem feio.

- Uma desgraça, uma vergonha, professor Gamble. E também é para você. É

culpado de roubo e destruição da propriedade alheia, e não ofereceu uma recompensa apropriada.

- Nunca neguei.

- Só me pergunto como pode comer treze frangos em quatro dias. Alguma vez teve o bastante, professor Gamble? - O homem mostrou um sorriso jocoso e coçou um lado da cara. O raspar de suas unhas sem cortar sobre o restolho de barba incomodou Nasuada, quem teve que fazer um esforço para não lhe pedir que parasse.

- Bom, não pretendo lhe faltar com o respeito, senhora, mas encher meu estômago não seria um problema se você nos alimentasse apropriadamente, de acordo com o muito que trabalhamos. Sou um homem grande e preciso comer um pouco de carne depois de passar meio-dia quebrando pedras com uma maça. Fiz o que pude para resistir à tentação. Mas três semanas de rações pequenas enquanto via estes fazendeiros passearem com seus gados sem compartilhá-los mesmo que alguém morra de fome... Bom, reconheço que isso pôde ofendê-lo. Não sou um homem forte em relação à comida. Eu gosto de comida quente e eu gosto que haja muita. E me parece que não sou o único disposto a me servir do que encontrar.

“E esse é o núcleo do problema”, refletiu Nasuada. Os varden não podiam permitir-se alimentar a seus membros, nem sequer com a ajuda de Orrin, o rei de Surda. Orrin lhes tinha aberto seus erários, mas tinha se negado a fazer o mesmo que Galbatorix quando enviou seu exército pelo Império: apropriar-se das provisões dos patrícios sem pagar por elas. Entretanto, Nasuada sabia que eram esse tipo de atos os que diferenciavam, a ela, Orrin, Hrothgar e Islanzadí do despotismo de Galbatorix. “Que fácil seria cruzar essa fronteira sem perceber”.

- Entendo suas razões, professor Gamble. Entretanto, embora nós, os varden, formemos um país e não respondemos outra autoridade além da nossa, isso não dá, nem a você nem a ninguém, o direito de ignorar o império da lei que estabeleceram meus predecessores e que se observa na Surda. Portanto, ordeno que pague uma moeda de cobre por cada um dos frangos que roubou.

Gamble a surpreendeu ao aceitá-lo sem protestar.

- Como quiser, senhora.

- Só isso? - exclamou o homem pálido. Retorceu ainda mais a boina. - Não é

um preço justo. Se os vendesse em qualquer mercado, valeriam... Nasuada não pôde conter-se mais.

- Sim! Valeriam mais. Mas acontece que eu sei que o professor Gamble não pode pagar o que valem, pois eu mesma pago o seu salário. Igual ao seu. Esquece que se eu decidisse comprar suas aves pelo bem dos varden, não tiraria mais de uma moeda de cobre por cada frango, e isso com sorte. Entendeu?

- Não pode...

- Entendeu?

Ao cabo de uns segundos, o homem pálido cedeu e murmurou:

- Sim, senhora.

- Muito bem. Podem se retirar. - Com expressão de sardônica admiração, Gamble levou a mão à frente e fez uma reverência para Nasuada antes de sair da habitação de pedra com seu amargurado oponente. - Vocês também - disse ela aos guardas que estavam de ambos os lados da porta.

Assim que se foram, Nasuada se deixou cair em sua cadeira com um suspiro de cansaço, agarrou um leque e o agitou perto do rosto, em um inútil intento de dissipar as gotas de suor que se acumulavam na fronte. O calor constante lhe consumia as forças e transformava até o menor esforço em uma árdua tarefa. Dava-lhe a impressão de que, inclusive se fosse pleno inverno, estaria igualmente cansada. Apesar da sua familiaridade com os mais recônditos segredos dos varden, havia-lhe custado mais do que esperava transportar toda a organização do Farthen Dür através das montanhas Beor e levá-la até Surda e Aberon. estremeceu ao recordar os compridos e incômodos dias passados sobre a sela do cavalo. Planejar e executar a partida tinha sido extremamente difícil, como também era integrar os varden a seu novo lar ao mesmo tempo em que preparava um ataque ao Império. “Meus dias não têm tempo suficiente para resolver todos estes problemas”, lamentou-se. Ao fim, soltou o leque e acionou a campainha para chamar a sua donzela, Farica. O estandarte pendurado à direita do escritório de cerejeira se agitou ao abrir a porta que ficava escondida atrás dele. Farica apareceu e ficou junto ao cotovelo da Nasuada, com o olhar baixo.

- Há mais? - perguntou.

- Não, senhora.

Nasuada procurou que não se notasse seu alívio. Uma vez por semana mantinha uma corte aberta para resolver as diversas disputas que se produziam entre os varden. Qualquer um que se sentisse maltratado podia lhe pedir audiência e contar com sua intervenção. Não lhe ocorria outra tarefa tão difícil e ingrata como aquela. Como estava acostumado a dizer seu pai depois de negociar com o Hrothgar: “Um bom pacto deixa a todos sem energia”. Parecia certo.

Reconcentrou sua atenção nos assuntos pendentes e disse a Farica:

- Quero que transfiram o Gamble. Dê-lhe um trabalho onde seu talento com as palavras sirva para algo. Intendente, por exemplo, se o trabalho estiver recompensado com boas rações. Não quero vê-lo outra vez por ter roubado. Farica assentiu, aproximou-se do escritório e anotou as instruções de Nasuada em um pergaminho. Só por essa capacidade era inestimável. A donzela perguntou:

- Onde posso encontrá-lo?

- Em uma das brigadas que trabalha na pedreira.

- Sim, senhora. Ah, enquanto estava ocupada, o rei Orrin pediu que se reúna com ele em seu laboratório.

- O que foi desta vez? Está cego?

Nasuada se lavou as mãos e o pescoço com água de lavanda, repassou seu cabelo no espelho de prata polida que lhe tinha dado Orrin e alisou seu vestido até que as mangas ficaram retas.

Satisfeita com seu aspecto, saiu de seus aposentos seguida por Farica. O sol brilhava tanto que para iluminar o interior do castelo Borromeo não eram necessárias tochas, cujo calor, por de outra forma, teria tornado o ambiente insuportável. Caíam faixas de luz das janelas e, refletidas na parede interior do passadiço, riscavam no ar grades de pó dourado a intervalos regulares. Nasuada olhou para a janela por uma ombreira e viu que uns trinta soldados de cavalaria do Orrin, com seus trajes de cor laranja, iniciavam uma de seus incessantes rondas para patrulhar os campos que rodeavam Aberon.

“Tampouco serviriam de muito se Galbatorix decidisse nos atacar”, pensou com amargura. A única proteção desse ataque era o orgulho de Galbatorix e, segundo as esperanças da Nasuada, seu medo de Eragon. Todos os líderes eram conscientes do risco de usurpação, mas os próprios usurpadores estavam duplamente assustados pela ameaça que podia representar um indivíduo decidido. Nasuada sabia que estava jogando um jogo muito perigoso com o louco mais poderoso da Alagaésia. Se equivocasse ao julgar até onde poderia pressioná-lo, ela e o resto dos varden seriam destruídos, e com eles qualquer esperança de pôr fim ao reinado de Galbatorix. O fresco aroma do castelo lhe recordava os tempos que tinha passado ali em sua infância, quando ainda governava o rei Larkin, pai de Orrin. Nessa época sempre via Orrin. Tinha cinco anos mais que ela e já estava ocupado com suas tarefas de príncipe. Agora, Nasuada se sentia freqüentemente como se fosse ela a mais velha. Ao chegar à porta do laboratório do Orrin, teve que parar e esperar que seus guardas, que sempre estavam ante a porta, anunciassem ao rei sua presença. Logo ressonou a voz do Orrin no oco da escada.

- Senhora Nasuada! Me alegro de que tenha vindo. Tenho que lhe ensinar algo. Preparando-se mentalmente, entrou no laboratório com Farica. Ante eles havia um labirinto de mesas carregadas com um fantástico desdobramento de alambiques, copos de precipitados e retortas, como um matagal de cristal preparado para enganchar seus vestidos em qualquer de seus múltiplos ramos frágeis. O pesado aroma de vapores metálicos marejou os olhos de Nasuada. Segurando as barras dos vestidos, ela e Farica caminharam em fila para o fundo da sala, passando junto a relógios de areia e regras, livros ocultos encadernados em ferro negro, astrolábios anões e pilhas de prismas fosforescentes de cristal que emitiam brilhos azuis e luzes de alerta. Encontraram Orrin junto a um banco de mármore, onde removia uma forma com um tubo de cristal fechado por um extremo e aberto pelo outro, de menos um metro de altura apesar a que media alguns centímetros de largura.

- Senhor - disse Nasuada. Como tinha a mesma posição que o rei, manteve-se erguida atrás de Farica que fazia uma reverência. - Parece recuperado da explosão da semana passada.

De bom humor, Orrin fez uma careta.

- Aprendi que não é inteligente combinar fósforo e água em um espaço fechado. O resultado pode ser bastante violento.

- Recuperou de todo o ouvido?

- Não de tudo, mas...

Sorrindo como um pirralho com sua primeira navalha, prendeu uma lasca com as brasas de um braseiro, cuja presença transformava o ambiente ainda mais insuportável a Nasuada com aquele mormaço, levou a madeira em chamas de volta ao banco e a usou para acender uma pipa cheia de sementes de cardo.

- Não sabia que fumava.

- Na verdade, não fumo - confessou o rei, - mas tenho descoberto que como o tímpano não se soldou de tudo, posso fazer isto... - Aspirou uma baforada e inflou as bochechas até que uma coluna de fumaça começou a sair por sua orelha esquerda, como uma serpente que abandonasse o ninho, e se enroscou em torno de sua cabeça. Era tão inesperado que Nasuada pôs-se a rir e, aos poucos, Orrin se uniu a ela, soltando uma nuvem de fumaça pela boca. - É uma sensação muito peculiar - explicoulhe. - Ao sair, lança um montão. Nasuada ficou séria de novo e perguntou:

- Há algo mais que queira comentar comigo, senhor?

Orrin estalou os dedos.

- Claro. - Colocou seu comprido tubo de cristal na forma, encheu-o de óleo e logo tampou o extremo aberto com um dedo e o mostrou a Nasuada. - Concorda que neste tubo só há óleo?

- Claro.

“Para isto queria audiência?”

- E agora o que?

Com um rápido movimento, investiu o tubo e plantou o extremo aberto dentro da forma, ao mesmo tempo em que tirava o dedo. Em vez de derramar como Nasuada esperava, o óleo caiu só até a metade do tubo, onde se deteve e conservou a posição. Orrin assinalou a seção vazia que ficava por cima do metal suspenso.

- O que ocupa este espaço? -perguntou.

- Tem que ser ar - afirmou Nasuada.

Orrin sorriu e negou com a cabeça.

- Nesse caso, como poderia o ar cruzar o óleo ou esparramar-se pelo cristal?

Não há caminho algum por onde possa entrar a atmosfera. - Assinalou a Farica com um gesto. - O que pensa você, donzela?

Farica olhou fixamente o tubo, encolheu-se de ombros e disse:

- Não pode haver nada, senhor.

- Ah, isso é exatamente o que acredito: nada. Acredito que resolvi um dos mais antigos enigmas da filosofia natural ao criar um vazio e demonstrar sua existência. Invalida totalmente as teorias do Vacher e significa que, na realidade, Ládin era um gênio. Parece que os olhos cegos por uma explosão sempre têm razão. Nasuada se esforçou por manter a cordialidade enquanto perguntava:

- Mas para que serve?

- Servir? - Orrin a olhou com genuíno assombro. - Para nada, é obvio. Ao menos, não me ocorre nada. Entretanto, nos ajudará a compreender a mecânica de nosso mundo, como e porque ocorrem as coisas. É uma descoberta assombrosa. Quem sabe a que poderia nos levar? - Enquanto falava, esvaziou o tubo e o depositou com cuidado em uma caixa forrada de veludo que continha outros utensílios igualmente delicados. - A perspectiva que me estimula de verdade, em qualquer caso, é a de usar a magia para pinçar os segredos da natureza. Caramba, ontem mesmo, com um só feitiço, Trianna me ajudou a descobrir dois gases completamente novos. Imagine o que se poderia aprender se aplicássemos a magia sistematicamente às disciplinas da filosofia natural. Estou me propondo aprender magia, se é que tenho o talento necessário e sou capaz de convencer a alguns conhecedores para que divulguem seus segredos. É uma pena que seu Cavaleiro, Eragon, não te acompanhasse até aqui. Estou seguro de que ele poderia me ajudar.

Nasuada olhou para Farica e lhe disse:

- Me espere lá fora. - A mulher fez uma reverência e partiu. Quando ouviu que se fechava a porta do laboratório, disse: - Orrin, você perdeu o juízo?

- O que quer dizer?

- Enquanto você passa o tempo aqui encerrado com esses experimentos que ninguém compreende, e de passagem põe em perigo seu bem-estar, seu país cambaleia à beira da guerra. Um milhar de assuntos esperam sua decisão, e você está

aqui jogando fumaça e brincando com óleo?

O rosto do Orrin se endureceu.

- Sou muito consciente de minhas obrigações, Nasuada. Você poderá liderar os varden, porém eu continuo sendo o rei de Surda, e fará bem em recordá-lo antes de me faltar com o respeito. Devo te recordar que sua presença neste santuário depende de que eu mantenha minha boa vontade?

Nasuada sabia que era uma ameaça vã: muitos surdanos tinham parentes entre os varden, e vice-versa. O vínculo era muito estreito para que nenhuma das duas partes abandonasse à outra. Não, a verdadeira razão para que Orrin se ofendesse era a questão da autoridade. Como era quase impossível manter grupos amplos de guerreiros armados e em guarda durante longos períodos de tempo - pois a própria Nasuada tinha aprendido que alimentar tanta gente inativa causava um pesadelo logística, - os varden haviam começado a aceitar trabalhos, pôr fazendas em marcha e, em geral, integrar-se no país que os abrigava. “O que significará isso finalmente para mim? Serei líder de um exército inexistente? Alguém poderoso ou apenas conselheira às ordens de Orrin?” Sua posição era precária. Se agisse muito rápido ou com muita iniciativa, Orrin perceberia isso como uma ameaça e ficaria em oposição a ela, sobretudo agora que ela se adornava com o brilho da vitória dos varden no Farthen Dür. Mas se esperasse muito, perderiam a chance de aproveitar a debilidade momentânea de Galbatorix. Sua única vantagem sobre o labirinto de impedimentos era o domínio do único elemento que tinha instigado aquele ato da representação: Eragon e Saphira.

- Não pretendo minar sua autoridade, Orrin – disse. - Nunca tive essa intenção e me desculpe se pareceu assim. - Ele inclinou o pescoço com um rígido golpe de cabeça. Não muito segura de como devia continuar, ela apoiou as pontas dos dedos na borda do banco. - O problema é... é que terá que fazer muitas coisas. Trabalho noite e dia, inclusive mantenho um caderno junto à cama para tomar notas, e entretanto, nunca o ponho ao dia, sinto-me como se sempre estivesse me equilibrando à beira do desastre.

Orrin tomou uma pedra de morteiro enegrecida pelo uso e a rodou entre as palmas das mãos com um ritmo regular e hipnótico.

- Até você vir... Não, isso não é certo. Até que seu Cavaleiro se materializou e tomou corpo entre o éter, como Moratensis em sua fonte, eu esperava levar a mesma vida que levaram antes meu pai e meu avô. Ou seja, me opor a Galbatorix em segredo. Deve me desculpar se me custar um certo tempo me acostumar a esta nova realidade. Não podia esperar maior contrição que aquela.

- Eu entendo.

Orrin deteve por um breve instante o rodar da mão de morteiro.

- Você acaba de chegar ao poder, enquanto que eu o mantenho há anos. Se posso ser arrogante e dar um conselho, tenho descoberto que é essencial para minha saúde mental dedicar uma porção do dia a meus próprios interesses.

- Eu não poderia fazê-lo - objetou Nasuada. - Cada momento que desperdício poderia ser o momento de esforço necessário para derrotar Galbatorix. A pedra de morteiro se deteve de novo.

- Você presta um mau serviço aos varden se insistir em trabalhar demais. Ninguém pode funcionar corretamente sem um pouco de paz e silêncio de vez em quando. Não é necessário que sejam longas pausas, só cinco ou dez minutos. Inclusive poderia praticar com o arco, e mesmo assim estaria prestando um serviço a seus objetivos, mas de uma maneira distinta... Por isso construí este laboratório. Por isso jogo fumaça, tal como diz você... Para não passar o resto do dia gritando de frustração. Apesar da sua reticência a deixar de ver o Orrin como um folgazão irresponsável, Nasuada não pôde a não ser reconhecer a validez de seu argumento.

- Não esquecerei sua recomendação.

Ao sorrir, ele recuperou algo de seu bom humor anterior.

- Não te peço mais.

Ela caminhou para a janela, abriu mais os portinhas e olhou para Aberon, com os gritos dos mercados de rápidos dedos que apregoavam suas mercadorias aos inocentes clientes, o condensado pó amarelo que se elevava pelo caminho do oeste enquanto uma caravana chegava às portas da cidade, o ar que resplandecia nas telhas de argila e conduzia o aroma das sementes de cardo e incenso do mármore dos templos, e os campos que rodeavam a cidade como as pétalas abertas de uma flor. Sem dar a volta, perguntou:

- Recebeu as cópias de nossos últimos informes do Império?

- Sim.

Orrin se uniu a ela na janela.

- Que opinião você tem sobre eles?

- Que são muito escassos e incompletos para tirar alguma conclusão significativa.

- Mas é o melhor que temos. Me conte suas suspeitas, suas intuições. Extrapole a partir dos fatos conhecidos, como faria se fosse um de seus experimentos.

– Sorriu. - Prometo que não concederei maior significado ao que diga. Teve que esperar sua resposta, e quando ao fim chegou, continha o doloroso peso da profecia de uma maldição.

- Aumento de impostos, guarnições vazias, cavalos e bois confiscados em todo o Império... Parece que Galbatorix reúne a suas forças e se prepara para nos enfrentar, embora não consigo saber se os preparativos são para se defender ou para atacar. - Uma revoada de sombras refrescou seus rostos quando uma nuvem de estorninhos cruzou voando a luz do sol. - A questão que se debate agora em minha mente é: quanto demorará para se mobilizar? Porque

disso dependerá a orientação de nossa estratégia.

- Semanas. Meses. Anos. Não posso predizer suas ações.

Orrin assentiu.

- Seus agentes espalharam notícias a respeito de Eragon?

- Sim, embora cada vez seja mais perigoso. Tenho esperança de que se alagarmos cidades como Dras-Leoa com rumores sobre a proeza de Eragon, quando chegarmos a essas cidades e eles o virem se unirão a nós por vontade própria, com o qual evitaremos um assédio.

- A guerra não costuma ser tão fácil.

Ela deixou passar o comentário sem responder.

- E como vai a mobilização de seu exército? Os varden, como sempre, estão preparados para lutar.

Orrin estendeu os braços em um gesto apaziguador.

- É difícil pôr em pé a uma nação, Nasuada. Há nobres que devo convencer a me apoiar, teremos que preparar armaduras e armas, reunir provisões...

- E enquanto isso, como alimento a minha gente? Necessitamos de mais terras, terras além das que nos concedeu...

- Bom, já sei - disse ele.

- ... e só podemos consegui-las se invadirmos o Império, a não ser que goste que os varden se juntem para sempre a Surda. Nesse caso, terá que encontrar lares para os milhares de pessoas que eu trouxe de Farthen Dür, o que seus cidadãos não gostarão. Qualquer que seja sua decisão, faça isso rápido, porque temo o que acontecerá deixando que o tempo passe, os varden se desintegrarão e se converterão em uma horda incontrolável. Tentou que não soasse a ameaça. Apesar disso, obviamente Orrin não gostou da insinuação. Esticou o lábio superior e disse:

- Seu pai nunca permitiu que seus homens se descontrolassem. Confio em que você tampouco o fará se deseja continuar a ser a líder dos varden. Quanto a nossos preparativos, o que posso fazer em tão pouco tempo tem seus limites: terá que esperar até que estejamos preparados.

Ela se aferrou ao batente até que lhe marcaram as veias nas mãos e as unhas se cravaram nas gretas que ficavam entre as pedras, mas não permitiu que a raiva tingisse sua voz.

- Nesse caso, emprestará mais ouro ou comida aos varden?

- Não, já lhes dei todo o dinheiro que podia me permitir.

- Então, como vamos comer?

- Sugiro que você mesma consiga recursos.

Furiosa, dedicou-lhe seu mais amplo e brilhante sorriso e o manteve o suficiente para que ele tivesse que se mover, incômodo. Logo fez uma profunda reverência, como se fosse uma serva, sem perder em nenhum momento o sorriso.

- Adeus então, senhor. Espero que desfrute tanto do resto do dia como desta conversa.

Orrin resmungou uma resposta incompreensível enquanto ela se dirigia à

saída do laboratório. Em plena raiva, Nasuada enganchou a manga direita em uma garrafa de jade e a tombou, a pedra se quebrou e soltou um líquido amarelo que lhe manchou a manga e empapou a saia. Incomodada, agitou a mão no ar sem se deter. Farica se uniu a ela na escada, e atravessaram juntas o labirinto de passadiços que levavam aos aposentos de Nasuada.

Presos por um fio

Nasuada abriu de repente as portas de seus aposentos, avançou a grandes passadas até seu escritório e se deixou cair em uma cadeira, alheia a tudo que a rodeava. Tinha a coluna vertebral tão rígida que os ombros não tocavam o respaldo. sentia-se paralisada pelo dilema sem solução que se enfrentavam os varden. Só podia pensar: “fracassei”.

- Senhora! A manga!

Absorta, Nasuada recuperou o sentido com um susto e, ao baixar o olhar, encontrou Farica, que lhe esfregava o braço direito com um trapo. Uma coluna de fumaça subia da manga bordada. Assustada, Nasuada levantou e retorceu o braço, tentando averiguar a origem da fumaça. A manga e a saia estavam se desintegrando, convertidas em teias brancas como giz, entre fumaça ácida.

- Tire-me isso - disse.

Manteve o braço poluído afastado do corpo e se obrigou a permanecer quieta enquanto Farica desamarrava os laços do vestido. Os dedos da donzela brincavam de correr pelas costas da Nasuada com pressa frenética, tropeçando nos nós, até que ao fim conseguiram soltar o corpete de lã que encerrava o torso de Nasuada. Assim que afrouxou o vestido, Nasuada tirou os braços das mangas e se livrou do tecido com um movimento.

Ficou junto à mesa com a respiração entrecortada, vestida só com as sapatilhas e um saiote. Comprovou com alívio que sua cara correntinha não tinha sofrido nenhum dano, embora tivesse adquirido um fedor pestilento.

- Se queimou? - perguntou Farica. Nasuada negou com a cabeça, pois não confiava em sua língua. Farica cutucou o vestido com a ponta de seu sapato. - Que diabrura é esta?

- Uma das beberagens de Orrin - grasnou Nasuada. - Derramei-a em seu laboratório.

Respirou fundo para se acalmar e examinou com desânimo o vestido destroçado. Tinha sido confeccionado pelas anãs do Dürgrimst Ingeitum como presente para seu último aniversário e era uma das melhores peças de seu vestuário. Não tinha com o que repô-la, nem podia justificar a despesa de um vestido novo se levasse em conta as dificuldades econômicas dos varden. “Terei de me arrumar sem ele”. Farica meneou a cabeça.

- É uma lástima perder um vestido tão bonito. - Rodeou o escritório para se aproximar da mesa de costura e voltou com umas tesouras. - Vale a pena que salvemos a maior parte possível do tecido. Cortarei as partes danificadas e as queimarei. Nasuada franziu o cenho e caminhou de um lado a outro pela habitação, resmungando de raiva por sua própria estupidez e pelo problema que acrescentava a sua já entristecedora lista de preocupações.

- E agora, o que vou usar para assistir a corte? - perguntou. As tesouras cortaram a suave lã com brusca autoridade.

- Possivelmente o vestido de linho.

- É muito informal para me apresentar ante Orrin e seus nobres.

- Me dê uma oportunidade, senhora. Estou segura de que posso alterá-lo de modo que possa usá-lo. Quando acabar, parecerá o dobro de elegante que este.

- Não, não. Não funcionará. Rirão de mim. Já é difícil conseguir seu respeito quando vou vestida corretamente, será ainda pior se usar um traje remendado que anuncie nossa pobreza.

A mulher maior fixou seu olhar em Nasuada.

- Claro que funcionará, sempre e quando não se desculpar por sua aparência. Não só isso, garanto que as outras mulheres ficarão tão assombradas por seu novo vestido que lhe imitarão. Espere, vai ver. - Aproximou-se da porta, abriu-a e passou o tecido machucado a um dos guardiões. - Sua senhora quer que queimem isto. Façam em segredo e não digam uma palavra a ninguém, ou terão que responder também a mim.

O guardião saudou. Nasuada não pôde evitar um sorriso.

- Como me arrumaria isso sem você, Farica?

- Bastante bem, me parece.

Depois de vestir um vestido verde de caça - que, graças à saia curta, permitialhe aliviar um pouco o calor do dia, - Nasuada decidiu que, apesar da sua predisposição contra Orrin,

seguiria seu conselho e interromperia sua agenda normal para não fazer nada mais importante que ajudar Farica a descosturar os pontos do vestido. Aquela tarefa repetitiva foi excelente para concentrar-se em seus pensamentos. Enquanto ia tirando os fios, falou com Farica da situação dos varden, com a esperança de que à

donzela tivesse alguma solução que a ela tivesse escapado.

Ao final, a única ajuda de Farica foi uma observação:

- Parece que a maioria dos assuntos deste mundo estão relacionados com o ouro. Se tivéssemos suficiente, poderíamos comprar diretamente o trono negro de Galbatorix... sem sequer ter que lutar contra seus homens.

“Realmente esperava que alguém fizesse meu trabalho? - perguntou-se Nasuada. - Eu trouxe minha gente a este ponto cego e eu mesma terei que tirá-la”. Com a intenção de soltar uma costura, ao estirar o braço cravou a ponta da faca em um encaixe e o partiu pela metade. Ficou olhando a ferida irregular do encaixe, os extremos desfiados das cintas de cor pergaminho que se entrecruzavam sobre o vestido como um montão de vermes retorcidos, olhou-os fixamente e sentiu que uma gargalhada de histeria se apoderava de sua garganta enquanto a primeira lágrima aparecia em seus olhos. Ainda podia piorar sua sorte?

O encaixe era a parte mais valiosa do vestido. Embora sua criação requeresse muita destreza, sua raridade e carestia se deviam sobretudo a seu elemento central: uma quantidade de tempo imensa, abundante, paralizadora. Custava tanto produzi-lo que, se alguém tentava criar um encaixe assim sozinho, seu progresso não se mediria em semanas, mas em meses. Grama a grama, o encaixe era mais caro que o ouro ou a prata.

Passou os dedos pela cinta de fios, detendo-se no corte que tinha feito. “O

encaixe não exige muita energia, só tempo”. Ela odiava fazer encaixes. “Energia... energia...” Nesse momento, uma série de imagens refulgiram em sua mente: Orrin falando de usar a magia para investigar, Trianna, a mulher que dirigia o Du Vrangr Gata depois da morte dos gêmeos, ela mesma quando tinha só cinco ou seis anos, elevando a vista para olhar a um curador dos varden enquanto este lhe explicava os princípios da magia. Imagens diversas formaram uma cadeia de raciocínio que era tão improvável e escandalosa que ao final liberou a gargalhada que tinha preso na garganta. Farica a olhou e esperou uma explicação. De pé, Nasuada atirou ao chão a metade do vestido que tinha no regaço.

- Me traga Trianna aqui agora mesmo – disse. - Não importa o que esteja fazendo, traga-a.

A pele do contorno de olhos da Farica se esticou, mas fez uma reverência e disse:

- Como desejar, senhora.

Saiu pela porta oculta dos serventes.

- Obrigado - sussurrou Nasuada na habitação vazia.

Entendia as reticências de sua donzela, também ela se sentia incomodada quando tinha que se relacionar com os conhecedores da magia. Sem dúvida, só

confiava em Eragon porque era um Cavaleiro - embora isso não garantisse a virtude, tal como tinha demonstrado Galbatorix - e por seu juramento de lealdade, que Nasuada sabia que não ia quebrar jamais. A idéia de que uma pessoa aparentemente normal pudesse matar com uma palavra, invadir sua mente a vontade, fazer armadilhas, mentir e roubar sem ser visto e, em geral, desafiar à sociedade impunemente lhe acelerou o coração.

Como se reforçava a lei quando uma parte da população possuía poderes especiais? Em seu nível mais básico, a guerra dos varden contra o Império não era mais que um intento de levar ante a justiça um homem que tinha abusado de suas capacidades mágicas e evitar que seguisse cometendo crimes. “Tanto dor e tanta destruição porque ninguém teve a força suficiente para derrotar Galbatorix. E nem sequer vai morrer pelo mero passar dos anos!”

Embora a magia lhe desagradasse, sabia que teria um papel importante na hora de acabar com Galbatorix e que não podia se permitir afastar a quem a praticava até que garantisse a vitória. Depois disso, tinha a intenção de resolver o problema que lhe criavam.

Uma batida à porta da habitação interrompeu seus pensamentos. Nasuada fixou no rosto um sorriso e protegeu sua mente tal como lhe tinham ensinado.

- Entre!

Era importante que parecesse educada depois de convocar Trianna com tanta rudeza.

A porta se abriu de repente e a bruxa morena entrou em grandes passadas com seus cachos alvoroçados, evidentemente recolhidos com pressa no alto da cabeça. Parecia que acabava de sair da cama. Fez uma reverência ao estilo dos anões e disse:

- Mandou me chamar, senhora?

- Sim. - Nasuada se deixou cair em uma cadeira e repassou lentamente Trianna com o olhar. A bruxa elevou o queixo ante o exame da Nasuada. - Preciso saber de uma coisa: qual é a regra mais importante da magia?

Trianna franziu o cenho.

- Que, faça o que fizer com ela, requer a mesma energia que fazer o contrário.

- E o que pode chegar a fazer está limitado por seu engenho e por seu conhecimento do idioma antigo?

- Também se aplicam outras restrições, mas de modo genal sim. Senhora, por que pergunta?

Há alguns princípios da magia com os que, embora não deviam ser divulgados, estou segura de que tem certa familiaridade.

- Tenho. Queria estar segura de havê-los entendido bem. - Sem abandonar a cadeira, Nasuada se abaixou e recolheu o vestido para que Trianna pudesse ver o encaixe mutilado. - Então, dentro desses limites, deveria ser capaz de criar um feitiço que permitisse bordar encaixes por meio da magia.

Um sorriso condescendente turvou os lábios escuros da bruxa.

- Du Vrangr Gata tem coisas mais importantes que fazer que reparar sua roupa, senhora. A nossa não é uma arte comum que possa empregar-se para meros caprichos. Estou segura de que encontrará alfaiates e costureiras muito capazes de aceitar com seu pedido. Agora, se me perdoar...

- Fique quieta, mulher - disse Nasuada, com voz baixa. O assombro silenciou Trianna no meio da frase. - Vejo que devo ensinar ao Du Vrangr Gata a mesma lição que ao Conselho de Anciões: talvez seja jovem, mas não sou uma menina a que se possa tratar com condescendência. Perguntei pelos encaixes porque, se pode manufaturá-los com rapidez e facilidade por meio da magia, poderíamos financiar aos varden vendendo encaixes baratos por todo o Império. A própria gente de Galbatorix nos proporcionaria os recursos que necessitamos para sobreviver.

- Mas isso é ridículo - protestou Trianna. Até Farica parecia cética. - Não se pode pagar uma guerra com encaixes.

Nasuada arqueou uma sobrancelha.

- Por que não? Muitas mulheres que de outra maneira jamais poderiam comprar um encaixe se equilibrarão ante a oportunidade de comprar o quererão até as mulheres dos nobres que desejem aparentar mais riqueza que têm. Até os comerciantes ricos e os nobres nos darão seu ouro, porque nosso encaixe será mais fino que qualquer outro costurado por mãos humanas. Faremos uma fortuna comparável com a dos anões. Isso, imaginando que você tenha suficiente habilidade com a magia para fazer o que quero.

Trianna agitou a cabeleira.

- Põe em dúvida minha capacidade?

- Pode fazer?

Trianna hesitou e logo agarrou o vestido de Nasuada e estudou a cinta de encaixe por um longo momento. Ao fim disse:

- Deveria ser possível, mas terei que fazer umas provas para ter certeza.

- Faça-as imediatamente. A partir de agora, esta é sua tarefa mais importante. E procure uma costureira perita que a aconselhe com as figuras.

- Sim, senhora Nasuada.

Nasuada se permitiu falar com voz mais suave.

- Bem. E também quero que escolha os mais brilhantes membros do Du Vrangr Gata e que trabalhe com eles para inventar outras técnicas mágicas com as quais possam ajudar os Varden. Isso é sua responsabilidade, não minha.

- Sim, senhora Nasuada.

- Agora sim pode ir. Apresente-se ante mim manhã pela manhã.

- Sim, senhora Nasuada.

Satisfeita, Nasuada viu a bruxa ir e logo fechou os olhos e se permitiu desfrutar de um momento de orgulho pelo que acabava de obter. Sabia que nenhum homem, nem sequer seu pai, teria imaginado aquela solução.

“Esta é minha contribuição aos varden”, disse a si mesma, desejando que o Ajihad tivesse podido vê-la. Logo, em voz alta perguntou:

- Eu a surpreendi, Farica?

- Como sempre, senhora.

Elva

- Senhora?... Alguém a chama, senhora.

- O que?

Sem vontade de se mover, Nasuada abriu os olhos e viu que Jórmundur entrava na habitação. O enxuto veterano tirou o elmo, sustentou-o sob o braço direito e se aproximou dela com a mão esquerda plantada no pomo da espada. Os elos de sua malha tilintaram quando fez uma reverência.

- Minha senhora.

- Bem-vindo, Jórmundur. Como está seu filho?

Estava encantada de que tivesse acudido. De todos os membros do conselho de anciões, era o que tinha aceito sua liderança com maior facilidade e se pôs a seu serviço com a mesma obstinada lealdade e determinação que tinha devotado a Ajihad.

“Se todos os meus guerreiros fossem como ele, ninguém poderia nos deter.”

- Estava com tosse.

- Me alegro de ouvi-lo. Bom, o que o traz por aqui?

A fronte do Jórmundur se encheu de rugas. Passou a mão livre pelo cabelo, que tinha recolhido em uma cauda, e logo se recompôs e deixou a mão solta em um flanco.

- Magia, da mais forte.

- Ah.

- Lembra da menina que Eragon benzeu?

- Sim.

Nasuada só a tinha visto uma vez, mas era muito consciente dos exagerados contos que circulavam a respeito dela entre os varden, assim como das esperanças que estes tinham em seus possíveis feitos quando crescesse. Nasuada era mais pragmática a respeito. Qualquer que fosse o futuro da menina, demoraria muitos anos em chegar e então a batalha com Galbatorix já estaria ganha ou perdida.

- Pediram-me que te leve até ela.

- Pediram? Quem? E por que?

- Um menino do campo de práticas me disse que você deveria visitar a menina. Disse que te pareceria interessante. Negou-se a dizer seu nome, mas seu aspecto se parecia com o que se supõe que adota o homem gato dessa bruxa, assim que me pareceu... Bom, pareceu-me que você devia saber. - Jórmundur parecia envergonhado.

- Perguntei a meus homens a respeito dessa menina e ouvi algumas histórias... Parece que é diferente.

- Em que sentido? - Jórmundur se encolheu os ombros. - O suficiente para acreditar que deveria fazer o que diz o homem gato.

Nasuada franziu o cenho. Sabia pelas velhas histórias que ignorar um homem gato era o cúmulo da estupidez e, freqüentemente, uma condenação ao desastre. Entretanto, sua companheira, a herbanária Angela, era outra conhecedora da magia em quem Nasuada não confiava, era muito independente e imprevisível.

- Magia - disse, fazendo que soasse como uma maldição.

- Magia - respondeu Jórmundur, embora ele usasse a palavra em tom de assombro e medo.

- Muito bem, vamos ver essa menina. Está no castelo?

- Orrin lhes concedeu, a ela e a seu tutora, habitações na asa oeste.

- Me leve até ela.

Recolhendo-a saia, Nasuada ordenou a Farica que adiar as demais obrigações do dia e abandonou seus aposentos. A suas costas, ouviu que Jórmundur estalava os dedos para ordenar a quatro guardas que tomassem posições em torno dela. Ao cabo de um momento caminhava a seu lado, assinalando o caminho. Dentro do castelo, o calor tinha aumentado até tal ponto que se sentiam como se estivessem apanhados em um gigantesco forno de pão. O ar brilhava como cristal líquido nos batentes das janelas.

Embora estava incômoda, Nasuada sabia que o suportava melhor que outros por sua pele moréia. Os que pior o passavam para suportar aquelas temperaturas tão altas eram os homens como Jórmundur e seus guardas, que tinham que levar suas armaduras todo o dia, inclusive quando ficavam plantados sob o olhar fixo do sol. Nasuada olhou com atenção aos cinco homens enquanto o suor se acumulava na parte visível de sua pele e suas respirações se voltavam ainda mais pesadas. Desde que chegassem ao Aberon, alguns Varden se deprimiram pela insolação -dois deles tinham morrido uma ou duas horas depois-, e não tinha nenhuma intenção de perder mais súditos por obrigá-los a ultrapassar seus limites físicos. Quando lhe pareceu que precisavam descansar, obrigou-os a parar, sem emprestar atenção a seus queixa, e conseguir água ou algum refresco por meio de um servente.

-Não posso permitir que caiam como moscas.

Tiveram que parar duas vezes mais antes de chegar a seu destino, uma anódina porta encaixada na parede interior do corredor. Em torno dela havia um montão de presentes amontoados.

Jórmundur chamou, e uma voz tremente respondeu de dentro:

-Quem é?

-A senhora Nasuada, que deve ver à menina -disse ele.

-Tem o coração sincero e a vontade resolvida?

Esta vez respondeu Nasuada:

-Meu coração é puro e minha vontade é de ferro.

-Cruzamento a soleira, então, e será bem-vinda.

A porta se abria a um saguão iluminado por uma só tocha dos anões. Não havia ninguém junto à porta. Ao avançar, Nasuada viu que as paredes e o teto estavam tampados com capas de

tecidos escuros, o qual concedia ao lugar a aparência de uma cova. Para sua surpresa, o ar era bastante frio, quase gélido, como em uma fresca noite de outono. Um temor cravou suas garras envenenadas no ventre da Nasuada. Magia. Uma cortina negra de malha metálica lhes cortava o caminho. Nasuada a afastou-se e se encontrou no que em outro tempo era uma sala de estar. Tinham tirado os móveis, salvo uma fileira de cadeiras pegas às paredes forradas de tecido. Havia um cacho de veladas tochas de anões, penduradas em um oco do tecido curvado do teto, que projetavam estranhas sombras multicoloridos em todas direções. Uma bruxa encurvada a olhava de um rincão do fundo, flanqueada pela Angela, a herbolaria, e o homem gato, que permanecia com o cabelo arrepiado. No centro da habitação havia uma pálida menina ajoelhada, a quem Nasuada jogou apenas três ou quatro anos. A menina revirava um prato de comida que tinha no regaço. Ninguém falou.

Confundida, Nasuada perguntou:

-Onde está a menina?

A menina a olhou.

Nasuada ficou boquiaberta ao ver brilhar a marca do dragão em sua frente e ao cravar seu olhar naqueles olhos de cor violeta. A menina retorceu os lábios em um terrível sorriso de sabedoria.

-Sou Elva.

Nasuada deu um coice para trás sem pensar e agarrou a adaga que levava sujeita com uma cinta no antebraço esquerdo. A voz era própria de um adulto e continha toda a experiência e o cinismo de um adulto. Soava profana em boca de uma menina.

-Não corra -disse Elva-. Sou seu amiga. -Deixou a um lado o prato, já vazio. dirigiu-se à velha bruxa-: Mais comida. -A anciã saiu correndo da habitação. Então Elva deu uma palmada no chão, a seu lado-. Sente-se, por favor. Levo te esperando desde que aprendi a falar.

Sem soltar a adaga, Nasuada se agachou até o chão de pedra.

-E quando foi isso?

-A semana passada.

Elva entrelaçou as mãos no regaço. Concentrou seus olhos fantasmagóricos na Nasuada como se a transpassasse com a força sobrenatural de seu olhar. Nasuada se sentiu como se uma lança violeta tivesse falho seu crânio e se retorcesse dentro de sua mente, destroçando seus pensamentos e suas lembranças. Lutou contra as vontades de gritar.

Elva se inclinou para diante, alargou um braço e acariciou a bochecha da Nasuada com uma mão suave.

-Sabe uma coisa? Ajihad não tivesse liderado aos Varden melhor que você. escolheste o caminho correto. Seu nome será gabado durante séculos por ter tido a previsão e a coragem de transladar aos Varden a Surda e atacar ao Império quando todo mundo acreditava que era uma loucura. Nasuada a olhou boquiaberta, aturdida. Igual a uma chave se adapta a uma fechadura, as palavras da Elva conectavam à

perfeição com os medos primários da Nasuada, com as dúvidas que a mantinham acordada cada noite, suando na escuridão. Uma involuntária onda de emoções a percorreu e lhe outorgou uma sensação de confiança e paz que não havia possuído desde antes da morte do Ajihad. Seus olhos derramaram lágrimas de alívio que rodaram por seu rosto. Era como se Elva tivesse sabido exatamente o que dizer para consolá-la.

Nasuada a odiou por isso.

Sua euforia lutava contra a sensação de desagrado pelo modo e a pessoa que tinham induzido aquele momento de debilidade. Tampouco se confiava nos motivos da menina.

-O que é? -perguntou-lhe.

-Sou o que Eragon fez de mim.

-Benzeu-te.

Os terríveis e anciões olhos se obscureceram um momento quando Elva pestanejou.

-Ele não entendia suas ações. Desde que Eragon me enfeitiçou, cada vez que vejo uma pessoa percebo todas quão feridas a afetam e que podem afetá-la no futuro. Quando era menor, não podia fazer nada a respeito. Por isso cresci.

-por que...?

-A magia que levo no sangue me empurra a proteger às pessoas da dor... por muito que eu sofra ao fazê-lo e além de minha maior ou menor vontade de ajudar. -Um ponto de amargura apareceu a seu sorriso-. Se resistir, pago-o caro. Enquanto Nasuada digeria as implicações daquilo, deu-se conta de que o aspecto inquietante da Elva era uma conseqüência de todo o sofrimento a que se havia visto exposta. Nasuada se estremeceu ao pensar no que tinha suportado a menina.

«Ter essa compulsão e ser incapaz de atuar dever havê-la destroçado.» Até sentindo que era um engano, Nasuada começou a experimentar uma certa compaixão pela Elva.

-por que me contaste isto?

-Acreditei que devia saber quem sou e o que sou. -Elva fez uma pausa e o fogo de seu olhar se redobrou-. E que lutarei por ti como posso. me use como usaria a um assassino: escondido na escuridão e sem piedade. -riu com voz aguda e aterradora-. Pergunta-te por que, já o vejo.

Porque se esta guerra não terminar quanto antes, ficarei louca. Bastante me custa me enfrentar às agonias da vida diária sem ter que agüentar também as atrocidades da batalha. me use para lhe pôr fim e me assegurarei de que sua vida seja tão feliz como a que tenha podido experimentar qualquer humano. Nesse momento, a velha bruxa voltou a entrar correndo na habitação, fez uma reverência a Elva e lhe aconteceu uma bandeja cheia de comida. Para a Nasuada supôs um alívio que Elva baixasse o olhar e atacasse a perna de cordeiro, metendo-a comida na boca com as duas mãos. Comia com a voracidade de um lobo esfomeado, sem a menor amostra de decoro. Com os olhos violeta escondidos e a marca do dragão coberta por umas mechas negras, de novo parecia ser pouco mais que uma menina inocente.

Nasuada esperou até que pareceu evidente que Elva havia dito tudo o que queria dizer. Então, depois de um gesto da Angela, seguiu à herbanária por uma porta lateral e deixou à pálida menina sentada a sós no centro da habitação escura e envolta em tecidos, como um espantoso feto agasalhado no ventre, esperando o momento adequado para emergir.

Angela se assegurou de que a porta estivesse fechada e murmurou:

-Não faz mais que comer e comer. Não podemos saciar seu apetite com estas rações. Pode...?

-Terá comida. Não se preocupe por isso.

Nasuada se esfregou os braços enquanto tratava de erradicar a lembrança daqueles olhos horríveis, atrozes.

-Obrigado.

-Isto lhe tinha passado alguma vez a alguém?

Angela negou com a cabeça até que os cachos de sua cabeleira golpearam seus ombros.

-Nenhuma só vez em toda a história da magia. tentei predizer seu futuro, mas é um atoleiro impossível. Que adorável palavra, atoleiro. É que sua vida se relaciona com a de tanta gente...

-É perigosa?

-Todos o somos.

-Já sabe a que me refiro.

Angela se encolheu de ombros.

-É mais perigosa que alguns, e menos que outros. De qualquer maneira, se tiver que matar a alguém, o mais provável é que seja a si mesmo. Se conhecer alguém a ponto de ser ferido e o feitiço de Eragon a agarra por surpresa, ocupará o lugar do condenado. Por isso passa quase todo o momento aqui dentro.

-Com quanta antecipação pode predizer os sucessos?

-Duas ou três horas como muito.

Apoiada na parede, Nasuada refletiu sobre aquela nova complicação em sua vida. Elva podia ser uma arma potente se usada do modo correto. «Por meio dela posso averiguar os problemas de meus inimigos e suas debilidades, assim como saber o que lhes agrada e voltá-los dóceis a meus desejos.» Em uma situação de urgência, a menina também podia atuar como guarda infalível se um dos Varden, como Eragon e Saphira, requeria amparo.

«Não a pode deixar a seu ar. Necessito alguém que a vigie. Alguém que saiba de magia e se sinta a gosto com sua própria identidade para resistir à influência da Elva... Alguém que me pareça confiável e sincero.» Em seguida descartou a Trianna. Nasuada olhou a Angela. Embora desconfiava da herbanária, sabia que Angela tinha ajudado aos Varden em assuntos da maior delicadeza e importância como curar ao Eragon-sem pedir nada em troca. A Nasuada não lhe ocorria ninguém mais que tivesse o tempo, as vontades e a experiência suficientes para cuidar da Elva.

-Sou consciente -disse Nasuada-de que é ridículo por minha parte, pois não está sob minhas ordens e sei pouco de sua vida e suas obrigações, mas tenho que te pedir um favor.

-Adiante.

Angela a convidou com um gesto.

Nasuada titubeou, desconcertada, e logo avançou:

-Estaria disposta a jogar um olho a Elva? Necessito...

-É obvio! E se posso prescindir deles, jogarei-lhe os dois. Entusiasma-me a oportunidade de estudá-la.

-Terá que me informar -advertiu Nasuada.

-Aí está o veneno escondido no bolo. Bom, suponho que me arrumarei isso.

-Então, tenho sua palavra?

-Tem-na.

Aliviada, Nasuada gemeu e se deixou cair em uma cadeira.

-Ah, que confusão. Anão *atoleiro*. Como senhora feudal do Eragon, sou responsável por suas obras, mas nunca imaginei que pudesse fazer algo tão terrível como isto. É uma mancha em minha honra, na mesma medida que no seu. Uma cadência de estalos agudos encheu a habitação quando Angela fez ranger seus nódulos.

-Sim, penso falar com ele disto assim que volte da Ellesméra. Sua expressão era tão furiosa que alarmou a Nasuada. -Bom, não lhe faça mal. Necessitamo-lo. -Não... Não será um dano permanente.

Ressurgir

Um estalo de vento voraz arrancou Eragon do sonho.

As mantas se agitaram sobre seu corpo quando a tempestade soltou um raio sobre sua habitação, lançando suas propriedades pelo ar e as tochas contra as paredes. Lá fora, o céu estava cheio de nuvens negros.

Saphira olhou para Eragon e este se levantou aos tropicões e lutou por manter o equilíbrio enquanto a árvore balançava como um navio em alta mar. Baixou a cabeça para defender-se da ventania e andou em torno da habitação apoiando-se nas paredes até que chegou ao portal em forma de lágrima por onde rugia a tormenta. Eragon olhou para baixo, mais à frente do chão agitado. Parecia que balançava. Engoliu a saliva e se esforçou por ignorar o redemoinho do estômago. Medindo, encontrou a borda da membrana de tecido que, ao se desencaixar da parede, tampava a abertura. Preparou-se para saltar por cima do buraco, de um lado a outro. Se escorregasse, nada poderia evitar que caísse até as raízes da árvore. *Espere* -disse Saphira.

Saiu do pedestal em que dormia e esticou a seu lado a cauda para que pudesse usá-la de corrimão.

Eragon sustentou o tecido com a mão direita, o que consumia todas as suas forças, e foi segurando na linha de puas da cauda de Saphira para atravessar o portal. Assim que chegou ao outro lado, agarrou o tecido com as duas mãos e pressionou a borda contra a ranhura de sujeição. A habitação ficou em silêncio. A membrana se inflou para dentro sob a força dos raivosos elementos, mas não parecia que fosse ceder. Eragon a tocou com um dedo. O tecido estava tenso como um tambor.

Que coisas assombrosas fazem os elfos -disse.

Saphira elevou a cabeça e logo estirou o pescoço para encostá-la ao teto enquanto escutava com atenção.

Será melhor que feche o estudo: está ficando destroçado. Quando se dirigia para a escada, a árvore se agitou e as pernas de Eragon fraquejaram e caiu de joelhos.

- Maldita seja - grunhiu.

O estúdio era um redemoinho de papéis e plumas que voavam como dardos, como se tivessem vontade própria. Meteu-se naquela revoada, cobrindo-a cabeça com os braços. Quando as pontas das plumas o golpeavam, era como se alguém o estivesse acertando com pedras.

Eragon se esforçou para fechar o portal superior sem a ajuda de Saphira. Assim que conseguiu, a dor - uma dor infinita que lhe aturdia a mente - rasgou-lhe as costas. Soltou um grito e pôs nele tanta força que ficou rouco. Tingiu-lhe a visão de vermelho e amarelo, e logo caiu de lado e o viu tudo negro. Abaixo se ouvia o uivo de frustração de Saphira, o oco da escada era muito pequeno e ventava muito para que pudesse alcançá-lo por fora. Sua conexão com ela afrouxou. Rendeu-se a espectadora escuridão e encontrou nela o alívio de sua agonia.

Um sabor amargo enchia a boca de Eragon quando despertou. Não sabia quanto tempo tinha passado no chão, mas sentia os músculos dos braços e pernas doloridos por terem estado retorcidos para formar uma escura bola. A tormenta seguia assaltando a árvore, acompanhada por uma chuva surda que repicava ao compasso da palpitação que Eragon sentia na cabeça.

Saphira?

Estou aqui. Pode descer?

Vou tentar.

Como estava muito fraco para ficar de pé sobre aquele piso agitado, avançou de rastros até a escada e deslizou para baixo, um degrau atrás de outro, fazendo caretas de dor a cada impacto. A meio caminho encontrou Saphira, que tinha encaixado a cabeça pelo oco da escada até onde o permitia o pescoço, arrancando madeiras em seu frenesi.

Pequenino.

Tirou a língua e lambeu sua mão com sua ponta áspera. Eragon sorriu. Logo Saphira arqueou o pescoço e tratou de atirar dele, mas não serve de nada. *O que aconteceu?*

Estou entalada.

Que está...?

Não pôde evitar, pôs-se a rir embora lhe doesse. A situação era muito absurda. Ela soltou um grunhido e atirou com todo o corpo, agitando a árvore com todas as suas forças, até que conseguiu baixá-lo. Logo desabou, arquejando. *Bom, não fique aí sorrindo como uma raposa idiota. Me ajude!*

Resistindo à vontade de rir, Eragon lhe apoiou um pé no nariz e empurrou com toda a força que se atrevia a usar enquanto Saphira se retorcia e forçava com a intenção de se libertar.

Levou mais de dez minutos para conseguir. Só então Eragon pôde ver o alcance dos danos causados à escada. Gemeu. As escamas tinham cortado a casca e destroçado as delicadas talhas crescidas na madeira.

Vamos -disse Saphira.

Sorte que você fez isso, e não eu. Pode ser os elfos lhe perdoem. Se pedisse, passariam o dia e a noite cantando baladas de amor dos anões. Uniu-se a Saphira em seu soalho e se deitou contra as lisas escamas do seu ventre, escutando o rugido da tormenta nas alturas. A ampla membrana se tornava transparente quando tremiam os relâmpagos com suas escarpadas lascas de luz. *Que hora acha que será?*

Ainda faltam algumas horas para nosso encontro com Oromis. Durma e descanse. Eu manterei o guarda.

E fez isso, face à agitação da árvore.

Por que você luta?

O relógio do Oromis zumbiu como um besouro gigante, causando um grande estrondo nos ouvidos de Eragon até que este agarrou o relógio e ativou o mecanismo. O joelho golpeado estava dolorido, sentia-se machucado pelo ataque e pela dança élfica da Serpente e a Grou, e tinha tão mal a garganta que não podia fazer outra coisa que grasnar. A pior ferida, entretanto, afetava a sua sensação premonitória de que aquela não seria a última vez que a ferida da Durza lhe causaria problemas. A perspectiva o adoecia, pois lhe consumia a energia e a vontade. *Passam tantas semanas entre um ataque e o seguinte* –disse - *que começava a esperar que talvez, talvez, estivesse curado... Suponho que se agüentei tanto, terá*

sido por pura sorte.

Saphira estirou o pescoço e lhe acariciou um braço com o focinho. *Sabe que não está sozinho, pequenino. Farei tudo o que puder para te ajudar.* Eragon respondeu com um débil sorriso. Logo Saphira lhe lambeu a cara e acrescentou:

Teria que se preparar para sair.

Eu sei.

Ficou olhando o chão, sem vontades de se mover, e logo se arrastou até o banheiro, onde se lavou e usou a magia para barbear-se.

Estava secando-se quando sentiu que uma presença entrava em contato com sua mente. Sem parar para pensar, Eragon começou a fortificar a mente, concentrandose na imagem do dedo gordo do pé para excluir qualquer outra coisa. Então ouviu que Oromis lhe dizia:

Admirável, mas desnecessário. Hoje, traga a Czar'roc.

A presença se desvaneceu. Eragon soltou um suspiro tremente. *Tenho que estar mais atento* - disse a Saphira. - *Se fosse um inimigo, teria ficado a sua mercê.*

Não enquanto eu estiver a seu lado.

Terminadas as abluções, Eragon soltou a membrana da parede e montou em Saphira, sustentando Czar'roc sob o braço.

Saphira elevou o vôo com um redemoinho de ar e virou para os penhascos de Tel'naeír. Das alturas puderam ver os danos que a tormenta tinha provocado no Du Weldenvarden. Na Ellesméra não tinha derrubado nenhuma árvore, mas mais à frente, onde a magia dos elfos era mais fraca, caíram numerosos pinheiros. O vento ainda provocava que as árvores caídas e os ramos se roçassem, gerando um crispado coro de rangidos e gemidos. Nuvens de pólen dourado, espessas como o pó, derramavamse das árvores e das flores. Enquanto voavam, Eragon e Saphira trocaram lembranças do que haviam aprendido quando separados no dia anterior. Contou-lhe o que tinha aprendido das formigas e do idioma antigo, e ela lhe falou de correntes descendentes e outros patrões climáticos perigosos, e de como evitá-los.

Assim, quando chegaram e Oromis interrogou Eragon a respeito das lições de Saphira, enquanto Glaedr interrogava a Saphira a respeito das de Eragon, puderam responder a todas as perguntas.

- Muito bem, Eragon-vodhr.

Sim. Bem feito, Bjartskular -acrescentou Glaedr, dirigindo-se a Saphira. Igual ao dia anterior, Saphira se retirou com Glaedr enquanto Eragon permanecia nos escarpados, embora desta vez Saphira se preocupou de manter o vínculo mental para que cada um pudesse absorver as instruções que o outro recebia. Quando os dragões se foram, Oromis observou:

- Hoje está com a voz áspera, Eragon. Está doente?

- Esta manhã as costas voltaram a doer.

- Ah. Conte com minha compaixão. - Logo lhe apontou com um dedo-. Espereme aqui. Eragon ficou olhando enquanto Oromis desaparecia a grandes passadas em sua cabana e voltava a sair com aspecto feroz e guerreiro, com a cabeleira chapeada ao vento e a espada de bronze em uma mão.

- Hoje - disse-lhe - esqueceremos o Rimgar e cruzaremos nossas espadas, Naegling e Czar'roc. Desembainhe a espada e proteja seu fio tal como te ensinou seu primeiro professor.

Eragon desejava negar-se acima de tudo. Entretanto, não tinha nenhuma intenção de quebrar sua promessa, nem de permitir que sua vontade fraquejasse diante do Oromis. tragou a inquietação.

“Isto é o que significa ser um Cavaleiro", pensou. Tirando forças de fraqueza, localizou a medula que, no mais profundo de sua mente, conectava-o com o selvagem fluido da magia. afundou-se nele e a energia o invadiu.

- *Géuloth du knífr* - disse.

De repente, entre seus dedos polegares e indicadores brotou uma estrela azul luz que ia de um dedo a outro enquanto Eragon a passava pelo perigoso fio de Czar'roc. Assim que se cruzaram as espadas, Eragon soube que Oromis podia com ele, igual a Durza e Arya. Eragon era um espadachim exemplar como humano, mas não podia competir com guerreiros em cujo sangue corria a magia com abundância. Seu braço era muito fraco e seus reflexos, muito lentos. Entretanto, isso não lhe impedia de se esforçar para ganhar. Lutava até o limite de suas habilidades embora, ao fim, fora uma perspectiva fútil.

Oromis o pôs a prova de todas as maneiras concebíveis, obrigando-o a usar todo seu arsenal de golpes, contragolpes e truques de mão. Tudo para nada. Não conseguiu tocar ao elfo. Como último recurso, tentou alterar seu modo de lutar, algo que podia inquietar até o mais endurecido veterano. Só lhe serviu para ganhar um arranhão na coxa.

- Mova os pés mais depressa - gritou Oromis. - Quem fica parado como uma coluna morre na batalha, quem se arqueia como um junco triunfa. Era glorioso ver o elfo em plena ação, uma mescla perfeita de controle e violência desatada. Saltava como um gato, golpeava como uma garça e se agachava e se inclinava com a graça de uma doninha.

Levavam quase vinte minutos treinando quando Oromis se encolheu e apertou os finos olhos em uma breve careta de dor. Eragon reconheceu os sintomas da misteriosa enfermidade do Oromis e atacou com Czar'roc para frente. Era uma reação feia, mas Eragon estava frustrado, desejoso de aproveitar qualquer oportunidade, por injusta que fosse, para obter a satisfação de acertar Oromis apenas uma vez. Czar'roc nunca chegou a seu objetivo. Ao virar-se, Eragon se estirou muito e forçou as costas.

A dor lhe caiu em cima sem avisar.

A última coisa que ouviu foi um grito de Saphira:

Eragon!

Face à intensidade do ataque, Eragon permaneceu consciente durante todo o sofrimento. Não é que tivesse consciência do que o rodeava, salvo pelo fogo que ardia em sua carne e convertia a cada segundo em uma eternidade. O pior era que não podia fazer nada para pôr fim ao sofrimento, além de esperar... e esperar... Eragon estava curvado na fria lama, arquejando. Quando notou que sua visão voltava a focar-se, pestanejou e viu Oromis sentado a seu lado em um tamborete. Apoiou as mãos no chão para ficar de joelhos e repassou sua túnica nova com uma mescla de lástima e desagrado. O fino tecido avermelhado estava sujo de pó devido a suas convulsões no chão. Também tinha sujeira no cabelo.

Também sentia Saphira em sua mente, que irradiava preocupação enquanto esperava que ele percebesse sua presença.

Como pode seguir assim? -lamentou-se. – *Vai se destruir.* Seus receios minaram a escassa fortaleza que restava a Eragon. Até então, Saphira nunca tinha expressado nenhuma dúvida sobre sua capacidade de impor-se: nem no Dras-Leoa, nem no Gil'ead, nem no Farthen Dür, nem ante nenhum dos perigos a que enfrentaram. Sua confiança tinha lhe dada coragem. Sem ela, sentia verdadeiro temor.

Não tem que se concentrar em sua lição -disse-lhe. - *Tem que se concentrar em você.*

Deixe-me em paz! -exclamou com brutalidade, como um animal ferido que queria lamber as feridas em silêncio, refugiado na escuridão. Ela se calou e deixou aberta apenas a conexão mental necessária para que ele tivesse uma vaga noção dos ensinos de Glaedr sobre a chicória silvestre, que podia ser comida para melhorar a digestão.

Eragon tirou o barro do cabelo com os dedos e logo cuspiu uma borra de sangue.

- Mordi a língua.

Oromis assentiu como se contasse com isso.

- Necessita que te curem?

- Não.

- Muito bem. Guarde sua espada, vá se lavar, depois vá para a clareira e escute os pensamentos do bosque. Escute bem e, quando já não ouvir nada, venha me contar o que aprendeu.

- Sim, Professor.

Ao sentar-se no toco, Eragon descobriu que a turbulência de suas idéias e sentimentos lhe impedia de reunir a concentração suficiente para abrir a mente e sentir às criaturas da clareira. Tampouco lhe interessava fazê-lo. Mesmo assim, a paz do entorno suavizou paulatinamente seu ressentimento, sua confusão e sua teimosa raiva. Não lhe deu felicidade, mas sim uma certa aceitação fatalista. “É o que me reserva a vida e será melhor que me acostume, porque não vai melhorar no futuro previsível”.

Ao cabo de um quarto de hora, suas faculdades tinham recuperado a acuidade habitual, de modo que voltou a estudar a colônia de formigas vermelhas que tinha descoberto o dia anterior. Também tentou tomar consciência de todo o resto que ocorria na clareira, tal como lhe tinha instruído Oromis.

Eragon obteve um êxito limitado. Se relaxasse e se permitisse absorver informação de todas as consciências próximas, milhares de imagens e sentimentos se apressavam em sua mente, acumulando-se em rápidas chamas de som e cor, tato e aroma, dor e prazer. A quantidade de informação era entristecedora. Por puro costume, sua mente apanhava um objeto ou outro daquela corrente e excluía a todos outros até

que se dava conta do engano e se forçava a arrancar a mente para recuperar o estado de receptividade passiva. O ciclo se repetia a cada poucos segundos. Apesar disso, conseguiu melhorar sua compreensão do mundo das formigas. Teve uma idéia de seus sexos quando deduziu que a gigantesca formiga que havia dentro do formigueiro subterrâneo estava pondo ovos, mais ou menos um cada minuto, o que a convertia em uma fêmea. E quando acompanhou um grupo de formigas vermelhas acima pela roseira, obteve uma vivida representação da classe de inimigos a que enfrentavam: algo saltou da face inferior de uma folha e matou uma das formigas com as que Eragon estava conectado. Custou-lhe adivinhar que tipo de criatura se tratava exatamente, pois as próprias formigas viam fragmentos do atacante e, de qualquer forma, punham mais ênfase no aroma que na visão. Se tivessem sido pessoas, haveria dito que as atacava um monstro aterrador do tamanho de um dragão, com mandíbulas tão poderosas como as do restelo do Teirm e capaz de mover-se com a velocidade de um chicote.

As formigas rodearam o monstro como moços de quadra preparados para capturar um cavalo em correria. Lançaram-se contra ele sem medo algum. Atacavam suas pernas nodosas e se retiravam um instante antes que as pinças do monstro pudessem apanhá-las. Cada vez mais formigas se uniam à turba. Trabalhavam juntas para superar o intruso, sem ceder jamais, inclusive quando duas delas foram apanhadas e assassinadas, ou quando algumas irmãs caíram ao chão do alto do caule. Era uma batalha desesperada, em que nenhum lado parecia disposto

a dar trégua. Só a fuga ou a vitória podia salvar às combatentes de uma morte horrível. Eragon seguia a refrega com ansiedade, sem respirar, assombrado pela valentia das formigas e por sua capacidade para continuar lutando apesar de sofrerem feridas que teriam incapacitado a qualquer humano. Suas ações eram tão heróicas que mereciam ser cantadas pelos bardos em toda a terra.

Eragon estava tão enfrascado na batalha que quando ao fim as formigas venceram, soltou um grito de júbilo tão forte que assustou os pássaros que descansavam em seus ninhos entre as árvores.

Por pura curiosidade, concentrou a atenção em seu próprio corpo e caminhou até a roseira para ver o monstro derrotado. O que viu era uma aranha marrom ordinária, com as pernas retorcidas, transportada pelas formigas para o ninho para converter-se em alimento. Era assombroso.

Estava a ponto de ir, mas percebeu que uma vez mais tinha esquecido de contemplar a miríade de outros insetos e animais que habitavam a clareira. Fechou os olhos e revoou entre as mentes de várias dúzias de seres, esforçando-se ao máximo por memorizar tantos detalhes interessantes quanto fosse possível. Era um triste sucedâneo da observação prolongada, mas tinha fome e já tinha superado a hora que lhe tinham atribuído.

Quando se reencontrou com Oromis em sua cabana, o elfo perguntou:

- Como foi?

- Professor, poderia passar os dias e as noites escutando durante os próximos vinte anos e mesmo assim não chegaria, ou saberia, tudo o que ocorre no bosque. Oromis elevou uma sobrancelha.

- Você progrediu. - Quando Eragon descreveu o que tinha presenciado, o elfo acrescentou: - Isso ainda não é suficiente. Tem que trabalhar mais, Eragon. Sei que pode fazê-lo. Você é inteligente e persistente, e tem potencial para ser um grande Cavaleiro. Por difícil que pareça, deve aprender a separar os problemas e se concentrar na tarefa que tenha pela frente. Encontre a paz em seu interior e deixe que suas ações fluam dali.

- Faço o melhor que posso.

- Não, não é o melhor. Quando aparecer o melhor, nós perceberemos. - Fez uma pausa, pensativo: - Talvez ajudasse se tivesse outro aluno com quem competir. Então sim veríamos o melhor... Pensarei nisso.

Oromis tirou de seus armários uma barra de pão recém assado, uma jarra de madeira de manteiga de avelã - com a que os elfos substituíam a manteiga - e um par de terrinas que, com uma chaleira, encheu de um guisado de verduras que fervia a fogo lento em uma panela, sobre um leito de brasas na chaminé do canto. Eragon olhou com desagrado o guisado: estava farto da comida dos elfos. Tinha saudades da carne, do peixe e das aves, algo sólido em que

pudesse fincar os dentes em vez daquele desfile interminável de vegetais.

- Professor - perguntou para distrair-se. - Por que me faz meditar? É para que entenda o que fazem os animais e os insetos, ou há algo mais?

- Não te ocorre nenhum outro motivo? - Ao ver que Eragon negava com a cabeça, Oromis suspirou. - Sempre acontece o mesmo com os alunos novos, sobretudo quando são humano, a mente é o último músculo que aprendem a usar, e o que menos utilizam. Pergunte-lhes sobre a arte da espada e lhe recitarão até o último golpe de um duelo que aconteceu um mês antes, mas se lhes pede que resolvam um problema ou que façam uma afirmação coerente... Bom, muito será se lhe respondem com algo mais que um olhar inexpressivo. É novo no mundo da gramaticia, que é o autêntico nome da magia, mas tem que começar a se expor a todas suas implicações.

- Mas como?

- Imagine por um momento que você é Galbatorix, com todos seus enormes recursos a sua disposição. Os varden destroçaram seu exército de urgals com a ajuda de um Cavaleiro rival, e você sabe que Brom lhe ensinou, ao menos em parte, um de seus inimigos mais perigosos e implacáveis. Também tem consciência de que seus inimigos estão se reunindo em Surda para uma possível invasão. Tendo isso em conta, qual seria a maneira mais fácil de enfrentar essas ameaças sem chegar a entrar você

mesmo em batalha?

Eragon removeu o guisado para esfriá-lo, enquanto considerava o assunto.

- Parece-me - disse lentamente - que a maneira mais fácil seria preparar um corpo de magos. Não precisaria sequer que fossem muito poderosos. Eu os obrigaria a me jurar lealdade no idioma antigo e logo os infiltraria em Surda para que sabotassem os esforços dos varden, envenenassem os poços e assassinassem Nasuada, o rei Orrin e a outros membros principais da resistência.

- E por que Galbatorix não fez isso ainda?

- Porque até agora seu interesse por Surda era insignificante e porque os varden levam decênios vivem no Farthen Dür, onde tinham a capacidade de examinar a mente de qualquer recém-chegado em busca de alguma dobra, coisa que não podem fazer na Surda pela extensão de suas fronteiras e sua população.

- A essas mesmas conclusões cheguei eu - disse Oromis. - Enquanto Galbatorix não abandonar sua toca do Urü'baen, o maior perigo ao que se pode enfrentar enquanto dure a campanha dos varden virá dos magos que lhe rodeiem. Sabe tão bem como eu o difícil que é se proteger da magia, sobretudo se seu oponente jurou te matar no idioma antigo, custe o que custar. Em vez de tentar conquistar sua mente, esse inimigo se limitará a lançar um feitiço para te destroçar, embora no instante anterior à derrota terá a liberdade de contra-atacar. Entretanto, não pode se

opor ao inimigo se não souber quem é nem onde está.

- Então, às vezes não terá que preocupar-se de controlar a mente do inimigo?

- Às vezes, mas vale a pena evitar o risco. - Oromis guardou silêncio enquanto tomava algumas colheradas de guisado. - Bom, para chegar ao fundo deste assunto, como se defender de inimigos anônimos que podem transgredir qualquer precaução física e matar com uma palavra murmurada?

- Não sei como... Salvo... - Eragon hesitou e logo sorriu. - Salvo que esteja em contato com as consciências de todos os que me rodeiem. Então poderia ser capaz de notar se me desejam algum mal.

Oromis parecia satisfeito com a resposta.

- Isso, Eragon-finiarel. E isso responde a sua pergunta. Suas meditações preparam a sua mente para descobrir e aproveitar as falhas na armadura mental de seus inimigos, por menores que sejam,

- Mas se entrar em contato com suas mentes, os outros magos perceberão.

- Sim, talvez, mas não a maioria das pessoas. Quanto aos magos, ao saber terão medo e protegerão sua mente de você, e assim poderá reconhecê-los.

- Não é perigoso deixar a consciência sem defesas? Se alguém atacar mentalmente, pode superar com facilidade.

- É menos perigoso que permanecer cego ao mundo.

Eragon assentiu. Golpeou a colher contra a terrina como se medisse o tempo ritmicamente, concentrado em seus pensamentos, e logo disse:

- Parece-me que isso não está bem.

- Oh? Explique-se.

- E a intimidade das pessoas? Brom ensinou a não penetrar nunca na mente de ninguém se não fosse absolutamente necessário... Suponho que me incomoda a idéia de me colocar nos segredos de outros. Segredos que têm todo o direito a conservar. - Elevou a cabeça. - Se for tão importante, por que Brom não me disse isso?

Por que não me ensinou isso ele mesmo?

- Brom te disse - respondeu Oromis - o que era oportuno dizer naquelas circunstâncias. Penetrar nas mentes alheias pode ser uma tentação para quem tem uma personalidade maliciosa ou ânsia de poder. Não costumávamos ensinar isso aos futuros Cavaleiros, embora

durante o treinamento lhes fazíamos meditar como você, até

que estávamos convencidos de que tinham amadurecido o suficiente para resistir à

tentação.

“É uma invasão da intimidade e, por meio dela, descobrirá de muitas coisas que não queria saber. Entretanto, é por seu próprio bem, e pelo bem dos varden. Posso dizer por experiência própria, e por ter visto como outros Cavaleiros o experimentavam que acima de tudo, o ajudará a compreender o que impulsiona às pessoas. E a compreensão provoca empatia e compaixão, inclusive pelo mendigo mais malvado da mais suja cidade da Alagaésia”.

Guardaram silêncio um momento enquanto comiam, até que Oromis perguntou:

- Diga-me uma coisa: qual é a ferramenta mental mais importante que se pode possuir?

Era uma pergunta séria, e Eragon lhe deu voltas durante um tempo razoável antes de atrever-se a responder:

- A determinação.

Oromis partiu a barra de pão pela metade com seus largos dedos brancos.

- Entendo por que chegou a essa conclusão: a determinação o ajudou muito em suas aventuras. Mas não é assim. Referia-me à ferramenta mais necessária para escolher a melhor ação ante qualquer situação. A determinação é tão comum entre homens estúpidos e anódinos como entre quem possui brilhantes intelectos. De modo que não, determinação não pode ser o que estamos procurando. Desta vez Eragon se expôs a questão como se fosse uma adivinhação, contou a quantidade de palavras, sussurrou-as para estabelecer se continham alguma rima e procurou algum significado oculto que pudessem ter. O problema era que Eragon era muito medíocre para as adivinhações e nunca tinha obtido bons resultados no concurso anual do Carvahall. Seu pensamento era muito direto para encontrar resposta a adivinhações que não conhecesse de antemão, uma conseqüência do pragmatismo da educação que recebera de Garrow.

- A sabedoria - disse ao fim. - A sabedoria é a ferramenta mais importante que se pode possuir.

- Boa tentativa, mas outra vez não. A resposta é a lógica. Ou, melhor dizendo, a capacidade de raciocinar de modo analítico. Se aplicá-la corretamente, pode superar qualquer carência de sabedoria, que é algo que só se obtém com a idade e a experiência.

Eragon franziu o cenho.

- Sim, mas... Acaso ter um bom coração não é mais importante que a lógica? A pura lógica pode te levar a conclusões erradas no plano ético, enquanto que se tiver um sentido da moral e do correto, pode estar seguro de não cometer nenhum ato vergonhoso.

Um sorriso fino como o fio de uma navalha curvou os lábios de Oromis.

- Você está confundindo o assunto. Só queria saber qual era a ferramenta mais útil que uma pessoa pode ter, não importando que esta seja boa ou má. Estou de acordo em que é importante ter um caráter virtuoso, mas também opino que se terei que escolher entre dar a um homem uma vontade nobre ou lhe ensinar a pensar com clareza, seria melhor que fizesse o segundo. São muitos os problemas deste mundo criados por homens com vontade nobre e um pensamento nublado.

"A história nos oferece numerosos exemplos de gente que, convencida de fazer o que devia, cometeu por isso crimes terríveis. Não esqueça, Eragon, que ninguém vê a si mesmo como um vilão e são poucos os que tomam decisões sabendo que se equivocam. Uma pessoa pode não gostar de sua decisão, mas a manterá

porque, inclusive nas piores circunstâncias, está convencido de que é a melhor pode tomar nesse momento".

"Por si só, ser uma pessoa decente não garante que atue bem, o que nos leva de novo ao único amparo que temos contra os demagogos, os trapaceiros e a loucura das multidões, assim como nosso guia confiável nas incertezas da vida: pensamento claro e raciocínio. A lógica não falhará nunca, salvo que não tenha consciência das conseqüências de suas obras, ou as ignore deliberadamente".

- Se os elfos são tão lógicos - disse Eragon, - sempre estarão de acordo no que se deve fazer.

- Raramente - afirmou Oromis. - Como todas as raças, nos apegamos a um amplo leque de princípios e, em conseqüência, freqüentemente chegamos a conclusões diferentes, inclusive em situações idênticas. Conclusões, deixe-me acrescentar, que têm um sentido lógico segundo o ponto de vista de cada qual. E embora eu gostaria que fosse de outro modo, nem todos os elfos tiveram a preparação mental adequada.

- Como pretende me ensinar essa lógica?

O sorriso do Oromis se ampliou.

- Com o método mais antigo e efetivo: debatendo. Farei uma pergunta, e você

responderá e defenderá sua posição.-Esperou que Eragon preenchesse sua terrina de guisado.
- Por exemplo, por que você luta contra o Império?

A brusca mudança de tema pegou Eragon desprevenido. Teve a sensação de que Oromis acabava de chegar ao assunto que perseguia desde o começo.

- Como disse antes, para ajudar a quem sofre sob o manto de Galbatorix e, em menor medida, por uma vingança pessoal.

- Então, luta por razões humanitárias?

- O que quer dizer?

- Que luta para ajudar aos que foram prejudicados por Galbatorix e para evitar que prejudique a ninguém mais.

- Exato - respondeu Eragon.

- Ah, mas diga-me uma coisa, jovem Cavaleiro: acaso sua guerra com Galbatorix não provocará mais dor de que pode evitar? A maioria dos habitantes do Império têm normais vidas, produtivas, alheias à loucura de seu rei. Como pode justificar a invasão de suas terras, a destruição de suas casas, a morte de seus filhos e filhas?

Eragon ficou boquiaberto, assombrado de que Oromis pudesse lhe perguntar algo assim - não em vão, Galbatorix era o mal - e de que não lhe ocorresse nenhuma resposta fácil. Sabia que estava certo, mas como podia demonstrá-lo?

- Você não acha que teremos que derrotar Galbatorix?

- Essa não é a pergunta.

- Mas tem que acreditar - insistiu Eragon. - Olhe o que fez aos Cavaleiros. Oromis abaixou a cabeça sobre o guisado e se pôs a comer, deixando Eragon ruminar em silêncio. Ao terminar, o elfo entrelaçou as mãos sobre o regaço e perguntou:

- Eu o incomodei?

- Sim, incomodou-me.

- Percebi. Bom, então continue pensando no assunto até que encontre uma resposta. Espero que seja convincente.

A gloriosa manhã negra

Recolheram a mesa e levaram os pratos para fora para limpá-los com areia. Oromis esmigalhou os restos de pão em torno da casa para que os pássaros os comessem, e voltaram a entrar.

Oromis tirou plumas e tinta para Eragon, e recomeçaram a aprendizagem do Liduen Kvaedhí, a forma escrita do idioma antigo, muito mais elegante que as runas dos anões e dos homens. Eragon se perdeu nos glifos ocultos, feliz de enfrentar uma tarefa que não exigia nada mais extenuante que a pura memorização. Depois de passar horas inclinado sobre as folhas de papel, Oromis agitou uma mão no ar e disse:

- Basta. Continuaremos amanhã. - Eragon se inclinou para trás e relaxou a tensão dos ombros

enquanto Oromis escolhia cinco pergaminhos dos buracos da parede. - Há dois no idioma antigo e três em sua língua nativa. Servirão para ajudá-lo a dominar os dois alfabetos e além lhe fornecerão uma informação valiosa que para mim seria tedioso vocalizar.

- Vocalizar?

Com uma pontaria certeira, a mão do Oromis se deslocou como um dardo, tirou um sexto pergaminho enorme da parede e o acrescentou à pirâmide que Eragon já

tinha entre os braços.

- Isto é um dicionário. Não acredito que possa, mas tente ler isso por inteiro. Quando o elfo abriu a porta para que Eragon saísse, este disse:

- Professor...

- Sim, Eragon?

- Quando começaremos a trabalhar com a magia?

Oromis apoiou um braço no gonzo da porta e se encolheu como se já não tivesse vontade de permanecer em pé. Logo suspirou e disse:

- Deve confiar em mim para que guie sua formação, Eragon. De qualquer maneira, suponho que seria estúpido de minha parte seguir atrasando-o. Venha, deixe os pergaminhos na mesa e vamos explorar os mistérios da gramaticia. No prado em frente à cabana, Oromis ficou olhando para os penhascos do Tel'naeír, de costas para Eragon, com os pés separados à altura dos ombros e as mãos entrelaçadas na nuca. Sem se virar, perguntou-lhe:

- O que é a magia?

- A manipulação da energia por meio do uso do idioma antigo. Houve uma pausa antes que Oromis respondesse:

- Tecnicamente, tem razão. E muitos feiticeiros nunca entendem nada, além disso. Entretanto, sua descrição não chega a capturar a essência da magia. A magia é

a capacidade de pensar, não é questão de força nem de linguagem, pois você mesmo sabe que um vocabulário limitado não é obstáculo algum para usá-la. Como todas as demais técnicas que deve dominar, a magia exige ter um intelecto disciplinado.

“Brom saltou o regime normal de treinamento e ignorou as sutilezas da gramaticia para assegurar-se de que tivesse os recursos necessários para permanecer vivo. Eu também devo variar o regime para me centrar nas habilidades que provavelmente necessitará nas batalhas iminentes. Entretanto, assim como Brom o ensinou o mecanismo ordinário da magia, eu ensinarei sua aplicação mais fina, os segredos reservados aos mais sábios Cavaleiros: como

matar sem usar mais energia que a necessária para mover um dedo, o método que permitirá transportar instantaneamente um objeto de um lugar a outro, um feitiço que te ajudará a detectar venenos na comida e na bebida, uma variante da invocação que serve para ouvir além de ver, a maneira de obter energia do que te rodeia e assim conservar suas forças, e todas as maneiras possíveis de obter um máximo rendimento de sua força. Estas técnicas são tão potentes e perigosas que nunca se compartilharam com Cavaleiros noviços como você, mas as circunstâncias exigem que as divulgue agora, e confio em que não abusará delas".

- Elevando o braço direito com a mão farpada como uma garra, Oromis proclamou:

- *Adurna*!

Eragon contemplou como uma esfera de água se formava no regato que havia junto à cabana e flutuava pelo ar até ficar pendida sobre os dedos estirados do Oromis. O regato parecia escuro e marrom sob os ramos do bosque, mas a esfera, separada dali, era incolor como o cristal. Fibras de musgo, pó e pequenos fragmentos de refugos flutuavam dentro do círculo.

Sem deixar de olhar o horizonte, Oromis disse:

- Agarre-a.

Lançou a esfera para trás por cima do ombro, em direção a Eragon. Este tratou de agarrá-la, mas assim que tocou sua pele, a água perdeu sua coesão e lhe salpicou o peito.

- Tem que agarrá-la com magia - disse Oromis. De novo, exclamou: - *Adurna*!

Uma esfera de água se formou na superfície do regato e saltou de sua mão, como um falcão treinado para obedecer a seu amo.

Desta vez Oromis lhe lançou a bola sem prévio aviso. Entretanto, Eragon estava preparado e disse, ao tempo em que estendia uma mão para a bola:

- *Reisa du adurna*.

A bola se deteve a um cabelo de distância da pele de sua mão.

- Uma escolha de palavras torpe - disse Oromis, - embora, em qualquer caso, funcione.

Eragon sorriu e murmurou:

- *Thrysta*.

A esfera trocou de rumo e se dirigiu veloz para a base da cabeça chapeada de Oromis. Entretanto, não aterrissou ali como esperava Eragon, mas sim chegou mais à

frente do elfo, deu a volta e voou de retorno a Eragon, cada vez mais rápida. A água seguia

dura e sólida como mármore quando golpeou Eragon, provocando um surdo golpe ao se chocar com seu crânio. O golpe o derrubou na erva, onde ficou aturdido, pestanejando enquanto luzes cintilavam no céu.

- Sim - disse Oromis. - Seria melhor a palavra *letta,* ou *kodthr.* -Ao fim se virou e elevou uma sobrancelha com fingida surpresa. - O que faz aí no chão? Levante-se. Não podemos passar o dia deitados.

- Sim, Professor - grunhiu Eragon.

Quando Eragon se levantou, Oromis lhe fez manipular a água de maneiras diversas: Dar-lhes forma com complexos nós, mudar a cor da luz que absorvia ou refletia e congelá-la em certas seqüências determinadas, nenhuma muito difícil. Os exercícios duraram tanto que o interesse inicial de Eragon desapareceu e foi substituído pela impaciência e o desconcerto. Não queria ofender Oromis, mas não encontrava nenhum sentido no que o elfo estava fazendo, era como se evitasse qualquer feitiço que pudesse exigir o uso de algo mais que uma quantidade mínima de energia. “Já demonstrei até onde chegam minhas habilidades. Por que se empenha em repassar estes fundamentos?”

- Professor – disse, - isto já sei. Não podemos adiantar?

Os músculos do pescoço do Oromis se esticaram, e os ombros ficaram tão rígidos que pareciam de granito cinzelado, até conteve a respiração antes de dizer:

- Alguma vez aprenderá a mostrar respeito, Eragon-vodhr? Como quiser!

Logo pronunciou quatro palavras do idioma antigo em uma voz tão profunda que Eragon não captou seu significado.

Eragon soltou um chiado ao notar que uma pressão envolvia suas pernas até

o joelho, apertando e constrangendo as panturrilhas de tal modo que lhe impedia de caminhar. Podia mover as coxas e o tronco, mas fora isso era como se o tivessem envolto em cordas.

- Liberte-se - disse Oromis.

Eragon nunca enfrentara esse tipo desafio: como romper os feitiços alheios. Poderia se liberar dos laços invisíveis que o prendiam de duas maneiras distintas. A mais efetiva consistia em saber como Oromis o tinha imobilizado - afetando diretamente seu corpo ou servindo-se de algum recurso externo, - pois nesse caso podia redirigir o elemento para dispersar a força de Oromis. Se não, podia usar algum feitiço vago e genérico para bloquear o que lhe estava fazendo Oromis. A parte negativa dessa tática era que podia produzir um combate direto de forças entre eles. “Isso iria acontecer em algum momento”, pensou Eragon. Não tinha a menor esperança de impor-se a um elfo. Construiu a frase correta e a pronunciou:

-*Losna kaljya iet.* Solte minhas pernas.

Perdeu uma quantidade de energia maior da que tinha previsto: passou de estar moderadamente cansado pelos esforços e dores do dia a sentir-se como se estivesse caminhando desde a manhã sobre terra dura. Logo a pressão das pernas desapareceu e teve que cambalear para recuperar o equilíbrio. Oromis meneou a cabeça.

- Estúpido – disse.-Muito estúpido. Se eu tivesse me empenhado em manter o feitiço, o mataria. Nunca use absolutos.

- Absolutos?

- Nunca pronuncie seus feitiços de tal modo que só haja dois resultados possíveis: o êxito ou a morte. Se um inimigo tivesse apanhado suas pernas e fosse mais forte que você, teria gasto todas as suas energias no intento de romper seu feitiço. Teria morrido sem a menor chance de abortar o intento ao perceber que era inútil.

- E isso como se evita?

- É mais seguro que o feitiço seja um processo que possa ser encerrado. Em vez de dizer "solte minhas pernas", que é um absoluto, poderia dizer "reduza a magia que prende minhas pernas". São muitas palavras, mas assim poderia decidir em que medida quer reduzir o feitiço do oponente e calcular se te convém desfazê-lo totalmente. Vamos tentar novamente.

A pressão nas pernas de Eragon se reatou assim que Oromis pronunciou sua invocação inaudível. Eragon estava tão cansado que não se acreditava capaz de oferecer muita resistência. Mesmo assim, ficou em contato com a magia. Antes que o idioma antigo saísse pela boca de Eragon, precaveu-se de uma curiosa sensação ao notar que o peso que constrangia suas pernas se reduzia em ritmo contínuo. Experimentou uma comichão e se sentiu como se o tirassem de um pântano de lodo frio e pegajoso. Olhou para Oromis e viu a paixão inscrita em seu rosto, como se se aferrasse a um objeto tão valioso que não suportaria perdê-lo. Uma veia pulsava em sua têmpora.

Quando desapareceram as cadeias ocultas de Eragon, Oromis se inclinou para trás como se lhe tivesse picado uma vespa e cravou o olhar em suas duas mãos, enquanto respirava entrecortadamente. Durante um minuto, talvez, permaneceu quieto. Logo ergueu o corpo e caminhou até o limite dos penhascos do Tel'naeír, sua figura solitária se recortava contra o pálido céu.

A pena e a dor invadiram Eragon. Eram as mesmas emoções que o tinham assaltado ao ver pela primeira vez a perna mutilada de Glaedr. Amaldiçoou-se por ter sido tão arrogante com Oromis, tão inconsciente de suas enfermidades, assim como por não ter acreditado o suficiente em seu julgamento. "Não sou o único que deve enfrentar as feridas do passado". Eragon não o tinha compreendido quando Oromis lhe havia dito que lhe escapava qualquer magia maior. Agora entendia a profundidade da situação em que se encontrava o elfo e a dor que devia lhe causar, sobretudo a alguém de sua raça, nascido e criado com magia.

Eragon se aproximou de Oromis, ajoelhou-se e fez uma reverência ao modo dos anões,

pegando a fronte machucada ao chão.

- Ebrithil, rogo-te que me perdoe.

O elfo não deu sinais de havê-lo ouvido. Permaneceram ambos em suas respectivas posições enquanto o sol ficava ante eles, os pássaros entoavam os cantos do anoitecer e o ar se voltava frio e úmido. Do norte chegou o leve bater de asas de Saphira e Glaedr, que davam por terminado o dia e retornavam. Com voz baixa e distante, Oromis disse:

- Amanhã começaremos de novo, com este e outros assuntos. - Por seu perfil, Eragon notou que Oromis tinha recuperado sua expressão habitual de impassível reserva.-Está bem assim?

- Sim, Professor - respondeu Eragon, agradecendo a pergunta.

- Acredito que será melhor que, a partir de agora, se esforce por falar só no idioma antigo. Dispomos de pouco tempo, e será a maneira mais rápida de aprender.

- Inclusive quando falar com Saphira?

- Inclusive então.

Eragon adotou a língua dos elfos e prometeu:

- Então trabalharei sem cessar até que não só pense em seu idioma, mas também sonhe nele.

- Se conseguir - disse Oromis, também em sua linguagem, - talvez tenhamos êxito em nossa empresa. - Fez uma pausa. - Em vez de voar diretamente aqui pela manhã, acompanhará ao elfo que te enviarei para que te guie. Ele o levará ao lugar onde o povo de Ellesméra pratica com a espada. Fique ali uma hora e logo prossiga com normalidade.

- Você não vai mais me ensinar? - perguntou Eragon, um pouco desencantado.

- Não tenho nada que ensinar. É tão bom espadachim como qualquer que tenha conhecido. Não sei mais que você de batalhar e não posso te dar o que eu possuo e você não. Você só precisa conservar seu nível atual de habilidade.

- E por que não posso fazê-lo contigo... professor?

- Porque eu não gosto de começar o dia com lutas e conflitos. - Olhou para Eragon, logo se abrandou e disse: - E porque te fará bem conhecer outros que vivem aqui. Eu não represento a minha raça. Mas já basta. Olhe, já chegaram. Os dois dragões deslizaram ante o disco liso do sol. Primeiro chegou Glaedr com um rugido de vento, obscurecendo o céu inteiro com seu enorme vulto antes de descer sobre a erva e pregar suas asas douradas, logo Saphira, rápida e ágil como um pardal que voasse junto a uma águia.

Assim como de manhã, Oromis e Glaedr fizeram uma série de perguntas para assegurarem-se

de que Eragon e Saphira tinham prestado atenção às lições cruzadas. Não tinham conseguido fazê-lo o tempo todo, mas cooperando e compartilhando informação conseguiram responder todas as perguntas. Só tropeçaram com a linguagem alheia em que lhes pediam que se comunicassem.

Melhor -grunhiu Glaedr depois. - M *uito melhor.* –Baixou o olhar para Eragon. - *Logo teremos que treinar você e eu.*

- É obvio, Skulblaka.

O velho dragão soprou e se aproximou de Oromis, caminhando a saltos com a pata dianteira para compensar a carência de uma extremidade. Saphira se lançou para diante, tocou a ponta da cauda de Glaedr e, deu uma cabeçada parecida ao que usaria para quebrar o pescoço de um cervo, lançou-a ao ar. Virou-se para trás ao ver que Glaedr se virava e soltava um rugido junto a seu pescoço, mostrando presas enormes. Eragon fez uma careta de dor e, muito tarde, tampou os ouvidos para protegêlos do rugido do Glaedr. A velocidade e a intensidade da resposta do dragão sugeriam que não era a primeira vez que Saphira o incomodava durante o dia. Em vez de remorso, Eragon detectou um excitado espírito brincalhão em Saphira - como o de um menino com um brinquedo novo, - assim como uma devoção quase cega para o outro dragão.

- Contenha-se, Saphira! - disse Oromis. Saphira caminhou para trás e se abaixou, embora não havia em seu comportamento gestos de contrição. Eragon murmurou uma débil desculpa, e Oromis agitou uma mão e disse: - Podem ir agora. Sem discutir, Eragon montou em Saphira. Teve que incitá-la a elevar vôo e, ainda depois, ela insistiu em riscar três círculos por cima da clareira antes rumar para Ellesméra.

Que idéia é essa de morder Glaedr? -perguntou Eragon. Acreditava saber, mas queria que o confirmasse.

Só estava jogando.

Era a verdade, pois estavam falando no idioma antigo, mas Eragon suspeitou que era um fragmento de uma verdade maior.

É, e que jogo? -Sob seu corpo, Saphira se esticou. - *Se esquece de seu dever. Quando...* - Procurou a palavra adequada. Incapaz de encontrá-la, voltou sua língua nativa-. *Quando provoca Glaedr, você distrai a ele, a Oromis e a mim... E põe em risco o que temos que conseguir. Nunca tinha sido tão insensata. Não queira ser a voz de minha consciência.*

Eragon pôs-se a rir, esqueceu por um momento que estava sentado entre as nuvens e se inclinou para um lado até que esteve quase a ponto de cair do lombo de Saphira.

Ah, que bela ironia, depois de me haver dito tantas vezes o que devia fazer. Sou sua consciência, Saphira, assim como você é a minha. Teve boas razões para me importunar e me advertir no passado, e agora eu devo fazer o mesmo com você: pare de acossar o Glaedr

com seus cuidados.

Ela guardou silêncio.

Saphira?

Estou ouvindo.

Assim espero.

Ao cabo de um minuto voando em silêncio , Saphira disse:

Dois ataques em um dia. Como você está?

Esgotado e doente. -Fez uma careta. - *Em parte é pelo Rimgar e o treinamento, mas sobretudo pelos efeitos secundários da dor. É como um veneno, me enfraquece os músculos e me nubla a mente. Só espero permanecer são o suficiente para chegar ao fim do treinamento. Logo, sem atrasos... Não sei o que farei. Certamente, assim não posso lutar pelos varden.*

Não pense nisso -aconselhou-lhe ela. - *Não pode fazer nada para melhorar sua condição, e só vai conseguir se sentir pior. Viva o presente, recorde o passado e não tema o futuro, porque não existe, nem existirá jamais. Só existe o agora.* Eragon lhe afagou um ombro e sorriu com gratidão resignada. A sua direita, uma águia planava em uma corrente de ar quente enquanto patrulhava o bosque aberto em busca de alguma presa, Eragon a contemplou enquanto repassava a pergunta que Oromis tinha feito: como podia justificar a luta contra o Império se podia causar tanta dor e agonia?

Eu tenho uma resposta -disse Saphira.

Qual?

Que Galbatorix... -Hesitou, e ao fim disse: - *Não, não vou lhe dizer. Tem que resolver isso sozinho.*

Saphira! Seja razoável!

Eu sou. E se não souber por que o que fazemos é o correto, mais valeria que se rendesse a Galbatorix.

Por muito eloqüentes que fossem suas súplicas, não conseguiu lhe arrancar nada, pois lhe bloqueou essa parte de sua mente.

De volta a seus aposentos, Eragon tomou um jantar ligeiro e estava a ponto de abrir um dos pergaminhos de Oromis quando uma chamada à porta de tecido rompeu o silêncio. - Entre - disse, com a esperança de que Arya tivesse voltado para lhe ver. Era ela. Arya saudou Eragon

e Saphira e disse:

- Pensei que apreciaria a chance de visitar o salão de Tialdarí e os jardins adjacentes, pois ontem expressou interesse neles. Desde que não esteja muito cansado. Levava uma aba vermelha folgada, limpa e decorada com complexos desenhos bordados com fio negro. A combinação de cores recordava a roupa da rainha e reforçava a clara aparência entre mãe e filha.

Eragon deixou a um lado os pergaminhos.

- Eu adoraria conhecê-lo.

Quer dizer que nós adoraríamos -disse Saphira.

Arya se surpreendeu de que os dois falassem no idioma antigo, de modo que Eragon lhe contou a ordem de Oromis.

- Uma idéia excelente - disse Arya, passando também ao mesmo idioma. - E é

mais conveniente que entre nós falemos assim enquanto esteja aqui. Quando os três desceram da árvore, Arya os dirigiu para o oeste, em direção a uma zona de Ellesméra que não era familiar a eles. Pelo caminho se encontraram com muitos elfos, e todos se detiveram para fazer uma reverência a Saphira. Eragon voltou a perceber que não se via nenhuma criança elfa. Comentou com Arya, e esta respondeu:

- Sim, temos poucas crianças. Neste momento só há duas na Ellesméra: Dusan e Alanna. Valorizamos as crianças sobretudo por quão escassos são. Ter um filho é a maior honra e a maior responsabilidade que se pode conceder a um ser vivo. Ao fim de alguns instantes chegaram a um portal estriado - crescido entre as árvores - que fazia as vezes de entrada a um amplo complexo. Arya entoou:

- Raiz de árvore, fruto da trepadeira, deixe-me entrar por meu sangue verdadeiro.

As duas portas do arco tremeram e se abriram para fora, soltando cinco borboletas monarca que se elevaram para o céu crepuscular. Do outro lado do arco se abria um grande jardim de flores disposto de tal modo que parecia antigo e natural como uma pradaria selvagem. O único elemento que delatava o artifício era a enorme variedade de plantas: muitas espécies floresciam quando não era sua estação, ou procediam de climas mais frios ou calorosos e não teriam florescido jamais sem a magia dos elfos. A paisagem estava iluminada pela luz de tochas sem chama, puras como gemas, aumentada por constelações de vaga-lumes voadoras.

Arya disse a Saphira:

- Cuidado com a cauda, não a arraste pelos leitos de flores. Avançaram, cruzaram o jardim e se meteram em uma fileira de árvores pulverizadas. Antes que Eragon se desse conta de onde estava, as árvores se tornaram mais numerosos e logo se espessaram até formar um muro.

Encontrou-se na soleira de um salão de madeira, apesar de que não tinha consciência de ter entrado nele. O salão era quente e caseiro, um lugar de paz, reflexão e comodidade. A forma estava determinada pelos troncos das árvores, os que, na parte interior, haviam sido desprovidos de casca e esfregados com azeite até que a madeira brilhasse como o âmbar. Alguns buracos regulares entre os troncos cumpriam a função de janelas. O

aroma de vegetação esmagada perfumava o ar. Havia alguns elfos no salão, liam, escreviam e, em um canto escuro, tocavam flautas de cano. Todos se detiveram e inclinaram a cabeça ante a presença de Saphira.

- Se não fossem Cavaleiro e dragão - disse Arya, - vocês seriam alojado aqui.

- É magnífico - replicou Eragon.

Arya os guiou a outro lugar do complexo que era acessível aos dragões. Cada nova habitação era uma surpresa: não havia duas iguais e cada câmara mostrava maneiras distintas de incorporar sua construção ao bosque. Em uma habitação, um regato prateado deslizava pela parede nodosa, fluía pelo chão entre uma nervura de calhaus e voltava a sair a céu aberto. Em outra, as trepadeiras envolviam toda a sala, exceto o chão, com uma pele verde cheia de folhas e adornada com flores com forma de trompetilla do branco e rosa mais delicado. Arya disse que se chamava Lianí Vim. Viram muitas obras de arte, desde fairths e pinturas até esculturas e mosaicos radiantes de cristais de cores, todas se apoiavam nas formas curvas de plantas e animais. Islanzadí se uniu a eles um breve momento em um pavilhão aberto, unido a outros dois edifícios por meio de dois caminhos diferentes. Interessou-se pelos progressos no treinamento de Eragon e pelas estado de suas costas, ao que este respondeu com frases breves e educadas. Isso pareceu satisfazer à rainha, que trocou algumas palavras com a Saphira e se foi.

Ao final, retornaram ao jardim. Eragon caminhava junto à Arya - enquanto Saphira os seguia, - fascinado pelo som de sua voz enquanto ia contando as distintas variedades de flores, de onde procediam, como as conservavam e, em muitos casos, como as tinham alterado por meio da magia. Também assinalou as flores que só abriam as pétalas de noite, como um cacareco branco.

- Qual é a sua favorita? - perguntou ele.

Arya sorriu e o acompanhou até uma árvore que havia na beira do jardim, junto a um lago flanqueado por juncos. Uma *manhã gloriosa* se enroscava em torno do ramo mais baixo da árvore com três casulos negros aveludados e fechados. Arya soprou para eles e sussurrou:

- *Abríos*.

As pétalas rangeram ao desembrulharem-se e abrir seu tecido escuro como a tinta para expor o tesouro escondido do néctar que escondiam no centro. Um estalo de azul real enchia o pescoço das flores e se dissolvia na coroa negra como os vestígios do dia se desfazem na noite.

- Não é a flor mais perfeita e adorável? -perguntou Arya.

Eragon a olhou, com uma deliciosa consciência do quão perto que estavam naquele momento, e disse:

-Sim... Realmente. - Sem dar tempo a que o abandonasse a coragem, acrescentou: - Como você.

Eragon! -exclamou Saphira.

Arya cravou seus olhos nele e o escrutinou até que ele se viu obrigado a desviar o olhar. Quando se atreveu a olhá-la de novo, mortificou-lhe ver em seu rosto um leve sorriso, como se lhe divertisse sua reação.

- Como você é amável - murmurou. Alargou uma mão para tocar a borda de uma flor e logo o olhou. - Fáolín as criou especialmente para mim um solstício do verão, faz muito tempo.

Eragon arrastou os pés e respondeu com algumas palavras ininteligíveis, ferido e ofendido porque ela não tivesse levado mais a sério seu elogio. Queria tornarse invisível e inclusive pensou em soltar um feitiço que o permitisse. Ao fim, esticou o corpo e disse:

- Perdoe-nos, por favor, Arya Svit-kona, mas é muito tarde e devemos retornar a nossa árvore.

O sorriso da Arya se alargou.

- É obvio, Eragon. Eu entendo. - Acompanhou-os até o arco da entrada, abriulhes as portas e disse: - Boa noite, Saphira. Boa noite, Eragon. *Boa noite* -respondeu Saphira.

Apesar de sua vergonha, Eragon não pôde evitar uma pergunta:

- Nos veremos amanhã?

Arya inclinou a cabeça.

- Acredito que manhã estarei ocupada.

Logo as portas se fecharam e a perderam de vista enquanto retornavam ao complexo principal.

Abaixada no caminho, Saphira empurrou-o carinhosamente com o focinho em um flanco.

Pare de sonhar acordado e suba na minha garupa. -Eragon escalou pela perna dianteira esquerda, ocupou seu lugar habitual e se agarrou ao espinho do pescoço que tinha diante dele, enquanto Saphira se levantava totalmente. Ao cabo de uns poucos passos, disse: - *Como pode criticar meu comportamento com Glaedr e logo fazer algo assim? No que pensava?*

Você sabe o que sinto por ela -grunhiu Eragon,

Ora! Se você for minha consciência e eu sou a sua, tenho a obrigação de te dizer que está se comportando como um tolo. Não está usando a lógica, como tanto insiste Oromis. Que espera que aconteça entre você e Arya? Ela é uma princesa!

E eu sou um Cavaleiro.

Ela é uma elfa, você é um humano.

Cada dia me pareço mais com os elfos.

Eragon, tem mais de cem anos!

Eu viverei tanto como ela ou qualquer outro elfo.

Ah, mas no momento não é assim, e esse é o problema. Não pode superar uma diferença tão ampla. É uma mulher com um século de experiência, enquanto que você...

O que? O que sou eu? –grunhiu. - *Um pirralho? Isso é o que quer dizer?*

Não, um pirralho não. Não depois de tudo o que viu e fez desde que nos unimos. Mas é jovem, inclusive do ponto de vista de sua raça, que vive pouco, muito menos que os anões, os dragões e os elfos.

E você também.

A resposta silenciou Saphira por um minuto. Logo disse:

Só tento protegê-lo, Eragon. Isso é tudo. Quero que seja feliz e temo que não poderá ser se insistir em perseguir Arya.

Os dois estavam a ponto de retirar-se quando ouviram que a porta do vestíbulo se abria de repente e logo soava o tinido de uma malha de alguém que subia. Com Czar'roc na mão, Eragon abriu para dentro a porta de tecido, preparado para enfrentar o intruso.

Baixou a mão ao ver Orik no chão. O anão bebeu um comprido gole da garrafa que levava na mão esquerda e logo olhou para Eragon com os olhos semicerrados.

- Ossos e tijolos! Onde estava? Ah, aí está você. Perguntava-me onde estaria. Como não o encontrava, pensei que esta noite dolorosa podia sair para procurá-lo... E

agora aí está! Do que vamos falar você e eu, agora que estamos juntos neste delicioso ninho de pássaros?

Eragon agarrou o anão pelo braço livre e jogou-o para cima, surpreso, como sempre, pelo seu peso, como se fosse uma rocha em miniatura. Quando o soltou, Orik balançou de um lado para outro, alcançando ângulos tão forçados que ameaçava cair à

mínima provocação.

- Entre - disse Eragon, em seu próprio idioma. Fechou a porta.-Aí fora vai se resfriar.

Orik piscou seus olhos redondos e afundados.

- Não te vejo em meu esconderijo cheio de folhas, não, senhor. Abandonoume em companhia dos elfos... Ah, desgraçado, que companhia tão aborrecida, sim, senhor.

Um leve sentimento de culpa obrigou Eragon a dissimular com um sorriso. Era certo que tinha esquecido do anão entre tantas idas e voltas.

- Sinto não ter ido visitá-lo, Orik, mas estava ocupado em meus estudos. Entre, me dê sua capa. - Enquanto ajudava ao anão a tirar o xale marrom, perguntou-lhe: - O

está bebendo?

- Faelnirv - declarou Orik. - Uma poção maravilhosa e estimulante. O melhor e mais satisfatório entre os inventos trapaceiros dos elfos: concede-lhe o dom da loquacidade. As palavras fluem de sua língua como cardumes de peixinhos, como bandos de roedores, como rios de serpentes agitadas. - Calou-se, aparentemente surpreso pela magnificência irrepetível de suas comparações. Quando Eragon o animou a entrar no dormitório, Orik saudou Saphira com a garrafa na mão e disse: - Saudações, Oh, Dente de Ferro. Que suas escamas brilhem tanto como as águas da forja do Morgothal.

Saudações, Oríik - disse Saphira, apoiando a cabeça na borda da cama. - *O*

que te deixou nesse estado? Não é próprio de você.

Eragon repetiu a pergunta.

- O que me deixou neste estado? - repetiu Orik. Deixou-se cair em uma cadeira que lhe aproximou Eragon, com os pés pendurados a vários centímetros do chão, e ficou a menear a cabeça. - Gorritos vermelhos, gorritos verdes, elfos por aqui, elfos por ali. Estou asfixiado entre os elfos e suas cortesias, malditos sejam três vezes. Não têm sangue. São taciturnos. Sim, senhor, não, senhor, com isso poderia encher um saco, sim, senhor, mas não há maneira de lhes tirar nada mais. - Olhou para Eragon com expressão melancólica. - O que posso fazer enquanto você vai treinar? Tenho que me sentar e menear os polegares no ar enquanto me converto em pedra e me reúno com os espíritos de meus antepassados? Diga-me, Oh sagaz Cavaleiro. *Não tem nenhuma habilidade, nenhum passatempo com o que possa se entreter?* -perguntou Saphira.

- Sim - disse Orik. - Sou um ferreiro bastante bom, se é que a alguém importe. Mas por que tenho que criar armas e armaduras brilhantes para quem não as valoriza?

Aqui sou um inútil. Inútil como um Feldünost de três patas. Eragon estendeu uma mão para a

garrafa.

- Posso?

Orik passou o olhar dele à garrafa e logo renunciou com uma careta. O faelnirv estava frio como o gelo quando passou pela garganta do Eragon, picante e vigoroso. Os olhos se encheram de lágrimas e pestanejou. Depois de conceder um segundo gole, devolveu a garrafa ao Orik, que parecia decepcionado porque sobrara pouca poção.

- E que travessuras conseguiu surrupiar de Oromis e seus bosques bucólicos?

- perguntou.

O anão gemeu e cacarejou alternativamente enquanto Eragon descrevia seus treinamentos, o engano da bênção do Farthen Dür, a árvore Menoa, suas costas e tudo o que tinha ocorrido nos dias anteriores. Eragon terminou com o tema que nesse momento lhe interessava mais: Arya. Encorajado pelo licor, confessou-lhe o afeto que sentia por ela e descreveu como tinha rechaçado seu avanço. Orik agitou um dedo e disse:

- Você está sobre uma rocha muito frágil, Eragon. Não tente ao destino. Arya...

- calou-se, logo soltou um grunhido e bebeu outro gole de faelnirv. - Ah, já é muito tarde para isso. Quem sou eu para dizer o que é sábio e que não é?

Saphira levava um momento com os olhos fechados. Sem abri-los, perguntou: *Está casado, Orik?*

A pergunta surpreendeu Eragon, nunca tinha parado para perguntar sobre a vida pessoal de Orik.

- Não - respondeu o anão-. Embora esteja prometido a nobre Hvedra, filha de Um Olho Thorgerd e de Himinglada. Nos íamos casar nesta primavera, Até que atacaram os urgals e Hrothgar me enviou a este maldito viaje.

- É do Dürgrimst Ingeitum? - perguntou Eragon.

- Claro! - rugiu Orik, golpeando um lado da cadeira com um punho. - Acaso acredita que poderia me casar com alguém que não fosse de meu clã? Ela é neta de meu tio Vardrún, terceira prima de Hrothgar, e tem umas pernas brancas, redondas e suaves como o cetim, as bochechas vermelhas como maçãs e é a donzela anã mais bonita que há existiu jamais.

Sem dúvida -disse Saphira.

- Estou seguro de que não demorará muito em vê-la de novo - disse Eragon.

- Hmf. - Orik cerrou os olhos para olhar para Eragon. - Acredita em gigantes?

Gigantes altos, gigantes fortes, gigantes gordos e barbudos com dedos como pás.

- Nunca os vi, nem ouvi falar deles - disse Eragon, - salvo nas histórias. Se existirem, não será na Alagaésia.

- Ah, mas claro que existem! Claro que sim! - exclamou Orik, agitando a garrafa por cima da cabeça. - Me diga, oh, Cavaleiro, se um gigante aterrador se encontrasse contigo no caminho de um jardim, como acha que o chamaria, caso que não te confundisse com seu jantar?

- Eragon, suponho.

- Não, não. Chamaria-lhe de anão, e para ele você seria isso. - Orik soltou uma gargalhada e golpeou Eragon nas costelas com seu cotovelo. - Viu? Os humanos e os elfos são gigantes. A terra está cheia de gigantes, aqui, ali e em todas partes, dando pisões com seus grandes pés e nos cobrindo com suas sombras infinitas. Seguiu rindo e balançando-se na cadeira até que caiu no chão com um golpe surdo e seco. Eragon ajudou-o a levantar e disse:

- Acho que será melhor que passe a noite aqui. Não está em condições de baixar essas escadas na escuridão.

Orik se mostrou de acordo com alegre indiferença. Deixou que Eragon lhe tirasse a malha e o colocasse em um lado da cama. Logo Eragon suspirou, tampou as luzes e se deitou do seu lado do colchão.

Dormiu ouvindo o anão murmurar:

- Hvedra... Hvedra... Hvedra...

A natureza do mal

A clara amanhã chegou muito depressa. Eragon despertou sobressaltado pelo zumbido do relógio vibrador, agarrou sua faca de caça e saltou da cama, esperando que alguém o atacasse. Soltou um grito afogado quando seu corpo uivou para protestar pelos abusos dos últimos dois dias.

Pestanejando para reter as lágrimas, Eragon deu corda no relógio. Orik tinha ido. Devia ter escapulido nas primeiras horas da alvorada. Com um gemido, Eragon se deslocou até o banheiro para empreender suas abluções matinais, como um ancião afetado de reumatismo.

Ele e Saphira esperaram dez minutos junto à árvore até que chegou um elfo solene de cabelo negro. O elfo fez uma reverência, levou dois dedos aos lábios enquanto Eragon repetia o gesto - e logo avançou a Eragon para lhe dizer:

- Que a boa sorte te guie.

- E que as estrelas cuidem de ti - replicou Eragon. – Oromis o enviou?

O elfo o ignorou e se dirigiu a Saphira:

- Bem-vindo, dragão. Sou Vanir, da casa do Haldthin.

Eragon franziu o cenho, incomodado.

Bienhallado, Vanir.

Só então o elfo se dirigiu o Eragon:

- Vou mostrar-lhe onde pode praticar com a espada.

Pôs-se a andar sem esperar que Eragon o alcançasse.

O campo de treinamento estava cheio de elfos de ambos os sexos que lutavam em casais e em grupos. Seus extraordinários dons físicos procuravam golpes tão rápidos e repentinos que soavam como o estalo do granizo ao golpear um sino de pedra. Sob as árvores que margeavam o campo, alguns elfos praticavam a sós o Rimgar com mais graça e flexibilidade da que Eragon jamais seria capaz de alcançar. Quando todos os presentes no campo se detiveram e fizeram uma reverência a Saphira, Vanir desembainhou sua estreita espada.

- Se puder proteger sua espada, Mão de Prata, podemos começar. Eragon contemplou com temor a desumana habilidade de todos os outros elfos com a espada.

Por que tenho que fazer isto? –perguntou. - *Não tirarei mais que uma humilhação.*

Você se sairá bem -disse Saphira, embora Eragon pôde notar que estava preocupada com ele.

Sim.

Enquanto preparava Czar'roc, as mãos de Eragon tremeram de medo. Em vez de lançar-se à refrega, lutou com o Vanir de uma certa distância, esquivando os golpes, tornando-se a um lado e fazendo o que podia por não provocar um novo ataque de dor. Apesar das evasivas de Eragon, Vanir o tocou quatro vezes em uma rápida sucessão: nas costelas, na tíbia e em ambos os ombros.

A expressão inicial de Vanir, de estóica impasividade, converteu-se logo em franco desprezo. Dançando para diante, deslizou sua espada ao longo de Czar'roc, ao mesmo tempo em que riscava com ela um círculo para forçar a mão de Eragon. Este permitiu que Czar'roc saísse voando para não oferecer resistência à força superior do elfo. Vanir apontou sua espada para o pescoço de Eragon e disse:

- Morto.

Eragon afastou a espada e caminhou com dificuldade para recuperar a Czar'roc.

- Morto - disse Vanir. - Como pretende derrotar Galbatorix assim? Esperava algo melhor, inclusive de um humano afeminado.

- Então, por que você mesmo não enfrenta Galbatorix em vez de se esconder no Du Weldenvarden?

Vanir ficou rígido de indignação.

- Porque - disse, frio e altivo - não sou um Cavaleiro. E se o fosse, não seria tão covarde como você.

Ninguém se moveu ou falou em todo o campo.

De costas para Vanir, Eragon se apoiou em Czar'roc e elevou o pescoço para olhar ao céu, grunhindo por dentro. “Não sabe nada. Só é uma prova mais que superar”.

- Chamei-o de covarde. Tem tão pouco sangue como o resto de sua raça. Acredito que Galbatorix confundiu Saphira com suas artimanhas e lhe fez se equivocar de Cavaleiro.

Os espectadores elfos soltaram um grito surdo ao ouvir as palavras de Vanir e ficaram murmurando para desaprovar seu atroz insulto ao protocolo. Eragon rangeu os dentes. Podia suportar que o insultassem, mas não a Saphira. Ela começava a mover-se quando a frustração acumulada, o medo e a dor estalaram no interior de Eragon e o empurraram a revolver-se, com a ponta de Czar'roc fendendo o ar.

O golpe teria matado Vanir se não o bloqueasse no segundo último. Parecia surpreso pela ferocidade do ataque. Sem conter-se, Eragon levou Vanir ao centro do campo, lançando estocadas e talhos como um louco, decidido a ferir como pudesse o elfo. Golpeou-lhe em um quadril com tanta força que chegou a sangrar, apesar do fio de Czar'roc estar protegido.

Nesse instante, as costas de Eragon se quebraram em uma explosão de agonia tão intensa que a experimentou com os cinco sentidos: como uma ensurdecedora cascata de som, um sabor metálico que lhe forrava a língua, um fedor azedo que chegava ao nariz e lhe aguava os olhos, cores palpitantes, e, sobretudo, a sensação de que Durza acabava de lhe rachar as costas.

Viu Vanir plantado ante ele com um sorriso desdenhoso. Ocorreu-lhe pensar que era muito jovem. Depois do ataque, Eragon secou o sangue da boca com uma mão, mostrou-a a Vanir e lhe perguntou:

- Parece pouco sangue?

Sem se dignar a responder, Vanir embainhou a espada e se afastou.

- Aonde vai? - perguntou Eragon. - Você e eu temos um assunto pendente.

- Não está em condições de treinar - replicou o elfo.

- Comprove-o.

Eragon podia ser inferior aos elfos, mas se negava a lhes dar a satisfação de lhes demonstrar que suas escassas expectativas com respeito a ele estavam certas. Pensava ganhar seu respeito por pura insistência, se não havia outro modo. Insistiu em esgotar a hora inteira que tinha prescrito Oromis. Logo Saphira se aproximou de Vanir e lhe tocou o peito com a ponta de um de seus talões de marfim. *Morto* -disse-lhe.

Vanir empalideceu. Outros elfos se afastaram dele.

Quando já estavam no alto, Saphira deu:

Oromis tinha razão.

A respeito do que?

Rende mais quando tem um adversário.

Na cabana de Oromis, o dia recuperou o patrão habitual: Saphira acompanhou Glaedr para instruir-se, enquanto Eragon ficou com Oromis.

Horrorizou-lhe descobrir que Oromis esperava que, depois de todo o exercício anterior, praticasse, além disso, o Rimgar. Teve que reunir toda sua coragem para obedecer. Sua apreensão demonstrou-se equivocada entretanto, pois a Dança da Serpente e a Grou era muito suave para lhe fazer dano.

Isso, somado a sua meditação na clareira, concedeu a Eragon a primeira oportunidade, desde o dia anterior, de ordenar seus pensamentos e dar voltas à

pergunta que lhe tinha exposto Oromis.

Enquanto o fazia, observou que suas formigas vermelhas invadiam um formigueiro rival, menor, impondo-se a seus habitantes e lhes roubando os recursos. Quando terminou o massacre, apenas um punhado das formigas rivais permaneciam com vida, sós e sem propósito nas vastas e hostis planícies de vegetação.

“Como os dragões na Alagaésia”, pensou Eragon. Ao expor o triste destino dos dragões, sua conexão com as formigas se desvaneceu. Pouco a pouco, foi revelando uma resposta ao problema, uma resposta em que podia acreditar e com a que podia conviver.

Terminou suas meditações e retornou à cabana. Desta vez Oromis pareceu razoavelmente satisfeito com os resultados de Eragon.

Enquanto Oromis lhe servia a comida, Eragon disse:

- Sei por que vale a pena lutar contra Galbatorix embora morram milhares de pessoas.

- Ah. - Oromis se sentou. - Pois me diga.

-Porque Galbatorix causou já mais sofrimento nos últimos cem anos do que nós poderíamos causar em uma só geração. E ao contrário que os tiranos normais, não podemos esperar que morra. Poderia governar durante séculos ou milênios sem deixar de perseguir e atormentar o povo, se não o detivermos. Se alcançasse a força suficiente, marcharia contra os anões e contra os elfos, aqui no Du Weldenvarden, e mataria ou escravizaria ambas as raças. E... - Eragon esfregou uma mão na borda da mesa - porque resgatar os ovos que Galbatorix tem é a única maneira de salvar os dragões. Interrompeu-o o estridente gorjeio da chaleira de Oromis, cujo volume cresceu até saturar os ouvidos do Eragon. O elfo se levantou, tirou a chaleira do fogão e serviu água para um chá de arándanos. As rugas que rodeavam seus olhos se suavizaram.

- Agora – disse - já entendeu.

- Entendo, mas não me dá nenhum prazer.

- Nem tem por que sentir prazer. Mas agora podemos estar seguros de que não se afastará do caminho quando enfrentar às injustiças e atrocidades que os varden deverão cometer indevidamente. Não podemos nos permitir que as dúvidas o consumam quando mais necessárias sejam sua força e sua concentração. - Oromis juntou os dedos e olhou o espelho escuro de seu chá, contemplando o que fora que via em seu tenebroso reflexo. - Acha que Galbatorix é o mal?

- É obvio!

- Acha que ele se considera o mal?

- Não, duvido muito. - Oromis apertou as pontas dos dedos. - Então também acreditará que Durza era o mal.

As lembranças que Eragon tinha colhido da Durza quando se enfrentaram no Tronjheim retornaram a ele, lhe recordando que, quando jovem, a Sombra - então chamada Carsaib - tinha sido escravizada pelos espectros convocados para vingar a morte de seu mentor, Haeg.

- Ele não era mau por si mesmo, mas sim os espíritos que o controlavam.

- E os urgals? - perguntou Oromis, bebendo um sorvo de chá. - São maus?

Os nódulos de Eragon se branquearam pela força com que agarrava a colher.

- Quando penso na morte, vejo o rosto de um urgal. São piores que as bestas. As coisas que têm feito...

Meneou a cabeça, incapaz de continuar.

- Eragon, que opinião teria dos humanos se só conhecesse deles as ações de seus guerreiros no campo de batalha?

- Isso não é... - Respirou fundo. - É diferente. Os urgals merecem ser arrasados, que não sobre nenhum.

- Inclusive suas fêmeas e seus filhos? Os que nunca lhe fizeram mal, nem é

provável que o façam? Os inocentes? Mataria os inocentes e condenaria a toda uma raça ao desaparecimento?

- Se eles tivessem essa chance, não nos perdoariam a vida.

- Eragon! - exclamou Oromis, em tom brusco. - Não quero voltar ouvi-lo usar essa desculpa, como se o que tem feito alguém, ou o que faria, significasse que você

também deva fazê-lo. É indolente, repugnante e revelador de uma mente fraca. Está

claro?

- Sim, Professor.

O elfo levou a taça à boca e bebeu, com seus olhos brilhantes fixos em Eragon durante todo o tempo.

- O que sabe realmente dos urgals?

- Conheço sua força, suas debilidades, e sei como matá-los. Não preciso saber de mais nada.

-E, entretanto, por que odeiam aos humanos e lutam contra eles? O que contam sua história e suas lendas, ou qual seu modo de viver?

- Isso importa?

Oromis suspirou.

- Lembre-se - disse com amabilidade - que em certo momento seus inimigos podem converter-se em aliados. Assim é a natureza da vida.

Eragon resistiu à vontade de discutir. Mexeu seu chá na taça, acelerando o líquido até que se converteu em um redemoinho negro com uma lente branca de espuma no fundo do vértice.

- Por isso Galbatorix convocou os Urgals?

- Eu não teria escolhido esse exemplo, mas sim.

- Parece estranho que ganhasse sua amizade. Afinal, foram eles que mataram seu dragão. Olhe

o que fez aos Cavaleiros, e isso que nem sequer fomos responsáveis por sua perda.

- Ah - disse Oromis, - possivelmente Galbatorix esteja louco, mas segue sendo ardiloso como uma raposa. Suponho que pretendia usar os urgals para destruir os varden e os anões, e a outros, se tivesse triunfado no Farthen Dür. Assim teria conseguido liquidar a dois inimigos e, simultaneamente, debilitar os urgals para poder dispor deles segundo sua vontade.

A aprendizagem do idioma antigo consumiu a tarde, e logo retomaram a prática da magia. Grande parte das lições de Oromis se referiam à maneira correta de controlar diversas formas de energia como a luz, o calor, a eletricidade e inclusive a gravidade. Explicou-lhe que como aquelas energias consumiam sua força mais rápido que qualquer outro tipo de feitiço, era mais seguro encontrá-las onde existissem naturalmente e logo lhes dar forma com a gramaticia, em vez de tentar criá-las do nada. Oromis trocou de tema e lhe perguntou:

- Como você mataria com magia?

- Já o fiz de muitas maneiras diferentes - disse Eragon. - Cacei com uma pedra, movendo-a virando-a e dirigindo-a por meio da magia. Também usei a palavra *jierda* para quebrar o pescoço e as pernas dos urgals. Uma vez, parei o coração de um homem com a palavra *thrysta.*

- Há métodos mais eficientes - revelou Oromis. - O que precisa para matar um homem, Eragon? Atravessar seu peito com uma espada? Quebrar-lhe o pescoço? Que perca sangue? Basta que apenas uma artéria do cérebro arrebente, ou que se cortem certos nervos. Com o feitiço adequado poderia destruir todo um exército.

- Deveria ter pensado nisso no Farthen Dür – disse Eragon, aborrecido consigo mesmo. “Não só no Farthen Dür, mas também quando os kull atacaram do deserto Hadarac”. - Outra vez a mesma pergunta: por que Brom não me ensinou isso?

- Porque não esperava que enfrentasse um exército durante os meses seguintes, ou inclusive nos anos seguintes, não é uma arma que se entregue aos Cavaleiros que ainda não passaram pelas provas.

- Se for tão fácil matar as pessoas, que sentido tem que nós, ou Galbatorix, armemos um exército?

- Para ser sucinto: tática. Os magos são vulneráveis ao ataque físico enquanto estão enfrascados em suas lutas mentais. Portanto, é preciso guerreiros para protegê-los. E os guerreiros devem estar protegidos, ao menos parcialmente, dos ataques da magia, porque se não morreriam em questão de minutos. Suas limitações implicam que quando dois exércitos se enfrentam, os magos ficam disseminados entre o vulto de suas forças, perto da primeira linha, mas não tanto como para correr perigo. Os magos de ambos os lados abrem suas mentes e tratam de perceber se alguém está

usando a magia, ou a ponto de usá-la. Como os inimigos poderiam ficar além de seu alcance

mental, os magos também erigem proteções em torno deles mesmos e dos guerreiros para impedir, ou reduzir, os ataques de longe, como por exemplo uma pedra que lhes joguem voando desde mais de um quilômetro.

- Nenhum homem pode defender todo um exército - disse Eragon.

- Sozinho, não, mas com magos suficientes se pode conseguir uma quantidade razoável de proteção. O maior perigo nesse tipo de conflito é que a um mago preparado pode ocorrer um ataque original que ultrapasse os amparos sem despertar os alarmes. Isso bastaria para decidir uma batalha.

“Além disso - seguiu Oromis, - deve recordar que a capacidade de usar a magia é exageradamente escassa entre todas as raças. Os elfos tampouco são uma exceção, até que temos maior provisão de feiticeiros que outros, como conseqüência de juramentos que nos prendem há séculos. A maioria dos bentos com a magia têm um talento reduzido, ou não muito apreciável, com esforço, conseguem curar tanto quanto matar”.

Eragon assentiu. Tinha conhecido magos assim entre os varden.

- Mesmo assim, investe-se a mesma quantidade de energia para cumprir com a tarefa.

- Energia sim, mas aos magos menores tem mais dificuldades que você ou eu em sentir o fluxo da magia e inundar-se nele. Poucos magos têm a força suficiente para converter-se em uma ameaça para um exército inteiro. E os que a têm normalmente passam quase toda a batalha esquivando-se de seus oponentes, guiando-os ou lutando contra eles, o qual supõe uma vantagem para os guerreiros normais, pois em caso contrário morreriam todos rapidamente.

Preocupado, Eragon comentou:

- Os varden não têm muitos magos.

- É uma das razões pelas que você é tão importante.

Passou um momento enquanto Eragon refletia sobre o que Oromis lhe havia dito.

- E essas proteções... só lhe consomem a energia quando estão ativas?

- Sim.

- Então, com o tempo suficiente, poderiam se preparar incontáveis níveis de proteção. Poderia se tornar... - lutava com o idioma antigo para conseguir expressar-se

- intocável? Impermeável?... Impermeável a qualquer assalto, mágico ou físico.

- As proteções - respondeu Oromis - dependem da força de seu corpo. Se alguém superar essa força, morre. Por muitas proteções que tenha, só poderá resistir aos ataques enquanto seu

corpo conseguir manter a produção de energia.

- E a energia de Galbatorix foi crescendo ano depois de ano... Como pode ser?

Era uma pergunta retórica, mas Oromis guardou silêncio e fixou seus olhos amendoados em um trio de pardais que riscavam piruetas no alto. Eragon percebeu que o elfo estava pensando em como lhe responder. Os pássaros se perseguiram por alguns minutos. Quando desapareceram da vista, Oromis disse:

- Não é oportuno manter esta conversa neste momento.

- Ou seja, que sabe? - perguntou Eragon, assombrado.

- Sim. Mas essa informação deve esperar até mais adiante em sua formação. Não está preparado para recebê-la.

Oromis olhou para Eragon como se esperasse que objetasse.

Eragon abaixou a cabeça.

- Como quiser, Professor.

Não poderia obter aquela informação de Oromis enquanto o elfo não estivesse disposto a compartilhá-la, assim para que tentar? Mesmo assim, perguntou-se que tipo de informação podia ser tão perigosa para que Oromis não se atrevesse a contar-lhe e por que os elfos a tinham escondido dos varden. Ocorreu-lhe outra idéia e disse:

- Se as batalhas com magos os expõem como diz, por que Ajihad me deixou lutar desprotegido no Farthen Dür? Nem sequer sabia que devesse manter a mente aberta para detectar aos inimigos. E por que Arya não matou a quase lodos os urgals?

Não havia magos que pudessem se opor a ela, salvo Durza, e ele não podia defender a suas tropas enquanto estava no subsolo.

- Ajihad não mandou Arya ou a alguém do Du Vrangr Gata que o rodeasse de defesas? - perguntou Oromis.

- Não, Professor.

- E lutou sem elas?

- Sim, Professor.

Oromis desviou o olhar e se concentrou em seu interior, imóvel sobre a erva. Voltou a falar sem prévio aviso:

- Consultei Arya e ela diz que os gêmeos tinham ordens de examinar suas habilidades.

Disseram ao Ajihad que foi competente em todos os terrenos da magia, incluídas as proteções. Nem Ajihad nem Arya puseram em dúvida suas afirmações a respeito.

- Esses aduladores, com suas calvas, infestados de carrapatos como cães traidores... mal - disse Eragon. - Queriam que me matassem!

Eragon passou a seu idioma nativo e se permitiu outra série de insultos poderosos.

- Não polua o ar - disse Oromis com suavidade. - Sinta-te mau... Em qualquer caso, presumo que os gêmeos não permitiram que lutasse desprotegido para que lhe matassem, mas sim para que Durza pudesse capturá-lo.

- O que?

- Segundo você mesmo contou, Arya suspeitou que os varden tinham sido traídos quando Galbatorix começou a perseguir seus aliados no Império com uma eficácia próxima à perfeição. Os gêmeos sabiam quem eram os colaboradores dos varden. Além disso, os gêmeos lhe levaram ao coração do Tronjheim para separá-lo de Saphira e te pôr ao alcance da Durza. A explicação lógica é que são traidores.

- Que o eram - particularizou Eragon. - Isso não importa, faz tempo que morreram.

Oromis inclinou a cabeça.

- Mesmo assim. Arya disse que os urgals sim tinham magos no Farthen Dür e que ela se enfrentou muitos. Nenhum te atacou?

- Não, Professor.

- Mais provas de que Saphira e você estavam reservados para que a Durza os capturasse e os levasse até Galbatorix. A armadilha estava bem disposta. Durante a hora seguinte, Oromis ensinou a Eragon doze maneiras de matar, nenhuma das quais exigia mais energia que levantar uma pluma carregada de tinta. Quando terminou de memorizar a última, ocorreu a Eragon uma idéia que lhe fez sorrir.

- A próxima vez que cruzar com os ra'zac, não terão nem para começar.

- Mesmo assim deve ter cuidado com eles - advertiu-lhe Oromis.

- Por que? Com três palavras estarão mortos.

- O que comem as águias pescadoras?

Eragon pestanejou.

- Peixe, claro.

- E se um peixe for um pouco mais rápido e inteligente que outros, conseguiria fugir de um águia pescadora?

- Duvido - respondeu Eragon. - Ao menos, não muito tempo.

- Assim como às águias foram desenhadas para serem as melhores pescadoras, os lobos foram desenhados para serem os melhores caçadores de cervos e outras peças de caça maior, e todos os animais têm os talentos necessários para cumprir melhor seu propósito. Também os ra'zac estão desenhados para caçar os humanos. São os monstros da escuridão, os pesadelos que perseguem a sua raça. Eragon sentiu um arrepio de terror nos pelos da nuca.

- Que tipo de criaturas são?

- Nem elfos, nem humanos, anões, dragões, não são bestas de pele, escamas nem plumas, nem répteis, nem insetos, nem nenhuma outra espécie animal. Eragon forçou uma gargalhada.

- Então, são vegetais?

- Tampouco. Põem ovos para se reproduzir, como os dragões. Ao nascer, às crias, ou larvas, crescem-lhes exoesqueletos negros que imitam a forma dos humanos. É uma imitação grotesca, mas suficientemente convincente para permitir que os ra'zac se aproximem de suas vítimas sem despertar suspeita. Em todas as zonas em que os humanos são fracos, os ra'zac são fortes. Podem ver em uma noite chuvosa, seguir um aroma como cães de caça, saltam mais alto e se movem mais depressa. Entretanto, sentem dor quando expostos a luz forte e têm um medo mórbido à água profunda, porque não sabem nadar. Sua maior arma é seu fétido alento, que nubla as mentes dos humanos, incapacitando-os em muitos casos, embora isso tenha um efeito poderoso nos humanos, os anões e os elfos são totalmente imunes.

Eragon estremeceu ao recordar a primeira vez que viu os ra'zac no Carvahall e como havia ficado incapaz de fugir quando eles detectaram sua presença.

- Sentia-me como se fosse um sonho no que queria correr, mas não pudesse me mover por mais que me esforçasse.

- Uma descrição tão boa como qualquer outra - disse Oromis. - Embora os ra'zac não sabem usar a magia, não convém menosprezá-los. Se souberem que os persegue, em vez de se revelarem, se manterão nas sombras, onde são fortes, e o emboscarão como fizeram no Dras-Leoa. Nem sequer a experiência de Brom lhe protegeu deles. Nunca peque por excesso de confiança, Eragon. Nunca se torne arrogante, porque nesse momento ficará descuidado e seus inimigos se aproveitarão de sua debilidade.

- Sim, Professor.

Oromis cravou um olhar firme em Eragon.

- Os ra'zac permanecem como larvas durante vinte anos, enquanto amadurecem. Na primeira

lua cheia do vigésimo ano, livram-se dos exoesqueletos, abrem as asas e emergem como adultos para perseguir todas as criaturas, não só aos humanos.

- Então, as montarias dos ra'zac, as que usam para voar, na realidade são...

- Sim, são seus pais.

A imagem da perfeição

“Por fim entendo a natureza de meus inimigos”, pensou Eragon. Tinha temido os ra'zac desde que apareceram pela primeira vez no Carvahall, não só por suas maldades, mas também pelo pouco que sabia sobre aquelas criaturas. Em sua ignorância, outorgava aos ra'zac mais poderes dos que realmente tinham e os contemplava com um terror quase supersticioso. “Pesadelos, certamente”. Mas agora que a explicação de Oromis tinha eliminado a aura de mistério que envolvia os ra'zac, não pareciam tão formidáveis. O fato de que eram vulneráveis à luz e à água reforçou a convicção de Eragon de que quando voltassem a se encontrar, destruiria os monstros que tinham matado Garrow e Brom.

- Os pais também se chamam ra'zac? - perguntou.

Oromis negou com a cabeça.

- Lethrblaka. Nós lhes demos esse nome. E assim como as crias são de memória curta, embora ardilosas, os Lethrblaka têm tanta inteligência como os dragões. Como um dragão cruel, vicioso e retorcido.

- De onde vêm?

- Da terra que seus antepassados abandonaram, seja ela qual for. Por acaso foi sua depredação que obrigou o rei Palancar a emigrar. Quando nós, os Cavaleiros, descobrimos a presença malvada dos ra'zac na Alagaésia, fizemos todo o possível por erradicá-los, como teríamos feito com uma praga que infestasse nossas folhas. Por desgraça, só triunfamos em parte. Dois Lethrblaka escaparam e eles, com suas larvas, são os que lhes tem provocado tanta dor. Depois de matar Vrael, Galbatorix os buscou e negociou seus serviços em troca de amparo e uma quantidade garantida de sua comida favorita. Por isso lhes permite viver perto do Dras-Leoa, uma das maiores cidades do Império.

Eragon apertou as mandíbulas.

- Eles têm que responder por muitas coisas.

“E se eu conseguir, responderão”.

- Isso sim.

Oromis se mostrou de acordo.

De volta à cabana, o elfo cruzou a escura sombra da soleira e reapareceu carregado com meia dúzia de pranchas de uns quinze centímetros de largura por trinta de altura. Passou uma a Eragon.

- Abandonemos esses temas tão desagradáveis por um momento. Pareceume que você poderia gostar de aprender a fazer um fairth. É uma maneira excelente de concentrar seu pensamento. A tela está impregnada com a tinta suficiente para cobri-la com qualquer combinação de cores. Só tem que se concentrar na imagem que quer capturar e logo dizer: "Que o que vejo no olho de minha mente se duplique na superfície desta tela". - Enquanto Eragon examinava a tela lisa, Oromis apontou para a clareira. - Olhe a seu redor, Eragon, e busque algo que mereça ser conservado. Os primeiros objetos que Eragon percebeu pareciam muito óbvios: um lírio amarelo a seus pés, a desmantelada cabana do Oromis, o regato branco e a própria paisagem. Nada disso era único. Nada teria dado a quem observasse uma idéia profunda do fairth ou de seu criador. "As coisas que mudam e se perdem, isso é o que merece ser conservado". Seu olhar aterrissou em uns botões esverdeados de brotos primaveris na ponta de um ramo da árvore e logo na ferida estreita e profunda que fendia o tronco lá onde uma tormenta tinha arrancado um ramo, arrastando com ela uma tira de casca. Umas bolas de resina translúcida cobriam a fenda como uma crosta, e nelas se refratava a luz.

Eragon se posicionou junto ao tronco de tal modo que sua visão ressaltasse as silhuetas da bolas do sangue congelado da árvore, emolduradas por um grupo de agulhas novas e brilhantes. Logo fixou a visão em sua mente tão bem como pôde e pronunciou o feitiço.

A superfície da tabela cinza se iluminou e floresceram nela estalos de cor que se fundiam e mesclavam para criar os tons convenientes. Quando ao fim os pigmentos deixaram de se mover, Eragon se viu ante uma estranha cópia do que tinha tentado reproduzir. A resina e as agulhas se copiaram com um detalhismo vibrante, afiado como uma navalha, enquanto que todo o resto se via impreciso e diluído, como se alguém o olhasse com os olhos meio fechados. Não parecia em nada com a claridade universal do fairth que Oromis tinha reproduzido da Ilirea.

Respondendo a um gesto de Oromis, Eragon lhe mostrou a tela. O elfo a estudou um momento e disse:

- Você tem uma maneira estranha de pensar, Eragon-finiarel. A maior parte dos humanos custa a alcançar a concentração suficiente para criar uma imagem reconhecível. Você, ao contrário, parece observar virtualmente todo aquilo que te interessa. Entretanto, o olhar é estreito. Tem o mesmo problema aqui que com a meditação. Você tem que relaxar, ampliar o campo de visão e se permitir absorver tudo o que o rodeia sem julgar o que é importante e que não o é. - Deixou a pintura a um lado, recolheu da erva outra tela e a deu. - Tente outra vez com o que eu...

- Olá, Cavaleiro!

Surpreso, Eragon se virou e viu que Orik e Arya saíam juntos do bosque. O

anão elevou um braço para saudar. Tinha a barba recém cortada e trançada, o cabelo penteado para trás em um coque, e vestia uma túnica nova - cortesia dos elfos, - vermelha e marrom, com bordados de ouro. Em seu aspecto não havia rastro algum da condição em que se achava na noite anterior.

Eragon, Oromis e Arya trocaram a saudação tradicional e logo, abandonando o idioma antigo, Oromis perguntou:

- A que devo atribuir esta visita? Ambos são bem-vindos a minha cabana, mas como podem ver, estou em pleno trabalho com Eragon, e isso é mais importante que qualquer outra coisa.

- Lamento haver interrompido, Oromis-elda - disse Arya, - mas...

- A culpa é minha - interveio Orik. Olhou para Eragon antes de continuar: - Hrothgar me enviou aqui para que me assegurasse de que Eragon recebe a instrução que necessita. Não tenho dúvidas de que é assim, mas tenho a obrigação de presenciar sua formação com meus próprios olhos para que, ao voltar para Tronjheim, possa oferecer a meu rei um relato fiel dos sucessos.

- O que ensino a Eragon - disse Oromis - não pode ser compartilhado com ninguém mais. Os segredos dos Cavaleiros são só para ele.

- E entendo. Entretanto, vivemos tempos incertos, a pedra que antigamente era fixa e sólida é agora instável. Temos que nos adaptar para sobreviver. São tantas as coisas que dependem de Eragon que os anões têm direito a verificar que sua formação acontece como se prometeu. Acha que nossa petição não é razoável?

- Bem falado, Professor anão - disse Oromis. Juntou as pontas dos dedos, inescrutável como sempre. - Então, devo entender que para você se trata de um dever?

- Um dever e uma honra.

- E nada permitirá que ceda neste assunto?

- Temo que não, Oromis-elda - respondeu Orik.

-Muito bem. Pode ficar e olhar durante o resto da lição. Dá-se por satisfeito?

Orik franziu o cenho.

- Estão perto do fim da lição?

- Acabamos de começar.

- Então sim, dou-me por satisfeito. Ao menos no momento.

Enquanto falavam, Eragon tratou de captar o olhar de Arya, mas ela mantinha toda sua atenção em Oromis.

- Eragon!

Pestanejou e saiu da distração com um sobressalto.

- Sim, Professor?

- Não se distraia, Eragon. Quero que faça outro fairth. Mantenha a mente aberta, como dizia antes.

- Sim, Professor.

Eragon sopesou a tela, com as mãos algo úmidas ante a idéia de que Orik e Arya julgassem seu desempenho. Queria fazê-lo bem para demonstrar que Oromis era um bom professor. Mesmo assim, não pôde concentrar-se nas agulhas de pinheiro e a resina, Arya o atraia como um ímã e desviava sua atenção cada vez que pensava em outra coisa.

Ao fim se deu conta de que era inútil resistir à atração. Compôs uma imagem mental da elfa - o que apenas lhe custou um instante, pois conhecia os traços dela melhor que os próprios - e pronunciou o feitiço no idioma antigo, derramando toda sua adoração, seu amor e seu medo na corrente daquela fantasia mágica. O resultado o deixou sem fala.

O fairth representava a cabeça e os ombros da Arya sobre um fundo escuro e indeterminado. Banhada pela luz de um fogo do lado direito, olhava a quem contemplasse o retrato com olhos de sabedoria, com um aspecto que não só

representava o que ela era, mas também o que ele pensava dela: misteriosa, exótica, a mulher mais bela que tinha visto jamais. Era um retrato fracassado, imperfeito, mas possuía tal intensidade e paixão que provocou em Eragon uma resposta visceral.

“Realmente a vejo assim?” Quem quer que fosse, aquela mulher era tão sábia, tão poderosa e tão hipnótica que podia consumir a qualquer homem de menor fibra. De longe, ouviu Saphira suspirar:

Tome cuidado...

- O que você criou, Eragon? - perguntou Oromis.

- Não... Não sei.

Eragon hesitou ao ver que Oromis estendia uma mão para agarrar o fairth, reticente à idéia de que outros examinassem sua obra, sobre tudo Arya. Ao cabo de uma pausa larga e aterradora, Eragon desprendeu os dedos da tela e a entregou a Oromis.

A expressão do elfo se tornou séria quando olhou o fairth e logo depois de novo para Eragon, que se pôs a tremer pelo peso de seu olhar. Sem dizer uma palavra, Oromis passou a tela a Arya.

Quando ela abaixou a cabeça para olhá-la, o cabelo lhe obscureceu o rosto, mas Eragon viu como as veias e os tendões se marcavam em suas mãos de tanto apertar. A tela se agitou entre suas mãos.

- Bom, o que é? - perguntou Orik.

Arya elevou o fairth sobre a cabeça, lançou-o ao chão e o retrato se partiu em mil pedacinhos. Logo se ergueu e, com grande dignidade, passou andando ao lado de Eragon, cruzou a clareira e desapareceu nas emaranhadas profundezas do Du Weldenvarden.

Orik recolheu um fragmento da tabela. Estava vazio. A imagem tinha se apagado ao romper-se a tela. Deu-se um puxão na barba.

- Faz decênios que conheço Arya, e nunca a vi perder a têmpera desta maneira. O que você fez, Eragon?

Aturdido, Eragon respondeu:

- Seu retrato.

Orik franziu o cenho, claramente desconcertado.

- Um retrato? E isso por que...?

- Acredito que será melhor que você vá agora - interveio Oromis. - Em qualquer caso, a lição terminou. Volte amanhã, ou depois, se quer ter uma idéia mais clara dos progressos de Eragon.

O anão olhou fixamente para Eragon e logo assentiu e sacudiu o pó das mãos.

- Acredito que farei isso. Obrigado por seu tempo, Oromis-elda. Agradeço. - Pôs-se a andar de volta a Ellesméra e logo virou a cabeça e se dirigiu para Eragon: - Se quiser conversar, estarei na sala comum do Tialdarí.

Quando se foi Orik, Oromis levantou as barras de sua túnica, ficou de joelhos e começou a recolher os restos da tela. Eragon o olhou, incapaz de se mover.

- Por que? - perguntou no idioma antigo.

- Bem - disse Oromis - você assustou Arya.

- Assustá-la? Ela nunca se assusta. - Inclusive ao dizê-lo, Eragon se deu conta de que não era verdade. O que acontecia era que ela escondia melhor que outros seu medo. Fincou um joelho

no chão, recolheu um fragmento de fairth e o depositou na palma da mão de Oromis. - Por que teria que se assustar? - perguntou. - Diga-me isso por favor.

Oromis se levantou e caminhou até a borda do regato, onde pulverizou os fragmentos da tela, deixando que as peças cinza se derramassem entre seus dedos.

- Os fairth não mostram só aquilo que quer. É possível mentir com eles, criar um imagem falsa, mas você não tem habilidade suficiente para obtê-lo. Arya sabe. Portanto, também sabe que seu fairth era uma representação ajustada do que sente por ela.

- E por que se assusta?

Oromis sorriu com tristeza.

- Porque lhe revelou a profundidade de sua atração. - Juntou as pontas dos dedos, formando com eles uma série de arcos. - Vamos analisar a situação, Eragon. Embora tenha idade suficiente para ser considerado um homem entre os seus, a nossos olhos não é mais que um menino. - Eragon franziu o cenho, pois ouvia o eco das palavras que lhe tinha dirigido Saphira na noite anterior. - Normalmente, eu não compararia a idade de um homem com a de um elfo, mas como você compartilha nossa longevidade, também deve ser julgado com nossos critérios.

“E é um Cavaleiro. Confiamos em você para que nos ajude a derrotar Galbatorix, se houver distrações de seus estudos, pode ser desastroso para todos na Alagaésia. Então - prosseguiu Oromis, - como Arya podia responder a seu fairth? Está

claro que a vê com olhos românticos, mas embora não tenho dúvida de que ela o aprecia, a união entre vocês dois é impossível por sua idade, sua cultura, sua raça e suas responsabilidades. Seu interesse põe Arya em uma situação incômoda. Não se atreve a enfrentá-lo por medo de interromper sua formação. Mas como filha da rainha, não pode ignorá-lo e se arriscar a ofender um Cavaleiro, e menos ainda a um de quem dependem tantas coisas... Inclusive se sua união fosse conveniente, Arya evitaria sua proximidade para que pudesse dedicar todas as suas energias à tarefa que tem pela frente. Sacrificaria sua felicidade pelo bem comum. - A voz de Oromis se voltou mais grave. - Tem que entender, Eragon, que matar Galbatorix é mais importante que qualquer pessoa. Nada mais importa. - Fez uma pausa, com um olhar amável, e acrescentou: - Dadas as circunstâncias, não é estranho que Arya se assuste com a possibilidade que seus sentimentos por ela possam pôr em perigo todo aquilo pelo que trabalhou”.

Eragon meneou a cabeça. Envergonhava-lhe que seu comportamento tivesse inquietado Arya, e se desanimava ao comprovar o infantil e insensato que tinha sido.

“Se soubesse me controlar melhor, teria podido evitar esta confusão”. Oromis lhe tocou um ombro e o guiou de volta à cabana.

- Não ache que não sinto compaixão por você, Eragon. Todo mundo experimenta paixões

como as suas em algum momento da vida. Faz parte da experiência de fazer-se maior. Também sei quão duro é para você negar os consolos habituais da vida, mas é necessário que o faça se queremos sobreviver.

- Sim, Professor.

Sentaram-se à mesa da cozinha, e Oromis começou a preparar material de escrita para que Eragon praticasse o Liduen Kvaedhí.

- Não é razoável esperar que esqueça sua fascinação por Arya, mas sim espero que não volte a interferir em minha instrução. Pode prometer isso?

- Sim, Professor, prometo-lhe isso.

- E Arya? O que seria honroso fazer com sua situação?

Eragon hesitou.

- Não quero perder sua amizade.

- Não.

- Portanto... irei vê-la, pedirei perdão e lhe assegurarei que pretendo não voltar a lhe provocar jamais um apuro como este.

Custou-lhe dizê-lo, mas uma vez dito, sentiu alívio, como se ao reconhecer seu engano se livrasse dele.

Oromis parecia satisfeito.

- Só com isso já demonstra que amadureceu.

Eragon alisou as folhas de papel contra a mesa e notou nas mãos a suavidade de sua superfície. ficou um momento olhando o papel branco, logo afundou uma pluma no tinteiro e começou a transcrever uma coluna de glifos. Cada linha irregular era uma cinta de noite sobre o papel, um abismo onde podia perder-se para esquecer seus confusos sentimentos.

O arrasador

À manhã seguinte, Eragon foi procurar Arya para se desculpar. Buscou-a sem êxito durante mais de uma hora. Parecia que desaparecera entre os muitos cantos escondidos de Ellesméra. Em uma ocasião ao deter-se ante a entrada do salão do Tialdarí ele a chamou, mas ela desapareceu sem lhe dar tempo de chegar a seu lado.

“Está me evitando”, aceitou finalmente.

À medida que foram passando os dias, Eragon se entregou ao treinamento com Oromis com um

zelo que o veterano Cavaleiro elogiava, concentrado em seus estudos para afastar seus pensamentos de Arya.

Dia e noite se esforçava para dominar as lições. Memorizava as palavras necessárias para criar, unir e invocar, aprendia os verdadeiros nomes de plantas e animais, estudava os perigos da transmutação, como convocar o vento e o mar, e a miríade de habilidades necessárias para entender as forças do mundo. Sobressaía-se nos feitiços que requeriam grande energia - como a luz, o calor e o magnetismo, - pois possuía talento para julgar quase com exatidão quanta força demandava uma tarefa e determinar se superaria as reservas de seu corpo.

De vez em quando Orik se aproximava para olhar e ficava na borda da clareira sem fazer comentários enquanto Oromis ensinava Eragon, ou enquanto este enfrentava a sós algum feitiço particularmente difícil.

Oromis lhe expôs muitos desafios. Fez que Eragon cozinhasse com magia, para lhe ensinar a ter um controle mais fino da gramaticia, o resultado dos primeiros intentos foi uma massa enegrecida. O elfo lhe ensinou a detectar e neutralizar todo tipo de venenos e, depois, Eragon teve que inspecionar sua comida em busca dos diversos venenos que Oromis podia colocar nela. mais de uma vez Eragon passou fome por não ser capaz de encontrar o veneno, ou de rebatê-lo. Duas vezes adoeceu tanto que Oromis teve que curá-lo. E o elfo o fazia lançar múltiplos feitiços de modo simultâneo, o que requeria uma concentração tremenda para que cada feitiço se dirigisse a seu objetivo e evitar que se mesclassem entre os diversos objetos que Eragon pretendia condicionar.

Oromis dedicava muitas horas à arte de imbuir matéria à energia, para liberá-la mais a frente ou para conceder certos atributos a algum objeto. Disse-lhe:

- Foi assim que Rhunón encantou as espadas dos Cavaleiros para que nunca se quebrassem nem perdessem o fio, assim cantamos às plantas para que delas cresça o que queremos, assim se pode pôr uma armadilha em uma caixa para que se acione ao abri-la, assim nós e os anões fazemos as Erisdar, nossas tochas, e assim pode curar um ferido, por mencionar só alguns usos. Estes são os feitiços mais poderosos, pois podem permanecer adormecidos mil anos ou mais e são difíceis de perceber e de evitar. Quase toda Alagaésia está impregnada deles, dão forma à terra e ao destino de quem vive aqui.

Eragon perguntou:

- Poderia usar esta técnica para alterar seu próprio corpo, não? Ou é muito perigoso?

Os lábios do Oromis se apertaram em um leve sorriso.

- Por desgraça, tropeçou com a maior debilidade dos elfos: nossa vaidade. Amamos a beleza em todas as suas formas e ansiamos representar esse ideal em nossa aparência. Por isso nos conhece como a Gente Formosa. Todos os elfos têm exatamente o aspecto que desejam. Quando aprendem os feitiços necessários para fazer que as coisas vivas cresçam e adotem

formas, freqüentemente escolhem modificar sua aparência para refletir melhor sua personalidade. Alguns poucos elfos foram além das meras mudanças estéticas e alteraram sua autonomia para adaptar-se a diversos objetivos, como verá durante a celebração do Juramento de Sangue. Freqüentemente, são mais animais que elfos.

“Em todo caso, transferir poder a uma criatura viva não é o mesmo que transferir poder a um objeto inanimado. Há poucos materiais capazes de acumular energia, a maioria permite que se dissipem ou se carregam tanto que quando se toca o objeto, solta um relâmpago. Os melhores materiais que encontramos para este propósito são as gemas. O quartzo, as ágatas e outras pedras menores não são tão eficazes como, digamos, um diamante, mas qualquer gema serve. Por isso as espadas dos Cavaleiros têm sempre uma jóia no pomo. E também por isso o colar que os anões lhe deram - todo ele de metal - precisa absorver sua energia para pôr em marcha seu feitiço, pois não pode conter energia própria”.

Quando não estava com Oromis, Eragon complementava sua educação lendo os muitos pergaminhos que o elfo lhe dava, hábito ao qual logo se fez viciado. A formação da infância de Eragon - limitada como estava pela escassa tutela de Garrow - o tinha exposto somente aos conhecimentos necessários para manter uma fazenda. A informação que descobria naqueles quilômetros de papel fluía por ele como a chuva pela terra esquartejada, saciando uma sede que até então não tinha conhecido. Devorou textos de geografia, biologia, filosofia e matemática, assim como memórias, biografias e histórias. Mais importante que os meros dados era sua introdução a formas alternativas de pensar. Desafiavam suas crenças e o obrigavam a reconsiderar o que dava por feito a respeito de tudo, dos direitos de um individuo dentro da sociedade até a razão de o sol se mover pelo céu.

Deu-se conta de que havia alguns pergaminhos relacionados aos urgals e a sua cultura. Eragon os leu e não fez nenhum comentário, tampouco Oromis tocou no assunto.

Por seus estudos, Eragon aprendeu muito sobre os elfos, um conhecimento que perseguia com avidez, esperando que isso lhe permitisse conhecer melhor Arya. Para sua surpresa, descobriu que os elfos não praticavam o matrimônio, mas sim formavam seus casais pelo tempo que quisessem, um dia ou um século. As crianças eram escassas e, entre os elfos, ter um filho se considerava como o voto de amor definitivo.

Eragon aprendeu também que, desde que as duas raças se encontraram pela primeira vez, só tinha existido um punhado de casais mistos, quase sempre, Cavaleiros humanos que tinham encontrado a seu casal idôneo entre as elfas. Entretanto, até onde pôde decifrar pelos críticos anais, quase todas aquelas relações tinham terminado tragicamente, pois ou os amantes eram incapazes de se relacionar entre si, ou os humanos haviam envelhecido e morrido enquanto as elfas se livravam dos estragos do tempo.

Além dos ensaios, Oromis proporcionou a Eragon, cópia das mais importantes canções dos elfos, assim como de seus poemas e peças épicas, que capturavam a imaginação do aluno, pois só estava familiarizado com as que Brom lhe tinha recitado no Carvahall. Saboreava as peças com tanta vontade como teria desfrutado de uma comida bem cozida, e se entretinha com

A peça de Géda ou com *A balada do Umhodan* para prolongar seu desfrute daquelas histórias.

O treinamento de Saphira prosseguia a bom ritmo. Como estava vinculado a sua mente, Eragon via como Glaedr a submetia a um regime de exercício tão exaustivo como o seu. Praticava como manter-se no ar enquanto elevava rochas, assim como corridas de velocidade, saltos e outras acrobacias. Para aumentar sua resistência, Glaedr a fazia jogar fogo durante horas sobre um pilar de pedra com a intenção de derretê-lo. A princípio Saphira podia manter as chamas durante uns poucos minutos, mas em pouco tempo a tocha abrasadora agüentava mais de meia hora sem interrupção saindo por suas faces e deixava o pilar incandescente. Eragon também assistiu a todas as lendas de dragões que Glaedr ensinou a Saphira, detalhes da vida e a história dos dragões para complementar seu conhecimento intuitivo. Uma boa parte era incompreensível para Eragon, e além disso Saphira lhe escondia ainda mais alguns segredos que os dragões não compartilhavam com ninguém. Algo que chegou a espionar, e que Saphira entesourava, foi o nome de seu pai, Iormúngr, e de sua mãe, Vervada, que significava "A que corta a tormenta" no idioma antigo. Assim como Iormúngr se vinculou com um Cavaleiro, Vervada era um dragão selvagem que havia posto muitos ovos, mas só tinha cedido um aos Cavaleiros: o de Saphira. Ambos os dragões haviam falecido na Queda.

Alguns dias, Eragon e Saphira voavam com Oromis e Glaedr e praticavam o combate aéreo, ou visitavam algumas ruínas, escondidas no interior do Du Weldenvarden. Outros, alteravam a ordem normal das coisas e Eragon acompanhava Glaedr, enquanto que Saphira ficava com Oromis nos penhascos do Tel'naeír. Cada manhã Eragon treinava com Vanir, o qual, sem exceção, provocava-lhe pelo menos um ataque diário de dor. Para piorar as coisas, o elfo seguia tratando Eragon com condescendência altiva. Soltava-lhe indiretas oblíquas que, na aparência, nunca excediam os limites da educação, e se negava a ceder à ira por muito que Eragon o provocasse. Este odiava Vanir e seu comportamento frio e afetado. Parecia como se o elfo o insultasse com cada movimento. E os companheiros do Vanir - que, até onde podia julgar Eragon, eram de uma geração mais jovem - compartilhavam seu desagrado velado com Eragon, embora nunca mostraram mais que respeito pela Saphira.

Sua rivalidade chegou ao cúmulo quando, depois de vencer Eragon seis vezes seguidas, Vanir baixou a espada e disse:

- Morto outra vez, Assassino de Sombras. Que repetitivo. Quer continuar?

O tom sugeria que lhe parecia inútil.

- Sim - grunhiu Eragon.

Já tinha sofrido um episódio de dor nas costas e não estava para conversa. Mesmo assim, Vanir lhe perguntou:

- Olhe, tenho uma curiosidade. Como matou a Durza, lento como é? Não posso imaginar como conseguiu isso.

E Eragon se viu impulsionado a responder:

- Peguei-a de surpresa.

- Perdoe-me. Deveria ter imaginado que havia alguma armadilha. Eragon resistiu ao impulso de ranger os dentes.

- Se eu fosse um elfo, ou você um humano, não seria capaz de me igualar com a espada.

- Talvez - respondeu Vanir. Voltou a adotar a posição inicial de luta e, em apenas três segundos e dois golpes, desarmou Eragon. - Mas não acredito. Não deveria se fanfarronear ante um espadachim melhor que você, pois poderia castigá-lo por sua temeridade.

Então Eragon perdeu o humor e rebuscou em seu interior a corrente da magia. Liberou a energia acumulada com um dos doze laços menores, gritando:

- Malthinae!

Pretendia prender as pernas e os braços de Vanir e lhe manter a boca fechada para que não pronunciasse nenhum feitiço de contra-ataque. A indignação brilhou nos olhos do elfo.

- E você não deveria fanfarronear com alguém mais hábil que você com a magia - disse Eragon.

Sem prévio aviso, sem que Vanir sussurrasse sequer uma palavra, uma força invisível golpeou Eragon no peito e o enviou dez metros atrás sobre a erva, onde aterrissou de flanco, sem ar nos pulmões. O impacto interrompeu seu controle da magia e liberou Vanir.

“Como ele fez isso?”

Vanir avançou até ele e lhe disse:

- Sua ignorância o trai, humano. Não sabe de que fala. E pensar que foi escolhido para suceder a Vrael, que lhe deram seus aposentos, que teve a honra de servir ao Sábio Enfermo... - Meneou a cabeça. - Dá-me nojo que esses dons se concedam a alguém tão pouco valioso. Nem sequer entende o que é a magia, nem como funciona.

A raiva ressurgiu em Eragon como uma maré encarnada.

- O que eu tenho feito a você? - perguntou. - por que me despreza tanto?

Preferiria que não existisse nenhum Cavaleiro para opor-se Galbatorix?

- Minha opinião tem pouca importância.

- Sei, mas eu gostaria de ouvi-lo.

- Ouvir, como escreveu Nuala nas convocatórias, é o caminho da sabedoria só

quando é o resultado de uma decisão consciente, e não de um vazio de percepção.

- Controle sua língua, Vanir, e me dê uma resposta sincera. Vanir sorriu com frieza.

- Como você quiser, oh, Cavaleiro. - Depois de aproximar-se para que Eragon pudesse ouvir sua voz suave, o elfo disse: - Durante oitenta anos, depois da queda dos Cavaleiros, não tivemos nenhuma esperança de vitória. Sobrevivemos nos escondendo por meio do engano e da magia, que só é uma medida temporária, pois ao final Galbatorix terá força suficiente para partir contra nós e varrer nossas defesas. Logo, muito depois de nos resignar a nosso destino, Brom e Jeod resgataram o ovo de Saphira, e de novo existiu a possibilidade de derrotar o malvado usurpador. Imagine nossa alegria, nossas celebrações. Sabíamos que para enfrentar Galbatorix, o novo cavaleiro tinha que ser mais poderoso que qualquer de seus antepassados, inclusive mais poderoso que Vrael. E como se recompensou nossa paciência? Com outro humano, como Galbatorix. Pior... Um aleijado. Condenou a todos, Eragon, assim que tocou o ovo de Saphira. Não espere que vamos lhe dar boas-vindas. Vanir tocou os lábios com o indicador e o coração, passou junto a Eragon e abandonou o campo de treinamento, deixando-o prostrado em seu lugar.

“ Ele tem razão - pensou Eragon. - Não sou digno da tarefa. Qualquer destes elfos, inclusive Vanir, seria melhor Cavaleiro que eu.”

Irradiando indignação, Saphira estreitou o contato entre eles. *Valoriza tão pouco meu critério, Eragon? Esquece que enquanto estava no ovo, Arya expôs a todos e cada um destes elfos - assim como a muitos filhos dos varden - e os rechacei todos eles. Não teria escolhido como Cavaleiro a ninguém que não pudesse ajudar sua raça, a minha e a dos elfos, pois as três compartilham um destino entrelaçado. Foi a pessoa adequada, no lugar e o momento adequados. Nunca se esqueça disso.*

Se isso foi certo em algum momento -respondeu Eragon, - *seria antes que a Durza me ferisse. Agora não vejo mais que escuridão e maldade em nosso futuro. Não desistirei, mas temo que não consigamos nos impor. Talvez nossa tarefa não seja destronar Galbatorix, talvez preparar o caminho para o próximo Cavaleiro escolhido pelos ovos que sobraram.*

Nos penhascos de Tel'naeír, Eragon encontrou Oromis sentado à mesa em sua cabana, pintando uma paisagem com tinta negra na parte baixa de um pergaminho que acabava de escrever.

Eragon fez uma reverência e se ajoelhou.

- Professor.

Passaram quinze minutos até que Oromis terminasse de desenhar os topetes de agulhas em um zimbro retorcido, deixou a um lado a tinta, limpou seu pincel da Marta cibelina com água de um pote de argila e se dirigiu a Eragon:

- Por que veio tão cedo?

- Desculpo-me por ter incomodado, mas Vanir abandonou nossa luta antes do tempo e não sabia o que fazer.

- E por que Vanir se foi tão cedo, Eragon-vodhr?

Oromis entrelaçou as mãos no regaço durante o relato de Eragon, que terminou com estas palavras:

- Não teria que ter perdido o controle, mas o perdi, e isso me fez parecer mais estúpido ainda. Falhei com você, Professor.

- É verdade - respondeu Oromis. - Talvez Vanir tenha provocado, mas isso não era razão para responder do mesmo modo. Tem que manter um controle maior de suas emoções, Eragon. Se deixar que o temperamento domine seu julgamento durante uma batalha, pode te custar a vida. Além disso, esses comportamentos infantis só servem para dar razão aos elfos que se opõem a você. Nossas maquinações são sutis e deixam pouco espaço para esse tipo de enganos.

- Sinto muito, Professor. Não voltará a acontecer.

Como Oromis parecia decidido a esperar em sua cadeira até que chegasse a hora em que estavam acostumados a começar a praticar o Rimgar, Eragon aproveitou a ocasião para perguntar:

- Como Vanir pode ter usado a magia sem falar?

- Fez isso? Talvez algum outro elfo tenha decidido lhe ajudar. Eragon negou com a cabeça.

- Durante meu primeiro dia na Ellesméra, também vi Islanzadí convocar uma cascata de flores dando uma palmada, sem nada mais. E Vanir me disse que eu não entendia como funciona a magia. O que queria dizer?

- Uma vez mais - disse Oromis, resignado, - espiona um conhecimento que não está preparado. Entretanto, devido às circunstâncias, não posso lhe negar. Só deve saber isto: o que me pede não é ensinado aos Cavaleiros, nem nossos magos aprendem enquanto não dominarem todos os outros aspectos da magia, pois esse é o segredo da autêntica natureza da magia e do idioma antigo. Os que o conhecem podem adquirir um grande poder sim, mas correm em troca um risco terrível. - Calou-se um momento. - Como se vincula o idioma antigo à magia, Eragon-vodhr?

- As palavras do idioma antigo podem liberar a energia acumulada no corpo e, desse modo, ativar um feitiço.

- Exato. Ou seja, certos sons, certas vibrações do ar podem conectar com essa energia? Sons talvez produzidos por uma criatura ou um objeto?

- Sim, Professor.

- Não te parece absurdo?

Confuso, Eragon respondeu:

- Não importa que pareça absurdo, Professor, simplesmente é assim. Tem que me parecer absurdo que a lua cresça ou mingúe, que se aconteçam as estações ou que os pássaros voem para o sul no inverno?

- Claro que não. Mas como pode ser que um mero som tenha tantos efeitos?

Pode ser que certos padrões de tom e volume realmente disparem reações que nos permitam manipular a energia?

- Pois assim é.

- O som não controla a magia. O importante não é dizer uma palavra ou uma frase nesta linguagem, e sim pensar nela. - Girou uma mão e apareceu na palma da mão uma chama dourada, que logo se consumiu. - Entretanto, salvo que a necessidade seja imperiosa, pronunciaremos os feitiços em voz alta para evitar que algum pensamento peregrino interfira com eles, coisa que é perigosa inclusive para o mago mais experiente.

As implicações que isso tinha afligiram Eragon. Recordou quando tinha estado a ponto de afogar-se sob a cascata do lago Kósthamérna e sua incapacidade para acessar à magia pela água que o rodeava. “Se tivesse sabido então, teria podido me salvar”, pensou.

- Professor - disse, - se o som não afeta à magia, por que sim o fazem os pensamentos?

Desta vez Oromis sorriu.

- Isso, por que? Devo assinalar que nós não somos a fonte da magia. A magia pode existir por si mesma, independente de qualquer feitiço, como nas luzes fantasmagóricas dos pântanos de Arough, o poço de sonhos das covas Mani, nas montanhas Beor, e o cristal flutuante de Eoam. Esse tipo de magia selvagem é

traiçoeira, imprevisível e freqüentemente mais forte que qualquer uma que nós possamos provocar.

“Antigamente, toda a magia era assim. Para usá-la só fazia falta a capacidade de sentir a magia com a mente, algo que todo mago deve possuir, e o desejo e a força necessários. Sem a estrutura do idioma antigo, os magos não podiam dominar seu talento e, em conseqüência, soltaram muitos males pela terra e houve milhares de mortos. Com o tempo descobriram que manifestar suas intenções em sua linguagem lhes ajudava a ordenar os pensamentos e evitar enganos custosos. Mas não era um método a prova de falhas. Ao final, ocorreu um acidente tão horroroso que quase destruiu todos os seres vivos do mundo. Sabemos desse sucesso por fragmentos de manuscritos que sobreviveram às eras, mas nos escapa quem ou o que emitiu aquele feitiço fatal. Os manuscritos dizem que, mais tarde, uma raça chamada Gente Cinza

(que não eram elfos, pois nós éramos então muito jovens) uniu seus recursos e pronunciou um feitiço, talvez o maior que tenha existido ou vá existir jamais. Juntos, os membros da Gente Cinza trocaram a natureza da magia. Fizeram-no de tal modo que sua linguagem, o idioma antigo, controlasse o que se podia fazer com um feitiço..., que chegara a limitar a magia de tal modo que se alguém dizia "queime essa porta" e por azar pensava em mim ao mesmo tempo, a magia queimaria a porta, mas não a mim. E

deram ao idioma antigo seus dois traços exclusivos: a capacidade de impedir que quem o usa possa mentir e a de descrever a verdadeira natureza das coisas. Segue sendo um mistério como conseguiram".

"Os manuscritos divergem sobre o que aconteceu com a Gente Cinza depois de terminar seu trabalho, mas parece que o feitiço lhes consumiu toda a energia e os converteu em sombras de si mesmos. desvaneceram-se e decidiram viver em suas cidades até que as pedras desmoronaram, convertidas em pó, ou talvez misturarem-se com as raças mais jovens e assim desaparecer na escuridão".

- Então - disse Eragon, - pode-se usar a magia sem o idioma antigo?

- Como você acha que Saphira joga fogo? Segundo seu próprio relato, não pronunciou nenhuma palavra quando transformou em diamantes a tumba de Brom, nem quando benzeu à menina do Farthen Dür. As mentes dos dragões são diferentes das nossas, não precisam se proteger da magia. Não podem usá-la conscientemente, além do fogo, mas quando o dom os toca, adquirem uma força sem par... Parece preocupado, Eragon. Por que?

Eragon olhou para as mãos.

- O que significa isso para mim, Professor?

- Significa que continuará estudando o idioma antigo porque graças a ele pode obter coisas que de outro modo lhe custariam muito ou seriam muito perigosas. Significa que se lhe capturarem e lhe amordaçarem, pode invocar a magia igualmente para se libertar, como Vanir fez. Significa que se lhe capturarem e lhe drogarem e não conseguir recordar o idioma antigo, sim, inclusive então, pode soltar um feitiço, embora só nas circunstâncias mais graves. E significa que se tiver que enfeitiçar algo que não tem nome no idioma antigo, pode fazê-lo. - Fez uma pausa. - Mas cuidado com a tentação de usar esses poderes. Inclusive os mais sábios entre nós hesitam antes de brincar com eles por medo da morte, ou de algo pior.

Na manhã seguinte, e todas as manhãs a partir de então enquanto esteve em Ellesméra, Eragon se bateu em duelo com Vanir, mas não voltou a perder o controle, dissesse o elfo o que dissesse.

Eragon tampouco gostava de gastar energia com essa rivalidade. Cada vez lhe doía as costas com mais freqüência e o levava aos limites de sua resistência. Os ataques debilitadores o sensibilizavam: ações que antes não lhe provocavam o menor problema podiam agora deixá-lo tremendo no chão. Inclusive o Rimgar começou a lhe provocar ataques quando avançou a

posturas mais forçadas. Não era estranho que sofresse três ou quatro episódios desse tipo em um só dia.

Eragon estava mais gasto. Caminhava arrastando os pés, com movimentos lentos e cuidadosos para tentar conservar as forças. Isso tornava mais difícil pensar com clareza ou prestar atenção às lições de Oromis, e começaram a aparecer em sua memória lacunas em que não era capaz de responder. Em seu tempo livre, voltava a tirar o quebra-cabeças de Orik com a intenção de concentrar-se nos desafiantes anéis entrelaçados antes que em sua situação. Quando Saphira estava com ele, insistia em que montasse em sua garupa e fazia o que podia para que estivesse cômodo e para lhe economizar esforços.

Uma manhã, enquanto se aferrava a uma das puas de suas costas, Eragon lhe disse:

Tenho um nome novo para a dor.

Como é?

O arrasador. Porque quando sente a dor, não existe nada mais. Nem o pensamento. Nem a emoção. Só a ansiedade de evitar a dor. Quando é forte, o arrasador me despoja de tudo o que me converte em quem sou até que me reduz a uma criatura inferior aos animais, criatura com um só desejo e objetivo: escapar. Pois é um bom nome.

Estou me destruindo, Saphira, como um velho cavalo que arou muitos campos. Sustenha-me com sua mente, porque poderia me abandonar e esquecer quem sou. Não o soltarei nunca.

Pouco depois, Eragon foi vítima de três ataques de agonia enquanto lutava com Vanir, e logo outros dois ao praticar o Rimgar. Enquanto se estirava para desarmar o círculo que havia formado com seu corpo, Oromis lhe disse:

- Uma vez mais, Eragon. Tem que aperfeiçoar o equilíbrio.

Eragon negou com a cabeça e, em tom grave, grunhiu:

- Não.

Abraçou-se para dissimular o tremor.

- O que?

- Que não.

- Levante-se, Eragon, e volte a tentar.

- Não! Faça você essa postura. Eu não.

Oromis se ajoelhou junto a Eragon e lhe apoiou uma mão fria na bochecha. Deixou-a ali e o

olhou com tanta ternura que Eragon entendeu a profundidade da compaixão que o elfo sentia por ele e que, se pudesse, Oromis assumiria de bom grado a dor dele para lhe aliviar o sofrimento.

- Não abandone a esperança - disse Oromis. - Isso nunca. - Uma certa fortaleza parecia fluir dele para Eragon. - Somos Cavaleiros. Estamos entre a luz e a escuridão e mantemos o equilíbrio entre ambas. A ignorância, o medo e o ódio: esses são nossos inimigos. Negue-os com todas as suas forças, Eragon, porque se não, fracassaremos. - Levantou-se e estendeu uma mão para Eragon. - Levante-se agora, Assassino de Sombras, e demonstre que pode dominar os instintos da sua carne!

Eragon respirou fundo e se apoiou em um braço para levantar-se, fazendo caretas pelo esforço. Conseguiu equilibrar os pés, deteve-se um momento e logo se estirou completamente e olhou Oromis nos olhos.

O elfo assentiu em sinal de aprovação. Eragon guardou silêncio até que terminaram o Rimgar e foi se banhar no regato, depois do que disse:

- Professor...

- Sim, Eragon?

- Por que tenho que agüentar esta tortura? Poderia usar a magia para me dar as habilidades que necessito, para dar forma a meu corpo, como fazem com as plantas e as árvores.

- Poderia, mas se o fizesse, não entenderia como teria conseguido seu corpo e suas habilidades, nem como as manter. Não há atalhos no caminho que segue, Eragon. A água fria percorreu o corpo de Eragon quando se abaixou no regato. Afundou a cabeça sob a superfície, sujeitando-se a uma rocha para que a corrente não o levasse, e ficou estirado, sentindo-se como uma flecha que voasse entre a água.

Narda

Roran se apoiou em um joelho e coçou a barba recém adquirida enquanto baixava o olhar para Narda.

O pequeno povoado era escuro e compacto como um pedaço de pão de cevada encaixado em uma greta ao longo da costa. Mais à frente, um mar da cor do vinho brilhava sob os últimos raios do agonizante crepúsculo. A água o fascinava: era totalmente distinta da paisagem que estava acostumado.

“Conseguimos”.

Roran abandonou o promontório e retornou andando a sua tenda improvisada, desfrutando das profundas baforadas de ar salgado. Tinham acampado no alto dos contrafortes das Vertebradas para evitar serem detectados por qualquer um que pudesse anunciar seu paradeiro

ao Império.

Enquanto passeava entre os grupos de aldeãos apinhados sob as árvores, Roran fiscalizou com pena e raiva a condição em que se encontravam. A excursão do vale do Palancar tinha deixado às pessoas doentes, maltratadas e esgotadas, tinham os rostos descarnados pela falta de comida e a roupa esfarrapada. Quase todos levavam farrapos atados em torno das mãos para evitar o congelamento nas gélidas noites da montanha. Depois de conduzir pesadas cargas durante semanas, os ombros, antes elevados com orgulho, pareciam agora cansados. A pior visão era a das crianças: magras e tão caladas que não parecia natural.

“Merecem algo melhor - pensou Roran. - Se não tivessem me protegido, agora eu estaria entre as garras dos ra'zac”.

Muitos se aproximavam de Roran, e a maioria só queria uma palmada nas costas ou uma palavra de consolo. Alguns lhe ofereciam um pouco de comida, que ele rechaçava ou, se insistiam, aceitava para dar a alguém. Os que guardavam distância o olhavam com olhos abertos e pálidos. Sabia o que diziam dele: que estava louco, que os espíritos o haviam possuído, que nem sequer os ra'zac podiam derrotá-lo. Cruzar as Vertebradas tinha sido inclusive mais duro do que Roran esperava. No bosque não havia mais caminhos que as pistas de caça, muito estreitas, íngremes e serpenteantes para o grupo. Em conseqüência, os aldeãos se viam obrigados a abrir caminho com machados entre as árvores e a vegetação, um doloroso esforço que todos desprezavam, entre outras coisas porque facilitava ao Império a tarefa de lhes seguir a pista. A única vantagem da situação era que o ombro ferido do Roran recuperou a fortaleza anterior, embora ainda tivesse problemas para elevar o braço em segundo ângulo.

Outras penúrias lhes passaram fatura. Uma tormenta repentina os apanhou em um campo aberto, além das árvores. Três pessoas congelaram na neve: Feda, Brenna e Nesbit, todos eles bastante grandes. Essa foi a primeira noite em que Roran se convenceu que todo o povo morreria por havê-lo seguido. Pouco depois, um menino quebrou um braço em uma queda, e logo Southwell se afogou no regato de uma geleira. Os lobos e os ursos atacavam o gado com freqüência, ignorando as fogueiras de vigilância que os aldeãos começaram a acender quando deixaram de estar à vista do vale de Palancar e dos odiados soldados de Galbatorix. A fome se pegava a eles como um parasita implacável, mordiscava-lhes as vísceras, devorava-lhes as forças e escavava sua vontade de seguir adiante.

E entretanto, tinham sobrevivido, mostrando a mesma obstinação e fortaleza que tinha mantido seus antepassados no vale de Palancar face à fome, as guerras e as pestes. Às pessoas do Carvahall podia lhe custar uma era e meia tomar uma decisão, mas uma vez tomavam, nada os separava de seu caminho.

Agora que tinham chegado a Narda, uma sensação de triunfo e esperança impregnou o campo. Ninguém sabia o que aconteceria a seguir, mas o fato de ter chegado tão longe lhes dava confiança.

“Não estaremos a salvo até que saiamos do Império - pensou Roran. - E é

melhor me assegurar de que não nos apanhem. Agora sou responsável por toda esta gente...” Uma responsabilidade que tinha aceito sem reservas porque lhe permitia proteger os aldeãos de Galbatorix e ao mesmo tempo perseguir seu objetivo de resgatar Katrina. “Faz tanto tempo que a capturaram... Como vai estar viva ainda?”

Estremeceu e afastou aqueles pensamentos. Se permitisse se inquietar pelo destino da Katrina, esperava-lhe a loucura autêntica.

Ao amanhecer, Roran, Horst, Baldor, os três filhos do Loring e Gertrude saíram para Narda. Desceram dos contrafortes até a rua principal da cidade, assegurando-se de permanecer ocultos até chegar ao meio-fio. Naquelas terras baixas o ar parecia espesso para Roran, era como tentar respirar sob a água.

Roran se aferrou ao martelo que levava no cinto à medida que se aproximavam das portas de Narda. Dois soldados guardavam a entrada. Examinaram com olhares duros olhares o grupo, reparando em suas roupas andrajosas, e logo baixaram seus machados para lhes cortar o passo.

- De onde são? - perguntou o homem da direita. Não podia ter mais de vinte e cinco anos, mas tinha o cabelo branco por completo.

Inflando o peito, Horst cruzou os braços e disse:

- Da zona do Teirm, se não se importar.

- O que os traz por aqui?

-O comércio. Enviaram-nos os lojistas que querem comprar produtos diretamente de Narda, em vez de usar os mercados habituais.

- Ah, sim? Que produtos?

Como Horst titubeava, Gertrude apontou:

- Por minha parte, ervas e medicamentos. As plantas que recebi eram muito velhas, ou estavam mofadas e danificadas. Necessito de provisões frescas.

- E meus irmãos e eu - disse Darmmen - devemos negociar com seus sapateiros. Os sapatos ao estilo do norte estão em moda no Dras-Leoa e Urü'baen. - Fez uma careta. - Ou ao menos estavam quando saímos.

Horst assentiu com confiança renovada.

- Sim. E eu devo recolher um carregamento de peças de ferro para meu professor.

- Isso diz. E o que se passa com esse? A que se dedica? - perguntou o soldado, assinalando

Roran com seu machado.

- À olaria - disse Roran.

- Olaria?

- Olaria.

- E o martelo?

- Como acha que se parte o vidro de uma garrafa ou de um vaso? Não se rompe sozinho, sabe? Terá que lhe dar um golpe.

Roran enfrentou o olhar incrédulo do homem de cabelo branco com rosto inexpressivo, desafiando-o a que negasse sua afirmação.

O soldado grunhiu e o repassou de novo com o olhar.

- Seja como for, não me parecem comerciantes. Mas sim gaiatos de rua, mortos de fome.

- Passamos dificuldades no caminho.

- Isso sim acredito. Se vieram do Teirm, onde estão seus cavalos?

- Nós os deixamos no acampamento - apontou Hamund.

Assinalou para o sul, em direção contrária a que estavam na realidade os outros aldeãos.

- E não trazem nenhuma moeda para ficar na cidade, não é? - Com uma risada zombeteira, o soldado elevou o machado e assinalou por gestos a seu companheiro que fizesse o mesmo. - Bom, podem passar, mas não criem problemas, ou acabarão presos, ou algo pior.

Uma vez transposta a entrada, Horst levou Roran a um lado da rua e lhe grunhiu ao ouvido:

- Grande tolice inventar uma desculpa tão ridícula. Quebrar o vidro! Está com vontade de brigar? Não podemos...

Calou-se porque Gertrude estava lhe puxando a manga.

- Olhem... - murmurou Gertrude.

À esquerda da entrada havia um tabuleiro de mensagens de dois metros de altura com um telhado para proteger o pergaminho amarelado que sustentava. Meio tabuleiro estava dedicado a notícias e nomeações oficiais. Na outra metade havia uma série de pôsteres com esboços de diversos delinqüentes. O mais visível de todos era um retrato de Roran sem barba.

Assustado, Roran jogou uma olhada ao redor para se assegurar de que não houvesse ninguém

na rua tão perto para comparar sua cara e o desenho, e logo concentrou sua atenção no pôster. Já imaginava que o Império os perseguiria, mas não deixou de impressioná-lo encontrar aquela prova. “Galbatorix deve estar destinando um montão de recursos para nos perseguir”. Enquanto estavam nas Vertebradas, tinha sido fácil esquecer que existia o mundo exterior. “Com certeza há pôsteres pendurados por todo o Império”. Sorriu, encantado de ter deixado de se barbear e de que tanto ele como os outros se puseram de acordo para usar nomes falsos enquanto estivessem em Narada.

Na parte baixa do pôster tinham cotado a recompensa. Garrow não tinha ensinado Roran e Eragon a ler, mas tinha lhes ensinado os números porque, conforme dizia: “Terá que saber quanto tem, quanto vale o que tem, e quanto lhe pagam, para que não o engane qualquer trapaceiro mentiroso”. Assim, Roran pôde ver que o Império tinha devotado dez mil coroas por ele, o suficiente para viver com comodidade durante décadas. De um modo perverso lhe agradou o tamanho da recompensa, pois lhe fez se sentir importante.

Logo passou o olhar ao seguinte pôster.

Era Eragon.

As tripas de Roran se retorceram como se acabasse de receber um golpe e, durante uns segundos, se esqueceu de respirar.

“Ele está vivo!”

Quando passou o alívio inicial, Roran notou que ocupava seu lugar a velha raiva pelo papel de Eragon na morte de Garrow e na destruição de sua fazenda, acompanhado por um desejo ardente de saber por que o Império perseguia Eragon.

“Tem que ter alguma relação com aquela pedra azul e com a primeira visita dos ra'zac ao Carvahall”. Uma vez mais, Roran se perguntou em que tipo de endemoninhadas maquinações se haviam visto envoltos ele e outros habitantes do Carvahall. Em vez de uma recompensa, no pôster de Eragon havia duas linhas de runas.

- De que crime ele é acusado? - perguntou a Gertrude.

O contorno dos olhos de Gertrude se encheu de rugas quando semicerrou os olhos para ler o pôster.

- De traição, a vocês dois. Diz que Galbatorix outorgará um condado a quem capturar Eragon, mas que quem tentar deve tomar precauções porque é extremamente perigoso.

Roran pestanejou, assombrado. “Eragon?” Pareceu-lhe inconcebível até que parou para pensar quanto ele mesmo tinha mudado nas últimas semanas. “Temos o mesmo sangue nas veias. Quem sabe, Eragon pode ter conseguido as mesmas coisas que eu, ou muitas mais, desde que se foi”.

Em voz baixa, Baldor disse:

- Se matar os homens de Galbatorix e enfrentar os ra'zac te faz valer dez mil coroas, por muito que seja... O que terá que fazer para valer um condado?

- Incomodar muito mesmo ao rei - sugeriu Larne.

- Já basta - interveio Horst. - Mantenha a boca fechada, Baldor, ou terminaremos todos presos. E você, Roran, não volte a chamar a atenção. Com semelhante recompensa, as pessoas estarão vigiando os estranhos em busca de alguém que se encaixe com sua descrição. - Passou uma mão pelo cabelo, apertou o cinto e acrescentou. - Bom. Todos temos coisas a fazer. Voltem aqui ao meio-dia para informar seus progressos.

Então o grupo se dividiu em três. Darmmen, Lambe e Hamund foram juntos a comprar comida para os aldeãos, tanto para suprir suas necessidades atuais como para mantê-los na etapa seguinte da viagem. Gertrude - tal como tinha anunciado ao guarda

- foi completar sua provisão de ervas, ungüentos e tinturas. E Roran, Horst e Baldor desceram pelas ruas inclinadas para os moles, onde esperavam contratar um navio que pudesse transportar os aldeãos a Surda ou, no mínimo, até Teirm. Quando chegaram à maltratada passarela de soalho que cobria a praia, Roran se deteve e olhou o oceano, cinza pelas nuvens e pintalgado de cristas brancas pelo vento errático. Nunca tinha imaginado que o horizonte pudesse riscar uma reta tão perfeita. O oco estalido da água contra as colunas que tinha sob os pés o fazia sentir-se como se estivesse plantado na superfície de um tambor gigantesco. O aroma de peixe fresco, estripado e podre - se impunha a todos os outros.

Olhando para Roran e Baldor, que também estava hipnotizado, Horst disse:

- Bela visão, não é?

- Sim - respondeu Roran.

- Faz se sentir pequeno, não é verdade?

- Sim - disse Baldor.

Horst assentiu.

-Lembro que a primeira vez que vi o oceano, causou-me o mesmo efeito.

- E isso quando foi? - perguntou Roran.

Além dos bandos de gaivotas que revoavam sobre a baía, viu uma estranha classe de pássaros que pousavam nos moles. Aqueles animais tinham um corpo desajeitado com o bico que mantinham próximo ao peito, como um velho pomposo, a cabeça e o pescoço brancos e o torso da cor da fuligem. Um daqueles pássaros elevou o bico e mostrou uma bolsa de pele

abaixo.

- Bartram, o ferreiro que me precedeu - disse Horst, - morreu quando eu tinha quinze anos, não antes que terminasse minha aprendizagem. Tinha que conseguir um ferreiro disposto a terminar um trabalho, assim viajei a Ceunon, que se eleva no mar do Norte. Ali conheci Kelton, um ancião malvado, mas bom em seu trabalho. Aceitou me ensinar. - Horst riu. - Quando terminamos, não sabia se devia lhe agradecer ou amaldiçoá-lo.

- Eu diria que devia lhe agradecer - disse Baldor. - Se não fosse por ele, não teria conhecido a mamãe.

Roran franziu o cenho enquanto escrutinava os moles.

- Não há muitos navios - observou.

Havia duas naves atracadas no extremo sul do porto e uma terceira do outro lado, entre elas, nada mais que navios de pesca e pequenos botes. Dos dois do sul, tinham o mastro quebrado. Roran não tinha nenhuma experiência com navios, mas nenhum daqueles lhe parecia suficientemente grande para carregar quase trezentos passageiros.

Depois de ir de um navio a outro, Roran, Horst e Baldor logo descobriram que todos estavam contratados. Levaria um mês, ou mais, arrumar o que tinha o mastro quebrado. A nave que descansava a seu lado, o *Waverunner,* levava velas de pele e estava a ponto de aventurar-se para o norte, às traiçoeiras ilhas onde crescia a planta do Seithr. E o *Albatroz,* o último navio, acabava de chegar da longínqua Feinster e o estavam calafetando antes de partir com sua carga de lã.

Um estivador riu das perguntas do Horst:

- Chegaram muito tarde e muito cedo ao mesmo tempo. Quase todos os navios da primavera vieram e se foram faz duas ou três semanas. Dentro de um mês, começarão a soprar os ventos do noroeste, e então voltarão os caçadores de morsas e chegarão navios do Teirm e de todo o Império para comprar peles, carne e graxa. Então podem ter a chance de contratar um capitão com o navio vazio. Enquanto isso, não haverá mais tráfico que este.

Desesperado, Roran perguntou:

- Não há outro modo de levar provisões daqui ao Teirm? Não é necessário que seja rápido nem cômodo.

- Bom - disse o homem, enquanto elevava ao ombro uma caixa, - se não tem de ser rápido e só vão ao Teirm, poderia tentar o Clovis. - Assinalou uma fileira de galpões que flutuavam entre dois moles de atraque. - Tem umas balsas com que transporta grãos no outono. Durante o resto do ano ganha a vida pescando, como quase todo mundo em Narda. - Logo franziu o cenho. - Que tipo de provisões levam?

As ovelhas já estão tosquiadas, e ainda não há nenhuma colheita.

- Um pouco de tudo - disse Horst.

Lançou ao homem uma moeda de cobre. O estivador a meteu no bolso com uma piscada e uma cotovelada cúmplice.

- Tem toda a razão, senhor. Um pouco de tudo. Sou capaz de reconhecer uma evasiva. Mas não tema o velho Ulric, nada direi com esta boca. Bom, já nos veremos, senhor.

E se afastou assobiando.

Resultou que Clovis não estava nos moles. Depois de averiguar sua direção, custou-lhes meia hora andar até sua casa, do outro lado de Narda, onde o encontraram plantando bulbos de lírio no atalho que levava a porta. Era um homem forte, com as bochechas queimadas pelo sol e uma barba salpicada de cãs. Passou outra hora até

que conseguiram convencer o marinheiro que estavam verdadeiramente interessados em suas barcaças apesar da temporada, e logo tiveram que se deslocar de volta até os galpões, que Clovis abriu para mostrar três balsas idênticas: a *Merrybell,* a *Edeline* e o *Javali Vermelho.*

Cada barcaça media vinte e três metros por seis de largura, e todas estavam pintadas de vermelho óxido. Tinham adegas abertas que podiam cobrir-se com lonas, podia-se instalar um mastro no centro para uma só vela quadrada, e sobrava espaço para algumas quantas cabines cobertas na parte traseira, ou na popa, como a chamava Clovis.

- Têm mais impregnado que os esquifes das ilhas - explicou Clovis, - assim não há temor de que afundem com mau tempo, embora fariam bem evitar uma tempestade de verdade. Estas barcaças não estão preparadas para navegar em alto mar. Têm que se manter à vista da costa. E agora é a pior época para flutuar. Por minha honra, levamos um mês em que não há mais nada além de tormentas e raios.

- Tem tripulação para as três? - perguntou Roran.

- Bom... Isso é um problema. Quase todos os homens que estou acostumado a empregar se foram há semanas para caçar focas, como costumam fazer. Como eu só

necessito deles depois das colheitas, podem ir e vir livremente durante o resto do ano. Estou seguro de que vocês, cavalheiros, entendem minha situação. Clovis tentou sorrir, logo passeou o olhar de Roran a Horst, e depois para Baldor, como se não estivesse seguro de a quem tinha que dirigir-se. Roran percorreu a *Edeline e* a examinou em busca de algum dano. A barcaça parecia velha, mas a madeira era sólida e estava recém calafetada.

- Se substituíssemos os que faltam da sua tripulação, quanto custaria chegar a Teirm com as três barcaças?

- Isso depende - disse Clovis. - Os marinheiros ganham quinze moedas de cobre por dia, mais tudo o que possam comer e uma cota de uísque. O que ganhem seus homens é coisa de vocês. Não os pagarei. Normalmente contratamos também guardas para cada barcaça, mas estão...

- Já, estão caçando - disse Roran. - Nós poremos os guardas. O nó no pescoço bronzeado de Clovis deu um salto quando este tragou saliva.

- Isso seria mais que razoável..., sim, senhor. além do pagamento da tripulação, eu cobro uma tarifa de duzentas coroas, mais a compensação de qualquer dano que possam sofrer as barcaças por culpa de seus homens, mais doze por cento que ganho, em minha comissão de dono e capitão, sobre os benefícios totais pela venda da carga.

- Nossa viagem não trará lucros.

Isso pareceu deixar Clovis mais nervoso que nenhum outro detalhe. Esfregou o oco do queixo com o polegar da mão esquerda, arrancou a falar duas vezes, detevese e ao fim disse:

- Nesse caso, outras quatrocentas coroas ao terminar a viagem. O que desejam transportar, se é que posso me atrever a perguntar? - São ovelhas, vacas, cavalos, cabras, bois...?

“Está com medo”, pensou Roran.

- Ganho.

- São ovelhas, vacas, cavalos, cabras, bois...?

- Nossos rebanhos contêm um sortido de animais distintos.

- E por que querem levá-los a Teirm?

-Temos nossas razões. - Roran quase sorriu ante a confusão de Clovis. - Exporia-se navegar além do Teirm?

- Não! No Teirm está meu limite. Não conheço as águas mais à frente, nem tampouco quero ficar tanto tempo longe de minha mulher e minha filha.

- Quando poderia estar preparado?

Clovis hesitou e deu dois passos.

-Talvez cinco ou seis dias. Não... Não, melhor que seja uma semana, antes de sair, devo atender alguns assuntos.

- Pagaríamos outras dez coroas por sair depois de amanhã.

- Eu não...

- Doze coroas.

- Pois depois de amanhã será - prometeu Clovis. - Verei como me acerto para estar preparado.

Passando uma mão pela amurada da barcaça, Roran assentiu sem olhar para Clovis e disse:

- Posso ficar um minuto a sós com meus sócios para falar com eles?

- Como desejar, senhor. Darei uma volta pelos moles até que terminem. - Clovis se afastou depressa pela porta. Quando ia sair do galpão, perguntou: - Perdão, tenha a bondade de me repetir seu nome? Temo que não ouvi bem antes, e além disso tenho uma memória terrível.

- Marteladas. Meu nome é Marteladas.

- Ah, claro. Que bom nome.

Quando a porta se fechou, Horst e Baldor se aproximaram de Roran. Baldor disse:

- Não podemos contratá-lo.

- Não podemos deixar de contratá-lo - replicou Roran. - Não temos dinheiro para comprar as barcaças, nem gostaria de aprender a dirigi-las enquanto dependa disso a vida de todos os outros. Será mais rápido e seguro contratar uma tripulação.

- Continua a ser muito caro - disse Horst.

Roran tamborilou na superfície da amurada.

- Podemos pagar a tarifa inicial de Clovis, de duzentas coroas. Quando chegarmos ao Teirm, entretanto, sugiro que roubemos as barcaças graças às habilidades que teremos aprendido durante a viagem, ou que incapacitemos Clovis e a seus homens até que encontremos outro meio para escapar. Assim nos economizamos pagar as quatrocentas coroas extras, além disso o salário dos marinheiros.

- Eu não gosto de enganar um homem que trabalha honestamente - disse Horst. - Vai contra meus princípios.

- Tampouco eu gosto, mas te ocorre alguma alternativa?

- Como colocaria todas as pessoas nas barcaças?

- Que Clovis os recolha uma légua mais à frente, na costa, fora da vista da Narda.

Horst suspirou.

- Muito bem. Assim faremos, embora me deixe com gosto ruim de boca. Baldor, chame Clovis, e selemos este pacto.

Aquela tarde os aldeões se reuniram em torno de uma fogueira para escutar o que tinha ocorrido em Narda. Ajoelhado no chão, Roran olhava o palpitar das brasas enquanto escutava Gertrude e os três irmãos contar suas respectivas aventuras. A notícia dos pôsteres do Roran e Eragon provocou murmúrios de inquietação entre a audiência.

Quando Darmmen terminou, Horst ocupou seu lugar e, com frases curtas e enérgicas, contou sobre a carência de navios adequados em Narda, explicou que o estivador lhes tinha recomendado Clovis e relatou o acordo fechado a seguir. Entretanto, assim que Horst mencionou a palavra "barcaças", os gritos de ira e desgosto dos aldeões afogaram sua voz.

Loring caminhou para plantar-se diante do grupo e elevou os braços para chamar a atenção.

- Barcaças? - disse o sapateiro. - Barcaças? Não queremos barcaças pestilentas!

Cuspiu a seus pés enquanto os outros se mostravam de acordo com grande clamor.

- Calem-se todos! - disse Delwin. - Se seguirmos assim, vão nos ouvir. - Quando o som mais alto foi o ranger do fogo, seguiu falando em voz mais baixa. - Estou de acordo com Loring. As barcaças são inaceitáveis. São lentas e vulneráveis. E

estaríamos amontoados sem a menor intimidade e sem nenhum refugio no que falar durante ninguém sabe quanto tempo. Horst, Elain está de seis meses. Não pode esperar que ela e outros doentes passem semanas seguidas sentados sob um sol abrasador.

- Podemos atirar lonas sobre as adegas - replicou Horst - Não é muito, mas nos protegerão do sol e da chuva.

A voz do Birgit se impôs ao grave ronrono da multidão:

- Me preocupa outra coisa. - As pessoas se afastaram para um lado para deixá-la chegar até o fogo. - Com as duzentas coroas que devem a Clovis e o dinheiro que se gastaram Darmmen e seus irmãos, teremos esgotado quase todas as nossas moedas. Ao contrário das pessoas das cidades, para nós a riqueza não está no ouro,e sim nos nossos animais e as propriedades. Nossas propriedades desapareceram e sobraram poucos animais. Inclusive se nos convertermos em piratas e roubarmos essas barcaças, como compraremos provisões no Teirm para seguir a viagem para o sul?

- De entrada, o mais importante - rugiu Horst - é chegar ao Teirm. Quando estivermos ali, nos preocuparemos do que fazer a seguir... É possível que devamos recorrer a medidas mais drásticas.

O rosto ossudo do Loring se contorceu em uma massa de rugas.

- Mais drásticas? O que quer dizer? O que temos feito já é drástico. Toda esta empresa é drástica. Para mim tanto faz o que disser, não subirei nessas malditas barcaças, não depois de tudo o que passamos nas Vertebradas. As barcaças são para grãos e animais. O que queremos

é um navio com camarotes e camas de armar onde possamos dormir com comodidade. Por que não esperamos outra semana, mais ou menos, e vemos se chega algum navio com que possamos negociar a passagem? O

que tem de mau nisso, né? Ou por que não...?

Seguiu clamando mais de quinze minutos, amassando uma montanha de objeções antes de ceder a palavra a Thane e Ridley, que elaboraram ainda mais seus argumentos.

A conversa se deteve quando Roran estirou as pernas e ficou em pé, silenciando os aldeões com sua presença. Calaram-se, com o fôlego contido, a espera de outro de seus discursos visionários.

- Ou isso, ou vamos a pé - disse.

E foi para a cama.

Cai o martelo

A lua flutuava no alto entre as estrelas quando Roran abandonou a tenda improvisada que compartilhava com Baldor, aproximou-se do limite do acampamento e substituiu a Albriech, que montava guarda.

- Nada que informar - sussurrou Albriech, antes de ir.

Roran armou o arco e plantou três flechas com plumas de ganso no chão, ao alcance de sua mão, logo se envolveu em uma manta e se encostou contra a rocha que ficava a sua esquerda. Aquela posição lhe permitia uma boa visão de cima para as escuras escapas do monte.

Como tinha por costume, Roran dividiu a paisagem em quadrantes e dedicou um minuto inteiro a examinar cada um, sempre atento ao fulgor de um movimento ou a um reflexo de luz que pudesse trair a proximidade dos inimigos. Logo sua mente começou a perambular, passando de um assunto a outro com a brumosa lógica dos sonhos, distraindo o da tarefa. Mordeu as bochechas para obrigar-se a se concentrar. Era difícil permanecer dê com aquele clima tão suave...

Roran estava encantado de estar liberado de que lhe trocassem por sorteio os dois guardas ao amanhecer, pois nelas não tinha ocasião de recuperar logo o sono atrasado e se sentia esgotado durante todo o dia.

Um golpe de ar passou junto a ele, lhe acariciando as orelhas e lhe arrepiando o pêlo da nuca em um mau presságio. Aquele tato molesto assustou Roran e arruinou algo que não fora a convicção de que tanto ele como outros aldeãos corriam um perigo mortal. Se pôs a tremer como se tivesse febre, o coração se arrancou a pulsar com força e teve que resistir com esforço ao impulso de abandonar a guarda e fugir. “O que está acontecendo?” Até tombar uma daquelas flechas lhe custava um esforço. A este, uma sombra se destacou no horizonte. Visível

só como um vazio entre as estrelas, flutuava como um véu estragado no céu até que cobriu a lua, onde permaneceu suspendida, iluminada por trás. Roran distinguiu as asas translúcidas de uma das montarias dos ra'zac.

A criatura negra abriu o bico e soltou um uivo comprido, dilacerador. Roran fez uma careta de dor pela freqüência aguda daquele grito. Esfaqueava-lhe os tímpanos, gelava-lhe o sangue e tornava a alegria e a esperança em desânimo. O som ululante despertou todo o bosque. Em quilômetros à volta, os pássaros e as bestas estalaram em um coro queixoso de pânico, incluído, para maior alarme de Roran, o que ficava do gado dos aldeões.

Cambaleando de uma árvore a outra, Roran retornou ao acampamento e sussurrou a todos os que se encontravam com ele:

- Os ra'zac chegaram. Fiquem quietos e permaneçam onde estão. Viu outros sentinelas movendo-se entre os assustados aldeões, estendendo a mensagem.

Fisk saiu de sua tenda com uma lança na mão e rugiu:

- Estão nos atacando? O que provocou esses malditos...?

Roran atirou o carpinteiro ao chão para silenciá-lo e pronunciou um gemido abafado ao aterrissar sobre o ombro direito, o qual despertou a dor da velha ferida.

- Os ra'zac - grunhiu Roran a Fisk.

Fisk ficou quieto e perguntou em voz baixa:

- O que devo fazer?

- Me ajude a acalmar os animais.

Juntos abriram caminho entre o acampamento até o prado que se estendia a seguir, onde as cabras, ovelhas, asnos e cavalos passavam a noite. Os fazendeiros proprietários da maior parte do gado dormiam com seus animais e estavam acordados e trabalhando para acalmar às bestas. Roran deu graças à paranóia que o tinha levado a insistir que os animais estivessem sempre pulverizados pelo limite do prado, onde as árvores e a vegetação contribuíam para escondê-los dos olhares do inimigo. Enquanto tentava acalmar um grupo de ovelhas, Roran elevou o olhar para a terrível sombra negra que seguia obscurecendo a lua, como um morcego gigante. Para seu horror, começou a mover-se para o esconderijo. “Se essa criatura voltar a chiar, estamos condenados.”

Quando o ra'zac começou a riscar círculos por cima deles, quase todos os animais se acalmaram, salvo um asno que se empenhava em soltar um áspero zurro. Sem duvidar, Roran apoiou um joelho no chão, encaixou uma flecha no arco e lhe disparou uma flecha entre as costelas. Sua pontaria foi certeira, e o animal caiu sem fazer ruído.

Muito tarde, entretanto: o zurro tinha alertado ao ra'zac. O monstro girou a cabeça em direção a clareira e desceu para ela com as garras abertas, precedido por seu fétido fedor.

“Chegou a hora de saber se somos capazes de matar um pesadelo”, pensou Roran. Fisk, que estava abaixado a seu lado sobre a erva, elevou a lança, preparado para atirá-la quando o animal estivesse a distância de tiro. Justo quando Roran preparava o arco - com a intenção de dar início e fim à

batalha com uma flecha bem apontada, - foi distraído por uma comoção no bosque. Um grupo de cervos atravessou com um estalo a vegetação e saiu em correria pelo prado, ignorando aos aldeões e ao gado em seu desesperado desejo de fugir do ra'zac. Durante quase um minuto, os cervos passaram dando botes junto a Roran, removendo a terra com seus afiados cascos e captando a luz da lua no rebordo branco de seus olhos. Esforçavam-se tanto que Roran ouviu as suaves baforadas de sua respiração.

A multidão de cervos escondeu os aldeões porque, depois de uma última volta por cima do prado, o monstro alado se voltou para o sul e deslizou mais à frente pelas Vertebradas, fundindo-se na noite.

Roran e seus companheiros ficaram paralisados, como coelhos surpreendidos, temerosos de que o desaparecimento do ra'zac fosse uma armadilha para forçá-los a sair a campo aberto, ou de que a besta gêmea estivesse atrás deles. Passaram horas esperando, tensos e ansiosos, sem se moverem mais que para preparar seus arcos. Quando estava a ponto da lua se esconder, soou ao longe o arrepiante uivo do ra'zac... E nada mais.

“Tivemos sorte - decidiu Roran quando despertou na manhã seguinte. - E não podemos contar que a sorte nos salve da próxima vez”.

Depois da aparição dos ra'zac, nenhum aldeão se opunha a viajar de barcaça. Ao contrário, estavam tão ansiosos por partir, que muitos perguntaram a Roran se era possível zarpar naquele mesmo dia em vez de esperar o seguinte.

- Oxalá pudéssemos - respondeu-lhes, - mas há muitas coisas que fazer. Ele, Horst e um grupo de mais homens saltaram o café da manhã e caminharam para a Narda. Roran sabia que ao acompanhá-los se arriscava a ser reconhecido, mas a missão era muito importante para lhes falhar. Além disso, estava seguro de que seu aspecto era tão diferente do que tinha no pôster do Império que ninguém os compararia.

Não tiveram problemas para entrar porque encontraram outros soldados na porta da cidade, e logo foram até os moles e entregaram as duzentas coroas a Clovis, que estava ocupado fiscalizando um grupo de homens que preparavam as barcaças para navegar.

- Obrigado, Marteladas - disse, enquanto atava a bolsa de moedas ao cinturão.

- Não há como o amarelo do ouro para alegrar o dia de um homem. Levou-os até um banco de trabalho e desdobrou um carta de navegação das águas que rodeavam Narda, cheia de notas

sobre a força de diversas correntes, a localização de rochas, recifes de areia e outros perigos, e uma quantidade de medidas de sonda que teria demorado décadas em reunir. Clovis riscou uma linha com um dedo desde a Narda até uma pequena baía que ficava ao sul da cidade e disse:

- Aqui é onde recolheremos o gado. Nesta época do ano as marés são suaves, mas de qualquer maneira não nos convém enfrentá-las, não andemos com disfarces. Assim temos que sair logo depois da maré alta.

- Maré alta? - perguntou Roran. - Não seria mais fácil esperar à maré baixa e permitir que ela nos tirasse dali? - Clovis deu um toque no nariz e piscou os olhos. - Sim, seria melhor. E assim comecei muitas viagens. Entretanto, o que não quero é me encontrar encalhado na praia, carregando seus animais, quando vier a maré

empurrando e nos coloque terra adentro. Assim não correremos perigo, mas teremos que nos apressar para não ficarmos presos quando a água se retirar. Se conseguirmos, o mar trabalhará a nosso favor, né?

Roran assentiu. confiava na experiência do Clovis.

- E quantos homens necessitará para completar as tripulações?

- Bom, consegui juntar sete homens, todos eles fortes, bons marinheiros de verdade, dispostos a somar-se a esta empresa, por estranha que pareça. A verdade, quase todos estavam em plena curda quando os abandonei ontem à noite, bebendo o pagamento da última viagem, mas quando chegar a manhã, estarão sóbrios como uma solteirona, prometo-lhes. Vendo que só pude conseguir sete, eu gostaria de dispor de outros quatro.

- Pois quatro serão - disse Roran. - Meus homens não sabem muito de navegação, mas estão em boa forma e com vontade de aprender. Clovis grunhiu:

- Estou acostumado a levar um grupo de principiantes em todas as viagens. Enquanto cumpram as ordens, tudo irá bem, senão, terminarão com um galo na cabeça, isso eu lhe asseguro. Quanto aos guardas, eu gostaria de dispor de nove: três em cada navio. E será melhor que não sejam tão inexperientes como os marinheiros, porque senão, não saio do mole nem por todo o uísque do mundo.

Roran se permitiu mostrar um sorriso amargo.

- Todos os homens que viajam comigo participaram de muitas batalhas.

- E todos respondem a você, né, Marteladas? - disse Clovis. -. Coçou o queixo, olhando para Gedric, Delwin e os outros, que iam a Narda pela primeira vez. - Quantos são?

- O suficiente.

- Assim que o suficientes. - Agitou uma mão no ar. - Não se importe comigo. Minha língua vai muito a frente de meu sentido comum, ou ao menos isso estava acostumado a dizer meu pai. Meu primeiro oficial, Torson, está no fornecedor, fiscalizando a compra de provisões e equipamento. Entendo que levam alimento para o gado?

- Entre outras coisas.

- Então será melhor que o preparem. Podemos carregá-lo nas adegas quando estiverem instalados os mastros.

Durante o resto da manhã e toda a tarde, Roran e os aldeões que o acompanhavam trabalharam para transladar as provisões que os filhos de Loring tinham comprado do armazém em que estavam guardadas até os galpões das barcaças. Quando Roran cruzou a prancha para montar na *Edeline* e passou um saco de farinha ao marinheiro que o esperava na adega, Clovis comentou:

- Quase nada disto é comida para animais, Marteladas.

- Não - disse Roran. - Mas é necessário.

Agradou-lhe que Clovis tivesse o bom senso de não continuar perguntando. Quando terminaram de carregar o último saco, Clovis falou com Roran:

- Podem ir. Eu me encarregarei do resto com os moços. Mas lembre-se de estar nos moles três horas depois do amanhecer com todos os homens que me prometeu, ou perderemos a maré.

- Estaremos aqui.

De novo nos contrafortes, Roran ajudou Elain e os outros a prepararem-se para partir. Não levaram muito tempo, pois estavam acostumados a desmontar o acampamento a cada manhã. Logo escolheu doze homens para que o acompanhassem a Narda no dia seguinte. Todos eram bons guerreiros, mas pediu aos melhores, como Horst e Delwin, que ficassem com os aldeões para o caso de os soldados os descobrirem ou os ra'zac voltarem a aparecer.

Os dois grupos partiram ao cair da noite. Roran se sentou em uma rocha e viu Horst dirigir à coluna ladeira abaixo para a baía onde esperariam as barcaças. Orval se aproximou por trás e cruzou os braços:

- Acha que estarão a salvo, Marteladas?

A ansiedade dominava sua voz como um arco esticado.

Embora ele também estivesse preocupado, Roran disse:

- Acredito que sim. Vão tomar um barril de cidra e amanhã, quando chegarmos à costa, ainda estarão dormindo. Terá o prazer de despertar Nolla. O que acha?

Orval sorriu ante a menção de sua esposa e assentiu, aparentemente tranqüilizado.

“Oxalá tenha razão”. Roran ficou na rocha, agachado como um gárgula sombrio, até que a escura fileira de aldeões desapareceu de sua vista. Despertaram uma hora antes de sair o sol, quando o céu logo que começava a clarear com uma pálida luz verde e o úmido ar da noite lhes intumescia os dedos. Roran jogou água no rosto e logo se armou com o arco e a aljava, seu martelo, um escudo do Fisk e uma lança do Horst. Outros fizeram o mesmo, somando também as espadas que tinham conseguido nas escaramuças no Carvahall.

Correndo tanto como se atreviam pela pronunciada colina, os treze homens chegaram logo à estrada de Narda e, pouco depois, à porta principal da cidade. Para desânimo do Roran, os mesmos dois soldados que lhes tinham causado problemas na primeira vez mantinham guarda na entrada. Igual a ocasião anterior, os soldados cruzaram seus machados para cortar o passo.

- Desta vez são uns poucos mais - observou o homem de cabelo branco. - E

além disso, não são os mesmos. Salvo você. - concentrou-se em Roran. - Suponho que quererá me fazer acreditar que a lança e o escudo também são para fazer vasos.

- Não. Clovis nos contratou para proteger seus barcaças de qualquer ataque em sua viagem a Teirm.

- Vocês? Mercenários? - Os soldados puseram-se a rir. - Disse que eram comerciantes.

- Isto paga melhor.

O do cabelo branco ficou sério.

- Eu quis ser cavalheiro de fortuna em uma época. Passei muitas noites sem comer. Além disso, quantos são? Ontem sete e hoje doze, treze contando com você. Parece muita gente para uma expedição de lojistas. - Cerrou os olhos para escrutinar o rosto do Roran. - Você me parece familiar. Como se chama?

- Marteladas.

- Será que não se chama Roran?

Roran golpeou a lança para frente e acertou o pescoço do soldado de cabelo branco. Como de uma fonte, brotou o sangue escarlate. Soltou a lança, tirou o martelo e se deu a volta para bloquear com o escudo o golpe do machado do outro soldado. Riscou uma curva para cima com o martelo e lhe esmagou o elmo. Ficou entre os dois corpos com a respiração entrecortada. “Já matei a dez”. Orval e outros homens olharam para Roran, impressionados. Incapaz de sustentar seus olhares, Roran lhes deu as costas e assinalou com um gesto o canal de irrigação que passava por baixo do caminho.

- Escondam os corpos antes que alguém os veja - ordenou, brusco e severo. Enquanto se apressavam a obedecer, examinou o parapeito superior do muro, em busca de sentinelas. Por sorte, não se via ninguém ali nem na rua, ou do outro lado da entrada. Agachou-se, arrancou sua lança e limpou o fio em um broto de erva.

- Pronto - disse Mandel, saindo do canal de irrigação.

Apesar da sua barba, notava-se que o jovem estava pálido.

Roran assentiu e, fazendo provisão de forças, encarou o bando:

- Escutem. Iremos caminhando até os moles a passo rápido, mas razoável. Não vamos correr. Quando soar o alarme, e pode ser que agora mesmo alguém tenha ouvido a refrega, comportem-se como se estivessem surpresos e interessados, não assustados. Façam o que façam, não dêem razões a ninguém para suspeitar de nós. As vidas de nossos parentes e amigos dependem disso. Se nos atacarem, nosso único dever é conseguir que as barcaças zarpem. Nada mais importa. Está claro?

- Sim, Marteladas - responderam.

- Pois me sigam.

Enquanto caminhavam pela cidade, Roran se sentia tão tenso que temia quebrar-se e estalar em um milhar de peças. “No que me transformei?”, perguntava-se. Olhava os homens, mulheres, meninos e cães com a intenção de identificar qualquer inimigo potencial. A seu redor tudo parecia ter um brilho sobrenatural, cheio de detalhes, parecia como se pudesse distinguir cada fio da roupa das pessoas. Chegaram aos moles sem novidade, e Clovis lhe disse:

- Chegou logo, Marteladas, eu gosto disso. Assim podemos deixar tudo preparado e bem preparado antes de partir.

- Podemos ir agora? - perguntou Roran.

- Já deveria saber que não. Terá que esperar a que a maré termine de subir. - Clovis fez uma pausa, olhou os treze homens pela primeira vez e disse. - Por que? O

que aconteceu, Marteladas? Parece que todos acabem de ver o fantasma de Galbatorix.

- Não aconteceu nada que não se cure com algumas poucas horas de ar do mar - respondeu Roran.

Naquele estado não podia sorrir, mas sim permitiu que seus olhos adquirissem uma expressão mais agradável para tranqüilizar ao capitão.

Clovis chamou com um assobio aos dois marinheiros dos barcos. Ambos estavam bronzeados como avelãs.

- Este é Torson, meu primeiro oficial - disse Clovis, assinalando ao homem que ficava a sua direita. Torson levava no ombro uma tatuagem retorcida de um dragão voador. - Será o piloto da *Merrybell*. E esse cão negro é Flint. Ele levará a *Edeline*. Enquanto estiverem a bordo, sua palavra é lei, como o é a minha no *Javali Vermelho*. Responderão a ele e a mim, não a Marteladas. Bom, se entenderam, podem dizer que sim.

- Sim, sim - responderam os homens.

- Bom, quais são os ajudantes e quais os guardas? Por minha vida que não vejo restrição.

Ignorando o aviso de Clovis de que era ele quem mandava e não Roran, os aldeãos olharam para este para se assegurar que deviam obedecer. Ele mostrou sua aprovação assentindo e o grupo se dividiu em dois, que Clovis procedeu a repartir em grupos menores à medida que ia atribuindo uns quantos aldeões a cada barca. Durante a meia hora seguinte, Roran trabalhou com os marinheiros para terminar de preparar o *Javali Vermelho* para zarpar, com os ouvidos atentos a qualquer sinal de alarme. “Se continuarmos aqui, vão nos capturar ou nos matar”, pensou enquanto controlava o nível de enchente da água nos moles. O suor secou na sua fronte.

Roran levou um susto quando Clovis lhe agarrou pelo antebraço. Incapaz de se deter, tirou o martelo até a metade do cinto. O ar espesso lhe tampou a garganta.

Clovis arqueou uma sobrancelha ao ver sua reação.

- Estive lhe olhando, Marteladas, gostaria de saber como ganhou a lealdade de todos esses homens. Trabalhei com tantos capitães que já não saberia contá-los, e nenhum deles obtinha este nível de obediência sem abrir sequer a boca. Roran não pôde evitar: pôs-se a rir.

- Direi como consegui: salvei-os da escravidão e evitei que fossem comessem. Clovis arqueou tanto as sobrancelhas que quase chegavam às entradas do cabelo.

- Ah, sim? Eu gostaria de ouvir essa história.

- Não, você não gostaria.

Ao cabo de um momento, Clovis concedeu:

- Não, possivelmente eu não gostaria. - Olhou por cima da amurada. - Vamos, que me crucifiquem. Acredito que podemos zarpar. E aí está minha pequena Galina, pontual como sempre.

O corpulento homem saiu à prancha e, por cima dela, passou ao mole, onde abraçou uma garota de cabelo escuro, de uns treze anos, e uma mulher que Roran supôs seria a mãe. Clovis agitou o cabelo da moça e disse:

- Bom, comporte-se bem enquanto estou fora, está bem, Galina?

- Sim, pai.

Enquanto via Clovis despedir-se de sua família, Roran pensou nos dois soldados da entrada. “Também deviam ter família. Esposa e filhos que os amavam e um lar para retornar a cada dia”. Notou o sabor da bílis e teve que obrigar a sua mente a retornar ao mole para não se enjoar.

Nas barcaças, os homens pareciam ansiosos. Temeroso de que pudessem perder o controle, Roran passeou ostentosamente pela coberta, estirou os músculos e fez o que pôde para parecer relaxado. Ao fim, Clovis saltou ao *Javali Vermelho* e exclamou:

- Empurrem, companheiros! O mar profundo nos espera.

Em seguida retiraram as pranchas, soltaram as amarras e içaram as velas nas três barcaças. No ar vibravam os gritos de ordens e os cantos de ânimo com que os marinheiros dirigiam as barcas.

Depois deles, Galina e sua mãe ficaram olhando enquanto as barcaças se afastavam, quietas e em silêncio, solenes e cobertas com seus capuzes.

- Estamos com sorte, Marteladas - disse Clovis, enquanto lhe dava uma palmada em um ombro. - Hoje teremos um pouco de vento. Talvez não tenhamos que remar para chegar à baía antes que a maré mudou, né?

Quando o *Javali Vermelho* estava no meio da baía de Narda e faltavam ainda dez minutos para alcançar a liberdade do mar aberto, ocorreu o que Roran temia: o som dos sinos flutuou sobre a água e entre os edifícios de pedra.

- O que é isso? - perguntou.

- Não estou seguro - disse Clovis. Franziu o cenho enquanto olhava para a cidade, com as mãos nos quadris. - Poderia ser um incêndio, mas não há fumaça no ar. Talvez tenham descoberto urgals na área... - A preocupação apareceu em seu rosto. - Não terão visto ninguém por acaso esta manhã no caminho?

Roran negou com a cabeça, pois não confiava em sua voz.

Flint se aproximou e gritou da cobertura da *Edeline:*

- Temos que voltar, senhor?

Roran se aferrou à amurada com tanta força que cravou umas lascas sob as unhas, estava preparado para intervir, mas não queria parecer muito ansioso. Clovis deixou de olhar para Narda e respondeu com um rugido:

- Não. Nos perderíamos a maré.

- Está bem, senhor. Mas daria o pagamento de um dia para saber o que provocou esse clamor.

- Eu também - murmurou Clovis.

Quando as casas e os edifícios da cidade começaram a se encolher atrás deles, Roran se agachou na popa da barca, rodeou os joelhos com os braços e apoiou as costas na cabine. Olhou para o céu, surpreso por sua profundidade, claridade e cor, e logo fixou a vista na tremente esteira do *Javali Vermelho,* em que flutuavam cintas de algas. O balanço da barca lhe provocava sono, como se fosse um berço. “Que dia bonito”, pensou, agradecendo por poder contemplá-lo.

Quando saíram da baía, Roran subiu aliviado as escadas do castelo de popa que ficava atrás das cabines, onde Clovis dirigia o leme com uma mão para manter o rumo. O capitão disse:

- Ah, há algo emocionante no primeiro dia de uma viagem, quando ainda não percebeu de quão má é a comida e do muito que tem saudades de sua casa. Consciente da necessidade de aprender quanto pudesse da barca, Roran perguntou a Clovis os nomes e as funções de diversos objetos que via a bordo. Isso lhe valeu um sermão entusiasta sobre o funcionamento das barcas, os navios e a arte de navegar em geral.

Duas horas depois, Clovis assinalou uma estreita península de terra que se estendia ante eles.

- A baía fica do outro lado.

Roran apareceu pela amurada e estirou o pescoço, ansioso por confirmar que os aldeãos estavam a salvo.

Quando o *Javali Vermelho* dobrou a ponta rochosa de terra, apareceu uma praia branca no vértice da baía, em que estavam reunidos os refugiados do vale do Palancar. A multidão aclamou e agitou os braços quando as barcas apareceram depois das rochas.

Roran relaxou.

A seu lado, Clovis pronunciou uma horrível maldição.

- Soube que acontecia algo no momento em que te pus a vista em cima, Marteladas. Eu mereço. Ora! Enganou-me como um estúpido, sim senhor.

- Julga-me mau - respondeu Roran. - Não menti. Eles são meu rebanho e eu seu pastor. Não posso dizer que são ganho se quiser?

- Chame-os como quiser, mas eu não aceitei levar gente ao Teirm. por que não me disse a verdade sobre a carga, pergunto-me? E a única resposta que aparece no horizonte é que, seja qual for a empresa em que anda metido, trará problemas... Problemas para você e problemas para mim. Deveria jogá-los pela amurada e voltar para Narda.

- Mas não o fará - respondeu Roran, com um tom letal.

-Ah, não? E por que?

- Porque necessito destas barcas, Clovis, e farei o que precisar para conservá-las. Qualquer coisa. Cumpra com nosso trato e terá uma viagem pacífica e voltará a ver Galina. Senão...

A ameaça soou pior do que era, Roran não tinha nenhuma intenção de matar Clovis embora, se fosse obrigado, estava disposto a abandoná-lo na costa. O rosto de Clovis se avermelhou, mas surpreendeu Roran ao responder com um grunhido:

- Está bem, Marteladas.

Satisfeito, Roran centrou a atenção na praia.

A suas costas soou um *snic*.

Por puro instinto, Roran se afastou, agachou-se, se virou e tampou a cabeça com o escudo. O braço vibrou quando uma faca se chocou contra o escudo. Baixou-o e olhou para um desanimado Clovis, que se retirava pela coberta. Roran meneou a cabeça, sem afastar o olhar de seu oponente.

- Não pode me vencer, Clovis. Volto a perguntar: cumprirá com sua parte do acordo? Senão, deixarei-o na costa, tomarei o comando de suas barcas e obrigarei seus tripulantes a trabalhar. Não quero lhes arruinar a vida, mas se me obrigar... Vêem. Se decidir nos ajudar, esta pode ser uma viagem normal, sem incidentes. Lembre-se que já lhe pagamos.

Levantando-se com grande dignidade, Clovis disse:

- Se aceitar, espero que tenha a cortesia de me explicar por que era necessário mentir, o que faz esta gente aqui e de onde vêm. Por muito ouro que me ofereça, não posso cumprir uma promessa que contradiga meus princípios. E não o farei. São bandidos? Ou servos do rei maldito?

- Saber disso pode colocá-lo em uma situação ainda mais perigosa.

- Insisto.

- Já ouviu falar do Carvahall, no vale do Palancar? - perguntou Roran.

- Uma ou duas vezes. - Clovis agitou uma mão. - O que tem a ver com isso?

- Está vendo na praia. Os soldados de Galbatorix nos atacaram sem provocação prévia. Nós nos defendemos e, quando nossa posição se tornou insustentável, cruzamos as Vertebradas e seguimos a costa até Narda. Galbatorix prometeu que todos os homens, mulheres e crianças do Carvahall serão assassinados ou escravizados. Nossa única esperança de salvação está em chegar a Surda. Roran evitou mencionar os ra'zac, não queria assustar muito a Clovis. O acostumado marinheiro se tornou cinza.

- Ainda lhes perseguem?

- Sim, mas o Império ainda não nos descobriu.

- E o alarme soou por sua causa?

Com muita suavidade, Roran disse:

- Matei dois soldados que me reconheceram. - A revelação assustou Clovis, abriu muito os olhos, deu um passo atrás e os músculos de seus antebraços se avultaram ao apertar os punhos. - Escolhe, Clovis. A costa está cada vez mais perto. Soube que tinha ganho quando o capitão baixou os ombros e a fanfarronice desapareceu de seu rosto.

- Ah, assim te leve uma praga, Marteladas. Não sou amigo do rei, levarei-lhes a Teirm. Mas depois não quero mais saber de vocês.

- Me dá sua palavra de que não tentará escapar de noite, ou alguma armadilha parecida?

- Sim, tem minha palavra,

A areia e as pedras rasgaram o fundo do casco do *Javali Vermelho* quando a barca encarou a praia, flanqueada por suas duas companheiras. O implacável e rítmico empurrão da água ao lançar-se contra a terra soava como a respiração de um monstro gigantesco. Assim que arriaram as velas e baixaram as pranchas, Torson e Flint passaram ao *Javali Vermelho,*

aproximaram-se de Clovis e quiseram saber o que estava acontecendo.

- Houve uma mudança de planos - disse Clovis.

Roran deixou que explicasse a situação - ocultando as verdadeiras razões pelas quais aquela gente tinha abandonado o vale do Palancar, - saltou à areia e ficou procurando por Horst entre o grupo de gente apertada. Quando viu o ferreiro, aproximou-se dele e lhe contou as mortes de Narda.

- Se descobrirem que saí com Clovis, poderiam enviar soldados a cavalo em atrás de nós. Temos que colocar às pessoas nas barcas o mais rápido possível. Horst o olhou nos olhos durante um longo momento.

- Você se tornou um homem duro, Roran. Mais duro do que eu serei jamais.

- Não tinha outro remédio.

- Mas não esqueça quem é.

Roran passou as três horas seguintes carregando e trocando de lugar os pertences dos aldeões no *Javali Vermelho* até que se mostrou satisfeito. Teve que prender os fardos para que não se deslocassem inesperadamente e ferissem alguém, além de distribuí-los de tal modo que a barca navegasse plaina, coisa que não era fácil porque todos os volumes eram distintos em tamanho e densidade. Logo carregaram os animais contra sua vontade e os imobilizaram com cordas presas em argolas de ferro da adega.

Os últimos a embarcar foram as pessoas, que, como o resto da carga, tiveram que dispor-se simetricamente dentro das barcas para evitar que tombassem. Clovis, Torson e Flint terminaram plantados nas proas de suas barcas, gritando ordens à

massa de aldeões que se instalava na parte baixa.

“E agora o que está acontecendo?”, pensou Roran ao ouvir que se iniciava uma disputa na praia. Caminhou até a origem do ruído e viu Calitha ajoelhada junto a seu padrasto, Wayland, tentando acalmá-lo.

- Não! Não vou subir nessa besta. Não podem me obrigar! - exclamava Wayland. Agitava os murchos braços e esperneava com a intenção de livrar do abraço de Calitha. Jogava saliva pela boca. - Me solte! Me solte!

Esquivando-se dos golpes, Calitha disse:

- Desde que acampamos ontem à noite, perdeu a razão.

“Teria sido melhor para todos que tivesse morrido nas Vertebradas, com todos os problemas que nos causou”, pensou Roran. Uniu-se a Calitha, e os dois trataram de acalmar Wayland

para que deixasse de gritar e golpear. Como prêmio por seu bom comportamento, Calitha lhe deu um pedaço de carne-seca, que ocupou sua atenção por completo. Enquanto Wayland se concentrava em mordiscar a carne, ela e Roran conseguiram levá-lo a *Edeline* e instalá-lo em um canto solitário onde não incomodasse ninguém.

- Movam os pés, lerdos - gritou Clovis. - A maré está a ponto de mudar. Vamos, vamos.

Depois de uma última revoada de atividade, retiraram as pranchas e um grupo de vinte homens ficou na praia diante de cada barca. Os três grupos se reuniram em torno das proas e se prepararam para empurrar as embarcações para a água. Roran liderou o esforço no *Javali Vermelho.* Empurrando todos de uma vez, ele e seus homens empurraram o peso da enorme barcaça, enquanto a areia cinza cedia sob seus pés, a madeira e os cabos rangiam, e o aroma de suor impregnava o ar. Durante um momento, seus esforços pareceram vãos, mas logo o *Javali Vermelho* deu uma sacudida e avançou um palmo para trás.

- Outra vez! - gritou Roran.

Palmo a palmo avançaram de volta ao mar, até que a gélida água lhes chegou à cintura. Uma onda rompeu por cima do Roran e lhe encheu a boca, cuspiu com vigor, aborrecido pelo sabor do sal, era mais intenso do que esperava. Quando a barcaça se liberou do leito de areia, Roran flutuou junto ao *Javali Vermelho* e escalou por uma das cordas atadas à amurada. Enquanto isso, os marinheiros tiraram largas varas e as usaram para empurrar a embarcação para águas mais profundas, o mesmo faziam as tripulações da *Merrybell* e da *Edeline.* Assim que estiveram a uma distância razoável da costa, Clovis ordenou que guardassem as varas e tirassem os remos, com os quais os marinheiros apontaram a proa do *Javali Vermelho* para a entrada da baía. Içaram a vela, alinharam-na para que captasse o vento e, o trio de barcaças, se enfiasse a caminho do Teirm pela incerta extensão de um mar interminável.

O princípio da sabedoria

Os dias que Eragon passava na Ellesméra se fundiam sem distinção, parecia que o tempo não afetava à cidade dos pinheiros. A estação não avançava, nem sequer à medida que as tardes foram se alargando, riscando ricas sombras no bosque. Flores de todas as estações cresciam sob o impulso da magia dos elfos, nutridas pelos feitiços que percorriam o ar.

Eragon chegou a amar Ellesméra por sua beleza e sua calma, pelos elegantes edifícios que cresciam nas árvores, as encantadoras canções que ressonavam no crepúsculo, as obras de arte escondidas entre as misteriosas moradias e a introspecção dos próprios elfos, mesclada com seus estalos de alegria.

Os animais selvagens do Du Weldenvarden não temiam os caçadores. Freqüentemente Eragon olhava dos seus aposentos e via um elfo acariciar um cervo ou uma raposa cinza, ou murmurar a um urso tímido que rondava a borda de uma clareira, reticente a expor-se. Alguns animais não tinham forma reconhecível. Apareciam à noite, movendo-se e grunhindo na vegetação, e fugiam se Eragon se atrevia a aproximar-se. Uma vez viu uma criatura parecida com uma

serpente peluda, e outra vez viu uma mulher com roupa branca cujo corpo tremeu e desapareceu para revelar em seu lugar a uma loba sorridente.

Eragon e Saphira seguiam explorando Ellesméra quando tinham chance. Foram sozinhos ou com Orik, porque Arya já não os acompanhava, Eragon nem tinha conseguido falar com ela desde que quebrara seu fairth. Ele a via de vez em quando, perambulando entre as árvores, mas cada vez que se aproximava com a intenção de lhe pedir perdão, ela se retirava e o deixava sozinho entre os velhos pinheiros. Ao fim Eragon se deu conta de que tinha que tomar a iniciativa se queria ter uma oportunidade de consertar sua relação com ela. Assim em uma noite recolheu um ramo de flor do caminho, junto a uma árvore, e caminhou até o salão de Tialdarí, onde perguntou a um elfo da sala comum onde ficavam os aposentos dela.

A porta de tela estava aberta quando chegou a seu quarto. Ninguém respondeu quando chamou. Entrou, escutando se por acaso se aproximava algum passo enquanto olhava o redor pela espaçosa sala, que dava a uma pequena habitação de um lado e um estúdio do outro. Dois fairths decoravam as paredes: um retrato de um elfo severo e orgulhoso com o cabelo prateado, que Eragon supôs seria o rei Evandar, e outro de um elfo jovem a quem não reconheceu.

Eragon passeou pelo apartamento, olhando, mas sem tocar em nada, saboreando aquela espionagem da vida de Arya, descobrindo quanto pôde sobre seus interesses e afeições. Junto a sua cama viu uma esfera de cristal que conservava em seu interior uma glória negra, no escritório, fileiras ordenadas de pergaminhos com títulos como *Osilon: Relatório de Colheitas* e *Notas de Atividade da Torre Vigia do Gil'ead,* no batente de uma janela saliente, três árvores em miniatura tinham crescido com forma de glifos do idioma antigo que significavam respectivamente “paz”, “força” e

“sabedoria”, e junto às árvores havia um fragmento de papel com um poema inacabado, cheio de palavras riscadas e sinais rabiscados. Dizia:

Sob a lua, a branca lua brilhante,

Há uma balsa, uma balsa Lisa de prata,

Entre espinhos e sarçais

E pinheiros de coração negro.

Cai uma pedra, uma pedra viva,

Quebra a lua, a branca lua brilhante,

Entre espinhos e sarçais

E pinheiros de coração negro.

Lascas de luz, espadas de luz,

Frisam a balsa,

A água em calma, a quieta lacuna,

O lago solitário.

Na noite, a noite escura e pesada,

agitam-se as sombras, as sombras confusas,

Onde antigamente...

Eragon se aproximou da mesa que havia na entrada, deixou nela seu buquê

de flores e se virou para sair. Ficou paralisado ao ver Arya na soleira. Ela pareceu surpreender-se com sua presença, mas logo dissimulou suas emoções depois de uma expressão impassível.

Olharam-se em silêncio.

Elevou o ramo, meio oferecendo-lhe.

- Não sei fazer um ramo para você como o que fez Fáolin, mas são flores de verdade, são só flores que pude encontrar.

- Não posso aceitá-las, Eragon.

- Não é... Não é esse tipo de presente. - Fez uma pausa. - Não é uma desculpa, mas não imaginei que meu fairth a colocaria em uma situação tão difícil. Lamento e peço que me perdoe... Só pretendia fazer um fairth, não causar problemas. Entendo a importância de meus estudos, Arya, e não tem que temer que os abandone para pensar em você. - desequilibrou-se e se apoiou na parede, muito enjoado para permanecer de pé sem apoio. - Isso é tudo.

Ela o olhou um longo momento e logo alargou um braço para agarrar o ramo e o aproximou do nariz. Seus olhos nunca abandonaram os de Eragon.

- São flores de verdade - concedeu. Desviou o olhar para seus pés e os subiu de novo. - Esteve doente?

- Não. As costas.

- Eu ouvi, mas não acreditava...

Eragon se separou da parede com um empurrão.

- Preciso ir.

- Espere.

Arya hesitou e logo o acompanhou para a janela saliente, onde Eragon tomou assento no banco forrado que se curvava junto à parede. Arya tirou duas taças de um armário, lançou nelas folhas secas de urtiga, encheu-as de água e esquentou a água para fazer uma infusão dizendo: “cozinhe!”.

Passou uma taça a Eragon, que a sustentou com as duas mãos para absorver o calor. Olhou pela janela para o chão, a uns seis metros, onde os elfos passeavam entre os jardins reais, falando e cantando, e os vaga-lumes flutuavam na escuridão.

- Oxalá... - disse Eragon. - Oxalá isto fosse sempre assim. É tão perfeito e tranqüilo...

Arya removeu sua infusão.

- Como vai Saphira?

- Como sempre. E você?

- Estou me preparando para voltar para os varden.

O alarme percorreu Eragon.

- Quando?

- Depois da Celebração do Juramento de Sangue. Estou aqui a muito tempo, mas odiaria ir e Islanzadí desejava que eu ficasse. Além disso... Nunca assisti a uma Celebração do Juramento de Sangue, e é nosso rito mais importante. - Contemplou-o por cima do bordo da taça. - Não há nada que Oromis possa fazer por você?

Eragon forçou um débil encolhimento de ombros.

- Tentou tudo o que sabe.

Tomaram a infusão e olharam os grupos e casais que perambulavam pelos caminhos do jardim.

- Mas seus estudos vão bem?

- Sim. - No silêncio que se seguiu, Eragon agarrou a parte de papel que havia entre as arvorezinhas e examinou as estrofes como se as lesse pela primeira vez. - Gosta de escrever poesia?

Arya estendeu a mão para o papel e, quando Eragon o deu, enrolou-o para dentro de tal modo que não se vissem as palavras.

- É costume que todos os que assistem à Celebração do Juramento de Sangue levem um poema, uma canção ou alguma obra de arte que tenham feito eles mesmos e a compartilhem com os reunidos. Acabo de começar a trabalhar na minha.

- Parece-me bastante boa.

- Se tivesse lido muita poesia...

- Tenho lido.

Arya se deteve, logo abaixou a cabeça e disse:

- Perdoe-me. Não é a mesma pessoa a quem conheci no Gil'ead.

- Não. Eu... - Eragon se calou e retorceu a taça entre as mãos enquanto procurava as palavras exatas. - Arya, logo você vai embora. Para mim seria uma pena que não voltássemos a nos ver até então. Não podemos nos ver de vez em quando como antes, para que nos mostre algo mais da Ellesméra a Saphira e a mim?

- Não seria inteligente - disse ela, com voz amável mas firme. Ele a olhou.

- É necessário que o preço de minha indiscrição seja nossa amizade? Não posso evitar meus sentimentos por você, mas preferiria sofrer outra ferida da Durza antes de permitir que minha estupidez destruísse o companheirismo entre nós. Eu o valorizo muito.

Arya elevou a taça e terminou sua infusão antes de responder:

- Nossa amizade sobreviverá, Eragon. Quanto a que passemos juntos mais tempo... - Curvou os lábios em um pequeno sorriso. - Talvez. De qualquer maneira, temos que esperar e ver o que nos traz o futuro, porque estou ocupada e não posso prometer nada.

Eragon sabia que suas palavras eram o mais próximo a uma reconciliação que podia receber, e as agradeceu.

- É claro, Arya Svit-kona - disse, abaixando a cabeça.

Trocaram algumas amabilidades mais, mas estava claro que Arya tinha chegado até onde estava disposta a chegar naquele dia, de modo que Eragon voltou para Saphira, com um pouco de esperança recuperada pelo que tinha obtido. “Agora está em mãos do destino decidir como isso acaba”, pensou enquanto se instalava ante o último pergaminho de Oromis.

Eragon agarrou uma bolsa que levava no cinto, tirou dela uma caixa de esteatita cheia de nalgask - uma mescla de cera de abelha e azeite de avelã - e lubrificou com ela os lábios para protegê-los do frio vento que lhe açoitava o rosto. Fechou a bolsa e logo rodeou com seus braços o pescoço de Saphira e afundou a cara no oco de seu cotovelo para reduzir o brilho de nuvens da cor do pêssego que tinham por baixo. O incansável bater de asas de Saphira

dominava seus ouvidos, mais agudo e rápido que o de Glaedr, a quem seguiam.

Voaram em direção ao sudoeste do amanhecer até primeira hora da tarde, detendo-se freqüentemente para praticar combates entre Glaedr e Saphira, durante os quais Eragon tinha que prender os braços à sela para não cair com as acrobacias. Depois se soltava tirando os laços corrediços com os dentes. A viagem terminou em um grupo de quatro montanhas que se elevavam sobre o bosque, as primeiras que Eragon via no Du Weldenvarden. Coroadas de branco e varridas pelo vento, rasgavam o véu das nuvens e mostravam suas frentes gretadas ao sol, que a essa altura proporcionava calor.

Que pequenas parecem, comparadas com as Beor - disse Saphira. Tal como tinha adotado por costume depois de semanas de meditação, Eragon estendeu sua mente em todas as direções, entrando em contato com todas as consciências ao redor em busca de alguém que pretendesse lhe fazer algum mal. Recebeu uma marmota quente em sua toca, corvos, alguns roedores, falcões, numerosos esquilos que corriam entre as árvores e, mais abaixo, serpentes que viviam entre as rochas e se arrastavam entre a vegetação em busca dos ratos que conformavam sua presa natural, assim como hordas de insetos. Quando Glaedr desceu ao pico descascado da primeira montanha, Saphira teve que esperar que fechasse suas gigantescas asas para ter espaço suficiente para aterrissar. O talud de rochas em que tinham aterrissado era de um amarelo brilhante porque o cobria uma capa de líquen duro e rugoso. por cima deles se elevava um escarpado negro. Servia de contraforte e de base para uma ***cornija*** de gelo azul que gemia e se quebrava sob a força do vento, soltando fragmentos recortados que se faziam em pedacinhos no granito do chão.

Este pico é conhecido como Fionula -disse Glaedr. - *E seus irmãos são Ethrundr, Merogoven e Griminsmal. Cada um tem sua história, que lhes contarei no vôo de volta. Mas no momento me centrarei no propósito desta viagem, ou seja, na natureza do vínculo forjado entre dragões e elfos e, mais adiante, humanos. Os dois conhecem algo disso, e eu insinuei suas implicações a Saphira, mas chegou o momento de aprenderem o significado solene e profundo de sua associação, para que possam mantê-la quando Oromis e eu já não estivermos com vocês. Professor...* -perguntou Eragon, envolvendo-se na capa para permanecer quente.

Sim, Eragon.

Por que Oromis não está conosco?

Porque -troou Glaedr - *é meu dever, como foi para o dragão de mais idade durante os séculos passados, me assegurar de que as novas gerações de Cavaleiros entendem a verdadeira importância do estado ao que acessaram. E porque Oromis não está tão bem como aparenta.*

As pedras rangeram com apagados sons quando Glaedr se abaixou, ajeitando-se na pedreira e apoiando sua majestosa cabeça no chão, paralela a Eragon e Saphira. Examinou-os com um olho dourado, grande e polido como um escudo redondo e o dobro de brilhante. Uma baforada

de fumaça cinza apareceu por seus narizes e se desfez no vento.

Algumas partes do que vou lhes contar eram de domínio público entre elfos, Cavaleiros e humanos cultos, mas outras só conheciam o líder dos Cavaleiros, um punhado de elfos, os mais potentados entre os homens e, é obvio, os dragões.

"Agora, me escutem, criaturas. Quando se fez a paz entre dragões e elfos, ao terminar nossa guerra, criaram-se os Cavaleiros para garantir que nunca mais acontecesse um conflito semelhante entre nossas raças. Tarmunora, a rainha dos elfos, e o dragão escolhido para nos representar, cujo nome -aqui fez uma pausa e transmitiu a Eragon uma série de impressões: dente grandes, dente brancos, dente trincados, batalhas vencidas, batalhas perdidas, incontáveis Shrrg e Nagra devorados, vinte e sete ovos engendrados e dezenove criaturas crescidas até a maturidade - *não pode expressar-se em nenhuma linguagem, decidiram que não bastaria com um tratado normal. Assinar papéis não significa nada para um dragão. Somos de sangue abundante e quente, e à medida que passasse o tempo era inevitável que voltássemos a enfrentar os elfos, igual a tínhamos feito com os anões durante milênios. Entretanto, ao contrário dos anões, nem nós nem os elfos podíamos permitir outra guerra. Ambas as raças eram muito perigosas e teríamos nos destruído mutuamente. A única maneira de evitá-lo e de forjar um acordo significativo era vincular às duas raças por meio da magia".*

Eragon estremeceu e, com um toque de diversão, Glaedr disse: *Saphira, seja gentil e esquente uma destas pedras com fogo de seu ventre para que seu Cavaleiro não congele.*

Então Saphira arqueou o pescoço, e entre seus fauces serradas emergiu uma língua de chamas azuis que lançou contra a pedra e enegreceu o líquen, que soltou um aroma amargo ao queimar-se. O ar se aqueceu tanto que Eragon teve que se virar. Percebeu que todos os insetos que havia debaixo das pedras se chamuscavam no inferno.

Obrigado -disse Eragon a Saphira. Se agachou junto às pedras calcinadas e esquentou nelas as mãos.

Saphira, lembre-se que tem que usar a língua para dirigir a corrente - a

orientou Glaedr. - *Bom... Criar o feitiço necessário levou nove anos aos magos élficos mais sábios. Quando o deixaram preparado, reuniram-se com os dragões na Ilirea. Os elfos contribuíram com a estrutura do encantamento, os dragões, com a força, e juntos fundiram as almas de elfos e dragões.*

"A união nos mudou. Os dragões ganharam o uso da linguagem e outras ferramentas da civilização, enquanto os elfos obtiveram nossa longevidade, pois até

então sua vida era tão curta como a dos humanos. Ao fim, os elfos se viram mais afetados. Nossa magia, a magia dos dragões, que impregna cada fibra de nosso ser, transmitiu-se aos elfos e, com o tempo, outorgou-lhes sua tão famosa força e elegância. Os humanos nunca receberam uma influência tão forte, pois foram acrescentados ao feitiço quando este já

estava pronto e não operou em vocês tanto tempo como nos elfos. Até que agora - e aqui os olhos de Glaedr refulgiram - *sua raça já é mais delicada que os brutos bárbaros que aterrissaram pela primeira vez na Alagaésia, embora depois da Queda começaram a retroceder".*

-Os anões formaram parte do feitiço? - perguntou Eragon. *Não, e por isso nunca houve um Cavaleiro anão. Não gostam dos dragões, e repeliram a idéia de se unirem a nós. Talvez seja uma fortuna que não entrassem no pacto, porque evitaram a decadência dos humanos e dos elfos. Decadência, Professor?* -quis saber Saphira, em um tom que Eragon teria jurado que parecia coquete.

Sim, decadência. Se uma de nossas três raças sofre, também o fazem as outras duas. Ao matar os dragões, Galbatorix feriu a sua própria raça, além dos elfos. Vocês não perceberam porque são novos em Ellesméra, mas os elfos estão em plena decadência, seu poder já não é o que era. E os humanos perderam grande parte de sua cultura e o caos e a corrupção os consumaram . Só se restaurarmos o equilíbrio entre nossas três raças o mundo recuperará a ordem.

O velho dragão arranhou a pedreira com os talões, convertendo em cascalho as pedras para estar mais confortável.

Escondido no feitiço que a rainha Tarmunora criou estava o mecanismo que permite que um dragão se apegue muito a seu Cavaleiro. Quando um dragão decide entregar um ovo aos Cavaleiros, pronunciam-se certas palavras em cima do ovo, palavras que lhes ensinarei mais adiante e que impedem que a cria de dragão cresça até que entre em contato com a pessoa escolhida para estabelecer o vínculo. Como os dragões podem seguir indefinidamente no ovo, o tempo não importa e a criatura não sofre nenhum dano. Você mesma é um exemplo disso, Saphira.

"O vínculo que se estabelece entre Cavaleiro e dragão só é uma versão reforçada do mesmo vínculo existente entre nossas raças. O humano, ou o elfo, torna- se mais forte e formoso, enquanto que alguns dos traços mais ferozes do dragão ficam moderados por um comportamento mais razoável... Vejo que está mordendo a língua, Eragon... O que acontece?"

- Só que... - Eragon hesitou. - Custa-me um pouco imaginar que Saphira ou você pudessem ser mais ferozes. Tampouco - acrescentou, ansioso - é que me pareça ruim.

A terra se agitou como se estivesse havendo uma avalanche quando Glaedr soltou uma gargalhada e escondeu seu grande olho observador sob a pálpebra para mostrá-lo logo em seguida.

Se tivesse conhecido algum dragão não afetado pelo vínculo, não diria isso. Um dragão solitário não responde a nada nem a ninguém, toma o que gosta e não tem um só pensamento bondoso para nada que não seja sua família e sua raça. Os dragões selvagens

eram ferozes e orgulhosos, inclusive... As fêmeas eram tão formidáveis que entre os dragões dos Cavaleiros se considerava uma grande conquista acasalar-se com elas.

"Se a união de Galbatorix com Shruikan, seu segundo dragão, é tão perversa, é precisamente pela carência de vínculo. Shruikan não escolheu Galbatorix como companheiro, puseram-no a serviço da loucura de Galbatorix com certas magias negras. Galbatorix criou uma imitação depravada da relação que vocês têm, Eragon e Saphira, algo que perdeu quando os urgals mataram a seu dragão original". Glaedr fez uma pausa e os olhou para os dois. Só movia o olho. *O que lhes une supera a simples conexão entre suas mentes. Suas próprias almas, suas identidades, ou como quiserem chamá-lo, fundiram-se em um nível primário.* -O olho se centrou em Eragon. - *Acha que a alma de uma pessoa está*

separada do corpo?

- Não sei - disse Eragon. - Saphira me tirou uma vez de meu corpo e me deixou ver o mundo com seus olhos... Parecia que já não estivesse conectado com meu corpo. E se podem existir os espectros que conjuram as bruxas, talvez nossa consciência também seja independente da carne.

Glaedr avançou a garra dianteira, bicuda como uma agulha, e apartou uma pedra para expor um rato assustado em seu ninho. O tragou com um estalo de sua língua vermelha, Eragon fez uma careta de dor ao notar que a vida do animal se extinguia.

Quando se destrói a carne, também se destrói a alma -disse Glaedr.

- Mas um animal não é uma pessoa - objetou Eragon.

Depois de suas meditações, acha realmente que qualquer de nós é muito distinto de um rato? Acha que nos concede uma qualidade milagrosa da que não desfrutam as demais criaturas e que de algum modo conserva nosso ser depois da morte ?

- Não - murmurou Eragon.

Já me parecia. Como estamos tão unidos, quando um dragão ou seu Cavaleiro recebem uma ferida, têm que endurecer seus corações e cortar a conexão que os vincula para proteger-se mutuamente de um sofrimento desnecessário, ou inclusive da loucura. E como a alma não pode ser arrancada da carne, devem resistir a tentação de tentar acolher a alma de seu companheiro em seu corpo e lhe dar ali refugio, pois isso provocaria a morte de ambos. Inclusive se fosse possível, seria uma aberração ter mais de uma consciência em um mesmo corpo.

- Que terrível - disse Eragon - morrer sozinho, separado inclusive de quem te é

mais próximo.

Todo mundo morre sozinho, Eragon. Seja um rei em seu campo de batalha ou um humilde

camponês rodeado por sua família na cama, ninguém te acompanha ao vazio... Agora praticarão como separar suas consciências. Comecem por... Eragon ficou olhando a bandeja do jantar que lhe tinham deixado na sala de espera da casa da árvore. Repassou seu conteúdo: pão com manteiga de avelãs, amoras, feijões, uma terrina de verduras tenras, dois ovos duros - que, de acordo com as crenças dos elfos, tinham sido infertilizados - e uma jarra de água fresca tampada. Sabia que tinham preparado cada prato com a máxima atenção, que os elfos aplicavam a suas comidas todo seu saber culinário e que nem sequer a rainha Islanzadí comia melhor que ele.

Não suportava a visão daquela bandeja.

Quero carne -grunhiu, entrando em grandes passadas na habitação. Saphira o olhou de seu canto. - *Estaria disposto a aceitar um peixe, ou um ave, algo além desse rio interminável de verduras. Não me enchem o estômago. Não sou um cavalo, por que tenho que me alimentar como se fosse?*

Saphira estirou as pernas, caminhou até a borda do buraco com forma de lágrima de onde se via Ellesméra E disse:

-Eu também faz dias que preciso comer. Quer me acompanhar? Pode cozinhar quanta carne quiser sem que os elfos saibam.

Eu adoraria -disse Eragon, animando-se. - *Preparo a cela?*

Não vamos tão longe.

Eragon foi procurar sua provisão de sal, ervas e outros condimentos e logo, com cuidado para não se cansar, subiu pelo oco que ficava entre as puas das costas de Saphira.

A dragona voou de um salto, deixou que uma corrente de ar os elevasse sobre a cidade e logo deslizou fora da corrente riscando um vôo lateral e para baixo para seguir um riacho que serpenteava pelo Du Weldenvarden até uma lacuna que ficava uns poucos quilômetros mais à frente. Aterrissou e se agachou muito para que Eragon pudesse desmontar com mais facilidade.

Há coelhos entre a erva, perto da água -disse-lhe. - *Veja se pode apanhá-los. Enquanto isso, eu vou caçar um cervo.*

O que? Não quer compartilhar sua presa?

Não, não quero -respondeu ela, mal-humorada. - *Mas o farei se esses ratos aumentados lhe escaparem.*

Eragon sorriu ao vê-la voar e logo encarou os emaranhados de erva que rodeavam a lacuna e se dispôs para pegar o jantar.

Em menos de um minuto, Eragon conseguiu uma braçada de coelhos mortos de uma toca. Apenas havia perdido um instante para localizar os coelhos com a mente e matá-los com uma das doze palavras destinadas à morte. O que tinha aprendido com Oromis tirava da caça todo o estímulo e o desafio. “Nem sequer tive que espreitá-los”, pensou, recordando os anos que tinha passado afinando suas habilidades para seguir uma pista. Fez uma careta de amarga surpresa. “Ao fim posso jogar ao embornal qualquer peça que queira, e para mim não tem sentido. Ao menos quando *caçava* com Brown usando um calhau, era um desafio, mas isto... Isto é uma matança”. Então lembrou-se da advertência de Rhunón, a fazedora de espadas: “Quando te bastar pronunciar umas poucas palavras para obter o que quer, não importa o objetivo, apenas o caminho que te leva a ele”.

Com destros movimentos tirou sua velha faca de caça, esfolou os coelhos e limpou as tripas e logo - depois de separar os corações, pulmões, rins e fígados - enterrou as vísceras para que seu aroma não atraísse os carniceiros. Depois cavou um fossa, encheu-a de lenha e acendeu uma pequena fogueira por meio da magia, pois não tinha pensado em levar sua pederneira. Ocupou-se do fogo até que conseguiu um bom leito de brasas. Cortou uma vara, arrancou a casca e pulverizou a madeira sobre as brasas para queimar a seiva amarga, logo prendeu as carcaças na vara e as suspendeu entre dois ramos bifurcados que tinha fixado no chão. Para os órgãos pôs uma pedra Lisa sobre uma parte das brasas e a engordurou para convertê-la em uma improvisada frigideira.

Saphira o encontrou agachado junto ao fogo, girando lentamente a vara para que a carne assasse regularmente por todos os lados. Aterrissou com um cervo pendurando entre suas mandíbulas e os restos de um segundo cervo apanhados entre as garras. Deitada de comprido na erva cheirosa, dedicou-se a devorar a suas presas e comeu o cervo inteiro, pele incluída. Os ossos rangiam entre seus dentes afiados, como ramos que se partissem em um temporal.

Quando os coelhos estavam preparados, Eragon os agitou no ar para esfriálos e logo ficou olhando a carne brilhante e dourada, cujo aroma lhe parecia quase insuportavelmente atrativo.

Ao abrir a boca para dar a primeira mordida, seus pensamentos transbordaram espontaneamente à meditação. Recordou suas excursões pelo interior das mentes dos pássaros, dos esquilos e dos ratos, quanta energia tinha sentido neles e com quanto vigor os tinha visto lutar pelo direito de existir ante o perigo. “E se esta vida é tudo o que têm...”

Saphira abandonou o banquete para contemplá-lo com preocupação. Depois de respirar fundo, Eragon apertou os punhos contra os joelhos com a intenção de se controlar e entender por que se sentia tão afetado. Tinha comido carne, peixe e aves toda a vida. adorava isso. E entretanto, agora lhe era fisicamente desagradável a mera idéia de comer aqueles coelhos. Olhou para Saphira. *Não posso fazer isso* - disse-lhe.

Todos os animais se comem entre si, é uma lei natural. Por que resiste à

ordem das coisas?

Refletiu a pergunta. Não condenava a quem desfrutava da carne, sabia que era o único meio de subsistência para muitos fazendeiros pobres. Mas ele já não podia fazê-lo, salvo se estivesse submetido à fome. Depois de ter estado na mente de um coelho e haver sentido o mesmo que o animal sentia..., comê-lo seria como comer a si mesmo.

Porque podemos ser melhores -respondeu a Saphira. - *Temos que ceder a nossos impulsos de ferir ou matar a qualquer um que nos incomode, de tomar o que queremos de quem é mais fraco e, em geral, de desprezar os sentimentos de outros?*

Somos imperfeitos por nascimento e devemos vigiar nossos defeitos para que não nos destruam. -Apontou os coelhos. - *Como disse Oromis, por que temos que causar um sofrimento desnecessário?*

Então, negaria todos os seus desejos?

Negaria os que fossem destrutivos.

Vai se manter firme nisso?

Sim.

Nesse caso -disse Saphira avançando para ele, - *isto será uma boa sobremesa.* -Em um abrir e fechar de olhos, tragou os coelhos e logo limpou com uma lambida a pedra que continha os órgãos, erodindo a terra com as puas de sua língua. - *Eu, pelo menos, não posso viver só das plantas, isso é comida para minhas presas, não para um dragão. Nego-me a sentir vergonha de como me mantenho. Cada um tem seu lugar no mundo. Até os coelhos sabem disso.*

Não quero que se sinta culpada -disse ele, enquanto lhe dava uma palmada em uma perna. - *É uma decisão pessoal. Não vou forçar ninguém a que escolha o mesmo que eu.*

Muito sábio de sua parte - disse ela, com um tom de sarcasmo.

O ovo quebrado e o ninho esparramado

- Concentre-se, Eragon - disse Oromis, embora não sem amabilidade. Eragon pestanejou e esfregou os olhos em um intento de concentrar-se nos glifos que decoravam o curvado papel de pergaminho que tinha na sua frente.

- Sinto muito, Professor.

A debilidade zombava dele como se levasse pesos de chumbo amarrados às pernas. Cerrou os olhos para olhar os glifos, curvados e bicudos, levantou a pluma de ganso e começou a copiá-los de novo.

Através da janela que ficava atrás do Oromis, o sol poente riscava linhas de sombra no saliente verde da cúpula dos penhascos do Tel'naeír. Mais à frente, nuvens brancas como

plumas cobriam o céu.

Quando uma linha de dor subiu pela perna de Eragon, este contraiu a mão, rompeu a ponta da pluma e pulverizou a tinta sobre o papel, danificando-o. Do outro lado, também Oromis levou um susto e agarrou o braço direito. *Saphira!* -gritou Eragon.

Tratou de conectar com sua mente e, para seu assombro, viu-se bloqueado por barreiras impenetráveis que ela mesma tinha erigido. Apenas a sentia. Era como se tentasse apanhar uma esfera de granito coberta de azeite. Ela deslizava para fora de seu alcance.

Olhou para Oromis.

- Aconteceu algo, não é verdade?

- Não sei. Glaedr está voltando, mas se nega a falar comigo. Depois de tirar da parede Naegling, sua espada, Oromis saiu a grandes passadas e se plantou na borda dos penhascos, com a cabeça elevada enquanto esperava que o dragão dourado aparecesse.

Eragon se uniu a ele, pensando em tudo aquilo - provável ou improvável - que pudesse haver ocorrido a Saphira. Os dois dragões se foram ao meio-dia, voando para o norte até um lugar chamado Pedra dos Ovos Quebrados, onde aninhavam os dragões selvagens nos tempos passados. Era uma viagem fácil. “Não podem ser os urgals, os elfos não os deixam entrar no Du Weldenvarden”, pensou.

Ao fim apareceu à vista Glaedr no alto, apenas uma mancha intermitente entre as nuvens escuras. Enquanto descia para a terra, Eragon viu uma ferida na parte de trás da pata direita dianteira do dragão, um talho nas escamas superpostas, largo como a mão de Eragon. O sangue escarlate percorria os espaços entre as escamas que rodeavam essa zona.

Assim que Glaedr tocou o chão, Oromis correu para ele, mas se deteve o ver que o dragão lhe rugia. Saltando sobre a perna ferida, Glaedr se arrastou para o limite do bosque, onde se deitou sob os ramos estirados, de costas para Eragon, e se dispôs a lamber a ferida para limpá-la.

Oromis se aproximou e se ajoelhou entre os trevos junto a Glaedr, mantendo a distância com uma tranqüila paciência. Era óbvio que estava disposto a esperar tanto quanto fosse necessário. Eragon foi se agitando à medida que os minutos passaram. Ao fim, com alguma sinal tácito, Glaedr permitiu que Oromis se aproximasse e lhe inspecionasse a perna. A magia fluiu do gedwéy ignasia do Oromis quando este apoiou a mão na ferida das escamas de Glaedr.

- Como vai? - perguntou Eragon quando Oromis se afastou.

- Parece uma ferida terrível, mas para alguém tão grande como Glaedr não é

mais que um arranhão.

- E o que aconteceu com Saphira? Continuo sem poder entrar em contato com ela.

- Deve ir procurá-la - respondeu Oromis. - Sofreu várias feridas. Glaedr explicou pouco do que aconteceu intuí muito, assim faria bem em se apressar. Eragon olhou ao redor em busca de algum meio de transporte e grunhiu de angustia ao confirmar que não havia nenhum.

- Como posso chegar até ela? Está muito longe para ir correndo, não há rastro que seguir e não posso...

- Acalme-se, Eragon. Como se chamava o corcel que te trouxe desde Sílthrim?

Eragon custou um instante recordá-lo:

- *Folkvír*.

- Pois invoque-o com seu conhecimento da gramaticia. Mencione seu nome e sua necessidade nesta linguagem, o mais poderoso de todos, e virá em sua ajuda. Permitindo que a magia invadisse sua voz, Eragon exclamou o nome do Folkvír e o eco enviou sua súplica pelas colinas para Ellesméra, com tanta urgência quanto foi possível.

Oromis assentiu, satisfeito.

- Bem feito.

Doze minutos depois, *Folkvír* emergiu como um fantasma prateado das escuras sombras, entre as árvores, agitando suas crinas e relinchado excitado. Os flancos do animal se agitavam pela velocidade da viagem.

Eragon passou uma perna sobre o pequeno cavalo élfico e disse:

- Retornarei assim que puder.

- Faça o que precisar - respondeu Oromis.

Então Eragon apertou os talões em torno das costelas do Folkvír e exclamou:

- Corra, *Folkvír,* corra!

O cavalo deu um salto e se lançou para o Du Weldenvarden, abrindo caminho com uma inacreditável destreza entre os pinheiros retorcidos. Eragon o guiou para Saphira com as imagens de sua mente.

Como não havia rastro que seguir entre a vegetação, com um cavalo como *Neve de Fogo* demoraria três ou quatro horas para chegar à Pedra dos Ovos Quebrados. *Folkvír* conseguiu realizar a viagem em pouco mais de uma hora. Na base do monólito de basalto - que subia do bosque como uma coluna coberta de verde e se elevava uns trinta metros por cima de todas as

árvores, - Eragon murmurou:

- Alto.

Desmontou. Olhou à longínqua cúpula da Pedra dos Ovos Quebrados. Ali estava Saphira.

Percorreu o perímetro em busca de algo que lhe permitisse chegar à cúpula, mas foi em vão porque a desgastada formação era impenetrável. Não tinha fissuras, gretas nem outros defeitos suficientemente próximos ao chão para servir-se deles na escalada.

“Poderia me machucar”, pensou.

- Fique aqui - disse a Folkvír. O cavalo o olhou com olhos inteligentes. - Pode pastar se quiser, mas fique aqui, de acordo?

Folkvír relinchou e, com seu focinho aveludado, tocou o braço do Eragon.

- Sim, bom menino. Tem-no feito bem.

Fixando o olhar na crista do monólito, Eragon fez provisão de forças e logo disse no idioma antigo:

- Vamos!

Logo se deu conta de que se não tivesse estado acostumado a voar com Saphira, a experiência teria podido ser tão inquietante a ponto de fazê-lo perder o controle do feitiço e desabar para a morte. O chão se afastou sob seus pés a uma velocidade vertiginosa, e os troncos das árvores foram se estreitando enquanto ele flutuava para a parte inferior da abóbada e para o céu que empalidecia mais à frente no anoitecer. Os ramos se aferravam a seu rosto e a seus ombros como dedos preênseis à

medida que se elevava para o céu aberto. Ao contrário do que acontecia quando voava com Saphira, seguia tendo consciência de seu próprio peso, como se permanecesse ainda sobre a terra.

Depois de se elevar sobre a borda da Pedra dos Ovos Quebrados, Eragon se moveu para frente e liberou o controle da magia para aterrissar em um fragmento musgoso. Exausto, fraquejou e esperou para ver se o esgotamento despertava a dor nas costas e logo suspirou de alivio ao perceber que não.

A crista do monólito estava composta por torres recortadas divididas por ravinas amplas e profundas onde não cresciam mais que algumas flores silvestres esparramadas. Covas negras perfuravam as torres, algumas naturais e outras cavadas no basalto por erosões tão grossas como uma perna de Eragon. No chão das covas havia uma espessa capa de ossos recobertos de líquen, restos das antigas presas dos dragões. Onde em outro tempo os dragões se aninhavam, faziam-no agora os pássaros: falcões, gaviões e águias que o contemplavam de

seus cabides, preparados para atacar se ameaçasse seus ovos.

Eragon abriu caminho entre a imponente paisagem, com cuidado para não torcer um tornozelo entre as pedras soltas e de não se aproximar muito das fissuras ocasionais que fendiam a coluna. Se caísse por uma delas, sairia dando tombos no espaço vazio. Teve que escalar várias vezes elevados ressaltos e em outras duas ocasiões se viu obrigado a recorrer à magia para elevar-se. Em todas as partes se viam provas da antiga presença dos dragões, desde os profundos arranhões no basalto, até os atoleiros de rocha derretida, passando por uma série de escamas apagadas e descoloridas apanhadas nas curvas, junto com outros restos. Inclusive tropeçou em um objeto afiado que, quando se agachou para examinálo, mostrou ser um fragmento de um ovo verde de dragão. No lado leste do monólito estava a torre mais alta, em cujo centro, como um fossa negra convexa, de lado, ficava a cova maior. Ali Eragon encontrou finalmente Saphira, deitada em um oco contra a parede do fundo, de costas para a entrada. Os tremores percorriam todo seu corpo. Nas paredes da cova havia marcas recentes de chamuscado, e os restos de ossos quebrados estavam esparramados como se ali tivesse ocorrido uma briga.

- Saphira - disse Eragon em voz alta, pois sua mente continuava fechada. Ela elevou a cabeça e o olhou como se fosse um estranho, com as pupilas contraídas até formar um talho negro enquanto seus olhos se adaptavam à luz que emitia o sol atrás deles. Grunhiu uma vez, como um cão selvagem, e logo se virou bruscamente. Ao fazê-lo, elevou a asa esquerda e mostrou um corte comprido e irregular na coxa. O coração de Eragon deu um tombo no peito ao vê-lo. Como percebeu que ela não ia permitir que se aproximasse, fez o que tinha visto o Oromis fazer com Glaedr, ajoelhou-se entre os ossos esmagados e esperou. Esperou sem pronunciar palavra nem se mover até que deixou de sentir as pernas e as mãos ficaram rígidas do frio. Entretanto, não lamentou o desconforto. Estava disposto a pagar esse preço encantado se isso significava que podia ajudar Saphira. Ao cabo de um momento, Saphira disse:

Fui estúpida.

Todos somos alguma vez.

Isso não torna mais fácil quando você se converte em um idiota. Suponho que não.

Sempre soube o que fazer. Quando Garrow morreu, soube que o correto era perseguir os ra'zac. Quando Brom morreu, soube que devíamos ir a Gil'ead e dali seguir até os varden. E quando Ajihad morreu, soube que devia jurar lealdade a Nasuada. Para mim, o caminho sempre esteve claro. Menos agora. Só neste assunto estou perdida.

O que aconteceu, Saphira?

Em vez de responder, ela mudou de assunto

Sabe por que chamam isto de Pedra dos Ovos Quebrados? -disse Saphira. *Não.*

Porque durante a guerra entre os dragões e os elfos, estes nos perseguiram até aqui e nos

mataram enquanto dormíamos. Destroçaram nossos ninhos e logo fizeram pedacinhos dos ovos com sua magia. Naquele dia, no bosque ali abaixo, choveu sangue. Depois disso nenhum dragão viveu aqui.

Eragon guardou silêncio. Não estava ali por isso. Podia esperar até que ela se visse capaz de enfrentar aquela situação.

Dê-me algo! -exigiu Saphira.

Vai me deixar curar a sua perna?

Posso me arrumar isso sozinha.

Então permanecerei mudo como uma estátua e me sentarei aqui até que me converta em pó, porque de você obtive a paciência dos dragões. Quando ao fim, Saphira falou suas palavras foram vacilantes, amargas e sarcásticas.

Tenho vergonha de admitir. Quando viemos pela primeira vez e vi Glaedr, senti uma grande alegria ao saber que outro membro de minha raça, além de Shruikan, tinha sobrevivido. Nunca tinha visto outro dragão, salvo nas lembranças de Brom. E pensei... Acreditava que Glaedr se agradaria com minha existência tanto como a sua para mim. E é assim.

Você não entende. Acreditava que seria o companheiro que nunca tinha esperado ter, e que juntos recuperaríamos nossa raça. -Soprou, e um estalo de chamas apareceu por seu nariz. -*Estava equivocada. Ele não me quer.* Eragon escolheu sua resposta com cuidado para não ofendê-la e para lhe oferecer um mínimo de consolo.

É porque sabe que está destinada a outro dragão, a um dos dois ovos que ficam. Tampouco seria apropriado que se acasalasse contigo sendo seu mentor. Ou talvez não me ache suficientemente formosa.

Saphira, não há nenhum dragão feio, e você é a dragona mais bela. Sou uma estúpida -disse ela. Entretanto, elevou a asa esquerda e a manteve no ar como se lhe desse permissão para se ocupar de sua ferida. Eragon coxeou até o flanco de Saphira, onde examinou a ferida encarnada, contente de que Oromis lhe tivesse dado tantos pergaminhos de anatomia para ler. O

golpe - causado por um dente ou por uma garra, não estava seguro - tinha rasgado o músculo do quadríceps sob a pele de Saphira, mas não tanto para mostrar o osso. Não ia bastar fechar a superfície da ferida, como Eragon fizera tantas vezes. Terei que recoser o músculo de novo.

O feitiço que Eragon usou era comprido e complexo, e nem sequer ele mesmo entendia todas as suas partes, pois o tinha memorizado de um antigo texto que oferecia poucas explicações, além da afirmação de que, se não havia ossos quebrados e os órgãos internos estavam inteiros, “este encanto curará qualquer lesão de origem violenta, salvo a da amarga morte”. Depois de pronunciá-lo, Eragon contemplou fascinado como o músculo de Saphira estremecia sob sua

mão - as veias, os nervos e as fibras se entreteciam - e voltavam a ficar inteiros. A ferida era tão grande que, mesmo estando debilitado, não se atreveu a curá-la só com a energia de seu corpo, de modo que recorreu também às forças de Saphira.

Vamos-disse Saphira quando terminou.

Eragon suspirou e apoiou as costas no basalto duro, olhando para o pôr-do-sol entre as pestanas.

Acho que você terá de me tirar daqui. Estou muito cansado para me mover. Com um rangido seco, ela se virou e apoiou a cabeça nos ossos pulverizados em torno de Eragon.

Eu o tratei mal desde que chegamos a Ellesméra. Desprezei seus conselhos quando devia ter escutado. Advertiu-me a respeito de Glaedr, mas era muito orgulhosa para ver a verdade que encerravam as suas palavras... fracassei no intento de ser uma boa companheira para você, traí o que significa ser um dragão e sujei a honra dos Cavaleiros.

Não, nada disso -repôs Eragon em tom veemente. - *Saphira, não faltou com seu dever. Talvez tenha cometido um engano, mas foi um engano honesto, que qualquer um poderia ter cometido em sua situação.*

Isso não desculpa meu comportamento para com você.

Tentou olhá-la nos olhos, mas ela desviou o olhar até que Eragon lhe tocou o pescoço e disse:

Saphira, os membros de uma família se perdoam entre si, mesmo que nem sempre entendam por que um deles se comporta de um modo determinado... Você

pertence a minha família assim como Roran... Mais que Roran. Isso não vai mudar por nada que faça. Nada. -Ao ver que ela não respondia, levou a mão até a mandíbula e lhe fez cócegas no fragmento de pele cor de rosa que ficava sob sua orelha. - *Está me ouvindo? Nada!*

Ela soltou uma tosse grave com humor reticente, logo arqueou o pescoço e elevou a cabeça para fugir de seus dedos bailarinos.

Como posso me encontrar com Glaedr de novo? Tinha uma fúria terrível. Toda a pedra tremia por sua raiva.

Ao menos você agüentou bem quando te atacou.

Foi o contrário.

Pego de surpresa, Eragon arqueou as sobrancelhas.

Bom, de qualquer forma, a única coisa que pode fazer é pedir perdão. Pedir perdão?

Sim. Vá dizer-lhe que sente, que não voltará a acontecer e que quer continuar aprendendo com ele. Estou seguro que se compadecerá se lhe der uma oportunidade. Muito bem -disse ela em voz baixa.

Depois de fazê-lo, você se sentirá melhor. -Sorriu. - *Sei por experiência própria.*

Ela grunhiu e se aproximou da borda da cova, onde se agachou para fiscalizar o bosque que se estendia por debaixo.

Deveríamos ir. Logo anoitecerá.

Chiando os dentes, Eragon se obrigou a levantar-se - embora qualquer movimento lhe forçasse a um grande esforço, - e lhe custou o dobro do normal montar em sua garupa.

Eragon... Obrigado por vir. Sei os riscos que corria com suas costas. Deu-lhe uma palmada em um ombro.

Somos um outra vez?

Somos um.

O presente dos dragões

Os dias anteriores ao Agaetí Blódhren foram os melhores e os piores para Eragon. Suas costas lhe davam mais problemas que nunca, pois reduzia sua saúde e sua resistência e destruía a paz de sua mente, vivia em um medo constante de provocar um episódio de dor. Em troca, ele e Saphira nunca haviam se sentido tão próximos. Viviam tanto na mente do outro como na própria. E de vez em quando Arya ia visitar a casa da árvore e passeava pela Ellesméra com Eragon e Saphira. Nunca ia sozinha, entretanto, pois sempre levava consigo ao Orik ou Maud, a mulher gata. No decurso de seus passeios, Arya apresentou Eragon e Saphira a elfos distintos: guerreiros, poetas e artistas. Levou-os a concertos que se celebravam sob a cobertura dos pinheiros. E lhes ensinou muitas maravilhas ocultas da Ellesméra. Eragon aproveitava qualquer ocasião para falar com ela. Falou-lhe de sua criação no vale do Palancar, de Roran, Garrow e sua tia Enjoam, contou-lhe histórias de Sloan, Ethlbert e outros aldeãos, e de seu amor pelas montanhas que rodeavam o Carvahall e das lâminas de luz chamejante que adornavam o céu nas noites de inverno. Contou-lhe a ocasião em que uma zorra caiu nas cubas que Geldric usava para curtir e tiveram que tirá-la com uma rede, como se fosse um peixe. Explicou-lhe a alegria que lhe produzia plantar, e ver como cresciam os tenros brotos verdes sob seus cuidados, uma alegria que ela podia apreciar melhor que ninguém.

Em troca, Eragon obteve uma visão ocasional da vida da Arya. Ouviu alguma menção de sua infância, seus amigos e sua família, e de suas experiências entre os varden, lembranças que falava com toda liberdade, descrevendo expedições e batalhas de que tinha participado, tratados que tinha ajudado a negociar, suas disputas com os anões e os sucessos transcendentais que tinha presenciado durante sua atividade como embaixatriz.

Entre ela e Saphira, o coração de Eragon encontrou uma certa medida de paz, mas era um equilíbrio precário que a menor influencia podia perturbar. O próprio tempo era um inimigo, pois Arya estava destinada a abandonar Du Weldenvarden depois do Agaetí Blódhren. De modo que Eragon entesourava seus momentos com ela e temia a chegada da iminente celebração.

Toda a cidade reanimava de atividade à medida que os elfos preparavam o Agaetí Blódhren. Eragon nunca os tinha visto tão excitados. Decoravam o bosque com bandeirolas coloridas, sobretudo em torno da árvore Menoa, enquanto que a própria árvore adornaram com uma tocha na ponta de cada ramo, de onde pendiam como lágrimas luminosas. Inclusive as plantas, conforme percebeu Eragon, tomavam uma aparência festiva com uma coleção de flores novas e brilhantes. Freqüentemente ouvia que os elfos cantavam até altas horas da noite.

Cada dia chegavam a Ellesméra centenas de elfos de suas cidades esparramadas entre os bosques, pois nenhum elfo que pudesse evitar perderia a celebração centenária do tratado com os dragões. Eragon supunha que muitos deles vinham também para conhecer Saphira. “Parece que não faço mais que repetir sua saudação”, pensou. Os elfos que deviam se ausentar por suas responsabilidades mantinham suas próprias festas simultâneas e participavam das cerimônias da Ellesméra invocando em espelhos encantados que refletiam a quem contemplava a celebração, de modo que ninguém se sentisse espiado.

Uma semana antes do Agaetí Blódhren, quando Eragon e Saphira estavam a ponto de voltar para seus aposentos dos penhascos do Tel'naeír, Oromis disse:

- Vocês deveriam pensar no que podem levar a Celebração do Juramento de Sangue. Salvo que suas criações requerem a magia para existir, ou para funcionar, sugiro que evite usar a gramaticia. Ninguém respeitará sua obra se for o fruto de um feitiço e não do trabalho de suas mãos. Além disso, sugiro que façam uma obra distinta cada um. Também é um costume.

Enquanto voavam, Eragon perguntou a Saphira:

Você tem alguma idéia?

Possivelmente. Mas se não se importa, eu gostaria de ver funciona antes de lhe contar.

Eragon captou parte de uma imagem de sua mente, que incluía um montículo nu de pedra que emergia do chão do bosque, antes que ela o escondesse. *Não me dá uma pista?*

Sorriu.

Fogo. Muito fogo.

De volta à casa da árvore, Eragon enumerou suas habilidades e pensou: “Sei mais de agricultura que de qualquer outra coisa, mas não vejo como posso converter isso em uma vantagem. Tampouco posso ter esperanças de competir com os elfos em magia, ou de igualar seus feitos com as artes que me são familiares. Seus talentos ultrapassam os dos melhores

artesãos do Império”.

Mas tem uma qualidade que carecem todos os outros -disse Saphira. *Ah, sim?*

Sua identidade. Sua história, suas canções e sua situação. Use-as para dar forma a sua criação e produzir algo único. Faça o que fizer, apóie-o no que seja mais importante para você. Só então terá profundidade e significado, e achará eco em outros. Olhou-a surpreso.

Não tinha percebido que você soubesse tanto de arte.

Nada sei -disse ela. - *Se esquece de que me passei uma tarde inteira vendo Oromis pintar seus pergaminhos quando foi voando com Glaedr. Oromis falou um pouco deste assunto.*

Ah, sim, tinha esquecido.

Quando Saphira se foi iniciar seu projeto, Eragon caminhou de um lado a outro ante o portal aberto de sua habitação, refletindo o que lhe havia dito. “O que é

importante para mim? - perguntou-se. - Saphira e Arya, claro, e ser um bom Cavaleiro. Mas o que posso dizer sobre esses assuntos que não seja óbvio? Avaliação da beleza da natureza, mas de novo, os elfos já expressaram todo o possível a respeito. A própria Ellesméra é um monumento de sua devoção”. Voltou o olhar para dentro para determinar o que lhe comovia as fibras mais escuras e profundas de seu ser. Algo as agitava com a paixão suficiente - fora de amor ou de ódio - para que ardesse em desejos de compartilhá-lo?

Pensou em três coisas: sua ferida nas mãos da Durza, seu medo de lutar um dia contra Galbatorix e as epopéias dos elfos que tanto o absorviam. Uma onda de excitação percorreu Eragon quando uma história que combinação daqueles três elementos tomou forma em sua mente. Subiu com passos ligeiros os degraus retorcidos, de dois em dois, até chegar ao estúdio, onde se sentou ante o escritório, afundou a pluma na tinta e a sustentou tremente sobre uma clara folha de papel.

A ponta raspou ao escrever o primeiro risco:

No reino junto ao mar,

Nas montanhas cobertas de Azul...

As palavras fluíam da pluma como se tivessem vontade própria. Sentiu-se como se não estivesse inventando aquela história, a não ser atuando como mero condutor para transportá-la ao mundo com sua forma plena. Eragon se sentia apanhado pela emoção do descobrimento que acompanha às novas empresas, sobretudo porque, até então, não tinha suspeitado que pudesse gostar de ser um bardo. Trabalhou com frenesi, sem parar para comer ou a beber, com as mangas da túnica enroladas por cima do cotovelo para protegê-las da tinta que soltava a pluma pela força selvagem com que escrevia. Era tão intensa sua concentração que não ouvia nada mais que o batimento do coração de seu poema, nem via outra coisa que o papel vazio,

nem pensava em nada mais que as já esboçadas linhas de fogo atrás de seus olhos.

Uma hora e meia depois, a mão com cãibras soltou a pluma, afastou a cadeira do escritório e se levantou. Tinha ante si quatorze páginas. Nunca tinha escrito tanto de uma só vez. Eragon sabia que seu poema não podia superar os dos grandes autores entre elfos e anões, mas tinha a esperança de que fosse suficientemente honesto para que os elfos não rissem de seus esforços.

Recitou o poema a Saphira quando esta retornou. Logo lhe disse: *Eragon, você mudou muito desde que saímos do vale do Palancar. Não reconheceria o inexperiente moço que entrou em marcha para vingar-se, acredite. Aquele Eragon não podia escrever uma balada ao estilo dos elfos. Quero ver no que se converterá nos próximos cinqüenta ou cem anos.*

Eragon sorriu.

Se viver tanto tempo.

- Áspero, mas sincero - foi o que disse Oromis quando Eragon leu o poema.

- Então, você gosta?

- É um bom retrato de seu estado mental no presente e uma leitura que prende, mas não é uma obra prima. Esperava que fosse?

- Suponho que não.

- Em qualquer caso, surpreende-me que tenha podido expressá-lo nesta linguagem. Não existe nenhuma barreira que impeça de se escrever ficção no idioma antigo. A dificuldade surge quando a pessoa tenta dizê-lo em voz alta, pois isso obriga a dizer coisas falsas e a magia não permite.

- Posso lê-lo - respondeu Eragon, - porque eu acredito que é verdade.

- E isso torna sua escritura muito mais poderosa... Estou impressionado, Eragon-finiarel. Seu poema será uma valiosa contribuição à Celebração do Juramento de Sangue. - Oromis elevou um dedo, rebuscou entre sua túnica e deu ao Eragon um pergaminho fechado com uma cinta. - Inscritas nesse papel há nove amparos que quero que ative em torno de você e de Orik, o anão. Como descobriu no Sílthrim, nossas festas são potentes e não são feitas para aqueles que têm uma constituição mais fraca que a nossa. Desprotegido, se arrisca a se perder na rede de nossa magia. Vi como isso acontece. Inclusive com estas precauções, deve tomar cuidado para que não lhe levem os caprichos que voarão na brisa. Mantenha a guarda, pois durante esse tempo os elfos podem ficar loucos, maravilhosa, gloriosamente loucos, mas loucos de qualquer maneira.

Na vigília do Agaetí Blódhren - que ia durar três dias - Eragon, Saphira e Orik acompanharam Arya à árvore Menoa, onde se tinha reunido uma grande quantidade de elfos, com seus cabelos negros e chapeados ondulando sob as tochas. Islanzadí estava plantada em uma raiz alta na

base do tronco, alta, pálida e clara como um bétula. Blagden descansava no ombro esquerdo da rainha, enquanto Maud, a mulher gata, rondava atrás dela. Glaedr estava ali, com Oromis, embelezado de vermelho e negro, e outros elfos que Eragon reconheceu, como Lifaen e Narí e, para seu desagrado, Vanir. No alto, as estrelas brilhavam no céu aveludado.

- Esperem aqui - disse Arya.

Deslizou entre a multidão e retornou com Rhunón. A ferreira pestanejava como uma coruja para olhar ao redor. Eragon a saudou, e ela lhes dedicou um assentimento a ele e a Saphira.

- Bem-vindos, Escamas Brilhantes e Assassino de Sombras.

Logo estudou o Orik e se dirigiu a ele no idioma dos anões, ao que Orik respondeu com entusiasmo, obviamente encantado de conversar com alguém na áspera fala de sua terra natal.

- O que disseram? - perguntou Eragon, agachando-se.

- Convidou a sua casa para que a veja trabalhar e falarmos do manejo do metal. - O assombro cruzou o rosto do Orik. - Eragon, ela aprendeu o princípio do próprio Füthark, um dos grimstborithn legendários do Dürgrimst Ingeitum. Eu teria dado o que fosse para conhecê-lo.

Esperaram juntos até a chegada da meia-noite, quando Islanzadí elevou o braço esquerdo de tal maneira que assinalava a lua nova como uma lança de mármore. Uma leve esfera branca se formou sobre a palma de sua mão a partir da luz que emitiam as lanternas disseminadas pela árvore Menoa. Então Islanzadí caminhou pela raiz para o gigantesco tronco e depositou a esfera em um oco da casca, onde permaneceu com um batimento do coração.

Eragon se virou para Arya.

- Começou?

- Começou! –riu. - E terminará quando essa luz se extinguir. Os elfos se dividiram em acampamentos informais com o passar do bosque e da clareira que rodeava à árvore Menoa. Fizeram aparecer, aparentemente do nada, mesas carregadas com fantásticas viandas que, por seu fantasmagórico aspecto, eram obra do trabalho tanto de feiticeiros como de cozinheiros.

Logo os elfos começaram a cantar com vozes claras que soavam como flautas. Entoaram muitas canções, mas cada uma era parte de uma melodia maior que riscava um feitiço na noite sonolenta, potencializava os sentidos, eliminava as inibições e trazia a diversão com uma mágica fantasia. Seus versos falavam de canções heróicas, de expedições em navio e a cavalo a terras esquecidas e da dor da beleza perdida. O ritmo da música envolveu Eragon, sentiu que um selvagem abandono se apoderava dele, um desejo de correr e se livrar de sua vida e dançar nas clareiras dos elfos sempre mais. A seu lado, Saphira cantarolava a toada, com os olhos frágeis entreabertos. Eragon nunca foi capaz de se recordar adequadamente do que aconteceu então. Era como se tivesse padecido de uma febre em que tivesse perdido e recuperado alternadamente a consciência. Recordava certos incidentes com vivida clareza -

brilhantes e agudos fulgores cheios de júbilo, - mas lhe resultava impossível reconstruir a ordem em que haviam sucedido. Perdeu a pista se era de dia ou de noite, pois o crepúsculo parecia invadir o bosque fosse qual fosse a hora. Tampouco podia dizer se tinha caído em um sonho profundo durante a celebração, se tinha necessitado dormir...

Recordava de virar obstinado nas mãos de uma donzela élfica com lábios de cereja, o sabor de mel de sua língua e o aroma de zimbro no ar... Recordava os elfos pendurados dos ramos abertos da árvore Menoa, como um bando de estorninhos. Tocavam harpas douradas e lançavam adivinhações para Glaedr, que estava abaixo, e de vez em quando assinalavam o céu com um dedo, e nesse momento aparecia um estalo de âmbares de cores com formas diversas que logo se desvaneciam...

Recordava estar sentado em um terreno baixo, apoiado em Saphira, e olhando à mesma donzela élfica que arqueava ante um público encantado enquanto cantava: Longe, longe, voará longe,

Sobre os picos e os vales

Até as terras mais à frente.

Longe, longe, voará longe

E nunca voltará para mim.

Ido! Terá ido de mim

E nunca voltarei a ver-te.

Ido! Terá ido de mim,

Embora lhe espere para sempre.

Recordava poemas infinitos: alguns melancólicos, outros alegres, a maioria, ambas as coisas de uma vez. Escutou o poema da Arya e sem dúvida lhe pareceu formoso, e o do Islanzadí, que era mais longo, mas igualmente meritório. Todos os elfos se reuniram para escutar essas duas obras...

Recordava as maravilhas que os elfos tinham preparado para a celebração, muitas das quais lhe teriam parecido impossíveis de antemão, inclusive com a ajuda da magia. Quebra-cabeças e brinquedos, arte e armas, objetos cuja função lhe escapava. Um elfo tinha enfeitiçado uma bola de cristal de tal modo que cada poucos segundos nascia uma flor distinta em seu coração. Outro tinha passado décadas percorrendo Du Weldenvarden e memorizando os sons dos elementos, e fez que os mais formosos soassem agora nos pescoços de cem lírios brancos.

Rhunón contribuiu com um escudo que não podia se romper, um par de luvas tecidas com fio de ferro que permitiam a quem os levasse carregar chumbo derretido e objetos parecidos sem

se machucar, e uma delicada escultura de um cana em pleno vôo, esculpido em um bloco de metal sólido e pintado com tal habilidade que o pássaro parecia vivo.

Uma pirâmide escalonada de madeira de uns vinte centímetros de altura, construída com cinqüenta e oito peças que se entrelaçavam, foi a oferenda de Orik, que encantou os elfos, que insistiram em desmontá-la e voltar a montá-la tantas vezes quantas Orik permitisse. “Professor Barba Larga”, chamavam-no, e lhe diziam: “Dedos preparados quer dizer mente pronta”...

Recordava que Oromis o tinha levado a um lado, longe da música, e tinha perguntado ao elfo:

- O que aconteceu?

-Tem que clarear a mente. - Oromis o tinha guiado até um tronco caído para que se sentasse nele. - Fique aqui uns minutos. Se sentirá melhor.

- Estou bem. Não preciso descansar - tinha protestado Eragon.

- Não está em condições de julgar por si mesmo neste momento. Fique aqui até que seja capaz de enumerar os feitiços de mudança, os maiores e os menores, e logo poderá se reunir conosco. Prometa-me isso.

Recordava criaturas escuras e estranhas que deslizavam das profundezas do bosque. A maioria eram animais que se viam alterados pelos feitiços acumulados no Du Weldenvarden e se sentiam arrastados para o Agaetí Blódhren como se vê atraído um faminto pela comida. Pareciam encontrar alimento na presença da magia dos elfos. A maioria se atrevia a mostrar-se apenas como um par de olhos brilhantes próximos das tochas. Um animal que se expôs por completo foi a loba que Eragon tinha visto antes, desta vez em forma de mulher embelezada de branco. Rondava depois de um sarçal, mostrando as adagas de seus dentes em um sorriso divertido e passeando seus olhos amarelos de um lado a outro.

Mas nem todas as criaturas eram animais. Alguns eram elfos que tinham alterado suas formas originais por razões funcionais ou em busca de um ideal distinto de beleza. Um elfo coberto com uma pele de pintas saltou por cima de Eragon e seguiu dando botes, freqüentemente a quatro patas, ou sobre os pés. Tinha a cabeça estreita e alargada, com orelhas de felino, os braços lhe chegavam até os joelhos e suas mãos de dedos compridos tinham ásperas almofadinhas nas palmas.

Mais adiante, dois elfas idênticas se apresentaram a Saphira. moviam-se com uma lânguida elegância e, quando levaram os dedos aos lábios na saudação tradicional, Eragon viu que seus dedos estavam unidos por uma rede translúcida. “Viemos de longe”, sussurraram. Ao falar, três fileiras de brânquias pulsavam a cada lado de seus esbeltos pescoços, revelando a carne rosada por baixo. Suas peles brilhavam como se estivessem engorduradas. Seus cabelos murchos lhes chegavam abaixo dos ombros. Conheceu um elfo coberto com uma armadura de escamas entrelaçadas, como as de um dragão, com uma crista ossuda na cabeça, uma fileira de escamas que percorriam as costas e duas pálidas chamas que ondulavam nas fossas de seu nariz. E conheceu outros que não eram tão reconhecíveis: elfos cujas silhuetas tremiam, como

se os estivesse olhando através da água, elfos que, quando permaneciam quietos, confundiam-se com as árvores, elfos altos de olhos negros, inclusive na zona que deveria ser branca, cuja beleza terrível assustava Eragon e que, quando chegavam a tocar algo, atravessavam-no como se fossem sombras. O exemplo definitivo desse fenômeno era a árvore Menoa, que ao mesmo tempo era a elfa Linnéa. A árvore parecia encher-se de vida com a atividade da clareira. Seus ramos se agitavam embora não as tocasse nenhuma brisa, por momentos os rangidos de seu tronco se ouviam tanto que acompanhavam o fluir da música, e um ar de gentil benevolência emanava da árvore e passava em quem estivesse perto... E lembrava de dois ataques das suas costas, com gritos e grunhidos nas sombras, enquanto os elfos loucos continuavam regozijando-se a seu redor e só

Saphira ia cuidar dele...

Ao terceiro dia do Agaetí Blódhren, conforme Eragon soube depois, ofereceu seus versos aos elfos. Levantou-se e disse:

- Não sou ferreiro, nem sei esculpir, tecer, a olaria, a pintura, nem nenhuma das artes. Tampouco posso rivalizar com os feitos de seus feitiços. Assim, só sobram minhas próprias experiências, que tentei interpretar através da lente de uma história, embora tampouco sou um bardo.

Logo, à maneira em que Brom havia interpretado suas baladas no Carvahall, Eragon cantou:

No reino junto ao mar,

Nas montanhas cobertas de Azul,

No último dia de um inverno gélido

Nasceu um homem com uma só tarefa:

Matar a Durza, o inimigo,

Na terra das sombras.

Criado pela bondade e a sabedoria

Sob carvalhos mais antigos que o tempo,

Corria com os cervos, lutava com ursos

E aprendeu dos anciões as artes

Para Matar a Durza, o inimigo,

Na terra das sombras

Aprendeu a espiar ao ladrão de negro

Quando apanha ao fraco e ao forte,

A esquivar seus golpes e enfrentar ao demônio

Com trapos, pedras, plantas e ossos,

E a matar a Durza, o inimigo,

Na terra das sombras.

Passaram os anos, rápidos como o pensamento,

Até que se fez todo um homem,

Com o corpo ardente de raiva febril,

Embora a impaciência da juventude sulcasse ainda suas veias. Logo conheceu uma formosa donzela

Que era alta, forte e sábia,

Com a fronte adornada pela luz da Géda,

Que brilhava em sua larga capa.

Em seus olhos de azul da meia-noite,

Naquelas enigmáticas lacunas,

Apareceu-lhe um brilhante futuro

No que, juntos, não deveriam

Temer a Durza, o inimigo,

Na terra das sombras.

Assim contou Eragon a história do homem que viajava à terra da Durza, onde procurava o inimigo e lutava com ele apesar do frio terror de seu coração. Entretanto, embora ao final triunfasse, o homem recebia um golpe fatal, pois agora que tinha batido a seu inimigo, já não temia o destino dos mortais. Não precisava matar a Durza, o inimigo. Então o homem embainhava sua espada, voltava para casa e desposava a sua amada ao chegar o verão. Com ela passava a maior parte dos dias contente, até que sua barba se tornava larga e branca. Mas:

Na escuridão anterior à alvorada,

No quarto em que dormia o homem,

O inimigo se arrastou e se elevou

Ante seu poderoso rival, agora tão fraco.

Desde seu leito, o homem

Elevou a cabeça e olhou

O rosto frio e vazio da morte,

A rainha da noite eterna.

O coração do homem se encheu

De uma tranqüila resignação, muito antes.

Tinha perdido o medo do abraço da morte,

O último abraço que conhece todo homem.

Gentil como a brisa da manhã,

O inimigo se agachou e roubou ao homem

Seu espírito brilhante e valente

E depois se foram ambos a viver

Em paz para sempre na Durza,

Na terra das sombras.

Eragon ficou calado e, consciente de que havia muitos olhos postos nele, abaixou a cabeça e procurou em seguida seu assento. Envergonhava-lhe ter revelado tanto de si mesmo.

Dáthedr, o nobre elfo, disse:

- Você se subestima, Assassino de Sombras. Parece que descobriu um novo talento.

Islanzadí elevou uma mão pálida.

- Sua obra se somará a grande biblioteca da sala do Tialdarí, Eragon-finiarel, para que possam apreciá-la todos os que o desejem. Embora seu poema seja uma alegoria, acredito que a muitos ajudou a entender melhor as penúrias que enfrentou desde que te apareceu o ovo da Saphira, sobre o que somos responsáveis, e não em pequena medida. Agora deve ler seu

poema outra vez para que possamos pensar mais nisso.

Satisfeito, Eragon abaixou a cabeça e fez o que lhe ordenava. Logo chegou o momento de Saphira apresentar sua obra aos elfos. Elevou o vôo na noite e retornou com uma pedra negra, cujo tamanho triplicava o de um homem, presa nas garras. Aterrissou com as pernas traseiras e deixou a pedra em pé no meio da pradaria, à vista de todos. A pedra brilhante tinha sido derretida e, de algum modo, moldada para que adotasse curvas que se enroscavam entre si, como ondas congeladas. As línguas estriadas da pedra se retorciam com formas tão arrevesadas que o olho tinha problemas para seguir uma só peça da base até a ponta e passava de uma espiral a outra.

Como era a primeira vez que via a escultura, Eragon a olhou com tanto interesse como os elfos.

Como você fez isso?

Os olhos cintilavam de diversão.

Lambendo a pedra derretida.

Logo se agachou e jogou fogo sobre a pedra, banhando-a em uma coluna dourada que subia para as estrelas e lhes lançava faíscas como dedos luminosos. Quando Saphira fechou as faces, os extremos da escultura, finos como o papel, ardiam com um vermelho de cereja, enquanto que chamas pequenas titilavam nos ocos escuros e nas gretas de toda a pedra. As cintas fluídas de pedra pareciam mover-se abaixo daquela luz hipnótica.

Os elfos exclamaram admirados, aplaudiram e dançaram em torno da peça. Um deles exclamou:

- Bem forjado, Escamas Brilhantes!

É bonita -disse Eragon.

Saphira lhe tocou um braço com o focinho.

Obrigado, pequenino.

Logo Glaedr levou sua oferenda: um bloco de carvalho vermelho onde tinha esculpido, com a ponta de uma garra, uma paisagem de Ellesméra vista de acima. E

Oromis revelou sua contribuição: o pergaminho completo que Eragon lhe tinha visto ilustrar freqüentemente durante suas lições. Na metade superior do pergaminho partiam colunas de glifos - uma cópia da balada de Vestarí o Marinho, - enquanto que na parte inferior desfilava um panorama de paisagens fantásticas, apresentados com um artesanato, um detalhismo e uma habilidade assustadores.

Arya tomou Eragon pela mão e o guiou entre o bosque até a árvore Menoa, onde lhe disse:

- Olhe como vai se apagando a luz fantasmagórica. Só restam algumas poucas horas até que chegue a alvorada e devamos retornar ao mundo da razão. Em torno do árvore se reunia uma grande quantidade de elfos, com os rostos brilhantes de ansiosa antecipação. Com grande dignidade, Islanzadí saiu do meio da bruma e caminhou por uma raiz tão larga como um caminho até o ponto em que riscava um ângulo para cima e dobrava sobre si mesma. Ficou sobre aquele saliente retorcido, olhando os esbeltos elfos que a esperavam.

- Como é nosso costume, e como lembraram depois da Guerra dos Dragões a rainha Tarmunora, o primeiro Eragon e o dragão branco que representava a sua raça - aquele cujo nome não pode pronunciar-se nesta linguagem nem em nenhuma outra, - quando uniram os destinos de elfos e dragões, reunimo-nos para honrar o juramento de sangue com e danças, e com os frutos de nosso trabalho. A última vez que essa celebração aconteceu, faz muitos e longos anos, nossa situação era sem dúvida desesperada. Desde então melhorou algo como conseqüência de nossos esforços, dos dragões e os vardens, ainda que Alagaésia continue sob a negra sombra do Wyrdfell e ainda temos de viver com a vergonha de termos falhado com os dragões.

“Dos Cavaleiros de antigamente só restam Oromis e Glaedr. Brom e outros muitos entraram no vazio durante este último século. De qualquer maneira, nos concedeu uma nova esperança por meio de Eragon e Saphira, e é justo e correto que estejam agora conosco aqui enquanto reafirmamos o juramento entre nossas três raças”.

Depois de um sinal da rainha, os elfos limparam uma ampla zona ao redor da base da árvore Menoa. Em torno desse perímetro cravaram um anel de tochas montadas em varas esculpidas, enquanto os músicos se reuniam ao longo de uma larga raiz com suas flautas, harpas e tambores. Guiado por Arya até a borda do círculo, Eragon se encontrou sentado entre ela e Oromis, enquanto Saphira e Glaedr se deitavam em ambos os lados como montículos cheios de pedras preciosas. Oromis se dirigiu a Eragon e Saphira:

- Prestem muita atenção, pois isto tem uma grande importância para sua herança como Cavaleiros.

Quando todos os elfos estavam instalados, duas donzelas élficas caminharam até o centro e se situaram com as costas em contato. Eram exageradamente belas e idênticas em todos os aspectos, salvo por seus cabelos: uma tinha mechas negras como azeviche, enquanto que a cabeleira da outra brilhava como arames de prata polida.

- As cuidadoras, Iduna e Néya - sussurrou Oromis.

Do ombro do Islanzadí, Blagden uivou:

- Wyrda!

Movendo-se juntas, as duas elfas elevaram as mãos para os broches que levavam no pescoço,

soltaram-nos e deixaram cair suas túnicas brancas. Embora não levassem mais objetos, as mulheres se adornavam com a tatuagem iridescente de um dragão. A tatuagem começava com a cauda do dragão enroscada em torno do tornozelo esquerdo da Iduna, subia por sua perna esquerda até a coxa, alargava-se pelo torso e então passava às costas da Néya, em cujo peito terminava, com a cabeça do dragão. Cada escama estava pintada com uma cor distinta, os halos vibrantes davam à tatuagem a aparência de um arco íris.

As donzelas élficas entrelaçaram suas mãos e seus braços de tal modo que o dragão adquiria continuidade e passava de um corpo a outro sem interrupção. Logo ambas levantaram um pé descalço e voltaram a baixá-lo sobre a terra com um suave zum. E outra vez: zum.

Ao terceiro, os músicos começaram a tocar seus instrumentos seguindo seu ritmo. Um novo zum e os harpistas tocaram as cordas de seus instrumentos dourados, um instante depois, as flautas dos elfos se somaram ao batimento do ritmo da melodia. Devagar a princípio, mas com uma velocidade cada vez maior, Iduna e Néya começaram a dançar, marcando o tempo quando seus pés pisavam na terra e ondulando-se de tal modo que, em vez de elas se moverem, parecia que era o dragão quem o fazia. Deram voltas e voltas, e o dragão riscou círculos intermináveis em suas peles.

Logo as gêmeas somaram suas vozes à música, aumentando a pulsação com seus gritos ferozes, seus líricos versos sobre um feitiço tão complexo que Eragon não pôde apanhar seu significado. Como o vento crescente que precede a uma tormenta, as elfas acompanhavam o feitiço cantando com uma só língua, uma só mente, uma só

intenção. Eragon não conhecia aquelas palavras, mas tirou o chapéu as pronunciando ao mesmo tempo em que os elfos, empurrado pela inexorável cadência. Ouviu que Saphira e Glaedr cantarolavam ao mesmo tempo uma pulsação profunda e tão forte que vibrava dentro de seus ossos, lhe fazia cócegas na pele e fazia tremer o ar. Iduna e Néya davam voltas cada vez mais rápidas, até que seus pés se converteram em um redemoinho impreciso e poeirento e seus cabelos se elevaram no ar e brilharam com uma capa de suor. As donzelas aceleraram até alcançar uma velocidade desumana, e a música chegou a seu clímax em um frenesi de frases cantadas. Então um raio de luz percorreu toda a tatuagem do dragão, da cabeça à

cauda, e este se agitou. A princípio Eragon acreditou que seus olhos o tinham enganado, até que a criatura piscou os olhos, elevou as asas e apertou as garras. Um estalo de chamas saiu das faces do dragão, que se lançou para frente e se liberou da pele das elfas para elevar-se pelo ar, onde ficou suspenso, agitando as asas. A ponta da cauda seguia conectada com as gêmeas, como um brilhante cordão umbilical. A besta gigantesca se estirou para a lua negra e soltou um selvagem rugido de tempos passados, e logo se voltou e repassou com o olhar aos elfos ali reunidos. Quando o turvo olhar do dragão recaiu nele, Eragon soube que a criatura não era uma mera aparição, e sim um ser consciente, criado e sustentado pela magia. O ronrono de Saphira e Glaedr cresceu em intensidade até bloquear qualquer outro som que pudesse chegar aos ouvidos de Eragon. No alto, aquele espectro de sua raça voou em um círculo para os elfos e os roçou com sua asa insubstancial. Deteve-se diante de Eragon e o apanhou em um olhar infinito e parecido com um redemoinho. Impulsionado por algum

instinto, Eragon elevou a mão direita, cuja palma ardia. O eco da voz do fogo ressonou em sua mente:

Nosso presente para que possa fazer o que é preciso.

O dragão dobrou o pescoço e, com o focinho, tocou o coração do gedwéy ignasia de Eragon. Saltou entre eles uma centelha, e Eragon ficou rígido ao notar que um calor incandescente se derramava por seu corpo e lhe consumia as vísceras. Sua visão se tingiu de vermelho e de negro, e a cicatriz das costas lhe queimou como se a estivessem marcando em fogo. Refugiando-se na segurança, encerrou-se no mais profundo de si mesmo, onde a escuridão o agarrou e não teve forças para resistir. Por último, ouviu de novo que a voz do fogo lhe dizia:

Nosso presente para você.

Em um clareira estrelada

Quando despertou, Eragon estava sozinho.

Ao abrir os olhos, ficou olhando o teto esculpido da casa que ele e Saphira compartilhavam na árvore. Lá fora a noite ainda reinava, e os sons da festa dos elfos se elevavam da brilhante cidade que ficava lá embaixo.

Antes que pudesse perceber algo mais, Saphira entrou em sua mente, irradiando preocupação e ansiedade. Recebeu uma imagem dela plantada diante do Islanzadí na árvore Menoa, e logo Saphira lhe perguntou:

Como você está?

Encontro-me... bem. Fazia muito tempo que não me encontrava tão bem. Quanto tempo fiquei...?

Só uma hora. Teria ficado com você, mas necessitavam que Oromis, Glaedry eu completássemos a cerimônia. Teria que ter visto a reação dos elfos quando você

caiu. Nunca aconteceu nada assim.

Foi obra sua, Saphira?

Não só minha, também de Glaedr. As lembranças de nossa raça, que tomaram forma e substância por meio da magia dos elfos, ungiram-lhe com toda a capacidade que nós dragões possuímos, pois você é nossa melhor esperança para evitar a extinção.

Não entendo.

Olhe-se no espelho -sugeriu-lhe. - *Depois descanse e, ao amanhecer, voltarei a te procurar.*

Saphira se foi, e Eragon se levantou e estirou os músculos, assombrado pela sensação de bem-estar que o invadia. Foi ao banheiro, agarrou o espelho que estava acostumado a usar para se barbear e o pôs sob a luz de uma tocha próxima. Eragon ficou paralisado pela surpresa.

Era como se as numerosas mudanças físicas que, com o passar do tempo, alteram a aparência de um Cavaleiro humano - e que Eragon tinha começado a experimentar desde que se vinculou a Saphira - se completassem enquanto permanecia inconsciente. Seu rosto era agora suave e anguloso como o de um elfo, com as orelhas bicudas como eles, olhos rasgados como os seus e uma pele pálida como o alabastro que parecia emitir um leve brilho, como o brilho da magia. “Pareço um príncipe”. Eragon nunca tinha aplicado o término a um humano, e muito menos a si mesmo, mas a única palavra que podia descrevê-lo agora era “formoso”. E entretanto, não chegava a ser um elfo. A mandíbula era mais forte, a fronte, mais grossa, o rosto, mais largo. Era mais belo que qualquer humano e mais tosco que qualquer elfo. Com dedos trementes, Eragon alargou uma mão para a nuca em busca da cicatriz.

Não sentiu nada.

Eragon arrancou a túnica e se voltou ante o espelho para examinar as costas. Estava lisa, como antes da batalha do Farthen Dür. As lágrimas saltaram a seus olhos quando passou a mão pelo lugar em que a Durza o tinha mutilado. Não só já não havia a marca selvagem que ele tinha eleito conservar, mas também todas as outras cicatrizes e manchas tinham desaparecido de seu corpo, deixando-o impecável como um recém-nascido. Eragon riscou uma linha por sua mão, onde tinha se cortado afiando o machado de Garrow. Não ficava nem rastro da ferida. Várias cicatrizes da parte interior das coxas, restos de seu primeiro vôo com Saphira, também haviam desaparecido. Durante um instante teve saudades delas, pois eram um registro de sua vida, mas o lamento foi breve, pois se deu conta de que o dano provocado por todas as feridas de sua vida, inclusive o mais leve, tinha sido reparado.

“Converti-me no que estava destinado a ser”, pensou, e respirou fundo aquele ar embriagador.

Deixou o espelho na cama e se arrumou com suas melhores roupas: uma túnica encarnada, costurada com fio de ouro, um cinturão tachonado de jade, malhas cálidas e acolchoadas, um par de botas de tecido, favoritas dos elfos, e nos antebraços, os protetores de pele que os anões haviam lhe dado de presente. Eragon desceu da árvore, perambulou pelas sombras da Ellesméra e observou a farra dos elfos na febre da noite. Nenhum o reconheceu, embora o saudassem como se fosse mais um e o convidavam a compartilhar de suas festas saturnais.

Eragon flutuava em um estado de consciência reforçada, com os sentidos abarrotados por uma multidão de novas visões, sons, aromas e sentimentos que o assaltavam. Podia ver em uma escuridão que, até então, o teria deixado cego. Podia tocar uma folha e, só pelo tato, contar de um em um os cabelos que cresciam nela. Podia identificar os aromas que lhe chegavam com tanta habilidade como um lobo ou um dragão. E podia ouvir os passos dos insetos sob a vegetação e o ruído de um fragmento de casca ao cair no chão, o batimento do seu coração lhe parecia um tambor. Seu perambular sem rumo o levou mais à frente da árvore da Menoa, onde se deteve para olhar para Saphira em meio da festa, embora não se mostrasse a quem estava

na clareira.

Aonde vai, pequenino? - perguntou-lhe.

Viu que Arya se levantava, abandonava a companhia de sua mãe e abria caminho entre os elfos reunidos e logo, como um espírito do bosque, deslizava sob as árvores.

Caminho entre a luz e a escuridão -respondeu, e caminhou atrás de Arya. Eragon seguiu sua pista por seu delicado aroma de vegetação esmagada, pelo leve tato de seus pés no chão e pelos distúrbios que sua esteira provocava no ar. Encontrou-a sentada a sós na borda da clareira, com pose de criatura selvagem enquanto contemplava os giros das constelações no alto do céu. Quando Eragon entrou na clareira, Arya o olhou e ele sentiu que o via pela primeira vez. Abriu muito os olhos e sussurrou:

- É você, Eragon?

- Sim.

- O que lhe fizeram?

- Não sei.

Aproximou-se dela, e juntos passearam pelos densos bosques, onde o eco levava fragmentos de música e vozes da festa. Depois de suas mudanças, Eragon tinha uma aguda consciência da presença de Arya, do sussurro de sua roupa sobre a pele, da suave e pálida exposição de seu pescoço e de suas pestanas, recobertas por uma capa de azeite que as fazia brilhar e curvar-se como pétalas negras úmidas de chuva.

Detiveram-se na borda de um estreito regato, tão claro que era invisível sob a tênue luz. Sendo que traía sua presença apenas pelo profundo gorgolejo da água ao derramar-se sobre as pedras. ao redor deles, os grossos pinheiros formavam uma cova com seus ramos, escondendo Eragon e Arya do mundo e amortecendo o ar, frio e tranqüilo. O oco parecia não ter época, como se fosse alheio do mundo e estivesse protegido pela magia contra o fôlego murcho do tempo.

Naquele lugar secreto, Eragon se sentiu de repente próximo de Arya, e toda sua paixão por ela se equilibrou em sua mente. Estava tão intoxicado pela força e a vitalidade que percorria suas veias - assim como pela magia indômita que enchia o bosque, - que abandonou a precaução e disse:

- Que altas são as árvores, como brilham as estrelas... e que formosa está, oh Arya Svit-kona.

Em circunstâncias normais, ele mesmo teria considerado aquele comentário como o cúmulo da estupidez, mas naquela noite fantasiosa e amalucada, parecia perfeitamente sensato.

Ela se esticou.

- Eragon...

Ele ignorou o aviso.

- Arya, farei o que seja por obter sua mão. Seguiria aos limites da terra. Construiria um palácio para você com minhas mãos nuas. Faria...

- Quer deixar de me perseguir? Pode me prometer isso? - Ao ver que ele hesitava, Arya se aproximou mais dele e, em tom grave e gentil, acrescentou: - Eragon, isto não pode ser. Você é jovem e eu sou velha, e isso não vai mudar nunca.

- Não sente nada por mim?

- Meus sentimentos por você - disse ela - são os próprios de uma amiga, nada mais. Agradeço por ter me resgatado no Gil'ead e gosto da sua companhia. Isso é

tudo... Abandona esta tua busca, pois não fará mais que te partir o coração. Encontra alguém de sua raça com quem pode viver muitos anos.

As lágrimas brilhavam nos olhos de Eragon.

- Como pode ser tão cruel?

- Não sou cruel, sou amável. Não nascemos um para o outro.

Desesperado, ele sugeriu:

- Poderia me dar suas lembranças, e assim teria o mesmo conhecimento e tanta experiência como você.

- Seria uma aberração. - Arya elevou o queixo, com o rosto grave e solene, tingido de prata pelo brilho das estrelas. - Me escute bem, Eragon. Isto não pode ser e não será. E vigie para que não te domine, nossa amizade tem que deixar de existir, pois suas emoções não fazem mais que nos distrair de nossos deveres. - Dedicou-lhe uma reverência. - Adeus, Eragon Assassino de Sombras.

Logo pôs-se a andar a grandes passos e desapareceu no Du Weldenvarden. Então as lágrimas se derramaram pelas bochechas de Eragon e caíram sobre o musgo, onde permaneceram sem ser absorvidas, como pérolas pulverizadas em uma manta de veludo esmeralda. Aturdido, Eragon se sentou em um tronco podre e enterrou a cara entre as mãos, chorando pela condenação de que seu amor por Arya não fora correspondido, e chorando por tê-la afastado ainda mais de si. Em poucos instantes, Saphira se uniu a ele.

Ah, pequenino. -Acariciou-o com o focinho. - *Por que teve que fazer isto? Já*

sabia o que ia acontecer se tentasse cortejar de novo a ela. Não pude evitar.

Rodeou o ventre com os braços e se balançou sobre o tronco, reduzido ao soluço dos soluços pela força de sua desgraça. Saphira o cobriu com sua cálida asa e o aproximou dela, como faria a mãe de um falcão com sua criatura. Eragon se apertou a ela e ficou encolhido enquanto a noite se convertia em dia e o Agaetí Blodhren chegava a seu fim.

Terra à vista

Roran permanecia na coberta de popa do *Javali Vermelho* com os braços cruzados sobre o peito e os pés bem separados para manter o equilíbrio na barcaça, que balançava. O vento salgado lhe agitava a cabeleira, atirava de sua espessa barba e fazia cócegas nos cabelos dos braços descobertos.

A seu lado, Clovis dirigia a barra do leme. O curtido marinheiro apontou para a costa, a uma rocha cheia de gaivotas e silhueteada na crista de uma colina que se estendia até o oceano.

-Teirm fica do outro lado desse pico.

Roran aguçou o olhar sob o sol da tarde, cujo reflexo no oceano riscava uma cinta cegadora de tão brilhante.

- Então, neste momento paramos aqui.

- Ainda não quer entrar na cidade?

- Não todos de uma vez. Chame Torson e Flint e deixe que levem seus barcas até essa costa. Parece um bom lugar para acampar.

Clovis fez uma careta de desagrado.

- Arrrgh. Esperava jantar quente esta noite.

Roran o entendeu, a comida fresca da Narda tinha terminado fazia tempo, e tinham ficado com nada mais que porco em muito luxurioso, arenques salgados, couves salgadas, bolachas salgadas que tinham feito os aldeãos com a farinha que tinham comprado, verduras e um pouco de carne fresca quando os aldeãos sacrificavam algum dos animais que ficavam, ou quando conseguiam caçar algo se estavam em terra. A voz de Clovis ricocheteou na água quando gritou aos capitães das outras duas barcas. Quando se aproximaram, ordenou-lhes que atracassem na costa, apesar das pragas de descontentamento. Eles e outros marinheiros tinham contado que chegariam naquele mesmo dia ao Teirm e dilapidariam seu pagamento com os gozos da cidade.

Quando as barcas estiveram atracadas na praia, Roran caminhou entre os aldeões e lhes ajudou a instalar tendas aqui e ali, a descarregar suas bagagens, a recolher água em um regato próximo e, em geral, ajudou até que todos estivessem instalados. Deteve-se para dirigir algumas palavras de ânimo a Morn e Tara, pois pareciam abatidos, e recebeu uma resposta reservada. O taberneiro e sua mulher se mostraram distantes com ele desde que abandonaram

o vale do Palancar. Em geral, os aldeões estavam em melhores condições que quando chegaram a Narda, graças ao descanso que tinham desfrutado nas barcas, mas a preocupação constante e a exposição aos elementos cruéis os tinha impedido de se recuperarem tanto quanto Roran esperava.

- Marteladas, quer jantar conosco nesta noite? - perguntou Thane, aproximando-se de Roran.

Este recusou amavelmente a oferta e, ao se virar, viu-se encarado por Felda, cujo marido, Byrd, tinha sido assassinado por Sloan. Ela fez uma breve reverencia e disse:

- Posso falar com você, Roran Garrowsson?

Ele sorriu.

- Claro, Felda. Sabe que sim.

- Obrigado. - Com uma expressão furtiva, tocou o tecido de seu xale e olhou para sua tenda. - Queria pedir um favor. É pelo Mandel...

Roran assentiu, ele tinha escolhido ao filho maior da Felda para que o acompanhasse a Narda naquela fatídica viagem em que matou os dois guardas. Mandel tinha se comportado admiravelmente naquela ocasião, assim como nas semanas transcorridas depois, formando parte da tripulação da *Edeliney* aprendendo quando podia sobre a pilotagem das barcas.

- Mandel se tornou muito amigo dos marinheiros de nossa barca e começou a jogar dados com esses foragidos. Não jogam por dinheiro, que não temos, e sim por coisas pequenas. Coisas que necessitamos.

- Pediu-lhe que deixe de fazer isso?

Felda retorceu o xale.

- Temo que, desde que seu pai morreu, já não me respeita como antes. Tornou-se selvagem e teimoso.

“Todos ficamos selvagens”, pensou Roran.

- E o que quer que eu faça a respeito? - perguntou com amabilidade.

- Você sempre foi muito generoso com Mandel. Ele o admira. Se falasse com ele, ele o escutaria.

Roran refletiu sobre o pedido e disse:

- Muito bem, farei o que puder. - Felda suspirou aliviada. - Mas me diga uma coisa: o que ele perdeu no jogo?

- Sobretudo, comida. - Felda titubeou e logo acrescentou: - Mas sei que uma vez se arriscou a perder o bracelete de minha avó por um coelho que esses homens tinham caçado.

Roran franziu o cenho.

- Descanse seu coração, Felda. Vou tratar do assunto assim que puder.

- Obrigado.

Felda fez uma nova reverência e logo desapareceu entre as tendas improvisadas, Roran ficou ruminando o que lhe havia dito.

Coçava a cabeça com a mente ausente enquanto ia andando. O problema com Mandel e os marinheiros tinha dois gumes, Roran tinha percebido que durante a viagem desde a Narda um dos homens de Torson, Frewin, tinha cercado relações com Odele, uma jovem amiga de Katrina. “Poderiam nos criar problemas quando deixarmos ao Clovis”.

Cuidando-se de não chamar indevidamente a atenção, Roran percorreu o acampamento, reuniu os aldeões de maior confiança e fez que o acompanhassem à

tenda de Horst, onde lhes disse:

- Agora nós cinco iremos já que acordamos, antes que fique tarde. Horst ocupará meu lugar enquanto eu não estiver. Lembrem-se que sua tarefa mais importante é garantir que Clovis não vá embora com as barcas, nem as inutilize de algum modo. Pode ser que não encontremos outro meio para chegar a Surda.

- Isso, e nos assegurar que não nos descubram - comentou Orval.

- Exato. Se nenhum de nós retornar quando cair a noite de depois de amanhã, suponham que fomos capturados. Tomem as barcas e zarpem para Surda, mas não parem em Kuasta para comprar provisões, provavelmente o Império estará ali à espreita. Terão que encontrar comida em outro lugar.

Enquanto seus companheiros se preparavam, Roran foi à cabine que Clovis ocupava no *Javali Vermelho.*

- Só cinco vão à cidade? - perguntou Clovis quando Roran lhe explicou seu plano.

- Isso. - Roran permitiu que seu olhar de ferro transpassasse Clovis até que este se mexeu, incomodado. - E quando voltar, espero que você, as barcas e todos os seus homens continuem aqui ainda.

- Atreve-se a pôr em dúvida a minha honra depois de como respeitei nosso trato?

- Não ponho nada em dúvida, só estou dizendo o que espero. Há muito em jogo. Se cometer

uma traição agora, condena uma aldeia inteira à morte.

- Eu sei - murmurou Clovis, desviando em todo momento seu olhar.

- Minha gente se defenderá em minha ausência. Enquanto tiverem um pouco de fôlego em seus pulmões, não serão capturados, enganados nem abandonados. E se lhes ocorrer alguma desgraça, eu os vingarei mesmo que tenha que caminhar mil léguas e lutar com o próprio Galbatorix. Escute minhas palavras, professor Clovis, pois não digo mais que a verdade.

- Não somos tão amigos do Império como você parece acreditar - protestou Clovis. - Tenho tão pouca vontade como qualquer um de lhes fazer um favor. Roran sorriu com ironia amarga.

- Um homem faria qualquer coisa para proteger a sua família e seu lar. Quando Roran elevava já o fecho da porta, Clovis perguntou:

- E o que fará quando chegar a Surda?

- Faremos...

- Faremos, não, o que você fará você. Estive lhe observando, Roran. Escutei-o. E parece de boa índole, embora eu não goste de como me tratou. Mas não consigo que encaixe em minha cabeça que use o martelo e volte a tomar o arado só porque já

chegou a Surda.

Roran agarrou o fecho até que lhe branquearam os nódulos.

- Quando tiver levado a aldeia até Surda - disse com uma voz vazia como um deserto negro deserto, - irei caçar.

- Ah, atrás da sua ruiva? Ouvi falar algo a respeito, mas não achei... Roran abandonou a cabine com uma portada. Deixou que sua raiva ardesse um momento - desfrutando da liberdade daquela emoção - antes de dominar suas paixões. Caminhou até a loja da Felda, onde Mandel se distraia atirando uma faca de caça contra uma madeira.

“Felda tem razão, alguém tem que falar com ele para que seja sensato”.

- Está perdendo tempo - disse Roran.

Mandel se virou, surpreso.

- Por que diz isso?

- Em uma luta de verdade, tem mais chances de te tirar um olho que de ferir seu inimigo. Se conhecer a distância exata entre você e seu objetivo... - Roran encolheu os ombros como se atirasse pedras.

Olhou com interesse distante enquanto o jovem fervia de orgulho.

- Gunnar me falou de um homem que conheceu no Cithrí, capaz de acertar um corvo em pleno vôo com sua faca, oito vezes de cada dez.

- E as outras duas lhe matam. Normalmente, é má idéia se desprender de sua arma na batalha. - Roran agitou uma mão para sossegar as objeções de Mandel. - Recolha suas coisas e se reúna comigo na colina do outro lado do regato dentro de quinze minutos. Decidi que deve vir conosco ao Teirm.

- Sim, senhor.

Com um sorriso de entusiasmo, Mandel se meteu na tenda e começou a se preparar.

Ao sair, Roran se encontrou com Felda, que sustentava sua filha menor sobre um quadril. Felda passeou o olhar entre Roran e a atividade que seu filho desenvolvia na tenda, e esticou o rosto:

- Mantenha-o a salvo, Marteladas.

Deixou a sua filha no chão e logo trabalhou em excesso por ajudar a reunir os objetos que Mandel ia necessitar.

Roran foi o primeiro a chegar à colina assinalada. Agachou-se em uma rocha branca e contemplou o mar enquanto se preparava para a tarefa que tinha pela frente. Quando chegaram Loring, Gertrude, Birgit e seu filho Nolfavrell, Roran saltou da rocha e lhes disse:

- Temos que esperar Mandel, ele irá conosco.

- Para que? - quis saber Loring.

Birgit também franziu o cenho.

- Acreditava que estávamos de acordo que ninguém mais devia nos acompanhar. Sobretudo Mandel, porque o viram em Narda. Já é bastante perigoso que você e Gertrude venham, e a presença dele não faz mais que aumentar as chances de que alguém nos reconheça.

- Correrei esse risco. - Roran os olhou nos olhos um a um - Ele precisa vir. Ao fim o escutaram e, com Mandel, dirigiram-se os seis para o sul, para Teirm.

Teirm

Nessa zona, a costa estava composta por colinas baixas e alargadas, verdes de lustrosa erva e algum outro urze, salgueiro e álamo. A terra, branda e enlameada, cedia sob seus pés e dificultava o caminho. A sua direita ficava o mar brilhante. A sua esquerda, a silhueta púrpura das Vertebradas. As fileiras de montanhas cobertas de neve estavam cobertas de nuvens e

névoa.

Quando a companhia do Roran se abriu caminho entre as propriedades que rodeavam Teirm - algumas eram fazendas, outras, enormes conglomerados - esforçaram-se ao máximo para não serem detectados. Quando encontraram o caminho que conectava Narda com Teirm, cruzaram-no depressa e seguiram alguns quilômetros para o este, em direção às montanhas, antes de dirigir-se de novo para o sul. Uma vez que estivam seguros de que tinham rodeado a cidade, torceram de novo para o oceano até que encontraram o caminho que entrava pelo sul.

Durante o tempo transcorrido no *Javali Vermelho,* Roran tinha imaginado que talvez os oficiais de Narda teriam deduzido que o assassino dos guardas se encontrava entre os homens que tinham zarpado nas barcas de Clovis. Nesse caso teria chegado alguma mensagem de aviso aos soldados de Teirm para que vigiassem a qualquer um que combinasse com a descrição dos aldeões. E se os ra'zac tinham visitado Narda, então os soldados também saberiam que não só procuravam um punhado de assassinos, mas também a Roran Marteladas e aos refugiados do Carvahall. Teirm podia ser uma armadilha enorme. E entretanto, não podiam evitar a cidade, pois os aldeões necessitavam de provisões e de um novo meio de transporte. Roran tinha decidido que a melhor maneira de evitar que os capturassem era não enviar ao Teirm a ninguém que tivesse sido visto em Narda, salvo Gertrude e ele mesmo, Gertrude porque só ela conhecia os ingredientes de seus medicamentos, e Roran porque, embora fosse o que mais chances tinha de ser reconhecido, não confiava em ninguém mais para fazer o que se devia fazer. Sabia que possuía a vontade de agir quando outros hesitavam, como quando tinha matado os guardas. O

resto do grupo fora escolhido para minimizar as suspeitas. Loring era maior, mas lutava bem e mentia excelentemente. Birgit tinha demonstrado ser ardilosa e forte, e seu filho Nolfavrell já tinha matado um soldado em combate apesar de sua tenra idade. Idealmente poderiam parecer pouco mais que uma grande família que viajava junta.

“Isso se Mandel não estragar o plano”, pensou Roran.

Também tinha sido sua idéia entrar pelo sul, de maneira que ainda fosse menos provável que viessem de Narda.

Aproximava-se já a noite quando a cidade apareceu à vista, branca e fantasmagórica no crepúsculo. Roran se deteve para inspecionar o caminho que tinham pela frente. A cidade era protegida por muralhas e ficava isolada no limite de uma grande baía, recolhida sobre si mesma e impenetrável a qualquer ataque que pudesse conceber-se. As tochas brilhavam entre as ameias dos muros, onde os soldados armados com arcos patrulhavam por seus intermináveis circuitos. Sobre os muros se elevava uma cidadela e um farol com arestas, cujo facho varria as escuras águas.

- Que grande é - disse Nolfavrell.

Loring abaixou a cabeça sem tirar os olhos do Teirm.

- Sim realmente.

Um navio atracado em um dos moles de pedra que saíam da cidade chamou a atenção de Roran. O navio de três mastros era maior que os que tinham visto em Narda, tinha um grande castelo de proa, duas bancadas separadas de toletes e doze potentes catapultas para lançar fêmeas de javali, montadas a ambos os lados da coberta. A magnífica nave parecia igualmente adequada para o comércio e para a guerra. E ainda mais importante, Roran pensou que talvez, talvez, pudesse levar a toda a aldeia.

- Isso é o que precisamos - disse, enquanto apontava.

Birgit soltou um amargo grunhido.

- Para conseguir uma passagem nesse monstro teríamos que nos vender como escravos.

Clovis lhes tinha advertido que a entrada do Teirm se fechava ao cair do sol, assim aceleraram o passo para não ter que passar a noite no campo. À medida que foram se aproximando das muralhas, o caminho se encheu de um rio de gente que entrava e saia depressa do Teirm.

Roran não tinha contado com tanto tráfico, mas logo se deu conta de que podia ajudar a evitar a atenção indesejada sobre o seu grupo. Roran chamou Mandel e disse:

- Fique um pouco para trás e passe pela porta com outros para que os guardas não vejam que você está conosco. Vamos esperá-lo do outro lado. Se perguntarem, você veio procurar trabalho como marinheiro.

- Sim, senhor.

Enquanto Mandel se atrasava, Roran elevou um ombro, passou a mancar e começou a ensaiar a história que Loring tinha composto para explicar sua presença no Teirm. Separou-se do caminho, abaixou a cabeça para deixar passar um homem com um par de bois e agradeceu a sombra que ocultava seus traços. A porta se elevava ante eles, banhada de um laranja incerto pelas tochas apostadas nas colunas de ambos os lados da entrada. Debaixo delas havia um par de soldados com a chama de Galbatorix bordada na parte dianteira de suas túnicas. Nenhum dos homens armados dedicou sequer um olhar para Roran e seus companheiros quando passaram sob a entrada e se meteram no túnel. Roran relaxou os ombros e sentiu que se aliviava a tensão. O e outros se apinharam à esquina de uma casa, onde Loring murmurou:

- Por enquanto, vamos bem.

Quando Mandel se uniu a eles, dispuseram-se a procurar um hotel barato onde pudessem descansar. Enquanto caminhavam, Roran estudava a disposição da cidade, com suas casas fortificadas - cada vez mais altas à medida que se aproximavam da cidadela - e o quadriculado em que se estendiam as ruas. As que iam do norte ao sul irradiavam da cidadela como uma estrela, enquanto que as que iam de leste a oeste se curvavam brandamente e

formavam uma teia de aranha, criando numerosos lugares onde se podia erigir uma barreira e postar soldados.

“Se o Carvahall tivesse esta forma - pensou, - nem o rei poderia nos vencer”. Ao cair da noite já tinham arrumado alojamento no Green Chestnut, um botequim exageradamente ruim, com uma cerveja atroz e camas infestadas de piolhos. Sua única vantagem era que não custava virtualmente nada. Foram dormir sem jantar para conservar suas preciosas economias e se deitaram todos juntos para evitar que algum dos outros clientes do botequim lhes roubasse as bolsas. No dia seguinte, Roran e seus companheiros saíram do Green Chestnut antes do amanhecer para procurar provisões e transporte.

Gertrude disse:

- Ouvi falar de uma herbanária notória que se chama Angela, que vive aqui e que parece que prepara umas poções assombrosas, talvez inclusive com um pouco de magia. Queria ir vê-la, pois se alguém tem o que procuro, tem que ser ela.

- Não deveria ir sozinha - disse Roran. Olhou para Mandel. - Acompanhe Gertrude, ajude-a a comprar e faça o que puder para protegê-la se lhes atacarem. Pode ser que em algum momento fique a prova sua serenidade, mas não faça nada que cause alarme, pois do contrário trairia seus amigos e a sua família. Mandel fez uma reverência e assentiu em sinal de obediência. Ele e Gertrude viraram à direita em um cruzamento, enquanto que Roran e outros prosseguiram sua busca.

Roran tinha a paciência de um predador, mas inclusive ele começou a remexer-se de inquietude quando a manhã e a tarde passaram sem que tivessem encontrado um navio que os levasse a Surda. Soube que o navio de três mastros, o *Asa de Dragão,* estava recém construído e a ponto de zarpar em sua primeira viagem, que não tinham a menor opção de contratar-lhe à companhia de navegação Blackmoor, salvo se pagassem o equivalente a uma habitação cheia do ouro vermelho dos anões, e que, é obvio, o dinheiro dos aldeões não chegava nem para contratar a pior nave. Tampouco resolviam seus problemas ficando com as barcaças de Clovis, porque não sabiam o que iam comer durante o trajeto.

- Seria difícil - disse Birgit, - muito difícil, roubar bens neste lugar, com tantos soldados, com as casas tão juntas e os vigilantes na entrada. Se tentamos tirar tudo isso do Teirm, vão querer saber o que estamos fazendo.

Roran assentiu. “E ainda por cima isso”.

Roran tinha sugerido a Horst que se os aldeões se vissem obrigados a fugir do Teirm sem mais provisões do que as que tinham, podiam conseguir comida em alguma expedição. Entretanto, Roran sabia que uma atuação assim os converteria em alguém tão monstruoso como aqueles a quem odiava. Provocava-lhe repulsa. Uma coisa era lutar e matar quem servia a Galbatorix - ou inclusive roubar as barcas de Clovis, pois este tinha outros meios de ganhar a vida, - e outra muito diferente, roubar provisões de fazendeiros inocentes que lutavam por sobreviver,

igual ao tinham feito os aldeões no vale de Palancar. Isso era cometer assassinato.

Esses fatos pesavam em Roran como pedras. Seu projeto tinha sido sempre débil, quanto menos, sustentado a partes iguais pelo medo, o desespero, o otimismo e a improvisação de última hora. Agora temia ter levado os aldeões à guarida de seus inimigos e mantê-los ali, presos por sua própria pobreza. “Poderia escapar sozinho e seguir procurando Katrina, mas que tipo de vitória seria essa se deixasse meu povo escravizado pelo Império? Seja qual for nosso destino no Teirm, me manterei firme junto as pessoas que confiaram tanto em mim que abandonaram seus lares por minha palavra”.

Para aliviar a fome, detiveram-se em uma padaria e compraram uma fogaça de pão fresco de centeio, assim como um pote de mel para lubrificá-la. Enquanto ele pagava a compra, Loring mencionou ao ajudante do padeiro que andavam em busca de um navio, equipamento e mantimentos.

Roran se virou para notar que lhe golpeavam o ombro. Um homem de cabelo negro áspero, com um bom pedaço de barriga, disse-lhe:

- Perdão por ter escutado sua conversa com o aprendiz, mas se estão procurando navios e outras coisas a bom preço, suponho que quererão visitar o leilão.

- Que leilão é esse? - perguntou Roran.

- Ah, é uma triste historia, certamente, mas hoje em dia é muito comum. Um dos nossos mercadores, Jeod, Jeod Pernas Compridas, como o chamamos quando não nos ouve, teve um golpe de má sorte abominável. Em menos de um ano perdeu seus quatro navios e, quando tentou enviar seus bens para outro lugar, a caravana sofreu uma emboscada de ladrões e foi destruída. Seus credores o obrigaram a declarar-se falido e agora vão vender suas propriedades para recuperar as perdas. Não sei nada de comida, mas asseguro que no leilão encontrarão qualquer outra coisa que queiram comprar.

Uma pequena brasa de esperança se acendeu no peito de Roran.

- E quando será o leilão?

- Está anunciada em todos as tabernas da cidade. Depois de amanhã, sem falta.

Isso explicou a Roran por que não tinham ouvido falar antes do leilão, faziam todo o possível para evitar as tabernas com anúncios, para que ninguém reconhecesse Roran pelo retrato do pôster de recompensa.

- Muito obrigado - disse ao homem. - Pode ser que nos tenha evitado muitos problemas.

- É um prazer ajudar.

Ao sair da padaria, Roran e seus companheiros se apinharam em um extremo da rua.

- Acham que devemos tentar? - disse-lhes.

- Não temos outra coisa para tentar - grunhiu Loring.

- Birgit?

- Não faz mal que pergunte, é óbvio. Mas não podemos esperar até amanhã.

- Não. Proponho que nos reunamos com esse Jeod e tentemos fechar um acordo antes que o leilão comece. Estamos de acordo?

Como estavam, partiram para a casa de Jeod, com as direções que lhes deu uma pessoa que passava por aí. A casa - ou, melhor, a mansão - ficava no lado oeste do Teirm, perto da cidadela, entre grupos de outros edifícios opulentos embelezados com finas colunas, portas de ferro forjado, estátuas e fontes que emanava água em abundância. Roran apenas imaginava tanta riqueza, assombrava-lhe que a vida daquela gente fosse tão diferente da sua.

Roran bateu na porta dianteira da mansão do Jeod, que ficava junto a uma loja abandonada. Depois de um momento, abriu-a um mordomo roliço, com uma dentadura exageradamente brilhante. Dirigiu um olhar de desaprovação aos quatro estranhos que estavam na soleira, logo lhes dedicou um sorriso gélido e perguntou:

- No que posso lhes servir, senhores, senhora?

- Queremos falar com Jeod, se for possível.

- Têm hora marcada?

Roran pensou que o mordomo sabia perfeitamente que não tinham.

- Nossa estadia no Teirm é muito breve para ter preparado uma entrevista.

- Ah, então lamento lhes dizer que fariam melhor em perder o tempo em outro lugar. Meu senhor tem muitos assuntos para resolver. Não pode dedicar-se a qualquer grupo de vagabundos andrajosos que bata na porta para pedir esmolas -disse o mordomo.

Mostrou ainda mais seus dentes cristalinos e começou a se retirar.

- Espere! - exclamou Roran. - Não queremos esmola nenhuma, temos uma proposta de negócio para Jeod.

O mordomo elevou uma sobrancelha:

- Ah, sim?

- Sim. Por favor, pergunte-lhe se pode nos atender. Viajamos tantas léguas que não posso nem as contar, e é imprescindível que o vejamos hoje mesmo.

- Posso lhes perguntar pela natureza de sua proposta?

- É confidencial.

- Muito bem, senhor - disse o mordomo. - Comunicarei sua oferta, mas lhe advirto que Jeod está ocupado neste momento, e duvido que esteja disposto a incomodar-se. Com que nome devo anunciá-lo, senhor?

- Pode me chamar Marteladas.

O mordomo retorceu a boca como se achasse engraçado o nome, logo desapareceu atrás da porta e a fechou.

- Se tivesse a cabeça um pouco maior, não caberia no banheiro -murmurou Loring pelo canto da boca.

Nolfavrell soltou uma gargalhada por ouvir a brincadeira.

- Esperemos que o empregado não se pareça com o amo - disse Birgit. Ao cabo de um minuto a porta voltou a abrir e o mordomo, em tom bem educado, anunciou:

- Jeod está de acordo em recebê-los em seu estúdio. - afastou-se a um lado e gesticulou com um braço para lhes indicar que entrassem. - Por aqui. Entraram em turba no saguão, o mordomo passou a frente deles e entrou por um corredor de madeira polida até chegar a uma das muitas portas, que abriu para lhes fazer entrar.

Jeod Pernas Compridas

Se Roran soubesse ler, lhe teria impressionado ainda mais o tesouro de livros alinhados nas paredes do estúdio. Como não sabia, concentrou sua atenção no homem alto de cabelo cinza que os atendia depois de um escritório oval. O homem -Roran percebeu que se tratava do Jeod - parecia tão cansado como o próprio Roran. Tinha o rosto enrugado, marcado pelas preocupações e triste, e quando se virou para eles, viram brilhar uma feia cicatriz que ia do couro cabeludo até a têmpora esquerda. A Roran pareceu que a marca indicava o espírito daquele homem. Uma têmpera antiga e talvez enterrada, mas férreo em qualquer caso.

- Sentem-se - disse Jeod. - Não quero cerimônias em minha própria casa. Olhou-os com curiosidade enquanto se instalavam nas suaves poltronas de couro. - Posso lhes oferecer massas e uma taça de licor de damasco? Não posso lhes dedicar muito tempo, mas vejo que levam semanas por esses caminhos e lembro bem quão seca que ficava minha garganta depois desse tipo de viagens. Loring sorriu.

- Sim. Certamente, um gole de licor seria bem-vindo. É você muito generoso, senhor.

- Para meu filho, só um copo de leite.

- É obvio, senhora. - Jeod chamou o mordomo, deu-lhe suas instruções e voltou para recostar-se em seu assento. - Estou em desvantagem. Acredito que vocês sabem meu nome, mas eu não sei os seus.

- Marteladas, a seu serviço - disse Roran.

- Mardra, a seu serviço - disse Birgit.

- Kell, a seu serviço - disse Nolfavrell.

- E eu sou Wally, a seu serviço - terminou Loring.

- E eu estou ao de vocês - respondeu Jeod. - Bom, Rolf mencionou que queriam fazer um negócio comigo. É justo que saibam que não estou em situação de comprar nem vender nenhum bem, nem tenho o ouro necessário para investir, nem imponentes navios que possam transportar lã e comida, gemas e especiarias, pelo inquieto mar. Então, o que posso fazer por vocês?

Roran apoiou os cotovelos nos joelhos, entrelaçou os dedos e ficou olhando enquanto punha ordem a seus pensamentos. “Um só deslize poderia nos matar”, recordou-se.

- Para dizê-lo com simplicidade, representamos certo grupo de pessoas que, por diversas razões, tem que comprar uma grande quantidade de provisões com muito pouco dinheiro. Sabemos que suas propriedades serão leiloadas depois de amanhã

para pagar suas dívidas e nós gostaríamos de lhe fazer uma oferta pelos bens que nos convêm. Teríamos esperado até o leilão, mas as circunstâncias urgem e não podemos perder outros dois dias. Se tivermos que chegar a um acordo, tem que ser esta noite ou amanhã, no máximo.

- Que tipo de provisões necessitam? - perguntou Jeod.

- Comida e todo o necessário para equipar um navio, ou qualquer navio, para uma longa viagem por mar.

Uma faísca de interesse se acendeu no rosto cansado do Jeod.

- Pensaram em algum tipo concreto de navio? Conheço todas as naves que navegaram nestas águas nos últimos vinte anos.

- Ainda precisamos decidir.

Jeod aceitou sem mais perguntas.

- Agora entendo que tenham vindo a mim, mas temo que se deixaram levar por um mal-entendido. - Estendeu suas mãos cinza, abrangendo toda a sala. - Tudo o que vêem aqui já não me pertence , e sim a meus credores. Não tenho autoridade para vender minhas propriedades,

e se o fizesse sem permissão, provavelmente me prenderiam por enganá-los e lhes negar o dinheiro que devo. Calou-se quando Rolf voltou a entrar no estúdio, carregado com uma grande bandeja de prata em que levava massas, taças de cristal esculpido, um copo de leite e uma garrafa de licor. O mordomo deixou a bandeja em uma base forrada e logo começou a servir as taças. Roran pegou a sua e bebeu um gole do meloso licor, perguntando-se em que momento seria cortês desculpar-se e seguir com sua busca em outro lugar.

Quando Rolf abandonou a sala, Jeod esvaziou sua taça de um só gole e disse:

- Não posso lhes servir de nada, mas conheço gente de minha profissão que talvez..., talvez sim possam lhes ser de ajuda. Se pudessem me dar algum detalhe mais sobre o que querem comprar, teria uma idéia melhor de quem posso lhes recomendar. A Roran não pareceu problema, de modo que começou a recitar uma lista de bens que os aldeões necessitavam, de coisas que talvez fossem bem e outras que acaso quisessem mas nunca poderiam permitir-se salvo que tivessem um grande golpe de sorte. De vez em quando Birgit e Loring mencionavam algo que Roran tinha esquecido - como um abajur de azeite, - e Jeod os olhava um momento antes de voltar a cravar seus olhos afundados em Roran, em quem se fixava com crescente intensidade. O interesse do Jeod preocupava Roran, era como se o negociador soubesse, ou suspeitasse, o que lhe estava ocultando.

- Parece-me - disse Jeod quando Roran terminou o inventário - que isso são provisões suficientes para transportar várias centenas de pessoas até Feinster ou Aroughs..., ou mais à frente. Admito que estive bastante ocupado nestas últimas semanas, mas não soube que nenhum grupo desse tipo por esta área, nem posso imaginar de onde poderiam vir.

Com rosto inexpressivo, Roran agüentou o olhar de Jeod e não disse nada. Por dentro, se desprezou por ter permitido que o mercador reunisse informação suficiente para chegar a essa conclusão.

Jeod encolheu de ombros.

- Bom, de qualquer forma, isso caso é assunto seu. Sugiro-lhes que vão ver Galton, na rua do mercado, para a comida, e o velho Hamill, nos moles, para todo o resto. Ambos são homens honestos e os tratarão com sinceridade e nobreza. -Inclinouse para frente, agarrou uma massa da bandeja, deu uma dentada e, depois de mastigar, perguntou a Nolfavrell: - Bom, jovem Kell, desfrutou da sua estadia no Teirm?

- Sim, senhor - disse Nolfavrell. Logo sorriu. - Nunca tinha visto uma cidade tão grande, senhor.

- Ah, sim?

- Sim, senhor. Eu...

Pressentindo que entravam em território perigoso, Roran o interrompeu:

- Sinto certa curiosidade, senhor, a respeito da loja contígua a sua casa. Parece estranho que haja um armazém tão humilde entre estes edifícios tão esplêndidos.

Pela primeira vez um sorriso, embora fosse pequeno, iluminou a expressão do Jeod, apagando anos de seu rosto.

- Bom, sua proprietária era uma mulher que também era um pouco estranha: Angela, a herbolaria, uma das melhores curadoras que conheci. Ocupou-se dessa loja durante vinte anos e, faz só uns meses, vendeu-a e partiu com paradeiro desconhecido.

– Suspirou. - É uma lástima, pois era uma vizinha interessante.

- É a que queria conhecer Gertrude, não? - perguntou Nolfavrell, olhando a sua mãe.

Roran reprimiu um rugido e lhe dirigiu um olhar de advertência tão severo que Nolfavrell estremeceu em seu assento. O nome não podia significar nada para Jeod, mas se Nolfavrell não vigiava mais sua língua, terminaria soltando algo mais daninho.

“É hora de ir “,pensou Roran. Deixou a taça na mesa.

Então se precaveu de que o nome tinha significado para Jeod. O mercador abriu muito os olhos pela surpresa, logo aferrou os braços do assento até que as pontas de seus dedos ficaram brancas como ossos.

- Não pode ser! - Jeod se concentrou em Roran e estudou sua cara como se quisesse ver algo além da barba, e logo murmurou: - Roran... Roran Garrowsson.

Um aliado inesperado

Roran tinha tirado já o martelo do cinturão e se levantou pela metade quando ouviu o nome de seu pai. Foi o que lhe impediu de saltar ao outro lado da sala e deixar Jeod inconsciente. “Como sabe quem é Garrow?” A seu lado, Loring e Birgit ficaram em pé de um salto e tiraram as facas que levavam na manga, e até Nolfavrell se preparou para lutar com uma adaga na mão.

- É Roran, não é? - perguntou Jeod em voz baixa.

Não pareceu alarmar-se pelas armas.

- Como adivinhou?

- Porque Brom trouxe Eragon aqui e você se parece com seu primo. Quando vi seu pôster ao lado do de Eragon, percebi que o Império tinha tentado te capturar e havia que havia escapado. Mas - Jeod desviou o olhar para os outros três - apesar de toda a minha imaginação, nunca suspeitei que teria levado a toda Carvahall contigo. Aturdido, Roran se deixou cair de novo na cadeira e deixou o martelo cruzado sobre as pernas, preparado para usá-lo.

- Eragon esteve aqui?

- Sim, e Saphira também.

- Saphira?

A surpresa cruzou de novo o rosto do Jeod.

- Então, não sabe?

- O que?

Jeod refletiu um longo minuto.

- Acredito que chegou o momento de deixar de fingir, Roran Garrowsson, e falar abertamente e sem enganos. Posso responder a muitas das perguntas que deve ter, como porquê te persegue o Império, mas em troca preciso saber que razão lhes traz a Teirm... a verdadeira razão.

- E por que teríamos que confiar em você, Pernas Compridas? - quis saber Loring. - Pode ser que trabalhe para Galbatorix.

- Fui amigo de Brom durante mais de vinte anos, antes que ele fosse o contador de histórias do Carvahall - explicou Jeod, - e fiz o que pude para ajudar a ele e a Eragon quando estiveram sob meu teto. Mas como nenhum dos dois está aqui para comprovar, ponho minha vida em suas mãos para que façam o que quiserem. Poderia gritar para pedir ajuda, mas não o farei. Nem lutarei com vocês. Só lhes peço que me contem sua história e que escutem a minha. Logo poderão decidir por si mesmos qual é

a ação adequada. Não correm nenhum perigo imediato, assim não lhes fará nenhum dano falar.

Birgit captou o olhar de Roran com um movimento de queixo.

- Ele só quer salvar a pele.

- Talvez - replicou Roran, - mas temos que descobrir o que ele sabe. Passou um braço sob a cadeira, arrastou-a pela sala, encostou o respaldo à

porta e logo se sentou nela de tal modo que ninguém pudesse entrar de repente e pegá-los de surpresa. Assinalou para Jeod com o martelo.

- De acordo. Quer falar? Depois de você eu falarei.

- Será melhor que você comece.

- Se o fizer e não ficarmos satisfeitos com suas respostas, teremos que te matar - advertiu Roran.

Jeod cruzou de braços.

- Que assim seja.

Contra a sua vontade, Roran estava impressionado pela fortaleza moral do mercador, Jeod não parecia se preocupar com seu destino, embora uma certa amargura lhe rodeasse a boca.

- Assim seja - repetiu Roran.

Roran tinha revivido os fatos ocorridos depois da chegada dos ra'zac ao Carvahall, mas nunca os havia descrito com detalhe a outra pessoa. Enquanto o fazia, surpreendeu-lhe a quantidade de coisas que tinham acontecido a ele e aos outros aldeões em tão pouco tempo, e como tinha sido fácil para Império destruir suas vidas no vale do Palancar. Ressuscitar os velhos terrores foi doloroso para Roran, mas ao menos obteve o prazer de ver que Jeod mostrava uma surpresa genuína ao escutar como os aldeões tinham expulsado os soldados e aos ra'zac de seu acampamento, o assédio a que o Carvahall foi submetido a seguir, a traição do Sloan, o seqüestro de Katrina, o discurso com que Roran tinha convencido os aldeões para fugir e as penúrias de seu trajeto até o Teirm.

- Pelos reis perdidos! - exclamou Jeod. - É uma história extraordinária! Pensar que conseguiram enganar Galbatorix e que, agora mesmo, toda a aldeia do Carvahall estava escondida nos subúrbios de uma das cidades maiores do Império sem que o rei sequer soubesse...

Meneou a cabeça em sinal de admiração.

- Sim, essa é nossa situação - grunhiu Loring. - E mais precária não pode ser, assim será melhor que nos explique por que temos que correr o risco de deixá-lo com vida.

- Estou na mesma situação...

Jeod se deteve ao perceber que alguém forçava o trinco atrás da cadeira do Roran com a intenção de abrir a porta. Logo soaram uns golpes nas pranchas de carvalho. Do corredor, uma mulher gritou:

- Jeod! Deixe-me entrar, Jeod! Não pode se esconder nessa cova.

- Posso? - murmurou Jeod.

Roran estalou os dedos a Nolfavrell e, depois de agarrar a adaga que lhe atirou o moço, deslizou-se em torno da mesa e pressionou o fio contra o pescoço de Jeod.

- Faça-a ir embora.

Jeod elevou a voz e disse:

- Agora não posso conversar. Estou em plena reunião.

- Mentiroso! Não tem nenhum negócio. Está falido. Saia e me enfrente, covarde! Ou é tão pouco homem que não se atreve a olhar nos olhos da sua esposa? - Se calou um segundo, como se esperasse resposta, mas logo o volume de seus uivos aumentou: Covarde! É um rato sem vísceras, um rato asqueroso, verme, com a tripa amarela, não serve nem para levar um pedaço de carne ao mercado, e muito menos uma companhia de navegação. Meu pai nunca teria perdido tanto dinheiro. Roran se encolheu ao ver que continuavam os insultos. “Se continuar assim, não poderei conter Jeod”.

- Cale-se, mulher! - ordenou Jeod, e se fez silêncio. - Pode ser que nossas fortunas melhorem se tiver o bom senso de conter a língua e não gritar como a mulher de um peixeiro.

A resposta da mulher foi fria:

- Esperarei até que te agrade na cozinha, querido marido, e salvo que me atenda até a hora do jantar e me dê alguma explicação, Abandonarei esta maldita casa para não voltar jamais.

O som de seus passos se retirou para na distância.

Quando esteve seguro de que a mulher tinha ido, Roran retirou a adaga do pescoço de Jeod e devolveu a arma a Nolfavrell antes de voltar a se sentar na cadeira, contra a porta.

Jeod esfregou o pescoço e logo, com expressão irônica, disse:

- Se não chegarmos a um acordo, será melhor que me mate, será mais fácil que explicar a Helen que lhe gritei por nada.

- Conta com minha compaixão, Pernas Compridas - disse Loring.

- Não é culpa dela, a verdade - suspirou Jeod. - Talvez seja minha culpa por não ter me atrevido a dizer-lhe.

- Dizer-lhe o que? - perguntou Nolfavrell.

- Que sou um agente dos varden. - Jeod fez uma pausa ao ver seus gestos de aturdimento. - Talvez deveria começar pelo princípio. Roran, ouviu nestes últimos meses os rumores de que existe um novo Cavaleiro que se opõe a Galbatorix?

- Algum murmúrio por aqui e por ali, sim, mas nada digno de crédito. Jeod hesitou.

- Não sei de que outra maneira dizer Roran, mas há um novo Cavaleiro na Alagaésia, e se trata de seu primo Eragon. A pedra que encontrou nas Vertebradas na realidade era um ovo de dragão que eu ajudei os varden a roubar de Galbatorix faz anos. O dragão se ligou a Eragon e é uma fêmea que se chama Saphira. Por isso os ra'zac foram ao vale do Palancar pela primeira vez. Voltaram porque Eragon se converteu em um inimigo tão formidável do Império que

Galbatorix achou em que se te capturasse, poderia dominar Eragon.

Roran jogou a cabeça para trás e pôs-se a rir até que as lágrimas apareceram nos olhos e lhe doeu o estômago de tanta convulsão. Loring, Birgit e Nolfavrell o olharam com um pouco de medo, mas a Roran não importavam suas opiniões. Ria do absurdo das afirmações de Jeod. Ria da terrível possibilidade de que Jeod houvesse dito a verdade.

Com a respiração entrecortada, Roran recuperou gradualmente a normalidade apesar de um acesso ocasional de risadas sem vontade. Secou o rosto com a manga e logo olhou para Jeod, com um duro sorriso nos lábios.

- Combina com os fatos, lhe concedo isso. Mas também combinariam outra dúzia de explicações que me ocorrem.

- Ah... - replicou Jeod. - Bom, há um assunto que conheço bem... Cômodo em sua cadeira, Roran escutou com incredulidade enquanto Jeod relatava uma história fantástica sobre como Brom - o velho resmungão do Brom! - Tinha sido em outro tempo um Cavaleiro e, supostamente, tinha ajudado o estabelecimento dos varden, como Jeod tinha descoberto um passadiço secreto que levava ao Urü'baen, como os varden o tinham arrumado para surrupiar os três últimos ovos de Galbatorix e como só se salvou um depois de que Brom lutou contra Morzan, o Apóstata, e o matou. Se por acaso isso não fosse suficientemente ridículo, Jeod seguiu descrevendo um acordo entre os varden, os anões e os elfos para transladar o ovo entre o Du Weldenvarden e as montanhas Beor, razão pela qual o ovo e seus portadores estavam perto do limite do grande bosque quando foram emboscados por uma Sombra.

“Uma Sombra”, pensou Roran.

Apesar de seu ceticismo, Roran atendeu com redobrado interesse quando Jeod começou a explicar que Eragon tinha encontrado o ovo e tinha criado o dragão no bosque que ficava junto à fazenda de Garrow. Roran tinha estado ocupado nessa época preparando-se para partir para o moinho do Dempton em Therinsford, - mas recordava quão distraído estava Eragon, como passava muito tempo ao ar livre fazendo sabia-se lá o que...

Enquanto Jeod explicava como e por que Garrow tinha morrido, a raiva invadiu Roran contra Eragon por ter se atrevido a manter em segredo a existência do dragão quando era tão óbvio que os punha em perigo. “Meu pai morreu por sua culpa!”

Odiou o olhar de tranqüila compreensão que lhe dedicou Jeod.

- Duvido que ele mesmo soubesse. Os Cavaleiros e seus dragões têm um vínculo tão íntimo que freqüentemente custa distinguir um do outro. Antes de machucar Saphira, Eragon teria cortado uma perna.

- Poderia ter feito isso - resmungou Roran. - Por sua culpa, tive que fazer coisas tão dolorosas como essa, e sei bem: poderia ter feito isso.

- Tem direito a se sentir assim - disse Jeod, - mas não esqueça que a razão pela qual Eragon abandonou o vale do Palancar foi para proteger a você e a todos os que ficavam. Acredito que foi uma decisão extremamente dura para ele. Desse ponto de vista, sacrificou-se para assegurar sua sobrevivência e para vingar seu pai. E embora ao ir-se não obtivesse o efeito desejado, as coisas poderiam ter saído muito pior se Eragon fiasse.

Roran não disse nada mais até que Jeod mencionou que a razão pela qual Brom e Eragon tinham visitado Teirm era consultar os manifestos de navegação para tentar localizar o esconderijo dos ra'zac.

- E o conseguiram?

- Claro que conseguimos.

- Bom, e onde estão? Pelo amor de deus, homem, diga. Já sabe quão importante é para mim!

- Segundo os registros parecia evidente que a toca dos ra'zac está na formação conhecida como Helgrind, junto a Dras-Leoa. E logo recebi uma mensagem dos varden, na qual o relato do próprio Eragon o confirmava. Excitado, Roran agarrou o martelo. “A viagem até Dras-Leoa é longa, mas do Teirm se acessa ao único caminho aberto até o extremo sul das Vertebradas. Se conseguir deixar todos a salvo navegando costa abaixo, posso ir até Helgrind, resgatar Katrina se estiver ali e seguir o rio Jiet até a Surda”.

Os pensamentos de Roran devem ter se refletido em seu rosto, porque Jeod lhe disse:

- Não pode ser, Roran.

- O que?

- Nenhum homem pode conquistar Helgrind sozinho. É uma montanha de pedra negra, sólida e cortada, impossível de escalar. Pensa nos pestilentos corcéis dos ra'zac, parece lógico que tenham sua toca na cúpula do Helgrind e não perto da terra, onde seriam mais vulneráveis. Então, como chegaria até eles? E se conseguisse, acha realmente que poderia derrotar os dois ra'zac e as suas montarias, nada menos? Não duvido que seja um guerreiro temível, pois afinal Eragon e você compartilham o mesmo sangue, mas esses inimigos estão fora do alcance de qualquer humano normal. Roran negou com a cabeça.

- Não posso abandonar Katrina. Talvez seja inútil, mas devo tentar liberá-la embora me custe a vida.

- A Katrina não servirá de nada que se mate - exortou-o Jeod. - Se posso te dar um conselho, tente chegar a Surda tal como tinha planejado. Estou seguro de que de ali poderá solicitar a ajuda de Eragon. Nem sequer os ra'zac podem se igualar a um Cavaleiro e seu dragão em combate aberto.

Roran teve uma visão mental daquelas bestas enormes de pele cinza em que montavam os

ra'zac. Odiava reconhecê-lo, mas sabia que não tinha a capacidade de matar aquelas criaturas, por muito forte que fosse sua motivação. Assim que aceitou essa verdade, Roran começou a acreditar finalmente no relato de Jeod, se não o fizesse, teria perdido Katrina para sempre.

“Eragon - pensou. - Eragon! Por todo o sangue que derramei, pelas vísceras que mancharam minhas mãos, juro sobre a tumba de meu pai que te farei responder pelo que fez arrasando Heldring comigo. Se você criou esta confusão, farei que a conserte”.

Roran assinalou a Jeod.

- Continue a história. Ouçamos o que resta desta penosa obra antes que se acabe o dia.

Então Jeod lhes contou sobre a morte de Brom, de Murtagh, filho de Morzan, da captura e fuga do Gil'ead, de uma desesperada fuga para salvar uma elfa, dos urgals e dos anões e de uma grande batalha em um lugar chamado Farthen Dür, em que Eragon tinha derrotado uma Sombra. E Jeod lhes contou que os varden tinham abandonado as Beor para dirigir-se a Surda e que naquele momento Eragon estava nas profundezas do Du Weldenvarden, aprendendo os segredos misteriosos dos elfos sobre a magia e a arte da guerra, e que retornaria logo.

Quando o mercador se calou, Roran se reuniu em um extremo do estúdio com Loring, Birgit e Nolfavrell e lhes perguntou o que pensavam. Baixando a voz, Loring disse:

- Não saberia dizer se mente ou não, mas um homem capaz de inventar uma história assim ante o fio de uma adaga merece viver. Um novo Cavaleiro! E ainda por cima Eragon!

Meneou a cabeça.

- Birgit? - perguntou Roran.

- Não sei. É tão extravagante... - Hesitou. - Mas tem que ser verdade. Outro Cavaleiro é a única coisa que poderia empurrar o Império a nos perseguir tão ferozmente.

- Sim - concordou Loring. Os olhos brilhavam de emoção. - Participamos de fatos mais transcendentais do que acreditávamos. Um novo Cavaleiro. Pensem nisso! A velha ordem está a ponto de ser derrotada, digo-lhes isso... Tinha toda a razão, Roran!

- Nolfavrell?

O menino reagiu com solenidade ao ver que lhe consultava. Mordeu um lábio e logo disse:

- Jeod parece bastante sincero. Acredito que podemos confiar nele.

- Então, de acordo - disse Roran. Aproximou-se em grandes passadas de Jeod, plantou os nódulos na borda da mesa e disse: - Duas últimas perguntas, Pernas Compridas. Que se pareciam Eragon e Brom? E como reconheceu o nome de Gertrude?

- Sabia de Gertrude porque Brom mencionou que lhe tinha deixado uma carta dirigida a você. Quanto à aparência que tinham, Brom era um pouco mais baixo que eu. Tinha uma barba espessa, tinha o nariz aquilino e levava um cajado de madeira esculpida. E me atreveria a dizer que às vezes era muito irritável. - Roran assentiu, esse era Brom. - Eragon era... jovem. Cabelo escuro, olhos escuros, tinha uma cicatriz na mão e não parava de fazer perguntas.

Roran assentiu de novo, aquele era sua primo.

Roran guardou o martelo no cinto. Birgit, Loring e Nolfavrell embainharam suas facas. Logo Roran afastou sua cadeira da porta, e os quatro voltaram a sentar-se como pessoas civilizadas.

- E agora, Jeod? - perguntou Roran. - Pode nos ajudar? Sei que está em uma situação difícil, mas nós... Nós estamos desesperados e não temos ninguém mais a quem recorrer. Como agente dos varden, pode nos garantir seu amparo? Estamos dispostos a lhes servir se nos protegerem da ira de Galbatorix.

- Os varden - disse Jeod - ficarão encantados de contar com vocês. Mais que encantados. Suspeito que isso já terão adivinhado. Quanto a ajuda... - passou uma mão pela larga cara e olhou além do Loring, para as fileiras de livros na estante. - Faz quase um ano que sei que minha verdadeira identidade, assim como a de outros muitos mercadores daqui e de todas as partes que ajudaram os varden, foi revelada por traição ao Império. Por isso não me atrevi a fugir para Surda. Se tentasse, o Império me prenderia e então... quem sabe a que terrores enfrentaria. Tive que presenciar a destruição gradual de meu negócio sem poder exercer nenhuma ação para me opor ou para escapar. E ainda pior, agora não posso enviar nada aos varden nem eles se atrevem a me mandar seus envios, temia que Lorde Risthart me prendesse e me levasse a masmorra, pois o Império já não tem nenhum interesse em mim. Estou esperando esse dia desde que declarei falência.

- Talvez - sugeriu Birgit - queiram que fuja para poder capturar quem vai com você.

Jeod sorriu.

- Possivelmente. Mas agora que estão aqui, tenho um meio para sair com o qual não tinha contado.

- Ou seja que tem um plano? - perguntou Loring.

Um regozijo cruzou o rosto de Jeod.

- Ah, sim, tenho meu plano. Viram a *Asa de Dragão,* atracado no porto?

Roran pensou naquele navio.

- Sim.

- A *Asa de Dragão* é propriedade da companhia de navegação Blackmoor, uma cobertura do

Império. Levam provisões para o exército, que ultimamente se mobilizou até extremos alarmantes, recrutando soldados entre os camponeses e confiscando cavalos, asnos e bois. - Jeod arqueou uma sobrancelha. - Não estou seguro do que isso significa, mas é possível que Galbatorix pretenda partir para Surda. Em qualquer caso, a *Asa de Dragão* zarpará por volta do Feinster esta mesma semana. É o melhor navio que jamais existiu, com um desenho novo de Kinnel, o professor armador.

- E quer pirateá-lo - concluiu Roran.

- Sim. Não só para incomodar o Império, ou porque a *Asa de Dragão* tem a reputação de ser o navio veleiro mais rápido de sua tonelagem, mas sim porque já está

carregado de provisões para uma longa viagem. E como o que leva é comida, teríamos suficiente para toda a aldeia.

Loring soltou uma gargalhada tensa.

- Espero que seja capaz de comandá-la, Pernas Compridas, porque nenhum de nós sabe levar nada maior que uma barca.

- Alguns homens de minhas tripulações permanecem no Teirm. Estão na mesma situação que eu, incapacitados para lutar e para fugir. Estou seguro de que não perderão a chance de irem para Surda. Eles poderão lhes ensinar o que se deve fazer na *Asa de Dragão*. Não será fácil, mas não vejo nenhum outra opção. Roran sorriu. O gostava do plano: rápido, decisivo e inesperado.

- Mencionou - comentou Birgit - que durante o ano passado nenhum de seus navios, nem os dos outros mercadores que ajudam os Varden, chegaram a seu destino. Porquê, então, teria que triunfar esta missão no que fracassaram tantas outras?

Jeod respondeu depressa:

- Porque contamos com o fator surpresa. A lei exige que os navios mercantes submetam seus itinerários à aprovação da autoridade portuária ao menos duas semanas antes de partir. Custa muito tempo preparar um navio para zarpar, assim se sairmos sem aviso prévio, a Galbatorix poderia custar uma semana, ou mais, para enviar algum navio atrás de nós. Se tivermos sorte, não veremos nem as pontas dos mastros de nossos perseguidores. Então - Jeod seguiu falando, - se estiverem dispostos a tentar, isto é o que temos que fazer...

Fuga

Depois de analisar a proposta de Jeod por todos os ângulos possíveis e tentar ater-se a ela com poucas modificações, Roran enviou Nolfavrell em busca de Gertrude e Mandel no Green Chestnut, pois Jeod tinha oferecido sua hospitalidade a todo o grupo.

- Agora, se me perdoarem - disse Jeod, enquanto se levantava, - devo revelar a minha esposa o que nunca devia ter lhe escondido e perguntar se está disposta a me acompanhar a Surda. Escolham os quartos que quiserem no segundo andar. Rolf os chamará quando o jantar estiver pronto.

Abandonou o estúdio com passos largos e lentos.

- É inteligente deixar que conte a essa ogra? - perguntou Loring. Roran encolheu de ombros.

- Sendo ou não, não podemos impedi-lo. E não acredito que fique em paz até

que tenha contado.

Em vez de ir para um quarto, Roran passeou pela mansão, evitando inconscientemente os empregados enquanto refletia sobre o que Jeod havia dito. Deteve-se ante uma janela saliente da parte traseira da casa, que dava aos estábulos, e encheu os pulmões com o ar fresco e fumegante, carregado com o aroma familiar do esterco.

- Você o odeia?

Levou um susto e, ao voltar-se, viu Birgit silhuetada na soleira da porta. Ela envolveu o xale em torno dos ombros enquanto se aproximava dele.

- A quem? - perguntou Roran, embora soubesse a resposta.

- A Eragon. Você o odeia?

Roran contemplou o céu escurecido.

- Não sei. Eu odeio por causar a morte de meu pai, mas ainda sendo é da minha família e por isso eu o quero bem... Acho que se não necessitasse de Eragon para salvar Katrina, não quereria saber dele durante um bom tempo.

- Eu necessito de você e odeio igualmente, Marteladas.

Roran soprou com expressão irônica.

- Sim, estamos unidos pelo destino, não? Você tem que me ajudar a encontrar Eragon para poder vingar a morte de Quimby nas mãos dos ra'zac.

- E para logo me vingar de você.

- Isso, também.

Roran olhou fixamente seus olhos firmes durante um momento, reconhecendo o vínculo que os unia. Era estranhamente reconfortante saber que compartilhavam o mesmo impulso, o mesmo ardor irado que acelerava seus passos quando outros titubeavam. Reconhecia nela um espírito gêmeo.

Ao cruzar de volta a casa, Roran se deteve junto a cozinha para ouvir a cadência da voz de Jeod. Curioso, espiou por uma greta que havia junto à dobradiça que ficava a meia altura. Jeod estava de pé ante uma mulher loira e magra. Roran imaginou que era Helen.

- Se o que diz é verdade, como pode esperar que confie em você?

- Não espero - respondeu Jeod.

- E entretanto, me pede que me torne fugitiva por você?

- Uma vez você se ofereceu a deixar sua família e vagar pela terra comigo. Suplicou-me que a tirasse do Teirm.

- Uma vez. Então me parecia terrivelmente bonito com sua espada e sua cicatriz.

- Ainda as tenho - disse ele, em tom suave. - Cometi muitos erros contigo, Helen, agora entendo. Mas continuo te amando e quero que esteja a salvo. Aqui não tenho futuro. Se ficar, só contribuirei com dor a sua família. Pode voltar a seu pai ou vir comigo. Faça aquilo que achar melhor. De qualquer maneira, suplico que me dê uma segunda chance, que tenha a coragem de abandonar este lugar e se desfazer das amargas lembranças de nossa vida aqui. Podemos recomeçar em Surda. Ela guardou silêncio um longo momento.

- Aquele jovem que esteve aqui é um Cavaleiro de verdade?

- É. Estão soprando ventos de mudanças, Helen. Os varden estão a ponto de atacar, os anões se reúnem, e até os elfos se agitam em seus esconderijos antigos. aproxima-se a guerra e, se tivermos sorte, também a queda de Galbatorix.

- Você é importante entre os varden?

- Devem-me certa consideração por ter participado da obtenção do ovo de Saphira.

- Então, lhe concederão algum cargo em Surda?

- Imagino que sim.

Jeod lhe pôs as mãos nos ombros, e ela não se afastou.

- Jeod, Jeod, não me pressione - murmurou. - Ainda não posso decidir.

- Vai pensar a respeito?

Ela estremeceu.

- Ah, sim. Vou pensar nisso.

Quando Roran se afastou, doía-lhe o coração.

Katrina.

Aquela noite, durante o jantar, Roran notou que Helen freqüentemente cravava os olhos nele para estudá-lo e medi-lo, para compará-lo, sem dúvida, com Eragon. Depois de comer, Roran chamou Mandel e o levou ao pátio dos fundos da casa.

- O que aconteceu, senhor? - perguntou Mandel.

- Queria falar com você em particular.

- A respeito do que?

Roran passou os dedos pelo cabo de seu martelo e pensou que se sentia como Garrow quando este lhe soltava algum sermão sobre responsabilidade, Roran sentia inclusive que as mesmas frases brotavam de sua garganta. “E assim uma geração passa a seguinte”, pensou.

- Você ultimamente, está muito amigo dos soldados.

- Não são nossos inimigos - objetou Mandel.

- Atualmente, todo mundo é nosso inimigo. Clovis e seus homens poderiam nos entregar a qualquer momento. De qualquer forma, não seria um problema se não fosse porque ao estar com eles abandonou suas obrigações. - Mandel se esticou e a cor brotou em suas bochechas, mas não se rebaixou na estima de Roran negando a acusação. Satisfeito, Roran lhe perguntou: - O que é o mais importante que podemos fazer agora, Mandel?

- Proteger nossas famílias.

- Sim. E que mais?

Mandel hesitou, inseguro, e ao fim confessou:

- Não sei.

- Nos ajudar mutuamente. É a única maneira de que alguns dos nossos sobrevivam. Decepcionou-me especialmente saber que você tinha jogado comida com os marinheiros, pois isso põe em perigo a toda a aldeia. Seria muito mais útil que passasse o tempo caçando, em vez de jogar dados ou aprender a atirar facas. Na ausência de seu pai, você deve cuidar de sua

mãe e de seus irmãos. Eles confiam em você. Está claro?

- Muito claro, senhor - respondeu Mandel, com a voz afogada.

- Voltará a acontecer?

- Nunca mais, senhor.

- Bem. Não o trouxe aqui só para isso. Você tem um talento promissor, e por isso vou te dar uma tarefa que não confiaria a ninguém além de mim mesmo.

- Sim, senhor!

- Amanhã pela manhã, necessito que volte ao acampamento e entregue uma mensagem a Horst. Jeod acredita que o Império tem espiões que vigiam esta casa, de modo que é vital que você se assegure que ninguém te siga. Espere até que tenha saído da cidade e logo despiste a quem o estiver seguindo ao campo. Mate-o se for necessário. Quando encontrar Horst, deve lhe dizer que...

Enquanto dava suas instruções, Roran viu que a expressão de Mandel passava da surpresa à impressão e finalmente ao assombro.

- E se Clovis se negar? - perguntou Mandel.

- Essa noite, quebre as barras dos lemes das barcas, para que não possam dirigi-las. É um truque sujo, mas seria desastroso se Clovis ou algum de seus homens chegasse ao Teirm antes que você.

- Não permitirei que isso ocorra - prometeu Mandel.

Roran sorriu.

- Muito bem.

Satisfeito por ter resolvido o assunto do comportamento de Mandel e porque o jovem parecia disposto a fazer o que pudesse para levar sua mensagem a Horst, Roran voltou para a casa e deu boa noite ao anfitrião antes de se deitar. Com a única exceção de Mandel, Roran e seus companheiros se confinaram na mansão durante todo o dia seguinte, aproveitando o atraso para descansar, afiar suas armas e revisar seus estratagemas.

Entre a alvorada e o anoitecer não viram Hellen, pois esta ia ocupada de uma habitação a outra. Viram mais ao Rolf, com seus dentes como pérolas envernizadas, e absolutamente a Jeod, pois o mercador de cabelos grisalhos tinha saído a passear pela cidade e - aparentemente, por acaso - encontrar-se com os poucos homens do mar que lhe mereciam confiança para a expedição.

Ao retornar, disse a Roran:

- Podemos contar com outros cinco homens. Espero que seja suficiente. Jeod ficou em seu escritório o resto da tarde, escrevendo alguns documentos legais e ocupando-se de diversos assuntos.

Três horas antes do amanhecer, Roran, Loring, Birgit, Gertrude e Nolfavrell se levantaram e, reprimindo alguns bocejos prodigiosos, congregaram-se na entrada da mansão, de onde se envolveram em largas capas para ocultar seus rostos. Quando Jeod se uniu a eles, levava uma espada pendurada de um lado, e Roran pensou que de algum modo aquela espada estreita se encaixava com o homem esquálido, como se servisse para lhe recordar a Jeod quem era na realidade.

Jeod acendeu um abajur de azeite e o sustentou ante eles.

- Estamos preparados? - perguntou.

Assentiram. Logo o mercador soltou o fecho da porta e saíram todos em fila para a rua pavimentada vazia. Depois deles, Jeod ficou parado na entrada e dirigiu um último olhar às escadas que ficavam à direita, mas Helen não apareceu. Jeod encolheu de ombros, fechou a porta e abandonou a casa.

Roran lhe apoiou uma mão em um braço.

- Ao fato, peito.

- Já sei.

Trotaram pela cidade escura, reduzindo o passo quando cruzavam com algum guarda ou com qualquer outro habitante da noite, a maioria dos quais desapareciam em seguida da vista. Em uma ocasião escutaram passos no alto de um edifício próximo.

- O desenho da cidade - explicou Jeod - facilita aos ladrões passar de um telhado a outro.

Voltaram a caminhar devagar ao chegar à porta leste do Teirm. Como aquela entrada dava ao porto, só estava fechada quatro horas cada noite para minimizar as moléstias causadas ao comércio. De fato, face à hora, alguns homens passavam já sob a porta.

Embora Jeod lhes tinha advertido que isso podia acontecer, Roran sentiu o broto do medo quando os guardas baixaram suas lanças e lhes perguntaram o que queriam. umedeceu a boca e se esforçou por não tremer enquanto o soldado maior examinava um pergaminho que lhe deu Jeod. Ao cabo de um minuto, o guarda assentiu e lhe devolveu o pergaminho.

- Podem passar.

Quando estavam no mole, longe do alcance dos muros da cidade, Jeod disse:

- Sorte que não sabia ler.

Os seis esperaram no úmido embarcadouro até que, de um em um, os homens do Jeod foram emergindo da bruma cinza que se estendia sobre a borda. Eram solenes e silenciosos, levavam o cabelo trançado até a metade das costas, as mãos lubrificadas de breu e uma série de cicatrizes que provocaram respeito inclusive em Roran. Gostou do que via e se deu conta de que eles também o aprovavam. Entretanto, não gostaram da presença do Birgit.

Um dos marinheiros, um grande bruto, assinalou-a com o polegar e acusou Jeod:

- Não nos disse que haveria uma mulher na luta. Como posso me concentrar se tiver diante de uma vagabunda dos bosques?

- Não fale assim dela - disse Nolfavrell, travando os dentes.

- E seu pirralho também?

Com voz tranqüila, Jeod disse:

- Birgit enfrentou os ra'zac. E seu filho já matou a um dos melhores soldados de Galbatorix. Você pode dizer mesmo, Uthar?

- Não é correto - interveio outro homem. - Com uma mulher a meu lado não sinto a salvo, só trazem má sorte. Uma mulher não deveria... O que ia dizer ficou no ar porque nesse instante Birgit fez algo bem pouco feminino. Deu um passo adiante, pegou-lhe um chute entre as pernas de Uthar e logo agarrou o segundo homem e lhe pôs a ponta da faca no pescoço. Sustentou-o assim por um momento para que todos pudessem ver o que tinha feito, e logo o soltou. Uthar rodou seus pés pelo mole, com as mãos entre as pernas e resmungando um rio de maldições.

- Alguém mais tem alguma objeção? - quis saber Birgit.

A seu lado, Nolfavrell olhava boquiaberto para sua mãe.

Roran se cobriu com o capuz para ocultar seu sorriso. “Sorte que não se fixaram em Gertrude”, pensou.

Ao ver que ninguém mais desafiava Birgit, Jeod perguntou:

- Trouxeram o que eu queria?

Todos os soldados levaram a mão a suas camisas e tiraram paus grossos e ganchos de tamanhos diferentes.

Assim armados, puseram-se a andar mole abaixo para a *Asa de Dragão,* fazendo o possível para não serem detectados. Jeod mantinha o abajur tampado em todo momento. Perto do embarcadouro, esconderam-se depois de um armazém e viram como se agitavam em torno do

mole do navio as luzes que levavam os sentinelas. Tinham retirado a passarela durante a noite.

- Lembrem-se - sussurrou Jeod - que o mais importante é evitar que soem o alarme até que estejamos preparados para zarpar.

- Dois homens abaixo, dois acima, sim? - perguntou Roran.

Uthar respondeu:

- É o habitual.

Roran e Uthar ficaram de calças, amarraram a roupa e os paus à cintura - Roran se desprendeu do martelo - e logo foram correndo até mais abaixo pelo mole, longe da vista dos sentinelas, onde se meteram na água gelada.

- Grr, odeio fazer isto - disse Uthar.

- Já tinha feito alguma vez?

- É a quarta. Não pare de se mover, ou congelará.

Agarrando-se aos esquálidos pilares que sustentavam o mole, nadaram de volta para o ponto de partida, até que chegaram ao embarcadouro de pedra que levava ao *Asa de Dragão.* Uthar aproximou os lábios ao ouvido do Roran.

- Eu me encarrego da âncora de estibordo.

Roran assentiu para mostrar-se de acordo.

Mergulharam sob a água negra e se separaram. Uthar nadou como uma rã

sob a proa do navio, enquanto Roran foi direto à âncora de bombordo e se agarrou à

grossa corrente. Desatou o pau que levava a cintura, sujeitou-o entre os dentes - tanto para liberar as mãos como para evitar bater os dentes - e se dispôs a esperar. O áspero metal lhe arrancava o calor dos braços, como se fosse gelo. Em menos de três minutos, Roran ouviu por acima o roçar das botas de Birgit, quando ela se pôs a andar até o extremo do embarcadouro, que chegava na metade do *Asa de Dragão,* e logo o tênue som de sua voz quando começou a conversar com os sentinelas. Se tudo corresse bem, conseguiria manter sua atenção afastada da proa.

“Agora!”

Mão atrás de mão, Roran foi escalando a corrente. Seu ombro direito ardia, onde o ra'zac tinha lhe mordido, mas continuou subindo. Da porteira por onde a corrente da âncora entrava no navio, agarrou-se aos cavaletes que sustentavam o mascarão de proa pintado, logo passou à

amurada e daí à coberta. Uthar já estava ali, arquejando e pingando.

Com os paus na mão, caminharam nas pontas dos pés para a popa do navio, escondendo-se onde podiam. detiveram-se a menos de três metros dos sentinelas. Os dois homens estavam apoiados na amurada, conversando com Birgit. Como um relâmpago, Roran e Uthar abandonaram seus esconderijos e golpearam os sentinelas na cabeça antes que pudessem desembainhar os sabres. Abaixo, Birgit acenou para Jeod e o resto do grupo, e todos subiram a passarela e cruzaram um de seus extremos até o navio, onde Uthar a amarrou à amurada. Quando Nolfavrell subiu correndo a bordo, Roran lhe passou sua corda e lhe disse:

- Amarre esses dois e amordaçe-os.

Logo, todos menos Gertrude desceram aos camarotes a procurar de outros sentinelas. Encontraram outros quatro homens: o comissário de bordo, o contramestre, o cozinheiro e seu ajudante. Tiraram todos da cama, golpearam na cabeça a quem resistia e logo os amarraram firmemente. Também nessa tarefa Birgit demonstrou sua valia, pois ela sozinha apanhou dois homens.

Jeod dispôs os infelizes prisioneiros em uma fila ao longo da coberta para poder vigiá-los e logo declarou:

- Temos muito que fazer e muito pouco tempo. Roran, agora Uthar é o capitão do *Asa de Dragão.* Você e outros aceitarão suas ordens. Durante as duas horas seguintes houve um frenesi de atividade no navio. Os marinheiros se encarregaram do equipamento de barco e as velas, enquanto Roran e os do Carvahall se encarregavam de esvaziar a adega de provisões supérfluas, como algumas velas de lã crua. Jogaram-nas pela amurada, sustentadas por cordas para que ninguém ouvisse a queda do mole. Se tinha que caber todo o povo no *Asa de Dragão,* teriam que limpar o maior espaço possível.

Roran estava enganchando um cabo a um barril quando ouviu uma rouca exclamação:

- Vem alguém!

Todos os que estavam na coberta, menos Jeod e Uthar, tombaram-se de barriga para baixo e agarraram as armas. Os dois homens que ficavam em pé

caminharam acima e abaixo pelo navio como se fossem sentinelas. Roran sentia o coração palpitar enquanto permanecia imóvel, perguntando-se o que ia acontecer. Conteve a respiração ao ver que Jeod se dirigia ao intruso... E logo soou na passarela o eco de seus passos.

Era Helen.

Levava um vestido singelo, o cabelo recolhido com um lenço e um saco de juta no ombro. Não disse nenhuma palavra, mas instalou suas coisas na cabine principal e, ao sair, ficou junto a Jeod. Roran pensou que nunca tinha visto um homem tão feliz. Por cima das longínquas

Vertebradas, o céu começava a clarear quando um dos marinheiros encarregados do equipamento do barco assinalou para o norte e assobiou para advertir que tinha visto os aldeãos.

Roran se moveu ainda mais depressa. Logo que dispunha de tempo. Subiu correndo à coberta e escrutinou a escura fila de gente que avançava pela costa. Aquela parte do plano dependia do fato de que, ao contrário de outras cidades costeiras, no Teirm os muros não ficavam abertos para o mar, mas sim encerravam por completo toda a extensão da cidade para evitar os freqüentes ataques dos piratas. Isso implicava que ficavam os edifícios que ladeavam o porto ficavam expostos... E que os aldeãos podiam chegar caminhando até o *Asa de Dragão.*

- Depressa! Vamos, depressa! - disse Jeod.

Depois de uma ordem de Uthar, os marinheiros carregaram braçadas de flechas para os grandes arcos que havia na coberta, assim como tonéis de um breu pestilento, derrubaram-nos e usaram o breu para pintar a metade superior das flechas. Logo empurraram e carregaram as catapultas para amurada de estibordo, precisaram que dois homens puxassem a corda de lançamento para encaixá-la em seu gancho. Aos aldeões estavam a dois terços do caminho para chegar ao navio quando alguns soldados que patrulhavam as ameias do Teirm os viram e soaram o alarme. Antes inclusive de que deixasse de soar a primeira nota, Uthar gritou:

- Carreguem e disparem!

Nolfavrell desentupiu o abajur do Jeod e correu de uma catapulta a outra, aproximando a chama das flechas até acender o breu. Assim que se prendia um projétil, um homem postado atrás do arco atirava a corda e a flecha desaparecia com um pesado zunc. No total, doze projéteis em chamas saíram do *Asa de Dragão* e rasgaram os navios e edifícios da baía como meteoros de vermelho vivo que caíssem do céu.

- Carreguem de novo! - gritou Uthar.

O rangido da madeira ao flexionar-se enchia o ar enquanto puxavam todas as cordas retorcidas. Dispuseram as flechas em seu lugar. De novo, Nolfavrell se pôs a correr. Roran notou nos pés a vibração quando a catapulta que tinha em frente enviou seu letal projétil voando para seu destino.

O fogo se estendeu em seguida por todo o fronte marinho, formando uma barreira impenetrável que impedia aos soldados chegarem ao *Asa de Dragão* pela porta leste do Teirm. Roran tinha contado que a coluna de fumaça escondesse o navio dos arqueiros das ameias, e assim foi, mas por pouco. Uma nuvem de flechas se chocou com os equipamentos de barco, e uma delas se cravou na coberta, ao lado de Gertrude, antes que os soldados perdessem o navio de vista.

Da proa, Uthar gritou:

- Disparem à vontade!

Os aldeãos corriam em turba pela praia. Chegaram ao extremo norte do embarcadouro, e um punhado de homens cambalearam e caíram quando os soldados do Teirm afinaram a pontaria. As crianças gritavam de terror. Logo os aldeões recuperaram a inércia. Caminharam sobre a madeira, passaram ante um armazém envolto em chamas e chegaram ao mole. Aquele grupo arquejante carregou para o navio em uma confusa massa de corpos a empurrões.

Birgit e Gertrude guiaram o rio de gente para as escotilhas de proa e popa. Em poucos minutos, os distintos níveis do navio estavam lotados até o limite, da adega de carga até a cabine do capitão. Os que não encontravam lugar sob a coberta permaneceram na superfície, sustentando os escudos de Fisk sobre suas cabeças. Tal como Roran tinha pedido em sua mensagem, todos os homens do Carvahall que se encontravam em boa forma se reuniram em torno do pau maior, à

espera de instruções. Roran viu Mandel entre eles e lhe dirigiu uma saudação cheia de orgulho.

Logo Uthar assinalou um marinheiro e ladrou:

- Você, Bonden! Leve esses homens aos cabestrantes, suba as âncoras e prepare os remos. Depressa! - Logo dirigiu suas ordens aos que permaneciam junto às catapultas : - A metade de vocês, saiam daí e vão à catapulta de bombordo. Afastem qualquer grupo que pretenda embarcar.

Roran foi um dos que trocaram de lado. Enquanto preparava a catapulta, alguns atrasados saíram da fumaça e subiram ao navio. A seu lado, Jeod e Helen levaram os seis prisioneiros de um em um até a passarela e os enviaram rodando ao mole.

Sem que Roran pudesse dar-se conta, tinham subido as âncoras, tinham cortado a corda que sujeitava a passarela, e um tambor ressonava sob seus pés para marcar o ritmo aos remadores. Muito, muito devagar, o *Asa de Dragão* girou a bombordo, por volta do mar aberto, e logo, com velocidade crescente, afastou-se do mole.

Roran acompanhou Jeod à fortaleza, de onde contemplaram o inferno encarnado que devorava algo inflamável entre o Teirm e o oceano. Através do filtro de fumaça, o sol parecia um disco laranja, liso, inflado e ensangüentado, ao elevar-se sobre a cidade.

“A quantos matei?”, perguntou-se Roran.

Como se repetisse seus pensamentos, Jeod observou:

- Isto machucará muita gente inocente.

O sentimento de culpa fez que Roran respondesse com mais força da que pretendia:

- Preferiria estar nas prisões de Lorde Risthart? Duvido que o incêndio machuque muita gente, e quem se salvar não terá que enfrentar à morte, como nós se o Império nos apanhar.

- Não precisa me dar lições, Roran. Conheço bem os argumentos. Fizemos o que tínhamos que fazer. Mas não me peça que desfrute do sofrimento que causamos para nos assegurar de seguir a salvo.

Por volta do meio-dia os remos estavam recolhidos e o *Asa de Dragão* navegava por suas próprias forças, impulsionado pelos ventos favoráveis do norte. As rajadas de ar arrancavam um grave zumbido dos equipamentos de barco no alto. O navio estava desgraçadamente superlotado, mas Roran confiava que, com um planejamento cuidadoso, chegariam a Surda com poucos desconfortos. O pior inconveniente era a escassez de mantimentos, se não quisessem morrer de fome, teriam que racionar a comida em míseras porções. E por estar tão aglomerados, a possibilidade de que as enfermidades se multiplicassem neles era muito grande. Depois de um breve discurso de Uthar, que falou da importância da disciplina em um navio, os aldeões se aplicaram às tarefas que requeriam sua atenção imediata, como atender aos feridos, desempacotar seus exíguos pertences e decidir a maneira mais eficaz de estabelecer turnos para dormir em cada coberta. Também tinham que escolher quem ia ocupar os diferentes postos necessários no *Asa de Dragão:* quem cozinharia, quais se formariam como marinheiros com os ensinos dos homens de Uthar, e assim por diante.

Roran estava ajudando Elain a pendurar uma rede quando se viu envolto em uma acalorada disputa entre Odele, sua família, e Frewin, que tinha abandonado a tripulação do Torson para estar com Odele. Os dois queriam se casar, ao que se opunham de modo veemente os pais do Odele com o argumento de que o jovem marinheiro não tinha família, nenhuma profissão respeitável, nem meios para contribuir sequer com um mínimo de comodidades a sua filha. Roran acreditava que era melhor que o par de apaixonados permanecessem juntos, pois não parecia muito prático tentar separá-los enquanto estivessem confinados no mesmo navio, mas os pais do Odele se negavam a dar crédito a seus argumentos.

Frustrado, Roran perguntou:

- Então, o que vocês fariam? Não podem prendê-la, e acredito que Frewin demonstrou sua dedicação mais que...

- Ra'zac!

O grito chegava da gávea.

Sem pensar-lhe duas vezes, Roran tirou o martelo do cinto, virou-se e subiu pela escala que levava a escotilha de proa, dando um golpe na tíbia. Correu para o grupo de gente que se apinhava no fortaleza e se deteve junto a Horst. O ferreiro assinalou.

Um dos terríveis corcéis dos ra'zac planava como uma sombra desajeitada sobre a costa, com um ra'zac em sua garupa. Ver aqueles dois monstros a plena luz do dia não diminuiu o arrepiante horror que inspiravam a Roran. estremeceu quando a criatura alada soltou seu uivo aterrador. Logo, a voz de inseto do ra'zac se ouviu sobre a água, distante mas clara:

- Não escapará!

Roran olhou para a catapulta, mas não tinha tanto alcance para acertar o ra'zac em suas arreios.

- Alguém tem um arco?

- Eu - respondeu Baldor. Fincou um joelho no chão e começou a encordar sua arma. - Não deixem que me vejam.

Todos os presentes no fortaleza formaram um círculo escuro em torno de Baldor, defendendo-o com seus corpos do malévolo olhar do ra'zac.

- Por que não atacam? - grunhiu Horst.

Surpreso, Roran procurou uma explicação, mas não a encontrou. Foi Jeod quem sugeriu:

- Talvez haja muita luz para eles. Os ra'zac caçam de noite e, que eu saiba, não se aventuram a sair de suas tocas por vontade própria enquanto o sol está no céu.

- Não é só isso - disse lentamente Gertrude. - Acredito que têm medo do oceano.

- Medo ao oceano? - mofou-se Horst.

- Olhe para eles, não voam mais que um metro acima da água em nenhum momento.

- Tem razão! - disse Roran.

“Por fim, uma debilidade que poderei usar contra eles”.

Uns poucos segundos depois, Baldor disse:

- Preparado!

Ao ouvi-lo, os que estavam diante dele saltaram para um lado, limpando o caminho para sua flecha. Baldor ficou em pé de um salto e, com um só movimento, levou a pluma à bochecha e soltou a flecha de junco.

Foi um disparo heróico. O ra'zac estava longe do alcance de qualquer arco, além da marca que Roran jamais tinha visto alcançar nenhum arqueiro, mas a pontaria do Baldor era certeira. A flecha golpeou à criatura voadora no flanco direito, e a besta soltou um grito de dor tão dilacerador que o gelo da coberta se quebrou e se estilhaçaram as pedras da borda. Roran tampou os ouvidos com ambas as mãos para se proteger do odioso estalo. Sem deixar de chiar, o monstro se dirigiu para a terra e deslizou para além da linha de colinas brumosas.

- Matou-o? - perguntou Jeod, com o rosto pálido.

- Temo que não - respondeu Baldor. - Só foi uma ferida superficial. Loring, que acabava de

chegar, observou com satisfação:

- Sim, mas ao menos o feriu, e juraria que vão pensar duas vezes antes de voltar a nos incomodar.

Roran o invadiu a passadiço.

- Deixe a celebração para depois, Loring. Isso não foi nenhuma vitória.

- Por que não? – quis saber Horst.

- Porque agora o Império sabe exatamente onde estamos.

A fortaleza ficou em silêncio enquanto todos refletiam as implicações do que Roran acabava de dizer.

Jogo de meninos

- E isto - disse Trianna - é o último padrão que inventamos. Nasuada agarrou o véu negro que lhe oferecia a bruxa e o passou entre as mãos, maravilhada por sua qualidade. Nenhum humano podia costurar um encaixe tão fino. Olhou com satisfação as fileiras de caixas que havia em seu escritório, cheias de amostras dos muitos desenhos que Du Vrangr Gata já produzia.

-Têm-no feito muito bem – disse. - Muito melhor do que esperava. Diga a suas feiticeiras quão contente estou com seu trabalho. Significa muito para os varden. Trianna inclinou a cabeça ao ouvir os elogios.

- Transmitirei sua mensagem, senhora Nasuada.

- Já vão...?

Um alvoroço na porta de seus aposentos interrompeu Nasuada. Ouviu que os guardas amaldiçoavam e elevavam a voz, e logo soou um grito de dor. Um entrechocar de metais ressoou no corredor. Nasuada se afastou alarmada da porta e desembainhou sua adaga.

- Corra, senhora! - disse Trianna. A bruxa se colocou ante a Nasuada e se preparou, abrindo seus braços brancos caso precisasse usar magia. - Pela entrada dos serventes.

Antes que Nasuada pudesse se mover, as portas se abriram de repente e uma pequena figura a apanhou pelas pernas e a atirou ao chão. Exatamente no momento em que Nasuada caía, um objeto prateado cruzou o espaço que ocupava até então e se cravou na parede contrária com um zumbido surdo.

Então entraram os quatro guardas, e houve uns instantes de confusão enquanto Nasuada notava que lhe tiravam de cima a seu atacante. Quando conseguiu ficar em pé viu que tinham

apanhada Elva.

- O que significa isto? - quis saber Nasuada.

A menina de cabelo escuro sorriu, logo dobrou o corpo e vomitou no tapete. Depois cravou seus olhos violeta em Nasuada e, com sua terrível voz sábia, disse:

- Peça que sua maga examine a parede, oh, filha do Ajihad, e comprove se cumpri a promessa que te fiz.

Nasuada fez um gesto de assentimento a Trianna, que deslizou até o buraco estilhaçado da parede e murmurou um encanto. Ao retornar, sustentava um dardo metálico na mão.

- Estava enterrado na madeira.

- Mas de onde saiu? - perguntou Nasuada, desconcertada.

Trianna gesticulou para a janela aberta, que dava para a cidade de Aberon.

-De lá, suponho.

Nasuada voltou a prestar atenção à menina.

- O que sabe você disto, Elva?

O horrível sorriso da menina se alargou.

- Era um assassino.

- Quem o enviou?

- Um assassino enviado por Galbatorix em pessoa nos usos escuros da magia.

– Cerrou seus olhos ardentes, como se estivesse em transe. - Esse homem a odeia. Veio por você. Teria te matado se eu não conseguisse evitá-lo. - Lançou-se para frente e vomitou de novo, cuspindo comida meio digerida pelo chão. Nasuada refreou uma náusea de asco. - E vai sofrer ainda mais dor.

- Por que?

- Porque te direi que se hospeda na hospedaria da rua Fane, no último quarto do piso superior. Será melhor que vá depressa, ou irá longe..., muito longe. -Grunhiu como uma besta ferida e se agarrou o ventre. - Corra, antes que o feitiço de Eragon me obrigue a impedir que lhe faça mal. Nesse caso, você se arrependeria. Trianna já estava em marcha quando Nasuada disse:

- Conte o Jórmundur o que aconteceu e leve seus magos mais fortes e persigam esse homem. Capturem se puderem. E se não puderem, matem-no. Quando a bruxa se foi, Nasuada olhou

para seus homens e viu que eles sangravam nas pernas por numerosos cortes. Percebeu do muito esforço que haveria sido necessário a Elva para lhes fazer dano.

- Vão - disse-lhes. - Procurem uma curadora que lhes cure as feridas. Os guerreiros negaram com a cabeça, e seu capitão disse:

- Não, senhora. Ficaremos a seu lado até que saibamos que está a salvo.

- Como você achar conveniente, capitão.

Os homens instalaram barricadas nas janelas - o que piorou ainda mais o calor sufocante que infestava o castelo Borromeo - e logo todos se retiraram para as câmaras interiores em busca de maior amparo.

Nasuada caminhava de um lado para outro, com o coração palpitante pela impressão retardada ao perceber que tinha estado a ponto de morrer assassinada. “O

que aconteceria com os varden se eu morresse? - perguntou-se. - Quem me sucederia?” O desânimo se apoderou dela, não tinha feito nenhum preparativo para os varden ante seu hipotético falecimento, esquecimento que agora lhe parecia muito um engano fundamental. “Não permitirei que os varden se mergulhem no caos por não ter sido capaz de tomar precauções”.

Deteve-se.

- Estou em dívida com você, Elva.

- Agora e sempre.

Nasuada titubeou, desconcertada como sempre pelas respostas da menina, e logo continuou:

- Peço perdão por não ter ordenado a meus guardas que lhe deixassem entrar a qualquer hora do dia ou da noite. Teria que ter antecipado que pudesse acontecer algo assim.

- Claro - disse Elva, em tom zombeteiro.

Alisando a parte dianteira do vestido, Nasuada pôs-se a andar de novo, tanto para evitar a visão do rosto da Elva, branco como uma pedra e marcado pelo dragão, para dispersar sua própria energia nervosa.

- Como conseguiu escapar de sua habitação sem companhia?

- Disse a minha vigia, Greta, o que ela queria ouvir.

- Isso é tudo?

Elva pestanejou.

- Ficou muito contente.

- E Angela?

- Saiu esta manhã com algum recado.

- Bom, em qualquer caso conta com minha gratidão por me salvar a vida. Peça a recompensa que quiser e lhe concederei, se estiver em minhas possibilidades. Elva passeou o olhar pela decorada habitação e disse:

- Tem um pouco de comida? Estou com fome.

Premonição de guerra

Duas horas mais tarde Trianna voltou com um par de guerreiros que carregavam entre eles um corpo imóvel. Depois de uma ordem da maga, os homens soltaram o cadáver no chão. Logo, a bruxa disse:

- Encontramos o assassino onde Elva havia dito. Chamava-se Drail. Levada por uma curiosidade mórbida, Nasuada examinou o rosto do homem que tinha tentado matá-la. O assassino era baixo, barbudo e de aspecto comum, parecido com uma incontável quantidade de homens da cidade. Sentiu uma certa conexão com ele, como se o atentado contra sua vida e o fato de que ela tivesse decretado sua morte em troca os vinculassem da maneira mais íntima possível.

- Como morreu? – perguntou. - Não vejo marcas em seu corpo.

- Se suicidou com magia quando superamos suas defesas e penetramos em sua mente, mas antes que pudéssemos controlar suas ações.

- Pode averiguar algo antes que morresse?

- Sim. Drail faz parte de uma rede de agentes estabelecida aqui, na Surda, leais a Galbatorix. Chamam-se a Mão Negra. Eles nos espionam, sabotam nossos preparativos de guerra e, até onde pudemos determinar em nossa breve visão das lembranças de Drail, são responsáveis por uma dúzia de mortes entre os varden. Aparentemente, desde que chegamos do Farthen Dúr estavam esperando uma boa ocasião para matá-la.

- E por que a Mão Negra não assassinou ainda Orrin?

Trianna encolheu os ombros.

- Não saberia dizer. Talvez Galbatorix considere que você representa uma ameaça maior que Orrin. Se for assim, assim que a Mão Negra se dê conta de que está

protegida de seus ataques... -Lançou um rápido olhar para Elva. - Orrin não sobreviverá

nem um mês, salvo se estiver protegido dia e noite por magos. Ou talvez Galbatorix tenha evitado uma ação tão direta porque queria que a Mão Negra passasse inadvertida. Ele sempre tolerou a existência da Surda. Agora que se converteu em uma ameaça...

- Pode proteger também a Orrin? - perguntou Nasuada, virando-se para a Elva. Seus olhos violeta pareciam brilhar.

- Talvez, se me pedir com amabilidade.

Os pensamentos da Nasuada se aceleraram ao refletir como desbaratar aquele novo perigo.

- Todos os agentes de Galbatorix podem usar a magia?

- A mente de Drail estava um pouco confusa, assim não se pode dizer com exatidão - explicou Trianna, - mas diria que muitos deles podem.

“Magia”, amaldiçoou Nasuada em silêncio. O maior perigo que os varden deviam esperar dos magos, ou de qualquer pessoa formada no uso da mente, não era o assassinato, mas sim a espionagem. Os magos podiam espionar os pensamentos das pessoas e surrupiar informação útil para destruir os varden. Precisamente por isso Nasuada e toda a estrutura de comando dos varden tinham aprendido a detectar quando alguém entrava em contato com suas mentes e a proteger-se de tais intenções. Nasuada suspeitava que Orrin e Hrothgar contavam com precauções similares em seus próprios governos.

No entanto, como não era prático que todas as pessoas que tinham acesso a dados potencialmente perigosos dominassem essa habilidade, uma das maiores responsabilidades de Du Vangr Gata consistia em perseguir a qualquer um que obtivesse informação das mentes das pessoas. O custo dessa vigilância era que Du Vangr Gata terminava espionando aos varden tanto como a seus inimigos, fato que Nasuada se assegurava de esconder da maioria de seus seguidores, pois só podia provocar ódio, desgosto e discrepâncias. Desagradava-lhe aquela prática, mas não via alternativa.

O que acabava de saber sobre a Mão Negra reforçou a convicção de Nasuada de que, de um modo ou outro, tinha que dominar os magos.

- Por que não descobriu isso antes? – perguntou. - Posso entender que lhes escapasse um assassino solitário, mas toda uma rede de feiticeiros dedicados a nos destruir? Explique, Trianna.

Os olhos da bruxa brilharam de raiva ante a acusação.

- Porque aqui, ao contrário do Farthen Dür, não podemos examinar a mente de todo o mundo em busca de dobras. Há simplesmente muita gente para que possamos seguir os magos. Por isso não sabíamos nada da Mão Negra até agora, senhora Nasuada.

Nasuada se deteve e logo inclinou a cabeça.

- Entendido. Descobriu a identidade de mais membros da Mão Negra?

- De alguns.

- Bem. Usem para farejar os nomes de outros agentes. Quero que destrua essa organização para mim, Trianna. Erradique-os como faria com uma praga de vermes. Darei tantos homens quantos precisar.

A bruxa fez uma reverência.

- Como quiser, senhora Nasuada.

Alguém bateu na porta, os guardas desembainharam as espadas e tomaram posição de ambos os lados da entrada, e logo o capitão abriu a porta de repente sem aviso prévio. Fora havia um jovem pajem, com o punho elevado para chamar de novo. Ficou assombrado olhando o cadáver que havia no chão e logo recuperou a atenção quando o capitão perguntou:

- O que é, moço?

- Tenho uma mensagem do rei Orrin para a senhora Nasuada.

- Pois fale, e faça-o rápido - disse a rainha.

O pajem levou um momento para se recuperar.

- O rei Orrin solicita que o atenda imediatamente em sua câmara do conselho, pois recebeu informes do Império que exigem sua atenção imediata.

- Isso é tudo?

- Sim, senhora.

- Devo atendê-lo. Trianna, já tem suas ordens. Capitão, deixará um de seus homens para que se desfaça de Drail?

- Sim, senhora.

- E também, por favor, localize Farica, minha donzela. Ela se encarregará de que limpem meu estudo.

- E o que acontece comigo? - perguntou Elva, inclinando a cabeça.

- Você - disse Nasuada – me acompanhará. Caso tenha força suficiente para fazê-lo.

A menina jogou a cabeça para trás, e de sua boca pequena e redonda emanou uma risada fria:

- Sim tenho forças, Nasuada. E você?

Ignorando a pergunta, Nasuada pôs-se a andar pelo corredor, rodeada por seus guardas. As pedras do castelo exsudavam um aroma de terra pelo calor. Depois dela, ouviu o tamborilar dos passos de Elva e experimentou um perverso prazer ao ver que a espantosa menina tinha que correr para avançar ao ritmo dos passos dos adultos, mais altos.

Os guardas ficaram atrás no vestíbulo anterior à sala do conselho, enquanto Nasuada e Elva entravam. A sala era austera até o extremo da severidade e refletia a natureza combativa da existência da Surda. Os reis do país tinham dedicado seus recursos para proteger a sua gente e derrotar Galbatorix, não a decorar o castelo Borromeo com riquezas inúteis como tinham feito os anões no Tronjheim. Na sala principal havia uma mesa de áspero esculpido, sobre a que aparecia um mapa aberto da Alagaésia, sustentado com adagas nos quatro cantos. Como de costume, Orrin estava sentado à cabeça da mesa, enquanto que seus diversos conselheiros - muitos dos quais, como bem sabia Nasuada, opunham-se a ela - ocupavam as cadeiras mais longínquas. O Conselho de Anciões também estava presente. Nasuada notou a preocupação no rosto do Jórmundur quando este a olhou e deduziu que Trianna tinha lhe contado sobre o assassino.

- Senhor, perguntou por mim?

Orrin se levantou.

- Sim. recebemos... - deteve-se em meio a frase ao precaver-se da presença da Elva. - Ah, sim, Fronte Luminosa. Não tive ocasião de te receber em audiência antes, embora o relato de suas ações chegou a meus ouvidos e, devo confessá-lo, tinha muita curiosidade em conhecê-la. Os aposentos que te concedi são satisfatórios?

- São muito bons, senhor. Obrigado.

Ao ouvir sua voz fantasmagórica, própria de um adulto, todos os presentes na mesa deram um salto.

Irwin, o primeiro-ministro, ficou em pé de um salto e apontou para Elva com um dedo tremente.

- Por que trouxeste para esta... abominação?

- Isso não são modos, senhor - replicou Nasuada, embora entendia seus sentimentos.

Orrin franziu o cenho.

- Sim, contenha-se, Irwin. De qualquer maneira, tem um pouco de razão, Nasuada, esta menina não pode estar presente em nossas deliberações.

- O Império - anunciou ela - acaba de tentar me assassinar. - Soaram na sala exclamações de surpresa. - Se não fosse pela rápida atuação da Elva, estaria morta. Em conseqüência, tomei-a sob minha confiança, onde eu for, ela vai .

“Que se perguntem o que Elva é capaz de fazer”.

- Claro que essas notícias são inquietantes -exclamou o rei. - Pegou o vilão?

Vendo as ansiosas expressões dos conselheiros, Nasuada hesitou.

- Seria melhor esperar até que lhe possa contar isso em particular, senhor. Orrin pareceu decepcionado por sua resposta, mas não prosseguiu com o assunto.

- Muito bem. Mas... sente-se, sente-se. Acabamos de receber um relatório muito preocupante. - Assim que teve Nasuada sentada em frente a ele, com Elva rondando atrás dela, o rei seguiu falando: - Parece que nossos espiões do Gil'ead estavam enganados em relação ao tamanho do exército de Galbatorix.

- Mas como?

- Eles acreditam que o exército está no Gil'ead, enquanto que aqui temos uma carta de um de nossos homens em Urü'baen, que afirma que viu uma grande hoste partir pelo sul da capital faz uma semana e meia. Era noite, de modo que não pôde se assegurar do número de soldados, mas estava seguro de que a tropa era muito maior que os dezesseis mil soldados que formam o grosso das tropas de Galbatorix. Pode ser que fossem cem mil soldados, ou mais.

“Cem mil!” Um poço frio de medo se instalou no estômago de Nasuada.

- Podemos confiar nessa fonte?

- Seus dados sempre foram confiáveis.

- Não entendo - disse Nasuada. - Como Galbatorix pode deslocar tantos homens sem que nos tenhamos dado conta antes? Só as caravanas de provisões já se estenderiam por quilômetros. Era óbvio que o exército estava se mobilizando, mas o Império não estava a ponto de desdobrar-se.

Então Falberd falou, golpeando a mesa com sua pesada mão para dar maior ênfase a suas palavras:

- Foram mais preparados que nós. Terão enganado nossos espiões com magia para que acreditassem que o exército seguia em seus quartéis em Gil'ead. Nasuada sentiu que o sangue lhe fugia da face.

- A única pessoa dotada da força suficiente para manter uma ilusão tão forte durante tanto tempo...

- ...é o próprio Galbatorix - terminou Orrin. - Chegamos à mesma conclusão. Isso significa que Galbatorix abandonou por fim a sua toca em busca do combate aberto. Agora mesmo, enquanto falamos, o inimigo negro se aproxima. Irwin se inclinou para frente.

- Agora, a questão é como devemos responder. Temos que reagir ante essa ameaça, sem dúvida, mas de que maneira? Onde, quando e como? Nossas forças não estão preparadas para uma campanha dessa magnitude, enquanto que as suas, senhora Nasuada (os varden), já estão acostumadas ao feroz clamor da guerra.

- Que quer dizer?

“Que temos que morrer por vocês?”

- Só fiz uma observação. Tome-a como quiser.

Então, Orrin disse:

- Se ficássemos sozinhos, um exército desse tamanho nos esmagaria. Temos que procurar aliados e necessitamos especialmente de Eragon, sobretudo se vamos enfrentar Galbatorix. Nasuada, enviará a alguém em sua busca?

-Faria isso se pudesse, mas até que Arya retorne não tenho como entrar em contato com os elfos, nem de convocar Eragon.

- Nesse caso - disse Orrin, com a voz grave, - temos que ter a esperança que ele chegue antes que seja muito tarde. Suponho que não podemos contar com a ajuda dos elfos neste assunto. Assim como um dragão pode atravessar as léguas que separam Aberon e Ellesméra com a velocidade de um falcão, seria impossível que os próprios elfos partissem e percorressem a mesma distância antes que o Império nos alcance. Isso deixa só os anões. Sei que Hrothgar e você são amigos há muitos anos. Enviará de nossa parte uma súplica para que nos ajudem? Os anões sempre prometeram que lutariam quando chegasse o momento.

Nasuada assentiu.

- Du Vrangr Gata tem um acordo com alguns magos anões que nos permite enviar mensagens de modo instantâneo. Enviarei a eles... nossa petição. E pedirei que Hrothgar envie um emissário a Ceris para informar aos elfos da situação, de modo que pelo menos estejam de sobreaviso.

- Bem. Estamos bastante longe do Farthen Dür, mas se conseguirmos atrasar o Império, mesmo que seja uma semana, talvez os anões consigam chegar a tempo. A discussão que se seguiu foi extraordinariamente amarga. Existiam diversas táticas para derrotar um exército mais numeroso - embora não necessariamente superior, - mas naquela mesa ninguém era capaz de imaginar como podiam vencer Galbatorix, sobretudo se levassem em conta que Eragon ainda parecia impotente em comparação com o velho rei. A única trama que podia lhes brindar o êxito consistia em rodear Eragon com a maior quantidade possível de magos, humanos e anões, e tratar de obrigar Galbatorix enfrentá-los sozinho. “O problema desse plano - pensou Nasuada

- é que Galbatorix se impôs a inimigos muito mais formidáveis na destruição dos Cavaleiros,

e depois sua força não tem feito mais que crescer". Estava segura de que aos outros lhes ocorria o mesmo. "Se ao menos contássemos com os feiticeiros élficos para aumentar nossas fileiras, então a vitória estaria a nosso alcance. Sem eles... Se não podermos vencer Galbatorix, a única saída que ficaria seria fugir da Alagaésia pelos mares bravios e encontrar novas terras onde pudéssemos reconstruir nossas vidas. Ali poderíamos esperar até que Galbatorix deixe de existir. Nem sequer ele pode viver para sempre. O único certo é que, ao fim, tudo passa". Passaram da tática à logística, e então o debate se tornou muito mais inflamado, pois os membros do Conselho de Anciões discutiam com os conselheiros de Orrin sobre o partilha de responsabilidades entre os varden e Surda: quem devia pagar isto e aquilo, contribuir com rações para os peões que trabalhavam em ambos os grupos, administrar as provisões para seus respectivos guerreiros, e como deviam solucionar muitas outras questões.

Na metade da refrega verbal, Orrin tirou um pergaminho que levava no cinto e disse a Nasuada:

- Agora que falamos de finanças, seria tão amável em explicar um assunto bastante curioso que me chamou a atenção?

- Farei o que puder, senhor.

- Tenho em minhas mãos uma queixa do grêmio de bicho-tesouras, que afirma que seus membros em toda Surda perderam uma boa porção de seus benefícios porque o mercado têxtil está saturado de encaixes extraordinariamente baratos, encaixe que, conforme juram, procedem dos varden. - Um olhar de dor cruzou sua face. - Parece absurdo inclusive perguntá-lo, mas sua queixa guarda alguma relação com os fatos? E nesse caso, por que os varden teriam que fazer algo assim?

Nasuada não tentou esconder seu sorriso.

- Talvez se lembre, senhor, que quando se negou a emprestar mais ouro aos varden, aconselhou-me que encontrasse outra maneira de nos manter.

- Assim foi. E o que tem isso? - perguntou Orrin,cerrando os olhos.

- Bom, me ocorreu que, como leva muito tempo fazer os encaixes à mão, e por isso são tão caros, seria em troca muito mais fácil fazê-los por meio da magia, pois exigem muito pouco gasto de energia. Você mais que ninguém, filósofo por natureza, deveria apreciá-lo. Vendendo encaixes aqui e ali por todo o Império conseguimos financiar por completo nossos esforços. Os varden já não pedem comida nem refúgio. Poucas coisas na vida tinham dado tanto prazer a Nasuada como a incrédula expressão de Orrin nesse instante. O pergaminho, congelado a meio caminho entre seu queixo e a mesa, a boca ligeiramente aberta e a incompreensão com que franzia o cenho conspiraram para lhe dar o aspecto aturdido de um homem que acabava de ver algo que não era capaz de entender. Nasuada desfrutou daquela visão.

- Encaixes? - resmungou.

- Sim, senhor.

- Não pode enfrentar Galbatorix com encaixes!

- Por que não, senhor?

Orrin titubeou um momento e logo grunhiu:

- Porque... porque não é respeitável. Por isso. Que bardo comporia uma epopéia sobre nossas batalhas, escrevendo sobre encaixes?

- Não lutamos para que nos escrevam epopéias de louvor.

- Pois ao diabo as epopéias! Como acha que devo responder ao grêmio de bicho-tesouras? Ao vender tão baratos seus encaixes, prejudicam os negócios do povo e danificam nossa economia. Não pode ser, de maneira nenhuma. Nasuada permitiu que seu sorriso se tornasse doce e cálido e, em seu tom mais amistoso, disse:

- Ah, querido. Se a carga for excessiva para sua tesouraria, os varden estariam mais que dispostos a oferecer um crédito em troca de quão amável foi conosco... Com o apropriado interesse, é obvio.

O Conselho de Anciões conseguiu manter o decoro, mas atrás da Nasuada, Elva não pôde reprimir soltar uma gargalhada de diversão.

Fio vermelho, fio negro

Assim que apareceu o sol sobre o horizonte de árvores alinhadas, Eragon respirou mais fundo, ordenou a seu coração que se acelerasse e abriu os olhos para recuperar do todo a consciência. Não estava dormido, pois não havia tornado a dormir desde sua transformação. Quando estava fraco e se deitava para descansar, entrava em um estado parecido com o sonhar acordado. Ali percebia muitas visões assombrosas e caminhava entre as sombras cinzentas de sua memória, entretanto, permanecia consciente de tudo que o rodeava.

Contemplou o amanhecer, e os pensamentos sobre Arya invadiram sua mente, igual que em todas as horas decorridas desde o Agaetí Blódhren, dois dias antes. À

manhã seguinte da celebração tinha ido procurá-la ao salão Tialdarí - com a intenção de desculpar-se por seu comportamento, - só para descobrir que já tinha partido para Surda. “Quando voltarei a vê-la?”, perguntava-se. Sob a clara luz do dia tinha percebido da medida em que a magia dos elfos e dos dragões lhe tinha perturbado o conhecimento durante o Agaetí Blódhren. “Talvez tenha agido como um tolo, mas não foi de todo por culpa minha. Tinha a mesma responsabilidade por minha conduta que se estivesse bêbado”.

Mesmo assim, todas as palavras que havia dito a Arya eram verdadeiras, apesar de que em condições normais não teria se justificado tanto. Ser rechaçado lhe tinha chegado ao mais

fundo. Livre dos feitiços que lhe tinham nublado a mente, via-se obrigado a admitir que provavelmente ela tinha razão, que a diferença de idade era muito grande. Custava-lhe aceitar, e quando ao fim conseguiu, aquela noção não fazia mais que aumentar sua angústia.

Eragon tinha ouvido antes a expressão “coração partido”. Até então sempre a tinha considerado como uma descrição fantasiosa, não um verdadeiro sintoma físico. Entretanto, agora sentia uma profunda dor no peito - como se tivesse um músculo prejudicado - e lhe doía cada batimento do coração.

Seu único consolo era Saphira. Durante esses dias não tinha criticado nenhum de seus atos nem o tinha deixado sozinho mais que uns poucos minutos, e lhe tinha emprestado todo o apoio de sua companhia. Também falava muito com ele e fazia todo o possível por tirá-lo da carapaça de seu silêncio.

Para evitar de ficar o tempo pensando em Arya, Eragon tirou o anel quebracabeças de Orik de sua mesa e o rodou entre os dedos, maravilhado pelo muito que se haviam afinado seus sentidos. Podia notar até a menor ranhura no metal retorcido. Enquanto estudava o anel, percebeu um certo patrão na disposição das cintas de ouro, um patrão que até então lhe tinha escapado. Confiando em seu instinto, manipulou as cintas segundo a seqüência que lhe sugeria sua observação. Obteve grande prazer ao ver que as oito peças se encaixavam à perfeição e formavam um conjunto sólido. Colocou o anel no dedo anelar da mão direita e admirou o modo com que as cintas entrelaçadas captavam a luz.

Antes você não podia fazê-lo -observou Saphira do oco do chão em que dormia.

Vejo muitas coisas que antes estavam ocultas.

Eragon foi ao banheiro e se dedicou a suas abluções matinais, que incluíam o barbeado da escassa barba que cobria suas bochechas por meio de um feitiço. Apesar de agora se parecer muito com os elfos, a barba continuava crescendo. Quando Eragon e Saphira chegaram ao campo de treinamento, Orik os esperando. Seus olhos se iluminaram quando Eragon elevou a mão e lhe mostrou o anel reconstruído.

- Conseguiu solucioná-lo?

- Demorou mais do que esperava - respondeu Eragon, - mas sim. Também veio treinar?

- Em... Já pratiquei um pouco com o machado com um elfo que o outro dia se divertiu me golpeando-me a cabeça. Não, vim para vê-lo lutar.

- Já me viu lutar outras vezes - assinalou Eragon.

- Não, faz tempo que não o vejo lutar.

- Quer dizer que sente curiosidade por ver como mudei.

Como resposta, Orik encolheu de ombros.

Vanir se aproximou do lado contrário do campo.

- Está preparado, Assassino de Sombras? - exclamou.

O comportamento condescendente do elfo se reduzira desde seu último duelo, anterior ao Agaetí Blódhren, mas não muito.

- Estou preparado.

Eragon e Vanir se situaram frente a frente em uma zona aberta do campo. Eragon esvaziou sua mente e desembainhou a Czar'roc tão rápido quanto pôde. Para sua surpresa, a espada parecia pesar menos que uma vara de salgueiro. Ao não receber a esperada resistência, o braço de Eragon ficou reto de repente e a espada saiu voando de sua mão e percorreu uns vinte metros para a direita, onde se cravou no tronco de um pinheiro.

- Nem sequer é capaz de segurar a espada, Cavaleiro? - perguntou Vanir.

- Peço-lhe perdão, Vanir-vodhr - disse Eragon, com a fala entrecortada. agarrou o cotovelo e esfregou a articulação lesada para reduzir a dor. - Medi mal minhas forças.

- Assegure-se de que não volte a ocorrer.

Vanir se aproximou da árvore, agarrou o punho da Czar'roc e tratou de liberar a espada. A arma permaneceu imóvel. Vanir arqueou tanto as sobrancelhas que se juntaram na fronte olhava a rígida folha vermelha, como se suspeitasse que se tratava de algum truque. O elfo apoiou os pés com firmeza, deu um puxão para trás e, com um rangido da madeira, arrancou a Czar'roc do pinheiro.

Eragon aceitou a espada que lhe entregava Vanir e a brandiu, preocupado porque lhe parecia muito rápida. “Está acontecendo algo aqui”, pensou.

- Ponha-se em guarda!

Desta vez foi Vanir quem iniciou a batalha. De um só salto cruzou a distância que os separava e lançou a espada para o ombro direito do Eragon. A este parecia que o elfo se movia mais devagar do habitual, como se os reflexos de Vanir tivessem se reduzido até o nível dos humanos. Custou-lhe pouco desviar a espada de Vanir, e o metal emitiu faíscas azuis quando os dois fios se roçaram.

Vanir aterrissou com expressão de assombro. Voltou a golpear, e Eragon esquivou a espada esquivando-se para trás, como uma árvore que se balançasse ao vento. Em rápida sucessão, Vanir soltou uma chuva de duros golpes contra Eragon, mas este os esquivou ou desviou todos, usando na mesma medida a espada e a capa para frustrar o arremesso do elfo.

Eragon não demorou para perceber que o dragão espectral do Agaetí

Blódhren fizera algo mais que alterar sua aparência, também lhe tinha concedido as habilidades físicas dos elfos. Em força e velocidade, Eragon se igualava agora inclusive ao elfo mais atlético.

Esporeado por essa noção e pelo desejo de comprovar seus limites, Eragon saltou tão alto como pôde. Czar'roc emitiu um brilho encarnado sob a luz do sol enquanto ele voava para o céu alcançando uma altura superior aos três metros antes de revoar como um acrobata e aterrissar atrás de Vanir, que seguia olhando para onde estava inicialmente.

Eragon deixou escapar uma risada selvagem. Já não se encontrava impotente ante os elfos, as Sombras ou qualquer outra criatura mágica. Já não sofreria o escárnio dos elfos. Já não teria que depender de Saphira nem de Arya para que o resgatassem de inimigos como Durza.

Atacou Vanir, e ressonou no campo um estrondo furioso enquanto se enfrentavam, jogando carreiras a um lado e outro sobre a erva pisoteada. A força de seus golpes provocava rajadas de ar que lhes agitavam o cabelo e o emaranhavam. No alto, as árvores puseram-se a tremer e soltaram a vegetação. O duelo durou até bem entrada a manhã, pois face à habilidade recém adquirida de Eragon, Vanir seguia sendo um oponente formidável. Sem embargo, ao final, Eragon não podia perder. Riscou em seu ataque um círculo em torno de Vanir, sobrepujou sua guarda e lhe golpeou o antebraço, lhe quebrando o osso.

Vanir soltou a arma e seu rosto empalideceu de surpresa.

- Que rápida é sua espada - disse.

Eragon reconheceu o famoso verso da balada do Umhodan.

- Por todos os deuses! - exclamou Orik. - Foi o melhor combate de espadachins que vi em minha vida, e isso que estive presente quando lutou com Arya no Farthen Dür.

Então Vanir fez o que Eragon nunca teria esperado: o elfo dobrou mão ilesa para compor o gesto de lealdade, apoiou-a em seu esterno e fez uma reverência.

- Peço-lhe perdão por meu comportamento anterior. Acreditava que tinha condenado a minha raça ao vazio e por puro medo me comportei de uma maneira vergonhosa. Entretanto, parece que sua raça já não porá em perigo nossa causa. - A contragosto, acrescentou: - Agora já é merecedor do título de Cavaleiro. Eragon devolveu a reverência.

- É uma honra. Lamento por ter lhe ferido tão gravemente. Permita-me que cure seu braço?

- Não, deixarei que dele se ocupe a natureza a seu próprio ritmo, como lembrança de que em uma ocasião cruzei minha espada com a de Eragon Assassino de Sombras. Não tema que isso interrompa nosso treinamento amanhã. Sou igualmente hábil com a mão esquerda.

Fizeram de novas reverencias, e logo Vanir partiu.

Orik deu uma palmada na coxa e disse:

- Agora sim temos a chance de alcançar a vitória. Uma possibilidade verdadeira! Sinto-o nos ossos. Ossos são como pedras, dizem. Ah, isto dará a Hrothgar e Nasuada uma satisfação sem fim.

Eragon manteve a calma e se concentrou em desbloquear os fios de Czar'roc, mas disse a Saphira:

Se bastasse o puro músculo para derrocar Galbatorix, os elfos o teriam conseguido faz muito tempo.

Entretanto, não podia deixar de sentir prazer pelo aumento de sua destreza, assim como pelo alívio da dor nas costas, que tanto tempo tinha esperado. Sem aqueles ataques constantes de dor, era como se a bruma se retirasse de sua mente e pudesse pensar de novo com lucidez.

Faltavam poucos minutos para a hora em que tinham que se encontrar com Oromis e Glaedr, assim Eragon tirou o arco e a aljava, que estavam pendurados no lombo de Saphira, e caminhou até a fileira de árvores que os elfos usavam para praticar sua pontaria. Como os arcos dos elfos eram muito mais potentes que o seu, seus alvos acolchoados eram demasiado pequenas e estavam muito longe para ele. Tinha que adiantar-se até meia distância para disparar.

Depois de ocupar seu lugar, Eragon colocou uma flecha e atirou lentamente da corda, encantado de comprovar o fácil que era. Apontou, soltou a flecha e manteve a posição até comprovar se ia acertar no alvo. Como uma abelha enlouquecida, o dardo zumbiu para o alvo e se afundou no centro. Eragon sorriu. Disparou uma e outra vez ao alvo, aumentando a velocidade ao mesmo tempo em que sua confiança, até que chegou a soltar trinta flechas em um minuto.

Com o alvo seguinte, atirou da corda com um pouco mais de força da que jamais havia aplicado - ou podido aplicar - até então. Com um estalo explosivo, o arco se partiu ao meio, por baixo de sua mão esquerda, lhe rasgando os dedos, e brotaram as lascas da parte traseira do arco. Do puxão, a mão ficou intumescida. Eragon ficou olhando os restos da arma, desanimado pela perda. Havia ganhado o arco de Garrow como presente de aniversário três anos antes. Tinha-lhe servido para conseguir comida para sua família em várias ocasiões, em que de outro modo teriam passado fome. Com ele tinha matado seu primeiro cervo. E tinha se servido dele para usar a magia pela primeira vez. Perder aquele arco era como perder um velho amigo em quem se podia confiar inclusive na pior situação. Saphira cheirou as duas peças de madeira que estavam penduras em suas mãos.

Parece que precisa de um novo lançador de palitos -disse. Sem vontade de falar, Eragon grunhiu e foi a grandes pernadas a recuperar suas flechas.

Do campo, ele e Saphira voaram até os brancos penhascos do Tel'naeír e se apresentaram a Oromis, que os esperava sentado em um tamborete frente a sua cabana, olhando mais à frente do escarpado com seus olhos clarividentes.

- Recuperou-se completamente da poderosa magia da Celebração do Juramento de Sangue, Eragon?

- Sim, Professor.

Produziu-se um longo silencio a seguir, enquanto Oromis bebia sua taça de chá de amoras e contemplava o velho bosque. Eragon esperou sem se queixar, estava acostumado àquelas pausas quando se achava ante o velho Cavaleiro. Depois de um momento, Oromis disse:

- Glaedr me contou tão bem como pôde o que te fez durante a celebração. Nunca tinha ocorrido uma coisa semelhante em toda a história dos Cavaleiros. Uma vez mais, os dragões demonstraram ser capazes de muito mais do que imaginávamos. - Bebeu um gole de chá. - Glaedr não estava seguro de que mudanças experimentaria exatamente, de modo que eu gostaria que descrevesse o alcance de sua transformação, incluído seu aspecto físico.

Eragon resumiu com rapidez as alterações que tinha experimentado, detalhando o aumento de sensibilidade de sua visão, olfato, ouvido e tato, e terminou com o relato de sua luta com Vanir.

- E como se sente a respeito? - perguntou Oromis. - Lamenta que seu corpo tenha sido manipulado sem sua permissão?

- Não, não! Absolutamente. Talvez tivesse lamentado antes da batalha de Farthen Dür, mas agora só estou agradecido porque já não me dói as costas. Teria me submetido de bom grau a trocas muito maiores para me libertar da maldição da Durza. Não, minha única resposta é a gratidão.

Oromis assentiu.

- Eu fico satisfeito que tenha a inteligência suficiente para adotar essa postura, pois seu presente vale mais que todo o ouro do mundo. Com ele, acredito que afinal nossos pés se encontram no caminho adequado. - De novo, bebeu um gole. - Vamos. Saphira, Glaedr te espera na Pedra dos Ovos Quebrados. Eragon, você começará hoje o terceiro nível do Rimgar, se puder. Quero saber do que é capaz. Eragon pôs-se a andar para o quadro de terra calcada onde estavam acostumados executar a Dança da Serpente e da Grou, mas logo hesitou ao ver que o elfo de cabelo prateado continuava parado.

- Professor, não vem comigo?

Um triste sorriso cruzou o rosto de Oromis.

- Hoje não, Eragon. Os feitiços requeridos para a Celebração do Juramento de Sangue tiveram

um duro efeito sobre mim. Por isso, e por minha condição. Necessitei de minhas últimas forças para vir a me sentar aqui fora.

- Sinto muito, Professor.

“Lamentará que os dragões não decidissem curá-lo também?”, perguntou-se Eragon. Descartou a idéia imediatamente: Oromis não podia ser tão mesquinho.

- Não o sinta. Não é culpa sua que eu esteja mutilado.

Enquanto Eragon se esforçava por completar o terceiro nível do Rimgar, fez-se evidente que ainda carecia da flexibilidade e do equilíbrio dos elfos, dois atributos que inclusive lhes requeriam esforço. Em certo modo agradeceu essas limitações, pois se já

tivesse sido perfeito, que provações lhe teriam ficado por cumprir?

As semanas seguintes foram difíceis para Eragon. Por um lado, fez enormes progressos em sua formação e dominou, um após o outro, os assuntos que antes o confundiam. Seguia achando difíceis as lições de Oromis, mas já não se sentia como se estivesse afogando no mar de sua própria inépcia. Era mais fácil ler e escrever, e o incremento de sua força implicava que agora podia criar feitiços élficos que teriam matado a qualquer humano pela energia que requeriam. Sua força também o fazia tomar consciência de quão débil era Oromis, comparado com outros elfos. E entretanto, apesar desses feitos, Eragon experimentava uma crescente insatisfação. Por muito que tratasse de esquecer Arya, cada dia que passava aumentava seu desejo, uma agonia que piorava ao saber que ela não queria vê-lo, nem pensar nele. E ainda mais, parecia-lhe que no horizonte se estava preparando uma tormenta de mau presságio, uma tormenta que ameaçava desatar a qualquer momento e varrer a terra inteira, destruindo tudo que encontrasse em seu caminho. Saphira compartilhava sua inquietação.

O mundo está muito tenso, Eragon. Logo explodirá e se desatará a loucura. O

que sente é o mesmo que os dragões e os elfos: a inexorável marcha do amargo destino à medida que se aproxima o fim de nossa era. Chora por aqueles que morrerão no caos que tem que sumir na Alagaésia. E mantenha viva a esperança de que ganhemos um futuro mais luminoso com a força de nossas espadas e escudos, assim como com minhas presas e minhas garras.

Visões de perto e de longe

Chegou um dia em que Eragon se aproximou da clareira que ficava atrás da cabana de Oromis, sentou-se no toco branco que havia no centro do fossa cheio de musgo e - ao abrir sua mente para observar às criaturas que o rodeavam - não só

sentiu aos pássaros, as bestas e os insetos, mas também às plantas do bosque. As plantas possuíam um tipo de consciência diferente dos animais: lenta, deliberada e descentralizada, mas a sua maneira tão consciente da sua volta como a do próprio Eragon. O fraco pulsar da

consciência das plantas banhava a galáxia de estrelas que girava atrás de seus olhos - em que cada estrela brilhante representava uma vida - com um fulgor suave e onipresente. Até a terra mais estéril estava cheia de organismos, a terra mesma estava viva e sentia.

A vida inteligente, concluiu Eragon, existia em todas as partes. Enquanto se inundava nos pensamentos e nas sensações dos seres que o rodeavam, Eragon era capaz de alcançar uma paz interior tão profunda que, durante aqueles momentos, deixava de existir como indivíduo. Permitia-se converter-se em uma não-entidade, um vazio, um receptáculo das vozes do mundo. Nada escapava a sua atenção, pois sua atenção não estava centrada em nada.

Era o bosque e seus habitantes.

“Será assim como se sentam os deuses?”, perguntou-se ao voltar a si. Abandonou a clareira, procurou Oromis na cabana, ajoelhou-se ante ele e disse:

- Professor, fiz o que me mandou. Escutei até que já não ouvia nada. Oromis deixou de escrever e, com expressão pensativa, olhou ao Eragon.

- Conte-me.

Durante uma hora e meia, Eragon falou com grande eloqüência sobre todos os aspectos das plantas e animais que povoavam a clareira, até que Oromis elevou uma mão e disse:

- Convenceu-me. Ouviu tudo o que podia ouvir. Mas o entendeu tudo?

- Não, Professor.

- Assim é como tem que ser. A compreensão chegará com a idade. Bem feito, Eragon-fíniarel. Bem feito, certamente. Se tivesse sido meu aluno na Ilirea, antes que Galbatorix chegasse ao poder, agora te graduaria depois da aprendizagem, te consideraria membro de pleno valor de nossa ordem e lhe concederiam os mesmos direitos e privilégios que aos Cavaleiros maiores. - Oromis abandonou a cadeira com um empurrão e ficou de pé, balançando-se. - Me empreste seu ombro, Eragon, e me ajude a sair. As pernas traem minha vontade.

Eragon se aproximou depressa de seu professor e sustentou o peso do elfo enquanto este coxeava até o regato que corria para o limite dos penhascos do Tel'naeír.

- Agora que chegou a esta etapa de sua educação, posso lhe ensinar um dos maiores segredos da magia, um segredo que talvez nem o próprio Galbatorix saiba. É

sua maior esperança para igualar seus poderes. - O olhar do elfo se aguçou. - Qual é o custo da magia, Eragon?

- A energia. Um feitiço exige a mesma energia que se requereria para completar a tarefa por meios mundanos.

Oromis assentiu.

- E de onde vem essa energia?

- Do corpo do feiticeiro.

- Forçosamente?

A mente de Eragon se acelerou ao refletir nas assombrosas implicações da pergunta de Oromis.

- Quer dizer que pode vir de outras fontes?

- Isso é exatamente o que ocorre quando Saphira te ajuda com um feitiço.

- Sim, mas ela e eu compartilhamos uma conexão única - objetou Eragon. - Nosso vínculo é a razão que me permite usar sua energia. Para fazê-lo com alguém mais, teria que entrar...

Ficou no meio da frase ao dar-se conta do que perseguia Oromis.

- Teria que entrar na consciência do ser ou dos seres que tivessem que procurar essa energia - disse Oromis, completando o pensamento do Eragon. - Hoje você demonstrou que pode fazer isso inclusive com a forma de vida mais minúscula. Agora... - deteve-se, levou uma mão ao peito enquanto tossia, e logo continuou: - Quero que extraia uma esfera de água do rio usando só a energia que possa obter do bosque que te rodeia.

- Sim, Professor.

Quando estendeu sua mente para as plantas e animais próximos, Eragon sentiu que a mente de Oromis roçava a sua, pois o elfo contemplava e julgava seu progresso. Franzindo o cenho para concentrar-se, Eragon conseguiu extrair a força necessária de sua volta e sustentá-la dentro de si mesmo até que esteve a ponto para liberar a magia.

- Eragon! Não use minha força! Estou bastante fraco já.

Surpreso, Eragon se deu conta de que tinha incluído Oromis em sua busca.

- Sinto muito, Professor - disse, arrependido. Continuou o processo, cuidandose de não absorver a vitalidade do elfo, e quando esteve preparado, ordenou: - Vamos!

Silenciosa como a noite, uma esfera de água de um palmo de diâmetro se elevou do rio até que ficou flutuando à altura dos olhos de Eragon. E embora este experimentasse a tensão que resultava habitual em um esforço tão intenso, o feitiço por si mesmo não lhe causava a menor fadiga.

A esfera ficou só um momento no ar quando uma onda de morte percorreu às criaturas menores

com as que Eragon mantinha contato. Uma fileira de formigas ficou imóvel. Um rato entrou no vazio ao perder a energia necessária para que seu coração continuasse pulsando. Inumeráveis plantas murcharam, enrugaram-se e ficaram inertes como o pó.

Eragon deu um salto, horrorizado pelo que acabara de provocar. Dado seu novo respeito pela santidade da vida, aquele crime lhe parecia horrendo. E o piorava o fato de estar intimamente ligado com todos aqueles seres cuja existência chegava a seu fim, era como se ele mesmo morresse uma e outra vez. Cortou o fluido de magia, permitindo que a esfera de água salpicasse a terra, voltou-se para Oromis e rugiu:

- Você sabia que aconteceria isto!

Uma expressão de profunda pena envolveu o Cavaleiro ancião.

- Era necessário - replicou.

- Era necessário que tantos morressem?

- Era necessário que entendesse o terrível preço que se paga por usar este tipo de magia. As meras palavras não podem transmitir a sensação de que morrem aqueles com quem compartilha a mente. Tinha que experimentar por si mesmo.

- Não voltarei a fazê-lo - prometeu Eragon.

- Nem precisará. Se for disciplinado, pode obter a força só de plantas e animais que possam permitir a perda. Não é prático na batalha, mas pode fazê-lo nas lições. - Oromis lhe fez um gesto, e Eragon, tremendo ainda, permitiu que o elfo se apoiasse nele para retornar à cabana. - Já vê por que não se ensinava esta técnica aos Cavaleiros mais jovens. Se chegasse a conhecê-la algum feiticeiro de má índole, poderia provocar uma grande destruição, sobretudo porque seria difícil deter alguém capaz de reunir tanta força.

De volta à cabana, o elfo suspirou, deixou-se cair em sua cadeira e juntou as pontas dos dedos. Eragon também se sentou.

- Se for possível absorver energia de... - agitou uma mão no ar - da vida, também o é absorvê-la diretamente da luz, ou do fogo, ou de qualquer outra forma de energia?

- Ah, Eragon, se fosse, poderíamos destruir Galbatorix em um instante. Podemos intercambiar energia com outros seres vivos, podemos usar essa energia para mover nossos corpos ou para alimentar um feitiço, e inclusive podemos armazenála em certos objetos para usá-la mais a frente, mas não podemos assimilar as forças fundamentais da natureza. A razão indica que se pode fazer, mas ninguém conseguiu criar um feitiço que o torne possível.

Nove dias mais tarde, Eragon apresentou-se de novo diante Oromis e disse:

- Professor, ontem à noite me ocorreu que nem você nem as centenas de pergaminhos élficos

que tenho lido mencionam sua religião. No que crêem os elfos?

A primeira resposta de Oromis foi um longo suspiro. Logo:

- Acreditam que o mundo se comporta segundo certas leis invioláveis e que, mediante um esforço persistente, podemos descobrir essas leis e usá-las para predizer fatos quando se repetem as circunstâncias.

Eragon pestanejou. Com isso não lhe havia dito o que queria saber.

- Mas o que adoram? Ou a quem?

- Nada.

- Adoram o conceito de um nada?

- Não, Eragon. Não adoramos nada.

A noção lhe era tão estranha que Eragon necessitou de um momento para entender o que Oromis queria dizer. Os aldeões do Carvahall não tinham uma só

doutrina que dominasse tudo, mas sim compartilhavam uma série de superstições e rituais, a maioria dos quais se referiam ao amparo contra a má sorte. Durante sua formação, Eragon tinha percebido aos poucos que a maior parte dos fenômenos que os aldeãos atribuíam a fontes sobrenaturais eram de fato processos naturais, como quando aprendeu em suas meditações que as larvas se incubavam nos ovos das moscas, em vez de surgir espontaneamente do pó, como tinha acreditado até então. Tampouco lhe parecia que tivesse sentido oferecer comida aos espíritos para que não se azedasse o leite, ao saber que esta se azedava precisamente pela proliferação de minúsculos organismos no líquido. Mesmo assim, Eragon seguia convencido de que forças de outros mundos influíam este de maneiras misteriosas, uma crença que se redobrou por sua exposição aos anões.

- Então, de onde acreditam que veio o mundo, se não o criaram os deuses?

- Que deuses, Eragon?

- Seus deuses, os dos anões, os nossos... Alguém o terá criado. Oromis arqueou uma sobrancelha.

- Não estou necessariamente de acordo com você. Mas seja como for, não posso demonstrar que os deuses não existem. Tampouco posso provar que o mundo e tudo o que existe não foi criado por alguma ou algumas entidades em um passado longínquo. Mas posso dizer que nos milênios que levamos estudando a natureza, nunca presenciamos uma situação em que se rompessem as leis que governam o mundo. Quer dizer, nunca vimos um milagre. Muitos fatos desafiaram nossa capacidade para explicá-los, mas estamos convencidos de que fracassamos porque ignoramos infelizmente o universo, e não porque uma deidade tenha alterado as obras

da natureza.

- Um deus não teria que alterar a natureza para cumprir sua vontade - afirmou Eragon. - Poderia fazê-lo dentro de um sistema que já existe... Poderia usar a magia para afetar esses sucessos.

Oromis sorriu.

- Muito certo. Mas pergunte-se Eragon: se os deuses existirem, foram bons deuses para a Alagaésia? A morte, a enfermidade, a pobreza, a tirania e outras desgraças incontáveis assolam a terra. Se esta for a obra de seres divinos, então terá

que rebelar-se contra eles e destroná-los, em vez de lhes render obediência, comemorações e reverências.

- Os anões acreditam...

- Exato! Os anões acreditam. Quando se trata de certos assuntos, preferem confiar na fé que na razão. Inclusive se sabe que ignoram fatos provados que contradizem seus dogmas.

- Por exemplo? - perguntou Eragon.

- Os sacerdotes anões usam o coral como prova de que a pedra está viva e pode crescer, o qual corrobora também sua história de que Helzvog formou a raça dos anões a partir do granito. Mas nós os elfos descobrimos que o coral é de fato um exoesqueleto secretado por animais minúsculos que vivem em seu interior. Qualquer mago pode sentir esses animais se abrir sua mente. Explicamos isso aos anões, mas eles se negaram a acreditar e disseram que a vida que nós sentíamos reside em todas os tipos de pedras, embora se supõe que só seus sacerdotes são capazes de detectar essa vida nas pedras terra adentro.

Durante um longo momento Eragon olhou pela janela e deu voltas às palavras do Oromis.

- Então, não acreditam na vida depois da morte.

- Segundo o que me disse Galder, isso já sabia.

- E não esperam muito dos deuses.

- Só damos crédito àquilo cuja existência podemos demonstrar. Como não encontramos provas de que os deuses, os milagres e outras coisas sobrenaturais sejam reais, não nos ocupamos deles. Se isso mudasse, se Helzvog se revelasse a nós, então aceitaríamos essa nova informação e revisaríamos nossa posição.

- O mundo parece frio se não houver... algo mais.

- Ao contrário - disse Oromis, - é um mundo melhor. Um lugar onde somos responsáveis por

nossas ações, onde podemos ser bons com outros porque queremos e porque é o que deve ser feito, em vez de fazermos isso por medo da ameaça do castigo divino. Não direi no que deve acreditar, Eragon. É muito melhor aprender a pensar com espírito crítico e que logo te permita tomar suas próprias decisões, que te impor noções estranhas. Perguntou-me por nossa religião, e te respondi a verdade. Faça com ela o que quiser.

A conversa - somada a suas preocupações anteriores - deixou Eragon tão inquieto que lhe custou concentrar-se em seus estudos durante os dias seguintes, inclusive quando Oromis começou a ensinar a cantar às plantas, algo que Eragon desejava aprender.

Reconheceu que suas próprias experiências já o tinham impulsionado a adotar uma atitude mais cética, em princípio, estava de acordo com boa parte do que Oromis havia dito. O problema que enfrentava, entretanto, era que se os elfos tinham razão, isso significava que quase todos os humanos e os anões se enganavam, coisa que Eragon custava a aceitar. “Não pode ser que tanta gente se equivoque”, insistia em repetir-se.

Quando perguntou a Saphira, ela disse:

A mim importa pouco, Eragon. Os dragões nunca acreditaram em um poder superior. por que devíamos fazê-lo, se os cervos e outras presas consideram que o poder superior somos nós? -Eragon riu. - *Mas não ignore a realidade para te consolar, pois quando o faz, facilita que também os demais te enganem.* Essa noite, as incertezas de Eragon estalaram enquanto experimentava sonhos que percorriam sua mente irados como um urso ferido, arrancando imagens de suas lembranças e as mesclando com tal clamor que se sentiu como se o tivessem transportado à confusão da batalha do Farthen Dür.

Viu Garrow morto na casa de Horst, Brom morto na cova solitária de areia e depois o rosto de Angela, a herbanária, que lhe sussurrava: “Tome cuidado, Argetlam, a traição está clara. E virá de sua família. Vigie, Assassino de Sombras!”. Logo o céu avermelhado se rasgava e Eragon se encontrava ante os dois exércitos da premonição que tinha experimentado nas Beor. Os flancos de guerreiros se enfrentavam em um campo laranja e amarelo, acompanhados pelos agudos gritos dos corvos e o assobio das flechas negras. A terra parecia arder, chamas verdes brotavam de buracos calcinados que salpicavam a terra, chamuscando os corpos destroçados que deixavam os exércitos atrás de seu passo. Ouviu o rugido de uma besta gigante que no alto apare...

Eragon se incorporou de um salto na cama e tocou o colar dos anões, que lhe ardia no pescoço. protegeu a mão com a túnica, atirou do martelo para afastá-lo da pele e logo ficou sentado esperando na escuridão, com o coração desbocado pela surpresa. Sentiu que foram as forças enquanto o feitiço de Gannel frustrava a quem quer que estivesse tentando invocar a ele e a Saphira. Perguntou-se uma vez mais se o próprio Galbatorix estaria atrás daquele enfeitiço, ou se era algum dos magos aficionados do rei. Eragon franziu o cenho e soltou o martelo ao notar que o metal voltava esfriando. “Está acontecendo algo. Sei disso, e já faz tempo, igual a Saphira”. Muito inquieto para retornar àquele estado parecido ao transe que tinha substituído ao sonho, saiu da habitação sem despertar Saphira e subiu a escada de

caracol que levava a estúdio. Uma vez ali, acendeu uma tocha branca e leu uma epopéia da Analísia até o amanhecer, com a intenção de se acalmar.

Justo quando Eragon afastava o pergaminho, Blagden chegou voando ao portal aberto na parede do leste e, com uma revoada, aterrissou em um canto da mesa esculpida. O corvo branco fixou seus olhos como pedras em Eragon e gralhou:

- Wyrda!

Eragon inclinou a cabeça.

- E que as estrelas cuidem de você, professor Blagden.

O corvo se aproximou saltitando. Inclinou a cabeça de um lado, soltou uma tosse como se limpasse garganta e logo recitou com sua voz rouca: Por meu bico e meus ossos,

Minha pedra enegrecida

Vê gralhas e ladrões

E rios ensangüentados.

- O que significa isso? - perguntou Eragon.

Blagden se encolheu e repetiu os versos. Como Eragon seguia lhe exigindo uma explicação, o pássaro alvoroçou as plumas com aspecto decepcionado e cacarejou:

- O filho sai ao pai, os dois cegos como morcegos.

- Espere! - exclamou Eragon, ficando em pé de um salto. - Conhece meu pai?

Quem é?

Blagden voltou a cacarejar. Desta vez parecia que ria.

Embora dois possam compartilhar

E um dos dois seja certamente um,

A gente pode ser dois.

- Um nome, Blagden, me dê um nome!

Como o corvo permanecia em silêncio, Eragon ativou sua mente com a intenção de surrupiar aquela informação das lembranças do pássaro. Entretanto, Blagden era muito ardiloso. Depois de uivar “Wyrda!”, deu um salto para frente, apanhou a brilhante tampa de cristal de um tinteiro e se afastou depressa com o troféu no bico. Desapareceu da vista de Eragon antes que

este pudesse lançar um feitiço para obrigá-lo a voltar.

Eragon sentiu um nó no estômago enquanto tentava decifrar as duas adivinhações de Blagden. Nunca tinha esperado ouvir que mencionasse seu pai em Ellesméra. Ao fim, murmurou:

- Já vale.

“Logo procurarei Blagden e lhe arrancarei a verdade. Mas agora... Para desprezar estes portentos, teria que ser meio tolo”.

Ficou em pé de um salto, desceu correndo a escada, despertou Saphira com sua mente e lhe contou o que tinha ocorrido durante a noite. Depois de tirar o espelho do banheiro que usava para se barbear, sentou-se entre as duas garras dianteiras de Saphira para que ela pudesse olhar por cima de sua cabeça e ver o mesmo que ele. *Arya não gostará que nos metamos em sua intimidade* -advertiu Saphira. *Preciso saber se está a salvo.*

Saphira aceitou sem discutir.

Como vai encontrá-la? Disse que quando a encarceraram, erigiu barreiras que, iguais a do seu colar, que impedem que alguém a invoque. Se conseguir invocar às pessoas que estão com ela, talvez consiga deduzir como Arya está.

Eragon se concentrou em uma imagem de Nasuada, passou uma mão por cima do espelho e murmurou a frase tradicional:

- Olhos do sonho.

O espelho emitiu um resplendor e se tornou branco, salvo na parte em que se via nove pessoas sentadas em torno de uma mesa invisível. Entre eles, Eragon reconheceu Nasuada e os membros do Conselho de Anciões. Mas não conseguiu identificar a uma menina que perambulava atrás de Nasuada. Isso o desconcertou, pois um mago só podia invocar coisas que já tivesse visto antes, e Eragon estava seguro de nunca haver posto os olhos em cima daquela menina. Esqueceu-se dela, entretanto, ao perceber que os homens, e inclusive Nasuada, estavam armados para a batalha. *Ouçamos o que dizem* -sugeriu Saphira.

Assim que Eragon fez as alterações necessárias em seu feitiço, a voz da Nasuada emanou do espelho:

-... e a confusão nos destruirá. Nossos guerreiros só podem permitir-se ter um general neste conflito. Decida você quem vai ser, Orrin, e faça-o rápido. Eragon ouviu um suspiro desacordado:

- Como deseja, o cargo será seu.

- Mas senhor, ela não tem nenhuma experiência.

- Já basta, Irwin - ordenou o rei. - Tem mais experiência na guerra que qualquer um em Surda. E os varden são a única força que derrotou um dos exércitos de Galbatorix. Se Nasuada fosse um general de Surda, o que admito que seria bastante peculiar, você não hesitaria em propô-la para esse cargo. Eu adorarei me ocupar dos problemas de autoridade, se é que mais adiante acontecerem, pois isso significará que estou em pé e não deitado em minha tumba. Como as coisas estão, é tal nossa inferioridade numérica que temo que estamos condenados, salvo se Hrothgar chegar a nós antes do fim desta semana. Bom, onde está esse maldito pergaminho da caravana de provisões. Ah, obrigado, Arya. Três dias mais sem...

A partir de então, a conversa se centrou na escassez de cordas para arcos, uma discussão que Eragon não pôde obter nenhuma informação útil, de modo que pôs fim ao feitiço. O espelho clareou e Eragon se encontrou ante seu próprio rosto. *Está viva* -murmurou. Seu alívio ficou escurecido, entretanto, pelo significado de tudo o que acabava de ouvir.

Saphira o olhou.

Precisam de nós.

Sim. Por que Oromis não nos disse nada? Com certeza ele sabe. Talvez queira evitar que sua formação seja interrompida. Preocupado, Eragon se perguntou que outras coisas importantes estariam ocorrendo na Alagaésia sem que ele soubesse. Com uma pontada de dor, Eragon percebeu que tinha passado duas semanas desde a última vez que pensou em seu primo, e ainda mais desde que o invocasse no caminho a Ellesméra. Depois de uma ordem do Eragon, o espelho mostrou duas figuras de pé ante um fundo de pura brancura. Eragon levou um longo momento para reconhecer que Roran era o homem da direita. Levava roupas estragadas pela viagem, um martelo encaixado no cinto, uma larga barba obscurecia seu rosto e tinha uma expressão angustiada que mostrava seu desespero. A sua esquerda estava Jeod. Ambos os homens subiam e baixavam, ao ritmo de um trovejar de ondas que encobria sua conversa. Depois de um momento Roran se virou e ficou percorrendo o que Eragon supôs que seria a coberta de um navio, e apareceram à vista dúzias de aldeões. *Onde estão? E por que Jeod está com eles?* -perguntou Eragon, perplexo. Alterando a magia, invocou em uma rápida sucessão as imagens do Teirm - surpreendeu-se ao ver que os moles da cidade estavam destruídos, - Therinsford, a velha fazenda de Garrow e logo o Carvahall, nesse momento Eragon soltou um grito de lástima.

O povo tinha desaparecido.

Todos os edifícios, até a magnífica casa de Horst, estavam queimados até o chão. Carvahall já não era mais que uma mancha de fuligem junto ao rio Teve saudades. Os únicos habitantes que ficavam eram quatro lobos que rondavam entre os restos.

O espelho escorregou entre as mãos de Eragon e se quebrou no chão. Apoiou-se em Saphira, com lágrimas ardentes nos olhos, originadas pela dor de sua casa perdida. O peito da Saphira emitiu um grave murmúrio e a dragona lhe acariciou um braço com o lado do focinho, envolvendo-o em uma cálida manta de compreensão. *Console-se, pequenino. Ao menos seus*

amigos estão vivos. Eragon estremeceu e sentiu que um duro núcleo de determinação se prendia em seu ventre.

Levamos muito tempo seqüestrados do mundo. Chegou a hora de abandonar Ellesméra e enfrentar o nosso destino, seja qual for. Por hora, Roran deverá cuidar de si mesmo, mas os varden... Aos varden sim podemos ajudar.

Chegou a hora de lutar, Eragon? -perguntou Saphira, com um estranho toque de dúvida na voz.

Eragon sabia o que queria dizer: tinha chegado a hora de desafiar abertamente ao Império, a hora de matar e arrasar até o limite de suas consideráveis capacidades, a de liberar até a última gota de sua ira até que tivessem Galbatorix morto ante eles? Havia chegado a hora de se comprometer em uma campanha que demoraria decênios para resolver?

Chegou a hora.

Presentes

Eragon recolheu seus pertences em menos de cinco minutos. Agarrou a sela que Oromis lhes tinha dado, atou-a a Saphira, jogou-lhe à garupa suas bolsas e as afirmou com correias.

Saphira agitou a cabeça, com as fossas nasais bem abertas.

Esperarei por você no campo -disse-lhe e, com um rugido, elevou o vôo de um salto da casa da árvore, abriu suas asas azuis já no ar e se afastou voando, roçando o teto do bosque.

Veloz como um elfo, Eragon correu até o salão Tialdarí, onde encontrou Orik sentado em seu lugar habitual jogando às runas. O anão o saudou com uma sentida palmada em um braço.

- Eragon! O que o traz por aqui a estas horas da manhã? Acreditava que estava cruzando sua espada com Vanir.

- Saphira e eu vamos embora - disse Eragon.

Orik ficou com a boca aberta, logo franziu os olhos e ficou sério.

- Recebeu notícias?

- Conto isso depois. Quer vir?

- A Surda?

- Sim.

Um amplo sorriso percorreu o rosto barbudo de Orik.

- Para que ficasse aqui, teria que me prender com ferros. Na Ellesméra não tenho feito mais que engordar e me tornar preguiçoso. Um pouco de emoção irá bem. Quando saímos?

- O mais rápido possível. Recolha suas coisas e reúna-se conosco no campo de treinamento. Pode pedir emprestadas provisões para uma semana?

- Uma semana? Com isso não...

- Iremos voando com Saphira.

A pele que rodeava a barba do Orik empalideceu.

- Nós anões não nos damos bem com as alturas, Eragon. Nada bem. Seria melhor se pudéssemos cavalgar, como fizemos para vir.

Eragon negou com a cabeça.

- Levaria muito tempo. Além disso, montar em Saphira é fácil. Se cair, ela te pega.

Orik grunhiu, intranqüilo e convencido ao mesmo tempo. Depois de abandonar a sala, Eragon correu pela cidade para reunir-se com Saphira, e logo foram voando aos penhascos do Tel'naeír.

Oromis estava sentado na pata direita dianteira de Glaedr quando chegaram a clareira. As escamas do dragão iluminavam a paisagem com incontáveis faíscas de luz dourada. Nem o elfo nem o dragão se moveram. Desmontando da garupa da Saphira, Eragon saudou:

- Professor Glaedr, professor Oromis...

Vocês resolveram voltar aos varden, verdade? -disse Glaedr. *Sim resolvemos* -respondeu Saphira.

A sensação de ter sido traído pôde mais no Eragon que sua capacidade de conter-se.

- Por que nos escondeu a verdade? Tão decididos estão a nos manter aqui que precisam recorrer a truques tão sujos? Os varden estão a ponto de receber um ataque e nem sequer mencionaram isso!

Tranqüilo como sempre, Oromis perguntou:

- Querem saber por que?

Claro, Professor -disse Saphira, sem dar tempo de Eragon a responder. Na intimidade, arreganhou-o com um grunhido: - *Seja educado!*

- Calamos as notícias por duas razões. A principal era que nós mesmos não sabíamos até nove dias atrás que os varden estavam sob ameaça, e seguimos ignorando o verdadeiro tamanho das

tropas do Império, sua localização e seus movimentos até três dias depois disso, quando o senhor Dáthedr quebrou os feitiços que Galbatorix usava para resistir a nossa invocação.

- Isso não explica que não nos tenham dito nada - grunhiu Eragon. - Não só

isso, mas também dê de descobrir que os varden corriam perigo, por que não convocou Islanzadí e os elfos para a luta? Não somos aliados?

- Convoquei-os, Eragon. No bosque ressonam os martelos, os passos das botas das armaduras e a dor dos que estão a ponto de partir. Pela primeira vez em um século, nossa raça está a ponto de abandonar Ellesméra e enfrentar nosso maior inimigo. chegou a hora de que os elfos caminhem abertamente de novo pela Alagaésia.

- Com amabilidade, Oromis acrescentou : - você esteve distraído ultimamente, Eragon, e o entendo. Agora deve olhar para além de si mesmo. O mundo exige sua atenção. Envergonhado, Eragon só pôde dizer:

- Sinto muito, Professor. - Recordou as palavras de Blagden e se permitiu mostrar um sorriso amargo: - Estou cego como um morcego.

- Isso não, Eragon. Tem agido bem, se levarmos em conta as enormes responsabilidades que lhe pedimos que carregue. - Oromis o olhou com gravidade. - Esperamos receber uma carta de Nasuada nos próximos dias, pedindo ajuda a Islanzadí e solicitando que você volte para os varden. Pensava em informá-lo então da situação dos varden, e ainda teria estado a tempo de chegar a Surda antes que se desembainhassem as espadas. Se lhe houvesse isso dito antes, a honra te teria impulsionado a abandonar seu treinamento e te apressar a defender a sua senhora. Por isso Islanzadí e eu guardamos silêncio.

- Meu treinamento não tem nenhuma importância se os varden forem destruídos.

- Não. Mas talvez você seja a única pessoa que possa impedir sua destruição, pois existe a possibilidade, longínqua mas terrível, de que Galbatorix esteja presente na batalha. É muito tarde para que nossos guerreiros ajudem os Varden, o que significa que se Galbatorix estiver efetivamente presente, você o enfrentará sozinho, sem o amparo de nossos feiticeiros. Nessas circunstâncias, parecia vital que seu treinamento continuasse durante o maior tempo possível.

Em um instante, a raiva de Eragon se desvaneceu e foi substituída por um estado de ânimo frio, duro e brutalmente pragmático ao entender que o silêncio de Oromis tinha sido necessário. Os sentimentos pessoais eram irrelevantes em uma situação tão nefasta como a sua.

-Tinha razão. Meu juramento de lealdade me impulsiona a pensar na segurança de Nasuada e dos varden. Entretanto, não estou preparado para enfrentar Galbatorix. Ao menos, não ainda.

- Minha sugestão - disse Oromis - é que se Galbatorix se mostrar, faça o que puder para distraí-lo dos varden até que a batalha esteja definida para o bem ou para o mau e que evite

lutar diretamente com ele. Antes que se vá, peço uma última coisa: que Saphira e você prometam que, quando o permitir o desenvolvimento dos fatos, voltarão aqui para completar sua formação, pois ainda têm muito que aprender. *Voltaremos* -prometeu Saphira, comprometendo-se no idioma antigo.

- Voltaremos - repetiu Eragon, selando assim seu destino.

Aparentemente satisfeito, Oromis estendeu uma mão para trás, tirou uma bolsa vermelha bordada e a abriu.

- Antecipando sua partida, reuni três presentes para você, Eragon. - Tirou da bolsa uma bota verde. - Primeiro, um pouco de faelnirv cujo poder aumentei com meus feitiços. Esta poção pode te manter quando faltar todo o resto, e talvez ache úteis suas propriedades também em outras circunstâncias. Bebe-a com moderação, pois só tive tempo de preparar uns poucos goles.

Passou a garrafa a Eragon e logo tirou da bolsa um comprido cinto negro e azul para uma espada. Quando Eragon o percorreu com as mãos, achou-o estranhamente grosso e pesado. Era feito de recortes de tecido entretecidos com um padrão que representava uma Liani Vim enroscada. Seguindo as instruções de Oromis, Eragon segurou por uma borda que havia em um extremo do cinto e soltou um grito afogado ao ver que uma tira do centro se estirava para trás e mostrava doze diamantes de mais de dois centímetros e meio cada. Havia quatro diamantes brancos e quatro negros, os outros eram vermelho, azul, amarelo e marrom. Emitiam um fulgor frio e brilhante, como o gelo ao amanhecer, e um arco íris de manchas brotou nas mãos de Eragon.

- Professor... - Eragon meneou a cabeça e tomou fôlego várias vezes, incapaz de encontrar palavras. - Não é perigoso me dar isto?

- Guarda-o bem para que ninguém tente roubar isso É o cinturão do Beloth o Sábio, de quem leu em sua história do Ano da Escuridão, e é um dos grandes tesouros dos Cavaleiros. São as gemas mais perfeitas que os Cavaleiros puderam encontrar. Algumas compramos dos anões. Outras ganhamos na batalha ou as encontramos nós mesmos em alguma mina. As pedras não têm magia própria, mas pode usá-las para repor suas forças e como reserva se precisar. Isto, além do rubi instalado no punho de Czar'roc, te permitirá armazenar uma reserva de energia para que não fique indevidamente exausto ao preparar feitiços para uma batalha, ou inclusive quando enfrentar os magos inimigos.

Por último, Oromis tirou um fino pergaminho protegido dentro de um tubo de tecido decorado com uma escultura em baixo-relevo da árvore Menoa. Eragon desenrolou o pergaminho e viu o poema que tinha recitado no Agaetí Blódhren. Estava escrito com a melhor caligrafia de Oromis e ilustrado com os detalhados desenhos do elfo. As plantas e os animais se entrelaçavam com o primeiro glifo de cada quarteto, enquanto que delicadas folhas seguiam as colunas de palavras e flanqueavam as imagens.

- Pensei - disse Oromis - que você gostaria de ter uma cópia para si. Eragon ficou com os doze diamantes impagáveis em uma mão e o pergaminho na outra, e soube que este lhe parecia mais valioso. Fez uma reverência e, reduzido à

linguagem mais simples pela profundidade de sua gratidão, disse:

- Obrigado, Professor.

Então Oromis surpreendeu Eragon ao iniciar a saudação tradicional dos elfos, indicando assim o muito que respeitava Eragon.

- Que a fortuna governe seus dias.

- E que as estrelas cuidem de ti.

- E que a paz viva em seu coração - terminou o elfo de cabelo prateado. Logo repetiu o intercâmbio com Saphira. - Agora, vão e voem tão rápido como o vento do norte, sabendo que vocês, Saphira Escama Brilhante e Eragon Assassino de Sombras, contam com a benção de Oromis, o último descendente da casa de Thrándurin, que é

ao mesmo tempo o Sábio Enfermo e o Aleijado que está ileso. *E também com a minha* - acrescentou Glaedr. Estirou o pescoço para roçar a ponta de seu nariz com a de Saphira enquanto seus olhos dourados brilhavam como brasas giratórias. - *Lembre-se de manter seu coração a salvo, Saphira.* Ela ronronou como resposta.

Partiram com solenes despedidas. Saphira se elevou sobre o denso bosque e Oromis e Glaedr foram minguando atrás deles, a sós nos penhascos. Face às dificuldades de sua estadia na Ellesméra, Eragon sentiria falta de sua presença entre os elfos, pois com eles tinha encontrado o mais parecido com um lar desde que abandonara o vale de Palancar.

“Sou um homem diferente do que chegou”, pensou e, fechando os olhos, aferrou-se a Saphira.

Antes de ir ao encontro de Orik, fizeram uma última parada: o salão Tialdarí. Saphira aterrissou em seus jardins, com cuidado de não danificar nenhuma planta com a cauda ou com as garras. Sem esperar que a dragona se agachasse, Eragon saltou diretamente ao chão, em uma cambalhota que em outros tempos lhe teria feito mal. Saiu um elfo, tocou os lábios com dois dedos e perguntou em que podia lhes ajudar. Quando Eragon respondeu que queria uma audiência com Islanzadí, o elfo disse:

- Espere aqui, por favor, Mão de Prata.

Não tinham passado cinco minutos quando a rainha em pessoa saiu das profundezas do salão Tialdarí, com sua túnica encarnada como uma gota de sangue entre os elfos de roupas brancas e as damas que a acompanhavam. Depois de uns quantos saudações formulários, disse:

- Oromis me informou de sua intenção de nos deixar. Desagrada-me, mas não posso oferecer

resistência ao destino.

- Não, Majestade... Majestade, viemos oferecer nossos respeitos antes de partir. Foi muito generosa conosco, e lhe agradecemos, a senhora e a sua Casa, a roupa, os aposentos e os mantimentos. Estamos em dívida contigo.

- Nada de dívidas, Cavaleiro. Não temos feito mais que pagar uma pequena parte do que devemos a ti e aos dragões por nosso desgraçado fracasso na Queda. Satisfaz-me, em qualquer caso, que aprecie nossa hospitalidade. - Fez uma pausa. - Quando chegar a Surda transmita minhas saudações reais à senhora Nasuada e ao rei Orrin, e lhes informe que nossos guerreiros atacarão logo a metade norte do Império. Se a fortuna nos sorrir, poderemos pilhar Galbatorix com a guarda baixa e, com o tempo, dividir suas defesas.

- Como deseja senhora.

- Além disso, quero que saiba que enviei Surda a doze de nossos melhores feiticeiros. Se estiver vivo quando chegarem, ficarão sob seu comando e farão o que puderem para protegê-lo do perigo, dia e noite.

- Obrigado, Majestade.

Islanzadí estendeu uma mão, e um dos senhores élficos lhe estendeu uma caixa de madeira, plaina e sem adornos.

- Oromis tinha presentes para você e eu tenho outro. Que lhe sirvam para recordar o tempo que passou conosco sob a escuridão dos pinheiros. - Abriu a caixa e mostrou um arco comprido e escuro com os extremos voltados para dentro e as pontas curvas, encaixado em um leito de veludo. Alguns engastes de prata adornados com folhas de disco decoravam a parte central e a zona de agarre. A seu lado havia uma aljava cheia de flechas novas rematadas por plumas de cisnes brancos.

- Agora que compartilha nossa força, parece apropriado que tenha um dos nossos arcos. Tenho-o feito eu mesma cantando a uma árvore. A corda não se romperá

nunca. E enquanto usar estas flechas será muito difícil que não acerte o objetivo, por muito que sopre o vento quando disparar.

Uma vez mais, Eragon ficou afligido pela generosidade dos elfos. Fez uma reverência.

- O que posso dizer minha senhora? Honra-me que te tenha parecido apropriado me dar de presente o fruto do trabalho de suas mãos. Islanzadí assentiu, como se estivesse de acordo com ele, e logo passou ante ele e disse:

- Saphira, não te trouxe nenhum presente porque não me ocorreu nada que lhe fizesse falta ou que pudesse desejar, mas se houver algo nosso que desejar, diga e será seu.

Os dragões -disse Saphira - *não precisam possuir nada para ser felizes.De que nos servem as riquezas quando nossa pele é mais gloriosa que qualquer tesouro escondido que possa existir? Não, tenho bastante com a amabilidade que demonstrou a Eragon.*

Logo Islanzadí lhes desejou uma boa viagem. Virou-se, com uma revoada da capa que tinha amarrada aos ombros, e fez tensão de partir, só para deter-se o final do gesto e dizer:

- Eragon...?

- Sim, Majestade.

- Quando vir Arya lhe comunique, por favor, meu afeto e lhe diga que temos saudades na Ellesméra.

Suas palavras soaram rígidas e formais. Sem esperar resposta, afastou-se a grandes passos e desapareceu entre os troncos sombrios que protegiam o interior da sala Tialdarí, seguida pelos senhores e as damas élficos.

Saphira levou menos de um minuto voando até o campo de treinamento, onde encontraram Orik sentado em seu volumoso saco, passando o machado de guerra de uma mão a outra e com rosto feroz.

- Já era hora de que chegarem - resmungou. Levantou-se e jogou o machado ao cinto. Eragon se desculpou pelo atraso e prendeu o saco de Orik à sela de Saphira. O anão olhou as costas do dragão, que se elevava a grande altura. - E como acha que vou montar aí? Até um escarpado tem mais lugares onde se agarrar que você, Saphira. *Aqui* -disse ela. Deitou-se sobre o ventre e abriu tanto como pôde a perna direita traseira, criando assim uma rampa nodosa. Orik montou em sua tíbia com um sonoro bufo e subiu pela perna a quatro patas. Saphira soprou e soltou uma pequena labareda. - *Depressa! Está me fazendo cócegas.*

Orik se deteve no patamar das ancas, logo pôs um pé a cada lado da coluna vertebral de Saphira e caminhou com cuidado pelas costas para a sela. Tocou uma das puas de marfim, que ficava entre as pernas, e disse:

- Nunca vi uma maneira melhor de perder a virilidade.

Eragon sorriu.

- Não escorregue.

Quando Orik desceu até a parte dianteira da sela, Eragon montou em Saphira e se sentou atrás do anão. Para manter Orik em seu lugar quando Saphira girasse ou se virasse em pleno vôo, Eragon soltou as correias destinadas a sujeitar seus braços e pediu a Orik que passasse as pernas por elas.

Quando Saphira se levantou de tudo, Orik se balançou e se agarrou à pua que ficava diante.

- Garr! Eragon, não me deixe abrir os olhos até que estejamos no ar, ou temo vou vomitar. Isto não é natural, não, senhor. Os anões não são feitos para montar em dragões. Eu nunca fiz isso.

- Nenhuma vez?

Orik meneou a cabeça sem responder.

Os elfos se agruparam nos subúrbios do Du Weldenvarden, reunidos com o passar do campo, e contemplavam Saphira com expressões solenes enquanto esta elevava suas asas translúcidas, preparando a decolagem.

Eragon apertou as pernas ao sentir que a poderosa musculatura da dragona se esticava sob suas pernas. Com um salto acelerado, Saphira se lançou para o céu azul, batendo as asas com força e rapidez para elevar-se sobre as árvores gigantescas. Girou sobre o extenso bosque fazendo espirais para cima à medida que ganhava velocidade - e logo se dirigiu ao sul, para o deserto do Hadarac. Embora o vento soasse com força nos ouvidos do Eragon, ouviu que uma elfa do Ellesméra elevava sua clara voz em uma canção, igual a quando chegaram pela primeira vez. Assim cantava:

Longe, longe, voará longe,

Sobre os picos e os vales

Até as terras do mais à frente.

Longe, longe, voará longe

E nunca voltará para mim.

As faces do oceano

Muito obsidiana se elevava sob o *Asa de Dragão,* impulsionando o navio para o ar. Ali se precipitava na escarpada crista de uma onda espumosa antes de lançar-se para frente e baixar correndo pela outra face para o seio negro que o esperava abaixo. Farrapos de névoa pegajosa percorriam o ar gélido quando o vento gemia e uivava como um espírito monstruoso.

Roran se aferrava aos equipamentos de barco de estibordo, a meio comprimento do navio, e vomitava por cima da amurada, não lhe saía mais que amarga bílis. Vangloriou-se de não sentir nenhuma moléstia de estômago nas barcas de Clovis, mas a tormenta que enfrentavam agora era tão violenta que até os homens de Uthar - todos eles curtidos marinheiros – tinham dificuldades em conservar o uísque nas tripas. Roran sentiu como se uma rocha de gelo o golpeasse entre as omoplatas quando uma onda varreu o navio de flanco, empapando a coberta antes de escorrer pelos embornais e voltar para espumoso, mal-humorado e furioso oceano de onde tinha saído. Roran secou a água salgada dos olhos com dedos torpes como pedaços de madeira congelados, e os cerrou os olhos para olhar horizonte negro que se elevava além da popa.

“Talvez assim não possam farejar nosso rastro”. Três chalupas de velas negras os haviam seguido desde que haviam passado os escarpados de Ferro e dobraram o que Jeod chamava de Dur Carthungavé e Uthar identificou como o cabo do Rathbar.

-Seria como a cauda das Vertebradas -havia-lhe dito Uthar, com um sorriso. As chalupas eram mais rápidas que o *Asa de Dragão,* carregado com o peso de todos os aldeões, e lhe tinham ganho terreno sobre o navio mercante até aproximarse tanto como para trocar uma onda de flechas. Pior ainda, parecia que a primeira das chalupas levava um mago, pois suas flechas tinham uma pontaria sobrenatural e tinham talhado cordas, destroçado catapultas e entupido plataformas. Por aqueles ataques, Roran deduziu que ao Império já não se importava em capturá-lo vivo e só queria impedir que encontrasse refúgio entre os varden. Acabava de preparar os aldeões para repelir a abordagens quando as nuvens se incharam até adquirir um tom arroxeado, carregadas de chuva, e uma furiosa tempestade começou a soprar do noroeste. Naquele momento, Uthar levava o *Asa de Dragão* de través ao vento, em direção às ilhas do Sul, onde esperava evitar as chalupas entre os bancos de areia e as enseadas do Beirland.

Uma lâmina de relâmpagos horizontais tremeu entre duas nuvens m forma de bulbo, e o mundo se converteu em um retângulo de mármore branco antes que voltasse a reinar de novo a escuridão. Cada relâmpago cegador imprimia nos olhos do Roran uma cena imóvel que logo permanecia ali, palpitando até muito depois de desaparecer o clarão do raio.

Logo veio outra série de relâmpagos bifurcados, e Roran viu - como se presenciasse uma série de desenhos monocromáticos - que o mastro da mesena rangia e desmoronava para o mar revolto, cruzando o navio pelo lado de bombordo. Preso a uma corda de salvamento, Roran se lançou para a fortaleza e, com a ajuda de Bonden, cortou os obenques que mantinham o mastro unido ao *Asa de Dragão* e afundavam a popa sob a água. Os cabos se sacudiam como serpentes ao cortá-los. Logo Roran deslizou até a coberta com o braço direito enganchado em um nó

para manter-se firme em seu lugar enquanto o navio descendia seis..., nove metros, entre uma onda e a seguinte. Uma onda lhe pegou por cima, lhe absorvendo o calor dos ossos. Os calafrios lhe percorriam o corpo inteiro.

“Não me deixe morrer aqui - suplicou, embora não sabia a quem se dirigia. - Nestas ondas cruéis, não. Ainda não terminei minha tarefa”. Durante aquela larga noite se aferrou às lembranças da Katrina e obteve consolo neles quando sentiu débil e a esperança ameaçava abandoná-lo.

A tormenta durou dois dias inteiros e se dissipou nas primeiras horas do anoitecer. A manhã seguinte trouxe consigo um amanhecer de pálido verde, céus claros e três velas negras que navegavam ao norte pelo horizonte. Ao sudoeste, a brumosa costa do Beirland ficava sob um saliente de nuvens reunidas em torno da escarpada montanha que dominava a ilha.

Roran, Jeod e Uthar se reuniram na pequena cabine de proa - pois o camarote do capitão se destinou aos doentes, - onde Uthar desenrolou as cartas de navegação sobre uma mesa e

assinalou um ponto por cima do Beirland.

- Agora estamos aqui - disse. Tirou um mapa maior da costa da Alagaésia e assinalou a desembocadura do rio Jiet. - E este é nosso destino, porque a comida não vai durar até Reavstone. De qualquer maneira, não vejo como podemos chegar até ali sem que nos alcancem. Sem a vela de mesena, esses malditas chalupas nos pilharão amanhã ao meio dia, ou ao anoitecer se formos capazes de dirigir bem as velas.

- Podemos substituir o mastro? - perguntou Jeod. - As naves deste tamanho costumam levar material para reparos desse tipo.

Uthar encolheu de ombros.

- Poderíamos se houvesse entre nós um bom carpinteiro de navios. Como não o temos, prefiro não deixar que mãos inexperientes montem um mastro, porque só

serviria para que desabasse na coberta e poderia haver algum ferido. Roran respondeu:

- Se não fosse pelo mago, ou os magos, eu diria que poderíamos lutar, pois nossa tripulação é muito mais numerosa que a das chalupas. Tal como estão as coisas, preferiria evitar o confronto. Parece pouco provável que possamos vencer, tendo em conta que os navios enviados para ajudar os varden desapareceram. Uthar grunhiu e riscou um círculo em torno de sua posição.

- Amanhã a noite poderíamos chegar até aqui, caso o vento não nos abandone. Poderíamos atracar em algum lugar de Beirland ou de Nia se quiséssemos, mas não sei do que nos serviria. Ficaríamos presos. Os soldados das chalupas, os ra'zac ou o próprio Galbatorix nos dariam caça.

Roran franziu o cenho enquanto refletia as diversas opções. A luta contra as chalupas parecia inevitável.

Durante vários minutos reinou o silêncio na cabine, salvo pelo lamentação das ondas contra o casco. Logo Jeod pôs o dedo no mapa, entre o Beirland e Nia, olhou para Uthar e perguntou:

- E o Olho do Javali?

Para assombro de Roran, o curtido marinheiro ficou literalmente branco.

- Por minha vida que preferiria não correr esse risco, professor Jeod. Prefiro enfrentar essas chalupas e morrer mar adentro que ir a esse lugar maldito. tragou uma quantidade de navios equivalente a metade da frota de Galbatorix.

- Acredito recordar que li - disse Jeod, recostando-se na cadeira - que o lugar é

absolutamente seguro com a maré totalmente alta ou baixa. Não é assim?

Com muita e evidente reticência, Uthar admitiu:

- Sim. Mas o Olho é tão largo que para cruzá-lo sem destruir o navio, requer-se a mais precisa sincronização. Teríamos muitas dificuldades para conseguir com as chalupas seguindo nossa esteira.

- Entretanto, se conseguíssemos - insistiu Jeod, - se pudéssemos planejá-lo bem, as chalupas encalhariam ou, se lhes faltasse a coragem, seriam obrigados a circunavegar Nia. Isso nos daria tempo para encontrar um lugar onde nos esconder na costa do Beirland.

- Sim, sim... Se fosse por você, iríamos parar no fundo do mar.

- Vamos, Uthar. Seu medo não tem razão de ser. O que proponho é perigoso, eu sei, mas não mais do que fugir de Teirm. Ou acaso duvida de sua capacidade de cruzar o passo? Não é o bastante homem?

Uthar cruzou seus braços nus.

- Nunca viu o Olho, não é senhor?

- Não posso dizer o contrário.

- Não é que eu não seja bastante homem, mas sim o Olho que supera as forças dos homens, ridiculariza nossos navios maiores, nossos maiores edifícios e qualquer outra coisa que queira nomear. Tentar atravessá-lo seria como tratar de correr mais que uma avalanche, pode-se conseguir, mas também pode ficar enterrado no pó.

- O que é o Olho de Javali? - perguntou Roran.

- As faces do oceano, que tudo o devoram - proclamou Uthar. Em um tom mais suave, Jeod disse:

- É um redemoinho, Roran. O Olho se forma como conseqüência da corrente das marés que chocam entre Beirland e Nia. Quando baixa a maré, o Olho gira de norte a oeste. Quando sobe, do norte a leste.

- Não parece tão perigoso.

Uthar meneou a cabeça e o acréscimo lhe golpeou os lados do pescoço, queimado pelo vento. Pôs-se a rir:

- Não tão perigoso, diz. Certo!

- O que não pode compreender - continuou Jeod - é o tamanho do vértice. Do meio, o centro do Olho mede cinco milhas de diâmetro, enquanto que os braços do redemoinho podem chegar a ter entre dez e quinze milhas. Os navios que têm a desgraça de ser tragados pelo Olho são

arrastados ao fundo do oceano e lançados ali contra as rochas bicudas. Freqüentemente se encontram pedaços dos restos dessas naves nas duas ilhas.

- Alguém espera que tomemos essa rota? - perguntou Roran.

- Ninguém, e por boas razões - grunhiu Uthar.

Jeod negou com a cabeça ao mesmo tempo.

- Existe ao menos a possibilidade de cruzar o Olho?

- Seria uma maldita estupidez.

Roran assentiu.

- Já sei que não quer correr esse risco, Uthar, mas as opções são limitadas. Não sou marinheiro, então devo confiar em seu julgamento. Podemos cruzar o Olho?

O capitão hesitou.

- Talvez sim, talvez não. Teria que estar totalmente louco para nos aproximar menos de cinco milhas desse monstro.

Roran tirou o martelo e golpeou com ele a mesa, deixando uma marca de vários centímetros de profundidade.

- Pois eu estou totalmente louco! - Sustentou o olhar de Uthar até que o marinheiro se remexeu, incomodado. - Devo recordar que só chegamos até aqui por fazer o que os medrosos angustiados afirmavam que não podia ou não devia ser feito?

Nós, os do Carvahall, nos atrevemos a abandonar nossos lares e cruzar as Vertebradas. Jeod se atreveu a imaginar que podíamos roubar o *Asa de Dragão.* A que se atreverá

você, Uthar? Se conseguirmos superar o Olho e vivermos para contar, vão saudá-lo como um dos maiores marinheiros da história. Agora, me responda, e faça-o com a verdade. Pode ser feito?

Uthar passou uma mão pela cara. Quando ao fim falou, o fez em voz baixa, como se o estalo de Roran o obrigasse a abandonar as fanfarronadas.

- Não sei, Marteladas... Se esperarmos que o Olho se reduza, as chalupas poderiam estar tão perto de nós que se passássemos, eles também passariam. E se o vento amainar, a corrente nos apanhará e não poderemos evitá-la.

- Como capitão, está disposto a tentar? Nem Jeod nem eu podemos dirigir o *Asa de Dragão* em seu lugar.

Uthar olhou longamente as cartas de navegação. Riscou um par de linhas desde sua posição e realizou uma série de cálculos numéricos de que Roran não pôde deduzir nada. Ao fim disse:

- Temo que naveguemos para a destruição, mas sim. Farei o possível para poder cruzá-lo.

Satisfeito, Roran guardou o martelo.

- Assim seja.

Cruzando o Olho do Javali

As chalupas seguiram aproximando-se do *Asa de Dragão* com o passar do dia. Roran contemplava seus progressos sempre que podia, preocupado de que se aproximassem o suficiente para atacá-los antes que o *Asa de Dragão* chegasse ao Olho. Mesmo assim, Uthar parecia capaz de manter a distância ao menos durante mais algum tempo.

Cumprindo suas ordens, Roran e outros aldeões se esforçaram por recolher o navio depois da tormenta e prepará-lo para a travessia. Terminaram de trabalhar ao anoitecer e extinguiram todas as luzes da coberta com a intenção de confundir seus perseguidores sobre o rumo do *Asa de Dragão.* O truque sortiu efeito em parte, pois quando saiu o sol, Roran viu que as chalupas se atrasaram perto de uma milha pelo noroeste, embora logo recuperassem a distância perdida.

A última hora da manhã, Roran escalou o pau maior e se montou na gávea, a quarenta metros da coberta, tão alto que os homens abaixo lhe pareciam menores que seu mindinho. A água e o céu pareciam balançar perigosamente em torno dele quando o *Asa de Dragão* balançava de um lado a outro.

Roran tirou a luneta que tinha levado consigo, levou-a a um olho e ajustou-a até que as chalupas ficaram enfocadas, a menos de quatro milhas atrás de sua popa, e aproximando-se com maior velocidade da que lhe teria agradado. “Perceberam o que pretendemos fazer”, pensou. Varreu o oceano com a luneta em busca de algum sinal do Olho do Javali. Deteve-se o divisar um grande disco de espuma, do tamanho de uma ilha, que girava do norte a leste. “Chegamos tarde”, pensou, com um nó no estômago. A maré alta tinha passado e o Olho do Javali aumentava sua velocidade e sua força à

medida que o oceano se retirava da costa. Roran apontou a luneta pelo flanco da gávea e viu que a corda que Uthar tinha amarrado a estibordo pela popa -para detectar em que momento entravam na corrente do redemoinho - flutuava agora paralela ao *Asa de Dragão* em vez de estirar-se por sua esteira como era normal. O único fato que tinham a seu favor era que navegavam na mesma direção da corrente do Olho, e não contra ela. Se fosse o contrário, não teriam outra opção que esperar até que a maré voltasse a subir.

Abaixo, Roran ouviu Uthar gritar aos aldeões que ficassem nos remos. Um momento depois brotaram do *Asa de Dragão* duas fileiras de remos a cada lado que deram ao navio um aspecto de um inseto gigantesco. Ao ritmo de um tambor feito com pele de boi, acompanhado

pelo canto rítmico de Bonden para marcar o tempo, os remos se arquearam para frente, afundaram-se no verde mar e varreram a superfície da água para trás, deixando brancas esteiras de borbulhas. O *Asa de Dragão* acelerou de repente e começou a mover-se mais rápido que as chalupas, que seguiam ainda fora da influência do Olho.

Roran contemplou com aterrada fascinação a peça teatral que se desdobrava em torno dele. O elemento essencial da trama, o ponto crucial de que dependia o resultado, era o tempo. Embora chegassem tarde, poderia o *Asa de Dragão,* com a força combinada das velas e os remos, navegar à velocidade necessária para cruzar o Olho? E as chalupas, que agora também tinham tirado os remos, poderiam cortar o espaço que os separava do *Asa da Dragão* o suficiente para assegurar sua própria sobrevivência? Não tinha como saber. A pulsação do tambor media os minutos, Roran tinha uma aguda consciência de cada instante que passava.

Surpreendeu-se ao ver que um braço se elevava sobre a bordo da plataforma e aparecia a cara de Baldor, olhando-o.

- Me dê uma mão? Dá-me a sensação de que estou a ponto de cair. Agarrando-se com firmeza, Roran ajudou Baldor a subir na plataforma. Este lhe ofereceu uma bolacha e uma maçã seca e lhe disse:

- Pensei que gostaria de comer algo.

Roran assentiu para lhe agradecer, mordiscou a bolacha e voltou a olhar pela luneta. Quando Baldor lhe perguntou se podia ver o Olho, Roran lhe estendeu a luneta e se concentrou na comida.

Durante a meia hora seguinte, o disco de espuma aumentou a velocidade de seus revoluções até que começou a girar como um peão. A água que rodeava a espuma se inflou e começou a elevar-se, enquanto que a própria espuma desapareceu de vista, tragada até o fundo de uma gigantesco fossa cada vez mais ampla e profunda. Um ciclone de bruma retorcida se formou em cima do vértice, e da garganta do abismo, negra como o ébano, surgiu um uivo torturado como os gritos de um lobo ferido. A velocidade com que se formava o Olho do Javali afligiu Roran.

- Será melhor que vá dizer a Uthar - disse.

Baldor saiu da plataforma.

- Amarre-se ao mastro. Se não, pode cair.

- Farei isso.

Ao amarrar-se, Roran deixou os braços livres para estar seguro de que, se fosse necessário, poderia tirar a faca do cinturão e se soltar. Ao fiscalizar a situação, encheu-se de ansiedade. O *Asa de Dragão* estava a menos de uma milha da mediana do Olho, as chalupas ficavam duas milhas atrás e o Olho ia crescendo até alcançar sua plena fúria. Ainda pior, turvado pelo

redemoinho, o vento chispava e rugia, soprando primeiro em uma direção e logo em outra. As velas se inchavam um momento, logo ficavam inertes, depois voltavam a inflar-se enquanto o confuso vento dava voltas em torno do navio.

“Uthar tinha razão - pensou Roran. - Talvez fui muito longe e enfrentei a um oponente que não posso superar por mera determinação. Talvez estou enviando aos aldeões para a morte”. As forças da natureza eram imunes à intimidação. O centro aberto do Olho do Javali media já quase nove milhas e meia de diâmetro, e ninguém podia dizer quantas braças de profundidade, salvo aqueles que tivessem sido apanhados nele. Os lados do Olho se curvavam para dentro em um ângulo de quarenta e cinco graus, estavam estriados por sulcos superficiais, como argila úmida moldada na mesa do oleiro. O uivo grave se fez mais sonoro, até tal extremo que a Roran pareceu que o mundo inteiro devia desmoronar pela intensidade daquela vibração. Um arco íris glorioso emergiu entre a bruma suspensa sobre aquela garganta giratória.

A corrente circulava mais rápida que nunca, imprimindo uma velocidade de vertigem ao *Asa de Dragão* à medida que girava pelo contorno do redemoinho, e cada vez parecia menos provável que o navio pudesse livrar-se ao alcançar o extremo sul do Olho. A velocidade do *Asa de Dragão* era tão prodigiosa que se inclinou muito a estibordo, deixando Roran suspenso sobre as agitadas águas. Face aos progressos do *Asa de Dragão,* as chalupas seguiam aproximando-se. Os navios inimigos navegavam em coluna a menos de uma milha, movendo em perfeita sincronização os remos, e de cada proa brotavam duas aletas de água à medida que foram sulcando o oceano. Roran não pôde a não ser admirar aquela visão. Guardou a luneta na camisa, já não precisava dela. As chalupas estavam suficientemente perto para distingui-los a primeira vista, enquanto que o redemoinho cada vez parecia mais escuro pelas nuvens de vapor branco que emergiam da borda do ralo. Ao precipitar-se para as profundezas, o vapor formava uma lente espiral sobre o golfo, reproduzindo a forma do próprio redemoinho.

Então o *Asa de Dragão* fez uma curva a bombordo, afastando-se da corrente porque Uthar procurava o mar aberto. A quilha sulcou as águas removidas e a velocidade do navio se reduziu à metade enquanto o *Asa de Dragão* lutava contra o abraço mortal do Olho do Javali. Um tremor percorreu o mastro, fazendo entrechocar os dentes ao Roran, e a gávea balançou na direção contrária, lhe provocando um enjôo de vertigem.

O medo se apoderou de Roran ao ver que o navio continuava freando-se. Cortou as cordas que o prendiam e, com um temerário desprezo por sua própria segurança, agarrou-se a uma pirueta que tinha por baixo e deslizou pelo equipamento de barco a tal velocidade que em um momento soltou e só pôde voltar a agarrar-se vários metros abaixo. Saltou a coberta, correu à escotilha de proa e desceu à bancada de remadores, onde se uniu a Baldor e Albriech em um remo de carvalho. Sem dizer uma palavra, ficaram a trabalhar no ritmo de sua própria respiração desesperada, o amalucado bater do tambor, os gritos roucos de Bonden e o rugido do Olho do Javali. Roran sentia a resistência do potente redemoinho a cada golpe de remo. E entretanto, seus esforços não conseguiam evitar que o *Asa de Dragão* chegasse a deter-se virtualmente. “Não vamos conseguir”, pensou Roran. As costas e as pernas lhe ardiam de puro esgotamento. Sentia uma pontada nos pulmões. Entre um golpe de tambor e o seguinte, ouviu

que Uthar ordenava aos marinheiros da coberta que caçassem as velas para tirar o máximo proveito do vento inconstante. Dois assentos além de Roran, Darmmen e Hamund passaram seu remo a Thane e Ridley e logo tombaram no meio do corredor, com tremores nas pernas. menos de um minuto depois, alguém se deprimiu no fundo da galeria e foi substituído imediatamente pelo Birgit e outra mulher.

“Se sobrevivermos - pensou Roran, - será só porque somos tantos que podemos manter este ritmo o tempo que for preciso”.

Pareceu-lhe uma eternidade o tempo que passou remando na sala escura e fumegante, empurrando primeiro e puxando depois, fazendo todo o possível para ignorar a crescente dor no seu corpo. Doía-lhe o pescoço de abaixar-se devido ao teto baixo. A escura madeira do remo estava manchada de sangue nos locais em que a pele se ulcerou e abriu. Tirou a camisa - atirando ao chão a luneta, - envolveu o remo com o tecido e continuou remando.

Ao fim Roran não foi capaz de se mover mais. As pernas cederam, caiu de lado e deslizou pelo corredor de tão suado que estava. Orval ocupou seu lugar. Roran ficou quieto até que pôde recuperar a respiração, logo conseguiu ficar de quatro patas e avançou a papa até a escotilha.

Como um bêbado, subiu a pulso a escada, balançando-se com os movimentos do navio e chocando-se freqüentemente contra a parede para descansar. Ao sair para a coberta, levou um breve momento para apreciar o ar fresco e logo se aproximou aos tombos para a popa para chegar ao leme, embora suas pernas ameaçavam ter cãibras a cada passo.

- Como vai? – perguntou, arquejando, a Uthar que dirigia o leme. Uthar meneou a cabeça.

Olhando pela amurada, Roran escrutinou as três chalupas, talvez a meia milha de distância e algo mais ao oeste, mais perto do centro do Olho. Em comparação com o *Asa de Dragão,* pareciam imóveis.

A princípio, enquanto Roran olhava, as posições das quatro naves se mantiveram iguais. Logo percebeu uma mudança de velocidade no *Asa de Dragão,* como se o navio tivesse passado um ponto crucial e as forças que o freavam tivessem diminuído. Tratava-se de uma diferença sutil e apenas se traduzia em mais que uns poucos metros por minuto, mas era suficiente para que a distância entre o *Asa de Dragão* e as chalupas começasse a aumentar. A cada golpe de remos, o *Asa de Dragão* ganhava inércia.

Em troca, as chalupas não conseguiam superar a força terrível do redemoinho. Seus remos reduziram a velocidade até que, um após o outro, os navios deslizaram para trás e foram tragados pelo véu da bruma, depois da qual os esperavam o muro de águas de ébano e as rangentes rochas do fundo do mar.

“Não podem continuar remando - percebeu Roran. - Suas tripulações são pequenas e estão muito cansados”. Não pôde evitar uma pontada de compaixão pelo destino dos homens das chalupas.

Nesse preciso instante, uma flecha saiu disparada da chalupa mais próximo e estalou com uma labareda verde enquanto se dirigia para o *Asa de Dragão*. Para voar até tão longe, a flecha devia estar sustentada pela magia. Cravou-se na vela de mesena e explodiu em glóbulos de fogo líquido que se pegavam a qualquer objeto que tocassem. Ao cabo de escassos segundos, ardiam vinte fogos pequenos no pau de mesena, sua vela e a coberta.

- Não podemos apagá-lo! - gritou um dos marinheiros, com o pânico na face.

- Cortem a machadadas o que esteja queimando e joguem pela amurada! rugiu Uthar em resposta. Roran desencapou a faca que levava no cinto e eliminou uma boa quantidade de fogos de cor verde dos tablados que ficavam a seus pés. Passaram vários minutos de muita tensão até que aquelas chamas sobrenaturais desapareceram e ficou claro que a conflagração não ia se estender ao resto do navio.

Quando soou o grito: “Tudo certo!”, Uthar relaxou a mão que aferrava o leme.

- Se isso for o melhor que pode fazer seu mago, eu diria que não temos que temê-lo demais.

- Vamos sair do Olho, certo? - perguntou Roran, ansioso por confirmar suas esperanças.

Uthar elevou os ombros e soltou um rápido sorriso, orgulhoso e incrédulo ao mesmo tempo.

- Nesta volta, ainda não, mas estamos no ponto. Não faremos nenhum progresso para nos afastarmos da boca aberta desse monstro até que a maré comece a afrouxar. Vá dizer lhe ao Bonden que diminua um pouco o ritmo, não quero que todos os remadores se esgotem se puder evitá-lo.

E assim foi. Roran se aplicou aos remos em um turno breve e, quando retornou a coberta, o redemoinho começava a amainar. O uivo horrendo do vértice desvanecia sob o ruído normal do vento, a água adquiria uma textura tranqüila e lisa que não dava a menor pista da violência que estava acostumado a abater-se sobre o lugar, e a névoa retorcida que se agitou antes sobre o abismo se fundia agora sob os quentes raios do sol, deixando o ar claro como o cristal. Do Olho do Javali, tal como comprovou Roran quando recuperou sua luneta entre os remadores, não ficava mais que o disco de espuma amarela que girava na água.

E no centro da espuma pôde logo que distinguir três mastros quebrados e uma vela negra que flutuavam dando voltas e voltas em um círculo infinito. Mas talvez fosse sua imaginação. Ao menos, disse isso a si mesmo.

Elain se aproximou de seu lado com uma mão apoiada no ventre inchado. Em voz muito baixa, disse-lhe:

- Tivemos sorte, Roran, mais do que era razoável esperar.

- Sim - reconheceu Roran.

Para Aberon

Por baixo de Saphira, o bosque sem caminhos se estendia de ambos os lados do horizonte branco, passando, à medida que se afastava, do mais denso verde a um arroxeado brumoso e dissolvido. Vencejos, gralhas e outros pássaros do bosque revoavam sobre os pinheiros retorcidos e soltavam uivos de alarme ao ver Saphira. Ela voava baixo sobre o dossel de ramos para proteger seus dois passageiros das temperaturas árticas das capas mais altas do céu.

Além de quando Saphira jogou os ra'zac para as vertebradas, era a primeira vez que ela e Eragon tinham a oportunidade de voar juntos uma longa distância sem necessidade de deter-se ou esperar algum companheiro que se deslocasse por terra. Saphira estava especialmente contente com a viagem e se deleitou em mostrar a Eragon em que medida os ensinos do Glaedr tinham aumentado sua força e sua resistência.

Quando superou seu desconforto inicial, Orik disse a Eragon:

- Duvido que chegue a me sentir cômodo no ar, mas entendo que Saphira e vocês gostem tanto. Voar faz sentir-se livre e carente de limites, como um falcão ao perseguir a suas presas. Acelera-me o coração, isso sim.

Para reduzir o tédio do trajeto, Orik jogava ;adivinhações com Saphira. Eragon se desculpou para não participar do concurso, pois nunca tinha sido especialmente perito em adivinhações, o giro de pensamentos necessário para resolver sempre parecia lhe escapar. Nisso, Saphira o superava em muito. Como à maioria de dragões, fascinavam-lhe os enigmas e lhe era bastante fácil resolvê-los. Orik disse:

- As únicas adivinhações que conheço procedem da linguagem dos anões. Farei o que puder para traduzi-las bem, mas talvez o resultado seja áspero e pouco flexível.

Logo, propôs:

Quando jovem sou alta,

Quando velha sou baixa,

Em vida tenho brilho,

O fôlego do Urür é meu inimigo.

Não é justo -grunhiu Saphira. - *Quase não sei nada de seus deuses.* Eragon não precisou repetir suas palavras, pois Orik tinha concedido permissão para que Saphira as projetasse diretamente para sua mente. O anão riu.

- Rende-se?

Não. -Durante uns minutos não soou mais que o bater de asas, até que ela perguntou: - *É uma vela?*

- Acertou.

Ela soprou, e uma nuvem de fumaça quente subiu até as caras de Eragon e Orik.

Não entendo muito bem esse tipo de adivinhações. Desde minha incubação, não tornei a estar dentro de uma casa, e me resultam difíceis os enigmas relacionados com objetos domésticos. -Continuando, propôs: - *Que erva cura todas as doenças?*

O dilema foi terrível para Orik. Grunhiu, rugiu e rangeu os dentes de frustração. Atrás dele, Eragon não pôde evitar um sorriso, pois ele via claramente a resposta na mente de Saphira. Por fim, Orik disse:

- Bom, o que é? Com esta você me superou.

Pelo bem do vermelho, e porque não é amarelo, a resposta tem que ser tomilho.

Foi a vez de Orik protestar.

- Não é justo! Não é minha língua natal. Não pode esperar que me ocorram essas rimas.

Assim são as coisas. A rima está bem declarada.

Eragon viu que os músculos das costas do Orik se contraíam e se esticavam ao tempo que o anão esticou a cabeça para frente.

- Já que é assim, Dentes de Ferro, farei você resolver esta adivinhação que todos os meninos anões conhecem.

Chamam-me forja do Morgothal e ventre do Helzvog.

Oculto à filha do Nordvig e provoco a morte cinza,

E renovo o mundo com o sangue do Helzvog.

O que sou?

E assim seguiam, trocando adivinhações cada vez mais difíceis enquanto Du Weldenvarden deslizava abaixo deles a toda velocidade. Freqüentemente, algum oco entre os ramos entrelaçados revelava manchas chapeadas, fragmentos dos muitos rios que corriam pelo bosque. Em torno de Saphira, as nuvens se inflavam em uma arquitetura fantástica: arcos de abóbada, cúpulas e colunas, muralhas com ameias, torres grandes como montanhas, picos e vales carregados de uma luz resplandecente que provocava em Eragon a sensação de estar voando em um sonho. Saphira era tão rápida que, quando chegou o crepúsculo, já tinham

deixado para trás o Du Weldenvarden e tinham entrado nos campos castanhos que separavam o grande bosque do deserto do Hadarac. Acamparam entre a erva e se deitaram junto à

pequena fogueira, completamente sozinhos sobre a lisa extensão de terra. Tinham o rosto severo e falavam pouco, pois as palavras não faziam mais que reforçar sua insignificância naquela terra nua e vazia.

Eragon aproveitou a parada para armazenar um pouco de energia no rubi que adornava o punho de Czar'roc. A gema absorvia toda a energia que ele queria lhe dar, assim como a de Saphira quando esta lhe emprestava suas forças. Eragon concluiu que levaria alguns dias para saturar as reservas do rubi e os doze diamantes escondidos no cinturão do Beloth o Sábio.

Debilitado por esse exercício, envolveu-se nas mantas, deitou-se junto à

Saphira e deslizou para seu sonhar acordado, onde os fantasmas da noite enfrentavam o mar de estrelas que brilhavam no alto.

Pouco depois de reiniciar a viagem na manhã seguinte, a maré de erva deu passo a uma vegetação escura que foi se tornando cada vez mais escassa até que também foi substituída por uma terra calcinada pelo sol onde só sobreviviam as plantas mais resistentes. Apareceram as dunas de um dourado avermelhado. De seu refúgio na garupa de Saphira, a Eragon pareciam fileiras de ondas que se encaminhavam eternamente para uma costa distante.

Quando o sol começou a descer, Eragon descobriu um grupo de montanhas ao longe, para o leste, e entendeu que contemplava Du Fells Nángoróth, para onde iam antigamente os dragões selvagens para acasalarem-se, criar seus filhotes e, finalmente, morrer.

Temos que visitá-lo algum dia -disse a Saphira, que seguia seu olhar. *Sim.*

Essa noite Eragon sentiu sua solidão com maior intensidade ainda, pois tinham acampado nas regiões mais desoladas do deserto do Hadarac, onde havia tão pouca umidade no ar que logo lhe gretaram os lábios por muito que os lubrificasse de nalgask a cada poucos minutos. Percebeu pouca vida na terra, apenas um punhado de plantas miseráveis intercaladas com uns poucos insetos e alguns lagartos. Assim como fizera quando cruzaram o deserto para fugir do Gil'ead, Eragon jogou água do chão para preencher suas botas e, antes de permitir que o líquido restante se secasse, invocou Nasuada no reflexo do atoleiro para ver se os varden já

tinham sido atacados. Comprovou com alívio que não.

Ao terceiro dia de sua partida de Ellesméra, o vento se elevou atrás deles e levou Saphira pairando até além de onde poderia ter chegado por suas próprias forças, ajudando-os a cruzar por completo o deserto do Hadarac.

Perto do limite do deserto passaram por cima de alguns nômades a cavalo, embelezados com roupas largas e soltas para proteger do calor. Os homens gritaram em sua áspera linguagem e agitaram suas lanças e espadas em direção a Saphira, embora nenhum se atreveu a lhe lançar

uma flecha.

Eragon, Saphira e Orik acamparam essa noite no limite sul do Bosque Prateado, que se estendia junto ao lago Tüdosten e se chamava assim porque estava composto quase por completo de salgueiros e álamos brancos. Em contraste com o crepúsculo infinito que se instalava sob os melancólicos pinheiros do Du Weldenvarden, o Bosque Prateado ficava invadido por uma luz brilhante, pelo canto das cotovias e o amável sussurro das folhas verdes. Para Eragon as árvores pareceram jovens e alegres, e se alegrou de estar ali. Apesar de ter desaparecido até o último rastro do deserto, o clima era mais quente do que o normal para essa época do ano. Parecia mais verão que primavera.

De ali voaram diretamente para Aberon, capital da Surda, guiados por gestos que Eragon surrupiava das lembranças de pássaros que se encontravam pelo caminho. Saphira não fez o menor esforço para se esconder durante o caminho, e freqüentemente ouviam gritos de assombro e de alarme procedentes dos aldeões que ficavam abaixo.

Estava já avançada a tarde quando chegaram a Aberon, uma cidade baixa e murada, levantada em torno de um escarpado em uma terra por outra parte lisa. O

castelo Borromeo ocupava a parte alta do escarpado. A intrincada cidadela estava protegida por três fileiras concêntricas de muralhas, numerosas torres e, conforme percebeu Eragon, centenas de catapultas desenhadas para derrubar dragões. A rica luz ambarina do sol poente marcava os edifícios de Aberon com um marcado relevo e iluminava um penacho de pó que se elevava da porta oeste da cidade, por onde se dispunham a entrar uma fileira de soldados.

Quando Saphira desceu para a zona interior do castelo, Eragon pôde entrar em contato com a combinação de pensamentos da gente da capital. A princípio o ruído o afligiu. Como poderia prestar atenção a possível presencia de inimigos e funcionar com normalidade ao mesmo tempo? Logo se deu conta de que, como sempre, estava se concentrando muito nos detalhes. Só tinha que perceber as intenções gerais das pessoas. Ampliou o foco, e as vozes individuais que reclamavam sua atenção cederam passo a um contínuo de emoções que o rodeavam. Era como uma lâmina de água que permanecesse amassada sobre a paisagem próxima, ondulando-se ao som dos sentimentos alheios e soltando-se quando alguém experimentava alguma paixão extrema.

Assim, Eragon percebeu o alarme que se apoderava das pessoas abaixo à

medida que corria a voz da presença da Saphira.

Tome cuidado -disse-lhe. - *Não queremos que nos ataquem.* O pó subia pelo ar cada vez que Saphira agitava suas poderosas asas para aterrissar no centro do pátio, com as garras bem cravadas na terra cortada para manter o equilíbrio. Os cavalos amarrados no pátio relincharam de medo e provocaram tal alvoroço que Eragon terminou por penetrar em suas mentes e acalmá-los com palavras do idioma antigo.

Eragon desmontou atrás de Orik, olhando para os muitos soldados que se reuniram nos

parapeitos e os miravam com as catapultas. Não teve medo de suas armas, mas não tinha o menor desejo de se envolver em uma briga com seus aliados. Um grupo de doze homens, alguns dos quais eram soldados, saíram correndo da muralha para Saphira. Dirigia-os um homem alto com a pele tão escura como Nasuada, Eragon só tinha conhecido outros dois com essa compleição. O homem se deteve a uns dez passos, fez uma reverência - imitada por quem o seguia - e disse:

- Bem-vindo, Cavaleiro. Sou Dahwar, filho do Kedar. Sou o senescal do rei Orrin.

Eragon inclinou a cabeça.

- E eu sou Eragon Assassino de Sombras, filho de ninguém.

- Yyo, Orik, filho do Thrifk.

E eu, Saphira, filha da Vervada -disse Saphira, usando Eragon de porta-voz. Dahwar fez outra reverência.

- Peço perdão por não haver ninguém de maior patente que eu para receber um convidado tão nobre como você, mas o rei Orrin, a senhora Nasuada e todos os varden se foram faz tempo para enfrentar o exército de Galbatorix. - Eragon assentiu. Já contava com isso. - Deixaram ordens do que viesse em sua busca, que se unisse a eles o mais rápido possível, pois precisamos de sua destreza para vencer.

- Pode nos mostrar em um mapa onde encontrá-los? - perguntou Eragon.

- É claro, senhor. Enquanto mando buscá-lo, quer se afastar do calor e desfrutar de uns refrescos?

Eragon negou com a cabeça.

- Não há tempo a perder. Além disso, Saphira também precisa ver o mapa e duvido que ela caiba em seus salões.

Isso pareceu pilhar o senescal com a guarda baixa. Pestanejou, percorreu Saphira com o olhar e logo disse:

- Muito certo, senhor. Em qualquer caso, conta com nossa hospitalidade. Se houver algo que desejem ou seus companheiros, basta pedi-lo. Pela primeira vez, Eragon se deu conta de que podia dar ordens e contar com que se cumprissem.

- Necessitamos de provisões para uma semana. Para mim, só fruta, vegetais, farinha, queijo, pão, siga nessa linha. Também precisamos recarregar nossas botas de água.

Chamou-lhe a atenção que Dahwar não achasse estranho não ter mencionado a carne. Orik acrescentou carne-seca, toucinho e outros produtos similares. Dahwar estalou os dedos para

enviar dois serventes correndo para o interior do castelo em busca de provisões. Enquanto todos os presentes no pátio esperavam a volta dos homens, perguntou:

- Posso deduzir por sua presença aqui, Assassino de Sombras, que completou seu treinamento com os elfos?

- Meu treinamento não terminará enquanto eu viver.

- Entendo. - Depois de um momento, Dahwar disse: - Por favor, perdoe minha rabugice, senhor, pois ignoro os costumes dos Cavaleiros, mas você não é humano?

Disseram-me que era.

- Sim, ele é - grunhiu Orik. - Experimentou uma... mudança. E deve dar graças por isso, pois do contrário nossa situação seria muito pior do que é. Dahwar teve o tato suficiente para não continuar perguntando, mas Eragon deduziu por seus pensamentos que o senescal teria pago o que fosse para saber de mais detalhes: qualquer informação sobre Eragon e Saphira tinha muito valor no governo de Orrin.

Logo dois pajens com os olhos arregalados trouxeram a comida, a água e um mapa. Seguindo as instruções de Eragon, depositaram tudo junto a Saphira, afetados por um medo terrível, e logo se retiraram atrás de Dahwar. Este se ajoelhou no chão, desenrolou o mapa - que representava Surda e as terras vizinhas - e riscou uma linha a noroeste do Aberum, até Cithrí.

- Segundo as últimas notícias, o rei Orrin e a senhora Nasuada se detiveram aqui para recolher provisões. Não tinham a intenção de ficar aí, entretanto, porque o Império avança para o sul pelo rio Jiet e queriam estar preparados para enfrentar ao exército de Galbatorix quando chegasse ali. Os varden podem estar em qualquer lugar entre Cithrí e o rio Jiet. Não é mais que minha humilde opinião, mas eu diria que o melhor lugar para procurá-los será os Planos Ardentes.

- Os Planos Ardentes?

Dahwar sorriu.

- Possivelmente os conheça por seu nome antigo, que usam os elfos: Du Vóllar Eldrvarya.

- Ah, sim.

Eragon se lembrou então. Tinha lido a respeito deles em uma das histórias que lhe Oromis tinha mandado estudar. Os planos - que continham gigantescos depósitos de turfa - estendiam-se ao leste do rio Jiet, até onde chegava a fronteira da Surda e onde aconteceram escaramuças entre os Cavaleiros e os Apóstatas. Durante a luta, os dragões haviam incendiado a turfa sem perceber como as chamas de suas faces e o fogo tinha escavado até cobrir-se clandestinamente, onde continuou ardendo. A terra se tornou inabitável pela fumaça tóxicas que exalavam as fumarolas ardentes da terra calcinada.

Um calafrio percorreu o flanco esquerdo de Eragon quando recordou sua premonição: fileiras de soldados que se enfrentavam em um campo alaranjado e amarelo, acompanhados pelos violentos gritos dos corvos e o assobio das flechas negras. Estremeceu de novo.

O destino nos caiu em cima -disse a Saphira. Logo, assinalando o mapa: - *Percebeu?*

Sim.

Eragon e Orik empacotaram as provisões imediatamente, voltaram a montar em Saphira e da sua garupa agradeceram a Dahwar por seus serviços. Quando Saphira estava a ponto de levantar vôo, Eragon franziu o cenho, uma leve discrepância tinha tomado corpo nas mentes que fiscalizava.

- Dahwar, dois moços da quadra dos estábulos iniciaram uma discussão e um deles, Tathal, pretende cometer um assassinato. Entretanto, pode evitá-lo se enviar seus homens imediatamente.

Dahwar arregalou os olhos com cara de assombro, e inclusive Orik se virou para olhar para Eragon.

- Como sabe, Assassino de Sombras? - perguntou o senescal.

Eragon se limitou a responder:

- Porque sou um Cavaleiro.

Então Saphira desdobrou as asas, e todos os presentes correram para evitar que um golpe os tombasse quando as bateu para baixo e elevou vôo para o céu. Quando o castelo Borromeo diminuiu atrás deles, Orik disse:

- Pode ouvir meus pensamentos, Eragon?

- Quer que eu tente? Já sabe que não o provei.

- Tente.

Eragon franziu o cenho e concentrou sua atenção na consciência do anão, mas se surpreendeu ao encontrar a mente de Orik bem protegida atrás grosas barreiras. Notava a presença do Orik, mas não seus pensamentos, nem o que sentia.

- Nada.

Orik sorriu.

- Bem. Queria me assegurar de que não tinha esquecido minhas velhas lições. Ficaram tacitamente de acordo em não parar naquela noite para seguir avançando pelo céu escuro. Não

viram sinais da lua e das estrelas, nenhum resplendor, nem um pálido brilho que quebrasse a opressiva escuridão. As horas mortas se inchavam e curvavam, e a Eragon parecia que se aferravam a cada segundo, reticentes a entregar-se ao passado.

Quando ao fim o sol retornou -trazendo consigo suas bem-vinda luz, - Saphira aterrissou na beira de um pequeno lago para que Eragon e Orik pudessem estirar as pernas, aliviar suas necessidades e tomar um café da manhã sem o movimento constante que experimentavam na sua garupa.

Acabavam de levantar vôo de novo quando apareceu no horizonte uma grande nuvem marrom, como um borrão de tinta castanha em uma folha de papel branco. A nuvem foi crescendo a medida que Saphira se aproximava dela, até que, a última hora da manhã, obscureceu por completo a terra sob uma cortina de vapores fétidos. Tinham chegado aos Planos Ardentes da Alagaésia.

Os Planos Ardentes

Eragon começou a tossir quando Saphira desceu entre as capas de fumaça, descendo para o rio Jiet, que ficava escondido entre a bruma. Pestanejou e secou as lágrimas negras. Ardiam-lhe os olhos pela fumaça.

Mais perto do chão, o ar clareava, e Eragon pôde ter uma visão limpa de seu destino. O véu encaracolado de fumaça negra e encarnada filtrava os raios do sol de tal modo que tudo o que ficava abaixo parecia banhado por um laranja intenso. Exceto onde uma falha na sujeira do céu permitia que barras de luz iluminassem a terra, onde permaneciam como colunas de cristal translúcido até que o movimento das nuvens as truncava.

O rio Jiet se estendia ante eles, grosso e crescido como uma serpente abarrotada, e sua superfície sombreada refletia o mesmo halo espectral que invadia os Planos Ardentes. Inclusive quando uma mancha de luz plena iluminava por acaso o rio, a água adquiria u a brancura de giz, opaca e opalescente - quase como se fosse leite de alguma besta aterradora - e parecia brilhar com uma fantasmagórica luminescência própria.

Havia dois exércitos dispostos ao longo da borda leste da água. Ao sul ficavam os varden e os homens de Surda, protegidos atrás de múltiplas capa defensivas, onde desdobravam uma fina coleção de estandartes de tecido, fileiras de tendas arrogantes e as montarias agrupadas da cavalaria do rei Orrin. Por fortes que fossem, sua quantidade empalidecia em comparação com as forças reunidas a norte. O exército de Galbatorix era tão numeroso que sua primeira linha cobria quase cinco quilômetros e era impossível discernir quanto media de profundidade o batalhão, pois os indivíduos se fundiam em uma massa sombria ao longe.

Entre os dois inimigos mortais ficava um espaço vazio de uns três quilômetros. Aquela extensão de terra, assim como a zona em que tinham acampado os exércitos, estava marcada por incontáveis orifícios dentados onde dançavam as chamas de fogo verde. Daquelas tochas mareantes se elevavam penachos de fumaça que obscureciam o sol. Cada palmo de vegetação parecia calcinado pelo chão ressecado, salvo por algumas extensões de líquen negro, laranja e castanho que, do ar, davam à terra um aspecto perebento e infectado.

Eragon nunca tinha contemplado uma vista tão imponente.

Saphira emergiu sobre a terra de ninguém que separava os severos exércitos e logo riscou uma curva e se lançou para os varden tão rápido como se atrevia, pois enquanto permanecessem expostos ao Império, seriam vulneráveis aos ataques dos magos inimigos. Eragon estendeu sua consciência tanto quanto pôde em todas as direções, em busca de mentes hostis que pudessem notar seu contato e reagir: as mentes dos magos e daqueles formados para rechaçar a magia. Em vez disso, o que sentiu foi o pânico repentino que afligiu os sentinelas varden, muitos dos quais, entendeu, nunca tinham visto Saphira. O medo lhes fez perder o sentido comum e lançaram um bando de flechas dentadas que se arqueavam para deter Saphira.

Eragon elevou a mão direita e exclamou:

- Letha orya thorna!

As flechas se congelaram em pleno vôo. Com um giro da mão e a palavra

“Ganga”, mudou sua direção e as enviou para a terra de ninguém, onde pudessem cravar-se no chão sem machucar ninguém. Uma flecha que alguém tinha disparado alguns poucos segundos depois da primeira onda lhe escapou. Eragon se inclinou à direita tanto quanto pôde e, mais veloz que qualquer humano, agarrou a flecha no ar quando Saphira passou voando junto a ela. Só quando já estavam a dezenas de metros do chão, Saphira agitou as asas para frear o descida antes de aterrissar primeiro sobre as patas traseiras e logo apoiar as dianteiras e brincar de correr até deter-se entre as tendas dos Varden.

- Werg - grunhiu Orik, enquanto soltava as correias que lhe mantinham as pernas fixas. - Preferiria enfrentar a uma dúzia de *kull* que experimentar outra vez esta queda.

Soltou-se por um lado da cadeira para logo descer pela perna dianteira da Saphira e daí saltar ao chão.

Eragon estava desmontando ainda quando se reuniram em torno de Saphira dúzias de guerreiros com expressões de assombro. Saiu entre eles com grandes pernadas um homem grande como um urso, a quem Eragon reconheceu: Fredric, o professor armeiro dos varden, do Farthen Dür, embelezado como sempre com sua armadura peluda de couro de boi.

- Venham, caipiras boquiabertos - rugiu Fredric. - Não fiquem aí pasmados, voltem para seus postos se não querem que lhes dobre a guarda. Seguindo suas ordens, os homens começaram a dispersar-se entre abundantes grunhidos e olhares para trás. Logo Fredric se aproximou, e Eragon notou que ficava surpreso pelas mudanças de sua aparência física. O barbudo fez o que pôde por dissimular sua reação, levou uma mão à frente e disse:

- Bem-vindo, Assassino de Sombras. Chega bem a tempo... Envergonha-me sobremaneira que lhe tenhamos atacado. A honra de todos estes homens ficará

manchada por esse engano. ferimos a algum dos três?

- Não.

O alívio cruzou o rosto de Fredric.

- Bom, devemos agradecer por isso. Fiz retirar os responsáveis. Serão açoitados e perderão o posto... Parece-lhe castigo suficiente, Cavaleiro?

- Quero vê-los - disse Eragon.

Fredric exibiu uma repentina preocupação, era evidente que temia que Eragon queria exercer algum castigo terrível e forçado aos sentinelas. Entretanto, em vez de manifestar em voz alta sua preocupação, disse:

- Então, siga-me, senhor.

Guiou-o pelo campo até uma tenda de comando com o tecido raiado, onde uns vinte homens de aspecto desgraçado se desprendiam de suas armas e amparos sob o olhar atento de uma dúzia de guardas. Ao ver Eragon e Saphira, todos os prisioneiros fincaram um joelho no chão e ficaram quietos, olhando para o chão.

- Ave, Assassino de Sombras - gritaram.

Eragon não disse nada e percorreu a fileira de homens enquanto estudava suas mentes, movendo as botas na crosta de terra calcinada com um rangido. Ao fim começou a falar:

- Deviam estar orgulhosos de ter reagido tão rápido ante nossa aparição. Se Galbatorix atacar, isso é exatamente o que devem fazer, embora duvide que as flechas sejam mais efetivas contra ele que contra Saphira e eu. - Os sentinelas o olharam incrédulos, com as caras elevadas da cor do bronze polido pela luz multicolorida. - Só

lhes peço que, no futuro, tomem um instante para identificar o objetivo antes de disparar. A próxima vez poderia estar muito distraído para deter seus projéteis. Entenderam-me?

- Sim, Assassino de Sombras! - gritaram.

Eragon se deteve diante do antepenúltimo homem da fila e sustentou a flecha que tinha apanhado no lombo de Saphira.

- Acredito que isto é seu, Harwin.

Com expressão de assombro, Harwin aceitou a flecha de Eragon.

- Ela é! Tem a cinta branca que sempre coloco em minhas flechas. Obrigado, Assassino de Sombras.

Eragon assentiu e logo se dirigiu a Fredric de modo que todos pudessem lhe ouvir.

- Estes homens são bons e sinceros, e não quero que lhes aconteça nenhuma desgraça por culpa deste fato.

- Me encarregarei disso pessoalmente - disse Fredric, e sorriu.

- Bom, pode nos levar à senhora Nasuada?

- Sim, senhor.

Ao abandonar os sentinelas, Eragon notou que sua bondade lhes tinha ganho a lealdade eterna, e que o rumor dessa boa ação se estenderia entre os varden. O caminho que Fedric seguia entre as tendas colocou Eragon em contato com uma quantidade de mentes superior às que

tinha contatado até então. Centenas de pensamentos, imagens e sensações se apertavam em sua consciência. Apesar de seus esforços por mantê-los a distância, não podia evitar absorver detalhes soltos das vidas das pessoas. Algumas revelações lhe pareciam surpreendentes, outras, insignificantes, outras, comoventes ou, ao contrário, desagradáveis, e muitas, vergonhosas. Alguns percebiam o mundo de um modo tão distinto que suas mentes se equilibravam para ele precisamente por suas diferenças.

"Que fácil é ver estes homens como meros objetos que eu e outros podemos manipular a vontade. E entretanto, todos têm esperanças e sonhos, potencial para possíveis feitos e lembranças do que já conseguiram. E todos sentem dor". Um punhado das mentes que roçou eram conscientes do contato e se defenderam dele, escondendo sua vida interna atrás de defesas de distintas fortalezas. A princípio Eragon se preocupou, pois acreditava que tinha descoberto um grande número de inimigos infiltrados entre os varden, mas logo deduziu que eram membros do Du Vrangr Gata.

Devem estar morrendo de medo, convencidos de que está a ponto de assaltá- los um mago estranho -disse Saphira.

Se me bloquearem assim, não posso convencê-los do contrário. Deveria saudá-los em pessoa, e logo, antes que decidam se unir para te atacar.

Sim, embora não acredito que representem uma ameaça para nós... Du Vrangr Gata... O próprio nome revela sua ignorância. No idioma antigo, para dizê-lo bem, deveria ser Du Gata Vrangr.

A viagem terminou por atrás dos varden, em um pavilhão grande e vermelho rematado por uma bandeirola bordada com um escudo negro e duas espadas paralelas inclinadas debaixo. Fredric abriu o tecido da porta, e Eragon e Orik entraram no pavilhão. Depois deles, Saphira colocou a cabeça pela abertura e olhou por cima de seus ombros.

Uma larga mesa ocupava o centro da loja mobiliada. Nasuada estava em uma ponta, com ambas as mãos apoiadas na mesa, estudando um montão de mapas e pergaminhos. O estômago de Eragon se encolheu ao ver Arya frente a ela. As duas mulheres foram armadas como homens para a batalha.

Nasuada virou seu rosto amendoado para ele.

- Eragon...? - murmurou.

Não esperava que ela se alegrasse tanto ao vê-lo. Com um amplo sorriso, dobrou uma mão sobre o esterno para praticar o sinal de lealdade entre os elfos e fez uma reverência:

- A seu serviço.

- Eragon! - Agora, Nasuada parecia encantada e aliviada. Arya também parecia satisfeita. - Como recebeste nossa mensagem tão rápido?

- Não recebi. Soube do exército de Galbatorix por uma invocação e saí da Ellesméra nesse mesmo dia. - Voltou a sorrir. - É bom estar de novo entre os varden. Enquanto ele falava, Nasuada o estudava com expressão de assombro.

- O que aconteceu com você, Eragon?

Arya não deve ter contado -disse Saphira.

De modo que Eragon lhe relatou com detalhes o que tinha acontecido a ele e Saphira desde que abandonaram Nasuada no Farthen Dür, tanto tempo atrás. Percebeu que ela já sabia grande parte do que lhe estava contando, pelos anões ou por Arya, mas Nasuada lhe deixou falar sem interrompê-lo. Eragon teve que ser prudente sobre seu treinamento. Tinha dado sua palavra de não revelar a existência de Oromis sem permissão e não devia compartilhar a maioria de suas lições com estranhos, mas fez o que pôde para transmitir a Nasuada uma boa noção de suas habilidades e dos riscos que lhes ameaçavam. Do Agaetí Blódhren só disse:

- ...e durante a celebração, os dragões realizaram em mim as mudanças que vê para me conceder as capacidades físicas de um elfo e me curar as costas.

- Então já não tem cicatriz? - perguntou Nasuada.

Eragon assentiu. Terminou seu relato com umas poucas frases mais, mencionou brevemente a razão pela que tinha abandonado Du Weldenvarden e logo resumiu sua viagem desde então. Ela meneou a cabeça.

- Bela história. Saphira e você experimentaram muitas coisas desde que deixaram o Farthen Dür.

- Você também. - Assinalou a tenda. - O que conseguiu é assombroso. Deve ter custado um esforço enorme para levar os Varden até Surda... O Conselho de Anciões criou muitos problemas?

- Alguns, mas nada extraordinário. Parece que se resignaram a aceitar minha liderança.

Entre tinidos de sua malha, Nasuada se sentou em uma cadeira grande, de alto respaldo, e se virou para Orik, que ainda não tinha falado. Deu-lhe a boas-vindas e lhe perguntou se tinha algo que acrescentar ao relato de Eragon. Orik encolheu os ombros e contribuiu umas poucas palavras de sua estadia em Ellesméra, embora Eragon suspeitou que o anão mantinha em segredo suas verdadeiras observações para seu rei. Quando terminou, Nasuada disse:

- Anima-me saber que se conseguirmos deter este ataque, contaremos com a ajuda dos elfos. Algum de vocês viu os guerreiros de Hrothgar no vôo desde Aberon?

Contamos com seus reforços.

Não -respondeu Saphira por meio do Eragon. - *Mas era muito escuro e freqüentemente*

voava entre nuvens. Nessas condições seria fácil que me tivesse escapado um acampamento. Em qualquer caso, duvido que tenhamos nos cruzado, pois voei diretamente desde Aberon e parece provável que os anões tomassem outra rota, talvez por algum caminho estabelecido, em vez de desfilar entre a natureza selvagem.

- Qual é a situação aqui? - perguntou Eragon.

Nasuada suspirou e lhe contou como se inteiraram ela e Orrin do exército de Galbatorix e as medidas desesperadas a que tinham recorrido depois de chegar aos Planos Ardentes antes que os soldados do rei. Ao terminar, disse:

- O Império chegou faz três dias. Depois, trocamos duas mensagens. Primeiro nos pediram que nos rendêssemos, ao que nos negamos, e agora estamos esperando suas resposta.

- Quantos são? - grunhiu Orik. - Do lombo de Saphira parecia uma quantidade entristecedora.

- Sim. Calculamos que Galbatorix reuniu até cem mil soldados. Eragon não pôde se conter:

- Cem mil! De onde saíram? Parece impossível que tenha podido encontrar mais de um punhado dispostos a lhe servir.

- Recrutou-os. Só fica a esperança de que os homens que foram arrancados de suas casas não estejam ansiosos por lutar. Se conseguirmos assustá-los o bastante, talvez rompam filas e fujam. Somos mais que no Farthen Dür, pois o rei Orrin uniu suas forças às nossas e recebemos uma autêntica enchente de voluntários desde que começaram a correr rumores sobre você, embora ainda sejamos muito mais fracos que o Império.

Então Saphira fez uma pergunta terrível, e Eragon se viu obrigado a repeti-la em voz alta:

Que chances acham que temos de vencer?

- Isso - disse Nasuada, pondo ênfase na palavra - depende em grande medida de você e de Eragon, e do número de magos que haja entre suas tropas. Se puderem encontrar e destruir esses magos, então nossos inimigos ficarão desprotegidos e poderão matá-los à vontade. Acredito que a esta altura é pouco provável uma vitória clara, mas possivelmente consigamos mantê-los imobilizados até que fiquem sem provisões, ou até que Islanzadí venhz em nossa ajuda. Isso... caso não chegue voando o próprio Galbatorix à batalha. Nesse caso, temo que não restaria mais opção que a retirada.

Justo nesse momento, Eragon sentiu que se aproximava uma mente estranha, uma que sabia de sua vigilância e entretanto não retrocedia ante o contato. Uma mente que ele sentia fria e forte. Atento ao perigo, Eragon voltou o olhar para a parte traseira do pavilhão, onde viu a mesma menina de cabelo negro que tinha aparecido ao invocar Nasuada na Ellesméra. A menina o olhou fixamente com seus olhos violeta e disse:

- Bem-vindo, Assassino de Sombras. Bem-vinda, Saphira.

Eragon estremeceu ao ouvir sua voz, própria de um adulto. umedeceu a boca, que lhe tinha secado, e perguntou:

- Quem é você?

Sem responder, a menina retirou sua brilhante franja e mostrou uma marca branca chapeada na frente, exatamente igual ao gedwéy ignasia de Eragon. Então soube a quem estava olhando.

Ninguém se moveu enquanto Eragon se aproximava da menina,

acompanhado por Saphira, que esticou o pescoço para o fundo do pavilhão. Eragon fincou um joelho no chão e tomou a mão direita da menina entre as suas, sua pele ardia como se tivesse febre. Ela não resistiu, mas se limitou a deixar a mão inerte. No idioma antigo - e também com a mente para que o entendesse - Eragon lhe disse:

- Sinto muito. Poderá me perdoar o que te fiz?

O olhar da menina se suavizou enquanto se inclinava para frente e beijava a face de Eragon.

- Eu o perdôo - suspirou, e pela primeira vez sua voz pareceu adequada a seus anos. - Como não o faria? Saphira e você criaram o que sou, e sei que não pretendiam me fazer mal. Perdôo, mas deixarei que este conhecimento torture sua consciência. Condenou-me a ser consciente de todo o sofrimento que me rodeia. Agora mesmo, seu feitiço me impulsiona a ajudar a um homem que está a menos de três tendas de distância e acaba de cortar-se em uma mão, a ajudar ao jovem portador da bandeira que quebrou o indicador da mão direita entre os rádios de uma roda de carro e a ajudar a vários homens que foram feridos, ou estão a ponto de ser. Custa-me um horror resistir a esses impulsos, e ainda mais se eu mesma provocar conscientemente alguma dor a alguém, tal como estou fazendo ao dizer isto... Nem sequer posso dormir à noite, de tão forte é minha compulsão. Esse é seu legado, oh, Cavaleiro. Ao final sua voz tinha recuperado aquele tom amargo e zombeteiro. Saphira se interpôs entre eles e, com o focinho, tocou o centro da marca da menina.

Paz, menina trocada. Há muita raiva em seu coração.

- Não precisa viver assim para sempre - disse Eragon. - Os elfos me ensinaram a desfazer os feitiços, e acredito que posso te liberar desta maldição. Não será fácil, mas pode ser feito.

Por um instante pareceu que a menina perdia seu formidável controle. Deixou escapar um grito afogado entre os lábios, sua mão tremeu sobre a de Eragon e seus olhos brilharam, umedecidos por um filme de lágrimas. Logo, com a mesma rapidez, escondeu suas verdadeiras emoções atrás de uma máscara de cínica diversão.

- Veremos, veremos. Em qualquer caso, não deveria tentar até depois da batalha.

- Poderia te economizar muita dor.

- Não serviria de nada se esgotar quando nossa sobrevivência depende de seu talento. Não me engano, é mais importante que eu. - Um sorriso matreiro percorreu seu rosto. - Além disso, se retirar agora seu feitiço, não poderei ajudar a nenhum varden se forem atacados. Não quer que Nasuada morra por isso, não é?

- Não - admitiu Eragon. Guardou silêncio por um longo momento, refletindo sobre o assunto, e logo disse: - Muito bem, esperarei. Mas lhe juro isso: se ganharmos esta batalha, compensarei esse engano.

A menina inclinou a cabeça a um lado.

- Aceito sua palavra, Cavaleiro.

Nasuada se levantou e disse:

- Foi Elva que evitou que um assassino em Aberon me matasse.

- Ah, sim? Nesse caso, estou em dívida contigo, Elva, por proteger a minha senhora.

- Bom, venham - disse Nasuada. - Preciso apresentá-los a Orrin e seus nobres. Já conhece rei, Orik?

O anão negou com a cabeça.

- Nunca tinha chegado tão ao oeste.

Quando abandonaram o pavilhão - Nasuada frente, com a Elva a seu lado, - Eragon tratou de colocar-se de tal modo que pudesse falar com Arya, mas quando se aproximou dela, a elfa acelerou o passo até chegar ao lado de Nasuada. Arya nem sequer olhou para ele enquanto caminhava, desprezo que lhe provocou mais angustia que qualquer das feridas físicas que tinha sofrido. Elva se voltou para olhá-lo, e Eragon entendeu que tinha percebido sua dor.

Logo chegaram a outro pavilhão grande, neste caso branco e amarelo, embora fosse difícil determinar o tom exato das cores pelo laranja estridente que tingia tudo nos Planos Ardentes. Quando lhes permitiram entrar, Eragon se surpreendeu ao encontrar a tenda infestada de uma excêntrica coleção de provetas, destiladores, crisóis e outros instrumentos da filosofia natural. “Que tipo de pessoa se ocuparia de conduzir tudo isto até um campo de batalha?”, perguntou-se atônito.

- Eragon - disse Nasuada. - Quero que conheça Orrin, filho de Larkin e monarca do reino de Surda.

De entre as profundezas do montão de cristais empilhados emergiu um homem alto e bonito com o cabelo comprido até os ombros e preso por uma diadema de ouro que descansava na fronte. Sua mente, como a de Nasuada, estava protegida atrás muros de ferro, era óbvio que tinha recebido extensa formação nessa capacidade. Pela conversação, pareceu agradável,

embora algo verde e inexperiente ao que concernia ao comando de homens em guerra, e um pouco maluco. Eragon confiaria mais na liderança de Nasuada.

Depois de evitar montões de perguntas de Orrin sobre sua estadia entre os elfos, Eragon se encontrou sorrindo e assentindo com educação enquanto os nobre desfilavam de um em um. Todos insistiram em lhe dar a mão, lhe dizer que era uma honra saudar um Cavaleiro e convidá-lo a seus respectivos estados. Eragon memorizou com diligência seus muitos nomes e títulos - tal como sabia que Oromis teria esperado dele - e fez o que pôde para manter a calma, apesar da sua crescente frustração. *Estamos a ponto de enfrentar um dos maiores exércitos da história e aqui nos tem, presos com trocas de gentilezas.*

Paciência - aconselhou Saphira. - *Faltam poucos... Além disso, veja deste modo: se ganhar, nos deverão um ano inteiro de jantares grátis, com tudo o que estão prometendo.*

Eragon reprimiu uma gargalhada.

Acredito que se soubessem o que custa te alimentar, ficariam abatidos. Para não dizer que poderia esvaziar suas adegas de cerveja e vinho em uma só noite. Nunca o faria -soprou ela antes de concordar: - *Talvez em duas noites.* Quando ao fim conseguiram sair do pavilhão de Orrin, Eragon perguntou a Nasuada:

- O que faço agora? Como posso servi-la?

Nasuada o olhou com expressão curiosa.

- Como você acha que poderia me servir, Eragon? Conhece suas habilidades muito melhor que eu.

Até Arya o olhou nesse momento, atenta a sua resposta.

Eragon elevou a vista para o céu ensangüentado enquanto refletia sobre a resposta.

- Tomarei o controle do Du Vrangr Gata, tal como me pediram em uma ocasião, e os organizarei sob meu comando na batalha. Se trabalharmos juntos, teremos mais chances de frustrar os magos de Galbatorix.

- Parece-me uma idéia excelente.

Há algum lugar onde Eragon possa deixar suas bolsas? -perguntou Saphira. - *Não quero carregá-las nem ficar com a sela mais do que o necessário.* Quando Eragon repetiu a pergunta, Nasuada respondeu.

- É obvio. Pode deixá-las em meu pavilhão, e me encarregarei de que ergam uma tenda para você, Eragon, para que as conserve ali. Entretanto, sugiro que ponha a armadura antes de se separar das bolsas. Pode necessitar dela a qualquer momento... Agora me lembro: Saphira, temos sua armadura. Quer que mande desempacotá-la e que a tragam?

- E o que acontece comigo, Senhora? - perguntou Orik.

- Temos entre nós vários knurlan do Dürgrimst Ingeitum que contribuíram com sua perícia na construção de nossas defesas em terra. Se quiser, pode assumir seu comando.

Orik parecia animado pela perspectiva de ver outros anões, sobretudo os do seu próprio clã. golpeou o peito com um punho e disse:

- Acredito que o farei. Se me perdoar, me vou ocupar disso agora mesmo. Sem olhar para atrás, começou a andar pelo acampamento em direção ao norte. Quando os quatro ficaram em frente o pavilhão, Nasuada disse a Eragon:

- Me informe assim que tiver resolvido seus assuntos com o Du Vrangr Gata. Logo abriu a entrada do pavilhão e desapareceu na escuridão da tenda. Quando Arya se dispunha a segui-la, Eragon se aproximou dela e, no idioma antigo, disse-lhe:

- Espere. - A elfa se deteve e o olhou, sem revelar nada. Ele sustentou seu olhar com firmeza, chegando até o fundo de seus olhos, nos que se refletia a estranha luz que os rodeava. - Arya, não vou pedir perdão pelo que sinto. Entretanto, quero que saiba que lamento como me comportei durante a Celebração do Juramento de Sangue. Essa noite não era eu mesmo, de outro modo, nunca teria sido tão descarado contigo.

- E não o voltará a acontecer?

Eragon conteve uma risada mal-humorada.

- Se o fizesse não me serviria de nada, não é? - Ao ver que ela permanecia em silêncio, acrescentou: - Não importa. Não quero incomodá-la, nem sequer se... Deixou a frase pela metade, antes de fazer um comentário que sabia que terminaria por lamentar.

O rosto da Arya se suavizou.

- Não pretendo te machucar, Eragon. Tem que entender isso.

- Eu entendo - disse, embora não muito convencido.

Uma tensa pausa se estabeleceu entre ambos.

- Confio em que tenha ficado amalucado.

- Bastante.

- Não encontrou dificuldades no deserto?

- Teríamos que as haver encontrado?

- Não, era só por curiosidade. - Logo, com uma voz ainda mais amável, Arya perguntou. - E o

que foi feito de você, Eragon? Como foi depois da Celebração? ouvi o que o contou a Nasuada, mas não mencionou mais que suas costas.

- Eu... - Eragon quis mentir, pois não queria que ela soubesse quanto tinha sentido sua falta, mas o idioma antigo deteve as palavras em sua boca e o emudeceu. Ao fim, recorreu à técnica dos elfos: dizer só uma parte da verdade para criar uma impressão de verdade completa. - Estou melhor que antes - disse, referindo se mentalmente ao estado de suas costas.

Apesar do subterfúgio, Arya não parecia convencida. Entretanto, não insistiu.

- Fico feliz.

De dentro do pavilhão soou a voz de Nasuada, e Arya olhou para lá antes de encarná-lo de novo.

- Precisam de mim em outro lugar, Eragon... Precisam de nós dois. Está a ponto de acontecer uma batalha. - Elevou o tecido que tampava a entrada e entrou pela metade na loja em penumbra, mas logo hesitou e acrescentou: - Cuide-se, Eragon Assassino de Sombras.

E desapareceu.

O desânimo abateu Eragon. Tinha obtido o que queria, mas parecia que nada tinha mudado entre ele e Arya. Fechou os punhos com força, esticou os ombros e fulminou com o olhar o chão sem vê-lo, tremendo de frustração. Quando Saphira lhe tocou o ombro com o nariz, levou um susto. *Vamos, pequenino* -disse-lhe com voz amável. - *Não pode ficar aí para sempre, e sela começa a me incomodar.*

Eragon se aproximou de seu lado, tirou a correia do pescoço e resmungou ao ver que havia soltado a fivela. Quase desejava que a correia se rompesse. Soltou as outras cintas e deixou que a cadeira e tudo o que ia empacotado nela caísse ao chão em um montão desorganizado.

Que bom é tirar isso - disse Saphira, ao tempo que relaxava seus ombros gigantescos.

Eragon tirou sua armadura dos alforjes e se embelezou com os brilhantes vestidos de guerra. Primeiro colocou a malha em cima da túnica élfica, logo amarrou as perneiras cinzeladas e os protetores com incrustações nos antebraços. Colocou na cabeça a boina de pele acolchoada, depois a touca de ferro temperado e logo o elmo de ouro e prata. Por último, tirou as luvas e as substituiu pelas manoplas de malha. Pendurou a Czar'rói no quadril esquerdo, presa no cinto de Beloth o Sábio. Colocou à costas a aljava de flechas com plumas de cisne branco que Islanzadí lhe tinha dado. Gostou de descobrir que na aljava cabia também o arco que a rainha dos elfos havia criado para ele com uma canção, inclusive quando estava encordado. Depois de depositar suas propriedades e as de Orik no pavilhão, Eragon saiu com Saphira em busca de Trianna, líder até então do Du Vrangr Gata. Não tinham dado mais que uns poucos passos quando Eragon notou que uma mente próxima se escondia dele. Dando por feito que se tratava de algum mago dos Varden, encaminharam-se para ele.

A doze metros de onde tinham arrancado, havia uma pequena tenda verde com um asno na parte dianteira. À esquerda da loja havia um caldeirão de ferro enegrecido sobre uma tripé metálico instalado em cima de uma das pestilentas labaredas que brilhavam na profundidade da terra. Havia umas cordas estendidas sobre o caldeirão, e delas pendia a erva mora, a cicuta, o rododendro, a sabina, casca de disco e abundantes cogumelos, como o chapéu de morte e o pé manchado, que Eragon reconheceu graças as lições de Oromis sobre venenos. De pé junto ao caldeirão, sustentando a larga pá de madeira com que removia o guisado, estava Angela, a herbanária. A seus pés estava sentado Solembum.

O homem gato emitiu um miado lastimoso, e Angela afastou o olhar de sua tarefa, com seu cabelo de saca-rolha como uma nuvem inflada em torno do rosto brilhante. Franziu o cenho, e seu rosto se tornou completamente macabro, pois estava iluminado por baixo pela tremente chama verde.

- Você retornou, não é?

- Sim - respondeu Eragon.

- Não tem nada mais a dizer? Já viu Elva? Viu o que fez a pobre menina?

- Sim.

- Sim! - exclamou Angela. - Olhe parece ser mudo! Com todo o tempo que passou em Ellesméra sob a tutela dos elfos, e só sabe dizer que sim. Pois deixe que lhe diga algo, bruto: qualquer pessoa tão estúpida para fazer o que fez merece... Eragon entrelaçou as mãos atrás das costas e esperou enquanto Angela o informava com exatidão, em termos muito explícitos, detalhados e altamente imaginativos, do burro que chegava a ser, da classe de antepassados que devia ter para ser tão burro - inclusive chegou ao extremo de insinuar que uma de suas avós havia casado com um urgal, - e dos muito espantosos castigos que deveria receber por sua estupidez. Se qualquer outra pessoa o tivesse insultado daquela maneira, Eragon a teria desafiado para um duelo, mas tolerou a bronca de Angela porque sabia que não podia julgar seu comportamento com os mesmos critérios que aplicava a outros, e porque entendia que sua indignação era justificada: tinha cometido um terrível engano. Quando ao fim se calou para tomar ar, Eragon disse:

- Você tem muita razão, e tentarei retirar o feitiço quando a batalha terminar. Angela pestanejou três vezes seguidas e deixou a boca aberta um instante em um pequeno “Ou” antes de fechá-la de repente. Com um olhar de suspeita, perguntou:

- Não diz isso só para me aplacar, não é verdade?

- Nunca faria isso.

- E realmente pretende desfazer o feitiço? Acreditava que essas coisas eram irrevogáveis.

- Os elfos conhecem muitos usos da magia.

- Ah... Bom, então está bem, não? - Dedicou-lhe um amplo sorriso e logo passou a grandes pernadas diante dele para dar uma palmada nas bochechas de Saphira. - Que bom voltar a vê-la, Saphira. Você cresceu.

Sim é bom vê-la também, Angela.

Quando Angela voltou para remover sua poção, Eragon lhe disse:

- Que bronca impressionante me soltou.

- Obrigado. Levei semanas preparando-a. Pena que não chegou a ouvir o final. É memorável. Se quiser, posso terminá-la para que você.

- Não, já está bem. Posso imaginar isso. - Eragon a olhou com a extremidade do olho e acrescentou: - Não parece surpresa com minhas mudanças. A herbanária encolheu os ombros.

- Tenho minhas fontes. Em minha opinião, você melhorou. Antes estava um pouco... oh, como dizer... Por terminar.

- Isso sim. - Eragon assinalou as plantas penduradas. - O que pensa fazer com isso?

- Ah, é só um pequeno projeto que tenho... Um experimento, se quiser chamálo assim.

- Mmm. - Eragon examinou as diversas cores dos cogumelos secos que pendiam ante ele e perguntou: - Chegou a averiguar se existem os sapos?

- De fato, sim. Parece que todos os sapos são rãs, mas não todas as rãs são sapos. De modo que, nesse sentido, os sapos não existem, o que significa que sempre tive razão. - Cortou o bate-papo abruptamente, inclinou-se para um lado, agarrou uma taça de um banco que tinha ao lado e o ofereceu a Eragon. - Tome, um pouco de infusão.

Eragon olhou as plantas mortais que os rodeavam e o rosto franco da Angela antes de aceitar a taça. Em um murmúrio, para que a herbanária não pudesse ouvir, pronunciou três feitiços para detectar venenos. Só depois de confirmar que a infusão não estava poluída, atreveu-se a beber. Estava deliciosa, embora não conseguiu identificar seus ingredientes.

Nesse momento, Solembum se aproximou de Saphira e ficou a arrepiar o lombo e a esfregar-se contra sua pata, como teria feito qualquer gato normal. Saphira dobrou o pescoço, agachou-se e acariciou o lombo do homem gato com o focinho. *Na Ellesméra me encontrei com alguém que te conhecia* -disse-lhe. Solembum deixou de esfregar-se e elevou a cabeça.

Ah, sei!

Sim. chama-se Garra Rápida, Dançarina de Sonhos e também Maud. Os olhos dourados de Solembum se abriram de par em par. Um ronrono profundo e grave ressonou em seu peito e logo se esfregou contra Saphira com renovado vigor.

- E -disse Angela. - Suponho que já falou com Nasuada, Arya e o rei Orrin. - Ele assentiu. - E o que te pareceu o querido e velho Orrin?

Eragon escolheu suas palavras com cuidado, pois era consciente de que estavam falando de um rei.

- Bom... Parece que lhe interessam muitas coisas distintas.

- Sim, é tão agradável como um louco lunático na vigília do solstício do verão. Mas de uma ou outra maneira, todos o somos.

Surpreso por sua franqueza, Eragon disse:

- Terá que estar louco para trazer todo esse cristal desde Aberon. Angela arqueou uma sobrancelha.

- Como?

- Não entrou em sua tenda?

- Ao contrário que alguns - disse com desdém, - não pretendo me congraçar com cada rei que conheço.

De modo que Eragon lhe descreveu o montão de instrumentos que Orrin levou aos Planos Ardentes. Angela deixou de mexer a poção enquanto ele falava e o escutou com grande interesse. Assim que terminou, ela se ocupou em torno de seu caldeirão, recolheu as plantas que penduravam das cordas - algumas delas com pinças -e disse:

- Acredito que tenho que fazer uma visita a Orrin. Terão que me contar sua viagem a Ellesméra em outro momento. Bom, podem ir.

Eragon meneou a cabeça sem soltar a taça de infusão enquanto a mulher baixa os empurrava para afastá-los da tenda.

Falar com ela sempre é...

Distinto? -sugeriu Saphira.

Isso.

Nuvens de guerra

Custou-lhes quase uma hora encontrar a tenda de Trianna, que aparentemente servia de quartel extra-oficial para o Du Vrangr Gata. Foi difícil encontrála porque pouca gente sabia de sua existência, e ainda eram menos os que conheciam sua localização exata, pois a tenda ficava escondida depois da saliência de uma rocha que a ocultava dos magos do exército de

Galbatorix.

Quando Eragon e Saphira se aproximaram da loja negra, a entrada se abriu bruscamente e Trianna saiu de repente, com os braços nus até o cotovelo, pronta para usar magia. Depois dela se apinhava um grupo de feiticeiros decididos, embora assustados, a muitos dos quais tinha visto Eragon durante a batalha do Farthen Dür, lutando ou curando os feridos.

Eragon olhou para Trianna, e outros reagiram com a surpresa, já esperada, que lhes produziam as alterações de seu aspecto físico. Trianna baixou os braços e disse:

- Assassino de Sombras, Saphira. Deviam nos haver avisado antes de sua chegada. Estávamos nos preparando para nos enfrentar ao que parecia ser um inimigo poderoso.

- Não era nossa intenção incomodá-los - disse Eragon, - mas tínhamos que nos apresentar a Nasuada e ao rei Orrin o mais rápido possível.

- E por que nos honra agora com sua presença? Nunca tinha se dignado a nos visitar, a nós que somos mais seus irmãos que qualquer um entre os varden.

- Vim a assumir o comando do Du Vrangr Gata.

Os feiticeiros ali reunidos murmuraram de surpresa ante o anúncio, e Trianna ficou tensa. Eragon notou que vários magos mediam sua consciência com a intenção de adivinhar suas verdadeiras intenções. Em vez de se proteger - o que lhe teria impedido de divisar qualquer ataque iminente, - Eragon contra-atacou golpeando as mentes dos aspirantes a invasores com tal força que se retiraram atrás de suas barreiras. Ao fazê-lo, Eragon teve a satisfação de ver que dois homens e uma mulher davam um salto e desviavam o olhar.

- Por ordem de quem? - quis saber Trianna.

- De Nasuada.

- Ah - disse a bruxa com um sorriso triunfal, - mas Nasuada não tem nenhuma autoridade direta sobre nós. Ajudamos os varden por nossa própria vontade. Sua resistência desconcertou Eragon.

- Estou seguro de que Nasuada se surpreenderia ao ouvir isso, depois de tudo o que ela e seu pai têm feito pelo Du Vrangr Gata. Poderia ter a impressão de que já

não querem o apoio e o amparo dos varden. - Deixou que a ameaça ficasse suspensa no ar. - Além disso, acredito recordar que me concederam esse cargo em algum momento. Por que não agora?

Trianna arqueou uma sobrancelha.

- Recusou minha oferta, Assassino de Sombras... Ou já se esqueceu?

Apesar da sua contenção, um tom defensivo tingiu a resposta, e Eragon suspeitou que percebia que sua postura era insustentável. Parecia-lhe mais amadurecida que em seu último encontro, e teve que recordar as penúrias que devia ter passado após a marcha de Alagaésia até Surda, a supervisão dos magos do Du Vrangr Gata e os preparativos para a guerra.

- Então não podíamos aceitar. Não era o momento.

Ela trocou de tom abruptamente e perguntou:

- Em qualquer caso, por que Nasuada acredita que você deve nos comandar?

Sem dúvida, Saphira e você seriam mais úteis em outro lugar.

- Nasuada quer que comande o Du Vrangr Gata na batalha, e assim o farei. A Eragon pareceu melhor não mencionar que a idéia tinha sido dele. Trianna franziu o cenho e adotou uma aparência feroz. Apontou o grupo de feiticeiros que havia atrás dela.

- Dedicamos nossas vidas ao estudo de nossa arte. Você leva menos de dois anos praticando os feitiços. O que te faz mais merecedor que qualquer de nós?... Mas qual é sua estratégia? Como planeja nos utilizar?

- Meu plano é simples – respondeu. - Todos vocês unirão suas mentes e procurarão os feiticeiros inimigos. Quando encontrarem algum, somarei minhas forças, e então todos juntos eliminaremos sua resistência. Logo depois podemos destroçar às tropas que até então estivessem protegidas por suas defesas.

- E o que fará você o resto do tempo?

- Lutar ao lado de Saphira.

Depois de um tenso silêncio, um dos homens que estavam atrás de Trianna disse:

- É um bom plano.

Quando Trianna lhe dirigiu um olhar de raiva, pôs-se a tremer. Ela voltou a encarar Eragon.

- Desde que morreram os gêmeos, dirigi Du Vrangr Gata. Sob meu comando, eles contribuíram os meios para financiar os custos da guerra aos varden, têm descoberto à Mão Negra, a rede de espiões de Galbatorix que tentou assassinar Nasuada, e tem prestado inumeráveis serviços. Não me vanglorio ao dizer que não são feitos menores. E estou segura de que posso continuar oferecendo-os... Então, por que Nasuada quer me depor? No que a desgostei?

Então Eragon viu tudo claro.

Acostumou-se ao poder e não quer cedê-lo. Mas, além disso, interpreta sua substituição como uma crítica a sua liderança.

Tem que resolver esta discussão e tem que fazê-lo rápido -disse Saphira. - *Cada vez resta menos tempo.*

Eragon se esforçou para encontrar um modo de estabelecer sua autoridade sobre o Du Vrangr Gata sem alienar ainda mais Trianna. Por fim disse:

- Não vim criar problemas. Vim pedir ajuda. - Dirigia-se a toda a congregação, mas olhava só à bruxa. - Sou forte, sim. Saphira e eu poderíamos derrotar provavelmente a qualquer quantidade de magos aficionados de Galbatorix. Mas não podemos proteger todos os varden. Não podemos estar em todas partes. E se os magos guerreiros do Império unem suas forças contra nós, nos veremos em dificuldades para sobreviver... Não podemos liberar sozinhos esta batalha. Tem muita razão, Trianna: tem-no feito muito bem com o Du Vrangr Gata, e eu não vim usurpar sua autoridade. O que acontece é que, como mago, preciso trabalhar com o Du Vrangr Gata e, como Cavaleiro, talvez precise lhes dar ordens, e tenho que saber que serão obedecidas sem hesitações. Tenho que estabelecer uma hierarquia de comando. Depois disso, manterão a maior parte de sua autonomia. Quase todo o tempo estarei muito ocupado para concentrar minha atenção no Du Vrangr Gata. Tampouco pretendo ignorar seus conselhos, pois sou consciente de que têm muita mais experiência que eu... De modo que volto a perguntar: vão me ajudar pelo bem dos Varden?

Trianna fez uma pausa e logo uma reverência.

- É obvio, Assassino de Sombras... Pelo bem dos varden. Será uma honra que dirija Du Vrangr Gata.

- Pois comecemos.

Durante as horas seguintes, Eragon falou com cada um dos magos ali reunidos, embora houvesse muitos ausentes, ocupados com alguma tarefa para ajudar os varden. Fez quanto pôde por ficar a par de seu conhecimento da magia. Descobriu que a maioria dos membros do Du Vrangr Gata se iniciaram em sua arte por algum parente, e absolutamente em segredo para não atrair a atenção de quem temia a magia e, por conseqüência, do próprio Galbatorix. Só um punhado deles tinham realizado uma aprendizagem adequada. Em conseqüência, a maioria dos feiticeiros sabia pouco do idioma antigo – nenhum deles podia falá-lo com desenvoltura, - suas crenças sobre a magia se viam freqüentemente distorcidas por superstições religiosas e ignoravam numerosas aplicações da gramatrícia.

Não é de se estranhar que os gêmeos estivessem tão desesperados por te surrupiar o vocabulário do idioma antigo quando lhe puseram a prova no Farthen Dür - observou Saphira. - *Com isso teriam conquistado facilmente estes magos menores. Mas são tudo que temos.*

Certo. Espero que agora perceba que eu tinha razão a respeito da Trianna. Ela põe seus desejos acima do bem comum.

Tinha razão – concedeu. - *Mas não a condeno por isso. Trianna se ocupa do mundo tão bem*

como é capaz, como fazemos todos nós. Eu compreendo, embora não aprove, e a compreensão, como disse Oromis, provoca empatia. Algo mais que uma terceira parte dos feiticeiros era especializada em curas. Eragon os afastou dali depois de lhes dar cinco feitiços novos para que os recordassem, encantos que lhes permitiriam tratar uma grande variedade de feridas. Logo trabalhou com outros feiticeiros para estabelecer uma hierarquia de comando clara: nomeou Trianna seu lugar-tenente e a encarregou de se assegurar que as suas ordens fossem transmitidas e de fundir a diversidade de suas personalidades em uma unidade de batalha coesa. Tentar convencer os magos a cooperarem, descobriu, era como pedir que uma matilha de cães compartilhasse um osso. Tampouco ajudava o fato de que estivessem assombrados por ele, pois não encontrava o modo de usar sua influência para suavizar as relações dos magos que competiam entre si. Para fazer uma idéia mais clara de seu grau de eficácia, Eragon lhes mandou lançar uma série de feitiços. Enquanto os via lutar com uns feitiços que agora lhe eram fáceis, Eragon percebeu até onde tinham avançado seus próprios poderes. Maravilhouse e disse a Saphira: *E pensar que em outros tempos me custava sustentar um calhau no ar. E pensar* -replicou ela - *que Galbatorix dispôs que mais de um século para afinar seu talento.*

O sol descia pelo oeste, intensificando assim a alaranjada fermentação da luz até que o acampamento dos varden, o lívido rio Jiet e a totalidade dos Planos Ardentes brilharam sob a louca e marmórea refulgência, como se fosse uma paisagem do sonho de um lunático. O sol se elevava já pouco menos de um dedo sobre o horizonte quando chegou um mensageiro à tenda. Anunciou a Eragon que Nasuada ordenava que se apresentasse ante ela imediatamente.

- E acredito que será melhor que te apresse, Assassino de Sombras, se não se importar que o diga.

Depois de obter a promessa do Du Vrangr Gata de que estariam preparados e bem dispostos quando lhes pedisse sua ajuda, Eragon correu com Saphira entre as fileiras de lojas cinza para o pavilhão da Nasuada. Um brusco tumulto nas alturas obrigou Eragon a afastar os olhos do chão traiçoeiro e desviá-los para cima. O que viu foi um bando gigantesco de pássaros que revoavam entre os dois exércitos. Distinguiu águias, gaviões e falcões, junto com uma incontável quantidade de gralhas glutonas, assim como seus primos maiores, os corvos negros, com seus bicos afiados adagas, suas costas azuladas. Cada pássaro grasnava pedindo sangue para molhar a garganta e carne para encher o estômago e saciar a fome. Por experiência e por instinto, sabiam que quando apareciam os exércitos na Alagaésia, podiam contar com hectares inteiros cheios de carniça para dar um banquete. *Chegaram as nuvens de guerra* -observou Eragon.

Nar Garzhvog

Eragon entrou no pavilhão e Saphira colocou o pescoço atrás dele. encontrou com um ruído de metais quando Jórmundur e meia dúzia dos comandantes da Nasuada desembainharam as espadas ante sua intrusão. Os homens baixaram as espadas quando Nasuada disse:

- Venha, Eragon.

- O que ordena?

- Nossos exploradores informam que uma companhia de uns cem kull se aproximam pelo nordeste.

Eragon franziu o cenho. Não tinha contado encontrar com urgals nessa batalha, porque Durza já não os controlava e muitos tinham morrido no Farthen Dúr. Mas se estavam ali, estavam ali. Sentiu que o corpo lhe pedia sangue e se permitiu um sorriso selvagem enquanto pensava em destruir os urgals com suas novas forças. Jogou mão ao punho de Czar'roc e disse:

- Será um prazer eliminá-los. Saphira e eu podemos nos encarregar disso, se quiser.

Nasuada estudou atentamente seu rosto e disse:

- Não podemos fazer isso, Eragon. trazem uma bandeira branca e pediram para falar comigo.

Eragon ficou boquiaberto.

- Sem dúvida, não pretenderá lhes conceder audiência...

- Oferecerei as mesmas cortesias que teria com qualquer inimigo que chegasse sob a bandeira da trégua.

- Mas se forem brutos. Monstros! É uma loucura lhes deixar entrar no acampamento... Nasuada, vi as atrocidades que os urgals cometem. Adoram a dor e o sofrimento e não merecem mais piedade que cães raivosos. Não é necessário gastar seu tempo no que sem dúvida será uma armadilha. Me dê só sua palavra, e eu e todos seus guerreiros estaremos mais que dispostos a matar a essas pestilentas criaturas por você.

- Nisso - disse Jórmundur - estou de acordo com Eragon. Já que não nos escuta, Nasuada, escute a ele pelo menos.

Primeiro Nasuada se dirigiu a Eragon em um murmúrio tão baixo que não pôde ouvi-lo ninguém mais:

- Certamente, se estiver tão cego, seu treinamento ainda não terminou. -Logo elevou a voz, e Eragon apreciou nela os mesmos tons diamantinos de comando que havia possuído seu pai: - Esquecem todos que lutei como vocês no Farthen Dür e que vi as selvagerias que os urgals cometeram... Entretanto, também vi nossos homens cometerem atos igualmente abjetos. Não denegrirei o que suportamos nas mãos dos urgals, mas tampouco ignorarei aliados potenciais quando o Império nos supera numericamente de um modo tão brutal.

- Minha senhora, é muito perigoso que enfrente um kull.

- Muito perigoso? - Nasuada arqueou uma sobrancelha. - Com o amparo de Eragon, Saphira, Elva e todos os guerreiros em torno de mim? Não acredito. Eragon rangeu os dentes de

frustração.

Diga algo, Saphira. Você pode convencê-la para que abandone esse plano irresponsável.

Não vou fazer isso. Você tem a mente nublada neste aspecto. Não pode ser que esteja de acordo com ela! -exclamou Eragon, horrorizado. - *Esteve em Euzuac comigo, sabe o que os urgals fizeram aos aldeões. E quando saíamos do Teirm, minha captura no Gil'ead ou o do Farthen Dúr? Cada vez que nos encontramos com urgals, tentaram nos matar, ou algo pior. Não são mais que animais perversos.*

Os elfos acreditavam o mesmo dos dragões durante o Du Fyrn Skulblaka. A uma ordem de Nasuada, seus guardas retiraram os painéis frontal e laterais do pavilhão e o deixaram aberto para que todos pudessem vê-la e Saphira pudesse agachar-se junto a Eragon. Logo Nasuada se sentou em sua poltrona de respaldar alto, e Jórmundur e outros comandantes se dispuseram em duas filas paralelas de tal modo que qualquer que procurasse audiência com a rainha tivesse que passar entre eles. Eragon se sentou a sua direita, Elva, a sua esquerda.

Menos de cinco minutos depois, soou um grande rugido de raiva na zona leste do acampamento. A tormenta de exclamações e insultos aumentou e aumentou até que apareceu à vista um só kull que caminhava para a Nasuada, enquanto um grupo de varden o salpicava de insultos. O urgal - ou carneiro, como também os chamavam, recordou Eragon - mantinha a cabeça erguida e mostrava as presas, mas não ofereceu maior reação aos abusos que lhe dedicavam. Era um espécime magnífico, de quase três metros de altura, com traços fortes e altivos, embora grotescos, grossos chifres que se estendiam em espiral e uma fantástica musculatura que parecia capacitá-lo a matar um urso de um só golpe. Seu única roupa era um tanga nodosa, umas poucas pranchas de ferro puro sustentadas por retalhos de malha e um disco metálico curvado que descansava entre os dois chifres para proteger a parte alta da cabeça. Levava o comprido cabelo negro recolhido em uma cauda.

Eragon sentiu que seus lábios se esticavam em uma careta de ódio, teve que se esforçar para não desembainhar a Czar'roc e atacar. Entretanto, contrariado, não pôde a não ser admirar a coragem mostrada pelo urgal para enfrentar todo um exército inimigo, só e sem armas. Para sua surpresa, encontrou a mente do urgal fortemente protegida.

Quando o urgal se deteve ante os beirais do pavilhão, sem atrever-se a aproximar-se mais, Nasuada fez que os guardas reclamassem silêncio aos gritos para sossegar à multidão. Todos olhavam o urgal, perguntando-se o que faria a seguir. O urgal elevou seu volumoso braço ao céu, deu uma profunda baforada e logo abriu as fauces e dirigiu um rugido a Nasuada. Em um instante, um bosque de espadas apontou para o kull, mas este não lhes prestou atenção e seguiu ululando até esvaziar os pulmões. Logo olhou para Nasuada, ignorando às centenas de pessoas que, obviamente, desejavam matá-lo, e grunhiu com um acento gutural e espesso:

- O que é esta traição, senhora, Perseguidora da Noite? Me prometeu um salvo conduto. Tão fácil para aos humanos quebrar sua palavra?

Um dos comandantes se inclinou para Nasuada e disse:

- Deixe-nos castigá-lo, senhora, por sua insolência. Quando tivermos lhe ensinado o que significa o respeito, poderá escutar sua mensagem, seja qual for. Eragon queria permanecer em silêncio, mas conhecia suas obrigações para com Nasuada e os varden, de modo que se agachou e falou ao ouvido de Nasuada:

- Não tome como uma ofensa. Assim saúdam seus grandes líderes guerreiros. Em seguida, a resposta adequada consiste em bater as cabeças, embora não acredito que queira tentá-lo.

- Os elfos lhe ensinaram isso? - murmurou ela, sem tirar os olhos de cima do kull.

- Sim.

- Que mais lhe ensinaram sobre os kull?

- Muitas coisas - admitiu com reticência.

Então Nasuada se dirigiu ao kull, e também aos homens atrás dele.

- Os varden não são mentirosos como Galbatorix e o Império. Fale, não tem que temer nenhum perigo enquanto estivermos reunidos sob trégua. O urgal grunhiu e elevou ainda mais o queixo ossudo, mostrando o pescoço, Eragon o reconheceu como um sinal amistoso. Entre os seus, baixar a cabeça era uma ameaça, pois significava que o urgal se dispunha a te atacar com os chifres.

- Sou Nar Garzhvog, da tribo do Bolvek. Falo em nome de minha gente. Parecia que mastigava cada palavra antes de cuspi-la. – Os urgals são mais odiados que qualquer outra raça. Os elfos, os anões e os humanos nos dão caça, queimam-nos e nos tiram de nossos abrigos.

- Não lhes faltam boas razões - assinalou Nasuada.

Garzhvog assentiu.

- Não lhes faltam. A nossa gente adora a guerra. Entretanto, freqüentemente nos atacam simplesmente porque nos acham feios, igual vocês parecem a nós. Depois da queda dos Cavaleiros temos crescido. Agora nossas tribos são abundantes e a terra dura em que vivemos já não basta para nos alimentar.

- Por isso fizeram um pacto com Galbatorix.

- Sim, Perseguidora da Noite. Ele nos prometeu boas terras se matássemos seus inimigos. Mas nos enganou. Seu xamã de cabelos ardentes, Durza, forçou as mentes de nossos líderes guerreiros e obrigou nossas tribos a trabalhar juntas, contra nosso costume. Quando descobrimos isso na montanha oca dos anões, as Herndall, as fêmeas que nos governam, enviaram minha irmã de berço para perguntar a Galbatorix por que nos usava desse modo. -

Garzhvog agitou sua pesada cabeça. - Ela não retornou. Nossos melhores carneiros morreram por Galbatorix, e logo nos abandonou como se fôssemos espadas rotas. É um drajl, tem língua de serpente, é um traidor sem chifres. Perseguidora da Noite, agora somos menos, mas lutaremos a seu lado se nos permitir.

- A que preço? - perguntou Nasuada. - Suas Herndall quererão algo em troca.

- Sangue. O sangue de Galbatorix. E se o Império cair, pedimos que nos dê

terras, terras para nos alimentar e para crescer, terras para evitar mais batalha no futuro. Eragon adivinhou a decisão da Nasuada pela expressão de seu rosto antes que falasse. Jórmundur fez o mesmo, pois se inclinou para ela e disse em voz baixa:

- Nasuada, não pode fazer isto. Vai contra nossa natureza.

- Nossa natureza não pode nos ajudar a derrotar o Império. Precisamos de aliados.

- Os homens desertarão antes de lutar com os urgals.

- Podemos conter isso. Eragon, manterão sua palavra?

- Só enquanto tivermos um inimigo comum.

Depois de um brusco assentimento, Nasuada elevou a voz de novo:

- Muito bem, Nar Garzhvog. Você e seus guerreiros podem acampar no flanco leste de nosso exército, longe do corpo central, e já discutiremos os términos de nosso acordo.

- Ahgrat ukmar - rugiu o kull, golpeando frente com os punhos-. É uma Herndall sábia, Perseguidora da Noite.

- Por que me chama assim?

- Herndall?

- Não, Perseguidora.

Garzhvog emitiu um ruc-ruc na garganta, e Eragon o interpretou como uma risada.

- Perseguidor da Noite é o nome que demos a seu pai por sua maneira de nos caçar nos túneis escuros debaixo da montanha dos anões e pela cor de seu cabelo. Como descendente dele, merece o mesmo nome.

Depois de dizer isso, voltou-se e abandonou o acampamento a grandes passadas.

Nasuada ficou em pé e proclamou:

- Quem atacar os urgals será castigado como se atacasse a um humano. Assegurem-se de que isso seja anunciado em todas as companhias. Assim que terminou, Eragon viu que o rei Orrin se aproximava com passos rápidos, com a capa revoando a seu redor. Quando se aproximou o suficiente, exclamou:

- Nasuada! É verdade que se reuniu com um urgal? O que significa isso? E por que não me avisou antes? Não penso...

Interrompeu-o um sentinela que apareceu entre as fileiras de tendas cinza gritando:

- Um cavaleiro do Império se aproxima!

O rei Orrin esqueceu a discussão imediatamente e se uniu a Nasuada enquanto esta se apressava para chegar à vanguarda de seu exército, seguida por uma centena de pessoas. Em vez de ficar entre a multidão, Eragon montou em Saphira e deixou que ela o levasse a seu destino.

Quando Saphira se deteve entre os muros, trincheiras e fileiras de estacas afiadas que protegiam o fronte dos varden, Eragon viu um soldado solitário que cavalgava a toda velocidade para cruzar a terra de ninguém. Por cima dele, as aves rapaces voavam baixo para descobrir se tinha chegado já o primeiro prato de seu banquete.

O soldado puxou as rédeas de seu garanhão negro a uns trinta metros do parapeito, mantendo a maior distancia possível entre ele e os varden. Logo gritou:

- Ao rechaçar os generosos termos de rendição que lhes propõe Galbatorix, escolheram a morte como destino. Não negociaremos mais. A mão amiga se converteu em punho de guerra! Se algum de vocês ainda sente respeito por seu legítimo soberano, o sábio e onipotente rei Galbatorix, que fuja. Ninguém deve interpor-se ante nós quando avançarmos para limpar a Alagaésia de todos os velhacos, traidores e subversivos. E

embora doa a nosso senhor, pois ele sabe que muitas destas rebeliões são instigadas por amargos e equivocados líderes, castigaremos o ilegítimo território conhecido como Surda e o devolveremos ao benevolente comando do rei Galbatorix, que se sacrifica dia e noite pelo bem de seu povo. Fujam então, digo-lhes, ou sofram a condenação de seu arauto.

Depois disso o soldado desamarrou um saco de tecido e mostrou uma cabeça cortada. Lançou-a ao ar e a viu cair entre os varden. Logo deu a volta no garanhão, cravou as esporas e galopou de volta para a massa escura do exército do Galbatorix.

- Devo matá-lo? - perguntou Eragon.

Nasuada negou com a cabeça.

- Logo teremos nossa ração. Respeitarei a inviolabilidade dos mensageiros, embora não o tenha feito o Império.

- Como você...

Soltou um grito de surpresa e se agarrou ao pescoço da Saphira para não cair enquanto ela caminhava para trás sobre o aterro e plantava as garras dianteiras na borda castanha. Saphira abriu as fauces e soltou um rugido comprido e profundo, muito parecido ao do Garzhvog, embora este fosse um desafio aos inimigos, uma advertência da ira que tinham provocado e uma chamada de clarim a quantos odiassem Galbatorix. O som de sua voz rugente assustou tanto ao garanhão que se desviou à

direita, escorregou sobre a terra quente e caiu de flanco. O soldado caiu mais à frente e aterrissou em um buraco de fogo que emanava nesse instante. Soltou um só grito tão horrível que arrepiou o couro cabeludo de Eragon lhe. Logo guardou silêncio para sempre.

Os pássaros começaram a descer.

Os varden aclamaram o feito de Saphira. Até a Nasuada se permitiu um leve sorriso. Logo deu uma palmada e disse.

- Acredito que atacarão ao amanhecer. Eragon, reúna-se ao Du Vrangr Gata e prepare-os para a ação. Dentro de uma hora terei ordens para vocês. - Tomou Orrin pelo ombro e o guiou de volta para o centro do acampamento, enquanto lhe dizia: - Senhor, temos que tomar algumas decisões. Tenho um plano, mas precisamos... *Que venham* -disse Saphira. Agitou a ponta da cauda como um gato que espreitasse uma lebre. – Todos se q *ueimarão.*

A bebida da bruxa

Tinha baixado a noite sobre os Planos Ardentes. O teto de fumaça opaca tampava a lua e as estrelas e cobria a terra em uma escuridão profunda, quebrada só

pelo áspero brilho de alguma fumarola esporádica e pelos milhares de tochas que ambos os exércitos tinham acendido. Da posição de Eragon, perto da primeira linha dos varden, o Império parecia um denso ninho de luzes laranja trementes, grande como uma cidade.

Enquanto amarrava a última peça da armadura de Saphira a sua cauda, Eragon fechou os olhos para manter melhor o contato com os magos do Du Vrangr Gata. Tinha que aprender a localizá-los imediatamente, sua vida podia depender de sua capacidade para comunicar-se com eles de maneira rápida e oportuna. Por sua vez, os magos tinham que aprender a reconhecer o contato de sua mente para não bloqueá-lo quando necessitasse de sua ajuda.

Eragon sorriu e disse:

- Olá, Orik.

Ao abrir os olhos, viu o anão subindo a pequena rocha em que se sentaram ele e Saphira. Orik, com sua armadura completa, levava seu arco de corno de Urgal em uma mão.

Orik se agachou junto a Eragon, sentou-se a frente e meneou a cabeça.

-Como soube que era eu? Estava protegido.

Cada consciência produz uma sensação distinta -explicou Saphira. - *Igual a duas vozes distintas nunca soam igual.*

- Ah.

Eragon perguntou:

- O que te traz aqui?

Orik encolheu de ombros.

- Me ocorreu que talvez apreciaria um pouco de companhia nesta noite amarga. Sobretudo porque Arya tem outros planos e nesta batalha não tem Murtagh a seu lado.

“Oxalá tivesse”, pensou Eragon. Murtagh tinha sido o único humano capaz de igualar a habilidade de Eragon com a espada, ao menos antes de Agaetí Blódhren. Treinar com ele tinha sido um dos poucos prazeres do tempo que tinham ficado juntos.

“Ficaria encantado em lutar contigo de novo, velho amigo”.

Ao recordar como Murtagh tinha morrido - miseravelmente pelos Urgals no Farthen Dür, - Eragon se viu obrigado a enfrentar uma verdade instrutiva: por muito bom guerreiro que fosse, muito freqüentemente o puro azar opinava quem morria e quem sobrevivia na guerra.

Orik percebeu seu estado de ânimo, pois afagou Eragon nas costas e disse:

- Você irá bem. Imagine como devem se sentir esses soldados, sabendo que dentro de pouco terão que enfrentá-lo.

Eragon voltou a sorrir agradecido.

- Me alegro de que tenha vindo.

Orik se ruborizou até a ponta do nariz, baixou o olhar e rodou o arco entre suas nodosas mãos.

- Ah, bom - grunhiu. - Hrothgar não gostaria nada que eu permitisse que te acontecesse algo. Além disso, agora somos irmãos adotivos, não é?

Através de Eragon, Saphira perguntou:

O que acontece aos outros anões? Não estão sob seu comando?

Uma faísca brilhou nos olhos de Orik.

- Claro que sim. E se unirão a nós dentro em pouco. Como Eragon é membro do Dürgrimst Ingeitum, é justo que enfrentemos juntos o Império. Assim, vocês dois não serão tão vulneráveis, poderão se concentrar em descobrir os magos de Galbatorix em vez de se defender de ataques constantes.

- Boa idéia. Obrigado. - Orik grunhiu seu reconhecimento. Logo Eragon perguntou: - O que acha de Nasuada e dos Urgals?

- Escolheu bem.

- Está de acordo com ela!

- Sim. Eu gosto tanto quanto você, mas estou de acordo.

Depois disso o silêncio os envolveu. Eragon se sentou apoiado em Saphira e contemplou o Império, enquanto se esforçava por evitar que sua crescente ansiedade o afligisse. Os minutos se arrastavam. Para ele, a interminável espera anterior à batalha era tão estressante como a luta em si. Engraxou a sela de Saphira, limpou o pó do espartilho e reemprendeu a tarefa de familiarizar-se com as mentes do Du Vrangr Gata, e com isso passar o tempo.

Ao cabo de uma hora se deteve ao perceber que dois seres se aproximavam, cruzando a terra de ninguém. “Angela? Solembum?” Perplexo e assustado, despertou Orik, que tinha dormido, e lhe disse o que acabava de descobrir. O anão franziu o cenho e tirou o machado do cinto.

- Só vi à herbanária um par de vezes, mas não me parece o tipo de pessoa que poderia nos trair. Os varden a acolheram entre eles há decênios.

- Mesmo assim, deveríamos averiguar o que estava fazendo - disse Eragon. Caminharam juntos entre o acampamento para interceptar a dupla quando se aproximassem das fortificações. Logo apareceu Angela trotando sob a luz, com Solembum a seus pés. A bruxa ia envolta em uma capa escura até os pés que lhe permitia fundir-se com a paisagem pintalgada. Mostrando uma surpreendente presteza, força e flexibilidade, subiu os abundantes parapeitos que tinham instalado os anões, passando de uma estaca a seguinte, saltando as trincheiras e correndo finalmente pela rampa que baixava à ladeira pronunciada do último aterro até deter-se, arquejando, junto à Saphira.

Angela tirou o capuz e lhes dedicou um brilhante sorriso.

- Um comitê de boas-vindas! Que gentil.

Enquanto ela falava, o homem gato tremia dos pés à cabeça, com o lombo arrepiado. Logo sua silhueta se esfumou como se a vissem através de uma nuvem de vapor e se dissolveu uma vez mais para converter-se na figura nua de um moço de cabelo desordenado. Angela colocou uma mão em sua bolsa de couro e cobriu Solembum com uma túnica e umas calças, junto com a pequena adaga negra que estava acostumado a usar para a luta.

- O que faziam ali? - perguntou Orik, com um olhar de perspicácia.

- Bom, um pouco disto e um pouco daquilo.

- Acredito que é melhor que nos diga - atravessou Eragon.

O rosto da Angela se endureceu.

- Ah, sim? Acaso não confia em Solembum e em mim?

O homem gato mostrou seus dentes afiados.

- A verdade é que não - admitiu Eragon, embora com um leve sorriso.

- Está bem - respondeu Angela. Deu-lhe uma palmada na bochecha. - Assim viverá mais. Bom, se tiver que sabê-lo, estava fazendo todo o possível para derrotar o Império, só que meus métodos não consistem em gritar e correr por aí com uma espada.

- E quais são exatamente seus métodos? - grunhiu Orik.

Angela se deteve para recolher a capa em um grosso fardo que logo meteu na bolsa.

- Prefiro não dizer, quero que seja uma surpresa. Não terão que esperar muito para descobrir, começará dentro de umas horas.

Orik coçou a barba.

- O que começará? Se não pode nos dar uma resposta clara, teremos que levá-la até Nasuada. Talvez ela consiga que tenha um pouco de senso comum.

- Não serve de nada me arrastar a Nasuada - disse Angela. - Ela me deu permissão para cruzar as linhas.

- Você diz isso - desafiou-a Orik, cada vez mais beligerante.

- Isso digo eu - anunciou Nasuada, aproximando-se por trás, tal como tinha previsto Eragon.

Também tinha percebido que estava acompanhavam de quatro kull, um dos quais era Garzhvog. Com cara de poucos amigos, voltou-se para encará-los e não tratou de dissimular a raiva que lhe provocava a presença dos urgals.

- Senhora - murmurou Eragon.

Orik não se conteve tanto: deu um salto atrás com um sonoro juramento e agarrou o machado de guerra. Em seguida percebeu que ninguém o atacava e dirigiu a Nasuada uma lacônica saudação. Mas sua mão nunca soltou o cabo da arma e seus olhos não abandonaram os enormes urgals. Angela não parecia ter essa aula de inibições. Saudou Nasuada com o devido

respeito e logo se dirigiu aos urgals em seu próprio e brusco idioma, e estes responderam com evidente prazer. Nasuada levou Eragon para um lado para que pudessem ter certa intimidade. Então lhe disse:

- Necessito que deixe de lado por um momento seus sentimentos e julgue o que estou a ponto de dizer com a lógica e a razão. - Ele assentiu, com o rosto rígido. - Bem. Estou fazendo tudo o que posso para assegurar não perder amanhã. Entretanto, não importa se lutarmos bem, se eu dirigir bem os varden ou inclusive se derrotarmos o Império, se você - golpeou-lhe o peito com um dedo - for morto. Você entende? - Eragon assentiu de novo. - Não posso fazer nada para te proteger se Galbatorix aparecer, nesse caso, terá de enfrentá-lo sozinho. Du Vrangr Gata é para ele uma ameaça tão pequena como para você, e não permitirei que sejam erradicados sem uma razão.

- Sempre soube - disse Eragon - que enfrentaria Galbatorix sozinho, embora com o Saphira.

Um triste sorriso apareceu nos lábios de Nasuada. Parecia muito cansada à

luz tremente da tocha.

- Bom, não há nenhuma razão para inventar problemas onde eles não existem. Pode ser que Galbatorix nem sequer esteja aqui. - Entretanto, não parecia acreditar em suas próprias palavras. - Em qualquer caso, ao menos posso evitar que lhe cravem uma espada nas tripas. Ouvi o que os anões pretendiam fazer e me ocorreu que podia melhorar o conceito. Pedi a Garzhvog e a três de seus carneiros que sejam seus guardas, se estivessem de acordo, como assim foi, em permitir que examine suas mentes para descartar a traição.

Eragon ficou rígido.

- Não pode esperar que lute com esses monstros ao meu lado. Além disso, já

aceitei a oferta dos anões para defender a Saphira e a mim. Se os rechaçasse a favor dos urgals, ficariam ofendidos.

- Então, que todos lhe protejam - replicou Nasuada. Olhou-o nos olhos durante um longo momento, em busca de algo que ele pudesse pensar. - Ah, Eragon. Esperava que fosse capaz de olhar mais à frente do ódio. O que faria você em minha situação? - A rainha suspirou, e ele guardou silêncio. - Se alguém tiver razões para guardar rancor dos urgals, sou eu. Mataram meu pai. Entretanto, não posso permitir que isso interfira com a decisão do que mais convém aos varden... Ao menos, pergunte a Saphira o que acha antes de dizer sim ou não. Posso ordenar que aceite o amparo dos urgals, mas preferiria não fazê-lo.

Está se comportando como um tolo -observou Saphira sem que ninguém lhe perguntasse.

Você acha uma tolice que não queira ter os Urgals a minhas costas ?

Não, é uma tolice recusar ajuda, venha de quem vier, em nossa situação atual. Pense. Já

sabe o que faria Oromis, e o que diria. Não confia em seu julgamento?

Não pode ter razão em tudo -disse Eragon.

Isso não é um argumento... Pense bem, Eragon, e me diga se estou dizendo a verdade. Sabe o caminho correto. Ficaria decepcionado se não pudesse te obrigar a tomá-lo.

A pressão de Saphira e de Nasuada não fez a não ser aumentar as reticências de Eragon. Entretanto, sabia que não tinha outra opção.

- De acordo, deixarei que me defendam, mas só se não encontrar em suas mentes nada duvidoso. Promete-me que, depois desta batalha, não me fará trabalhar alguma vez mais com os urgals?

Nasuada negou com a cabeça.

- Não posso fazê-lo, porque talvez prejudicasse aos varden. - Fez uma pausa e acrescentou: - Ah, outra coisa, Eragon...

- Sim, minha senhora?

- No caso de que eu morrer, escolhi você como meu sucessor. Se isso ocorrer, sugiro que confie nos conselhos de Jórmundur. Tem mais experiência que outros membros do Conselho de Anciões. E espero que ponha o bem-estar de seus súditos acima de qualquer outra coisa. Está claro, Eragon?

O anúncio o pegou de surpresa. Nada significava mais para ele que os varden. Oferecer seu comando era o maior ato de confiança que Nasuada podia lhe mostrar. Sua confiança o comoveu e o encheu de humildade, inclinou a cabeça.

- Esforçaria-me por ser tão bom líder como foi o Ajihad e como você é. É uma honra, Nasuada.

- Sim, é.

Deu-lhe as costas e se reuniu aos outros.

Ainda afligido pela revelação de Nasuada, e com a raiva temperada pela mesma razão, Eragon caminhou devagar para Saphira. Estudou Garzhvog e os outros urgals com a intenção de deduzir seu estado de ânimo, mas seus traços eram tão distintos daqueles a que estava acostumado que não pôde distinguir mais que as emoções mais básicas. Tampouco pôde encontrar dentro de si mesmo nenhuma empatia para com eles. Para ele, eram bestas selvagens dispostas a matá-lo a menor ocasião, incapazes de mostrar amor, amabilidade ou inclusive verdadeira inteligência. Em resumo, eram seres inferiores.

Dentro de sua mente, Saphira sussurrou:

Estou segura de que Galbatorix tem a mesma opinião.

E por boas razões -grunhiu ele, com a intenção de surpreendê-la. Logo conteve sua repulsa e disse em voz alta: - Nar Garzhvog, me disseram que os quatro aceitam que entre em suas mentes.

- Assim é, Espada de Fogo. A Perseguidora da Noite nos disse que era necessário. É uma honra que nos permita batalhar junto a um guerreiro tão poderoso, que tanto tem feito por nós.

- A que se refere? Matei a muitos dos seus.

Alguns fragmentos soltos de um dos pergaminhos de Oromis se interpuseram na memória do Eragon. Recordou ter lido que os urgals, tanto os machos como as fêmeas, determinavam sua fila na sociedade por meio do combate e que era essa prática, acima de qualquer outra, a que tinha provocado tantos conflitos entre os urgals e as demais raças. Mas como, advertiu, significava que admiravam suas proezas na batalha, talvez lhe tivessem concedido a mesma honra que a suas líderes de guerra.

- Ao matar a Durza, liberou-nos de seu controle. Estamos em dívida contigo, Espada de Fogo. Nenhum de nossos carneiros te desafiará, e se visitar as nossas estadias, você e o dragão Língua em Chamas serão bem-vindos como se não fossem estranhos.

Aquela gratidão era a última resposta que Eragon tinha esperado, e a que menos preparado estava para receber. Incapaz de pensar outra coisa, disse:

- Não esquecerei. - Repassou os outros urgals com o olhar e logo retornou a Garzhvog e seus olhos amarelos. - Está preparado?

- Sim, Cavaleiro.

Ao procurar o contato com a consciência do Garzhvog, Eragon recordou como tinham tentado invadir a sua os gêmeos quando entrou no Farthen Dür pela primeira vez. Limpou essa observação para inundar-se na identidade do Urgal. A natureza de sua busca - alguma intenção malévola que pudesse permanecer escondida no passado do Garzhvog - obrigava Eragon examinar anos de lembranças. Ao contrário dos gêmeos, Eragon evitou fazer mal deliberadamente, mas tampouco se excedeu em gentilezas. Notou que Garzhvog dava algum salto ocasional de desconforto. Assim como os anões e os elfos, a mente dos Urgals possuía elementos distintos dos humanos. Sua estrutura punha ênfase na rigidez e na hierarquia - como resultado da organização tribal dos Urgals, - mas parecia áspera e crua, brutal e ardilosa: a mente de um animal selvagem.

Embora não fizesse nenhum esforço por averiguar nada do Garzhvog como indivíduo, Eragon não pôde evitar absorver fragmentos da vida do urgal. Este não ofereceu resistência. Ao contrário, parecia ansioso por compartilhar suas experiências, por convencer Eragon de que os urgals não eram seus inimigos natos. *Não podemos nos permitir que se eleve outro Cavaleiro com a intenção de nos destruir* -disse-lhe Garzhvog - *Olhe bem, Espada de Fogo,*

e comprove se na verdade somos tão monstruosos como nos considera...

Foram tantas as sensações e imagens que vibraram entre eles, que Eragon quase perdeu a pista: a infância de Garzhvog com outros membros de sua raça em uma aldeia desmantelada no coração das Vertebradas, sua mãe escovando-o com um pente de corno e lhe cantando uma canção suave, a aprendizagem para caçar cervos e outras presas com as mãos nuas, a maneira de crescer e crescer até que se fazia evidente que o velho sangue seguia fluindo por suas veias e ia alcançar mais de dois metros e meio para converter-se em um kull, as dúzias de desafios que tinha proposto, aceito e ganho, aventurar-se fora da aldeia para obter renome, graças ao qual poder acasalar-se, e a aprendizagem gradual do ódio, a desconfiança e o medo - sim, medo - de um mundo que tinha condenado a sua raça, a luta no Farthen Dür, o descobrimento de que sua única esperança para uma vida melhor era abandonar as velhas diferenças, procurar a amizade dos varden e ver Galbatorix deposto. Não havia nenhuma evidência de que Garzhvog mentisse.

Eragon não podia entender o que tinha visto. desprendeu-se da mente de Garzhvog e se inundou nas dos outros três urgals. Suas lembranças confirmavam os fatos apresentados por Garzhvog. Não fizeram o menor intento de esconder que tinham matado humanos, mas o tinham feito por ordens da Durza quando o bruxo os controlava, ou quando se haviam enfrentado por comida ou terra. *Fizemos o que tínhamos que fazer para proteger a nossas famílias* - disseram. Ao terminar, plantado ante Garzhvog, Eragon sabia que o legado de sangue do urgal era tão régio como o de qualquer príncipe. Sabia que, apesar a não ter sido educado, Garzhvog era um brilhante comandante e um pensador e filósofo tão bom como o próprio Oromis.

Certamente, é mais preparado que eu -admitiu a Saphira e, mostrando o pescoço em sinal de respeito, Eragon disse em voz alta: - Nar Garzhvog. - Pela primeira vez foi consciente das elevadas origens do título *nar*. - É um orgulho que esteja a meu lado. Pode dizer às Herndall que enquanto os urgals mantiverem sua palavra e não se voltarem contra os varden, não vou me opor a você.

Eragon hesitou um dia chegasse a confiar em um Urgal, mas a férrea certeza dos prejulgamentos que tinha apenas uns minutos antes lhe parecia agora uma amostra de ignorância e, por sua boa consciência, não podia mantê-la. Saphira lhe tocou o braço com sua língua espinhosa, provocando um tinido da malha.

Tem que ser valente para admitir que se equivocou.

Só se tiver medo de passar por tolo, e eu tivesse parecido mais tolo ainda caso persistisse em uma crença errônea.

Claro, pequenino, acaba de dizer algo sábio.

Apesar das suas brincadeiras, Eragon notou o quente orgulho da dragona pelo que ele acabava de obter.

- Uma vez mais, estamos em dívida contigo, Espada de Fogo - disse Garzhvog. Ele e outros Urgals levaram os punhos às protuberantes frontes. Eragon percebeu que Nasuada queria saber os detalhes do que acabava de ocorrer, mas estava se reprimindo.

- Bom, agora que isto já está resolvido, devo ir. Eragon, receberá meu sinal por meio de Trianna quando chegar o momento.

E se foi a grandes passadas para a escuridão.

Quando Eragon se acomodou em Saphira, Orik lhe aproximou sigilosamente.

- Sorte que os anões estão aqui, não é? Vigiaremos os kull como se fôssemos falcões, fique tranqüilo. Não lhes deixaremos pegá-lo pelas costas. Assim que ataquem, cortaremos suas pernas por abaixo.

- Achei que estava de acordo com que Nasuada aceitasse a proposta dos urgals.

- Isso não significa que confie neles, nem que queira estar a seu lado, não?

Eragon sorriu e não se incomodou em discutir: era impossível convencer Orik de que os urgals não eram assassinos frios, pois ele mesmo se negou a considerar tal possibilidade antes de compartilhar suas lembranças.

A noite os envolveu com seu peso enquanto esperavam que chegasse a alvorada. Orik tirou uma pedra de afiar do bolso e ficou a repassar o fio de seu machado curvo. Quando chegaram, os outros seis anões fizeram o mesmo, e o chiado do metal sobre a pedra encheu o ar com um coro áspero. Os kull se sentaram, costas contra costas, e ficaram a entoar cantos de morte em voz baixa. Eragon passou o tempo estabelecendo amparos mágicos em torno de si mesmo, Saphira, Nasuada, Orik e inclusive Arya. Sabia que era perigoso proteger a tantos, mas não podia suportar que sofressem nenhum dano. Quando terminou, transferiu aos diamantes incrustados no cinturão do Beloth o Sábio todas as forças que se atrevia a desprender. Eragon contemplou Angela com interesse enquanto esta se cobria com uma armadura verde e negra e logo, depois de tirar uma caixa de madeira esculpida, montava sua lança juntando duas varas separadas pela metade e dois fios de aço diluído que encaixavam nas extremidades da vara resultante. Girou a arma montada por cima da cabeça umas quantas vezes antes de constatar que suportaria o fragor da batalha.

Os anões a olhavam com desaprovação, e Eragon ouviu que um deles murmurava:

-... blasfêmia que use o hüthvír alguém que não é do Dürgrimst Quan. Logo só soou a música discordante que geravam os anões ao afiar suas armas.

Já se aproximava a alvorada quando começaram os gritos. Eragon e Saphira os ouviram antes pela acuidade de seus sentidos, mas as exclamações de agonia logo alcançaram o volume suficiente para que as ouvissem outros. Orik ficou em pé e olhou para o Império, onde nascia aquela gritaria.

- A que classe de criaturas estarão torturando para provocar esses uivos terríveis? Esse ruído me gela os ossos, certamente.

- Disse que não teria que esperar muito - disse Angela.

Tinha perdido o sorriso, estava pálida, concentrada e com o rosto cinza, como se tivesse adoecido.

De seu posto junto à Saphira, Eragon perguntou:

- Foi você?

- Sim. Envenenei sua bebida, seu pão, sua água, todo aquilo em que pude por a mão. Alguns morrerão agora, outros, mais tarde, à medida que as diversas toxinas vão cobrando pedágio. Dei aos oficiais erva mora e outros venenos para que sofram alucinações na batalha. - Tentou sorrir, mas com pouco êxito. - Não é uma maneira muito honrosa de lutar, suponho, mas prefiro fazer isso que morrer. A confusão do inimigo, e tudo isso.

- Só os covardes e os ladrões usam veneno! - exclamou Orik. - Que glória se obtém de derrotar um inimigo doente?

Enquanto falavam, os gritos se intensificaram. Angela lhe dedicou uma risada desagradável.

- Glória? Se quiser glória, há milhares de tropas que não envenenei. Estou segura de que, quando terminar o dia de hoje, terá tido toda a glória que queira.

- Para isso necessitava do material da tenda de Orrin? - perguntou Eragon. Achava repugnante seu estratagema, mas não pretendia discernir se estava bem ou mau feito. Era algo necessário. Angela tinha envenenado os soldados pela mesma razão que tinha levado Nasuada a aceitar a oferta de amizade dos urgals: porque podia ser sua única esperança de sobreviver.

- Assim é.

Os uivos dos soldados aumentaram em número até tal ponto que Eragon desejou tampar os ouvidos e bloquear aquele som. Provocava-lhe caretas de dor e tremores, e lhe dava enjôo. Entretanto, obrigou-se a escutar. Era o preço de enfrentar o Império. Teria sido um engano ignorá-lo. De modo que se sentou com os punhos fechados e a mandíbula dolorosamente tensa enquanto ressoava nos Planos Ardentes o eco das vozes imateriais dos moribundos.

Estoura a tormenta

Os primeiros raios horizontais da alvorada cruzaram a terra quando Trianna dizia a Eragon: *chegou a hora.*

Uma onda de energia apagou o sonho de Eragon. Ficou em pé de um salto e chamou a todos os que o rodeavam enquanto montava na sela de Saphira e tirava o arco da aljava. Os kull e os

anões rodearam o dragão e saíram correndo pelo parapeito até chegar à abertura que se limpou durante a noite.

Os varden saíam por aquele buraco no maior silêncio possível. Fila atrás de fila de guerreiros partiam com as armaduras e as armas envoltas em trapos para que nenhum ruído alertasse o Império de sua aproximação. Saphira se estava somando à

procissão quando apareceu Nasuada montada em um cavalo entre os homens. Arya e Trianna foram a seu lado. Os cinco saudaram-se com olhares silenciosos, nada mais. Durante a noite, os pestilentos vapores se acumularam sobre a terra, e agora a tênue luz da manhã dourava as nuvens crescidas, tornando-as opacas. Assim, os varden conseguiram cruzar três quartas partes da terra de ninguém antes que as sentinelas do Império os vissem. Assim que soaram os chifres de alarme ante eles, Nasuada gritou:

- Agora, Eragon! Diga a Orrin que ataque. A mim, varden! Lutem para destronar Galbatorix! Ataquem e banhem suas espadas no sangue de nossos inimigos!

Ao ataque!

Esporeou seu cavalo e, com um grande rugido, os homens a seguiram, agitando as armas sobre suas cabeças.

Eragon transmitiu a ordem da Nasuada a Barden, o feiticeiro que montava junto ao rei Orrin. Um instante depois, ouviu o troar dos cascos quando Orrin e sua cavalaria - acompanhados pelo resto dos kull, capazes de correr tanto como os cavalos

- galoparam para o leste. Carregaram contra o flanco do Império, apanhando os soldados contra o rio Jiet e distraindo-os o suficiente para que os varden cruzassem sem oposição a distância que os separava.

Os dois exércitos se chocaram com um estrondo ensurdecedor. Lanças entrecruzadas com lanças, martelos contra escudos, espadas contra elmos, enquanto por cima revoavam os famintos corvos rapaces soltando seus ásperos grasnidos, em um frenesi desatado pelo aroma da carne fresca.

O coração de Eragon deu um salto no peito. “Agora devo matar ou morrer”. Quase imediatamente, notou que as barreiras mágicas lhe absorviam as forças para desviar os ataques que recebiam Arya, Orik, Nasuada e Saphira. A dragona evitou a primeira linha de batalha para não ficar expostos aos magos da frente de Galbatorix. Eragon respirou fundo e começou a procurar os magos com sua mente, sem deixar de disparar flechas ao mesmo tempo. Du Vrangr Gata encontrou o primeiro feiticeiro inimigo. Assim que recebeu o alerta, Eragon contatou com a mulher que o tinha descoberto e logo passou ao inimigo que lutava com ela. Eragon pôs em jogo todo o poder de sua vontade, demoliu a resistência do mago, tomou o controle de sua consciência - esforçando-se por ignorar o terror daquele homem, - determinou a que tropas protegia e o assassinou com uma das doze palavras de morte. Sem pausa, Eragon localizou as mentes de todos os soldados que tinham ficado desprotegidos e os matou também.

Os varden aclamaram ao ver que um grupo inteiro de homens caía sem vida.

Eragon se assustou com a facilidade com que os tinha matado. Aqueles soldados não tinham tido a menor chance de escapar ou de oferecer resistência. “Que diferente do Farthen Dür”, pensou. Embora lhe maravilhava o aperfeiçoamento de suas habilidades, aquelas mortes o enojavam. Mas não havia tempo para pensar nisso. Recuperado do assalto inicial dos varden, o Império começou a usar suas máquinas de guerra: catapultas que lançavam mísseis de cerâmica endurecida, trabucos armados com barris de fogo líquido e lançadoras que bombardeavam os assaltantes com uma chuva de flechas de seis metros. As bolas de cerâmica e o fogo líquido causavam um terrível dano onde aterrissassem. Uma bola estalou no chão a menos de dez metros de Saphira. Enquanto Eragon se escondia atrás do escudo, um fragmento denteado saltou para sua cabeça e se deteve no ar graças a um de seus amparos mágicos. Eragon pestanejou ao notar a repentina perda de energia. Logo as máquinas estancaram o avanço dos varden e semearam um tumulto com sua pontaria. “Se tivermos que agüentar o suficiente para debilitar o Império, teremos que destruí-las”, entendeu Eragon. Desmantelar aquelas máquinas teria sido fácil para Saphira, mas não se atrevia a voar entre os soldados por medo de um ataque dos magos.

Oito soldados abriram caminho entre as filas dos varden e atacaram Saphira, tentando lhe cravar suas lanças. Antes que Eragon pudesse desembainhar a Czar'roc, os anões e os *kull* eliminaram todo o grupo.

- Boa luta! - rugiu Garzhvog.

- Boa luta! - concordou Orik, com um sorriso sanguinolento. Eragon não usava feitiços contra seus inimigos. Deviam estar protegidos contra qualquer feitiço imaginável. “Salvo se...” Expandiu sua mente e entrou em contato com o soldado que dirigia as catapultas. Embora estivesse seguro de que o defendia algum tipo de magia, Eragon conseguiu dominá-lo e dirigir suas ações de longe. Guiou o homem para a arma, que alguém estava carregando, e logo lhe fez golpear com sua espada a meada de cordas retorcidas que a disparavam. A corda era tão grosa que não pôde cortá-la antes que seus camaradas o levassem arrastado, mas o dano já aparecia. Com um poderoso rangido, a corda se rompeu pela metade se partiu e o braço da catapulta saltou para trás, atingindo vários homens. Com os lábios curvados em um amargo sorriso, Eragon passou a catapulta seguinte e, em pouco tempo, incapacitou todas as máquinas restantes.

Voltado a si, Eragon percebeu que dúzias de homens caiam em torno de Saphira, alguém tinha superado um membro do Du Vrangr Gata. Soltou uma terrível maldição e se lançou pelo rastro de magia em busca do homem que tinha lançado aquele feitiço fatal, deixando o cuidado de seu corpo nas mãos de Saphira e seus guardiões.

Durante uma hora Eragon perseguiu os magos de Galbatorix, mas com pouco acerto, pois eram ardilosos e matreiros e não o atacavam diretamente. Suas reticências desconcertavam Eragon, até que arrancou da mente de um dos feiticeiros, justo antes que este se suicidasse, o pensamento:

... ordens de não te matar a você nem ao dragão... Não matar a você nem ao dragão.

Isso responde a minha pergunta -disse a Saphira. - *Mas por que Galbatorix ainda nos quer vivos? Deixamos claro que apoiamos os varden.* Antes que Saphira pudesse responder, apareceu ante eles Nasuada, com a cara manchada de sangue e vísceras, o escudo cheio de amassados, e um rastro de sangue que brotava de uma ferida na coxa e escorria pela perna esquerda.

- Eragon - chamou-o com a voz entrecortada. - Necessito de você. Necessito que vocês dois lutem, que se mostrem e sejam um estímulo para nossos homens. Que assustem os soldados.

Eragon estava impressionado por seu estado.

- Deixe-me curá-la antes - exclamou, temeroso de que fosse deprimir-se.

“Teria que ter protegido com mais defesas”.

- Não. Eu posso esperar. Em troca, se não conseguir frear a maré de soldados, estamos perdidos. - Tinha os olhos frágeis e vazios, como dois buracos na face. - Necessitamos... de um Cavaleiro. - Balançou-se na cadeira.

Eragon mostrou a Czar'roc.

- Estou aqui, minha senhora.

- Vá - disse ela, - e se existir algum deus, que ele te proteja. Eragon ia muito alto no lombo de Saphira para golpear qualquer um dos inimigos que ficavam abaixo, assim desmontou pela perna direita da frente. dirigiu-se a Orik e Garzh-vog:

- Protejam o lado esquerdo de Saphira. E em nenhum caso se interponham em nosso caminho.

- Eles o superarão, Espada de Fogo.

- Não. Não o farão. Ocupem seu lugar!

Enquanto o obedeciam, apoiou uma mão na perna de Saphira e lhe olhou o olho cristalino de safira.

Vamos dançar, amiga de meu coração?

Vamos, pequenino.

Então ambos fundiram suas identidades em um grau maior que nunca, vencendo todas as diferenças para converter-se em uma só identidade. Soltaram um rugido, saltaram para frente e abriram caminho até a linha de frente. Uma vez ali, Eragon não teria sabido dizer de que boca emanava o fogo devorador que consumia a dúzias de soldados, calcinando-os em suas malhas,

nem de quem era o braço que brandia a Czar'roc em um arco e partia em dois o elmo de um soldado. O aroma metálico do sangue invadia o ar, e se elevavam cortinas de fumaça sobre os Planos Ardentes, escondendo e mostrando alternativamente os grupos, as asas, os flancos, os batalhões de corpos espancados. No alto, as aves esperavam sua comida e o sol escalava o firmamento por volta do meio-dia. Pelas mentes de quem os rodeava, Eragon e Saphira receberam um visão de sua aparência. Sempre viam primeiro Saphira: uma grande criatura voraz com as presas e as garras tintas de vermelho, que arrasava tudo em seu caminho com seus botes e as chicotadas da cauda, e com as ondas de chamas que envolviam seções inteiras de soldados. Suas escamas brilhantes refulgiam como estrelas e quase cegavam a seus inimigos ao refletir a luz. Logo viam Eragon correndo junto ao dragão. Movia-se com tal velocidade que os soldados não podiam reagir a tempo e, com uma força sobre-humana, estilhaçava-lhes os escudos de um só golpe, rasgava suas armaduras e rachava as espadas de quem se opunha a ele. Dardos e os disparos que lhe lançavam caíam ao pestilento chão a três metros de distância, detidos por suas barreiras mágicas.

A Eragon - e, por extensão, a Saphira - custava-lhe mais lutar contra sua própria raça que contra os urgals no Farthen Dür. Cada vez que via um rosto apavorado ou que captava a mente de um soldado, pensava: “Poderia ser eu”. Mas ele e Saphira não podiam permitir a piedade: se um soldado se plantava ante eles, morria. Fizeram três incursões e nas três vezes Eragon e Saphira mataram a todos os homens da linha do frente do Império antes de se retirarem entre o grosso dos varden para não ser rodeados. Ao final do último ataque, Eragon teve que reduzir ou eliminar algumas barreiras que tinha estabelecido em torno de Arya, Orik, Nasuada, Saphira e ele mesmo para que os feitiços não o esgotassem muito rápido. Embora fosse muito forte, também o eram as exigências da batalha.

Pronta? -perguntou a Saphira, depois de um breve descanso. Ela grunhiu afirmativamente.

Uma nuvem de flechas assobiou para Eragon assim que mergulhou de novo no combate. Rápido como um elfo, esquivou a maioria - pois sua magia já não o protegia desse tipo de projéteis, - deteve doze com o escudo e cambaleou quando uma delas lhe acertou o abdômen e outra o flanco.

Nenhuma das duas rasgou a armadura, mas o deixaram sem ar e lhe provocaram machucados grandes como maçãs. “Não lhe pare! Suportou dores mais fortes que esta”, disse-se.

Eragon enfrentou um grupo de oito soldados e saltou de um a outro, inclinando a golpes suas lanças e brandindo a Czar'roc como um relâmpago mortal. Entretanto, a luta tinha reduzido seus reflexos, e um soldado conseguiu deslizar a lança entre sua malha e lhe rachar o tríceps esquerdo.

Os soldados se encolheram ante o rugido de Saphira.

Eragon se aproveitou da distração para reforçar-se com a energia armazenada no rubi do punho de Czar'roc e matar os três soldados que sobraram. Saphira agitou a cauda por cima dele e jogou do caminho um grupo de homens. Na pausa seguinte, Eragon olhou para braço

quebrado e disse:

- *Waíse heill*.

Curou-se também os machucados, com a ajuda do rubi de Czar'roc, assim como dos diamantes do cinturão do Beloth o Sábio.

Logo os dois continuaram avançando.

Eragon e Saphira amontoavam os corpos de seus inimigos sobre os Planos Ardentes, mas o Império não afrouxava nem cedia terreno. Por cada homem que matavam, outro dava um passo adiante e ocupava seu lugar. Uma sensação de desespero envolvia Eragon à medida que a massa de soldados forçava os varden a retirar-se gradualmente para seu acampamento. Viu a desesperança refletida nos rostos da Nasuada, Arya, o rei Orrin e inclusive Angela quando passou junto a eles na batalha.

Apesar de todo o nosso treinamento não podemos deter o Império -disse Eragon com raiva. - *Há muitos soldados! Não podemos seguir assim para sempre. E*

Czar'roc e meu cinturão já quase se esgotaram.

Se te fizer falta, pode tirar energia do que te rodeia. Não quero fazer isso, a não ser que mate outro mago de Galbatorix e possa tirar a de seus soldados. Se não, não farei mais que ferir os v *arden, pois aqui não posso recorrer à ajuda de nenhuma planta ou animal.*

À medida que as largas horas foram se arrastando, Eragon se sentia cada vez mais fraco e dolorido, desprovido de muitas de suas defesas ocultas... Tinha acumulado dúzias de feridas menores. Tinha o braço esquerdo insensível de tantos golpes que tinha recebido no escudo amassado. Levava uma ferida na fronte que não fazia mais que cegá-lo com a destilação de sangue mesclado com suor. Acreditava que podia ter um dedo quebrado.

Saphira não saía melhor parada. As armaduras dos soldados lhe feriam a boca por dentro, dúzias de espadas e flechas tinham talhado suas asas desprotegidas, e um dardo tinha furado uma prancha de sua armadura, ferindo-lhe um ombro. Eragon tinha visto chegar a lança e tinha tentado desviá-la com um feitiço, mas tinha sido lento. Cada vez que se movia, Saphira salpicava a terra com centenas de gotas de sangue. A seu lado, tinham caído três guerreiros de Orik e dois *kull*. E o sol começava sua descida para o anoitecer.

Enquanto Eragon e Saphira se preparavam para o sétimo e último assalto, soou uma trompetista pelo leste, forte e clara, e o rei Orrin gritou:

- Os anões chegaram! Os anões chegaram!

“Anões?” Eragon pestanejou e olhou ao redor, confuso. Não via mais que soldados. Logo o percorreu um estalo de emoção quando entendeu. “Os anões!”

Montou em Saphira, e ela elevou o vôo e ficou um momento suspensa com suas asas destroçadas enquanto fiscalizavam o campo de batalha.

Era certo: um grande grupo partia para o leste pelos Planos Ardentes. À

cabeça ia o rei Hrothgar, vestido com sua malha de ouro, meio doido com o elmo cravejado e com Volund, seu antigo martelo de guerra, obstinado no punho de ferro. O

rei anão elevou o Volund para saudar quando viu Eragon e Saphira. Eragon rugiu a pleno pulmão e devolveu o gesto, brandindo a Czar'roc no ar. Uma onda de renovado vigor lhe fez esquecer as feridas e sentir-se de novo furioso e decidido. Saphira somou sua voz, e os varden elevaram o olhar com esperança, enquanto os soldados do Império, assustados, titubeavam.

- O que você viu? - exclamou Orik quando Saphira voltou a pousar na terra. - É

Hrothgar? Com quantos guerreiros vem?

Aliviado até o êxtase, Eragon se elevou nos estribos e gritou:

- Ânimo! Chegou o rei Hrothgar! E parece que trouxe para todos os anões!

Esmagaremos ao Império! - Quando os homens deixaram de aclamar, acrescentou: - Agora, tirem as espadas e recordem a estes piolhentos covardes porque devem nos temer. Ao ataque!

Justo quando Saphira saltava para os soldados, Eragon ouviu um segundo grito, desta vez do oeste:

- Um navio! Vem um navio pelo rio Jiet!

- Maldito seja - grunhiu.

“Não podemos permitir que chegue esse navio se trouxer reforços para o Império”. Contatou com Trianna e lhe disse:

Diga a Nasuada que Saphira e eu nos encarregamos disso. Se o navio for de Galbatorix, o afundaremos.

Como quiser, Argetlam -respondeu a bruxa.

Sem duvidar, Saphira elevou o vôo e riscou um círculo sobre o plano pisoteado e fumegante. Quando o implacável fragor da batalha se desvaneceu em seus ouvidos, Eragon respirou fundo e sentiu que sua mente se limpava. Abaixo, surpreendeu-lhe ver quão esparramados estavam os dois exércitos. O Império e os varden se desintegraram em uma série de grupos separados que lutavam entre si por todo o largo e comprido dos Planos Ardentes. Nesse confuso tumulto se inseriram os anões, pilhando pelo flanco o Império, tal como tinha feito Orrin com a cavalaria. Eragon perdeu de vista a batalha quando Saphira girou à esquerda e se lançou entre

as nuvens, em direção ao rio Jiet. Uma rajada de ar limpou a fumaça da turfa e revelou um grande navio de três mastros que navegava pelas águas alaranjadas, remando contra a corrente com duas filas de remadores. O navio estava machucado e destroçado e não levava nenhum estandarte que identificasse suas lealdades. Mesmo assim, Eragon se preparou para destruí-lo. Enquanto Saphira descia para ele, elevou Czar'roc e soltou seu selvagem grito de guerra.

Convergência

Roran ia na proa da *Asa de Dragão* e escutava o ruído dos remos ao deslizar pela água. Acabava de cumprir com seu turno de remo, e uma dor fria e denteada invadia seu ombro direito. “Terei que carregar sempre esta lembrança dos ra'zac?”

Secou o suor do rosto e ignorou a moléstia para concentrar-se exclusivamente no rio, escurecido por uma massa de nuvens de fuligem.

Elain se uniu a ele junto à amurada. Apoiou uma mão em seu ventre inchado.

- A água parece diabólica – disse.-Possivelmente deveríamos ter ficado no Dauth, em vez de nos arrastar em busca de mais problemas.

Roran temeu que tivesse razão. Depois do Olho do Javali, tinham navegado para o leste das ilhas do Sul, de volta para a costa e logo pela embocadura do rio Jiet até a cidade portuária de Dauth. Quando chegaram a terra, esgotaram-se as provisões e os aldeões estavam doentes.

Roran tinha toda a intenção de ficar em Dauth, sobretudo depois de receber a entusiastas boas-vindas de sua governadora, Lady Alarice. Mas isso era antes que lhe falassem do exército de Galbatorix. Se os varden fossem derrotados, nunca voltaria a ver Katrina. Assim, com a ajuda de Jeod, tinha convencido Horst e outros aldeões que se queriam viver na Surda, a salvo do Império, tinham que remar pelo Jiet acima e ajudar os varden. A tarefa tinha sido difícil, mas ao final Roran tinha vencido. E quando contaram seus planos a Lady Alarice, ela lhes deu todas as provisões que quiseram. Depois, Roran tinha se perguntado freqüentemente se tinha sido uma decisão acertada. A essas alturas todo mundo odiava viver no *Asa de Dragão.* A gente estava tensa e mal-humorada, situação que não fazia a não ser agravar-se pela noção de que estavam navegando para uma batalha. “Foi egoísta por minha parte? -perguntava-se Roran-. Fiz pelo bem dos aldeões, ou só porque isto me aproximará um passo mais ao encontro de Katrina?”

- Possivelmente sim - respondeu a Elain.

Contemplaram juntos a grossa capa de fumaça que se reunia nas alturas, obscurecendo o céu e filtrando a luz restante de tal modo que tudo ficava colorido por um nauseabundo halo laranja. Isso produzia um crepúsculo fantasmagórico que Roran jamais tinha imaginado. Os marinheiros de coberta olhavam ao redor assustados, murmuravam refrões de amparo e tiravam seus amuletos de pedra para afastar o mal olhado.

- Escute - disse Elain. Inclinou a cabeça. - O que é isso?

Roran aguçou os ouvidos e captou o longínquo estalo de metais entrechocados.

- Isso – disse - é o som de nosso destino. - Olhou para trás e gritou por cima do ombro: - Capitão, aí a frente estão lutando!

- Homens, às catapultas! - rugiu Uthar. - Redobre o ritmo dos remadores, Bonden. E que todos os homens em condições se preparem, senão quiserem usar suas tripas de almofada.

Roran permaneceu em seu lugar enquanto o *Asa de Dragão* estalava de atividade. Apesar do aumento do ruído, ainda ouvia o estalo de espadas e escudos ao longe. Os gritos dos homens eram já audíveis, assim como os rugidos de alguma besta gigantesca.

Olhou para Jeod, que se unia a eles na proa. O mercador tinha o rosto pálido.

- Já participou de alguma batalha? - perguntou-lhe Roran.

Jeod negou com a cabeça e tragou saliva, e o nó que tinha na garganta se moveu.

- Participei de muitas lutas com Brom, mas nunca em uma deste calibre.

- Então, vamos estrear juntos.

A massa de fumaça se clareou pela direita e lhes permitiu espionar a terra escura que cuspia fogo e um pútrido vapor laranja, coberta por massas de homens em plena luta. Era impossível distinguir quem pertencia ao Império e quem aos varden, mas Roran pareceu que, com o adequado empurrão, a batalha podia decantar-se em qualquer das duas direções. “O empurrão o daremos nós.”

Então a água lhes trouxe o eco do grito de um homem:

- Um navio! Vem um navio pelo rio Jiet!

- Teria que ir escondido - disse Roran ao Elain. - Aqui não estará a salvo. Ela assentiu, foi correndo à escotilha de proa, descendeu a escala e fechou a abertura atrás dela. Um instante depois Horst saltou à proa e passou a Roran um dos escudos de Fisk.

- Pensei que poderia precisar.

- Obrigado. Eu...

Roran se calou ao notar que o ar vibrava em torno deles, como se o agitasse um golpe brutal. Rangeu os dentes. Zum. Doíam-lhe os ouvidos pela pressão. Zum. O

terceiro zumbido lhe pisou nos talões ao segundo – zum, - seguido por um grito selvagem que Roran reconheceu, pois o tinha ouvido muitas vezes em sua infância. Elevou o olhar e viu um gigantesco dragão da cor das safiras que descia das nuvens agitadas. E no lombo do dragão,

onde se uniam o pescoço e os ombros, ia sentado seu primo Eragon.

Não era o Eragon que ele recordava, mas sim parecido, como se um artista tivesse tomado os traços básicos de seu primo e os tivesse reforçado, estilizando-os, para torná-los ao mesmo tempo mais nobres e mais felinos. Aquele Eragon ia embelezado como um príncipe, com finas roupas e armadura - embora manchada pela imundície da guerra - e levava na mão esquerda uma espada de vermelho incandescente. Aquele Eragon era poderoso e implacável... Aquele Eragon podia matar os ra'zac e a suas montarias e lhe ajudar a resgatar Katrina. Agitando suas asas translúcidas, o dragão ascendeu bruscamente e ficou suspenso diante do navio. Então Eragon cruzou seu olhar com o de Roran. Até esse momento Roran não acreditava totalmente na história de Jeod sobre Eragon e Brom. Agora, ao olhar para seu primo, percorreu-o uma onda de emoções confusas. “Eragon é um Cavaleiro!” Parecia impensável que o moço esbelto, malhumorado e ansioso com o que crescera se converteu naquele temível guerreiro. Vê-lo vivo de novo encheu Roran de uma alegria inesperada. Entretanto, ao mesmo tempo, uma raiva terrível e familiar cresceu em seu interior pelo papel de Eragon na morte de Garrow e no assédio ao Carvahall. Durante esses poucos segundos, Roran não soube se odiava ou amava Eragon.

Esticou-se assustado ao notar que um ser enorme e alheio entrava em contato com sua mente. Daquela consciência emanou a voz do Eragon:

Roran?

-Sim.

Pense suas respostas e assim poderei ouvi-las. Estão todos os do Carvahall contigo?

Quase todos.

Como... ? Não, falaremos nisso mais tarde, agora não há tempo. Fique onde estão até que se defina a batalha. Ainda melhor, voltem para trás pelo rio até onde o Império não possa lhes atacar.

Temos que falar, Eragon. Tem que responder a muitas coisas. Eragon hesitou com expressão preocupada e logo disse:

Já sei. Mas agora não, logo.

Sem nenhuma ordem aparente, o dragão se afastou do navio, voou para o leste e desapareceu entre a bruma que cobria os Planos Ardentes. Com voz de assombro, Horst disse:

- Um Cavaleiro! Um Cavaleiro de verdade! Nunca pensei que veria chegar este dia, e muito menos que seria Eragon. - Meneou a cabeça. - Parece que nos disse a verdade, não é, Pernas Compridas?

Jeod sorriu como resposta, com pinta de menino encantado.

Suas palavras chegaram apagadas a Roran, que tinha ficado olhando a coberta, sentindo que estava a ponto de estalar de tensão. Uma multidão de perguntas sem resposta o assaltavam. Obrigou-se a ignorá-las. “Agora não posso pensar em Eragon. Temos que lutar. Os varden têm que vencer ao Império”. Uma onda crescente de fúria o consumia. Já a tinha experimentado antes, um frenesi enlouquecido que lhe permitia superar virtualmente qualquer obstáculo, mover objetos que normalmente resistiriam, enfrentar ao inimigo em combate sem sentir medo. Agora o atendeu essa sensação, uma febre nas veias que lhe acelerava a respiração e aumentava os batimentos do seu coração.

Abandonou o equipamento de barco de um salto, percorreu o navio até a fortaleza, onde Uthar permanecia ante o leme, e disse:

- Atraque o navio.

- O que?

- Disse para atracar o navio. Fique aqui com outros soldados, e usem as catapultas para armar tanto caos quanto puderem, evitem que assaltem o *Asa de Dragão* e defendam a nossas famílias com suas vidas. Entendeu?

Uthar lhe dirigiu um olhar duro, e Roran temeu que não aceitasse suas ordens. Logo o curtido marinheiro grunhiu e disse:

- Sim, sim, Marteladas.

Os pesados passos de Horst precederam sua chegada à fortaleza.

- O que pretende fazer, Roran?

- Fazer? - Roran se pôs a rir e se virou bruscamente para ficar cara a cara com o ferreiro. - Fazer? Pretendo mudar o destino da Alagaésia!

Eldest

Eragon apenas percebeu que Saphira o levava de novo à agitada confusão da batalha. Sabia que Roran se lançara ao mar, mas nunca lhe tinha ocorrido que seu primo pudesse dirigir-se para Surda, nem que fossem se reunir daquela maneira. E os olhos do Roran! Seus olhos tinham corroído Eragon, interrogantes, aliviados, raivosos... acusadores. Neles, Eragon tinha visto que seu primo soubera de seu papel na morte de Garrow e que ainda não lhe tinha perdoado.

Só quando uma espada ricocheteou nos protetores de suas pernas concentrou a atenção no que o rodeava. Soltou um grito rouco e lançou um cutilada para baixo, cortando o soldado que o tinha atacado. Amaldiçoando-se por ter tido tão pouco cuidado, Eragon entrou em contato com Trianna e lhe disse:

Nesse navio não há nenhum inimigo. Avise que não devem atacá-lo. Pergunte a Nasuada se, como favor, pode enviar um arauto para explicar a situação e para se assegurar que se mantenham fora da batalha.

Como quiser, Argetlam.

Do flanco oeste da batalha, onde tinha aterrissado, Saphira cruzou os Planos Ardente com poucos passos gigantescos até deter-se diante de Hrothgar e seus anões. Eragon desmontou e se aproximou do rei. Este o saudou:

- Ave, Argetlam! Ave, Saphira! Parece que os elfos fizeram contigo mais do que haviam prometido.

Orik estava a seu lado.

- Não, senhor, foram os dragões.

- Mesmo? Tenho que ouvir suas aventuras quando tivermos terminado este maldito trabalho. Alegrei-me de que aceitasse minha oferta de se converter em membro do Dürgrimst Ingeitum. É uma honra que faça parte de minha família.

- E você da minha.

Hrothgar riu, logo se virou para Saphira e disse:

- Ainda não esqueci da sua promessa de consertar Isidar Mithrim, dragão. Agora mesmo nossos artesãos estão montando a safira estrelada no centro do Tronjheim. Ardo em desejos de vê-la inteira de novo.

Ela inclinou a cabeça.

Prometi, e assim será.

Eragon transmitiu suas palavras, e Hrothgar alargou um dedo nodoso e tocou uma das pranchas metálicas do flanco do dragão.

- Vejo que leva nossa armadura. Espero que tenha lhe servido. *Muito, rei Hrothgar* -disse Saphira, por meio do Eragon. - *Evitou-me muitas feridas.*

Hrothgar se estirou e brandiu Volund, com uma faísca em seus olhos.

- Bom, desfilamos e voltamos a provar o martelo na forja da batalha? -Voltou a vista para seus guerreiros e gritou: - *Akh sartos oen dürgrimst*!

- *Vor Hrothgarz korda! Vor Hrothgarz korda*!

Eragon olhou para Orik, que traduziu com um poderoso grito:

- Pelo martelo de Hrothgar!

Eragon se somou ao grito e correu com o rei anão para as encarnadas filas de soldados, com a Saphira a seu lado.

Ao fim, com a ajuda dos anões, a batalha voltava a pender a favor dos varden. Juntos empurraram às forças do Império, dividiram-nas, esmagaram-nas e obrigaram ao extenso exército de Galbatorix a abandonar as posições que tinha conquistado de manhã. Seus esforços contaram com a ajuda dos venenos de Angela, que seguiam causando efeito. Muitos dos oficiais do Império se comportavam de maneira irracional, dando ordens que facilitavam aos varden penetrar em seu exército e semear o caos. Os soldados pareciam dar-se conta de que já não lhes sorria a fortuna, pois centenas deles se renderam ou desertaram diretamente e se voltaram contra seus antigos camaradas, ou jogaram as armas e fugiram.

E o dia se alargou para o anoitecer.

Eragon estava em plena batalha com dois soldados quando um dardo em chamas passou por cima e se cravou em uma das tendas do comando do Império, a uns vinte metros, incendiando o tecido. Eragon se desfez de seus oponentes, olhou para trás e viu que dúzias de mísseis em chamas se arqueavam do navio do rio Jiet.

“Quem está lançando, Roran?”, perguntou-se Eragon, antes de carregar contra o grupo de soldados seguinte.

Pouco depois soou uma trombeta na retaguarda do exército do Império e depois outra e ainda outra mais. Alguém começou a redobrar um sonoro tambor, cujos retumbos sossegavam o campo porque todo mundo olhava ao redor para descobrir a origem daquele pulsar. Enquanto Eragon olhava, uma figura de mau agouro se destacou no horizonte para o norte e se elevou no resplandecente céu por cima dos Planos Ardentes. Os corvos rapaces se dispersaram ante a sombra negra, que se balançava imóvel nas correntes térmicas. A princípio Eragon pensou que seria um Lethrblaka, uma das montarias dos ra'zac. Logo, um raio de luz escapou das nuvens e iluminou de lado a figura do oeste.

Um dragão vermelho flutuava acima deles, brilhante e faiscante sob o raio de sol, como um leito de brasas vermelho vivo. As membranas de suas asas eram da cor do vinho. Suas garras, seus dentes e as puas da coluna eram brancos como a neve. Em seus olhos vermelhos brilhava um terrível regozijo. Levava uma sela atada à garupa, e na cadeira ia um homem vestido com uma armadura de ferro gentil e armado com uma espada curta.

O medo se apoderou do Eragon. “Galbatorix conseguiu incubar outro dragão!”

Então o homem de ferro elevou a mão esquerda e um raio de rangente energia rubi saltou de sua palma e golpeou Hrothgar no peito. Os feiticeiros anões soltaram um grito de agonia ao consumirem sua energia no intento de bloquear o ataque. Caíram mortos ao chão, e logo Hrothgar levou uma mão ao coração e desabou. Os anões soltaram um grande grito de desânimo ao ver cair a seu rei.

- Não! - gritou Eragon, ao mesmo tempo em que Saphira protestava com um rugido.

Fulminou com um olhar de ódio o Cavaleiro inimigo.

Vou matá-lo por isso.

Eragon sabia que, naquela situação, Saphira e ele estavam muito cansados para enfrentar um inimigo tão poderoso. Olhou a seu redor e distinguiu um cavalo caído no lodo, com uma lança cravada no flanco. O animal continuava vivo. Eragon lhe pôs uma mão no pescoço e murmurou: “Durma, irmão”. Logo transferiu a si mesmo e a Saphira a energia que sobrou. Não era suficiente para recuperar todas as suas forças, mas acalmou seus músculos doloridos e deteve os tremores das pernas. Rejuvenescido, Eragon montou de um salto em Saphira e gritou:

- Orik, tome o comando dos teus!

Viu que Arya o olhava do outro lado do campo com preocupação. Eliminou-a de sua mente enquanto esticava as correias da sela em torno de suas pernas. Logo Saphira se lançou para o dragão vermelho, agitando as asas a um ritmo furioso para obter a velocidade necessária.

Espero que recorde as lições de Glaedr - disse-lhe Eragon. Agarrou bem o escudo.

Em vez de lhe responder, Saphira enviou seus pensamentos com um rugido ao outro dragão:

Traidor! Ladrão de ovos, perjuro, assassino!

Logo, como um só corpo, ela e Eragon assaltaram as mentes do outro casal com a intenção de superar suas defesas. A Eragon pareceu estranha a consciência do Cavaleiro, como se contivesse multidões, abundantes vozes distintas sussurradas na caverna de sua mente, como espíritos encarcerados que suplicassem sua liberação. Assim que cercaram contato, o Cavaleiro contra-atacou com um estalo de pura energia superior ao que era capaz de gerar o próprio Oromis. Eragon se retirou para trás de suas barreiras, recitando freneticamente uns feitiços que Oromis lhe tinha ensinado para usar em circunstâncias como essa:

Sob um frio e vazio céu invernal, Havia um homem minúsculo com uma espada de prata. Saltava e lançava golpes com um frenesi febril, lutando contra as forças reunidas ante ele...

O assédio da mente de Eragon amainou quando Saphira e o dragão vermelho colidiram, como dois meteoros incandescentes chocando de cabeça. Lutaram, deramse mútuos golpes no ventre com as patas traseiras. Seus talões provocavam chiados horrendos ao roçar a armadura da Saphira e as escamas lisas do dragão vermelho. Este era menor que Saphira, mas tinha as pernas e os ombros mais grossos. Conseguiu desfazer-se dela por um instante com uma patada, mas logo voltaram a aproximar-se, lutando ambos por agarrar o pescoço do outro entre as mandíbulas. Eragon não pôde mais que sustentar a Czar'roc enquanto os dragões se desabavam para o chão, atacando-se mutuamente com terríveis patadas e rabadas. Apenas a cinqüenta

metros dos Planos Ardentes, Saphira e o dragão vermelho se soltaram e lutaram por recuperar altura. Assim que deteve a queda, Saphira jogou o pescoço atrás como uma serpente a ponto de atacar e soltou uma grossa corrente de fogo.

Não chegou a seu destino, a quatro metros do dragão vermelho, o fogo se bifurcou e passou por seus flancos sem causar o menor dano. “Maldito seja”, pensou Eragon. Justo quando o dragão vermelho abria a boca para contra-atacar, Eragon gritou:

- *Skólir nosu fra brisingr*!

Bem a tempo. O estalo girou em torno deles, mas nem sequer abrasou as escamas da Saphira.

Logo Saphira e o dragão vermelho aceleraram entre as estrias de fumaça para o céu claro e gélido que ficava mais à frente, lançando-se adiante e atrás enquanto tentavam montar em cima de seu oponente. O dragão vermelho deu uma dentada na cauda da Saphira, e ela e Eragon gritaram de dor compartilhada. Arquejando pelo esforço, Saphira executou uma tensa cambalhota para trás e terminou atrás do outro dragão, que então virou para a esquerda e tentou riscar uma espiral para ficar em cima dela.

Enquanto os dragões liberavam seu duelo com acrobacias cada vez mais complexas, Eragon percebeu uma moléstia que se produzia nos Planos Ardentes: os feiticeiros do Du Vrangr Gata eram acossados por dois magos novos do Império. Estes eram muito mais poderosos que os anteriores. Já tinham matado um membro do Du Vrangr Gata e estavam derrubando as barreiras do segundo. Eragon ouviu que Trianna gritava em sua mente:

Eragon! Tem que nos ajudar! Não podemos detê-los. Matarão a todos os Varden. Ayúd-ânus, são os...

A voz se desvaneceu quando o Cavaleiro atacou sua consciência.

- Isto tem que terminar - sussurrou Eragon entre dentes enquanto se esforçava por suportar o ataque. Por cima do pescoço da Saphira, viu que o dragão vermelho se lançava para eles de baixo. Eragon não se atreveu a abrir sua mente para falar com ela, assim disse em voz alta: - Me agarre!

Com dois golpes de Czar'roc, cortou as correias que sujeitavam suas pernas e abandonou de um salto a garupa de Saphira.

“É uma loucura”, pensou Eragon. Riu de pura excitação enjoada ao notar que a sensação de leveza se apoderava dele. O roçar do ar lhe tirou o elmo, e os olhos, marejados, começaram a arder. Eragon soltou o escudo e abriu os braços e as pernas, tal como lhe tinha ensinado Oromis, para estabilizar o vôo. Abaixo, o Cavaleiro de armadura de ferro se precaveu da ação do Eragon. O dragão vermelho se desviou para a esquerda de Eragon, mas não pôde esquivá-lo. Este lançou uma estocada com Czar'roc quando o flanco do dragão passava a seu lado e sentiu que o fio se afundava na curva da criatura antes que a inércia o levasse.

O dragão soltou um rugido de agonia.

O impacto do golpe deixou Eragon girando no ar, rolando, abaixo, em todas as direções. Quando conseguiu deter a rotação, desabou através das nuvens e se encaminhava a uma rápida e fatal aterrissagem nos Planos Ardentes. Podia deter-se por meio da magia se fosse necessário, mas teria esgotado suas reservas de energia. Olhou por cima dos dois ombros.

Vamos, Saphira, onde você está?

Como se quisesse lhe responder, ela apareceu entre a fumaça pestilenta, com as asas bem pegas ao corpo. Riscou uma curva por baixo dele e abriu um pouco as asas para deter a queda. Com cuidado de não empalar-se em uma de suas puas, Eragon manobrou para voltar a instalar-se na sela e agradeceu a volta da sensação de gravidade quando ela cortou a descida.

Nunca volte a fazer isso -disse ela bruscamente.

Eragon comprovou que o sangue corria pelo fio de Czar'roc.

Funcionou, não?

Sua satisfação desapareceu ao perceber que seu estratagema tinha deixado Saphira a mercê do outro dragão. Estava sobrevoando-a, apurando-a para um lado e para o outro para obrigá-la a descender ao chão. Saphira tratava de manobrar para sair de debaixo dele, mas cada vez que o fazia, o outro dragão se jogava em cima e a esbofeteava com as asas para obrigá-la a mudar de direção.

Os dragões seguiram retorcendo-se e lançando-se até que lhes começou a pendurar a língua, lhes caíam as caudas e deixaram de bater as asas para limitar-se a planejar.

Com a mente fechada de novo a qualquer contato, por amistoso que fosse, Eragon falou em voz alta:

- Aterrisse, Saphira, não serve para nada. Vou enfrentá-lo em terra. Com um grunhido de débil resignação, Saphira desceu sobre a zona limpa, uma pequena meseta de pedra na borda oeste do rio Jiet. A água se tornou vermelha de tanto sangue derramado na batalha. Eragon saltou de Saphira assim que esta aterrissou na meseta e comprovou a firmeza do chão. Era liso e duro, sem nada em que tropeçar. Assentiu satisfeito.

Poucos segundos depois, o dragão vermelho passou voando sobre suas cabeças e se deteve no extremo oposto da meseta. Não apoiava a perna esquerda de atrás para não agravar a ferida: um talho comprido que quase cortava o músculo. O

dragão tremia de cima abaixo, como um cão ferido. Tentou saltar para diante, mas logo se deteve e grunhiu para Eragon.

O Cavaleiro inimigo soltou e deslizou pela pata ilesa de seu dragão. Logo o rodeou e

examinou sua perna. Eragon deixou: sabia a dor que lhe causaria ver a ferida que tinha sofrido o companheiro a que estava vinculado. Entretanto, esperou muito, pois o Cavaleiro murmurou umas poucas palavras indecifráveis e, em menos de três segundos, a ferida do dragão estava curada.

Eragon tremia de medo. “Como pôde fazer isso tão rápido e com um feitiço tão curto?” Entretanto, fosse quem fosse, não se tratava de Galbatorix, cujo dragão era negro.

Eragon se aferrou a essa noção enquanto dava um passo adiante para enfrentar o Cavaleiro. Quando se juntaram no centro da meseta, Saphira e o dragão vermelho riscaram círculos atrás deles.

O Cavaleiro agarrou sua espada com as duas mãos e a girou por cima da cabeça, apontando para Eragon, que elevou a Czar'roc para se defender. Seus fios se chocaram com um estalo de faíscas encarnadas. Logo Eragon empurrou seu oponente e começou uma série complexa de golpes. Lançava e esquivava estocadas, dançando sobre os pés ligeiros enquanto forçava o Cavaleiro de armadura de ferro a retirar-se para o limite da meseta.

Quando chegaram a bordo, o Cavaleiro defendeu seu terreno, esquivando os ataques de Eragon por muito inteligentes que fossem. “É como se fosse capaz de antecipar todos os meus movimentos”, pensou Eragon, frustrado. Se tivesse podido descansar, lhe seria mais fácil bater o Cavaleiro, mas tal como estava, não conseguia abrir vantagem. O Cavaleiro não tinha a velocidade e a força de um elfo, mas sua habilidade técnica era maior que a de Vanir e tão boa como a de Eragon. Este sentiu um toque de pânico quando seu golpe inicial de energia começou a desvanecer-se sem que tivesse conseguido nada mais que um leve arranhão no brilhante peitilho da armadura do Cavaleiro. As últimas reservas de energia armazenadas no rubi de Czar'roc e no cinturão do Beloth o Sábio logo que bastavam para manter seus esforços um minuto mais. Então o Cavaleiro deu um passo a frente. E

logo outro. E antes que Eragon se desse conta, haviam retornado ao centro da meseta, onde ficaram cara a cara, trocando golpes.

Czar'roc pesava tanto em sua mão, que Eragon logo que não podia elevá-la. Ardia-lhe o ombro, precisava arquejar para respirar e o suor lhe banhava o rosto. Nem sequer seu desejo de vingar o Hrothgar podia lhe ajudar a superar o esgotamento. Ao fim Eragon escorregou e caiu ao chão. Decidido a que não o matassem no chão, rodou para ficar de novo em pé e lançou uma estocada ao Cavaleiro, que desviou a Czar'roc a um lado com um leve giro da mão.

O movimento que o Cavaleiro riscou a seguir com a espada - descrevendo um rápido círculo lateral - foi familiar a Eragon, como já lhe tinha ocorrido com todos os seus movimentos anteriores. Olhou fixamente com um crescente horror a espada curta de seu inimigo e logo as ranhuras para os olhos de seu elmo e gritou:

- Eu o conheço!

Lançou-se contra o Cavaleiro, com as espadas apanhadas entre ambos corpos, cravou os olhos por baixo do elmo e o arrancou. E ali, no centro da meseta, a um lado dos Planos Ardentes da Alagaésia, estava Murtagh.

O legado

Murtagh sorriu. Logo disse:

- *Thrysta vindr*.

E uma dura bola de ar ardeu em chamas entre eles e golpeou Eragon no centro do peito, lançando-o seis metros pelo ar na meseta.

Enquanto caía de costas, Eragon ouviu que Saphira rugia. Sua visão se tingiu de vermelho e negro, e logo caiu formando uma bola enquanto esperava que passasse a dor. Qualquer prazer que tivesse sentido pelo reaparecimento do Murtagh ficou anulado pelas macabras circunstâncias do reencontro. Uma instável mescla de impressão, confusão e raiva fervia em seu interior.

Murtagh baixou a espada e apontou para Eragon com sua mão envolta em ferro, fechando todos os dedos menos o indicador para formar um punho espinhoso.

- Nunca soube se render.

Um calafrio percorreu a coluna vertebral do Eragon, pois acabava de reconhecer uma visão da premonição que tinha experimentado enquanto remava pelo Az Ragni para Hedarth:

Havia um homem curvado no barro revolto, com o elmo quebrado e a malha ensangüentada... Seu rosto se escondia atrás de um braço elevado. Uma mão com luva de ferro entrou na visão de Eragon e assinalou o homem cansado com a autoridade do destino.

O passado e o futuro acabavam de convergir. Agora se decidiria a condenação de Eragon. Eragon se levantou aos tropicões, tossiu e disse:

- Murtagh... como pode ser que esteja vivo? Vi como os urgals o levaram clandestinamente. Tentei invocá-lo, mas só via escuridão.

Murtagh soltou uma risada triste.

- Não via nada, como eu quando tentava te invocar durante os dias que passei no Urú'baen.

- Mas estava morto! - gritou Eragon, quase incoerente. - Morreu sob o Farthen Dür. Arya encontrou sua roupa ensangüentada nos túneis.

Uma sombra obscureceu o rosto de Murtagh.

- Não, não morri. Foi coisa dos gêmeos, Eragon. Tomaram o controle de um grupo de urgals e prepararam uma emboscada para matar o Ajihad e me capturar. Logo me enfeitiçaram para que não pudesse escapar e me levaram para Urü'baen. Eragon meneou a cabeça, incapaz de entender o que tinha acontecido.

- Mas por que aceitou servir Galbatorix? Disse-me que o odiava. Disse-me...

- Aceitar? - Murtagh tornou a rir, desta vez seu estalo continha um toque de loucura. - Não aceitei nada. Primeiro Galbatorix me castigou por ter quebrado seus anos de amparo quando me criava no Urú'baen, por desafiar sua vontade e escapar. Logo me surrupiou tudo o que sabia de você, de Saphira e dos varden.

- Você nos traiu! Eu chorava sua perda, e você nos traiu.

- Não tinha outra opção.

- Ajihad tinha razão quando te prendeu. Deveria ter deixado que apodrecesse na sua cela, e nada disto...

- Não tinha outra opção! - grunhiu Murtagh. - E quando Espinho se prendeu a mim, Galbatorix obrigou-nos a lhe jurar lealdade no idioma antigo. Agora não podemos desobedecê-lo.

A pena e o asco cresceram no interior de Eragon.

- Converteu-se em seu pai.

Um estranho brilho apareceu nos olhos de Murtagh.

- Não, em meu pai não. Sou mais forte que Morzan. Galbatorix me ensinou coisas da magia que você nem sequer sonhou. Feitiços tão poderosos que os elfos não se atrevem a pronunciá-los, porque são covardes. Palavras do idioma antigo que se perderam até que Galbatorix as descobriu. Maneiras de manipular a energia... Segredos, segredos terríveis que podem destruir os inimigos e cumprir qualquer desejo. Eragon recordou algumas lições de Oromis e replicou:

- Coisas que deveriam seguir sendo secretas.

- Se as conhecesse, não diria isso. Brom era um diletante, só isso. E os elfos?

Ora... A única coisa que sabem fazer é se esconder em sua fortaleza e esperar que os conquistem. - Murtagh correu Eragon com o olhar. - Agora você parece um elfo. Islanzadí lhe fez isso? - Ao ver que Eragon guardava silêncio, Murtagh sorriu e encolheu os ombros. - Não importa. Vou descobrir e pronto!

Deteve-se, franziu o cenho e logo olhou para o este.

Eragon seguiu a direção de seu olhar e viu os gêmeos no fronte do Império, lançando bolas de

energia sobre as filas de varden e anões. As cortinas de fumaça dificultavam a visão, mas Eragon estava seguro de que os magos calvos sorriam e riam enquanto destroçavam os homens a quem em outro tempo tinham jurado solene amizade. Mas do que os gêmeos não se deram conta - enquanto Eragon e Murtagh viam com clareza desde sua vantajosa posição - era que Roran estava se aproximando deles por um lado.

O coração de Eragon deu um salto ao reconhecer seu primo. “Não seja tolo!

Afaste-se deles! Vão matá-lo”.

Justo quando Eragon abria a boca para lançar um feitiço que afastasse Roran do perigo - por muito caro que lhe custasse-, Murtagh disse:

- Espere. Quero ver o que ele fará.

- Por que?

Um sombrio sorriso cruzou o rosto de Murtagh.

- Os gêmeos se divertiram me torturando quando prenderam.

Eragon o olhou com suspeita:

- Não vai lhe fazer mal? Não vai avisar os gêmeos?

- *Vel einradhin iet ai Shur'tugal*. Palavra de Cavaleiro. Viram juntos como Roran se escondia atrás de um montão de cadáveres. Eragon se esticou ao ver que os gêmeos olhavam para o montão. Por um instante pareceu que haviam o detectado, mas logo se viraram e Roran saltou. Brandiu o martelo e golpeou um dos gêmeos na cabeça, partindo-lhe o crânio. O outro gêmeo caiu ao chão entre convulsões e emitiu um grito até que encontrou o fim de seus dias sob o martelo do Roran. Logo este plantou um pé sobre os cadáveres de seus inimigos, elevou o martelo por cima da cabeça e soltou um rugido vitorioso.

- E agora? - quis saber Eragon, afastando o olhar do campo de batalha. - Veio me matar?

- Claro que não. Galbatorix te quer vivo.

- Para que?

Murtagh retorceu os lábios.

- Não sabe? Que brincadeira! Não é por você, é por ela. - Assinalou com um dedo para Saphira. - O dragão do último ovo do Galbatorix, o último ovo de dragão do mundo, é macho. Saphira é a única fêmea que existe. Se procriar, será a mãe de toda sua raça. Entende agora? Galbatorix não quer erradicar os dragões. Quer usar Saphira para reconstruir os Cavaleiros. Não pode matá-lo, não pode matar a nenhum dos dois se quiser que sua visão se converta em

realidade... E grande visão, Eragon. Teria que ouvir e então talvez não teria tão má opinião dele. É tão mal que queira unir a Alagaésia sob uma só bandeira, eliminar a necessidade de guerrear e restabelecer os Cavaleiros?

- Para começar, foi ele quem os destruiu.

- E teve suas boas razões - afirmou Murtagh. - Estavam velhos, gordos e corrompidos. Os elfos os controlavam e os usavam para subjugar os humanos. Precisava se desfazer deles para recomeçar.

O rosto de Eragon se contorceu de fúria. Pôs-se a caminhar acima e abaixo pela meseta, com a respiração pesada, e logo apontou a batalha e disse:

- Como pode justificar que se cause tanto sofrimento pelos desvarios de um louco? Galbatorix não tem feito mais que queimar, matar e acumular poder. Mente. Assassina. Manipula. E você sabe! Por isso se negou a trabalhar para ele antes. Eragon se deteve e adotou um tom mais amável: - Entendo que se visse obrigado a agir contra sua vontade e que não é responsável por ter matado Hrothgar. Mas pode tentar escapar. Estou seguro de que Arya e eu poderíamos inventar uma maneira de neutralizar os laços que Galbatorix te jogou em cima... una-se a mim, Murtagh. Poderia fazer tanto pelos varden... Conosco, seria amado e admirado, em vez de amaldiçoado, temido e odiado.

Murtagh olhou um momento sua espada cheia de entalhes, e Eragon confiou em que aceitaria. Logo, em voz baixa, disse:

- Não pode me ajudar, Eragon. Só Galbatorix pode nos liberar de nosso juramento, e não o fará jamais... Conhece nossos verdadeiros nomes, Eragon... Somos seus escravos para sempre.

Por muito que quisesse, Eragon não podia negar a compaixão que sentia pela situação de Murtagh. Com a maior gravidade, respondeu:

- Então, nos deixe matá-los aos dois.

- Nos matar! Por que permitiria isso?

Eragon escolheu suas palavras com cuidado:

- A morte o libertaria do controle de Galbatorix. E salvaria a vida de centenas ou milhares de pessoas. Não te parece uma causa suficientemente nobre para se sacrificar por ela?

Murtagh negou com a cabeça.

- Talvez o seja para você, mas eu ainda acho a vida muito doce para me despedir dela tão facilmente. Nenhuma vida alheia é mais importante que a de Espinho ou a minha.

Por muito que o odiasse - de fato, por muito que odiasse toda aquela situação,

- Eragon sabia o que devia fazer. Renovando seu ataque à mente de Murtagh, saltou para frente, perdendo o contato do chão com os dois pés ao lançar-se para seu inimigo com a intenção de lhe cravar uma estocada no coração.

- *Letta*! - ladrou Murtagh.

Eragon caiu ao chão, e cintas invisíveis prenderam seus braços e suas pernas, imobilizando-o. A sua direita, Saphira soltou um jorro de fogo encaracolado e saltou contra Murtagh como um gato que se equilibrasse sobre um camundongo.

- Pare! - ordenou Murtagh, estendendo uma mão como uma garra, como se pretendesse apanhá-la.

Saphira soltou um grito afogado de surpresa quando o feitiço de Murtagh a deteve no ar e a sustentou ali, flutuando alguns palmos acima da meseta. Por muito que se retorcesse, não conseguia tocar o chão, nem elevar em vôo.

“Como pode continuar a ser humano e ter a força necessária para fazer isso? - se perguntou Eragon-. Apesar de minhas novas habilidades, se empreendesse essa tarefa, ficaria sem respiração e não poderia nem caminhar.” Confiando na experiência que tinha adquirido ao rebater os feitiços do Oromis, Eragon disse:

- *Brakka du vanyalí sem huildar Saphira um eka*!

Murtagh não tentou detê-lo e se limitou a olhá-lo com olhos apagados, como se a resistência de Eragon lhe parecesse uma inútil moléstia. Eragon rangeu os dentes e redobrou seus esforços. Sentia as mãos frias, doíam-lhe os ossos e lhe freava o pulso à medida que a magia absorvia suas energias. Sem necessidade de pedir-lhe Saphira somou suas forças e lhe concedeu o acesso aos formidáveis recursos de seu corpo. Passaram cinco segundos...

Vinte segundos... Uma grossa veia pulsava no pescoço de Murtagh. Um minuto...

Um minuto e meio... Tremores involuntários percorriam Eragon. Seus quadríceps e suas curvas tremiam, e se tivesse chegado a ter liberdade de movimentos, as pernas teriam fraquejado.

Passaram dois minutos...

Ao fim Eragon se viu obrigado a abandonar a magia, pois se arriscava a perder a consciência e cair no vazio. Ficou dobrado, gasto por completo. Antes tinha medo, mas só porque pensava que podia fracassar. Agora o tinha porque não sabia do que Murtagh era capaz.

- Não pode competir comigo - disse este. - Ninguém pode, além de Galbatorix.

- Aproximou-se de Eragon e apontou a espada para seu pescoço, lhe rasgando a pele. Eragon resistiu ao impulso de afastar-se-. Que fácil seria levá-lo para Urü'baen. Eragon o olhou n

fundo dos olhos.

-Não. Deixe-me ir.

- Acaba de tentar me matar.

- E você teria feito o mesmo em minha situação. - Ao ver que Murtagh permanecia calado e imutável, Eragon acrescentou: - Em outro tempo fomos amigos. Lutamos juntos. Não pode ser que Galbatorix o tenha mudado tanto para esquecer... Se o fizer, Murtagh, estará perdido para sempre.

Passou um longo minuto em que o único som foi o clamor e os gritos dos exércitos enfrentados. O sangue gotejava pelo pescoço de Eragon, onde lhe tinha talhado a ponta da espada. Saphira deu uma rabada de pura raiva desesperada. Ao fim, Murtagh disse:

- Ordenaram-me que tentasse capturá-los. - Fez uma pausa. – Eu tentei... assegure-se que nossos caminhos não voltem a se cruzar. Galbatorix me fará

pronunciar novos juramentos no idioma antigo que me impedirão de ter piedade da próxima vez que nos encontrarmos.

Baixou a espada.

- Está fazendo o que deve - disse Eragon.

Tentou dar um passo atrás, mas continuava imobilizado.

- Talvez. Antes que te deixe ir... - Murtagh arrancou a Czar'roc do punho de Eragon e soltou a capa que este tinha prendido ao cinturão do Beloth o Sábio. - Se me converti em meu pai, terei que usar sua espada. Espinho é meu dragão e será um espinho para todos os nossos inimigos. Então, parece justo que leve a espada Suplício. Suplício e Espinho, boa dupla. Além disso, Czar'roc tinha que ter passado ao filho maior de Morzan, não ao menor. É meu por direito de nascimento.

Um poço frio se formou no estômago do Eragon. “Não pode ser”. Um sorriso cruel apareceu no rosto do Murtagh.

- Nunca te disse o nome de minha mãe, não é verdade? E você não me disse o da sua. Direi agora: Selena. Selena era minha mãe, e a sua. Morzan era nosso pai. Os gêmeos adivinharam a conexão enquanto espionavam sua mente. Galbatorix interessou-se muito por essa informação em particular.

- Mentira! - exclamou Eragon.

Não podia suportar a idéia de ser filho do Morzan. “Brom sabia? Oromis sabia?... por que ninguém me disse isso?” Então recordou que Angela havia predito que alguém de sua família o

trairia. “Tinha razão”.

Murtagh se limitou a menear a cabeça, repetiu suas palavras no idioma antigo e logo aproximou os lábios ao ouvido de Eragon e sussurrou:

- Você e eu somos o mesmo, Eragon. A mesma imagem refletida. Não pode negá-lo.

- Você está errado - grunhiu Eragon, lutando contra o feitiço. - Não nos parecemos. Eu já não tenho a cicatriz nas costas.

Murtagh se inclinou para trás como se lhe tivessem atacado, e seu rosto endureceu e se tornou frio. Elevou a Czar'roc e a sustentou diante do peito.

- Pois assim seja. Assumo meu legado, irmão. Adeus.

Logo recolheu o elmo do chão e montou em Espinho. Não olhou para Eragon nenhuma só vez enquanto o dragão se agachava, elevava as asas e sobrevoava a meseta para o norte. Só quando Espinho tinha desaparecido no horizonte se soltou a rede mágica que retinha Eragon e Saphira.

Os talões da Saphira golpearam a pedra ao aterrissar. Arrastou-se até Eragon e lhe tocou um braço com o focinho.

Está bem, pequenino?

Estou bem.

Mas não estava bem, e sabia.

Eragon caminhou até a bordo da meseta e fiscalizou os Planos Ardentes e o campo depois da batalha, pois esta tinha terminado. Com a morte dos gêmeos, os varden e os anões tinham recuperado o terreno perdido e haviam sido capazes de derrotar às formações de soldados confusos, tocando-os em manada para o rio, ou forçando-os a voltar por onde tinham vindo.

Embora o grosso de suas forças permanecesse ileso, o Império havia se retirado, sem dúvida para se reagrupar e preparar um segundo assalto para invadir a Surda. Atrás de sua esteira ficavam montões de cadáveres emaranhados de ambas as partes do conflito, uma quantidade de homens e anões suficiente para povoar uma cidade inteira. A espessa fumaça negra consumia os corpos que tinham caído nas fumarolas de turfa.

Agora que a luta tinha acabado, os falcões, as águias, as gralhas e os corvos desciam como uma mortalha sobre o campo.

Eragon fechou os olhos, e as lágrimas transbordaram as pálpebras. Tinham ganho, mas ele tinha perdido.

A Reunião

Eragon e Saphira caminharam entre os cadáveres que se amontoavam nos Planos Ardentes, avançando devagar devido as feridas e o esgotamento. Encontraramse com outros sobreviventes que cambaleavam sobre o campo de batalha calcinado, homens de olhares vazios que olhavam sem ver, com a vista focada na distância. Agora que a sede de sangue tinha desaparecido, Eragon só sentia pena. A luta lhe parecia totalmente inútil. “Que tragédia que devam morrer tantos homens para deter apenas um louco”. Deteve-se para se esquivar de um cacho de flechas cravadas no lodo e percebeu que Saphira tinha um corte na cauda, onde Espinho a tinha mordido, além de outras feridas.

Venha, me dê sua força, vou curá-la.

Primeiro aos que estão em perigo de morte.

Tem certeza?

De tudo, pequenino.

Eragon assentiu, agachou-se e curou o pescoço quebrado de um soldado antes de dirigir-se para onde estava um dos varden. Não fez distinções entre inimigos e aliados e aplicou suas habilidades até o limite para ambos. Eragon estava tão ocupado com seus pensamentos que não prestava muita atenção no que fazia. Desejava poder repudiar as afirmações de Murtagh, mas tudo o que este havia dito sobre sua mãe – a mãe dos dois - coincidia com as poucas coisas que Eragon sabia dela: Selena tinha abandonado o Carvahall uns vinte anos antes, havia voltado uma vez para parir Eragon e não a tinham visto mais. Sua mente retrocedeu até o momento em que ele e Murtagh chegaram a Farthen Dür. Murtagh tinha comentado que sua mãe tinha desaparecido do castelo de Morzan quando este perseguia Brom, Jeod e o ovo de Saphira. “Quando Morzan lançou a Czar'roc contra Murtagh e esteve a ponto de matá-lo, mamãe deve ter dissimulado sua gravidez e voltar para o Carvahall para me proteger de Morzan e Galbatorix”. Animava-lhe saber que Selena se preocupou tanto com ele.

Desde que alcançou a idade suficiente para entender que era filho adotivo, Eragon tinha se perguntado quem era seu pai e por que sua mãe o tinha deixado com seu irmão Garrow e Enjoam, a mulher deste, para que eles o criassem. A fonte que agora acabava de lhe dar as respostas era tão inesperada, e tão pouco propício o lugar, que naquele momento só conseguia entender. Iria levar meses, ou mesmo anos, para aceitar aquela revelação.

Eragon sempre tinha imaginado que adoraria conhecer a identidade de seu pai. Agora que sabia, a revelação o repugnava. Quando era mais jovem, freqüentemente se entretinha imaginando que seu pai era alguém grande e importante, embora Eragon sabia que o mais provável era o contrário. Entretanto, nunca lhe tinha ocorrido, nem em seus mais extravagantes sonhos, que pudesse ser o filho de um Cavaleiro, e muito menos de um dos Apóstatas.

O sonho se converteu em pesadelo.

“Descendo de um monstro... Meu pai foi o traidor dos Cavaleiros ante Galbatorix”. Eragon tinha a sensação de estar manchado.

“Mas não...” Enquanto curava a coluna quebrada de um homem, lhe ocorreu uma nova maneira de contemplar a situação, uma maneira que lhe devolvia parte da confiança em si mesmo: “Talvez descenda de Morzan, mas ele não é meu pai. Meu pai é Garrow. Ele me criou. Ensinou-me a viver com honra, com integridade. Sou quem sou graças a ele. Até Brom e Oromis são mais pais meus que Morzan. E meu irmão é Roran, não Murtagh”.

Eragon assentiu, decidido a manter esse ponto de vista. Até então, negara-se a aceitar Garrow como seu pai. E por muito que Garrow já estivesse morto, aceitá-lo agora aliviou Eragon, deu-lhe a sensação de fechar um assunto pendente e lhe ajudou a superar sua angústia por Morzan.

Você se tornou sábio -observou Saphira.

Sábio? -Eragon negou com a cabeça. - *Não, só aprendi a pensar. Ao menos isso Oromis me deu.* -Eragon retirou uma capa de pó do rosto de um menino que tinha levado o estandarte para assegurar-se de que efetivamente estava morto e logo estirou o corpo, fazendo uma careta de dor porque seus músculos protestavam com um espasmo. - *Percebeu que Brom devia saber, não? Se não, por que teria que escolher o Carvahall para esconder-se enquanto esperava que você se prendesse?... Queria manter vigiado ao filho de seu inimigo.* -Inquietava-lhe pensar que Brom pudesse havêlo considerado como uma ameaça - *E além disso tinha razão. Olhe o que me aconteceu no final!*

Saphira lhe acariciou o cabelo com uma baforada de fôlego quente. *Lembre-se que, fossem quais fossem as razões do Brom, sempre tentou nos proteger do perigo. Morreu para te salvar dos ra'zac.*

Eu sei... Acha que não me disse nada porque temia que eu me transformasse em Morzan, igual Murtagh fez?

É obvio que não.

Olhou-a com curiosidade.

Como pode estar tão segura? -Ela elevou a cabeça por cima dele e se negou a responder ou a lhe sustentar o olhar. - *Então, o que você acha.* Eragon se ajoelhou junto a um homem do rei Orrin que tinha uma flecha cravada nas tripas e lhe agarrou os braços para que deixasse de se retorcer.

- Fique calmo.

- Água - grunhiu o homem. - Por piedade, um pouco de água. Tenho a garganta seca, como se fosse de areia. Por favor, Assassino de Sombras. O suor molhava sua fronte.

Eragon sorriu e tratou de consolá-lo.

- Posso te dar de beber agora, mas será melhor que espere até que te cure. Pode esperar? Se o fizer, prometo que poderá beber tanta água quanta quiser.

- Promete Assassino de Sombras?

- Prometo.

O homem lutou visivelmente contra uma nova onda de agonia antes de dizer:

- Se tiver que ser assim...

Com a ajuda da magia Eragon retirou a flecha, e ele e Saphira uniram seus esforços para reparar as vísceras daquele homem, usando parte da energia do guerreiro para alimentar o feitiço. Custou-lhes alguns quantos minutos. Logo, o homem examinou o abdômen, apertando a pele imaculada com as mãos, e olhou para Eragon com lágrimas nos olhos.

- Eu... Assassino de Sombras, você...

Eragon lhe passou sua bota de água.

- Tome, fique com ela, precisa mais que eu.

Uns cem metros mais à frente, Eragon e Saphira atravessaram uma parede de fumaça. Ali se encontraram com o Orik e outros dez anões - entre os quais havia algumas mulheres - em torno do corpo do Hrothgar, estendido sobre quatro escudos, resplandecente em sua malha de ouro. Os anões se arrancavam os cabelos, golpeavam-se no peito e gemiam ao céu seus lamentos. Eragon abaixou a cabeça e murmurou:

- *Stydja unin mor'ranr, Hrothgar Kónungr*.

Depois de um momento Orik percebeu sua presença e se levantou, com a cara avermelhada de tanto chorar e a trança que estava acostumado a levar na barba, desfeita. cambaleou-se para Eragon e, sem mais preâmbulos, perguntou:

- Matou o covarde responsável por isto?

- Ele escapou.

Eragon não se sentia capaz de explicar que o Cavaleiro era Murtagh. Orik deu um murro em uma mão.

-*Barzúln!*

- Mas juro sobre todas as pedras da Alagaésia que, como membro do Dürgrimst Ingeitum, farei tudo o que puder para vingar a morte de Hrothgar.

- Sim, e é o único, além dos elfos, que tem a força suficiente para submeter à

justiça a esse asqueroso assassino. E quando o encontrar... esmague-lhe os ossos até

que se convertam em pó, Eragon. Arranque-lhe os dentes e encha-lhe as veias de chumbo derretido, faça-o sofrer por cada minuto de vida que roubou de Hrothgar.

- Não foi uma boa morte? Hrothgar não teria querido morrer em plena batalha, com Volund nas mãos?

- Em plena batalha, sim, enfrentando-se um inimigo honrado que se atrevesse a plantar-se ante ele e lutar como um homem. Não derrubado pelos truques de um mago... - Meneando a cabeça, Orik voltou a vista para Hrothgar e logo cruzou de braços e colou o queixo ao pescoço. Tomou ar com a respiração entrecortada. - Quando a varíola matou meus pais, Hrothgar me devolveu a vida. Levou-me a sua sala. Converteu-me em seu herdeiro. Perdê-lo... - Orik apertou a ponte do nariz com o polegar e o indicador, tampando a cara. - Perdê-lo é como voltar a perder a meu pai. A dor soava tão clara em sua voz, que Eragon se sentiu como se compartilhasse a pena do anão.

- Eu o entendo - disse.

- Sei que entende, Eragon... Sei que entende. - Depois de um momento, Orik secou os olhos e assinalou os dez anões. - Antes de fazer algo, temos que levar Hrothgar ao Farthen Dür para enterrá-lo com seus antepassados. O Dürgrimst Ingeitum deve escolher um novo grims-tborith, e logo os treze chefes de clã, incluídos os que vê

aqui, escolherão o novo rei entre eles. O que vai ocorrer depois, não sei. Esta tragédia inspirará alguns clãs a se voltarem contra nossa causa...

Voltou a menear a cabeça.

Eragon apoiou uma mão no ombro do Orik.

- Não se preocupe com isso agora. Basta pedir, e porei meu braço a seu serviço... Se quiser, venha a minha tenda e poderemos compartilhar um tonel de hidromel e brindar à memória do Hrothgar.

- Eu adoraria. Mas ainda não. Não até que terminemos de suplicar aos deuses que concedam a Hrothgar uma passagem segura à vida de ultratumba. Orik abandonou o Eragon, voltou para o círculo de anões e se somou a seus lamentos.

Enquanto avançavam pelos Planos Ardentes, Saphira disse:

Hrothgar era um grande rei.

Sim, e boa pessoa -suspirou Eragon.

Teríamos que encontrar Arya e Nasuada. Já não posso curar nem um arranhão, e elas têm que saber de Murtagh.

De acordo.

Viraram para o acampamento dos varden, mas logo que tinham avançado uns poucos metros quando Eragon viu que Roran se aproximava do rio Jiet. Invadiu-lhe a inquietação. Roran se deteve diretamente diante deles, plantou os pés bem separados e olhou fixamente para Eragon, movendo acima e abaixo a mandíbula como se quisesse falar, mas não conseguisse que suas palavras passassem além dos dentes. Logo esmurrou Eragon no queixo.

Seria fácil para Eragon se esquivar do golpe, mas permitiu que o acertasse e se afastou só um pouco para evitar que Roran quebrasse os dedos. Mesmo assim, doeu-lhe. Com uma careta de dor, Eragon encarou seu primo.

- Suponho que merecia isso.

- Claro que sim. Temos que conversar.

- Agora?

- Não pode esperar. Os ra'zac capturaram Katrina, e necessito que me ajude a resgatá-la. Têm-na desde que fugimos do Carvahall.

“De modo que é por isso. - Eragon entendeu por que Roran parecia tão amargurado e torturado e porque levou a todos os aldeões até Surda. - Brom tinha razão. Galbatorix enviou os ra'zac ao vale do Palancar”. Eragon franziu o cenho, dividido entre suas responsabilidades com Roran e o dever de informar a Nasuada.

- Antes tenho que fazer algo, e logo poderemos falar. De acordo? Pode acompanhar-me se quiser.

- Vou...

Enquanto atravessavam a terra furada, Eragon não deixou de olhar para Roran com a extremidade do olho. Ao fim, disse-lhe em voz baixa:

- Sentia sua falta.

Roran titubeou e logo respondeu com uma breve sacudida de cabeça. Uns passos mais à frente, perguntou:

- Esta é Saphira, não? Jeod me disse que se chamava assim.

- Sim.

Saphira olhou para Roran com um olho brilhante. Ele agüentou o escrutínio sem se virar, coisa que pouca gente era capaz de fazer.

Sempre quis conhecer companheiro de berço de Eragon.

- Ela fala! - exclamou Roran quando Eragon repetiu suas palavras. Desta vez Saphira se dirigiu a ele diretamente:

O que? Acreditava que era muda como uma lagartixa?

Roran pestanejou.

- Peço perdão. Não sabia que os dragões fossem tão inteligentes. - Um amargo sorriso lhe esticou os lábios. - Primeiro os ra'zac, logo os magos, agora os anões, os Cavaleiros e dragões que falam. Parece que o mundo ficou louco.

- Sim é o que parece.

- Eu o vi lutar contra o outro Cavaleiro. Você o feriu? Ele fugiu por isso?

- Espere. Já ficará sabendo.

Quando chegaram ao pavilhão que Eragon procurava, afastou o tecido da entrada e entrou, seguido de Roran e Saphira, que colocou a cabeça e o pescoço atrás deles. No centro da loja estava Nasuada, sentada na borda da mesa enquanto uma donzela lhe tirava a retorcida armadura, enquanto ela sustentava uma acalorada discussão com Arya. O corte da perna estava curado.

Nasuada se deteve meia frase ao ver os recém chegados. Correu para eles, rodeou Eragon com seus braços e gritou:

- Onde estava? Acreditávamos que tinha morrido, ou inclusive algo pior.

- Não de tudo.

- A vela segue acesa - murmurou Arya.

Nasuada deu um passo atrás e disse:

- Não pudemos ver o que acontecia com Saphira e com você desde que aterrissou na meseta. Quando o dragão vermelho se foi e você não aparecia, Arya tentou entrar em contato contigo, mas não sentia nada. Assim achávamos... - calou-se um momento. - Estávamos discutindo a melhor maneira de transportar Du Vrangr Gata e uma companhia inteira de guerreiros ao outro lado do rio.

- Sinto muito. Não queria que se preocupassem. Estava tão cansado ao terminar a batalha, que

me esqueci que retirar as barreiras. - Então Eragon apresentou Roran. - Nasuada, quero apresentar-lhe meu primo Roran. Talvez Ajihad houvesse falado dele. Roran, a senhora Nasuada, líder dos varden, de quem sou vassalo. E esta é Arya Svitkona, a embaixatriz dos elfos.

Roran dedicou uma reverência a cada uma.

- É uma honra conhecer o primo de Eragon - disse Nasuada.

- Certamente - acrescentou Arya.

Depois de trocar saudações, Eragon explicou que toda a população do Carvahall tinha chegado no *Asa de Dragão,* e que Roran era o responsável pela morte dos gêmeos.

Nasuada elevou uma escura sobrancelha.

- Os varden estão em dívida para contigo, Roran, por evitar seu massacre. Ou seja, o dano que teriam causado os gêmeos antes que Eragon ou Arya pudessem enfrentar a eles. Ajudou-nos a vencer esta batalha. Não o esquecerei. Nossas provisões são limitadas, mas me assegurarei de que todos os ocupantes de seu navio recebam roupas e mantimentos, assim como de que os doentes sejam tratados. Roran fez uma reverência ainda mais profunda.

- Obrigado, senhora Nasuada.

- Se não apressasse tanto o tempo, insistiria em perguntar por que você e os de sua aldeia figuram dos homens do Galbatorix, viajaram até Surda e se reuniram conosco. Creio que os meros feitos pontuais de sua expedição devem conformar um relato extraordinário. Quero conhecer os detalhes, sobretudo porque suspeito que estão relacionados com Eragon, mas neste momento devo me ocupar de outros assuntos mais urgentes.

- É obvio, senhora Nasuada.

- Então, pode se retirar.

- Por favor - disse Eragon, - deixe-o ficar. Convém que esteja presente. Nasuada lhe dirigiu um olhar interrogativo.

- Muito bem. Se assim o desejar... Mas basta de conversa. Conte-nos sobre esse Cavaleiro.

Eragon começou com uma rápida história sobre os três ovos que restavam dois dos quais haviam se prendido, - assim como sobre o Morzan e Murtagh, para que Roran entendesse o significado de sua notícias. Logo começou a descrever a luta que ele e Saphira tinham sustentado com Espinho e o misterioso Cavaleiro, emprestando uma atenção especial a seus extraordinários poderes.

- Assim que fez girar a espada, dava-me conta de que já tínhamos combatido antes, de modo

que me lancei contra ele e lhe arranquei o elmo. Eragon fez uma pausa.

- Era Murtagh, é verdade? - perguntou Nasuada em voz baixa.

- Como...?

Ela suspirou.

- Se os gêmeos sobreviveram, tinha sentido que Murtagh também estivesse vivo. Contou-lhe o que aconteceu realmente naquele dia no Farthen Dür?

Então Eragon lhes contou como os gêmeos tinham traído os varden, recrutado os Urgals e seqüestrado a Murtagh. Uma lágrima rodou pela bochecha de Nasuada.

- É uma pena que ocorresse isso a Murtagh, que já tinha suportado muitas penúrias. Desfrutei de sua companhia no Tronjheim e acreditava que era nosso aliado, apesar de seus antecedentes. Custa-me pensar nele como inimigo. - Virou-se para Roran e disse: - Parece que também tenho uma dívida pessoal contigo por matar aos traidores que assassinaram meu pai.

“Pais, mães, irmãos, primos - pensou Eragon. - Tudo se reduz à família.”

Tirando forças da fraqueza, terminou seu relatório contando que Murtagh lhe tinha roubado Czar'roc e logo o último e terrível segredo.

- Não pode ser - murmurou Nasuada.

Eragon viu que a impressão e o asco cruzavam o rosto do Roran antes que conseguisse dissimular sua reação. Isso lhe doeu mais que qualquer outra coisa.

- Pode ser que Murtagh tenha mentido?

- Não vejo porque. Quando o pus em dúvida, tornou a dizer no idioma antigo. Um silêncio comprido e incômodo invadiu o pavilhão.

Então Arya disse:

- Ninguém mais deve saber disso. Os varden já estão muito desmoralizados pela aparição de um novo Cavaleiro. E ainda se inquietarão mais quando souberem que é Murtagh, a cujo lado muitos lutaram e em quem confiaram no Farthen Dür. Se souberem que Eragon Assassino de Sombras é filho do Morzan, os homens perderão a ilusão e poucos quererão se unir a nós. Nem sequer o rei Orrin deveria sabê-lo. Nasuada esfregou as têmporas.

- Receio que tenha razão. Um novo Cavaleiro... - Meneou a cabeça. - Sabia que isto podia ocorrer, mas não acreditava de verdade porque os ovos em poder de Galbatorix levaram muito tempo sem prender.

- Tem uma certa simetria - disse Eragon.

- Agora nossa tarefa é duplamente difícil. Hoje agüentamos, mas o exército do Império continua sendo mais numeroso que o nosso, e agora não enfrentamos apenas um Cavaleiro, e sim a dois, e ambos são mais fortes que você, Eragon. Acha que pode derrotar Murtagh com a ajuda dos feiticeiros dos elfos?

- Talvez. Mas duvido que cometa a estupidez de enfrentar a eles e a mim de uma só vez.

Discutiram por um longo momento as conseqüências que podia ter a aparição de Murtagh na campanha e suas estratégias para minimizá-las ou eliminá-las. Ao fim, Nasuada disse:

- Basta. Não podemos tomar uma decisão ensangüentados e exaustos, com as mentes nubladas pela batalha. Vá, descanse, e amanhã retomaremos o assunto. Quando Eragon se virava para sair, Arya se aproximou dele e o olhou nos olhos.

- Não permita que isto o inquiete demais, Eragon-elda. Você não é nem seu pai nem seu irmão. A desonra não é sua.

- Sim - reforçou Nasuada. - Tampouco creia que isto piorou a opinião que temos de você. - Aproximou-se e tomou o rosto de Eragon entre suas mãos. – Eu o conheço, Eragon. Tem bom coração. O nome de seu pai não pode mudar isso. O calor floresceu no interior de Eragon. Olhou para uma mulher, depois para a outra, e depois dobrou o punho sobre o peito, afligido por sua amizade:

- Obrigado.

Quando voltou a sair ao ar livre, Eragon pôs as mãos em jarras e respirou fundo aquele ar fumegante. O dia tendia a seu fim, e o estridente laranja da lua se rendia ante uma empoeirada luz dourada que invadia o campo de batalha, lhe concedendo uma estranha beleza.

- Bom, agora já sabe - disse.

Roran encolheu os ombros.

- De casta lhe vem ao galgo.

- Não diga isso - grunhiu Eragon. - Não diga nunca.

Roran o estudou por alguns segundos.

- Tem razão, foi uma idéia ruim. Não o dizia a sério. - Coçou a barba e olhou com os olhos cerrados para a luz salpicada que descansava no horizonte. - Nasuada não é o que eu esperava.

Isso provocou uma risada cansada em Eragon.

- Você esperava seu pai, Ajihad. Ela é tão boa líder como ele, ou ainda melhor.

- Não tingiu a pele?

- Não, ela é assim.

Nesse momento Eragon notou que Jeod, Horst e um grupo de homens do Carvahall se dirigiam para eles. Os aldeões frearam o passo ao rodear uma tenda e topar com Saphira.

- Horst! - exclamou Eragon. Deu um passo adiante e encerrou ao ferreiro em um abraço de urso. - Quanto me alegro de voltar a vê-lo!

Horst olhou boquiaberto para Eragon, e logo um sorriso de prazer cruzou seu rosto.

- Maldito seja se não me alegro também, Eragon. Desde que você se foi, engordou.

- Quer dizer desde que fugi.

Encontrar-se com os aldeões era uma estranha experiência para Eragon. As penúrias haviam alterado tanto aqueles homens que quase não os reconhecia. E o tratavam de um modo distinto, com uma mescla de assombro e reverência. Isso lhe recordava um sonho em que todo os familiares se tornavam alheios. Desconcertava-lhe sentir-se tão deslocado entre eles.

Depois de se aproximar de Jeod, Eragon se deteve.

- Sabe de Brom?

- Ajihad me enviou uma mensagem, mas eu gostaria de ouvir o que aconteceu diretamente de seus lábios.

Eragon assentiu com gravidade.

- Assim que tenha a ocasião, sentaremos juntos e teremos uma longa conversa.

Logo Jeod se aproximou de Saphira e lhe dedicou uma reverência.

- Levei toda a vida esperando ver um dragão e agora vi dois no mesmo dia. Certamente, tenho sorte. Em qualquer caso, você é o dragão que queria conhecer. Saphira dobrou o pescoço e tocou a fronte de Jeod. Este tremeu ao receber o contato.

Agradeça-lhe por ajudar a me resgatar de Galbatorix. Senão, seguiria adoecendo na cova do tesouro do rei. Era amigo do Brom, ou seja, que é nosso amigo. Quando Eragon repetiu suas palavras, Jeod disse:

- *Atra esterní ono thelduin, Saphira Bjartskular*. - Surpreendeu a todos com seu conhecimento do idioma antigo.

- Onde você tinha se metido? - perguntou Horst ao Roran. – Nós o procuramos por toda parte quando foi perseguir os dois magos.

- Isso agora não importa. Voltem para o navio e façam que todos desembarquem. Os varden nos darão comida e refúgio. Esta noite poderemos dormir em terra firme!

Os homens aclamaram.

Eragon contemplou com interesse enquanto Roran ia dando ordens. Quando Jeod e os aldeões se foram, disse-lhe:

- Eles confiam em você. Até o Horst te obedece sem duvidar. Fala em nome de todo o Carvahall agora?

- Sim.

Uma pesada escuridão avançava pelos Planos Ardentes quando encontraram a pequena tenda de dois lugares que os varden tinham atribuído ao Eragon. Como Saphira não podia colocar a cabeça pela abertura, se deitou no chão junto à tenda e se preparou para manter a guarda.

Assim que recupere as forças, me ocuparei de suas feridas -prometeu-lhe Eragon.

Já sei. Não passe a noite conversando.

Dentro da tenda, Eragon encontrou um abajur de azeite e o acendeu com um pederneira. Podia ver perfeitamente sem ela, mas Roran necessitava de luz. Sentaramse cara a cara: Eragon sobre a cama de armar estendido a um lado da tenda, e Roran em um tamborete dobrável que encontrou apoiado em um canto. Eragon não estava seguro de como começar, assim guardou silêncio e olhou fixamente o balanço da chama do abajur.

Depois de incontáveis minutos, Roran propôs:

- Me conte como meu pai morreu.

- Nosso pai. - Eragon manteve a calma ao ver que a expressão de Roran se endurecia. Com tom amável, disse: - Tenho tanto direito como você de chamá-lo assim. Olhe em seu interior, saberá que é verdade.

- Eu sei. Nosso pai. Como morreu?

Eragon já tinha contado essa história várias vezes. Mas nesta ocasião não escondeu nada. Em vez de apresentar simplesmente os fatos, descreveu o que tinha pensado e sentido desde que encontrou o ovo de Saphira, com a intenção de fazer Roran entender por que tinha agido assim. Nunca havia sentido aquela ansiedade.

- Equivoquei-me ao ocultar da família a existência de Saphira - concluiu Eragon, - mas temia

que insistiria em matá-la e não percebia do perigo que representava para nós. Se não... Quando Garrow morreu, decidi fugir para perseguir os ra'zac, e também para evitar que o Carvahall corresse perigo. - Escapou uma gargalhada de mau gênio. - Não funcionou, mas se ficasse, os soldados teriam vindo muito antes. E então, quem sabe? Inclusive Galbatorix poderia ter visitado o vale de Palancar em pessoa. Talvez Garrow, papai, morreu por mim, mas nunca tive essa intenção, nem a de que você ou qualquer outra pessoa do Carvahall sofresse por minhas decisões... - gesticulou, desesperado. – Fiz o melhor que pude, Roran.

- E o resto? Brom era um Cavaleiro, o resgate da Arya no Gil'ead, quando matou uma Sombra na capital dos anões... Tudo o que aconteceu.

- Sim.

Tão rápido como foi capaz, Eragon resumiu o que tinha ocorrido desde que ele e Saphira partiram com Brom, incluído o trajeto a Ellesméra e sua própria transformação durante o Agaetí Blódhren.

Roran se inclinou para frente, apoiou os cotovelos nos joelhos, juntou as mãos e ficou olhando a parte de terra que os separava. A Eragon era impossível descobrir suas emoções sem entrar em sua consciência, coisa que se negou a fazer, pois sabia que invadir a intimidade de Roran teria sido um terrível engano. Roran guardou silêncio por tanto tempo, que Eragon começou a duvidar se em algum momento responderia. Ao fim:

- Você cometeu muitos enganos, mas não são piores que os meus. Garrow morreu porque viu Saphira em segredo. Muitos mais morreram porque eu me neguei a me entregar ao Império. Temos a mesma culpa. - Elevou o olhar e logo estendeu lentamente a mão direita. - Irmãos?

- Irmãos - disse Eragon.

Agarrou Eragon pelo antebraço e se deram um brusco abraço de luta livre, movendo-se para frente e para trás como estavam acostumados a fazer no povoado. Quando se separaram, Eragon teve que secar olhos com o dorso da mão.

- Agora que estamos juntos de novo, Galbatorix deveria se render – brincou. - Quem pode enfrentar a nós dois? - Deixou-se cair outra vez na cama. - Agora me conte você. Como os ra'zac capturaram Katrina?

A alegria se desvaneceu por completo do rosto de Roran. Começou a falar em tom grave, e Eragon lhe escutou com assombro crescente enquanto riscava a epopéia de ataques e traições, o abandono do Carvahall, o percurso pelas Vertebradas, o assalto aos moles do Teirm e a navegação por um redemoinho monstruoso. Quando ao fim Roran terminou, Eragon disse:

- É maior que eu. Eu não teria podido fazer nem a metade dessas coisas. Lutar sim, mas não convencer a todos para que me seguissem.

- Não tinha outro remédio. Quando levaram Katrina... - Roran quebrou a voz. - Podia me

render e morrer, ou podia tentar escapar da armadilha de Galbatorix a qualquer custo. Cravou seu olhar ardente em Eragon. - Menti, incendiei e matei para chegar aqui. Já não tenho que me preocupar de proteger a todos do Carvahall, os varden se encarregarão disso. Agora só tenho um objetivo na vida: encontrar Katrina e resgatá-la, se não estiver morta. Vai me ajudar, Eragon?

Eragon alargou um braço, agarrou os alforjes que tinha em um canto da tenda, onde as tinham depositado os varden, e tirou uma terrina de madeira e o frasco de prata cheio de faelnirv enfeitiçado que lhe tinha dado Oromis. Bebeu um trago do licor para revitalizar-se e arquejou ao notar como deslizava por sua garganta e lhe fazia cócegas nos nervos com um fogo gelado. Logo jogou faelnirv na terrina até que se formou uma poça da largura de sua mão.

- Olhe. - Recorrendo ao impulso de sua nova energia, Eragon disse: - *Draumr kópa*.

O licor tremeu e se tornou negro. Ao cabo de alguns segundos, uma fina mancha de luz apareceu no centro da terrina, revelando Katrina. Estava deitada contra uma parede invisível, com as mãos suspensas por algemas também invisíveis e o cabelo acobreado estendido como um leque sobre as costas.

- Está viva!

Roran se agachou sobre a terrina, como se acreditasse que podia mergulhar no faelnirv e reunir-se com Katrina. Sua esperança e sua determinação se fundiram com um olhar de afeto tão terno, que Eragon soube que só a morte impediria Roran tentar liberá-la.

Incapaz de sustentar o feitiço por mais tempo, Eragon permitiu que se desvanecesse a imagem. Apoiou-se na parede da tenda em busca de apoio.

- Sim - disse fracamente, - está viva. E o mais provável é que esteja presa no Helgrind, na toca dos ra'zac. - Eragon agarrou Roran por um ombro. - A resposta a sua pergunta, irmão, é sim. Viajarei ao Dras-Leoa contigo. Ajudarei a resgatar Katrina. E

logo, você e eu juntos mataremos os ra'zac e vingaremos nosso pai.

APÊNDICES

O idioma antigo

Adurna: água

Agaetí Blódhren: celebração do Juramento de Sangue

Aiedail: o Luzeiro da Manhã

Argetlam: Mão de Prata

Atra esterní ono thelduin / Mor'ranr lífa unin hjarta onr / Um du evarínya ono varda: Que a boa fortuna governe seus dias, / a paz viva em seu coração / e as estrelas cuidem de ti

Atra gulía um ilian tauthr ono um atra ono waíse skólir fra rauthr: Que a sorte e a felicidade lhe sigam e te converta em escudo da desgraça. Atra nosu waíse vardo fra eld hórnya: Que não possa nos ouvir ninguém Bjartskular: Escamas Brilhantes

Blóthr: alto, detenha

Brakka du vanyali sem huildar Saphira um eka!: Reduz a magia que encerra a Saphira e a mim!

Brisingr: fogo

Dagshelgr: dia Sagrado

Draumr kópa: olhos do sonho

Dy Fells Nángoróth: as Montanhas Malditas

Dy Fyrn Skulblaka: a Guerra dos Dragões

Du Vóllar Eldrvarya: os Planos Ardentes

Du Vrangr Gata: o Caminho Errante

Du Weldenvarden: o Bosque Guardião

Dvergar: anões

Ebrithil: Professor

Edur: penhasco, colina

Eka fricai um Shur'tugal: Sou um Cavaleiro e um amigo

Elda: título honorífico de grande louvor, desprovido de gênero Eyddr eyreya onr!: Esvaziem seus ouvidos!

Fairth: retrato obtido por meios mágicos

Finiarel: título honorífico que se concede a um jovem muito prometedor Fricai Andlát: amigo da morte (um cogumelo venenoso)

Ornamento Ou Wyrda brunhvitr / Abr Berundal vandr-fódhr / Burthro laufsbládar ekar undir / Eom kona dauthleikr...: Canta, oh, Destino de branca fronte, /

sobre o malfadado Berundal, / nascido sob as folhas do carvalho / de mulher mortal... Ganga

aptr: ir adiante

Ganga fram: ir atrás

Gath sem oro um lam iet: Une essa flecha com minha mão

Gedwéy ignasia: palma brilhante

Géuloth du knífr: Desembainhe essa faca

Haldthin: estramonio

Helgrind: as Portas da Morte

Hlaupa: corre

Hljódhr: cala

Jierda: rompe, golpeia

Kodthr: apanha

Kvetha Fricai: Saudações, amigo

Lethrblaka: um morcego, a arreios dos ra'zac (literalmente, asas de pele) Letta: deter

Letta orya thorna!: Deten essas flechas!

Liduen Kvaedhí: Escritura Poética

Losna kalfya iet: Solta minhas panturrilhas

Malthinae: atar ou sustentar em um lugar, confinar

Nalgask: mescla de cera de abelhas e azeite de avelã usada para umedecer a pele

Osthato Chetowá: o Sábio Enfermo

Reisa du adurna: te eleve, sal da água

Risada: te levante

Sei mor'ranr ono finna: Que encontre a paz

Sei onr sverdar sitha hvass!: Que sua espada esteja bem afiada!

Sei orúm thornessa hávr sharjalví lífs: Que esta serpente cobre vida e movimento

Skólir: escudo

Skólir nosu fra brisingr!: nos defenda do fogo!

Skulblaka: dragão (literalmente, asas de escamas)

Stydja unin mor'ranr, Hrothgar Kónungr: Descansa em paz , rei Hrothgar Svit-kona: título formal e honorífico para uma elfa de grande sabedoria Thrysta: empurrar, comprimir

Thrysta vindr: comprime o ar

Togira Ikonoka: o Aleijado que está Ileso

Varden: zeladores

Vel einradhin iet ai Shur'tugal: Por minha palavra de Cavaleiro Vinr Álfakyn: elfo amigo

Vodhr: título honorífico masculino de média categoria

Vor: título honorífico masculino para um amigo próximo

Waíse heill: te cure

Wiol ono: para ti

Wyrda: destino

Wyrdfell: nome que os elfos dão aos Apóstatas

Yawé: vínculo de confiança

Czar'rói: suplício

O idioma dos anões

Akh sartos oen Dürgrimst!: Pela família e o clã!

Ascüdgamln: punhos de ferro

Astim Hefthyn: Zelador de Visões (inscrição em um colar agradável a Eragon) Az Ragni: o Rio

Az Sweldn rak Anhüin: as Lágrimas do Anhüin

Azt jok jordn rast: Então, pode passar

Barzül: para amaldiçoar o destino de alguém

Barzül knurlar!: Malditos sejam!

Barzüln: amaldiçoar a alguém com múltiplos desgraça

Beor: urso de cova (palavra élfica)

Dürgrimst: clã (literalmente, nossa sala/hogar)

Eta: não

Etzil nithgech!: detenha!

Farthen Dür: Nosso pai

Feldünost: barba de geada (uma espécie de cabra natural das montanhas Beor)

Formv Hrethcarach... formv Jurgencarmeitder nos eta goroth bahst Tarnag, dür encesti rak kythn! Jok is warrev AZ barzülegür dür dürgrimst, AZ Sweldn rak Anhüin, móg tor rak Jurgenvren? Né üdim etal vos rast knurlag. Knurlag Ana...: Este Assassino de Sombras... Este Cavaleiro de Dragão não tem nada que fazer no Tarnag, nossa mais sagrada cidade! Esquece que a maldição de nosso clã, as Lágrimas do Anhüin, procede da Guerra dos Dragões? Não o deixaremos entrar. É um...

Grimsborith: chefe de clã

Gromstcarvlorss: que acerta a casa

Güntera Arüna: Bênção da Güntera

Hert Dürgrimst? Fild rastn?: De que clã? Quem vem?

Hírna: retrato, estátua

Hüthvir: arma larga de dobro fio usada pelo Dürgrimst Quan

Ignh AZ voth!: Tragam a comida!

Ilf gauhnith: peculiar expressão de quão anões significa: “É boa e sã”. Está

acostumado a pronunciá-la o anfitrião de uma comida e é um vestígio dos tempos em que era comum entre os clãs envenenar aos convidados.

Ingeitum: trabalhadores do fogo, ferreiros

Isidar Mithrim: safira estrelada

Jok is frekk dúrgrimstvren?: Quer uma guerra entre clãs?

Knurl: pedra, rocha

Knurla: anão (literalmente, feito de pedra)

Knurlag qana qiránü Dürgrimst Ingeitum! Qarzúl Ana Hrothgar oen volfild: Converteram-no em membro do clã Ingeitum! Malditos sejam Hrothgar e todos os que...!

Knurlagn: homens

Knurlheim: Cabeça de Pedra

Knurlnien: Coração de Pedra

Nagra: javali gigante, natural das montanhas Beor

Oeí: sim, afirmativo

Orik Thrifkz menthiv oen Hrethcarach Eragon rak Dürgrimst Ingeitum. Wharn, AZ vanyali-carharüg Arya. Né oc Um-dinz grimstbelardn: Orik, filho do Thrifk, e Eragon, Assassino de Sombras do clã Ingeitum. Também a mensageira élfica, Arya. Somos os convidados ao salão de Ündin.

Vos il dom qiránü carn dür thargen, zeitmen, oen grimst vor formv edaris rak skilfz. Narho is belgond...: Que nossa carne, nossa honra e nossa sala se convertam em um por meu sangue. Prometo que...

Otho: fé

Ragni Hefthyn: Guardião do Rio

Shrrg: lobo gigante, natural das montanhas Beor

Smer voth: Sirvam a comida

Tronjheim: Elmo de Gigantes

Urzhad: urso de cova

Vanyali: elfo (os elfos tomaram emprestada esta palavra do idioma antigo, no que signi-ficaba «magia»)

Vor Horthgarz korda!: Pelo martelo do Hrothgar!

Vrron: basta

Werg: exclamação de desagrado (equivalente de «agh» entre os anões)

O idioma dos Urgals

Ahgrat ukmar: Feito está

Drajl: prole de vermes

Nar: título de grande respeito, carente de gênero